

MICHAEL GRANT



FOME

UM LIVRO DA SÉRIE GONE





MICHAEL GRANT

FOME

GONE - LIVRO 2

Tradução por Traduções e Diagramações

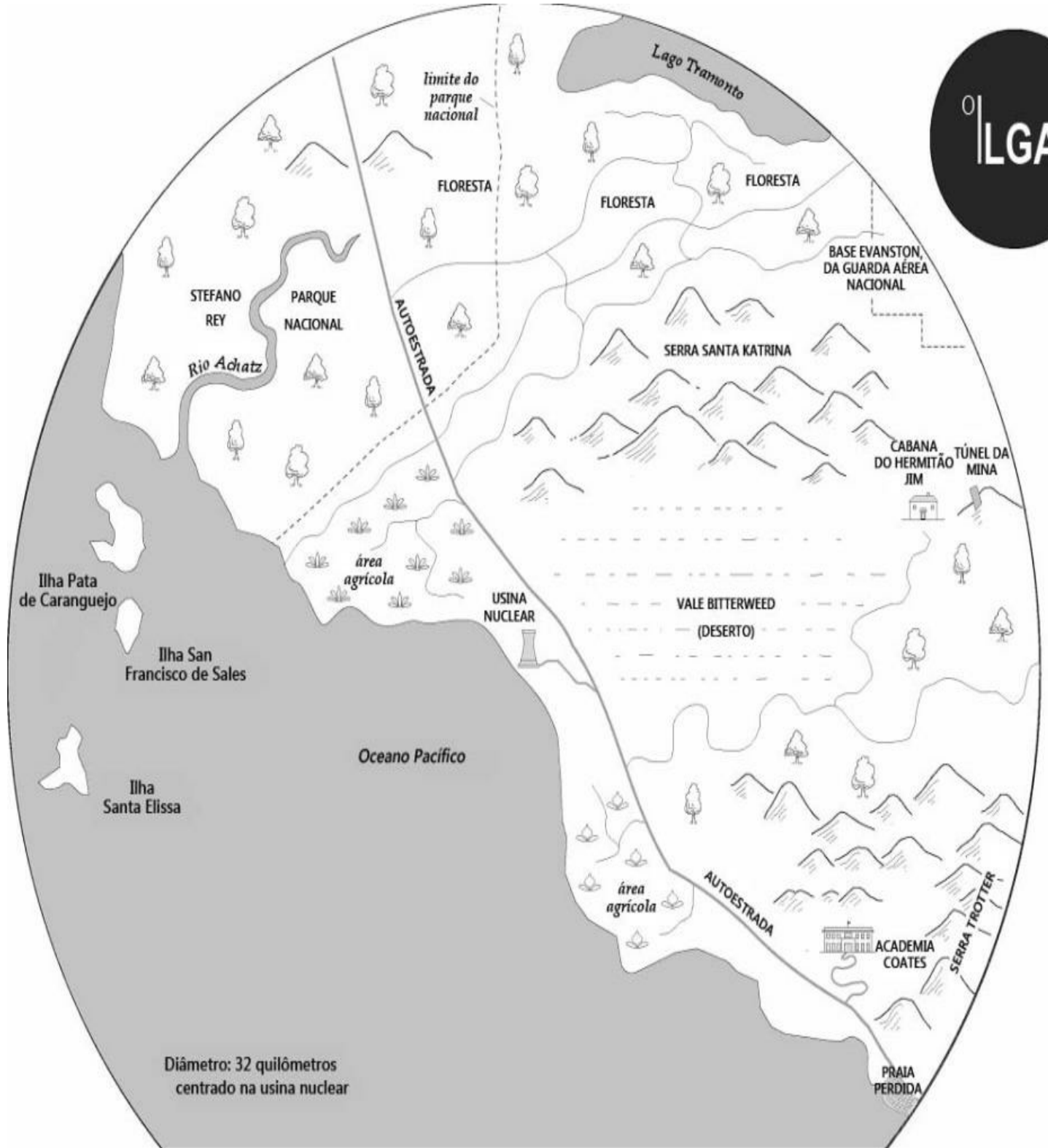
Formatação ePub por LeYtor

GALERA RECORD - 2011

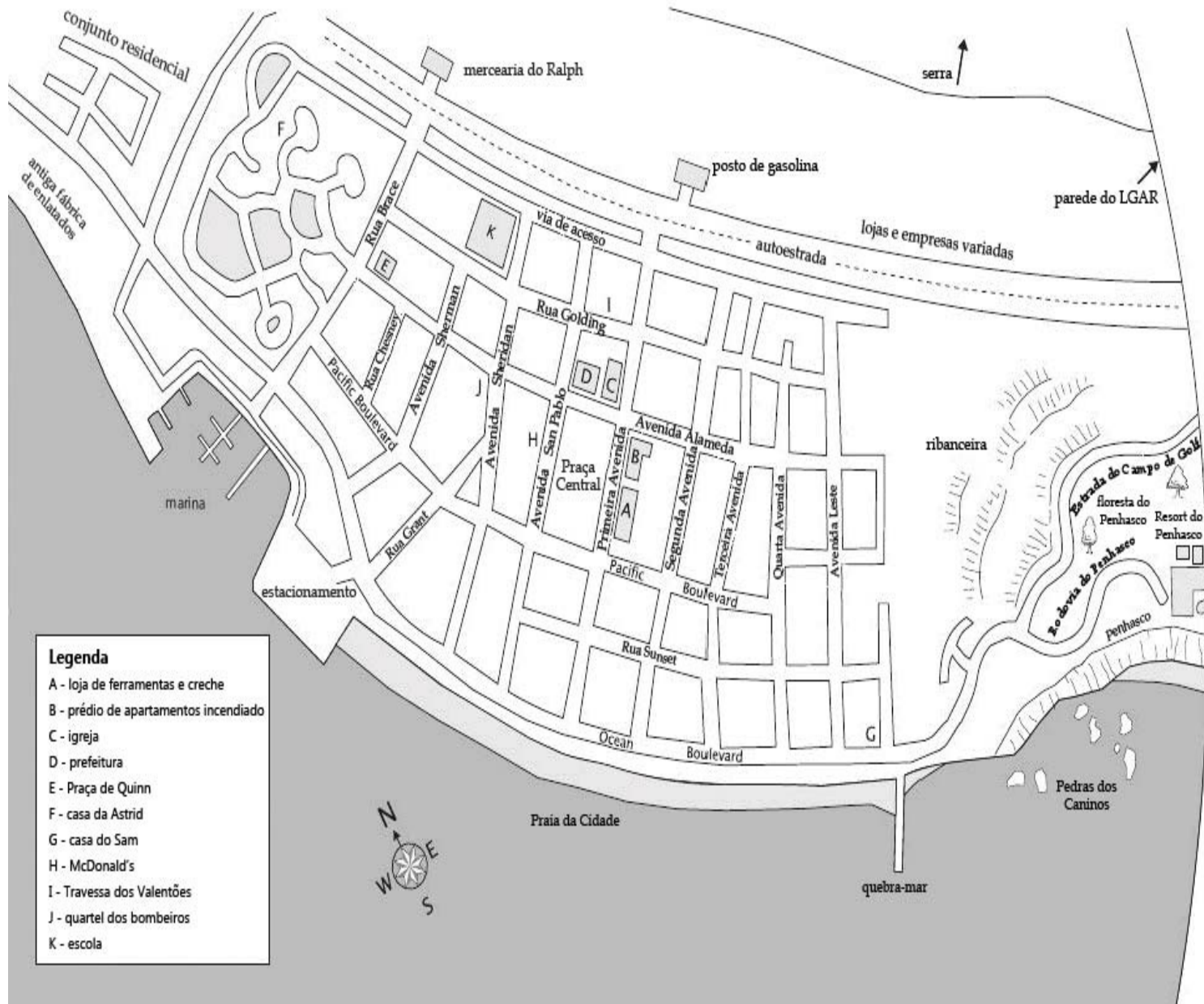
SINOPSE

JÁ SE PASSARAM TRÊS MESES DESDE QUE TODOS OS menores de quinze anos ficaram presos na bolha conhecida como o LGAR. As coisas só pioraram. A comida está acabando, e as crianças cada dia mais estão a desenvolvendo habilidades sobrenaturais. Logo ocorrerá tensão entre aqueles com poderes e os sem poderes, e poderá ocorrer uma tragédia indescritível, irrompendo o caos. Normais contra os mutantes, e uma batalha com rumo sangrento. Mas há algo escondido que é mais perigoso. Uma criatura sinistra conhecida como a Escuridão começou a chamar os sobreviventes do LGAR. Ela precisa de seus poderes para sustentar a sua própria. Quando a Escuridão chama, alguém vai responder — com consequências fatais.

Para Katherine, Jake e Julia



Diâmetro: 32 quilômetros
centrado na usina nuclear



UM | 106 HORAS E 29 MINUTOS

SAM TEMPLE ESTAVA em cima da prancha. E havia ondas. Ondas de verdade, subindo, estourando, borbulhando, com cheiro de sal e espuma branca.

E lá estava ele, a uns 60 metros da praia, o lugar perfeito para pegar uma onda, deitado de rosto para baixo, mãos e pés na água, quase entorpecido de frio, ao mesmo tempo que as costas cobertas de neoprene soltavam vapor, assadas pelo sol.

Quinn também estava lá, boiando ao lado, esperando uma boa corrida, esperando a onda que iria pegá-los e jogá-los para a praia.

Sam acordou de repente, engasgando com a poeira.

Piscou e olhou a paisagem seca ao redor. Instintivamente se virou para o sudoeste, na direção do oceano. Dali não podia vê-lo. E não existia nenhuma onda havia muito tempo.

Acreditou que seria capaz de vender a alma para surfar só mais uma onda.

Enxugou o suor da testa com as costas da mão. O sol parecia um maçarico, quente demais para esse início de dia. Tinha dormido pouco. Havia muita coisa a fazer. Coisas. Sempre havia coisas.

O calor, o som do motor e as sacudidas rítmicas do jipe descendo com dificuldade a estrada poeirenta conspiraram para forçar suas pálpebras a se fechar de novo. Ele apertou-as com força, depois arregalou-as, obrigando-se a ficar acordado.

O sonho permaneceu. A lembrança o provocava. Conseguiria suportar tudo aquilo muito melhor, disse a si mesmo: o medo constante, a carga ainda mais constante de trivialidades e responsabilidades, se ainda existissem ondas. Mas fazia três meses que elas não existiam. Nenhuma onda, nada além de marolas.

Três meses depois da chegada do LGAR, Sam ainda não tinha aprendido a dirigir. Aprender a dirigir seria mais uma coisa, mais um incômodo, mais um pé no saco. Por isso Edilio Escobar dirigia o jipe e Sam ia no banco do carona. No de trás, Albert Hillsborough estava sentado rígido e quieto. Ao lado dele estava um garoto chamado E.Z., cantando ao som do seu iPod.

Sam passou os dedos pelos cabelos compridos demais. Fazia mais de três meses que não cortava. A mão voltou suja, cheia de poeira. Felizmente a eletricidade ainda funcionava em Praia Perdida, o que significava luz, e talvez,

melhor ainda, água quente. Se não dava para pegar uma onda gelada, pelo menos podia esperar um quente e longo banho de chuveiro depois que todos voltassem.

Um banho de chuveiro. Talvez alguns minutos com Astrid, só os dois. Uma refeição. Bem, uma refeição, não. Uma lata de alguma coisa pegajosa não era refeição. Seu café da manhã apressado tinha sido uma lata de couve em conserva.

Era incrível o que as pessoas conseguiam comer quando tinham fome o bastante. E Sam, como todo mundo dentro do LGAR, estava com fome.

Fechou os olhos, agora sem sono, só querendo ver com clareza o rosto de Astrid.

Era a única compensação. Tinha perdido a mãe, o passatempo predileto, a privacidade, a liberdade e todo o mundo que havia conhecido... mas tinha ganhado Astrid.

Antes do LGAR ele sempre havia pensado nela como impossível de ser abordada. Agora, como um casal, os dois pareciam inevitáveis.

Mas ele se perguntou se algum dia teria feito mais do que olhar para da de longe, desejoso, se o LGAR não tivesse acontecido.

Edilio freou um pouco. A estrada à frente estava rasgada. Alguém ia via sulcado o caminho de terra, riscando linhas ásperas, em ângulo, atravessando- a.

Apontou para um trator com arado. O trator estava virado no meio de um campo. No dia da chegada do LGAR o agricultor desaparecera, junto com o resto dos adultos, mas o trator tinha continuado em frente, rasgando a estrada, correndo direto para o campo do outro lado, só parando quando uma vala de irrigação fez com que ele virasse.

Edilio levou o jipe lentamente por cima dos sulcos, depois acelerou de novo.

Não havia muita coisa à esquerda ou à direita da estrada, apenas terra nua, campos sem cultivo e trechos de capim sem cor interrompidos por agrupamentos ocasionais de árvores. Mas lá adiante existia verde, um bocado de verde.

Sam virou-se no banco para atrair a atenção de Albert.

— E, afinal, o que é aquilo lá adiante?

— Repolho — respondeu Albert. Albert era um garoto do oitavo ano, de ombros estreitos, contido. Vestia calça cáqui passada, camisa polo azul-clara e sapatos marrons — o que uma pessoa muito mais velha chamaria de “casual”. Era um garoto em quem ninguém prestava muita atenção antes, apenas um dentre o

punhado de alunos afrodescendentes na Escola de Praia Perdida. Mas hoje em dia ninguém ignorava Albert: ele reabriria e administrava o McDonald's da cidade. Pelo menos tinha feito isso até que os hambúrgueres, as batatas fritas e os nuggets de frango acabaram.

Até o ketchup. Também havia acabado.

A simples lembrança de hambúrgueres fez o estômago de Sam roncar.

— Repolho? — repetiu ele.

Albert assentiu para Edilio.

— É o que o Edilio falou. Foi ele que achou, ontem.

— Repolho? — perguntou Sam a Edilio.

— Faz a gente peidar — disse Edilio, piscando. — Mas não dá para ser muito exigente.

— Acho que não seria tão ruim se a gente tivesse salada de repolho — observou Sam. — Na verdade eu comeria feliz um repolho agora mesmo.

— Sabe o que eu comi de manhã? — perguntou Edilio. — Uma lata de *succotash*.

— O que, exatamente, é *succotash*? — perguntou Sam.

— Feijoada com milho. Tudo misturado. — Edilio freou na beira da plantação. — Não era exatamente ovo frito com salsicha.

— É o café da manhã oficial em Honduras? — perguntou Sam.

Edilio fungou.

— Cara, o café da manhã oficial em Honduras, quando você é pobre, é uma tortilha de milho, umas sobras de feijão e, num dia bom, uma banana. Num dia ruim é só a tortilha. — Ele desligou o motor e puxou o freio de mão. — Não é a primeira vez que passo fome.

Sam ficou de pé no jipe e se espreguiçou antes de pular no chão. Era um garoto normalmente atlético, mas nem um pouco intimidante, fisicamente. Tinha cabelo castanho com brilhos dourados, olhos azuis e um bronzado que ia até os ossos. Talvez fosse um pouco mais alto que a média, talvez estivesse um pouco mais em forma, mas ninguém o escolheria para um futuro como jogador de futebol americano.

Sam Temple era uma das pessoas mais velhas dentro do LGAR. Tinha 15 anos.

— Ei. Aquilo ali parece alface — disse E.Z., enrolando cuidadosamente os fones de ouvido no iPod.

— Se ao menos fosse mesmo! — reagiu Sam, carrancudo. — Até agora temos abacate, que é ótimo, e melão, o que é excelente. Mas estamos achando brócolis e alcachofras demais. Um monte de alcachofras. E agora repolho.

— A gente pode acabar tendo laranjas de novo — disse Edilio. — As árvores parecem em boas condições. Só que as frutas amadureceram e não foram colhidas, por isso apodreceram.

— Astrid disse que as coisas estão apodrecendo em épocas estranhas — disse Sam. — Que isso não é normal.

— Como o Quinn gosta de dizer: “A gente está bem longe do normal” — observou Edilio.

— Quem vai colher tudo isso? — pensou Sam em voz alta. Era o que Astrid teria chamado de pergunta retórica.

Albert começou a dizer alguma coisa, depois parou quando E.Z. disse:

— Ei, eu vou pegar um repolho desses agora mesmo. Estou morrendo de fome. — Em seguida desenrolou os fones e enfiou-os de novo no ouvido.

Os repolhos estavam separados por cerca de 30 centímetros uns dos outros, em suas fileiras, e cada fileira ficava a 60 centímetros das outras. Os repolhos mais pareciam plantas de vaso, com folhas grossas, do que algo que se poderia comer.

Aquela plantação não parecia muito diferente de uma dúzia de outras que Sam tinha visto durante esse circuito pelas fazendas.

Não, corrigiu-se ele, *há* alguma coisa diferente. Não conseguia deduzir o que era, mas havia algo diferente ali. Franziu a testa e tentou entender o que estava sentindo, tentou decidir por que achava que alguma coisa estava... esquisita.

O local estava mais silencioso, talvez.

Tomou um gole de uma garrafa d'água. Ouviu Albert contando baixinho, fazendo sombra nos olhos com a mão e multiplicando:

— É puro chute, supondo que cada repolho talvez pese uns 700 aramas, certo? Acho que temos uns 13 mil quilos de repolho.

— Nem quero pensar em quantos peidos isso significa — gritou E.Z. por cima do ombro enquanto marchava com objetividade para a plantação.

E.Z. era do sexto ano, tinha uns 12 anos, mas parecia mais velho. Era alto para a idade, meio gorducho. O cabelo ralo, louro descolorido, descia até os ombros. Estava usando uma camiseta do Hard Rock Cafe de Cancún. E.Z. era um bom nome para ele: soava como easy, “tranquilo”, em inglês: tinha facilidade para lidar com as pessoas, brincava com facilidade, ria com facilidade e geralmente conseguia se divertir com qualquer coisa. Parou lá pela décima segunda fileira da plantação e disse:

— Esse parece o repolho certo para mim.

— Como você sabe? — gritou Edilio de volta.

E.Z. tirou um fone de ouvido, e Edilio repetiu a pergunta.

— Estou cansado de andar. Esse deve ser o repolho certo. Como é que eu pego?

Edilio deu de ombros.

— Cara, acho que você vai precisar de uma faca.

— Não. — E.Z. recolocou o fone, dobrou-se e puxou a planta. Com o esforço conseguiu pegar um punhado de folhas.

— Está vendo? — comentou Edilio.

— Cadê os pássaros? — perguntou Sam, finalmente deduzindo o que o incomodava.

— Que pássaros? — disse Edilio. Depois confirmou com a cabeça. — Está certo, cara, nas outras plantações sempre tinha gaivotas. Principalmente de manhã.

Praia Perdida tinha uma tremenda população de gaivotas. Nos velhos tempos elas viviam à custa de pedaços de isca deixados por pescadores e sobras de comida caídas perto das latas de lixo. Não havia mais sobras de comida no LGAR. Não mais. De modo que as empreendedoras gaivotas tinham ido para as plantações, competir com os corvos e os pombos. Era um dos motivos para que boa parte da comida que eles encontravam estivesse estragada.

— Elas não devem gostar de repolho — comentou Albert. E suspirou. — Honestamente não conheço ninguém que goste.

E.Z. se agachou diante do repolho, esfregou as mãos preparando-se, enfiou-as por baixo das folhas, segurando a planta. Depois caiu de bunda.

— Ai! — gritou.

— Não é tão fácil, é? — provocou Edilio.

— Ai! Ai! — E.Z. saltou de pé. Estava segurando a mão direita com a esquerda e olhando-a intensamente. — Não, não, não.

Sam só estivera escutando pela metade. Sua mente se encontrava em outro lugar, procurando pássaros perdidos, mas o terror na voz de E.Z. fez sua cabeça girar.

— O que foi?

— Alguma coisa me mordeu! — gritou E.Z. — Ai, Ai, tá doendo. Tá doendo. Tá... — E.Z. soltou um berro de agonia. O grito começou baixo e foi subindo, mais agudo, até virar histeria.

Sam viu o que parecia um ponto de interrogação preto na perna da calça de E.Z.

— Cobra! — disse Sam a Edilio.

O braço de E.Z. começou a se contrair. Sacudiu-se violentamente. Era como se algum gigante invisível o tivesse segurado e estivesse puxando o braço com o máximo de força e o mais rápido possível.

E.Z. berrava e berrava, e começou a dançar como um maluco.

— Estão no meu pé! — gritou. — Estão no meu pé!

Sam ficou paralisado alguns segundos, só alguns segundos — porém mais tarde, em sua lembrança, aquele parecia um tempo muito longo. Longo demais.

Saltou para a frente, correndo na direção de E.Z. Foi derrubado por uma tesoura voadora dada por Edilio.

— O que você está fazendo? — perguntou Sam, e lutou para se soltar.

— Cara, olha. Olha! — sussurrou Edilio.

O rosto de Sam estava a pouco mais de um metro da primeira fila de repolhos. O solo estava vivo. Minhocas. Minhocas grandes como cobras brotavam aos montes da terra. Dezenas. Talvez centenas. Todas indo na direção de E.Z., que gritava e gritava numa agonia misturada com perplexidade.

Sam se levantou, mas não chegou mais perto da borda da plantação. As minhocas não se moviam para além da primeira fileira de solo revirado. Era como se existisse uma parede, com todas as minhocas de um lado só.

E.Z. veio cambaleando loucamente na direção de Sam, andando como se

estivesse sendo eletrocutado, sacudindo-se, balançando os braços como uma marionete louca com metade das cordas cortadas.

A um metro, um metro e meio, a pouco mais do que a distância de um braço, Sam viu a minhoca sair de baixo da pele do pescoço de E.Z.

E então outra saiu do maxilar, bem na frente do ouvido.

E.Z., não mais gritando, tombou frouxo, simplesmente ficou sentado, de pernas cruzadas.

— Me ajuda — sussurrou E.Z. — Sam...

Os olhos de E.Z. estavam fixos em Sam. Implorando. Perdendo o brilho. Depois simplesmente espiando, vazios.

Agora os únicos sons vinham das minhocas. As centenas de bocas pareciam fazer um som único, molhado, como uma boca enorme mastigando.

Uma minhoca escorregou para fora da boca de E.Z.

Sam levantou as mãos, com as palmas para a frente.

— Sam, não! — gritou Albert. Em seguida, em voz mais baixa: — Ele já está morto. Ele já está morto.

— Albert está certo, cara. Não faça isso, não queime as minhocas, elas estão ficando na plantação, não dê motivo para virem atrás de nós — sussurrou Edilio.

Suas mãos fortes ainda apertavam os ombros de Sam, como se quisesse controlá-lo, ainda que Sam não estivesse mais querendo escapar.

— E não toque nele — soluçou Edilio. — *Perdóname*, meu Deus, me perdoe, não toque nele.

As minhocas pretas se embolavam por cima e através do corpo de E.Z., como formigas sobre um besouro morto.

Pareceu ter se passado muito tempo antes que as minhocas se afastassem abrindo túneis de volta na terra.

O que deixaram para trás não era mais reconhecível como um ser humano.

— Tem uma corda aqui — disse Albert, finalmente descendo do jipe. Ele tentou fazer um laço, mas suas mãos estavam tremendo demais. Entregou a corda a Edilio, que fez um laço e, depois de errar seis vezes, finalmente conseguiu prender o que restava do pé direito de E.Z., e juntos eles arrastaram os restos para fora da plantação.

Uma única minhoca, atrasada, se arrastou para fora daquela massa confusa e voltou para os repolhos. Sam pegou uma pedra do tamanho de uma bola de beisebol e esmagou com ela as costas da minhoca. A minhoca parou de se mexer.

— Vou voltar com uma pá — disse Edilio. — Não podemos levar o E.Z. para casa, cara, ele tem dois irmãos menores. Eles não precisam ver isso. Vamos enterrar aqui mesmo. Se essas coisas se espalharem... — concluiu Edilio.

— Se elas se espalharem para as outras plantações, vamos todos morrer de fome — disse Albert.

Sam lutou contra uma ânsia violenta de vomitar. Agora E.Z. era quase somente ossos, não totalmente limpos. Sam tinha visto coisas terríveis desde o início do LGAR, mas nada tão abominável.

Limpou as mãos nos jeans, querendo contra-atacar, desejando que fizesse sentido explodir a plantação, queimar o máximo possível dela, continuar queimando até que as minhocas encolhessem e ficassem torradas. Mas aquilo ali era comida. Ajoelhou-se ao lado da massa informe na terra.

— Você era um garoto legal, E.Z. Desculpe. Eu... desculpe. — Ainda havia música, minúscula, mas reconhecível, saindo do iPod de E.Z. Sam levantou o objeto brilhante e bateu no ícone de pausa.

Então se levantou e chutou a minhoca morta para fora do caminho. Estendeu as mãos como se fosse um pastor prestes a abençoar o corpo. Albert e Edilio sabiam que não era isso. Os dois recuaram. Uma luz brilhante saltou das palmas das mãos de Sam.

O corpo queimou, ressecou, ficou preto. Ossos soltaram estalos enquanto rachavam no calor. Depois de um tempo Sam parou. O que restava eram cinzas, um monte de cinzas claras e pretas que pareciam os restos de um churrasco de quintal. — Você não poderia ter feito nada, Sam — disse Edilio, conhecendo aquela expressão no rosto do amigo, conhecendo aquela expressão cinzenta, abalada, aquela culpa. — É o LGAR, cara. E só o LGAR.

DOIS | 106 HORAS E 16 MINUTOS

O TELHADO ESTAVA todo torto. O sol calcinante lançou um raio direto no olho de Caine através da fenda entre uma parede meio desmoronada e o teto caído.

Caine estava deitado de costas, suando num travesseiro sem fronha. Um lençol sujo enrolava suas pernas nuas, e dali se subia até cobrir metade do tronco nu. Estava acordado de novo, ou pelo menos pensava que estava, acreditava estar.

Esperava estar.

A cama não era dele. Pertencia a um velho chamado Mose, o zelador do terreno da Academia Coates.

Claro que Mose havia sumido. Junto com todos os adultos. E todos os outros garotos. Todo mundo... *quase* todo mundo... acima de 14 anos. Tinha ido embora.

Para onde?

Ninguém sabia.

Todos simplesmente haviam ido. Para além da barreira. Para fora do aquário gigantesco chamado LGAR. Talvez mortos. Talvez não. Mas definitivamente desaparecidos.

Diana abriu a porta com um chute. Estava carregando uma bandeja, e equilibradas na bandeja estavam uma garrafa d'água e uma lata de grão-de-bico.

— Você está decente? — perguntou Diana.

Ele não respondeu. Não entendeu a pergunta.

— Está coberto? — perguntou ela, colocando alguma irritação na voz. Pousou a bandeja na mesinha lateral.

Caine não se incomodou em responder. Sentou-se. Ficou tonto. Estendeu a mão para a água.

— Por que esse teto está estragado assim? E se chover? — Ele ficou surpreso com o som da própria voz. Estava rouco. Sua voz não tinha nada da suavidade persuasiva usual.

Diana foi implacável:

— Qual é a sua? Agora ficou idiota, além de maluco?

Uma lembrança fantasma passou por ele, deixando-o inquieto.

— Eu fiz alguma coisa?

— Você levantou o teto.

Ele girou as mãos para olhar as palmas.

— Levantei?

— Outro pesadelo — explicou Diana.

Caine abriu a garrafa e bebeu.

— Agora estou lembrando. Achei que aquilo estava me esmagando. Pensei que alguma coisa ia pisar em cima da casa e esmagá-la, me espremendo por baixo. Por isso empurrei de volta.

— Ahã. Coma o grão-de-bico.

— Não gosto.

— Ninguém gosta de grão-de-bico. Mas isso aqui não é sua lanchonete predileta. E eu não sou sua garçonete. O que temos é grão-de-bico. Então coma. Você precisa comer.

Caine franziu a testa.

— Há quanto tempo estou assim?

— Assim, como? — zombou Diana. — Que nem um paciente de hospício que não sabe se está na vida real ou num sonho?

Ele confirmou com a cabeça. O cheiro do grão-de-bico era enjoativo. Mas de repente Caine sentiu fome. E então lembrou: a comida era escassa. A memória estava retornando. O delírio louco foi sumindo. Ele não podia exatamente alcançar a normalidade, mas podia vê-la.

— Três meses, mais ou menos — respondeu Diana. — Houve o grande tiroteio em Praia Perdida. Você foi para o deserto com Líder da Matilha e sumiu durante três dias. Quando voltou estava pálido, desidratado e... bem, desse jeito.

— Líder da Matilha. — As palavras, a criatura que elas representavam, fizeram Caine se encolher. Líder da Matilha, o coioote dominante. aquele que, de algum modo, obtivera uma espécie de fala limitada. Líder da Matilha, o fiel e temeroso serviçal de... daquilo. Da coisa que estava no poço da mina.

A Escuridão, como eles a chamavam.

Caine oscilou e, antes de rolar para fora da cama, Diana pegou-o, agarrou seus ombros, manteve-o levantado. Mas então ela viu o sinal de alerta nos olhos, murmurou um palavrão e conseguiu colocar o cesto de lixo na frente enquanto ele vomitava.

Não saiu muita coisa. Só um pouco de líquido amarelo.

— Lindo — disse ela, e repuxou o lábio. — Pensando bem, não coma o grão-de-bico. Não quero ver a comida voltando.

Caine lavou a boca com um pouco da água.

— Por que estamos aqui? Essa é a casa do Mose.

— Porque você é perigoso demais. Ninguém na Coates quer você por perto, até conseguir se controlar.

Ele piscou diante de outra lembrança que retornava.

— Machuquei alguém.

— Você achou que o Chunk era um monstro. Ficou gritando uma palavra. Gaiáfago. Depois fez o Chunk atravessar uma parede.

— Ele está bem?

— Caine. Nos filmes um cara pode atravessar uma parede e se levantar como se não fosse grande coisa. Isso aqui não era um filme. A parede era de tijolos. Chunk ficou parecendo um atropelado. Que nem quando um bicho é atropelado várias vezes e continua sendo atropelado durante uns dois dias.

A dureza das palavras foi demais até mesmo para a própria Diana. Ela trincou os dentes e disse:

— Desculpa. Não foi bonito. Eu nunca gostei do Chunk, mas não é uma coisa que eu consiga esquecer, tá legal?

— Eu andei meio fora de mim.

Diana enxugou uma lágrima com raiva.

— Responda: você pode dar um exemplo de eufemismo?

— Acho que agora estou melhor. Não totalmente melhor. Não totalmente. Mas melhor.

— Um bom dia pra você.

Pela primeira vez em semanas Caine se concentrou no rosto dela. Era linda.

Diana Ladris era linda, com enormes olhos escuros, cabelos castanhos compridos e uma boca que acabava sempre num risinho de desprezo.

— Você poderia ter acabado como o Chunk — disse Caine. — Mas ficou cuidando de mim.

Ela deu de ombros.

— Este é um mundo novo e difícil. Eu tenho uma opção: ficar com você ou me arriscar com o Drake.

— Drake. — O nome conjurava imagens sombrias. Sonho ou realidade? — O que o Drake está fazendo?

— Bancando o Caine júnior. Supostamente representando você. Secretamente esperando que você morra, se você me perguntar. Atacou a mercearia e roubou comida há uns dias. Isso deixou o Drake quase popular. A garotada não tem muita percepção quando está com fome.

— E meu irmão?

— Sam?

— Não tenho outro irmão desaparecido, tenho?

— Bug foi à cidade umas duas vezes para ver o que estava acontecendo. Disse que as pessoas ainda têm um pouco de comida, mas se preocupando com isso. Principalmente depois do ataque do Drake. Mas Sam está totalmente no comando lá.

— Me dá minha calça.

Diana obedeceu. Depois, ostensivamente, virou as costas enquanto se vestia.

— Que defesas eles têm? — perguntou Caine.

— Agora eles mantêm pessoas por toda a mercearia, isso é o principal. E a mercearia do Ralph está sempre com quatro caras armados no telhado.

Caine assentiu. Roeu a unha, um hábito antigo.

— E as aberrações?

— Eles estão com Dekka, Brianna e Taylor. E também com o Jack. podem ter outras aberrações úteis, Bug não tem certeza. Têm a Lana para curar as pessoas. E Bug acha que eles têm um garoto que pode disparar uma espécie de onda de calor.

— Como o Sam?

— Não. Sam é como um maçarico. Esse garoto é que nem um micro-ondas. A

gente não vê chamadas nem nada. Só que de repente sua cabeça cozinha que nem uma empada num forminho elétrico.

— As pessoas ainda estão desenvolvendo poderes — disse Caine. — Alguém aqui?

Diana deu de ombros.

— Quem sabe com certeza? Quem vai ser louco a ponto de contar ao Drake? Lá na cidade um mutante novo recebe algum respeito. Aqui em cima? Talvez seja morto.

— É. Isso foi um erro. Partir para cima das aberrações foi um erro. Nós precisamos delas.

— E, além da possibilidade de ter alguns mubs novos, o pessoal do Sam ainda tem metralhadoras. E ainda tem o Sam — disse Diana. — Portanto, que tal se a gente não fizesse alguma coisa idiota tipo tentar lutar com eles de novo?

— Mubs?

— Abreviação de mutante-aberração. Mub. — Diana deu de ombros. — Mubs, abums, aberrações. Estamos sem comida, mas temos um bocado de apelidos.

A camisa de Caine estava dobrada nas costas de uma cadeira. Ele estendeu a mão para ela, cambaleou e pareceu a ponto de cair. Diana firmou-o. Ele olhou irritado para a mão dela em seu braço.

— Eu consigo andar.

Olhou para cima e captou seu próprio reflexo num espelho sobre a penteadeira. Quase não se reconheceu. Diana estava certa: ele estava pálido, as bochechas chupadas. Os olhos pareciam grandes demais para o rosto.

— Acho que você está melhorando: está virando um babaca chato de novo.

— Traga o Bug. Traga o Bug e o Drake. Quero ver os dois.

Diana não se mexeu.

— Vai me contar o que aconteceu lá no deserto com Líder da Matilha?

Caine fungou.

— Você não quer saber.

— Quero sim — insistiu Diana.

— O que importa é que eu voltei — disse Caine com todo ar desafiador que

conseguiu juntar.

Diana confirmou com a cabeça. O movimento fez seu cabelo cair para a frente, acariciando o rosto perfeito. Seus olhos brilharam. Mas os lábios carnudos continuaram repuxados numa expressão de nojo.

— O que significa, Caine? O que significa “gaiáfago”?

Ele deu de ombros.

— Não sei. Nunca ouvi essa palavra antes.

Por que ele estava mentindo? Por que o fato de ela saber essa palavra parecia uma coisa tão perigosa?

— Vá chamar os dois — disse Caine, dispensando-a. — Chame o Drake e o Bug.

— Por que você não pega leve? Primeiro tenha certeza de que está mesmo... eu ia dizer “recuperado”, mas isso pode ser uma exigência grande demais.

— Eu voltei — reiterou Caine. — E tenho um plano.

Ela o encarou, a cabeça inclinada de lado, cética.

— Um plano.

— Preciso fazer umas coisas. — Caine baixou os olhos, incapaz de encará-la, por motivos que não conseguia entender.

— Caine, não faça isso. Sam deixou você sair vivo. Não vai deixar pela segunda vez.

— Você quer que eu barganhe com ele? Que consiga alguma coisa?

— Quero.

— Bom, é exatamente isso que vou fazer, Diana. Vou barganhar. Mas primeiro preciso ter com o que barganhar. E sei qual é a coisa exata. Astrid Ellison estava com o Pequeno Pete no quintal dos fundos, cheio de mato crescido, quando Sam trouxe a novidade e a minhoca. Pete estava brincando no balanço. Ou, mais exatamente, estava sentado no balanço enquanto Astrid o empurrava. Parecia gostar daquilo.

Era um trabalho chato, monótono, empurrar o balanço sem ter quase nenhuma palavra de conversa ou um som de alegria vindo do irmãozinho. Pete tinha 5 anos, ou quase, e sofria de autismo grave. Sabia falar, mas quase nunca fazia isso. No mínimo havia ficado mais recluso desde a chegada do LGAR. Talvez a culpa fosse

dela: não estava mantendo a terapia, não estava mantendo todos os exercícios inúteis, sem sentido, que deveriam ajudar os autistas a enfrentar a realidade.

Claro que o Pequeno Pete fazia sua própria realidade. De algum modo muito importante ele havia criado a realidade de todo mundo.

O quintal não era o de Astrid, a casa não era sua casa. Drake Merwin havia queimado a casa dela. Mas uma coisa que não faltava em Praia Perdida era onde morar. A maioria das residências estava vazia. E ainda que muitas crianças permanecessem em suas casas, algumas achavam que seus quartos antigos, que as salas antigas, eram cheias demais de lembranças. Astrid havia perdido a conta de quantas vezes tinha visto crianças desmoronarem soluçando, falando sobre a mãe na cozinha, o pai cortando a grama, o irmão ou a irmã mais velha brigando por causa do controle remoto.

As crianças ficavam muito solitárias. A solidão, o medo e a tristeza assombravam o LGAR. Por isso, com frequência as crianças iam morar juntas, no que quase pareciam repúblicas estudantis.

Aquela casa era compartilhada por Astrid, Maria Terrafino, John — o irmão mais novo de Maria — e, cada vez com mais frequência, Sam. Oficialmente Sam morava num escritório sem uso na prefeitura, onde dormia num sofá, cozinhava com um micro-ondas e usava o que havia sido um banheiro público. Mas lá era um lugar sombrio, e Astrid havia pedido mais de uma vez que ele considerasse aquela casa sua. Afina! de contas eles formavam uma espécie de família. E, pelo menos simbolicamente, eram a primeira família do LGAR, mãe e pai substitutos para as crianças sem mãe nem pai.

Astrid ouviu Sam antes de vê-lo. Praia Perdida sempre havia parecido uma cidadezinha sonolenta, e agora na maior parte do tempo era silenciosa como uma igreja. Sam atravessou a casa, entrou chamando o nome dela enquanto ia de cômodo em cômodo.

— Sam — gritou ela. Mas ele só escutou quando abriu a porta dos fundos e saiu no deque.

Bastou um olhar para Astrid saber que algo terrível havia acontecido. Sam não era bom em esconder os sentimentos, pelo menos para ela.

— O que foi? — perguntou Astrid.

Ele não respondeu, só caminhou pelo gramado cheio de mato e abraçou-a. Ela o abraçou de volta, paciente, sabendo que ele contaria quando pudesse.

Sam enterrou o rosto em seu cabelo. Ela podia sentir a respiração dele no

pescoço, fazendo cócegas na Orelha. Gostava da sensação do corpo dele de encontro ao seu. Gostava do fato de que ele precisava segurá-la. Mas não havia nada de romântico naquele abraço.

Por fim ele soltou-a. Foi empurrar o Pequeno Pete, parecendo que precisava fazer alguma coisa física.

— E.Z. morreu — disse sem preparação. — Eu estava percorrendo as plantações com Edilio. Eu, Edilio e o Albert, e o E.Z. foi junto, para curtir. Você sabe. Não existia motivo para o E.Z. estar lá, ele só queria ir junto e eu disse que tudo bem porque parece que vivo dizendo não, não, não para as pessoas, e agora ele morreu.

Sam empurrou o balanço com mais força do que ela estivera fazendo. O Pequeno Pete quase caiu para trás.

— Ah, meu Deus. Como foi?

— Minhocas — respondeu Sam num tom embotado. — Algum tapo de minhoca. Ou cobra. Não sei. Coloquei uma delas, morta, na rançada da cozinha. Esperava que você... não sei o que eu esperava. Acho que você é nossa especialista em mutações. Certo?

Ele disse a palavra especialista com um sorriso torto. Astrid não era especialista em nada. Era simplesmente a única pessoa que se importava em tentar entender de modo sistemático e científico o que estava acontecendo no LGAR.

— Se você continuar empurrando, ele vai ficar bem — disse Astrid, falando sobre o irmão.

Ela encontrou a criatura num saco plástico na bancada da cozinha. Parecia mais uma cobra do que uma minhoca, mas também não se parecia com uma cobra normal.

Apertou cautelosamente o saco, esperando que ela estivesse mesmo morta. Abriu um pedaço de papel impermeável na bancada de granito e deixou o bicho cair em cima. Remexeu numa gaveta procurando uma fita métrica e fez o máximo para seguir os contornos da criatura.

— Vinte e sete centímetros — observou.

Então encontrou uma máquina fotográfica e tirou uma dúzia de fotos de todos os ângulos, antes de usar um garfo para levantar aquela coisa monstruosa e colocar de volta no saco plástico.

Passou as fotos para o laptop. Arrastou-as para uma pasta chamada “Mutações — Fotos”. Havia dezenas de fotos. Pássaros com garras ou bicos estranhos. Cobras

com asas curtas. Fotos subsequentes mostravam cobras maiores com asas maiores. Uma, tirada de longe, parecia mostrar uma cascavel do tamanho de uma jiboia pequena com asas de couro grandes como as de uma águia.

Tinha uma foto desfocada de um coioote com o dobro do tamanho de qualquer coioote normal. E um close da boca de um coioote morto mostrando uma língua estranha e encurtada que parecia assustadoramente humana. Havia uma série de JPGs grotescos de um gato que havia se fundido com um livro.

Outras fotos eram de crianças, na maioria parecendo normais, se bem que o garoto chamado Orc parecia um monstro. Havia uma foto de Sam com luz verde saltando das palmas das mãos. Odiava a foto porque a expressão do rosto dele, enquanto demonstrava o poder para a câmera, era triste demais.

Astrid clicou abrindo as fotos da minhoca e usou a função de zoom para olhar mais de perto.

O Pequeno Pete entrou, seguido por Sam.

— Olha essa boca — disse Astrid, perplexa. A minhoca tinha uma boca igual à de um tubarão. Era impossível contar as centenas de dentes minúsculos. O bicho parecia estar rindo, até depois de morto, rindo. — Minhocas não têm dentes.

— Não tinham. Agora têm — respondeu Sam.

— Está vendo essas coisas se projetando do corpo todo? — Ela franziu os olhos e aumentou o zoom. — São, não sei, iguais a remos minúsculos. Como pernas, só que pequeninas, e são milhares.

— Elas entraram no E.Z. Acho que passaram pelas mãos dele. Pelos sapatos. Atravessaram o corpo todo.

Astrid estremeceu.

— Esses dentes devem ser capazes de abrir um buraco em qualquer coisa. As pernas empurram para a frente assim que elas entram no corpo da vítima.

— E eram milhares naquela plantação — disse Sam. — O E.Z. entrou e elas atacaram. Mas eu, Albert e o Edilio ficamos do lado de fora, não entramos na plantação, e elas não foram atrás de nós.

— Territorialidade? — Astrid franziu a testa. — É muito incomum num animal primitivo. A territorialidade costuma ser associada a formas de vida mais elevadas. Cães ou gatos são territoriais. Minhocas, não.

— Você está muito calma com tudo isso — disse Sam, quase acusando, mas

não totalmente.

Astrid olhou-o, estendeu a mão para afastá-lo com gentileza da imagem horrível, forçando-o a olhar para ela.

— Você não veio me ver para que eu gritasse e saísse correndo, e você pudesse ser corajoso e confortador.

— Não — admitiu ele. — Desculpe. Você está certa: não vim ver minha namorada Astrid. Vim ver Astrid Gênio.

Astrid nunca havia gostado muito do apelido, mas tinha aceitado. Ele lhe dava um lugar na comunidade atordoada e amedrontada do LGAR. Não era uma Brianna ou uma Dekka, ou um Sam, com grandes poderes. O que tinha era seu cérebro e a capacidade de pensar de jn modo disciplinado quando isso era necessário.

— Vou dissecar isso, ver o que posso descobrir. Você está bem?

— Claro. Por que não? Hoje cedo eu era responsável por 332 pessoas. Agora sou responsável por apenas 331. E uma parte de mim está quase pensando: certo, menos uma boca para alimentar.

Astrid chegou perto e deu-lhe um beijo de leve na boca.

— É, é um saco ser você — disse ela. — Mas você é o único que nós temos. Isso lhe rendeu um sorriso desanimado.

— Então é para calar a boca e aceitar? — perguntou ele.

— Não, jamais cale a boca. Conte tudo a mim. Conte qualquer coisa.

Sam baixou os olhos não querendo fazer contato visual.

— Tudo? Certo, que tal isso: eu queimei o corpo. O E.Z, Queimei a sujeira que elas deixaram para trás.

— Ele estava morto, Sam. O que você deveria fazer? Deixar o corpo para os pássaros e os coiotes?

Ele assentiu.

— É. Eu sei. Mas o problema não é esse. O problema é que, quando queimou, o cheiro foi igual ao de carne cozinhando. E eu... — Ele parou de falar, incapaz de ir em frente. Ela esperou enquanto Sam dominava as emoções. — Um garoto de 12 anos, morto, estava queimando, e minha boca começou a se encher de água.

Astrid podia imaginar isso com muita facilidade. Até mesmo o pensamento de

carne queimando lhe deu água na boca.

— É uma reação normal, psicológica, Sam. É uma parte do seu cérebro que age no piloto automático.

— É — disse ele, sem se convencer.

— Olha, você não pode ficar arrasado porque aconteceu uma coisa ruim. Se começar a bancar o desamparado, isso vai se espalhar para todo mundo.

— A garotada não precisa da minha ajuda para se sentir desamparada.

— E você vai me deixar cortar seu cabelo — disse Astrid, puxando-o para perto e desgrenhando o cabelo dele com uma das mãos. Queria tirar sua mente do desastre da manhã.

— O quê? — Ele pareceu confuso com a súbita mudança de assunto.

— Você parece um fugitivo de uma antiga banda metaleira dos anos setenta. Além disso — argumentou —, Edilio me deixou cortar o cabelo dele.

Sam se permitiu dar um sorriso.

— É, eu vi. Talvez seja por isso que, sem querer, eu vivo chamando ele de Bart Simpson.

Quando ela o encarou com ferocidade, ele acrescentou:

— Sabe, o estilo espetado? — Tentou beijá-la, mas ela deu um passo atrás.

— Ah, você é tão esperto, não é? E se eu raspasse sua cabeça? Ou ir[^]ilasse com cera quente? Continue me insultando e as pessoas vão :namar você de Homer Simpson, e não de Bart. Aí você vai ver se a Taylor continua fazendo olhar de peixe morto para você.

— Ela não faz olhar de peixe morto para mim.

— É. Até parece. — Astrid o empurrou, brincando.

— De qualquer modo, talvez eu fique legal só com dois fios de cabelo. — Ele olhou seu reflexo no vidro do micro-ondas.

— A palavra “narcisismo” significa alguma coisa para você? — perguntou Astrid.

Sam gargalhou. Tentou agarrá-la, mas notou o Pequeno Pete olhando-o.

— E aí, como está o PP?

Astrid olhou para o irmão, empoleirado num banco de cozinha e olhando Sam em silêncio. Ou, pelo menos, olhando na direção de Sam — ela nunca podia ter certeza do que ele estava olhando de verdade.

Ela queria contar a Sam o que vinha acontecendo com o Pequeno Pete, o que ele tinha começado a fazer. Mas Sam já estava com preocupações suficientes. E por um momento — um momento raro — ele não parecia preocupado.

Mais tarde haveria tempo para dizer que a pessoa mais poderosa do LGAR parecia estar... qual seria a palavra certa para o que o Pequeno Pete estava fazendo?

Enlouquecendo? Não, não era bem isso. Não havia uma palavra certa para o que estava acontecendo Pequeno Pete. Mas, de qualquer modo, aquela não era a hora.

— Ele está bem — mentiu Astrid. — Você conhece o Petey.

TRÊS | 106 HORAS E 11 MINUTOS

LANA ARWEN LAZAR estava em sua quarta casa desde que havia chegado a Praia Perdida. Primeiro tinha ficado numa casa da qual gostava um bocado. Mas foi naquela casa que Drake Merwin a havia capturado. Depois disso o lugar ficou parecendo ruim.

Então foi morar um tempo com Astrid. Mas descobriu rapidamente que preferia ficar sozinha tendo seu labrador, Patrick, como única companhia. Por isso ocupou uma casa perto da praça. Mas isso a deixou acessível demais.

Lana não gostava de ser acessível. Quando estava acessível, não tinha privacidade.

Lana tinha o poder de curar. Havia descoberto isso no dia do início do LGAR, quando seu avô desapareceu. Na época os dois estavam andando na picape dele, e o desaparecimento súbito do motorista fez a picape rolar por um barranco muito comprido.

Os ferimentos de Lana poderiam tê-la matado. Quase a mataram. Então ela descobriu um poder que poderia ter ficado escondido dentro dela para sempre, não fosse a necessidade terrível.

Havia se curado. Havia curado Sam quando ele levou um tiro; e Cookie, cujo ombro foi rasgado; e muitas crianças feridas depois da terrível Batalha do Dia de Ação de Graças.

As crianças a chamavam de Curadora. Como heroína, só ficava atrás de Sam Temple. Todo mundo a procurava. Todo mundo a respeitava. Alguns, especialmente aqueles cujas vidas ela havia salvado, a tratavam com uma espécie de espanto reverente. Lana não tinha dúvida de que Cookie, pelo menos, daria a vida por ela. Ele vivera num inferno até que ela o salvou.

Mas o culto à heroína não impedia que a garotada pegasse no seu pé o tempo todo, dia e noite, por causa de qualquer dorzinha ou probleminha: dentes moles, queimadura de sol, joelhos ralados, topadas no dedão.

Por isso Lana se afastou da cidade e agora morava num quarto do Balneário do Penhasco.

O hotel abraçava a parede do LGAR, a barreira vazia e impenetrável que definia esse mundo novo.

— Calma, Patrick — disse enquanto o cachorro a cutucava com a cabeça na ânsia de ganhar o café da manhã. Lana tirou a tampa da lata de ALPO e, bloqueando Patrick, colocou metade num prato no chão.

— Pronto. Nossa, até parece que eu nunca te dei comida.

Enquanto dizia isso, imaginou por quanto tempo conseguiria continuar alimentando Patrick. Agora havia crianças comendo comida de cachorro. E havia cães na rua que eram apenas pele e ossos, revirando o lixo ao lado de crianças que tentavam pegar de volta restos que haviam jogado fora semanas antes.

Lana estava sozinha no hotel. Centenas de quartos, uma piscina lotada de algas, uma quadra de tênis cortada pela barreira. Tinha uma varanda que dava uma visão ampla da praia abaixo e do oceano plácido demais.

Sam, Edilio, Astrid e Dara Baidoo — que atuava como farmacêutica e enfermeira — sabiam onde ela estava e podiam encontrá-la se precisassem de verdade. Mas a maior parte das crianças não sabia, por isso ela estava com algum controle sobre a própria vida.

Olhou com desejo para a comida de cachorro. Imaginando, não pela primeira vez, qual seria o gosto. Provavelmente melhor do que as cascas de batatas queimadas com molho de churrasco que ela havia comido.

O hotel já estivera cheio de comida. Mas, seguindo ordens de Sam, Albert e sua equipe haviam recolhido tudo, centralizado tudo na mercearia do Ralph. De onde Drake havia conseguido roubar uma boa parte do pouco que restava.

Agora não havia comida no hotel. Nem mesmo em nenhum dos frigobares dos quartos, que antes eram atulhados de chocolates deliciosos, batatas fritas e castanhas. Agora só restava álcool. O pessoal do Albert havia deixado a bebida, sem saber exatamente o que fazer com ela.

Lana havia ficado longe das garrafinhas marrons e brancas. Até agora.

Fora por causa do álcool que ela havia conseguido ser exilada de casa em Las Vegas. Tinha afanado uma garrafa de vodca da casa dos pais, supostamente para um garoto mais velho que ela conhecia.

Essa, pelo menos, foi a história mais tranquila que havia conseguido vender aos pais. Mesmo assim eles a mandaram passar um tempo no sítio isolado de seu avô, para “pensar no que havia feito”.

Agora, no mundo do LGAR, Lana era uma espécie de santa. Mas ria sabia que não.

Patrick havia terminado de comer enquanto o café era passado no quarto. Lana serviu uma xícara e jogou um pacotinho de adoçante e um pouco de leite em pó, luxos raros que havia encontrado revirando os carrinhos das arrumadeiras.

Saiu à varanda e tomou um gole.

Estava com o aparelho de som ligado, o aparelho que estava no quarto. Alguém — o ocupante anterior, supôs ela — tinha deixado um antiquíssimo CD de Paul Simon, e ela se pegou ouvindo-o.

Havia uma música sobre escuridão. Uma música que dava as boas-vindas à escuridão. Quase um convite. Ela a havia escutado muitas e muitas vezes. As vezes a música a ajudava a esquecer. Desta vez, não.

Com o canto do olho viu alguém lá embaixo na praia. Entrou de novo e pegou um binóculo que havia tirado da bagagem de algum turista que partira muito antes.

Duas crianças pequenas, não poderiam ter mais de 6 anos, brincavam no píer de pedras que se projetava no oceano. Felizmente não havia ondas. Mas em alguns lugares as pedras eram como navalhas amontoadas, afiadas e escorregadias. Ela deveria...

Mais tarde. Chega de responsabilidades. Ela não era uma pessoa responsável, e estava farta de ser obrigada a isso.

Vários vícios adultos vinham se espalhando na população do LGAR. Alguns eram benignos, como o café. Outros — maconha, cigarros e álcool — não eram tão inofensivos. Lana sabia de seis crianças que eram bebedores convictos. Tinham tentado que ela curasse suas ressacas.

Alguns outros fumavam pacotes de maconha encontrados nos quartos dos pais ou dos irmãos mais velhos. E a qualquer hora era possível ver crianças até mesmo de 8 anos engasgando com cigarros e tentando parecer maneiras. Uma vez viu um menino de 7 anos tentando acender um charuto.

Lana não podia curar nada disso. As vezes desejava estar de volta na cabana do Ermitão Jim.

Não era a primeira vez que pensava nisso. Frequentemente pensava na estranha cabana no deserto com seu pequeno gramado esquisito — agora todo marrom e morto, provavelmente.

Era onde havia encontrado abrigo depois do acidente com a picape. E outra vez, brevemente, depois de escapar da matilha de coiotes.

A cabana propriamente dita fora queimada até o alicerce. Não passava de

cinzas. E havia o ouro, claro. O ouro do Ermitão Jim podia ter se derretido, mas ainda estaria ali, embaixo das tábuas do piso.

O ouro. Da mina.

A mina...

Tomou um gole comprido do copo de isopor e queimou a língua. A dor ajudou-a a se concentrar.

A mina. O dia estava nítido na lembrança, mas era a nitidez de um pesadelo bem-lembrado.

Na época não sabia que o LGAR significava o desaparecimento de todos os adultos. Tinha ido à mina procurar o ermitão, ou pelo menos esperando encontrar a picape dele e usá-la para ir à cidade.

Tinha encontrado o ermitão morto na entrada da mina. Não desaparecido, e sim morto. O que significava que tinha sido morto antes do início do LGAR.

Os coiotes tinham ido atrás dela e feito com que ela entrasse mais fundo na mina. E ali ela havia encontrado... aquilo. A coisa. A Escuridão, como os coiotes chamavam: a Escuridão.

Lembrava-se de como seus pés pareceram pesados como tijolos. Como seu coração havia diminuído a velocidade, batendo com força, cada batida parecendo uma marretada. O pavor que ia mais fundo do que o medo simples. O brilho verde e doentio que a fez pensar em pus, doença, num câncer.

O estado onírico que a havia dominado... as pálpebras pesadas e a mente vazia, a sensação de ser invadida, de...

Venha para mim.

— Ah!

Ela havia esmagado o copo. O café quente caiu todo no braço.

Lana estava suando. Sua respiração era difícil. Respirou fundo e foi como se até aquele momento tivesse esquecido de respirar.

A coisa ainda estava em sua cabeça, o monstro do túnel da mina. Iscava com ela presa no anzol. As vezes Lana tinha certeza de ouvir a voz da criatura. Era uma alucinação, com certeza. Certamente não os a própria Escuridão. Ela estava a quilômetros de distância. Muito embaixo do solo. Não podia...

Venha para mim.

— Não consigo esquecer — sussurrou para Patrick. — Não consigo me afastar daquilo.

Nos primeiros dias, depois de ter saído do deserto e se juntado àquela estranha comunidade de crianças, Lana havia se sentido quase em paz. Quase. Desde o início houvera uma sensação de dano, de um ferimento invisível sem local específico, só que estava dentro dela.

Aquele ferimento invisível, irreal, não curado, estava aberto de novo. A princípio Lana disse a si mesma que isso iria passar. Que iria se curar. Uma casca psíquica iria se formar. Mas se fosse verdade, se ela estava se curando, por que doía mais a cada dia que passava? Como aquela voz pavorosa havia passado daquele sussurro leve, distante, para um murmúrio insistente?

Venha para mim. Preciso de você.

Agora a voz tinha palavras, aquela voz urgente, exigente.

— Estou ficando maluca, Patrick — disse ao cachorro. — Isso está dentro de mim e eu estou ficando maluca. Maria Terrafino acordou. Rolou para fora da cama. Era cedo. Deveria voltar a dormir: estava exausta. Mas sabia que não cairia no sono de novo. Tinha coisas a fazer.

Primeiro, o mais importante. Cambaleou até o banheiro e usou o pé descalço para empurrar a balança no chão de ladrilhos. Havia um local especial para a balança: alinhada com o centro do espelho que ficava acima da pia, o canto superior direito da balança exatamente alinhado com o ladrilho.

Tirou a camisola e pisou na balança.

Primeira leitura. Descer da balança.

Segunda leitura. Descer da balança.

A terceira tornava a coisa oficial.

Trinta e sete quilos.

Estava com cinquenta e oito quando o LGAR havia chegado.

Ainda parecia gorda. Ainda havia bolsões de gordura aqui e ali. Não importava o que os outros dissessem. Maria podia ver a massa. De modo que não tomaria o café da manhã. O que estava ótimo, já que o café da manhã na creche seria aveia preparada com leite em pó e adoçada com pacotinhos cor-de-rosa de adoçante. Bem saudável — e muito, muito melhor do que a maioria das pessoas estava recebendo —, mas que não ajudava exatamente a ganhar peso.

Maria tomou seu Prozac, mais dois comprimidos minúsculos de Sudafed e um polivitamínico. O Prozac mantinha a depressão à distância — quase — e o Sudafed ajudava a não sentir fome. A vitamina iria mantê-la saudável, ela esperava.

Vestiu-se rapidamente: camiseta, calça de moletom, tênis. Todos eram largos. Estava decidida a não usar nada que revelasse mais o corpo até que tivesse realmente perdido algum peso.

Foi à lavanderia e derramou num saco plástico todas as fraldas de pano que estavam na secadora. Ainda havia algumas fraldas descartáveis no depósito, mas estavam sendo guardadas para emergências. Tinha feito a mudança para as de pano no mês anterior. Era uma imundície, e todo mundo odiava, mas, como Maria havia observado r ara seus funcionários mal-humorados, a fábrica da Pampers não estava mais fazendo entregas.

Desceu a escada com o saco batendo nos degraus.

Sam estava com Astrid e o Pequeno Pete na cozinha. Maria não queria interromper — nem ser incomodada para tomar o café da manhã —, por isso saiu em silêncio pela porta da frente.

Cinco minutos depois estava na creche.

A creche havia se dado mal durante a batalha. A parede que era compartilhada com a loja de ferramentas tinha sido explodida. De modo que agora o buraco enorme era coberto com plástico que precisava ser preso com fita adesiva praticamente todo dia. Era uma lembrança de como tinham chegado perto do desastre. A matilha de coiotes havia entrado naquele cômodo, mantendo essas crianças reféns, enquanto Drake Merwin cantava vantagem.

John, o irmão de Maria, já estava na creche esperando-a.

— Ei, Maria — disse ele. — Você não devia estar aqui. Devia estar dormindo.

John estava trabalhando no turno da manhã, das cinco ao meio-dia, do café da manhã até logo antes do almoço. Maria deveria assumir na hora do almoço e trabalhar direto até às dez da noite. Do almoço até o jantar e a hora de dormir, com uma hora no final para programar os horários e fazer a limpeza. Depois teria tempo de ir para casa, assistir a alguns DVDs enquanto caminhava na esteira do porão. Esse era o programa. Oito horas de sono e algumas horas livres de manhã.

Mas na realidade costumava passar duas ou três horas malhando à noite. Perseguindo aqueles últimos quilos a mais. Na esteira, lá no porão, onde Astrid não ouviria nem perguntaria por quê.

Na maior parte dos dias consumia menos de setecentas calorias. Num dia realmente bom seria a metade disso.

Abraçou John.

— O que há, maninho? Qual é a crise de hoje?

John tinha uma lista. Leu-a em seu caderno que tinha na capa a foto do filme Os selvagens da noite.

— Pedro está com um dente mole. Além disso teve um acidente ontem à noite. Zosia diz que Julia deu um soco nela, por isso estão brigadas e não querem brincar juntas. Acho que o Collin talvez esteja com febre... de qualquer modo, ele é meio, você sabe, esquisito. Peguei o Brady tentando fugir hoje de manhã. Ele queria procurar a mãe.

A lista continuou, e nesse tempo algumas crianças vieram correndo abraçar Maria, ganhar um beijo, um elogio para o penteado, um “muito bem” pelo modo como tinham escovado os dentes.

Maria confirmou com a cabeça. A lista era mais ou menos assim todo dia.

Um cara chamado Francis entrou, dando uma trombada em Maça. Então percebeu quem havia acabado de empurrar, virou-se para ela com uma careta e disse:

— Certo, estou aqui.

— E a primeira vez? — perguntou Maria.

— O que foi, eu deveria me desculpar? Não sou babá.

Esta cena também havia se repetido todo dia desde que a paz tinha chegado a Praia Perdida.

— Certo, o negócio é o seguinte, garoto — disse Maria. — Sei que você não quer estar aqui, e não me importo. Ninguém quer ficar aqui, mas os pequenos precisam de cuidados. Então corta essa pose.

— Por que você não cuida dessas crianças? Pelo menos você é mulher.

— Eu não sou — observou John.

— Está vendo aquele cavalete? — perguntou Maria. — Há três destas nele, uma para cada um dos ajudantes do dia. Escolha uma lista. E o que você vai fazer. O que estiver na lista. E sorria enquanto estiver fazendo.

Francis foi até lá e verificou a lista.

— Aposto um biscoito que ele não vai pegar a lista das fraldas — disse John.

— Nada de apostas — respondeu Maria. — Além disso, não existem biscoitos.

— Sinto saudade de biscoitos — disse John pensativo.

— Ei — gritou Francis. — Todas essas listas são umas bostas.

— É — concordou Maria. — São sim.

— Isso tudo é uma bosta.

— Pare de falar “bosta”. Não quero ver as crianças de 3 anos repetindo isso o dia todo.

— Cara, quando chegar o meu aniversário, vou saltar fora — disse Francis, carrancudo.

— Ótimo. Depois disso não vou programar você. Agora escolha uma lista de tarefas e faça. Não quero fazer o Sam perder tempo vindo motivar você.

Francis voltou para o cavalete pisando firme.

— Saltar fora — disse Maria a John, e fez uma careta. — Quantas pessoas chegaram aos 15 mágicos até agora? Só duas pufaram. As pessoas falam disso. Mas não fazem de verdade.

A chegada do LGAR havia eliminado todo mundo com mais de 14 anos. Ninguém sabia por quê. Pelo menos Maria não sabia, mas tinha ouvido Sam sussurrando de um modo que a fez pensar que eles talvez soubessem mais do que admitiam.

Alguém com 14 anos, que chegasse ao décimo quinto aniversário, também desaparecia. Puf. Caso se permitisse. Se decidisse “saltar fora”.

Agora quase todos sabiam o que acontecia durante o que os garotos chamavam de Saltar Fora. O modo como o tempo subjetivo ficava mais lento até se arrastar. O surgimento da pessoa que você mais amava e em quem mais confiava, chamando você, insistindo para que deixasse o LGAR. E como essa pessoa se transformava num monstro, caso você resistisse.

Existia uma escolha: ficar no LGAR ou... Mas ninguém sabia exatamente o que era o “ou”. Talvez fosse escapar de volta para o mundo antigo. Talvez fosse uma viagem para um mundo totalmente novo.

Talvez fosse a morte.

Maria notou John olhando-a com intensidade.

— O que foi? — perguntou.

— Você nunca iria...

Maria sorriu e desgrenhou o cabelo encaracolado do irmão.

— Nunca. Eu nunca iria embora e deixaria você. Está com saudade da mamãe e do papai?

John confirmou com a cabeça.

— Fico pensando em quantas vezes deixei os dois malucos.

—John...

— Eu sei. Sei que não importa. Mas é como se... — Ele não conseguiu encontrar as palavras, por isso fez o gesto de uma faca se cravando no coração.

Alguém estava puxando a camiseta de Maria por trás. Ela olhou e, com o coração apertado, viu um menininho que se chamava... que chamava... não conseguiu lembrar o nome. Mas o segundo menininho, que estava atrás dele, ela se lembrava que era Sean. Sabia o motivo para estarem ali. Os dois tinham feito 5 anos recentemente. A idade limite para a creche era 4. Aos 5 você precisava sair — com a esperança de ir para uma casa com algumas crianças mais velhas que fossem responsáveis.

— Ei, garotos, o que é? — perguntou Maria enquanto baixava o rosto até o nível deles.

— Ah... — começou o primeiro. E caiu no choro.

Ela não deveria fazer isso. Sabia que não deveria, mas não conseguiu não passar os braços em volta do garotinho. E então Sean começou a chorar também, de modo que o abraço foi estendido, e John também estava ali, e Maria ouviu-se dizendo que claro, claro que eles poderiam voltar, só por hoje, só um pouquinho.

QUATRO | 106 HORAS E 08 MINUTOS

A **ACADEMIA COATES** estava em péssimas condições. Batalhas tinham danificado a fachada do prédio principal. Havia um buraco tão grande nos tijolos pintados de branco que dava para ver toda uma sala de aulas do segundo andar, um corte do piso abaixo e um rombo irregular que não chegava totalmente ao topo da janela do primeiro andar, embaixo. A maioria dos vidros nas janelas tinha sumido. Os garotos haviam feito um esforço para manter a chuva e o vento do lado de fora prendendo pedaços de plástico com fita adesiva, e agora o plástico e a fita estavam pendurados, balançando com alguma brisa ocasional. O prédio parecia ter passado por uma guerra. E tinha mesmo.

O terreno era uma confusão completa. A grama, que nos velhos tempos sempre fora aparada até uma perfeição obsessiva, agora crescia selvagem em algumas áreas e tinha amarelado em outras. E o mato abria caminho pela passagem circular de cascalho, onde um dia as minivans, os utilitários e os sedãs de luxo dos pais faziam fila.

Em metade do prédio o encanamento não funcionava, com os vasos sanitários inundados e fedendo. As construções menores, a sala de artes e os dormitórios estavam em melhores condições, mas Drake tinha insistido em ficar no prédio principal. Tinha ocupado a sala do psiquiatra da escola, um lugar onde nos velhos tempos Drake havia se apresentado para aconselhamento e testes.

Você ainda tem sonhos em que machuca animais, Drake?

Não, doutor, sonho em machucar o senhor.

Agora a sala era um depósito de armas. As armas de Drake, as nove, que iam de fuzis de caça com mira telescópica a pistolas, estavam arrumadas numa mesa. Ele as mantinha descarregadas, todas menos duas, as que sempre andavam com ele. Tinha escondido a munição das outras armas: Drake não confiava em ninguém. A munição, que para Drake nunca era suficiente, estava atrás dos ladrilhos do teto e em tubos de ar condicionado.

Drake estava sentado assistindo a um DVD na TV de plasma que tinha roubado. O filme era *Jogos mortais II*. Os efeitos sonoros fantásticos. Drake tinha aumentado o volume a ponto de chacoalhar um dos poucos vidros que restavam na janela. Por isso a princípio si: escutou a voz de Diana quando ela disse:

— Ele quer ver você.

Drake se virou, sentindo a presença dela. Balançou o braço-tentáculo, o braço que lhe dava seu apelido — Mão de Chicote — e desligou o aparelho.

— O que você quer? — perguntou com uma careta de desprezo.

— Ele quer ver você — repetiu Diana.

Drake adorava o medo nos olhos dela. Diana durona: impaciente, sarcástica, superior. Com medo. Com medo dele e do que ele poderia fazer com ela.

— Quem quer falar comigo?

— Caine. Ele acordou.

— Ele já acordou antes.

— Ele voltou. Quase totalmente. Voltou e quer falar com você e com o Bug.

— E? Bom, eu vou quando quiser. — Drake sacudiu o chicote e ligou o aparelho de novo. — Ótimo, agora perdi a melhor parte. Cadê o controle remoto? Não posso voltar o filme sem o controle.

— Quer que eu diga ao Caine para esperar? — perguntou Diana com inocência.
— Sem problema. Vou dizer que você está ocupado demais para falar com ele.

Drake respirou fundo e olhou-a irritado. Lentamente o chicote se moveu na direção dela, com a ponta estremecendo de expectativa, querendo se enrolar no pescoço da garota.

— Anda, faz isso — desafiou ela. — Anda, Drake. Desafie o Caine.

Os olhos frios dele estremeceram, só um pouco, mas ele sabia que Diana tinha visto, e isso o deixou furioso.

Hoje não. Ainda não. Até o Caine cuidar do Sam.

Drake enrolou o chicote. Tinha um modo de enrolá-lo sinuosamente na cintura. Mas o braço nunca ficava totalmente parado, de modo que sempre parecia uma jiboia rosa e cinza espremendo-o, sempre parecia que Drake era a presa da serpente.

— Você gostaria disso, não é, Diana? Eu lutando com o Caine. Desculpe desapontar você. Sou cem por cento leal ao Caine. Somos como irmãos, nós dois. Não como ele e o Sam, somos mais como irmãos de sangue. — Ele piscou. — A irmandade da Escuridão, Diana. Eu e ele estivemos lá. Nós dois encaramos a coisa.

Drake sabia que Diana estava louca de curiosidade com relação à coisa que estava no poço da mina, a coisa que dera o braço a Drake depois que Sam queimara o antigo. Mas Drake não iria contar nada. Que ela imaginasse. Que se preocupasse.

— Vamos ver o chefe.

Caine já parecia melhor. Qualquer que fosse a doença que o estivesse consumindo nos últimos três meses, aprisionando-o num mundo de febres e pesadelos, devia finalmente ter chegado ao fim.

Tarde demais para o Chunk.

A lembrança fez Drake sorrir. O Chunk bundão voando pelo ar, batendo numa parede sólida, com tanta força que a atravessou. Cara, tinha sido incrível de ver.

Depois disso, ninguém — inclusive Drake — havia sido maluco a ponto de ficar perto de Caine. Agora mesmo Drake estava cauteloso. Só Diana era desesperada a ponto de ficar, trocar os lençóis sujos de Caine e lhe dar sopa na boca.

— Você parece bem, Caine — disse Drake.

— Estou péssimo — respondeu Caine. — Mas minha cabeça clareou.

Drake pensou que isso provavelmente não era verdade. Tinha passado apenas algumas horas com a Escuridão e sua cabeça ainda não estava clara, nem um pouco. As vezes escutava a voz na cabeça. Ouvia e tinha quase certeza de que Caine também ouvia.

Assim que se escutava aquela voz, nunca mais se parava de escutar, pensou Drake. Ele achava a ideia reconfortante.

— Bug, você está aí? — perguntou Caine.

— Estou.

Drake quase deu um pulo. Bug estava a menos de um metro, não totalmente visível, mas também não totalmente invisível. Tinha o poder mutante de se camuflar, como um camaleão. Ao olhar para Bug quando ele usava o poder, o máximo que você notaria era uma espécie de ondulação no ambiente, uma dobra da luz.

— Desliga isso — resmungou Caine.

Bug ficou visível, o babaquinha de nariz melequento.

— Desculpe — disse. — Eu só... eu não...

— Não se preocupe, não estou com clima para jogar ninguém numa parede — respondeu Caine secamente. — Tenho um trabalho para você, Bug.

— Ir de novo a Praia Perdida?

— Não. Isso é o que o Sam está esperando. Vamos ficar longe de Praia Perdida. Não precisamos da cidade. Eles podem ficar com a cidade. Pelo menos por enquanto.

— E, deixe que eles fiquem com o que não podemos pegar. Isso é muito generoso — disse Diana, zombando deles.

— Isso não tem a ver com território — disse Caine. — Tem a ver com poder. Não com *poderes*, Drake, com poder. — Ele pôs a mão no ombro de Bug. — Bug, você é a pessoa exata para isso. Preciso das suas habilidades.

— Não sei o que mais posso ver em Praia Perdida — disse Bug.

— Esqueça Praia Perdida. Como eu disse, tem a ver com poder, com energia. Energia *nuclear*. — Caine piscou para Diana e deu um tapa no ombro de Drake, usando seu antigo charme, fazendo com que acreditassem nele outra vez. Mas Drake não se enganou: Caine estava fraco fisicamente e perturbado mentalmente. A antiga confiança estava reduzida. Caine era uma sombra. Mesmo sendo uma sombra capaz de jogar uma pessoa através de uma parede. A mão de chicote de Drake estremeceu contra suas costas.

— Aquela usina é a linha de salvação da cidade — disse Caine. — Se controlarmos a eletricidade, Sam vai dar o que nós quisermos.

— Você não acha que o Sam sabe disso? E que provavelmente tem guardas na usina? — perguntou Diana.

— Tenho certeza de que existem guardas. Mas tenho certeza de que eles não vão ver o Bug. Então vá agora, pequeno Bug. Vá e veja o que puder ver.

Bug e Diana se viraram para sair. Um empolgado, a outra, fume- gando. Drake ficou para trás.

Caine pareceu surpreso, talvez até um pouco preocupado.

— O que foi, Drake?

— Diana. Não confio nela.

Caine suspirou. — É, acho que dá para ver que você não gosta da Diana.

— Não tem a ver com eu gostar daquela... — Ele já ia usar a palavra começando com “p”, mas os olhos de Caine chamejaram e Drake mudou a frase: — Não tem a ver com eu gostar dela. Tem a ver com ela e Jack Computador.

Isso atraiu a atenção de Caine.

— Do que você está falando?

— Jack. Agora ele tem poderes. E não estou falando só da capacidade técnica. Bug viu o Jack em Praia Perdida. Sabe aquela retroescadeira que eles têm? O cucaracha estava cavando uma sepultura, e a escavadeira caiu dentro. Bug diz que o Jack pegou a máquina. Tirou do buraco como se não fosse mais pesada do que uma bicicleta.

Caine sentou-se na beira da cama. Drake teve a impressão de que Giíne tinha precisado sentar-se um pouco, que ficar de pé durante mzis do que alguns minutos ainda era um trabalho pesado.

— Pelo jeito o poder dele é pelo menos nível duas barras. Talvez até três — disse Caine. Diana havia inventado o sistema de barras, copiando a ideia dos telefones celulares. O poder de Diana era a capacidade de avaliar os níveis de poder.

Drake sabia que só existiam dois quatro barras conhecidos: Sam e Caine. Havia uma especulação quanto ao Pequeno Pete, que tinha demonstrado algumas coisas incríveis, mas até que ponto um menininho de 5 anos com meio cérebro poderia ser realmente perigoso?

— E, então o Jack pode ser um três barras. Mas, segundo Diana, não, certo? Diana disse que o viu como um zero barra. De modo que talvez o poder tenha se desenvolvido tarde. Certo. Mas de zero para três? — Drake deu de ombros, não precisando pressionar o rema, sabendo que Caine, mesmo doente, estava ligando os pontos na cabeça.

— Nunca tivemos uma explicação do motivo para o Jack mudar de lado e correr para o Sam — disse Caine baixinho.

— Talvez alguém o tenha levado a isso.

— Talvez. — Caine não queria admitir a possibilidade. — Ponha alguém para vigiá-la. Você, não. Diana sabe que você a está vigiando. Mas ponha alguém para ficar de olho nela. A pior coisa do LGAR, do ponto de vista de Duck Zhang, era a cozida. A princípio tinha sido ótimo: barras de chocolate, batata frita, refrigerante, sorvete. Tudo isso havia durado umas duas semanas. Provavelmente duraria muito mais, porém as pessoas tinham desperdiçado — deixando o sorvete derreter; refestelando-se com biscoitos, depois deixando o saco largado onde os cachorros podiam pegar; deixando o pão mofar.

Quando tinham detonado todos os doces e salgadinhos, era tarde demais para fazer alguma coisa com relação ao fato de que toda a carne vermelha e os frangos —

com exceção do bacon, das salsichas e do presunto —, e todos os produtos frescos, menos as batatas e as cebolas, estavam com validade vencida ou podres. Duck tinha sido obrigado a ajudar a tirar tudo aquilo para fora da mercearia do Ralph. Uma equipe de crianças ressentidas havia usado pás para retirar o repolho podre e a carne fedorenta durante dias. Mas o que você podia fazer quando Sam Temple o olhava diretamente, apontava o dedo e dizia: “Você.” O cara podia fritar os outros. Além disso, ele era o prefeito, afinal de contas.

Depois tinha vindo o período de sopa enlatada, cereal seco, biscoitos de água e sal e queijo.

Nesse momento Duck daria qualquer coisa por uma lata de sopa. Seu café da manhã tinha sido aspargos em lata. Que tinha gosto de vômito e todo mundo sabia que fazia o mijo feder.

Mas havia coisas boas no LGAR também. O melhor do LGAR, do ponto de vista de Duck Zhang, era a piscina. Não era exatamente a sua piscina, mas era como se fosse, porque ali estava ele, boiando dentro dela. Numa manhã de domingo no início de março, quando normalmente estaria na escola.

Nada de escola. Nada além da piscina. Isso tirava um pouco da força da fome.

Estava no sexto ano e era pequeno para a idade. Asiático, apesar de sua família ser americana desde a década de 1930. Um tempo atrás, seus pais vinham se preocupando porque ele estava engordando. Bom, ninguém era muito gordo no LGAR. Não mais.

Duck adorava a água. Mas não o mar. O mar lhe dava medo. Não conseguia afastar a ideia de que havia um mundo inteiro lá embaixo das ondas, invisível para ele, enquanto ele era visível para as criaturas. E as criaturas eram lulas, polvos, peixes, enguias, águas-vivas e, acima de tudo, tubarões.

As piscinas, por outro lado, eram fantásticas. Dava para enxergar até o fundo.

Duck nunca teve uma piscina só sua. Não havia piscinas públicas em Praia Perdida, então ele só podia nadar quando algum amigo que tivesse piscina o convidasse, ou quando saía de férias com os pais e ficava hospedado em algum hotel com piscina.

Mas agora, com a garotada de Praia Perdida podendo morar onde quisesse e ir praticamente aonde quisesse, Duck havia encontrado uma piscina perfeita, discreta, partícular. Não sabia a quem ela pertencia. Mas quem quer que fosse o dono, tinha um cenário fantástico. A piscina era grande, em forma de rim, com uma profundidade de três metros num dos lados, de modo que era possível mergulhar de cabeça. A

coisa toda tinha ladrilhos num tom verde- água lindo com um padrão de ouro velho no fundo. A água — quando ele descobriu como acrescentar cloro e limpar os filtros — era límpida como vidro.

Havia uma bela mesa de ferro fundido com um guarda-sol no meio e algumas espreguiçadeiras bem confortáveis para ele se reclinar, se quisesse. Mas Duck preferia d'água flutuava ao lado dele numa boia separada. Duck usava óculos Ray-Ban maneiros e uma fina camada de filtro solar e, numa palavra, estava feliz. Faminto mas feliz.

As vezes, quando se sentia particularmente bem, quase parecia que nem precisava do colchão de ar para ficar acima da água. As vezes, se estivesse suficientemente feliz, podia sentir a pressão das costas sobre o plástico diminuir. Como se pesasse menos, ou algo assim. De fato, uma vez tinha acordado de repente de um sonho feliz e caíra uns 60 centímetros na água. Pelo menos foi o que pareceu, se bem que, obviamente, tinha sido só uma parte do sonho.

Outras vezes, se ficava com raiva por algum motivo, talvez somente se lembrando de alguma visão, parecia que ficava mais pesado e o colchão começava a afundar na água.

Mas raramente Duck ficava muito feliz ou com muita raiva. Na maior parte do tempo estava simplesmente em paz.

— Iuuuu-rrruuuu!

O grito foi completamente inesperado. Assim como o enorme espirro d'água que se seguiu.

Duck sentou-se no colchão.

A água ondulou por cima dele. Alguém estava na piscina. Na sua piscina.

Mais dois borrões correram para a beira da água e houve mais dois gritos, seguidos por mais água espirrando.

— Ei! — gritou Duck.

Um dos garotos era um babaca chamado Zil. Duck não reconheceu imediatamente os outros dois.

— Ei! — gritou de novo.

— Com quem você está gritando? — perguntou Zil.

— Esta piscina é minha. Eu achei e limpei. Arranjem uma piscina para vocês.

Duck sabia que era menor do que qualquer um dos três. Mas estava com raiva suficiente para sentir coragem. O colchão de ar baixou sob ele e ele se perguntou se um dos garotos teria feito um furo no plástico.

— Estou falando sério! — gritou Duck. —Vão embora.

— Ele está falando sério — zombou um dos garotos.

Antes que Duck percebesse, Zil havia saltado de baixo d'água e o agarrou pelo pescoço. Duck foi puxado para baixo, ofegando, engasgando, sugando água pelo nariz.

Chegou à tona com dificuldade, lutando para ficar na superfície com os braços que subitamente pareciam de chumbo.

Eles o atacaram de novo, só de brincadeira, sem realmente tentar machucá-lo, mas obrigando-o a afundar de novo. Desta vez ele tocou o fundo da piscina e teve de bater os pés para chegar à superfície e respirar. Agarrou o colchão, mas um dos garotos puxou-o para longe, rindo alto.

Duck ficou cheio de uma raiva súbita. Tinha somente uma coisa boa na vida: esta piscina, uma coisa boa, e agora estava sendo arruinada.

— Saiam! — berrou, mas a última palavra saiu como glub-glub-glub enquanto ele afundava como uma pedra.

O que estava acontecendo? De repente não conseguia nadar. Estaca no fundo da piscina, na parte mais funda, sob 3 metros de água. Chutou o fundo de ladrilhos, tentando subir de novo, mas seu pé despedaçou o ladrilho e mandou pedaços dele girando pela água.

Então o pânico tomou conta. O que estavam fazendo com ele?

Chutou de novo, com os dois pés e com o máximo de força que podia. Mas não subiu à superfície. Em vez disso os dois pés atravessaram o ladrilho. Não subiu nem um pouco. Na verdade ainda estava ar andando. Seus pés afundavam pelo ladrilho, raspando a argamassa a; Dera e o concreto partido, descendo para a lama embaixo.

Era impossível.

Impossível.

Duck Zhang estava caindo pelo fundo da piscina. Através do chão sob o fundo da piscina. Era como se estivesse em areia movediça.

Até os joelhos.

Até as coxas.

Até a cintura.

Sacudia-se feito louco, mas só conseguia cair mais rápido.

O ladrilho quebrado arranhava seus flancos. A lama penetrava no calção de banho.

Os pulmões ardiam. Agora a visão estava ficando turva, a cabeça martelando, e ele continuava caindo pela terra sólida, como se o chão não passasse de água.

Quando o ladrilho chegou ao peito ele bateu com os braços para baixo, para se impedir de cair mais, porém seus braços cavaram os ladrilhos e o concreto por baixo, e a terra sob tudo isso, e tudo girou em volta de sua cabeça numa nuvem de sujeira e lama.

Agora a água da piscina estava jorrando para baixo, ao redor, penetrando na boca e no nariz. Ele era uma rolha solta apanhada num ralo.

O mundo de Duck Zhang girou, com flashes alucinados de pés se sacudindo acima, luz do sol brilhando, e então sua visão ficou parecida com um túnel, estreitada, e a escuridão encobriu a luz. O negócio tinha sido engraçado durante o primeiro minuto, mais ou menos. Zil Sperry gostara de dar um susto em Duck Zhang; ele, Hank e Antoine se esgueirando pelo lado da casa, empurrando um ao outro de brincadeira, contendo os risos.

Hank é que havia descoberto a piscina secreta. Hank era um espião nato. Mas foi ideia de Zil esperar até que Duck a tivesse limpado completamente, até ajustar o cloro e fazer o filtro funcionar.

— Deixe ele fazer o serviço primeiro — argumentara Zil. — Depois tiramos a piscina dele.

Antoine e Hank eram maneiros, percebeu Zil, mas se houvesse necessidade de planejamentos sérios, isso era com ele.

Tinham conseguido uma surpresa total. Duck provavelmente havia se mijado. Idiota. Bebezão chorão.

Mas então as coisas deram errado. Duck afundou como uma pedra. E continuou afundando. E de repente a água salpicada de sol tinha se transformado num redemoinho de força chocante. Hank estava de pé nos degraus e conseguiu pular fora da piscina. Mas Antoine estava com Zil na parte funda quando Duck tirou a rolha.

Zil havia conseguido por pouco agarrar a beira do trampolim. A água puxou-o,

praticamente arrancou seu calção. Ele mal conseguiu se agarrar, com as pontas dos dedos segurando a superfície de lixa do trampolim.

Antoine foi varrido, puxado para o movimento circular. A força da água o havia lançado contra a escada cromada, mas ele conseguiu enfiar uma perna gorda entre a escada e a lateral da piscina. Por sorte não quebrou o tornozelo.

Hank puxou Zil para uma área segura. Os dois, juntos, ajudaram Antoine a subir desajeitadamente e ele desmoronou no deque como uma baleia encalhada.

— Cara, a gente quase se afogou — ofegou Antoine debilmente.

— O que aconteceu? — perguntou Hank. — Não pude ver.

— O Duck, cara — respondeu Zil, com a voz abalada. — Ele tipo afundou pela água e continuou afundando.

— Quase fui sugado — disse Antoine, praticamente chorando.

— Parece que você quase desceu pela descarga — observou Hank. — Você parecia um cagalhão grande e rosa descendo pelo vaso.

Zil não sentiu vontade de rir da piada. Tinha sido humilhado. Tinha sido feito de bobo. Virou as palmas das mãos para cima e olhou para as pontas dos dedos raladas. Elas queimavam.

Podia imaginar a cena, ele pendendo na beira do trampolim, o calção de banho na metade da bunda enquanto a água o puxava.

Não existia nada de engraçado naquilo.

Zil não permitiria que houvesse nada de engraçado naquilo.

— De que vocês dois estão rindo? — perguntou.

— Foi meio... — começou Antoine. Zil interrompeu:

— Ele é uma aberração. Duck Zhang é uma aberração mutante. Que tentou matar a gente.

Hank olhou-o com intensidade, hesitando, mas só por um momento antes de pegar a deixa de Zil:

— E. A aberração tentou matar a gente.

— Esse negócio não está certo, cara — concordou Antoine. Em seguida sentou-se e envolveu o tornozelo machucado com as mãos. — Como é que a gente ia saber que ele era uma aberração mutante?

A gente só estava brincando. É tipo: antes de qualquer coisa que a gente fizer agora tem de se preocupar se alguém é normal ou algum tipo de aberração.

Zil se levantou e olhou a piscina vazia. O buraco era serrilhado, com dentes de ladrilhos partidos. Uma boca que havia se aberto e engolido Duck e quase levado Zil também. Vivo ou morto, Duck tinha feito Zil de bobo. E alguém teria de pagar por isso.

CINCO | 104 HORAS E 05 MINUTOS

— **AS BALAS** são rápidas. E por isso que funcionam — disse Jack Computador, condescendente. — Se elas se movessem devagar, não grande coisa.

— Eu sou rápida. Por isso sou a Brisa. — Brianna protegeu os olhos do sol e franziu as pálpebras na direção do alvo que tinha em mente. uma placa de propriedade na frente de um terreno vazio junto à encosta do penhasco.

Jack pegou seu smartphone. Digitou os números.

— A bala mais lenta anda a 330 metros por segundo. Eu achei um livro com um monte de estatísticas inúteis como essa. Cara, sinto falta do Google. — Ele pareceu engasgar de emoção. A palavra “Google” ficou presa na garganta.

Brianna riu sozinha. Jack Computador era tão *Jack Computador*! Mesmo assim era bonitinho, do seu jeito desajeitado, desajustado, de um garoto de 12 anos que mal estava entrando na puberdade e com a voz em mudança,

— Em todo caso, cada hora tem 3.600 segundos, certo? De modo que são cerca de 1 milhão e 200 mil metros por hora, ou 1.200 quilômetros por hora. Aproximadamente a velocidade do som. Outras balas são mais rápidas.

— Aposto que posso fazer isso — disse Brianna. — Claro que posso.

— Não quero disparar essa arma — observou Jack, olhando em dúvida para a arma que estava segurando.

— Ah, qual é, Jack? Estamos do outro lado da estrada, apontando para o penhasco. Qual a pior coisa que pode acontecer? Você atirar num sapo?

— Nunca atirei com uma arma.

— Qualquer idiota pode fazer isso — garantiu Brianna, apesar de nunca ter disparado uma arma também. — Mas acho que dá um coice, de modo que você tem de segurar com firmeza.

— Não se preocupe com isso. Eu consigo segurar com força.

Brianna demorou alguns segundos para deduzir o motivo do tom irônico. Lembrou-se de ter ouvido alguém dizer que Jack possuía poderes. Que era extremamente forte.

Ele não parecia forte. Parecia um molenga. Tinha cabelo louro desganhado e óculos tortos. E sempre parecia que não estava realmente olhando através dos

óculos, e sim vendo seu próprio reflexo nas lentes.

— Certo. Prepare-se — instruiu Brianna. — Segure a arma com firmeza. Mire a placa. Vamos fazer um...

A arma explodiu antes que ela pudesse terminar. Um estrondo impossivelmente alto, uma nuvem de fumaça azulada e um cheiro estranhamente satisfatório.

— Eu ia dizer para fazermos um disparo de teste — disse Brianna.

— Desculpe. Eu meio que apertei o gatilho.

— E. Meio. Desta vez mire. Na placa lá adiante, e não em mim.

Jack levantou a arma.

— Devo fazer uma contagem regressiva?

— Deve.

— No zero?

— No zero.

— Pronta?

Brianna firmou os tênis no chão de terra, curvou-se, dobrou um braço à frente, o outro para trás, como se estivesse congelada no meio da corrida.

— Pronta.

— Três. Dois. Um.

Brianna saltou, só uma fração de segundo antes de Jack puxar o gatilho. Percebeu instantaneamente o erro: a bala estava atrás dela, perseguindo-a.

Seria muito melhor perseguir a bala do que ser perseguida por ela.

Brianna voou. Quase literalmente. Se abrisse os braços e pegasse um pouco de vento decolaria uns 15 metros porque estava se movendo mais rápido, bem mais rápido, do que um jato correndo pela pista decolar.

Corria de um modo estranho, balançando os braços como um corredor, mas virando as palmas para trás a cada movimento. Para quase todos os mutantes do LGAR, as mãos eram o foco dos poderes.

O ar gritava passando por seus ouvidos. O cabelo curto soprava direto para trás. As bochechas vibravam, os olhos ardiam. Respirar era uma dificuldade enquanto ela ofegava diante de ventos de furacão.

O mundo em volta se transformou numa mancha de cor, objetos passando por ela a velocidades que o cérebro não conseguia processar. Riscas de luz sem forma definida.

Sabia, por experiência, que seus pés precisariam ser resfriados com gelo depois, para não inchar. Já havia engolido dois analgésicos, prevenida.

Era rápida. Impossivelmente rápida.

Mas não mais rápida do que uma bala.

Arriscou-se a olhar para trás.

A rala estava se aproximando. Dava para Ver: um borrão, um pequeno borrão cinzento espiralando atrás dela.

Brianna desviou para a direita, só meio passo.

A bala passou languidamente.

Brianna perseguiu-a, mas ela acertou a terra — nem um pouco perto do alvo —, enquanto Brianna ainda estava quatro metros atrás.

Baixou a velocidade rapidamente, usou a encosta que subia para reduzir o passo com suavidade e parou.

Jack estava 300 metros atrás. Toda a corrida havia durado pouco mais de um segundo, mas tinha parecido mais, na experiência subjetiva de Brianna.

— Conseguiu? — gritou Jack.

Ela trotou de volta para ele num ritmo que agora considerava moloide — provavelmente não mais do que 120 ou 130 quilômetros por hora — e riu.

— Totalmente — disse.

— Nem pude ver você. Você estava aqui. E depois estava lá.

— É por isso que me chamam de Brisa. — Brianna deu uma piscadela marota para ele. Mas então seu estômago lembrou que ela havia queimado as calorias do dia todo. Roncou tão alto que ela teve certeza de que Jack havia escutado.

— Você sabe, claro, que na verdade uma brisa é um vento lento, meio sinuoso — disse Jack em tom pedante.

— E você sabe, claro, que eu posso lhe dar oito tapas antes que você consiga piscar, certo?

Jack piscou.

Brianna sorriu.

— Aqui — disse Jack com cautela. E entregou-lhe a arma, com o cabo para a frente. — Fique com isso.

Ela enfiou-a na mochila que estava no chão. Em seguida pegou um abridor e a lata de molho de pizza que havia guardado. Tirou a tampa e bebeu a gosma temperada que havia dentro.

— Aqui — entregou a lata a Jack. — Ainda tem um pouquinho.

Ele não discutiu. Virou a lata e esperou com paciência enquanto não mais do que uns 30 gramas de pasta vermelha escorregavam para a boca. Depois lambeu a parte de dentro da lata e usou o dedo para tirar o que não pudera alcançar com a língua.

— E aí, Jack? O que aconteceu com o papo de fazer os telefones funcionarem de novo?

Jack hesitou, como se não tivesse certeza se deveria contar.

— Eles estão funcionando. Ou vão estar, assim que eu receber a ordem do Sam.

Brianna encarou-o.

— O quê?

— Na verdade era um problema bem simples. Nós temos três torres: uma aqui em Praia Perdida, outra na estrada e uma no topo do penhasco. Tem um programa que verifica os números para ver se as contas foram pagas e coisa e tal, de modo que o número seja autorizado. O programa não está na torre, obviamente, está fora do LGAR. Per isso eu dei um jeito, de modo que todos os telefones estão autorizados.

— Eu posso ligar para a minha mãe? — perguntou Brianna. Ela sabia a resposta, mas não conseguiu conter o ricochete da esperança t tempo de não perguntar.

Jack encarou-a, confuso.

— Claro que não. Isso significaria penetrar a barreira do LGAR.

— Ah. — A frustração era como uma dor aguda. Brianna, como a maioria das pessoas do LGAR, tinha aprendido a lidar com a perda de pais, avós e outros irmãos. Mas a esperança de falar com eles...

Era de sua mãe que Brianna sentia mais falta. Havia uma enorme diferença de idade entre Brianna e as irmãs mais novas. O pai dela estava fora de sua vida desde o divórcio. Sua mãe havia se casado de DI VO — com um babaca — e depois teve gêmeas com ele. Brianna gostava bastante das gêmeas, mas elas eram oito anos mais novas, de modo que não curtiam muita coisa juntas.

O padrasto de Brianna é que havia insistido em mandá-la para a Academia Coates. O motivo que ele deu era que as notas dela estavam baixando. O que era uma desculpa fajuta. Um monte de crianças tinha problemas com matemática e não acabavam sendo mandadas para lugares como a Academia Coates.

Brianna havia convencido a mãe a enfrentar o padrasto. Esse seria seu último ano na Coates. No ano seguinte voltaria para a escola Nicolet em Banning. Onde era o seu lugar. Não que não houvesse alguns garotos difíceis na Nicolet, mas não havia nenhum Caine, nem Benno, nem Diana, e definitivamente nenhum Drake.

Ninguém na escola Nicolet jamais tinha prendido suas mãos num bloco de cimento e depois deixado-a para morrer de fome.

Além disso, seria maneiro demais deixar todos os velhos amigos boquiabertos com seu novo poder. A cabeça deles explodiria. Os cérebros iriam derreter. Ela poderia ser uma equipe de atletismo sozinha.

— Não existem satélites para conectar — continuava Jack, com seu jeito pedante. Ele era mesmo bonitinho. E ela achou que ele era meio interessante. Meio bonitinho principalmente porque era completamente sem noção, ao mesmo tempo que era inteligente a ponto de dar medo. Ela o havia notado até mesmo antes, na época em que a Coates não passava de um buraco do inferno miserável e Jack só estava na periferia da galera do Caine.

— Por que Sam não disse a ninguém? — perguntou Brianna. — Por que não colocou o sistema funcionando de novo?

— Não há como impedir o pessoal da Coates de usar também, a não ser que a gente desligue a torre em cima do penhasco. Ou a não ser que eu bole um meio de substituir todo o protocolo de autorização e depois só autorize certos números. O que seria um tremendo serviço de programação, já que eu teria de começar do zero.

— Ah. — Brianna espiou-o atentamente. — Não queremos fazer nada que ajude o Caine, o Drake e aquela bruxa, a Diana. Não é?

Jack deu de ombros.

— Bom, eu sentia medo do Drake. Quero dizer, todo mundo sente medo do Drake. Mas Caine e Diana eram legais comigo.

Brianna não gostou da resposta. O sorriso “interessado” que tinha usado para ele evaporou. Ela ergueu as mãos. As cicatrizes da cruel “concretagem” de Drake haviam sumido. Mas a lembrança daquele abuso, e o horror da fome, especialmente agora que esta havia retornado, ainda estavam frescos.

— Eles não foram muito legais comigo.

— É — admitiu Jack, e olhou para o chão. — Mas mesmo assim. Quer dizer, todos eles, Sam, Astrid e coisa e tal, pediram para eu dar um jeito. Quer dizer, nos telefones, e eu dei. Eu quero... quer dizer... dei. Eu *consegui*. A coisa funciona. De modo que a gente deveria locar para funcionar de novo.

A expressão de Brianna endureceu.

— Não. Se isso ajudar o pessoal da Coates, não. Não quero que a vida deles seja mais fácil. Quero que eles sofram. Quero que sofram de todo modo que for possível. E depois quero que morram.

Ela viu o choque se registrar por trás daqueles óculos tortos. Jack era diferente da maioria das pessoas, admitiu Brianna com alguma amargura: não a levava a sério. Claro que ela mantinha uma aura maneira e coisa e tal, afinal de contas ela era a Brisa. Era uma super-heroína, por isso tinha obrigação de se portar com um certo estilo. Mas também era Brianna. Uma garota comum.

— Ah, isso foi pesado demais? — perguntou, deixando a irritação ressoar na voz.

— Um pouco.

— E? Bom, obrigada por ajudar. Tchau. — E Brianna sumiu antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa idiota.

Duck acordou. Estava completamente desorientado. Deitado de costas. Molhado. Usando apenas um calção de banho. No escuro.

Sentia frio. As pontas dos dedos estavam entorpecidas. Tremia.

Sentiu alguma coisa dura e afiada embaixo das omoplatas e mudou de posição para aliviar a dor. Olhou em volta, perplexo. Havia uma luz fraca vindo de cima. Luz do sol ricocheteando debilmente através do buraco na terra.

Tentou entender. Lembrava-se de tudo: de afundar na piscina, depois atravessar o fundo. Lembrava-se de ter engasgado com a água e dos pulmões queimando. Havia arranhões nos lados do corpo e na parte interna dos braços.

E agora ali estava ele, num buraco. Um buraco fundo. No fundo de um poço

com laterais de lama que, de algum modo, ele havia provocado ao cair na terra.

Cair na terra ?

Era impossível saber a que distância ele estava no subsolo. Mas pelo jeito distante da luz, tinha de ser pelo menos uns 6 metros. Seis metros. No subsolo.

O medo golpeou seu coração. Estava enterrado vivo. De jeito nenhum poderia subir de volta por aquele fosso estreito e cheio de lama, até a superfície.

De jeito nenhum.

— Socorro! — gritou. O som ecoou debilmente.

Duck percebeu que não estava num espaço confinado. Havia ar. E a superfície embaixo dele era dura demais e áspera demais para ser de terra. Ajoelhou-se. Então, lentamente, ficou de pé. Havia um teto centímetros acima de sua cabeça. Esticou os braços para os lados e tocou uma parede à esquerda, e nada à direita.

— E um tubo — disse Duck para a escuridão. — Ou um túnel.

— Além disso havia uma escuridão de breu nas duas direções.

— Ou uma caverna. Como isso aconteceu? — perguntou Duck à caverna. Seus dentes chacoalhavam de frio. De medo também. Houve um eco fraco, mas nenhuma resposta.

Olhou para a luz e gritou mais algumas vezes:

— Socorro! Socorro! — Mas não havia chances de alguém escutar. A não ser, claro, que o Zil e os garotos que o haviam incomodado tivessem ido procurar ajuda. Era possível, não era? Eles podiam ser uns babacas, mas certamente iriam procurar ajuda. Não iriam deixá-lo ali embaixo.

E no entanto não havia nenhum rosto ansioso espiando lá de cima.

— Anda, Duck: pensa.

Ele estava num túnel, ou algo assim, embaixo do chão. O piso do túnel era lamacento e molhado. Apesar disso, não parecia particularmente, como se fosse um esgoto. E Duck estava muito menos rido do que deveria.

— Eu caí pelo chão. Depois praticamente me afoguei, apaguei e A água continuou correndo, passando por mim, e me limpou quase todo.

Ele ficou satisfeito por ter ao menos deduzido isso.

Cautelozamente deu alguns passos pelo túnel, estendendo as mãos adiante.

Estava apavorado. Mais apavorado do que nunca. Mais apavorado até mesmo do que no dia em que o LGAR havia começado, ou o dia da grande batalha, quando ficou escondido num armário com uma lanterna e alguns gibis.

Agora estava ali embaixo, sozinho. Sem o Homem de Ferro, sem o Sandman. Sem o Cavaleiro das Trevas.

E estava frio.

Notou o som de seus próprios soluços, e ficou consternado ao perceber que estava chorando. Tentou parar. Não era fácil. Queria chorar. Queria chorar pela mãe, pelo pai, pela avó, os tios, e até pelo insuportável irmão mais velho e todo, todo, todo mundo que havia do e o abandonado nessa sepultura.

— Socorro! Socorro! — gritou, e outra vez não houve resposta.

Diante dele havia duas escolhas igualmente sombrias: o túnel escuro que se estendia à esquerda. O túnel escuro que se estendia à direita. Sentiu um sussurro leve, quase imperceptível, de brisa no rosto. Parecia vir da esquerda.

Na direção do ar. Não para longe do ar.

Com cuidado, Duck seguiu pelo túnel, as mãos estendidas como um cego.

Estava tão escuro que não dava para ver a mão diante do rosto. Nenhuma luz. Nenhuma.

Logo descobriu que era mais fácil se mantivesse uma das mãos na parede. Era de pedra, cheia de relevos e áspera, mas com calombos que pareciam desgastados. O chão embaixo era irregular, mas não tanto.

Esta caverna tem de dar em algum lugar — disse Duck a si mesmo. Descobriu que o som da própria voz era tranquilizador. Era real. Era familiar. — Eu gostaria que fosse um túnel. As pessoas não constroem um túnel sem motivo. — E depois de um tempo: — Pelo menos um túnel tem de ir a algum lugar.

Tentou entender a direção. Estaria indo para o norte, o sul, o leste ou o oeste? Bom, esperava que não fosse muito para o oeste, porque isso iria levá-lo para o mar.

Continuou andando e ocasionalmente começava a chorar e andava mais um pouco. Era impossível adivinhar quanto tempo fazia que estava ali embaixo. Não tinha ideia de que horas seriam. Mas logo percebeu que o lugar onde havia caído parecia cada vez mais agradável, em comparação com onde estava agora. Lá não havia muita luz, mas pelo menos havia alguma. E ali não havia nenhuma.

— Não quero morrer aqui embaixo — disse. Lamentou instantaneamente ter verbalizado esse pensamento. Dizê-lo fez parecer real.

Nesse momento bateu a cabeça em alguma coisa que não deveria estar ali. Bateu com força.

Xingou com raiva e pôs a mão na testa, tentando sentir o sangue, e percebeu que seus pés estavam afundando no chão.

Não! — gritou.

O afundamento parou. Tinha chegado aos joelhos. Mas depois havia parado. Tinha parado de afundar. Com cuidado, com cautela, tirou as pernas da terra compactada.

— O que está acontecendo comigo? Por que... — Mas então soube a resposta. Soube e não pôde acreditar que não havia pensado nisso

— Ah, meu Deus: sou uma aberração.

— Sou um mub!

— Sou um mub com um poder realmente de bosta!

Não tinha certeza, exatamente, de qual era sua capacidade mutante. Parecia ser o poder de afundar pela terra. O que era maluquice. E, além do mais, não tinha pretendido fazer isso. Com certeza não havia dito “Afundar!”

Começou a andar de novo, tendo cuidado com a cabeça, tentando deduzir o que havia acontecido. Nas duas vezes que havia afundado estava com raiva, essa era a primeira coisa. Tinha ouvido as histórias de como Sam só havia descoberto suas capacidades quando estava realmente com medo ou furioso de verdade.

Mas Duck já estava com medo havia um bom tempo. Estava com medo desde o início do LGAR. Só quando ficou com raiva a coisa aconteceu.

A coisa. O que quer que fosse.

— Se eu ficar com raiva o suficiente quem sabe eu não atravesse a Terra. Saia lá na China. Quem sabe conheça meu tataravô.

Esgueirou-se um pouco mais, na direção de uma luz fraca.

— Luz? — perguntou. — Aquilo é mesmo luz?

Não era uma luz forte, disso tinha certeza. Não era uma lâmpada. Não era uma lanterna. Nem era uma estrela. Era mais como uma escuridão menos escura. Nebulosa. A uma distância que tornava impossível adivinhar.

Teve certeza de que era uma alucinação. Queria que fosse de verei de, mas não era. Temeu que fosse imaginação.

Mas continuou em movimento e, quanto mais perto chegava, menos provável parecia que aquilo fosse uma miragem. Havia definitivamente uma claridade. Como um mostrador de relógio que brilha no escuro, uma luz doentia, gelada, de aparência nem um pouco saudável.

Mesmo de perto não brilhava o suficiente para tornar muitas coisas discerníveis, só algumas silhuetas de rocha. Precisou ficar parado e olhar com intensidade, forçando os olhos durante um bom tempo até que pôde ver que o brilho estava principalmente pelo chão. E vinha de um túnel lateral que saía da caverna principal, que, pelo que parecia, havia se alargado gradualmente.

Podia seguir esse túnel novo e pelo menos enxergar alguma coisa. Não muito, mas alguma coisa. Alguma prova de que não estava cego.

Mas uma voz pequena em seu cérebro ficava gritando: “Não!” Seus instintos diziam para dar meia-volta.

Tem uma luz lá adiante. Deve levar a algum lugar — argumentou Duck consigo mesmo.

Mas, apesar de nunca ter sido o aluno mais atento e de ter pouca informação de natureza científica no cérebro, era muito fã de *Os Simpsons*. Tinha visto aquele brilho em forma de desenho animado. E aparecia em todo tipo de gibis.

— E radiação — disse.

Isso era errado, percebeu, cheio de indignação. Todo mundo dizia que não restava nenhuma radiação do grande acidente na usina nuclear, 13 anos antes, quando o meteorito caiu. Mas de onde mais esse brilho poderia vir? Devia ter escorrido pelas frestas do subsolo.

Eles haviam mentido. Ou talvez simplesmente não soubessem.

— Não é boa ideia ir naquela direção — disse a si mesmo.

— Mas é a única luz — gritou, e começou a chorar de frustração porque não parecia ter escolha a não ser mergulhar de volta no escuro absoluto.

E então ouviu alguma coisa.

Imobilizou-se. Forçou os sentidos para escutar.

Um som baixo, um chiado. Muito fraco.

A uma longa distância. E ali estava de novo. Chuá. Chuá.

Não tinha percebido o som porque estivera concentrado na claridade. Era um som que ele conhecia. Água. E, graças a Deus, não vinha -areí radiativo.

Duck odiava o mar. Mas, pensando bem, odiava um pouco menos do que odiava essa caverna.

Deixando a claridade para trás, e tateando com cuidado, tendo com a testa machucada, esgueirou-se pela escuridão de breu.

SEIS | 96 HORAS E 22 MINUTOS

— **OLHA, ALBERT**, não diga que temos um problema e que não posso fazer nada para resolver — disse Sam, praticamente rosnando. Marchava rapidamente da prefeitura para a igreja ao lado. Albert e Astrid estavam com ele, lutando para acompanhá-lo.

O sol estava se pondo sobre o oceano. A luz agonizante formava um longo ponto de exclamação vermelho na água. Havia um barco lá fora, uma das lanchas pequenas. Sam suspirou. Algum garoto provavelmente acabaria caindo na água.

Parou de repente, fazendo Albert e Astrid trombarem um no outro.

— Desculpe. Não quis parecer que estava com raiva. Se bem que estou com raiva, mas não de você, Albert. Só que eu preciso ir lá e dar um jeito. E sinto muito, mas minhocas assassinas não tornam a coisa mais fácil.

— Então espere uns dias — disse Albert com calma.

— Esperar? Albert, você é que dizia, há semanas, há meses, que tínhamos de fazer todo mundo trabalhar.

— Eu nunca disse que a gente devia *fazer* todo mundo trabalhar. Eu disse que deveríamos pensar num modo de pagar para eles trabalharem.

Sam não estava animado. Nem um pouco. Perder um garoto era uma tragédia para todo mundo, mas para ele era um fracasso pessoal. Tinha recebido o cargo de chefia, o que significava que tudo que desse errado era jogado sobre ele. E.Z. estivera sob seus cuidados e sua proteção. E agora E.Z. era uma pilha de cinzas.

Respirou fundo. Lançou um olhar malévolo para o cemitério na praça. Mais três sepulturas só nos últimos três meses desde que Sam fora oficialmente eleito para a prefeitura. E.Z. não receberia um túmulo, só um marco. No ritmo em que as coisas iam, eles ficariam sem espaço na praça.

A porta da frente da igreja estava aberta. Sempre aberta. Isso porque ela, e boa parte do teto, tinham sido danificados na Batalha de Ação de Graças. As grandes portas de madeira tinham sido explodidas. As laterais da abertura estavam abaladas, sustentadas por uma de pedra no topo, que fazia os destroços parecerem um monólito *Stonehenge* meio torto.

Caine chegara perto de demolir toda a igreja, mas ela era forte, de modo que três quartos ainda permaneciam de pé. Parte do entulho fora retirado, mas não muito,

e mesmo esse pouco fora empurrado para a rua lateral. Como tantas outras realizações ambiciosas que haviam morrido quando as crianças pararam de trabalhar e não foram convencidas a retornar.

Sim foi direto para a frente da igreja e subiu os três degraus baixos até o que ele considerava o palco, se bem que Astrid havia explicado pacientemente que se chamava santuário. A grande cruz não fora recolocada no lugar certo, estava inclinada num canto. Um exame de perto revelaria manchas de sangue onde ela havia esmagado o ombro de Cookie.

Só quando se virou, Sam viu como uma parte pequena da igreja estava ocupada. Deveria haver quase 250 crianças, sem contar com a creche e as que montavam guarda em vários lugares. Havia umas oitenta presentes, metade eram crianças novas demais. Sam sabia que m sido deixadas ali por irmãos mais velhos querendo se livrar rouco do serviço de babá.

Astrid e Albert ocuparam lugares no primeiro banco. O Pequeno Pete estava na creche. Agora que Mãe Maria tinha mais ajuda na creche, de vez em quando Astrid podia deixar o Pequeno Pete lá, se bem que nunca por muito tempo. Enquanto Pete estivesse perdido em seu videogame, qualquer um poderia cuidar dele. Mas se Pete se chateasse...

A própria Mãe Maria Terrafino estava duas fileiras atrás, humilde demais para se inserir na área da liderança na igreja. Sam ficou pasmo ao ver como Maria estava bem. Perda de peso. Provavelmente por trabalhar demais. Ou talvez ela não gostasse da comida enlatada que, nos velhos tempos pré-LGAR, as pessoas haviam doado para a caridade. Mas estava bem magra, o que não era um adjetivo normalmente aplicado a Maria. Magra que nem uma modelo.

Lana Arwen Lazar estava largada num banco, atrás. Parecia exausta e meio ressentida. Lana costumava parecer ressentida. Mas pelo menos tinha vindo, o que era mais do que poderia ser dito com relação à maioria do pessoal.

Sam trincou os dentes, com raiva porque tantos haviam faltado a essa reunião. Exatamente o que eles tinham a fazer de mais importante?

— Em primeiro lugar — disse — quero dizer que lamento o que aconteceu com o E.Z. Ele era um bom garoto. Não merecia... — Por um momento quase perdeu o controle num jorro de emoção que veio de lugar nenhum. — Lamento ele ter morrido.

Alguém soluçou alto.

— Olha, vou direto ao ponto: temos 332... Desculpe, 331 bocas para alimentar.

— Sam pôs as mãos nos quadris e separou os pés. — Já estamos bem mal em termos de comida. Mas depois do ataque do pessoal da Coates... bom, a situação não é só ruim. É desesperadora.

Deixou que isso fosse entendido. Mas o quanto as crianças de 6 a 8 anos estariam compreendendo? Até os mais velhos pareciam mais atordoados do que alarmados.

— Trezentos e trinta e uma pessoas — reiterou Sam. — E comida para uma semana, talvez. Não é muito tempo. Não é muita comida. E, como vocês todos sabem, a comida que temos é horrível.

Isso obteve uma reação da plateia. Os mais novos fizeram um coro engasgos e imitação de vômito.

— Certo — disse Sam rispidamente. — Parem com isso. O negócio as coisas estão mesmo desesperadoras.

— E a comida na casa das pessoas? — gritou alguém.

A luz do sol poente correu pela fachada danificada da igreja e acertou Sam nos olhos. Ele teve de dar dois passos à esquerda para ar dela.

— Hunter? É você?

Hunter Lefkowitz era um ano mais novo do que Sam, tinha cabelo comprido como quase todo mundo, a não ser os poucos que haviam tido a iniciativa de cortar o próprio cabelo. Não tinha sido popular na escola antes do LGAR. Mas afinal de contas, refletiu Sam, as coisas que tornavam as crianças populares nos velhos tempos não significavam mais muita coisa.

Hunter havia começado a desenvolver poderes. Sam vinha tentando manter isso em segredo — suspeitava que Caine estivesse mandando espiões a Praia Perdida. Queria ser capaz de usar Hunter como arma secreta. Mas era difícil manter segredos num lugar onde todo mundo conhecia todo mundo.

— Hunter, nós revistamos todas as casas e levamos a comida para mercearia do Ralph — continuou Sam. — O problema é que todas as frutas e os legumes estragaram enquanto a gente estava se empanturrando de batata frita e biscoito. Toda a carne apodreceu. As pessoas foram idiotas e descuidadas, e agora não podemos fazer nada relação a isso. — Sam engoliu a amargura que sentia, a raiva de sua própria idiotice. — Mas temos comida esperando nas plantações. Talvez não seja a comida de que a gente gosta, mas basta para nos manter durante meses, muitos meses, se trouxermos antes que apodreça ou que os pássaros comam.

— Talvez a gente seja resgatada e não precise se preocupar — disse voz.

— Talvez a gente aprenda a viver de ar — murmurou Astrid, mas suficientemente alto para ser ouvida pelo menos por algumas pessoas.

— Por que você não vai pegar nossa comida de volta com o Drake e os caras lá de cima?

Era Zil. Ele aceitou o tapa de parabéns nas costas dado por um garoto esquisito chamado Antoine, parte da pequena galera de Zil.

— Porque isso significaria algumas pessoas morrerem — disse Sam, curto e grosso. — Nós teríamos sorte se conseguíssemos pegar alguma comida, e íamos acabar cavando mais sepulturas na praça. E, de qualquer modo, isso não resolveria nosso problema.

— Bote os seus mubs para lutar contra os mubs deles — disse Zil.

Ultimamente Sam ouvia cada vez mais a palavra “mub”. “Abum” era um termo mais novo. Cada termo mais novo parecia um pouquinho mais pejorativo do que o anterior, que ele substituía.

— Sente-se, Zil — continuou Sam. — Temos 26 garotos que fazem parte do... nós já decidimos? Vamos chamar de exército? — perguntou a Edilio.

Edilio estava no primeiro banco. Inclinou-se para a frente, baixou a cabeça e pareceu desconfortável.

— Alguns garotos estão chamando assim, mas, cara, não sei como chamar. Tipo uma milícia ou algo assim? Acho que não importa.

— Mãe Maria tem 14 garotos trabalhando para ela, inclusive os que são convocados por um dia — disse Sam, indicando a lista com os dedos. — A chefe dos bombeiros, Ellen, tem seis garotos, para cuidar das emergências. Dahra cuida sozinha da farmácia. Astrid é minha conselheira. Jack é encarregado da tecnologia. Albert tem 24 garotos trabalhando com ele, vigiando a mercearia e distribuindo a comida. Contando comigo, são 78 pessoas que fazem algum trabalho.

— Quando se incomodam em aparecer — disse Maria Terrafino em voz alta. Isso rendeu um riso nervoso, mas Maria não estava sorrindo.

— Certo — concordou Sam. — Quando se incomodam em aparecer O negócio é que precisamos de mais gente trabalhando. Precisara ; 5 de gente para trazer a comida.

— Nós somos só crianças — disse um menino de 10 anos, e riu da própria

piada.

— E vão ser crianças com fome — reagiu Sam rispidamente. — Vão ser crianças morrendo de fome. Escutem: as pessoas vão passar fome. Até morrer. Até. Morrer. — Repetiu com toda a ênfase que pôde colocar nas palavras.

Recebeu um olhar de alerta de Astrid e respirou fundo.

— Desculpem. Não quis gritar. Só que a situação é ruim de verdade.

Uma menina de 7 anos levantou a mão. Sam suspirou, sabendo o que esperar, mas mesmo assim deu-lhe a palavra.

— Só quero a minha mãe.

— Todos nós queremos — respondeu Sam impaciente. — Todos nós queremos o mundo antigo de volta. Mas parece que não conseguimos fazer isso acontecer. Por isso temos de tentar fazer com que este mundo aqui funcione. O que significa que precisamos de comida. O que significa que precisamos de gente para colher a comida, colocar nos caminhões, conservar, cozinhar e... — Ele levantou as mãos enquanto percebia que estava olhando para fileiras e fileiras de expressões vazias.

— Você ficou maluco com esse negócio de colher legumes? — Era Howard Bassem, encostado na parede dos fundos. Sam não o tinha visto entrar. Olhou em volta procurando Orc, mas não o viu. E Orc não era uma coisa... — não: era *alguém*, ainda era alguém apesar de tudo — que a gente deixasse de ver.

— Você tem outro modo de conseguir comida? — perguntou Sam.

— Cara, você acha que as pessoas não sabem o que aconteceu com o E.Z.?

Sam se enrijeceu.

— Claro que todos sabemos o que aconteceu com o E.Z. Ninguém está tentando esconder o que aconteceu com o E.Z. Mas, pelo que sabemos, as minhocas só estão naquela plantação de repolho.

— Que minhocas? — perguntou Hunter.

Obviamente nem todo mundo tinha escutado. Sam gostaria de dar um soco em Howard naquela hora. A última coisa de que precisavam era uma narrativa do destino medonho de E.Z.

— Eu dei uma olhada numa das minhocas — disse Astrid, sentindo que Sam estava chegando ao limite da paciência. Não subiu ao santuário, simplesmente ficou de pé perto do banco e se virou para a platéia, que agora prestava muita atenção. A não ser por dois menininhos que estavam brincando de empurra-empurra.

— As minhocas que mataram o E.Z. são mutações — continuou Astrid. — Elas têm centenas de dentes. Os corpos são projetados para furar a carne, e não para abrir túneis na terra.

— Mas, pelo que sabemos, elas só estão naquela plantação de repolho — reiterou Sam.

— Eu dissequei a minhoca que o Sam trouxe — disse Astrid. — Encontrei uma coisa muito estranha. As minhocas têm cérebros muito grandes. Quer dizer, o cérebro de uma minhoca normal é tão primitivo que, se você cortar fora, a minhoca continua fazendo o que ela faz normalmente.

— Tipo minha irmã — cantarolou um garoto, e foi cutucado pela irmã, em retaliação.

Howard foi andando para a frente do salão.

— Então essas minhocas assassinas do E.Z. são inteligentes.

— Não estou sugerindo que elas saibam ler ou fazer equações do segundo grau — disse Astrid. — Mas elas passaram de cérebros que eram um punhado de células que não faziam nada mais do que cuidar do fototropismo negativo do organismo para um cérebro com hemisférios diferenciados e regiões distintas, presumivelmente especializadas.

Sam escondeu um sorriso olhando para baixo. Astrid era perfeitamente capaz de simplificar o modo como explicava as coisas. Mas quando alguém a estava irritando — como Howard fazia agora — ela arrulhava os polissílabos e fazia com que a pessoa se sentisse idiota.

Howard parou, talvez paralisado pela palavra “fototropismo”. Mas se recuperou depressa.

— Olha, o negócio é que se você pisar numa plantação cheia dessas assassinas do E.Z., essas ezecas, você morre. Certo?

— Os cérebros grandes confirmam a possibilidade de que as criariam capazes de territorialidade. O que quero dizer é que, julgando pelo que Sam, Edilio e Albert observaram, as minhocas podem ficar perfeitamente dentro do território delas. Neste caso, a plantação repolho.

— E? — perguntou Howard. — Bom, eu conheço alguém que poderia andar direto por aquela plantação sem ser incomodado.

Então era isso, pensou Sam. Inevitavelmente, com Howard, tudo retornava a Orc.

— Você pode estar certo ao dizer que Orc seria invulnerável — disse Sam. — E daí?

— E daí? — ecoou Howard. E deu um risinho. — E daí que o Orc pode colher aqueles repolhos para você. Claro que ele vai precisar de coisa em troca.

— Cerveja?

Howard assentiu, talvez meio sem graça, mas não muito.

— Ele gosta disso. Eu não suporto. Mas, como empresário do Orc, vou precisar de coisas, também.

Sam trincou os dentes. Mas a verdade era que essa poderia ser uma solução para o problema. Eles ainda tinham um bocado de cerveja na araria do Ralph.

— Se o Orc quiser tentar, por mim tudo bem — disse Sam. — Bole alguma coisa com o Albert.

Para Astrid não estava bem.

— Sam, o Orc virou um alcoólatra. Você quer dar cerveja a ele?

— Uma lata de cerveja por dia de trabalho — respondeu Sam. — Orc não pode ficar muito bêbado com...

— Nem pensar — disse Howard. — Orc precisa de uma caixa por dia. Vinte e quatro latas. Afinal de contas, o trabalho é quente na plantação, colhendo repolho.

Sam lançou um olhar para Astrid. O rosto dela estava firme. Mas Sam tinha a responsabilidade de alimentar 331 crianças. Orc era provavelmente invulnerável às ezecas. E era tão forte que poderia arrancar 15 mil quilos de repolho em uma semana.

— Fale com o Albert depois da reunião — disse Sam a Howard.

Astrid ficou furiosa, mas sentou-se. Howard fez um gestozinho presunçoso, apontando o dedo para Sam, significando concordância.

Sam suspirou. A reunião não estava acontecendo como ele havia planejado. Nunca acontecia. Ele sabia que as crianças eram crianças, por isso estava acostumado às distrações inevitáveis e às bobagens generalizadas dos menores. Mas era deprimente o fato de tantos dos mais velhos, garotos do sétimo, oitavo ano, não terem se incomodado em aparecer.

Para piorar as coisas, toda essa conversa sobre comida estava deixando-o com fome. O almoço havia sido ruim. Agora a fome estava quase sempre presente. Fazia-

o sentir-se oco. Ocupava seu cérebro, quando ele precisava pensar em outras coisas.

— Olha, pessoal. Vou anunciar uma regra nova. Vai parecer dura. Mas é necessária.

A palavra “dura” atraiu a atenção de quase todo mundo.

— Não podemos ter gente sentada o dia inteiro jogando Wii e assistindo a DVDs. Precisamos que as pessoas comecem a trabalhar nas plantações. Portanto o negócio é o seguinte: todo mundo que tenha 7 anos ou mais precisa trabalhar três dias por semana colhendo frutas ou verduras. Depois o Albert vai trabalhar no negócio de congelar o que pode ser congelado, ou outro modo de conservar o material.

Houve um silêncio de morte. E olhares vazios.

— O que estou dizendo é que amanhã teremos dois ônibus escolares prontos para ir. Cada ônibus pode levar umas cinquenta pessoas, e precisamos que fiquem cheios, porque vamos colher melões, e isso um trabalho enorme.

Mais olhares vazios.

— Certo, vou ser mais simples: juntem seus irmãos, irmãs e amigos todo mundo com mais de 7 anos tem de estar na praça amanhã às oito da manhã.

— Mas e...?

— Estejam lá — disse Sam com menos firmeza do que havia pretendido. Agora sua frustração estava se esvaindo, substituída pelo cansaço e a depressão.

— Estejam lá — imitou alguém em voz cantarolada.

Sam fechou os olhos, e por um momento quase pareceu que estava dormindo. Depois abriu de novo e conseguiu dar um sorriso sem graça.

— Por favor. Estejam lá — disse baixinho.

Desceu os três degraus e saiu da igreja, sabendo no coração que poucos atenderiam ao chamado.

SETE | 88 HORAS E 54 MINUTOS

— **PARE AQUI**, Panda — disse Drake.

— Por quê? — Panda estava atrás do volante do utilitário. Vinha ficando cada vez mais confiante como motorista, mas, sendo o Panda, ainda não andava a mais de 50 quilômetros por hora.

— Porque foi o que eu disse pra você fazer — disse Drake, irritado.

Bug sabia por que estavam parando. E Bug sabia por que isso incomodava Drake. Não podiam se arriscar a ir de carro pela estrada até a usina nuclear. Nos três meses que Caine havia passado com alucinações e gritando coisas malucas, o lado da Academia Coates tinha ficado cada vez mais fraco enquanto o lado de Praia Perdida seguia muito bem. Drake havia conseguido o ataque contra a mercearia, mas não tinha ousado fazer mais nada.

Bug sabia. Estivera em Praia Perdida muitas vezes. O pessoal da cidade podia estar com pouca comida, mas ainda tinha mais do que a Coates. Isso era frustrante para Bug porque ele deveria ter sido capaz de roubar mais daquela comida, no entanto seus poderes de camaleão não funcionavam tão bem com as coisas que ele carregava. O melhor que conseguia era enfiar um pacote de sopa desidratada ou uma rara barra de cereais dentro da camisa. Não que hoje em dia fosse possível achar barras de cereais. Ou sopa desidratada.

— Certo, Bug, a partir daqui vamos andando — disse Drake. Em seguida abriu sua porta e saiu na estrada. Bug deslizou pelo banco e parou ao lado de Drake.

O nome verdadeiro de Bug era Tyler. Seus colegas da Coates presumiam que ele havia ganhado o apelido, que significava “inseto”, por estar disposto a topiar desafios malucos, especificamente comer insetos. Os garotos o desafiavam e ele dizia: “O que eu ganho se fizer isso? Na maioria das vezes, nos velhos tempos, conseguia que garotos lhe dessem dinheiro ou doces.

Ele não se incomodava com a maioria dos insetos. Até gostava um pouco de como os bichos se retorciam antes de ele mordê-los, acabando com suas vidinhas de inseto.

Mas Bug era chamado assim mesmo antes de ir para a Academia Coates, antes de ganhar reputação como o garoto que experimentaria qualquer coisa. O apelido Bug, que também pode significar “equipamento de escuta”, havia colado depois que ele foi pego gravando reuniões de pais e professores em sua antiga escola. Tinha

posto as conversas no Facebook, envergonhando qualquer criança que tivesse problema psicológico, dificuldade de aprendizado, que molhasse a cama. cerca de metade da sua turma.

Bug não tinha sido mandado para a Coates como castigo; tinha sido mandado por sua própria segurança.

Afastou-se nervoso enquanto Drake desenrolava o tentáculo, esticava-o e enrolava de volta no corpo. Bug não gostava de Drake. Ninguém gostava. Mas se fosse apanhado em terreno aberto esgueirando-se na direção da usina, achava que Drake ficaria com a parte da luta enquanto ele simplesmente desapareceria. A noite ele era completamente invisível.

Deixaram Panda com instruções firmes para ficar onde estava até que voltassem: numa estrada secundária que passava de asfalto para cascalho e voltava a ser de asfalto, como se os caras que haviam construído não tivessem conseguido se decidir.

— Temos de andar uns três quilômetros até a estrada principal — disse Drake.
— Então vamos logo.

— Estou com fome — reclamou Bug.

— Todo mundo está com fome — reagiu Drake irritado. — Cala essa boca.

Saíram da estrada para o terreno de uma fazenda. Era complicado andar porque o campo estava arado com sulcos, de modo que ficava difícil não tropeçar. Alguma coisa estava crescendo ali, mas Bug não fazia ideia do que fosse, só que era algum tipo de planta. Imaginou se poderia comê-la: para se ter uma ideia de como estava faminto.

Talvez houvesse alguma comida na usina. Talvez ele conseguisse achar alguma coisa enquanto estivesse xeretando por lá.

Caminharam em silêncio. Drake não gostava de papo furado, nem Bug.

As luzes da estrada eram visíveis a distância. Era impossível, mesmo agora, ver aquelas luzes fortes e não pensar em movimentados postos de gasolina, lanchonetes, lojas cheias de gente, carros e caminhões. Logo ao sul de Praia Perdida existia uma longa faixa com restaurantes assim, além de um supermercado e uma loja de doces onde...

Bug não suportava a ideia de que tudo isso continuava ali, do lado de fora da parede do LGAR. Se é que ainda existia um lado de fora.

A loja de doces. Bug provavelmente cortaria a orelha em troca de cinco

minutos dentro daquela loja. Gostava dos doces com castanhas dentro, especialmente. Ah, e os que tinham creme de framboesa. E os de açúcar mascavo. Os que tinham caramelo também eram bons.

Agora tudo estava fora do alcance. Sua boca ficou cheia d'água. O estômago doía.

Estava silencioso demais dentro do LGAR, pensou Bug. Silencioso e vazio. E, se Caine tivesse sucesso com o plano, logo estaria escuro, também.

Apenas algumas partes da autoestrada estavam iluminadas. A parte atravessava a cidade e ali, na virada para a usina. Bug e Drake bem longe da área de luz.

Bug olhou para a esquerda, na direção da cidade. Nenhum sinal de movimento na estrada. Nada à direita, também. Do outro lado da autoestrada, a pouca distância pela pista de acesso, Bug sabia que havia guarita. Mas isso não deveria representar problema.

— Você precisa ficar fora da estrada e ir pelo campo — disse Drake.

— quê? Por quê? Ninguém consegue me ver.

— Pode haver câmeras de infravermelho na segurança da usina, maça, por isso. Não sabemos se você é invisível nas câmeras de infravermelho.

Bug concordou que isso poderia ser problema. Mas a perspectiva de andar mais uns seis quilômetros subindo e descendo o morro, passando pelo capim alto e atravessando valas escondidas, não era muito empolgante. Provavelmente iria se perder. Então nunca conseguiria a tempo para o café da manhã.

— Certo — disse, sem qualquer intenção de obedecer.

De repente o tentáculo sinistro de Drake se enrolou nele. Drake apertou com força suficiente para Bug ser obrigado a lutar para respirar.

— Isso é importante, Bug. Não estrague. — Os olhos de Drake estavam frios. — Se você fizer besteira eu arranco sua pele a chicotadas.

Bug concordou com a cabeça. Drake soltou-o.

Bug estremeceu enquanto o tentáculo deslizava para longe. Era igual a uma cobra. Igualzinho a uma cobra. E Bug odiava cobras.

Para Bug era fácil acionar a camuflagem. Só pensava em desaparecer e passava as mãos pela frente do corpo como se estivesse alisando a camisa. Viu o olhar confuso de Drake, seus olhos maus não conseguindo focalizar a verdadeira localização de Bug. Sabia que a praticamente invisível. Levantou o dedo médio

fazendo um sinal obsceno para Drake.

— Tchau — disse Bug, e atravessou a estrada.

Bug caminhou pelo campo até estar bem longe de Drake. A lua havia subido, mas era apenas uma lasca e tocava apenas uma rocha ou outra, uma haste de capim ou outra. Deu uma cabeçada num galho baixo de árvore e caiu de bunda no chão, com a boca sangrando.

Depois disso voltou para a estrada. Ela fazia uma curva alta, acima do oceano cheio de brilhos, com uma vista bonita apesar de inquietante. Algo no oceano sempre parecia maligno para Bug.

Pensou que, se estivesse visível no infravermelho, tudo bem. Sempre poderia trocar de lado, como Jack Computador havia feito. Claro que ficaria encrocado se Drake pusesse a mão nele.

Levava muito a sério as ameaças de Drake. Muito.

Bug fora espancado muitas vezes. Seu pai era rápido em dar um tapa ou, quando estava bom e bêbado, um soco. Mas seu pai tinha alguns limites no comportamento: vivia preocupado com a hipótese de a mãe de Bug tirar a guarda do filho. Não que seu pai o amasse tanto — era que ele odiava a mãe de Bug e não faria nada que lhe permitisse vencer.

Nas piores ocasiões, quando o pai saía para beber com a namorada e os dois brigavam, Bug havia aprendido a se esconder. Seu local predileto era no sótão, porque era cheio de caixas, e por trás das caixas havia um lugar onde Bug podia se enfiar sob as empenas do telhado e se deitar no material de isolamento entre as traves. Seu pai nunca o havia encontrado ali.

Parecia ter passado uma eternidade até que Bug começou a enxergar a usina tremendamente iluminada. Um vislumbre através de uma fenda no morro, um brilho vindo de trás de uma curva. Pareceu outra eternidade até que ele chegou a uma segunda guarita, que se agachava atravessando a estrada, com uma cerca de tela e arame farpado em cima, estendendo-se nas duas direções.

Caine havia especulado que a cerca — que somente um dos garotos da Coates já vira — poderia ser eletrificada. Bug não iria se arriscar. Andou ao longo da cerca, subindo o morro, entrando no mato baixo e se afastando da guarita por 100 metros. Achou um pedaço de pau e começou a cavar a terra por baixo da cerca. Não demoraria muito: ele não era muito grande.

Sentia-se muito exposto. Enquanto estivesse cavando com o pau a visível: os paus não tinham o poder de se camuflar. A lua, que antes parecera não lançar

nenhuma luz, agora parecia um farol concentrado nele. E a usina em si parecia uma fera enorme, terrível, agachada ao lado da água, reluzindo ofuscante na escuridão.

Bug se arrastou de costas por baixo da cerca. A terra penetrou na camisa, mas ele não foi eletrocutado. Não que achasse realmente que a cerca, fosse eletrificada. Mesmo assim era melhor ser cauteloso.

Levantou-se, espanou o corpo e começou a descer o morro na direção da usina.

Estava com fome. Iria espionar e fazer todas as coisas que Drake havia mandado. Mas primeiro procuraria comida. Sam tentava dormir. Queria desesperadamente dormir.

Estava no quarto de hóspedes da casa de Astrid, Maria e John. No escuro. De costas. Olhando o teto.

Embaixo, na cozinha, havia meia dúzia de latas de comida. Estava com fome. Mas havia consumido sua ração do dia. Precisava de dar exemplo.

Mesmo assim estava com fome, e a fome não se importava com a necessidade de dar exemplo.

Havia comida lá embaixo. E Astrid mais adiante no corredor.

Essa era uma fome diferente. E também nesse aspecto ele precisava dar exemplo.

Não passo de bons exemplos, disse a si mesmo, mal-humorado.

Não que Astrid fosse... mas como ele poderia ter certeza?

Sua cabeça zumbia com uma lista maluca de coisas que precisava fazer. Precisava colocar as pessoas trabalhando na colheita. Tinha de fazer com que comessem a levar o lixo para um local central: os ratos estavam tomando conta das ruas à noite, correndo de uma pilha de lixo a outra.

Precisava fazer uma lista das crianças menores que estavam nas casas com outras mais velhas. Havia crianças de 5 e 6 anos morando sozinhas. Era uma coisa louca. E perigosa. Uma delas havia jogado um secador de cabelo numa banheira na semana passada e provocado um curto-circuito na casa. Por sorte ninguém tinha sido eletrocutado. Duas semanas antes um menino do segundo ano, que morava sozinho, tinha posto fogo em casa. Parecia que de propósito. Como um modo de fazer com que alguém, qualquer um, prestasse atenção. O incêndio consumiu três casas, meio quarteirão, antes que alguém fosse contar ao corpo de bombeiros. Quando Ellen conseguiu dirigir o enorme caminhão dos bombeiros até o lugar, o fogo havia praticamente se extinguido sozinho.

O garoto sobreviveu com queimaduras dolorosas que Lana curou. Mas só depois que o menininho se retorceu e chorou numa agonia insuportável durante horas.

Será que Astrid ainda estava acordada? Estaria deitada no escuro? Como ele? Com os mesmos pensamentos?

Não. Ela estava pensando que ele era um babaca por ter autorizado que Albert subornasse Orc com cerveja. Achando que ele não tinha moral. Achando que ele estava perdendo a cabeça.

Talvez estivesse certa.

Isso não ajudava. Não ajudava nada quando você precisava dormir. Não ajudava repassar a lista de coisas que precisavam ser feitas, e a lista de coisas impossíveis de fazer.

Que loucura ser reduzido a fantasiar sobre uma lata de chili picante, a última coisa ligeiramente gostosa que havia comido! Quanto tempo fazia? Uma semana? Fantasiar sobre chili enlatado. Hambúrgueres. Pizza. E Astrid na cama dela.

Imaginou como seria ficar bêbado. Será que fazia a gente esquecer tudo isso? Ainda havia bastante álcool no LGAR, mesmo que alguns garotos tivessem começado a bebê-lo.

Será que ele poderia impedi-los? Será que deveria se incomodar? Se iam morrer de fome, por que não deixar que bebessem?

Crianças pequenas bebendo rum. Ele tinha visto. Bebendo vodca. Faziam caretas diante do gosto horrível e da queimação, depois tomavam outro gole.

Semana passada houvera intoxicação alimentar, dois garotos divertam alguma coisa que tinham apanhado no lixo. Chegaram cambaleando ao suposto hospital de Dahra, com febre. Quarenta graus. Vomitando. Vomitando a água e o Tylenol que ela havia tentado fazer com que engolissem. Graças a Deus existia Lana, ela os havia salvado, nas por pouco. O poder de Lana funcionava melhor em ferimentos, coisas quebradas.

Haveria mais choques elétricos. Mais incêndios. Mais intoxicações. Mais acidentes. Como o garoto que havia caído do telhado. Caiu da ama de dois andares, e ninguém o viu cair. Sua irmã achou o corpo.

Agora estava enterrado na praça da cidade, perto das vítimas da fca talha.

Caine ainda estava por aí. Drake. Líder da Matilha. Todos ainda estavam por aí, em algum lugar. Sam havia tentado se enganar, acreditando que havia acabado

com eles, até que Drake e seu grupo atacaram a mercearia.

Nos velhos tempos, se você tivesse só um pouquinho de dinheiro, poderia dar um telefonema e, trinta minutos depois, haveria um entregador trazendo uma pizza enorme.

Queijo derretendo, soltando bolhas. Pepperoni gorduroso. Assim. Como se não fosse grande coisa. Ele venderia a alma por uma pizza.

Astrid era religiosa, de modo que provavelmente não estava deitada na cama pensando nele. Quase certamente não. Se bem que, quando se beijavam, ela não parecia que ia se afastar. Ela o amava, disso ele tinha certeza. E ele a amava. De todo o coração.

Mas havia outros sentimentos, além do amor. Meio ligados ao sentimento de amor, mas diferentes.

E comida chinesa. Ah, cara, aquelas caixinhas de papelão branco cheio de frango agri-doce, frango com limão e camarão empanado. Ele nunca havia gostado muito de comida chinesa. Mas era muito melhor do que latas de feijão-manteiga, ervilha malcozida e imitação de tortilhas feitas de farinha, água e óleo e queimadas num fogão.

Alguém provavelmente viria acordá-lo logo, só que ele não conseguia dormir. Eles vinham quase toda noite. Sam, tem alguma coisa queimando. Sam, alguém se machucou. Sam, um garoto bateu com um carro. Sam, pegamos o Orc bêbado quebrando janelas sem motivo.

Não seria: *Sam, a pizza chegou.*

Não seria Astrid dizendo: *Sam estou aqui.*

Sam escorregou para o sono. Astrid entrou. Parou junto à porta, linda com sua camisola transparente, e disse: *Sam, tudo bem, o E.Z. está vivo.*

Mesmo dormindo, Sam soube que era um sonho.

Uma hora depois Taylor simplesmente apareceu, teletransportada para o seu quarto — chamava isso de “ricochetear” — e disse:

— Sam, acorda.

Desta vez não era sonho. Frequentemente era Taylor que trazia as más notícias. Ela ou Brianna, qualquer uma que estivesse disponível. Eram os meios de comunicação mais rápidos.

— O que foi, Taylor?

— Sabe o Tom? Tom O'Dell?

Sam achava que não. Seu cérebro não estava focalizando. Ele não parecia capaz de acordar.

— Pois é, houve uma briga entre o Tom e as garotas que moram na casa ao lado, Sandy e... esqueci o nome da outra. Tom ficou bem machucado quando Sandy acertou ele com uma bola de boliche.

Sam passou os pés pela borda da cama, mas não conseguia manter os olhos abertos.

— O quê? Por que ela acertou ele com uma bola de boliche?

— Ela disse que Tom matou o gato dela. E que depois estava cozinhando o bicho na churrasqueira dos fundos. Essa última parte penetrou no cérebro turvo de Sam.

— Certo. Certo. — Levantou-se e tateou procurando os jeans. Tinha superado a vergonha de ser visto de cueca. Taylor entregou a calça. — Aqui. — Ricocheteie de volta. Diga que estou indo.

Taylor desapareceu, e por um momento Sam tentou dizer a si mesmo que era apenas mais um sonho. Não havia nada, afinal de contas, que ele pudesse fazer com relação a um gato morto.

Mas era seu dever ir até lá. Se começasse a faltar com os deveres, a coisa ficaria ruim.

— Dê o exemplo — murmurou baixinho enquanto se esgueirava em silêncio passando pela porta de Astrid.

OITO | 88 HORAS E 52 MINUTOS

ORSAY PETTIJOHN ESTAVA hipnotizada. Dois garotos, os primeiros seres humanos que ela via em três meses, eram ambos bizarros, assustadores. No caso de um dos garotos, era monstruoso.

Um era uma espécie de demônio com um tentáculo grosso onde o braço direito deveria estar.

O outro... por um momento ela nem soube direito onde o outro estava. Ele apareceu, depois desapareceu.

O garoto com o tentáculo apavorante ficou olhando para o invisível. Não totalmente invisível, percebeu Orsay quando o garoto entrou numa área de luz. Então o garoto com braço de jiboia suspirou, xingou baixinho e abriu a porta meio emperrada de um Toyota que havia saído uns 15 metros da estrada.

O garoto evidentemente queria abrir a janela, mas a bateria estava descarregada. Por isso ele sacou uma arma, apontou para a janela do lado do motorista e disparou. O estrondo foi tão alto que Orsay ofegou. Poderia ter revelado onde estava, mas o som da explosão também camuflou o seu grito.

Orsay se agachou no escuro, na terra, e esperou. O garoto com braço de jiboia certamente iria dormir.

E então a coisa começaria de novo.

No dia em que todo mundo sumiu, Orsay estava morando no posto da guarda no Parque Nacional Stefano Rey.

Tinha ficado pasma. Tinha ficado apavorada.

Também ficou aliviada.

Uns três meses antes tinha começado a implorar ajuda ao pai.

— O que foi? — havia perguntado ele. Estava ocupado examinando uma papelada. Existia muita papelada no serviço de guarda florestal, que não tinha a ver somente com ajudar a encontrar caminantes perdidos e garantir que o pessoal nos acampamentos não pusesse fogo na mata enquanto estivesse tostando marshmallows.

Orsay queria fazer com que o pai prestasse atenção nela. Não uma atenção falsa quando na verdade estava concentrado no trabalho.

— Pai, acho que estou ficando maluca.

Essa declaração lhe rendeu um olhar de dúvida.

— Isso tem a ver com visitar sua mãe? Porque eu já disse, ela ainda não está preparada. Ela ama você muito, mas não está preparada : ira a responsabilidade.

Era mentira, mas bem-intencionada. Orsay sabia sobre o vício da mãe em drogas. Sabia dos períodos que a mãe passava em clínicas de desintoxicação, cada um deles seguido por um período de normalidade em que ela pegava Orsay, colocava na escola e fazia pequenos jantares familiares bem- organizados. Sempre durava apenas a quantidade de tempo normal para que Orsay pensasse: quem sabe, desta vez?, até que de novo encontrava os “trabalhos” da mãe enfiados atrás de um armário ou achava a mãe quase inconsciente, esparramada no sofá.

Sua mãe era viciada em heroína. Era viciada em heroína secretamente havia muito tempo. Tinha fingido bem nos primeiros anos, quando ainda era casada com o pai de Orsay e eles moravam em Oakland. O pai de Orsay trabalhava na sede do serviço de parques regionais.

Mas o vício da mãe piorou cada vez mais, e logo não havia como esconder. Aconteceu o divórcio. A mãe de Orsay não lutou para ficar com a guarda. Seu pai arranhou um emprego no parque nacional Stefano Rey, para ficar longe da cidade e da ex-esposa.

Desde então Orsay tinha levado uma vida solitária. A escola era uma conexão de vídeo uma vez por dia com uma sala de aula que ficava lá em Sunnyvale.

Ocasionalmente fazia amizade de curto prazo com alguma criança que vinha acampar com os pais. Talvez passasse uns dois dias maneiros, nadando, pescando e fazendo caminhadas. Mas nunca mais do que um dia aqui e um dia ali.

— Papai. Estou tentando dizer uma coisa importante. Não tem a ver com mamãe. Sou eu. Tem alguma coisa errada comigo. Tem uma coisa muito, muito esquisita na minha cabeça.

— Querida, você é adolescente. Claro que tem alguma coisa errada na sua cabeça. Se não tivesse você não seria adolescente. E normal começar a pensar em... bem... coisas dif...

E foi então que seu pai simplesmente desapareceu.

Estava ali.

Não estava mais.

Ela achou que estava alucinando. Tinha achado que a loucura a havia dominado de repente.

Mas seu pai havia sumido mesmo. Assim como os guardas Assante, Cruz e Swallow.

Assim como todo mundo no acampamento principal oeste.

A conexão com o satélite estava cortada. Os celulares não funcionavam.

Durante todo aquele primeiro dia ela procurou, mas não havia ninguém. Pelo menos em nenhum dos acampamentos aonde podia chegar com facilidade.

Ficou aterrorizada.

Mas naquela noite havia sentido o silêncio baixar sobre sua mente sofrida. Pela primeira vez em semanas.

As visões assustadoras, sinistras, parecendo uma colcha de retalhos maluca, mostrando pessoas e lugares que ela não conhecia, haviam sumido. No lugar ficou... não a paz, exatamente. Mas o silêncio. Sua mente e seus sonhos eram seus de novo.

Apesar do medo, Orsay dormiu. A realidade havia se tornado um pesadelo, mas pelo menos agora era seu próprio pesadelo.

No segundo dia Orsay caminhou até encontrar a barreira. E então se abe que o que estava acontecendo com ela era real.

A barreira era impossível de ser ultrapassada. Doía tocá-la.

Não havia como ir para o norte. O único caminho aberto era para o sul, na direção da distante cidade de Praia Perdida, a mais de 30 quilômetros.

Orsay havia resistido. Sentia-se desesperadamente solitária, mas, afinal de contas, estava solitária havia muito tempo. E a compensação por sentir a sanidade outra vez quase bastava para equilibrar o isolamento completo.

Achou comida suficiente no depósito e, quando ela acabou, encontrou mais nos acampamentos.

Durante um tempo achou que poderia ser a única pessoa que restava viva. Mas então encontrou por acaso um grupo de garotos andando pela floresta. Eram cinco. Quatro garotos e uma garota, todos mais ou menos da idade de Orsay, a não ser um que era mais novo, de 4 ou 5 anos.

Seguiu-os durante um tempo, ficando fora das vistas. Eles faziam barulho suficiente para serem ouvidos a distância. Não tinham habilidades bem desenvolvidas para andar na floresta, como Orsay.

Naquela noite, quando eles começaram a dormir, Orsay se esgueirou para perto,

imaginando, esperando...

E então a coisa começou.

O primeiro sonho era de um garoto chamado Edilio. Clarões de um dia cheio de ação alucinada: um barco enorme voou pelo ar e despencou na cabeça dele; um hotel em cima de um penhasco; uma corrida em volta de uma marina.

Apinhando-se por trás do sonho de Edilio chegaram visões de um garoto chamado Quinn. Eram sonhos tristes, sombrios e cheios de emoção, com apenas algumas formas escuras para lhes dar vida.

Mas então o menininho, o de 4 anos, caiu num estado REM, e seus sonhos expulsaram os outros. Era como se os sonhos dos outros passassem em TVs pequenas e o sonho do menino fosse em telas de cinema IMAX com som *surround*.

Imagens de uma ameaça terrível.

Imagens de beleza espantosa.

Coisas que de algum modo eram ao mesmo tempo lindas e aterrorizantes.

Nada era lógico. Nada fazia sentido. Mas era impossível não olhar, não havia chance de escapar da cascata de sons, sentimentos. Era como se Orsay tentasse ficar na frente de um tornado.

O menino, Pequeno Pete, tinha visto Orsay. Os que sonhavam costumavam vê-la, mas geralmente não sabiam quem ela era ou por que estava ali. Geralmente a ignoravam como sendo apenas outro elemento absurdo de um sonho aleatório.

Mas o Pequeno Pete havia entrado no próprio sonho e foi até ela. Olhou diretamente para ela.

— Tenha cuidado — disse o Pequeno Pete. — Tem um monstro.

E foi então que Orsay sentiu uma presença escura se esgueirando atrás dela. Uma presença que era como um buraco negro, comendo a luz do sonho do Pequeno Pete.

Havia um nome para a coisa escura. Uma palavra que Orsay não conseguia entender. Uma palavra que nunca havia escutado. No sonho ela havia dado as costas para o Pequeno Pete para encarar a escuridão, perguntar o nome dela. Perguntar o que significava “gaiáfago”.

Mas o Pequeno Pete havia sorrido, só um pouco. Balançou a cabeça dizendo não, como se desse bronca numa criança que estivesse para encostar a mão num forno quente.

E ela acordou, expulsa do sonho como um penetra numa festa.

Agora, meses depois, ainda se encolhia diante da lembrança. Mas também ansiava por ela. Tinha passado todas as noites desde então desejando tocar mais uma vez a mente adormecida do Pequeno Pete. Saboreava os fragmentos que conseguia recordar, tentava sentir a mesma empolgação, mas sempre fracassava.

Estava quase sem comida, só restavam rações militares, aquela comida salgada demais que vinha dentro de um saco, que os soldados e algumas pessoas em acampamentos comiam. Disse a si mesma que ia sair da floresta, finalmente, para conseguir comida. Só pela comida.

Agora Orsay olhava de uma distância segura, escondida pela escuridão, enquanto um monstro da vida real, um garoto com um tentáculo grosso e forte no lugar do braço, se despedia de um garoto que simplesmente desapareceu.

Esperou enquanto ele perdia a luta com o sono.

E então, ah, sim, que visões estranhas!

Drake. Era o nome dele. Ela podia ouvir o eco desse som na cabeça.

Drake Merwin.

Mão de Chicote.

Durante o que pareceu um tempo enorme vagueou por sonhos de dor e fúria. Tinha de se abrigar da agonia física, de lembranças que ficavam inundando os sonhos do garoto.

No sonho de Drake, Orsay viu um garoto diferente, um garoto com olhos penetrantes, um garoto que fazia coisas voarem no ar.

E viu um garoto com fogo saindo das mãos.

Depois viu a garota, a bonita, de cabelos e olhos escuros. E as visões raivosas e ressentidas se viraram para uma coisa ainda pior.

Muito pior.

Durante semanas, antes do grande desaparecimento, Orsay fora torturada por sonhos que não conseguia afastar, muitos deles eram sonhos de adultos, cheios de perturbadoras imagens adultas.

Mas nunca havia entrado num sonho assim.

Estava tremendo. Sentindo-se como se não conseguisse respirar.

Queria afastar os olhos, poupar-se de testemunhar os pesadelos doentios do garoto maligno. Mas era a maldição de seu estado: não tinha poder para bloquear os sonhos. Era como se estivesse amarrada numa cadeira, os olhos abertos à força, obrigada a olhar imagens que a deixavam enjoada.

Só a distância iria protegê-la. Soluçando, Orsay engatinhou para longe, na direção do deserto, indiferente às pedras que cortavam os joelhos e as palmas das mãos.

Os sonhos foram sumindo. Gradualmente Orsay controlou a respiração. Sair da floresta havia sido um erro, um erro terrível.

Tinha dito a si mesma que iria procurar comida. Mas no fundo sabia que existia um motivo mais profundo para deixar a floresta. Sentia falta do som de uma voz humana.

Não, isso também não era toda a verdade.

Sentia falta dos sonhos. Dos bons, dos ruins. Pegava-se ansiando por eles. Precisando deles. Viciada.

Mas isso, não. Isso, não.

Sentou-se com os olhos fechados com força, balançando-se lentamente para trás e para a frente na areia, tentando...

O tentáculo estava em volta dela, apertando-a com força, espremendo o ar para fora dos pulmões antes que ela pudesse ao menos gritar.

Ele estava atrás dela. Seu movimento o havia acordado, ele a havia encontrado, e agora, agora... ah, meu Deus...

Ele levantou-a e fez com que girasse, para olhá-lo. Seu rosto seria bonito se ela não soubesse o que espreitava por trás daqueles olhos gelados.

— Você — sussurrou ele, com a respiração em seu rosto. — Você estava na minha cabeça. Duck havia encontrado o motivo para os sons do oceano. Era de fato o oceano.

Pelo menos era o que parecia. Não podia vê-lo. Aquilo era preto como todo o resto. Mas cheirava a sal. E se movia arfando, como deveria acontecer com a água, rolando até os dedos de seus pés e remando. Mas ele não conseguia ver nada.

Disse a si mesmo que estava escuro do lado de fora, fora da boca da caverna. Por isso não conseguia ver nada. Agora era óbvio que esta uma caverna marítima, aberta na terra pelo movimento constante da água num período de tempo longo,

muito longo. O que significava que tinha de haver uma saída.

Em sua mente visualizou-a abrindo-se para a praia abaixo do Penhasco. Ou em algum lugar próximo. De qualquer modo, a palavra importante era: abrindo-se.

Tinha de ser.

— Você fica falando “tinha de ser” como se isso fizesse ser — disse.

— Não, não fico — reagiu. — Eu estava pensando, não falei em voz alta.

— Fantástico. Agora estou discutindo comigo mesmo.

— Na verdade, não, só estou pensando em voz alta.

— Bom, tente pensar mais e discutir menos.

— Ei, eu estou aqui há... tipo... umas cem horas! Nem sei que horas são. Pode fazer três dias desde hoje.

Abaixou-se e tocou a areia molhada. A água passou sobre seus dedos. Estava fria. Mas, afinal de contas, tudo estava frio. Duck estava com frio havia um bom tempo. Era difícil andar quando não dava para ver aonde estava indo.

Levou os dedos molhados à língua. Definitivamente salgada. Portanto sim, era o oceano. O que significava que sim, essa caverna dava no oceano. O que significava que havia um bom mistério para o motivo pelo qual não conseguia ver nenhuma luz.

Estremeceu. Estava com frio demais. Estava com fome demais. Estava com sede demais. Estava apavorado demais.

E de repente percebeu que não estava sozinho.

O som farfalhante era diferente da água chacoalhando. Muito diferente. Era nitidamente seco. Como alguém esfregando folhas secas.

— Olá? — chamou.

— Não houve resposta — sussurrou.

— Eu sei: eu ouvi. Quero dizer, não ouvi. Tem alguém aí?

O som farfalhante surgiu de novo. Vinha de cima. Depois um som de piados, fracos, mas nítidos. Agora ele não deixava de perceber nenhum som, já que os olhos eram inúteis. Tudo que possuía era a audição. Se algo fazia um som, ele escutava. E algo tinha feito um som.

— Vocês são morcegos? — perguntou.

— Porque, se fossem morcegos, claro que iriam responder.

— Morcegos. Morcegos não são problema — gaguejou.

— Morcegos têm de ter uma saída, não é? Não podem viver numa caverna o tempo todo. Têm de sair voando e... e beber sangue.

Duck ficou imobilizado, esperando o ataque dos morcegos. Não veria, se ele acontecesse. Se os morcegos viessem atrás dele, pularia na água. E. Ou... poderia ficar furioso e afundar no chão e ficar seguro no meio da terra.

— E, grande plano: você se enterrar vivo.

Os morcegos — se eram isso — não demonstraram nenhum interesse em atacá-lo e beber seu sangue. Por isso Duck voltou à questão do que, exatamente, deveria fazer em seguida. Em teoria poderia pular na água e nadar para o oceano.

Em teoria. Na realidade não conseguia ver a própria mão diante do rosto.

Agachou-se num canto seco da caverna, bem longe da água. Numa área que parecia menos povoada por aqueles sons estranhos e farfalhantes.

Abraçou-se e tremeu.

Como tinha ido parar ali? Nunca machucava ninguém. Não era um cara mau, era só um garoto. Como qualquer outro. Só queria usar a internet, brincar com jogos, assistir à TV e ouvir música. Queria ler seus gibis. Não queria ser capaz de afundar no chão.

E afinal, que tipo de poder idiota era esse?

— O Afundador — murmurou.

— O Homem-peso — contrapôs.

— A Broca Humana.

Não havia chance de dormir. Mas dormiu. Na pior noite de sua vida, Duck Zhang ficou entrando e saindo de um pesadelo estranho, dormindo, acordado, e algo intermediário que o fazia imaginar se estaria enlouquecendo lentamente. Sonhou com comida. Num determinado ponto sonhou com uma pizza perseguindo-o, tentando comê-lo. E ele desejando que a pizza conseguisse.

Então finalmente acordou e viu...

Viu!

A luz era fraca, mas suficientemente clara.

— Ei! Estou vendo! — gritou.

A primeira coisa que viu foi que a caverna não se abria para o exterior. A boca da caverna ficava embaixo d'água. Essa era a fonte da az, ela se filtrava pela água verde-azulada. O ar livre não podia estar terrivelmente longe, não mais do que uns 30 metros, talvez, mas ele rena de nadar por baixo d'água para chegar lá.

A segunda coisa que viu foi que a caverna era maior do que tinha imaginado. Ela se alargava e tinha tamanho suficiente para estacionar zinco ou seis ônibus escolares e ainda sobrava espaço.

A terceira coisa que viu foram os morcegos.

Estavam pendurados no teto da caverna. Tinham asas de couro e mandes olhos amarelos que piscavam. Havia milhares, apinhados.

Eles o encaravam.

Foi então que lhe ocorreu: os morcegos não ficavam nas cavernas à noite. Saíam à noite e se escondiam de dia.

Além disso, normalmente os morcegos não eram azuis.

E de repente eles começaram a cair, abrindo as asas. Ele foi envolvido num tornado de couro.

Mergulhou na água. Estava gelada. Fez força para baixo e para a frente. Era muito mais seguro embaixo d'água, mesmo com tubarões, águas-vivas ou...

A água em volta dele se agitou e borbulhou.

Ele gritou formando bolhas.

Milhares de morcegos nadavam ao redor e passando por ele, faziam-no girar num redemoinho, batiam molhados nele com asas que de repente pareciam barbatanas.

Duck engasgou com a água salgada, chutou e bateu os braços nadando em pânico.

Ficou sem ar em quinze segundos. Mas mesmo assim não viu uma saída. Será que deveria voltar?

Parou. Imobilizado. Teria ar suficiente para voltar? E depois? Aprender a viver numa caverna?

Bateu os pés e os braços, sem ter certeza de para que direção ia. Para a frente ou para trás?

Ou estaria simplesmente nadando em círculos?

Por fim subiu. Sua cabeça rompeu a superfície enquanto 10 mil morcegos irrompiam da água ao seu redor, giravam para cima e depois mergulharam de volta no mar, a uns 100 metros de distância.

A praia não estava longe. Ele só precisava nadar até lá. Antes que os morcegos aquáticos voltassem.

— Só não fique furioso — disse Duck, como se batesse papo. — Seria uma hora ruim para afundar.

NOVE | 82 HORAS E 38 MINUTOS

ERA DE MANHÃ. Os ônibus estavam na praça. Edilio atrás do volante de um deles, dando bocejos enormes. E Ellen, a chefe dos bombeiros, atrás do volante do outro. Ellen era uma garota pequena, morena, muito séria. Sam nunca a tinha visto sorrir. Ela parecia uma garota muito capaz, no entanto ainda não fora muito testada. Mas era boa motorista.

Infelizmente nem Ellen nem Edilio tinham muitas crianças para levar.

Astrid estava parada com o Pequeno Pete, oferecendo apoio moral, supôs Sam.

— Acho que não precisamos de dois ônibus — disse Sam.

— Acho que uma minivan daria — concordou Astrid.

— Qual é a desse pessoal? — quis saber Sam, espumando de raiva. — Eu disse que precisávamos de cem crianças e conseguimos trinta? Quinze, talvez?

— Eles são só crianças.

— Nós todos somos só crianças. E vamos ser todos crianças com muita fome.

— Eles estão acostumados a receber ordens dos pais ou dos professores. Você precisa ser mais direto. Tipo: *Ei, garoto, vá trabalhar agora.* — Ela pensou um momento e acrescentou: — *Se não...* — Se não o quê?

— Se não... não sei. Não vamos deixar ninguém passar fome. Se pudermos evitar. Não sei o que é o “se não”. Só sei que você não pode esperar que crianças se comportem automaticamente do modo certo. Quero dizer, quando eu era pequena minha mãe me dava uma estrela dourada quando eu era boa, e tirava um privilégio quando eu não era.

— O que eu deveria fazer? Dizer a trezentas crianças espalhadas em setenta ou oitenta casas que elas não podem assistir a DVDs? Confiscar os iPods?

— Não é fácil bancar o pai de trezentas crianças — admitiu Astrid.

— Não sou pai de ninguém — praticamente rosnou Sam. Outra noite insone, uma dentre tantas, deixara-o de péssimo humor. — Eu deveria ser o prefeito, e não o pai.

— Essas crianças não sabem a diferença. Elas precisam de pais. Por isso procuram você. E Mãe Maria. Até eu, em certa medida.

O Pequeno Pete escolheu esse momento para começar a flutuar. Simplesmente se elevou uns 30 centímetros, ficou pairando, os braços flutuando, os dedos dos pés apontados para baixo.

Sam notou imediatamente. Astrid, não.

— Que diab...

Sam ficou olhando, esquecendo tudo sobre os ônibus vazios.

O Pequeno Pete flutuava. Seu Game Boy onipresente havia caído no chão. Na frente dele, a pouco mais de um metro, algo começou a se materializar.

Não era maior do que o próprio Pequeno Pete. De um vermelho brilhante com enfeites dourados, um rosto de boneca, com olhos mortos, em cima de um corpo parecido com um pino de boliche.

— Nestor — disse o Pequeno Pete, quase feliz.

Sam reconheceu aquilo. Era a boneca russa que ficava na penteadeira do quarto do Pequeno Pete. Na verdade eram várias bonecas ocas, que ficavam umas dentro das outras. Sam não sabia quantas eram. Tinha perguntado uma vez a Astrid. Ela disse que era uma lembrança de Moscou, mandada por um tio durante uma viagem.

O presente deveria ter sido para Astrid, mas o Pequeno Pete havia pego imediatamente. Até deu o nome: Nestor. E como o Pequeno Pete nunca se identificava muito com brinquedos, Astrid deixou que ele ficasse com a boneca.

— Nestor — repetiu o Pequeno Pete, mas agora perturbado, inseguro.

Enquanto Sam olhava, hipnotizado, a boneca russa começou a nadar. Seu rosto liso, laqueado, ondulou. As cores se moveram juntas e formaram novos padrões. O rosto com a pintura fantasmagórica ficou mais sinistro.

Braços cresceram dos lados, parecendo gravetos. Os gravetos engrossaram, ganharam carne, ganharam garras.

E o sorriso pintado da boneca se abriu, revelando dentes afiados como adagas.

O Pequeno Pete estendeu a mão para a imagem, mas a criatura flutuante parecia feita de Teflon: as mãos do Pequeno Pete escorregavam sobre ela, empurravam-na para o lado como alguém que quisesse cutucar uma gota de mercúrio, mas jamais tocando.

— Sem braços — disse o Pequeno Pete.

Os braços da boneca murcharam, encolheram e viraram fumaça.

— Petey. Para com isso — sussurrou Astrid.

— O que é? — perguntou Sam. — Que negócio é esse?

Astrid não respondeu.

— Petey. Banco da janela. Banco da janela. — Esta era uma frase-gatilho que Astrid usava para acalmar o Pequeno Pete. As vezes funcionava. Outras vezes, não. Mas neste caso Sam não achou que o Pequeno Pete estivesse chateado, parecia fascinado. Era uma coisa estranha ver aquele tipo de envolvimento alerta, até mesmo inteligente, no rosto geralmente vazio do Pequeno Pete.

A boca da boneca se abriu. Como se fosse falar. Seus olhos se concentraram no Pequeno Pete. Olhos malévolos, cheios de ódio.

— Não — disse o Pequeno Pete.

A boca se fechou com força. Era de novo uma linha pintada. E os olhos furiosos diminuíram. Viraram pontos pintados de novo.

Astrid fez um som que parecia um soluço, contido rapidamente. Em seguida se aproximou, e sussurrou: “Desculpe”, e deu um tapa com força no ombro de Pete.

O efeito foi imediato. A criatura desapareceu. Pete caiu esparramado na grama marrom.

— Tem certeza de que você deveria... — começou Sam.

O Pequeno Pete era capaz de... bom, ninguém tinha certeza do que ele era capaz de fazer. Tudo que Sam e Astrid sabiam era que o Pequeno Pete era, de longe, o mais poderoso mutante do LGAR.

— Eu tinha de fazer com que ele parasse — disse Astrid, séria. — A coisa vai piorando. Começa com o Nestor. Depois os braços. Depois a boca e os olhos. Como se estivesse tentando ficar viva. Como... — Ela se ajoelhou junto do Pequeno Pete e abraçou-o.

Sam olhou rapidamente para os ônibus. A pergunta em sua mente — será que Pete tinha sido observado? — foi respondida pelos olhares boquiabertos das crianças que tinham os narizes apertados contra as janelas empoeiradas.

Edilio estava definitivamente acordado e vindo rapidamente na direção deles.

Sam xingou baixinho.

— Isso já aconteceu antes, Astrid?

Ela esticou o queixo em desafio.

— Umas duas vezes.

— Você devia ter me avisado.

— Que diab... quer dizer, o que foi aquilo, cara? — perguntou Edilio.

— Pergunte à Astrid — respondeu Sam rispidamente.

Astrid entregou o Game Boy ao Pequeno Pete e colocou-o gentilmente de pé. Manteve os olhos abaixados, não querendo encarar a expressão acusadora de Sam.

— Não sei o que é. É algum tipo de pesadelo acordado, talvez. — Havia uma nítida nota de desespero em sua voz.

— A boneca, a coisa, o que quer que fosse — disse Sam. — Estava lutando com o Pete, e Pete estava lutando com ela. Como se ela tentasse ficar viva.

— É — sussurrou Astrid.

Edilio era a única pessoa que sabia da história do Pequeno Pete. Edilio é que havia recuperado a fita de vídeo da usina nuclear, mostrando o momento do derretimento do núcleo, quando o Pequeno Pete, que estava lá com o seu pai, em pânico e sem compreender, havia reagido criando o LGAR.

Edilio fez a pergunta que estava na mente de Sam.

— Alguma coisa estava lutando com o Pequeno Pete? Cara, quem, se c que, tem poder para atacar o Pequeno Pete?

— Não vamos falar sobre isso com mais ninguém — disse Sam com firmeza. — Se alguém perguntar, só diga que foi algum tipo de...

— Algum tipo de quê? — perguntou Edilio.

— Ilusão de ótica — sugeriu Astrid.

— É, isso vai funcionar — disse Edilio com sarcasmo. Depois deu de ombros. — O pessoal tem outras coisas com que se preocupar. Gente faminta não perde muito tempo com perguntas.

Se outros soubessem da culpa do Pequeno Pete... e de seu poder... de nunca estaria em segurança. Caine faria qualquer coisa para capturar ou matar, o menininho estranho.

— Edilio, ponha todo mundo no ônibus. Pegue uns dois da sua turma e comece a percorrer as ruas residenciais. Vá de porta em porta. Junte o máximo de gente que puder. Encha o ônibus, depois leve para colherem alguns melões ou qualquer outra coisa.

Edilio pareceu em dúvida mas disse:

— Certo, senhor prefeito.

O Astrid, venha comigo. — Sam foi andando, seguido por Astrid e o Pequeno Pete.

— Ei, não comece a ficar todo metido a besta comigo — gritou Astrid às suas costas.

— Eu só agradeceria se você me avisasse quando alguma outra esquisitice acontecesse. Só isso. — Sam continuou em movimento, mas Astrid agarrou seu braço. Ele parou, olhando ao redor cheio de culpa, para ver se ninguém estaria espiando a distância.

— O que eu deveria contar a você? — perguntou Astrid num sussurro tenso. — Que o Pequeno Pete está alucinando? Que está flutuando? O que você iria fazer?

Ele ergueu as mãos num gesto pedindo paz. Mas sua voz não estava menos raivosa.

— Só estou tentando acompanhar os fatos, sacou? É como se eu estivesse participando de um jogo em que as regras vivem mudando. De modo que hoje as regras são tipo... minhocas assassinas e meninos de 5 anos alucinando. Não posso fazer nada a respeito, mas é legal ter alguma informação.

Astrid começou a dizer alguma coisa, mas parou. Respirou algumas vezes para se acalmar. Depois, em voz mais contida, disse:

— Sam, eu achei que você já estava com coisas suficientes nos ombros. Estou preocupada com você.

Ele baixou as mãos dos lados do corpo. Sua voz baixou também.

— Estou bem.

— Não está, não. Você não dorme. Nunca tem um minuto para você mesmo. Age como se tudo que acontece de errado fosse culpa sua. Está preocupado.

— E, estou preocupado. Ontem à noite um garoto matou e comeu um gato. O tempo todo, enquanto me contava isso, ele estava chorando. Soluçando. Ele também tinha um gato. Ele gosta de gatos. Mas estava com tanta fome que agarrou o bicho e...

Sam precisou parar. Mordeu o lábio e tentou afastar o desespero que o dominava.

— Astrid, nós estamos perdendo. Estamos perdendo. Todo mundo está ... — Ele olhou-a e sentiu lágrimas ameaçando brotar. — Quanto tempo vai se passar até que as crianças estejam fazendo coisa pior do que matar gatos?

Como Astrid não respondeu, Sam continuou:

— É, eu estou preocupado. Olhe a praça aí. Imagine daqui a duas semanas. Daqui a duas semanas vai ser que nem Darfur, ou sei lá : cir. se a gente não bolar alguma coisa. Daqui a três semanas... nem quero pensar.

Foi andando para a prefeitura, mas esbarrou em dois garotos gritando um com o outro. Eram irmãos, Alton e Dalton. Estava claro que brigavam havia algum tempo.

Em circunstâncias normais não seria grande coisa — as brigas estouravam o tempo todo —, mas os dois garotos tinham submetralhadoras penduradas nos ombros. Sam vivia com medo de um dos soldados de Edilio fazer alguma coisa idiota com as armas que carregavam. Crianças de 10, 11, 12 anos com armas não formavam exatamente o exército dos Estados Unidos.

— O que foi, agora? — perguntou Sam, ríspidamente.

Dalton apontou um dedo acusador para o irmão.

— Ele roubou os meus confeitos de hortelã.

A simples menção a confeitos de hortelã fez o estômago de Sam roncar.

— Você tinha... — Ele precisou se conter para não se concentrar nas balas. Confeitos! Como Dalton tinha conseguido guardar confeitos? — Resolvam isso — disse Sam, e continuou andando. Então parou. — Espere um minuto. Vocês dois não deveriam estar na usina?

— Não — respondeu Alton. — Nosso turno era ontem à noite, a anos hoje de manhã na van. E eu não roubei a porcaria dos confeitos dele. Nem sabia que ele tinha confeitos de hortelã.

— Então quem roubou? — perguntou o irmão acaloradamente. — Eu comia dois em cada turno. Um no início e um no fim. Comi um quando cheguei lá ontem e contei todos. Tinha sete. E hoje de manhã quando fui comer outro, a caixa estava vazia.

— Já pensou que poderia ser algum outro garoto que estava montando guarda? — perguntou Sam.

— Não — respondeu Dalton. — Heather B e Mike J estavam na guarita. E Josh dormiu o tempo todo.

— Como assim, Josh dormiu?

Os irmãos trocaram olhares de culpa quase idênticos. Dalton deu de ombros. — As vezes o Josh dorme. Não é grande coisa, ele vai acordar se alguma coisa acontecer.

— Josh não olha as câmeras de segurança?

— Ele diz que não consegue ver nada. Não acontece nada, nunca. E que nem fotos da estrada, dos morros, do estacionamento e coisa e tal.

— Nós ficamos acordados. Na maior parte do tempo — disse Alton.

— Na maior parte do tempo. O quanto é isso? — Sam não teve resposta. — Vão andando. Vão embora. E parem de brigar. Você não devia esconder comida, de qualquer modo, Dalton. Benfeito. — Ele queria muito perguntar onde o garoto havia achado os confeitos e se havia mais, porém isso daria a mensagem errada. Mau exemplo.

Mesmo assim, pensou Sam, e se ainda houvesse doces? Em algum lugar? Em algum lugar do LGAR?

O ônibus de Edilio começou a se mover. Ellen estava a bordo e Sam achou que Edilio iria parar e pegar alguns de seus soldados para ajudar na convocação de trabalhadores para as plantações.

Sam podia imaginar as cenas que aconteceriam de casa em casa. Os gemidos. As reclamações. As fugas. Seguidas por um esforço preguiçoso para colher frutas, em grande parte desperdiçado, por parte de crianças que não queriam trabalhar ao sol quente durante horas.

Pensou brevemente em E.Z. Nas minhocas. Albert ia levar Orc à plantação de repolho naquela manhã, para testar a sugestão de Howard, de que ele seria invulnerável. Esperava que isso desse certo.

Por um breve momento ficou preocupado com a ideia de as minhocas terem se espalhado. Mas, mesmo que isso tivesse acontecido, elas certamente não teriam ido até a plantação de melões. Ficava a um quilômetro e meio dos repolhos.

Um quilômetro e meio era uma longa distância a percorrer, se você fosse uma minhoca. — Cerveja — berrou Orc.

Albert entregou a Howard uma lata vermelha e azul de cerveja. Uma Budweiser. Era a maioria da cerveja de Albert, e Orc não parecia ter lealdade por qualquer marca específica.

Howard abriu a lata e estendeu-a pela janela do lado do motorista, esticando o braço para trás. Orc pegou-a enquanto iam pela estrada esburacada.

Orc estava sentado na carroceria da picape. Era grande demais para caber em qualquer coisa menor, grande demais para caber na cabine. Howard estava dirigindo. Albert ia no banco da frente, espremido ao lado de uma grande caixa de isopor. A caixa tinha o logotipo da Universidade da Califórnia em Santa Bárbara. Estava cheia de cerveja.

— Sabe, a gente devia ter curtido mais juntos, nos velhos tempos — disse Howard a Albert.

— Você não sabia que eu existia, nos velhos tempos.

— O quê? Qual é, cara. Existem tipo... uns doze irmãos de cor na escola inteira e eu não notei um?

— Nós temos a mesma cor, Howard. Isso não nos torna amigos — disse Albert com frieza.

Howard gargalhou. — E, você sempre foi CDF. Sempre lendo demais. Pensando demais. Sem curtir muito. O garotinho de família, dando orgulho à mamãe. Agora olha só: você é um figurão no LGAR.

Albert ignorou isso. Não estava interessado em curtir lembranças. Não com Howard, certamente; na verdade com ninguém. O velho mundo estava morto e enterrado. Albert só pensava no futuro.

Como se lesse sua mente, Howard disse:

— Você vive planejando, não é? Você sabe que é verdade. Você é todo objetivo.

— Sou como todo mundo: tentando bolar um jeito de me virar.

Howard não respondeu diretamente.

— Sabe como eu vejo a coisa? O Sam é o chefe. Sem dúvida. Já Astrid e Edilio? Só são alguma coisa porque estão na turma do Sam. Mas você, cara, você é uma coisa especial.

— Que coisa é essa? — perguntou Albert, mantendo o tom neutro.

— Você comanda duas dúzias de garotos, cara. Você é o encarregado da comida. Cá entre nós, sei que você tem comida guardada em algum lugar.

Albert nem ao menos piscou.

— Se eu tenho um depósito secreto de comida, por que estou com tanta fome?

Howard gargalhou.

— Porque você é um carinha esperto, controlado, por isso. Eu sou esperto também. Do meu jeito.

Albert não disse nada. Sabia para onde a conversa estava indo. Não ajudaria Howard a levá-la adiante.

— Nós dois somos espertos. Nós dois somos irmãos de cor numa cidade muito branca. Você com a comida. Eu com o Orc. — Ele sacudiu o polegar na direção do monstro. — Pode chegar uma hora em que você vai precisar de músculos para ir em frente com esses seus planos e sua ambição.

— Albert se virou para encarar Howard, querendo mandar o sinal com clareza, sem ambiguidade.

— Howard?

— O quê?

— Eu sou leal ao Sam.

Howard virou a cabeça para trás e gargalhou.

— Ah, malandro, só estou curtindo com a sua cara. Todos nós somos leais ao Sam. Sam, o surfista lançador de lasers.

Tinham chegado à mortífera plantação de repolhos. Howard parou a picape e desligou o motor.

— Cerveja — berrou Orc.

Albert enfiou a mão no isopor, mergulhando-a na água gelada. Entregou a lata a Howard.

— É a última, até ele fazer algum trabalho.

Howard entregou-a a Orc.

Orc gritou:

— Abre, seu panaca, você sabe que eu não consigo.

Howard pegou a cerveja e abriu. Fez um som parecido com refrigerante, mas o cheiro era azedo.

— Desculpe, Orc.

Os dedos de Orc eram grandes demais para lidar com qualquer coisa delicada. Cada dedo era do tamanho de um salame. Cada junta era feita do que se parecia um bocado com cascalho. Pedras cinza que se encaixavam frouxamente.

Todo o seu corpo, a não ser pelos últimos centímetros quadrados na boca mal-humorada, o lado esquerdo do rosto e um pedacinho da bochecha e do pescoço, eram cobertos — ou feitos — do mesmo cascalho cinza e gosmento. Ele sempre havia sido um garoto grande, mas agora era 30 centímetros mais alto e mais de um metro mais largo.

A minúscula porção humana dele parecia a mais assustadora. Como se alguém tivesse cortado a carne de uma pessoa viva e colado numa estátua de pedra. — Outra — resmungou Orc.

— Não — respondeu Albert com firmeza. — Primeiro vamos ver se você consegue mesmo fazer isso.

Orc rolou da carroceria da picape e se levantou. Albert sentiu todo o veículo balançar para trás e para a frente. Orc veio até a porta e enfiou o rosto hediondo pela janela, forçando Albert a se encolher e agarrar o isopor. — Eu posso pegar a cerveja — disse Orc. — Você não pode impedir. — É, pode — concordou Albert. — Mas você fez uma promessa ao Sam. Orc digeriu isso. Era lento e idiota, mas não a ponto de não entender a ameaça implícita. Orc não queria se meter com Sam.

— Certo. Vou ver essas minhocas. — Orc arrotou e foi bamboleando para a plantação. Estava usando o que geralmente usava, um short de lona muito malcosturado. Albert presumiu que Howard o havia feito para o amigo. Não existiam calças ou camisas do tamanho de Orc.

Howard prendeu o fôlego enquanto Orc pisava firme entrando na plantação. Albert também. Cada detalhe hediondo da morte de E.Z. estava impresso para sempre na memória de Albert. O ataque foi imediato.

As minhocas saíram fervilhando da terra, retorcendo-se com velocidade incrível na direção dos pés de pedra de Orc e se lançaram contra sua carne não natural. Orc parou. Olhou boquiaberto as criaturas.

Virou-se com lentidão cheia de estalos na direção de Albert e Howard, e disse: — Faz cosquinha. — Pegue um repolho — gritou Howard, encorajando.

Orc se dobrou e enfiou os dedos de pedra na terra e pegou um repolho. Olhou-o durante um minuto, depois jogou na direção da picape.

Albert abriu a porta do veículo e se abaixou com cautela na direção do repolho. Recusou-se a descer. Ainda não. Ate que tivessem certeza.

— Howard, preciso de um pedaço de pau ou algo assim — disse.

— Para quê?

— Quero cutucar esse repolho, para ver se não tem nenhuma minhoca.

Na plantação, as minhocas continuavam atacando a criatura cuja carne de pedra fazia seus dentes quebrarem. Orc pegou mais três repolhos. Depois voltou pisando com força.

As minhocas não o seguiram. Na beira da plantação deslizaram de rima de Orc e se enfiaram no solo.

— Cerveja — exigiu Orc.

Albert deu.

Imaginou como Sam estaria se saindo para juntar crianças para trabalhar no campo.

— Não muito bem, acho — murmurou sozinho.

A resposta para o problema da comida era simples, na verdade. As fazendas precisavam de trabalhadores. E os trabalhadores precisavam de motivação. Precisavam ser pagos. Como qualquer pessoa. As pessoas não faziam as coisas só porque era certo: faziam por dinheiro, por lucro. Mas Sam e Astrid eram idiotas demais para ver isso.

Não, não eram idiotas, disse Albert a si mesmo. Sam era o principal motivo para não estarem todos sob o controle de Caine. Sam era fantástico. E Astrid era provavelmente a pessoa mais inteligente do LGAR.

Mas Albert também era inteligente, com relação a algumas coisas. E tinha se dado ao trabalho de aprender, sentado na escura e poeirenta biblioteca da cidade, lendo livros que faziam suas pálpebras baixarem.

— Meu garoto vai precisar de outra cerveja daqui a pouco — disse Howard, bocejando por trás da mão.

— Seu garoto vai ganhar uma cerveja para cada cem repolhos que colher.

Howard lançou-lhe um olhar seco.

— Cara, parece que você pagou essas latas com seu dinheiro.

— Não. Elas são propriedade comunitária. Por enquanto. Mas o valor ainda é uma para cada cem.

Nas duas horas seguintes Orc colheu repolhos. E bebeu cerveja. Howard ficou brincando com um joguinho portátil. Albert pensava.

Howard estava certo sobre isso: Albert havia pensado bastante desde o dia em que entrou no McDonald's abandonado e começou a grelhar hambúrgueres. Por causa disso tinha um bocado de influência na comunidade. E a festa de Ação de Graças que havia organizado e realizado sem nenhuma falha o transformara quase em um herói. Ele não era o Sam, claro; só havia um Sam. Nem era um Edilio, uma Brianna ou qualquer coisa como os grandes heróis daquela batalha terrível entre o pessoal do Caine e a garotada de Praia Perdida.

Mas nesse momento Albert não estava pensando em nada disso. Estava pensando em papel higiênico e pilhas.

Então Orc gritou.

Howard sentou-se empertigado. Pulou do carro.

Albert se imobilizou.

Orc estava berrando, batendo no rosto, na parte ainda humana do rosto.

Howard correu para ele.

— Howard, não! — gritou Albert.

— Elas pegaram ele, elas pegaram ele! — gritou Howard, angustiado.

Orc estava lutando, cambaleando, depois correndo para a picape, com os grandes pés de pedra fazendo pegadas de 15 centímetros de profundidade na terra.

Uma das minhocas estava no seu rosto.

No seu rosto.

Ele tropeçou na beira da plantação e caiu com força em território neutro..

— Me ajuda. Howard, cara, me ajuda! — gritou.

Albert saiu do transe e correu. De perto pôde ver a minhoca. Era uma, mas sua cabeça preta, de cobra, estava enterrada na carne rosada, furando a bochecha de Orc.

De perto Albert podia ver o borrão dos pés com pás impelindo a minhoca para a carne retesada.

Orc estava segurando o rabo da criatura e puxava com força. Mas a minhoca não soltava. Orc puxava com tanta força que parecia capaz de arrancar o resto de sua carne viva da pele de pedra ao redor. Howard agarrou também, e estava

puxando. Chorando, xingando e puxando, apesar do perigo para si mesmo se a minhoca se soltasse Orc e se virasse contra ele.

— Morde ela! — gritou Albert.

— Minha língua! — gemeu Orc, com a fala embolada enquanto a minhoca entrava mais 2 centímetros através da bochecha.

— Morde ela, Orc! — gritou Albert. Então se ajoelhou, e com toda força deu um soco por baixo do queixo de Orc.

Foi como socar uma parede de tijolos.

Albert gritou e caiu de traseiro no chão. Tinha certeza de que a mão estava quebrada.

Orc tinha parado de gritar. Ele abriu a boca e cuspiu a cabeça da minhoca, junto com um bocado de sangue e saliva. O resto da minhoca se soltou. Orc esmagou-a no chão. Havia um buraco de dois centímetros e meio de diâmetro no rosto de Orc.

O sangue escorria pelo pescoço e desaparecia como chuva em terreno seco quando batia na carne de pedra.

— Você me bateu — disse Orc mal-humorado, olhando Albert.

— O irmão salvou sua vida, Orc — respondeu Howard. — O irmão só salvou sua vida.

— Acho que quebrei a mão — gemeu Albert.

— Cerveja — disse Orc.

Howard correu para obedecer.

Orc inclinou a cabeça para trás e apertou a lata até a tampa estourar. O líquido amarelo disparou da lata e jorrou na sua boca.

Pelo menos metade da cerveja escorreu pelo buraco sangrento na bochecha, espumando rosada.

DEZ | 81 HORAS E 17 MINUTOS

— **ELA ESTAVA** no meu sonho, na minha cabeça. Eu vi — disse Drake.

— Você perdeu o pouco de sanidade que tinha — comentou Diana. Estavam no salão de jantar. Ninguém jantava. As refeições na Academia Coates eram algumas latas colocadas para a garotada brigar r elas. Havia crianças que tinham comido capim fervido para aliviar as pontadas da fome.

No salão de jantar cheio de ecos, abandonado, danificado, estavam Caine, Drake, Bug, Diana e a garota que dizia que seu nome era Orsay.

A garota teria uns 12 anos, supôs Diana.

Diana havia notado uma expressão nos olhos da garota. Medo, claro, ela fora trazida por Drake assim que Bug tinha voltado da usina. Mas não era só isso: a garota, Orsay, olhou para Diana como se a tivesse reconhecido.

Não era um olhar bom. A expressão fez os pelos da nuca de Diana se eriçarem.

— Eu nunca tinha visto a garota antes, mas vi no sonho que eu estava tendo. — Drake olhou com ódio para a garota. — Depois acordei e achei ela escondida.

Para Diana aquela era uma sensação incomum: estar num lugar com Drake e não ser o principal objeto do ódio dele.

— Certo, Drake, entendemos — disse Caine. — Antes de tudo isso começar eu teria dito que você estava pirado. Mas agora? — Ele balançou a mão languidamente para Diana. — Diana, leia a garota. Vamos ver.

Diana parou ao lado da garota, que a espiou com olhos apavorados, saltados.

— Não tenha medo. De mim — disse Diana. — Só preciso segurar sua mão.

— O que aconteceu? Por que ninguém me conta? Cadê todos os adultos? Cadê os professores de vocês? — Orsay tinha uma voz com um tremor embutido, como se sempre tivesse sido nervosa e sempre fosse ser.

— Nós chamamos isso aqui de LGAR. Lugar da Galera da Area Radioativa — respondeu Diana. — Você sabe do acidente na usina nuclear naquele dia, certo? Alameda da Radiação?

— Ei, o Caine disse para você ler ela, e não dar uma aula de história — disse Drake rispidamente.

Diana queria discutir, mas a expressão de Orsay, seu ar de terror misturado com pena de Diana, estava deixando-a esquisita. Era como se Orsay soubesse de algo sobre Diana, como se fosse uma médica com um diagnóstico fatal que não tivesse coragem de revelar por enquanto. Diana segurou a mão de Orsay.

Assim que segurou a mão de Orsay, soube qual era seu nível de poder. A questão era se deveria dizer a verdade a Caine. No universo de Caine só havia duas categorias possíveis de mutantes: os que eram inquestionavelmente leais a ele e os que precisavam ser descartados.

Pelo menos Orsay não era uma quatro barras. Se fosse, Diana tinha pouca dúvida de que Caine a teria entregado a Drake.

— Pare de embromar — resmungou Drake.

Diana soltou a mão da garota. Ignorou Drake e falou com Caine.

— Ela é três barras.

Caine sugou o ar e se recostou na cadeira. Observou a garota aterrorizada.

— Fale do seu poder. Conte a verdade, toda, e você vai ficar bem. Se mentir para mim, saberei que nunca vou poder confiar em você.

Orsay olhou para Diana como se ela pudesse ser uma amiga.

— Faça o que ele mandou — disse Diana.

Orsay entrelaçou os dedos. Sentou-se com os joelhos apertados, os ombros comprimidos como se tentasse fazer com que se encontrassem.

— Começou a acontecer há uns cinco meses. Principalmente à noite. Eu achei que estava maluca. Não sabia de onde aquilo vinha. Minha cabeça ficava cheia de imagens e às vezes de sons, pessoas falando, clarões de rostos ou lugares. As vezes eram bem rápidos, só uns segundos. Mas às vezes duravam meia hora, uma coisa depois da outra, loucura, pessoas sendo perseguidas, pessoas caindo, pessoas fazendo... você sabe, tipo sexo e coisa e tal.

Ela olhou para os dedos entrelaçados, sem graça.

— E, a gente sacou, você é toda doce e inocente — zombou Drake.

Diana perguntou:

— Como você percebeu que estava vendo os sonhos dos outros?

— Geralmente só acontecia de noite. E depois, uma noite, eu tive um sonho muito nítido com o rosto de uma mulher, uma mulher legal, ruiva, saca? Mas ela nem

estava por ali, ainda. Chegou na manhã seguinte. Eu não tinha visto ela antes, não na realidade, só no sonho do marido. Foi quando descobri.

— E você estava na floresta esse tempo todo? Deve ter se sentido sozinha. — Caine estava aplicando um pouco de seu sorriso, uma fração de seu charme, colocando-a à vontade.

Orsay confirmou com a cabeça.

— Eu estou acostumada a ficar sozinha.

— Você é boa em guardar segredos? — perguntou Diana. Fez a voz sair casual, mas olhou com intensidade nos olhos de Orsay, esperando que ela captasse a mensagem, esperando que ela soubesse o tamanho do perigo que corria.

Orsay piscou. Ia dizer alguma coisa, depois piscou de novo.

— Eu nunca contei a ninguém o que eu via — disse.

Diana deu de ombros.

— Uma boa espiã precisa ser discreta.

Como Caine ficou inexpressivo, Diana acrescentou depressa:

— Quer dizer, imagino que seja isso que você está pensando. Nós temos o Bug, que pode entrar num lugar, talvez escutar alguma conversa. Mas Orsay pode entrar no sonho das pessoas. — Como a expressão de Caine permaneceu cética, Diana acrescentou: — Imagino como devem ser os sonhos do Sam.

— De jeito nenhum — disse Drake. — De jeito nenhum. Você ouviu o que ela disse, ela capta o sonho de qualquer um que esteja por perto. Isso significa que entra na nossa cabeça também. De jeito nenhum.

— Duvido que ela queira qualquer parte dos seus sonhos, Drake.

Drake desenrolou o braço e enrolou-o numa velocidade de relâmpago em volta de Orsay, que gritou e se imobilizou rigidamente.

— Eu trouxe ela. Ela é minha. Eu digo o que vai acontecer com ela.

— Exatamente o que você quer fazer com ela? — perguntou Diana.

Drake riu.

— Não sei. Talvez eu a cozinhe e coma. Carne é carne, certo?

Diana olhou para Caine, esperando ver algum sinal de repulsa, algum reconhecimento de que Drake estava indo longe demais. Mas Caine apenas assentiu

como se estivesse pensando na reivindicação de Drake.

— Primeiro vamos descobrir qual é o alcance dela, certo? Orsay: a que distância você precisa estar para captar o sonho de alguém?

Orsay gaguejou a resposta, tremendo de medo:

— Só tipo... tipo... da estação da guarda florestal até a parte do acampamento que fica mais perto.

— Que distância é isso?

Ela tentou dar de ombros, mas Drake estava apertando-a, como uma jiboia, aproveitando cada exalação para espremer ainda mais.

— Talvez uns 120 metros — respondeu Orsay.

— A cabana do Mose — disse Diana. — Do campus até lá é o dobro dessa distância.

— Eu disse que não — ameaçou Drake. — Ela entrou na minha cabeça.

— Já sabemos que lá dentro só tem um esgoto — disse Diana.

— Isso não é legal, Caine — reclamou Drake. — Você me deve. Você precisa de mim. Não me sacaneie nesse negócio.

— Não me sacaneie? — ecoou Caine. Aquela era a gota d'água.

Caine saltou de pé, derrubando a cadeira para trás. Levantou as mãos com as palmas para a frente.

— Quer me desafiar, Drake? Eu posso fazer você atravessar a parede até a outra sala antes que você consiga se desenrolar dessa garota.

Drake se encolheu. Começou a responder, mas não teve chance. Caine havia passado de calmo e contido para louco numa fração de arando.

— Seu capanga idiota — rugiu Caine. — Acha que pode me substituir? Acha que se eu estivesse fora do caminho você poderia descer o morro e dominar Sam e o resto? Você nem conseguiria vencer o Orc! Você não é ninguém! — Caine gritava, com o cuspe voando da boca que se movia o mais rápido possível, mas não o suficiente para a fúria havia dentro.

O sangue havia sumido do rosto duro de Drake. Seus olhos ardiam furiosos, o braço estremecia, quase fora de controle. Ele parecia capaz de engasgar na própria fúria represada.

— Eu sou o cérebro! — berrou Caine. — Eu sou o cérebro! Sou o cérebro e o poder, o poder verdadeiro, o quatro barras, o único. Eu sou eu. Eu! Por que acha que a Escuridão ficou comigo durante três dias? Quem você acha... Por que você acha que ela ainda está no meu... no meu...

Houve uma mudança abrupta na voz de Caine. Por um segundo ira como se ele estivesse soluçando, e não tendo um ataque de fúria.

Conteve-se e ajeitou a voz, engoliu em seco. Parecia inseguro e estendeu a mão até o encosto de uma cadeira, para se firmar.

Então viu a expressão que não era exatamente de pena nos olhos de Diana, e sem dúvida o olhar de tubarão, um brilho frio de triunfo no rosto de Drake.

Caine rugiu, um uivo incoerente, lunático. Estendeu as mãos, apontando para os dois lados de Drake.

Houve um som de rachar os tímpanos, pedras se rasgaram, enquanto o piso explodia para cima num gêiser de ladrilhos e terra.

A coluna de pedras e entulho saltou para cima, bateu no teto alto já chamuscado e danificado e caiu de novo, uma chuva de cascalho, enquanto o uivo de Caine silenciava.

O único som eram as pancadas desafinadas, musicais, do entulho caindo.

Caine ficou olhando, vazio. Vazio.

Isso continuou por tempo demais. Porém ninguém ousava falar. Então, como se alguém tivesse virado um interruptor, a expressão de Caine ficou humana de novo. Ele deu um sorriso trêmulo.

— Nós podemos usar essa garota, Drake — disse com calma. Depois, diretamente para Orsay: — Podemos, não é? Podemos usar você? Você vai fazer tudo que eu mandar? E só vai obedecer a mim?

Orsay tentou encontrar a própria voz, mas não conseguiu nem mesmo um sussurro. Assentiu vigorosamente.

— Bom. Porque se algum dia eu duvidar de você, Orsay, vou entregá-la ao Drake. Você não quer isso.

Caine afrouxou o corpo, exaurido. Sem outra palavra foi cambaleando para a porta. Lana deu um tapinha no pescoço grosso de seu cachorro, Patrick.

— Pronto?

Patrick deu seu ganido, aquele que significava: “Anda, vamos logo.”

Lana se levantou e verificou a tira de Velcro que prendia o iPod no braço. Certificou-se de que os fones amarelos estavam no lugar — suas orelhas eram pequenas demais para os fones comuns.

Digitou a lista de músicas chamada de “corrida”. Mas, claro, agora ela não corria de verdade. Correr tornava a fome insuportável. Agora só andava. E não até tão longe como quando corria.

Nos velhos tempos, antes do LGAR, não corria nem andava. Mas isso, como tantas outras coisas, havia mudado. Não existia nada como se arrastar no deserto sem água nem orientação, e depois ficar prisioneira de uma matilha de coiotes rápidos, para fazer alguém pensar que deveria entrar em forma.

Gostava de começar em silêncio. Gostava de ouvir o som dos tênis, quase silenciosos no chão acarpetado do hotel. Depois num volume satisfatório no asfalto.

A rota começava na porta da frente do Hotel Penhasco. Era uma porta automática e ainda funcionava. Era estranho, ainda era estranho, depois de tanto tempo, que o sensor da porta estivesse esperando pacientemente o sinal para abri-la para o mundo exterior.

Do hotel ela descia em direção a Praia da Cidade. Depois atravessava a cidade, mas longe da praça, entrava na autoestrada e completava o círculo voltando ao Penhasco. A não ser que estivesse fraca demais por causa da fome. Nesse caso diminuía o caminho.

Sabia que não devia queimar calorias desnecessárias. Mas não conseguia se impedir. Parar, ficar um dia deitada na cama, seria render-se. Lana não gostava da ideia de se render. Não tinha se rendido à dor, ao Líder da Matilha ou à Escuridão.

Eu não me rendo, disse a si mesma.

Venha para mim. Preciso de você.

Quando passou da entrada do Penhasco e começou a descer a encosta, Lana apertou a tela do iPod e seus ouvidos se encheram com uma música do Death Cab for Cutie.

Mas o que ouvia eram as outras palavras, como um sussurro, como uma segunda trilha por baixo da música.

Não havia andado mais de 100 metros quando duas crianças pequenas a interceptaram, acenando para atrair a atenção.

Pareciam bastante saudáveis. Ela acenou rapidamente e esperou que isso bastasse.

Mas os dois pequeninos se moveram para bloquear seu caminho. Ela parou, ofegando um pouco, mesmo que não devesse estar assim, e tirou os fones de ouvido.

— O que foi? — perguntou ríspidamente.

Houve alguma relutância antes que as crianças pudessem desembuchar:

— Joey tá com um dente mole.

— E daí? Deve estar nascendo um dente novo.

— Mas dói. Você devia consertar as coisas que doem.

— Devia? — ecoou Lana. — Olha, gente, se vocês estiverem sangrando com um talho enorme, podem me incomodar. Não estou aqui para qualquer dor de cabeça, joelho ralado ou dente mole.

— Você é má — disse o garoto.

— É. Sou má. — Lana recolocou os fones no lugar e foi andando, com raiva das crianças e com mais raiva ainda de si mesma por ter gritado com elas. Mas as crianças ficavam atrás dela onde quer que estivesse. Interrompiam quando estava comendo. Incomodavam quando ela se sentava na varanda lendo um livro. Batiam à porta quando estava fazendo cocô.

Quase nunca era uma coisa que precisasse de um milagre. E cada vez mais era assim que Lana estava começando a pensar em seus poderes, como se fossem uma coisa milagrosa. Ninguém tinha explicação melhor.

E os milagres não deviam ser desperdiçados.

De qualquer modo, tinha o direito de possuir vida própria. Não era empregada de ninguém. Era dona de si.

Venha para mim.

Lana mordeu o lábio. Ia ignorar aquilo, a voz, a alucinação, o que quer que fosse.

Ia simplesmente ignorar.

Aumentou o volume da música.

Afastou-se da praia enquanto se aproximava da cidade. Talvez, se andasse mais pelas ruas secundárias... Talvez pudesse variar mais a rota e tornar mais difícil as

peessoas a descobrirem.

Desde que terminasse do mesmo modo: subindo o morro até o Penhasco. Até a parede do LGAR. Não para tocá-la, mas para ficar bem perto dela enquanto ofegava, suave e cuidava da pontada inevitável na lateral do corpo.

Sentia que precisava ver aquela barreira de perto todo dia. Era uma espécie de devoção. Uma pedra de toque. Uma lembrança de que estava ali, e que isso era o agora. Independentemente do que havia sido antes, ela não era mais aquela pessoa. Estava presa nesse lugar e nessa vida. A escolha não era dela: era da parede.

Venha para mim. Preciso de você.

— Não é real! — gritou Lana.

Mas *era* real. Sabia que era real. Conhecia a voz. Sabia de onde vinha.

Sabia que não era capaz de trancar a voz fora da mente. O único modo de silenciá-la era silenciá-la para sempre. Podia ser vítima da voz ou poderia torná-la sua vítima.

Loucura. Loucura suicida. Pulou uma música lenta e passou para uma coisa maníaca. Uma coisa suficientemente alta para banir os pensamentos loucos.

Andou com mais intensidade, mais rápido, quase correndo, balançando os braços e forçando Patrick numa corrida longa para acompanhá-la. Mas não foi suficientemente rápida para ultrapassar uma caminhonete que veio feito louca em sua direção, buzinando sem parar. De novo arrancou os fones de ouvido e gritou: — O que foi? Mas aquilo não era um dente mole ou um joelho ralado.

Albert e Howard desceram. Howard ajudou a tirar Orc da carroceria. O garoto... a criatura... cambaleou como se estivesse bêbado. Provavelmente estava, pensou Lana. Mas talvez ele tivesse uma boa desculpa.

Havia um buraco numa das últimas partes humanas dele, a bochecha. O sangue seco formava uma crosta na bochecha e no pescoço. Um sangue mais fresco, mais vermelho, ainda escorria pelo rosto e o pescoço. — O que aconteceu? — perguntou Lana.

— Uma ezeca pegou ele — respondeu Howard. Estava dividido entre uma espécie de pânico de nível baixo e o alívio por finalmente ter alcançado a Curadora. Segurou o cotovelo de Orc como se ele precisasse da força débil de Howard para sustentá-lo.

— Ele está com a minhoca dentro do corpo? — perguntou Lana, cautelosa.

— Não, nós pegamos a minhoca — garantiu Albert. — Só esperávamos que você pudesse ajudar. — Não quero mais nenhuma pedra em mim — disse Orc.

Lana entendeu. Orc tinha sido um bandidinho quase inofensivo, sem noção de qualquer poder especial, até que os coiotes o pegaram no deserto. Haviam-no mastigado tremendamente. Demais. Pior do que qualquer coisa acontecida com Lana. Todo lugar onde eles haviam mordido se encheu com a cobertura de cascalho que tornava Orc quase indestrutível.

Ele não queria perder o resto de seu corpo humano, o retalho de carne rosada que incluía a boca e parte do pescoço.

Lana assentiu.

— Você precisa parar de ficar se balançando, Orc. Não quero que caia em cima de mim — disse ela. — Sente-se no chão.

Ele sentou-se rápido demais e riu um pouco disso.

Lana encostou a mão no buraco medonho.

— Não quero mais pedra — repetiu Orc.

O sangramento parou quase imediatamente.

— Dói? — perguntou Lana. — Quer dizer, a pedra. Sei que o buraco dói.

— Não. Não dói. — Orc bateu com o punho no braço oposto, com força capaz de despedaçar qualquer braço humano. — Quase não sinto. Até o chicote do Drake, quando a gente lutou, quase não senti.

De repente ele estava chorando. Lágrimas rolavam de olhos humanos para bochechas de carne e pedrinhas.

— Não sinto nada, a não ser... — Ele apontou um grosso dedo de pedra para a carne do rosto.

— E — disse Lana. Sua irritação havia sumido. Talvez seu fardo fosse menor do que o de Orc.

Afastou a mão para ver o progresso. O buraco estava menor. Ainda com crosta de sangue, mas não sangrava mais.

Pôs a mão de volta no lugar.

— Só mais uns minutos, Orc.

— Meu nome é Charles — disse Orc.

— É?

— É — confirmou Howard.

— O que vocês foram fazer na plantação das minhocas?

Howard lançou um olhar ressentido para Albert, que respondeu:

— Orc estava colhendo repolhos.

— Meu nome é Charles Merriman — repetiu Orc. — As pessoas deviam me chamar pelo nome certo às vezes.

O olhar de Lana encontrou o de Howard.

Agora, pensou Lana, ele quer o antigo nome de volta. O valentão que adorava um nome de monstro agora era um monstro de fato, e queria ser chamado de Charles.

— Você está bem melhor — anunciou Lana.

— Ainda é pele? — perguntou Orc.

— É — garantiu Lana. — Ainda é humana.

Lana pegou o braço de Albert e puxou-o para longe.

— O que você fez, mandando que ele fosse para a plantação das minhocas?

O rosto de Albert ficou vazio. Estava surpreso por ser censurado. Por um momento Lana achou que ele diria para ela saltar fora. Mas esse momento passou, e Albert afrouxou-se um pouco, como se o ar tivesse saído de um balão.

— Estou tentando ajudar — respondeu Albert.

— Pagando a ele com cerveja?

— Paguei com o que ele queria, e Sam concordou. Você estava na reunião. Olha, de que outro modo você acha que vai conseguir que alguém como o Orc passe horas trabalhando no sol quente? Astrid parece achar que as pessoas vão trabalhar só porque nós pedimos. Talvez alguns trabalhem. Mas o Orc?

Lana podia entender o argumento.

— Certo. Eu não devia ter pegado no seu pé.

— Tudo bem. Estou acostumado com isso. De repente sou o bandido. Mas sabe de uma coisa? Eu não fiz as pessoas como elas são. Se os garotos tiverem de trabalhar, vão querer alguma coisa em troca.

— Se não trabalharmos, todos vamos morrer de fome.

— É. Sei disso — respondeu Albert, com um leve sarcasmo. — Só que há uma coisa: as crianças sabem que não vamos deixar que elas morram de fome enquanto restar alguma comida, certo? Por isso pensam: ei, vamos deixar outro fazer o serviço. Vamos deixar outros colherem o repolho e as alcachofras.

Lana queria voltar à corrida. Precisava chegar ao fim, correr até a parede do LGAR. Mas havia algo fascinante em Albert.

— Certo. Como você vai conseguir que as pessoas trabalhem?

Ele deu de ombros.

— Pagando.

— Quer dizer, com dinheiro?

— É. Só que adivinha quem estava com a maior parte do dinheiro bolso e nas carteiras quando sumiram? Então algumas crianças roubaram o que restava nas caixas das lojas e coisa e tal. De modo se a gente voltar a usar o dinheiro antigo, só vai fazer com que alguns ladrões fiquem poderosos. É um certo problema.

— Por que uma criança vai trabalhar por dinheiro se sabe que a gente vai dividir a comida de qualquer modo?

— Porque algumas vão fazer coisas diferentes em troca de dinheiro. Quer dizer, olha, algumas crianças não sabem fazer nada, certo? Então colhem a comida em troca do dinheiro. Depois pegam o dinheiro e gastam com alguém que talvez saiba cozinhar a comida para elas, erro? E essa criança talvez precise de um par de tênis e alguma outra criança tenha recolhido todos os tênis e tenha uma loja.

Lana percebeu que estava com a boca aberta. Riu. Pela primeira vez havia bom tempo.

— Ótimo. Ria — disse Albert, e se virou.

— Não, não, não — reagiu Lana rapidamente. — Não, eu não estava curtindo com a sua cara. E só que, sei lá, você é o único que tem algum tipo de plano para alguma coisa.

Albert ficou sem graça.

— Bom, você sabe, o Sam e a Astrid estão trabalhando até não poder mais.

— É. Mas você está olhando à frente. Está pensando em como vamos resolver tudo.

Albert assentiu.

— Acho que sim.

— Bom para você, cara. Preciso ir. O Orc vai ficar bem. Pelo menos dentro do possível.

— Obrigado — disse Albert, e pareceu genuinamente agradecido.

— Ei, deixe eu ver essa mão.

Albert pareceu perplexo. Olhou para a própria mão, inchada e descolorida pelo soco no rosto de pedra de Orc.

— Ah, é — disse Albert enquanto Lana segurava sua mão brevemente. — Obrigado de novo.

Lana recolocou os fones de ouvido e correu alguns passos. Então parou. Virou-se e tirou-os.

— Ei, Albert. O negócio do dinheiro.

— O que é que tem?

Ela hesitou, sabendo que nesse momento talvez estivesse dando início a uma reação em cadeia. Sabendo que era perigoso ao ponto da loucura. Era uma coisa fantasmagórica, como se o destino tivesse intervindo na pessoa de Albert, mostrando a ela o caminho para seu objetivo meio formado.

— Ouro funcionaria? Quer dizer, como dinheiro.

Os olhos afiados de Albert encontraram os dela.

— A gente deveria se reunir para conversar?

— E — respondeu Lana.

— Passe na boate esta noite.

— No quê?

Albert riu. Pescou meia folha de papel no bolso e entregou a ela.

Lana olhou para o papel. Depois para ele. Riu e devolveu.

— Estarei lá.

Começou a correr de novo. Mas seus pensamentos iam assumindo um rumo diferente. Albert estava planejando para o futuro, não simplesmente deixando que ele acontecesse. Essa era a coisa certa a fazer. Planejar. Agir. Não simplesmente

deixar que as coisas acontecessem.

Ela estava certa em planejar.

Venha para mim.

Talvez eu vá, pensou Lana. E talvez você não goste muito quando eu fizer isso.

ONZE | 70 HORAS E 11 MINUTOS

— **MÃE MARIA** quer convocar mais duas pessoas — disse Astrid a Sam.

— Certo. Aprovado.

— Dahra diz que estamos ficando sem Tylenol e Advil infantil, quer saber se pode começar a dar comprimidos de adulto partidos ao meio.

Sam se inclinou para trás na poltrona de couro projetada para um homem adulto.

— Certo. Tudo bem. Aprovado. — Em seguida tomou um gole d'água de uma garrafa. No rótulo estava escrito “Dasani”, mas era água da torneira. Os pratos do jantar — uma horrível sopa de tremoços que cheirava a queimado e um quarto de repolho para cada um — tinham sido empurrados no aparador onde nos velhos tempos o prefeito de Praia Perdida mantinha fotos emolduradas da família. Era uma das melhores refeições que Sam havia recebido ultimamente. O repolho fresco tinha um gosto surpreendentemente bom.

Havia pouco mais do que manchas nos pratos: a época em que a garotada não comia tudo havia acabado.

Astrid estufou as bochechas e suspirou.

— As crianças estão perguntando por que a Lana não está por perto quando elas precisam.

— Só posso pedir a Lana para curar coisas grandes. Não posso exigir que ela esteja disponível 24 horas por dia para cuidar de qualquer bobagem.

Astrid olhou a lista que havia montado no laptop.

— Na verdade acho que esse caso tinha a ver com uma topada no dedão que doía.

— Quantas coisas ainda estão na lista?

— Trezentos e quinze itens. — Como Sam ficou pálido, Astrid cedeu. — Certo, na verdade são só 32. Agora você não fica aliviado por que não são mesmo trezentos?

— Isso é loucura.

— O próximo: os Judson e os McHanrahan estão brigando porque criam uma

cadela juntos, e as duas famílias estão dando comida ao bicho. Eles ainda têm um saco grande de ração, mas os Judson estão chamando a cachorrinha de Doçura e os McHanrahan estão chamando de Bubu.

— Você está brincando.

— Não estou — disse Astrid.

— Que barulho é esse?

Astrid deu de ombros.

— Acho que alguém está com um aparelho de som no volume máximo.

— Isso não vai dar certo, Astrid.

— A música?

— Isso. Essa coisa de todo dia eu ter cem coisas idiotas para decidir. Como se eu fosse o pai de todo mundo. Estou aqui sentado ouvindo que as crianças pequenas estão reclamando porque as irmãs mais velhas fazem elas tomarem banho, e tendo que separar brigas sobre quem é dono de qual fantasia de urso, e agora por causa de nomes de cachorros. Nomes de cachorros?

— Eles são só crianças, ainda.

— Algumas crianças dessas estão desenvolvendo poderes que me dão medo — resmungou Sam. — Mas não podem decidir quem vai ficar com qual toalha especial? Ou se vão assistir a *A pequena sereia* ou *Shrek Três*?

— Não, não podem — disse Astrid. — Eles precisam de um pai. Que é você.

Geralmente Sam cuidava da dose cotidiana de absurdos com equanimidade, ou pelo menos com nada pior do que um bom humor carrancudo. Mas hoje estava achando que finalmente era demais. Ontem havia perdido E.Z. Hoje cedo tinha visto que praticamente ninguém havia aparecido para trabalhar. E Edilio fora obrigado a voltar com uma quantidade ridícula de melões, que mal davam para alimentar o pessoal da creche. Tudo isso seguido por Duck Zhang e uma história maluca sobre cair através do chão até um túnel radioativo o cheio de morcegos aquáticos.

A única pessoa produtiva tinha sido Orc. Havia colhido várias centenas de repolhos antes que as minhocas quase o matassem.

— Que música é essa? — perguntou, com raiva e precisando gritar alguém ou alguma coisa. Foi até a janela e abriu-a. Imediatamente o volume da música, na maior parte um baixo vibrante, aumentou dramaticamente.

A praça estava escura, a não ser pelas luzes da rua e uma luz estroscópica piscando pela janela da frente do McDonald's.

— Que diabo... Astrid veio parar perto dele.

— O que é aquilo? O Albert está dando uma festa? Sam não respondeu. Saiu sem dizer uma palavra, chateado, raivoso e secretamente satisfeito por ter qualquer desculpa para não ter de responder às perguntas idiotas das crianças nem cuidar de seus problemas idiotas.

Desceu a escada de dois em dois degraus. Chegou ao térreo, saindo pela grande porta da frente, ignorando um “olá” do garoto que Edilio havia posto de guarda na prefeitura e descendo os grandes degraus de mármore até a rua.

Quinn estava passando, obviamente na direção do McDonald's.

— E aí, cara — disse Quinn.

— Você sabe o que está acontecendo? — perguntou Sam.

— É uma boate. — Quinn riu. — Cara, você deve estar trabalhando demais. Todo mundo sabe.

Sam encarou-o.

— Uma o quê?

— A McBoate, cara. Você só precisa ter umas pilhas ou algum papel higiênico.

— Esse anúncio deixou Sam pasmo. Pensou em pedir um esclarecimento a Quinn, mas então Albert apareceu, vestido formalmente, como se achasse que fosse o dia da formatura ou algo do tipo. Na verdade estava usando um paletó esporte escuro com calça de um tom mais claro. A camisa era azul-clara, de colarinho, e estava passada a ferro. Ao ver Sam, ele estendeu a mão.

Sam ignorou a mão.

— Albert, o que está acontecendo aqui?

— Na maior parte, dança.

— O quê?

— A galera está dançando.

Nesse momento Quinn passou na frente de Sam para apertar a mão de Albert, ainda estendida. — E aí, cara. Eu tenho pilhas.

— Bom ver você, Quinn. O preço é quatro pilhas grandes, oito tamanho A, dez

tamanho AA ou uma dúzia tamanho palito. Se você tiver de tamanhos misturados, posso dar um jeito.

Quinn enfiou a mão no bolso e pegou quatro pilhas tamanho A e três grandes. Entregou a Albert, que concordou com o preço e jogou as pilhas num saco plástico no chão.

— Certo, as regras são: nada de comida, nem álcool, nem bagunça, nem brigas, e quando eu gritar “acabou”, não tem discussão. Concorda com as regras?

— Cara, se eu tivesse alguma comida ia estar aqui? Estaria em casa comendo.
— Quinn pôs a mão no coração como se estivesse jurando à bandeira e disse: — Concordo. — Em seguida apontou um polegar para Sam. — Não se incomode com ele: o Sam não dança.

— Divirta-se, Quinn — disse Albert, e abriu a porta para deixá-lo entrar. Sam ficou olhando numa perplexidade absoluta. Estava dividido entre o ultraje e a ânsia de rir com admiração.

— Quem disse que você podia fazer isso? — perguntou.

Albert deu de ombros. — A mesma pessoa que disse que eu podia administrar o McDonald’s até a gente ficar sem comida: ninguém. Simplesmente fiz.

— Ótimo, mas você deu a comida de graça. Agora está cobrando ris pessoas. Isso não é legal, Albert.

— Você está tentando lucrar? — Quem perguntou foi Astrid, que havia seguido Sam, com o Pequeno Pete a reboque. Dentro, a música havia mudado de um hip-hop para uma música que, por acaso, Sam adorava: “Into Action”, de Tim Armstrong, cair az de fisgar qualquer um. Se um dia fosse dançar, seria ao som dessa música.

Albert observou Astrid e Sam.

— É. Estou tentando lucrar. Estou usando pilhas, papel higiênico e toalhas de papel como moeda. Cada uma dessas coisas vai começar a faltar daqui a pouco tempo.

— Você está tentando ganhar todo o papel higiênico da cidade? — mirou Astrid. — Está brincando.

— Não, Astrid, não estou brincando. Olha, nesse momento as crianças estão brincando com o papel higiênico. Vi garotinhos jogando rolos pelo gramado como se fossem brinquedos. Assim...

— Assim sua solução é tentar tirar o papel higiênico das pessoas?

— Você preferiria que ele fosse desperdiçado?

— É, na verdade, sim — bufou Astrid. — É melhor do que você ficar com tudo. Você está agindo que nem um babaca.

Os olhos de Albert chamejaram.

— Olha, Astrid, agora as crianças sabem que podem pagar a entrada na boate com isso. De modo que não vão desperdiçar mais.

— Não, elas vão dar todo o papel higiênico que tiverem a você — contratacou ela. — E o que acontecerá quando precisarem?

— Então ainda restará um pouco, porque eu a transformei numa coisa valiosa.

— Valiosa para você.

— Valiosa para todo mundo, Astrid.

— Você está se aproveitando de crianças idiotas a ponto de não saber das coisas. Sam, você precisa pôr um ponto final nisso.

Sam havia se afastado da conversa, com a cabeça cheia da música. Voltou a si.

— Ela está certa, Albert, isso não é legal. Você não pediu permissão.

— Eu não pensei que precisava de permissão para dar às pessoas o que elas precisam. Quer dizer, não estou ameaçando ninguém, dizendo: “Me entreguem seu papel higiênico, me entreguem suas pilhas.” Só estou tocando um pouco de música e dizendo: “Se quiserem vir dançar, isso vai ter um preço.”

— Cara, eu respeito o fato de você ser ambicioso e coisa e tal — disse Sam. — Mas tenho de fechar isso. Você nem conseguiu a permissão, e pior ainda: nem perguntou se podia cobrar das pessoas.

— Sam — disse Albert —, eu respeito você mais do que posso dizer. E Astrid, você é mais inteligente do que eu. Mas não vejo como vocês têm o direito de me fechar.

Para Sam isso foi a gota d'água.

— Certo, eu tentei ser legal. Mas sou o prefeito. Fui eleito, como você provavelmente se lembra, já que acho que votou em mim.

— Votei. E votaria de novo, cara. Mas Sam, Astrid, vocês estão errados nesse ponto. Esta boate é praticamente a única coisa que as crianças têm para se juntar e se divertir. Elas estão sentadas em casa tristes e com medo. Quando estão dançando, esquecem como estão com fome e tristes. O que estou fazendo é uma coisa boa.

Sam olhou Albert com intensidade, um olhar que as crianças de Praia Perdida levavam a sério. Mas Albert não recuou.

— Sam, quantos melões Edilio conseguiu trazer com as crianças que foram arrebanhadas e obrigadas a trabalhar? — perguntou Albert.

— Não muitos — admitiu Sam.

Orc pegou uma picape cheia de repolhos. Antes que as ezecas descobrissem como atacá-lo. Porque nós pagamos ao Orc para trabalhar.

— Ele fez isso porque é o mais jovem alcoólatra do mundo e vocês pagaram a ele com cerveja — disse Astrid rispidamente. — Sei o que você quer, Albert. Quer ficar com tudo e ser um figurão importante. Mas sabe de uma coisa? Este é um mundo novo. Nós temos a chance de fazer dele um mundo melhor. Não precisamos ter algumas pessoas controlando tudo. Ele pode ser justo para todos.

Albert gargalhou.

— Todo mundo pode ficar igualmente faminto. Dentro de uma semana, mais ou menos, todo mundo pode morrer de fome.

Um grupo de crianças estava saindo, empurrando a porta. Sam reconheceu-os, claro. Agora conhecia todo mundo na cidade, pelo menos de vista, se não de nome.

Elas saíram gargalhando, rindo, felizes.

— Ei, grande Sam — disse uma delas.

Outra disse:

— Você devia entrar, cara, está maneiríssimo.

Sam apenas assentiu, cumprimentando.

A decisão não podia mais ser adiada. Fechar a boate ou deixá-la funcionar. Se não fechasse estaria cedendo terreno a Albert e provavelmente teria outra briga idiota com Astrid, que sentiria que ele a havia ignorado.

Não pela primeira vez, ou mesmo pela centésima vez, Sam desejou nunca, jamais, ter concordado em ser o líder de alguém.

Lançou um olhar para o relógio no pulso de Albert. Eram quase nove da noite.

— Feche — disse com firmeza. — Feche. As dez e meia. As crianças precisam dormir.

Dentro da boate Quinn relaxou no ritmo da música. Era um *skapunk*, sem

dúvida. Talvez mais tarde um pouco de hip-hop. Algumas músicas antigas, talvez.

Tinha de tirar o chapéu para Albert: o cara havia transformado o McDonald's numa boa boate. As luzes principais estavam apagadas, só as placas do menu continuavam iluminadas. Mas elas não mostravam Lanches Felizes e combos. Albert as havia coberto com papel de seda cor-de-rosa de modo que produziam uma claridade suave, só o bastante para iluminar o branco dos olhos e os dentes das pessoas quando sorriam.

Hunter — ele era de qual ano, do sétimo? —, estava bancando o DJ. Não era exatamente um profissional, mas era bastante bom. Um cara maneiro, pensou Quinn, apesar do boato de que estava desenvolvendo alguns poderes da pesada. O tempo diria se ele continuaria maneiro ou ficaria arrogante como algumas abominações. Tipo Brianna, que de repente começou a se chamar de “Brisa” e a exigir que todo mundo fizesse o mesmo. Como se fosse uma super- heroína dos quadrinhos. A Brisa. E ele já tinha até gostado dela, antigamente.

Por falar nisso, ali estava ela, dançando feito uma doida, acelerando, os pés voando, subindo e descendo tão rápido que parecia a ponto de começar a voar pelo salão.

Ela vinha dizendo a todo mundo que quisesse ouvir que era mais rápida do que uma bala.

— Agora sou oficialmente mais rápida do que uma bala. Eu e o Super-homem.

Em outro canto o garotinho esquisito chamado Duck estava contando uma história maluca sobre peixes-morcegos e uma cidade subterrânea, ou algo assim.

E havia Dekka, sentada sozinha, balançando a cabeça quase imperceptivelmente ao som da música, olhos fixos em Brianna. Ninguém sabia muita coisa sobre Dekka. Era uma garota da Academia Coates, que tinha sido resgatada da cruel tortura dos blocos de concreto de Caine e Drake. Dekka tinha uma energia especial, dava a sensação de ser forte e pouco perigosa. Havia uma história por ali, pensou Quinn, alguma coisa no passado dela, tipo acontecia com quase todo o pessoal da Coates. A Coates era conhecida como uma escola para crianças ricas e perturbadas. Nem todas eram ricas, nem todas eram perturbadas, mas a maioria tinha problemas sérios.

Quinn passou entre um garoto e uma garota do quarto ano, dançando. Juntos. Quando Quinn tinha essa idade, nunca teria dançado com uma garota como se fossem namorados. Na verdade, ainda não dançava. Mas agora as coisas eram

diferentes, achava. O quarto ano era tipo...tipo a meia-idade ou algo assim. Ele era velho. Velho, velho, velho com quase 15 anos.

O aniversário estava chegando. A questão era: o que ele faria? Ficaria ou saltaria fora?

Na maior parte, desde que Sam havia sobrevivido, os garotos que chegavam aos Quinze Anos Fatais haviam sobrevivido. Sam tinha contado como fazer.

Jack Computador, que naquela época estava com Caine, tinha usado fotografia em alta velocidade para registrar um garoto prisioneiro na Coates chegando ao momento, à ID, a Idade da Destruição. Jack tinha vindo para Praia Perdida contando sobre a gravação, a grande revelação de que, naquele momento fatídico, o mundo da pessoa ficava mais lento, até se arrastar, à medida que a pessoa se aproximava do infinito. E ali, naquele momento, uma criatura tentadora atraía a pessoa, chamava, pedia que ela atravessasse.

Mas a criatura tentadora era uma fraude. Mentirosa. Como um demônio, pensou Quinn, como um demônio. Deu uma trombada de costas em alguém e se virou para pedir desculpa.

— Ei, Quinn. — Era Lana, gritando acima da música de modo que, para Quinn, pareceu quase leitura labial.

— Ah. Ei, Lana. Isso é maneiro, hein? — Ele indicou o salão com um movimento sem graça.

Lana concordou com a cabeça. Parecia meio triste, meio abandonada. O que parecia impossível para Quinn. Lana só estava abaixo de Sam, no status de heroína. E a diferença era que algumas pessoas realmente sentiam uma espécie de ódio por Sam, enquanto ninguém odiava Lana. Sam podia obrigar você a fazer alguma coisa: pegar o lixo, cuidar dos pequeninos na creche, atirar em alguém com uma metralhadora — mas tudo que Lana fazia era curar as pessoas.

— É. É meio maneiro — respondeu Lana. — Mas não conheço ninguém de verdade.

— Corta essa. Você conhece todo mundo.

Lana balançou a cabeça, com pesar.

— Não. Todo mundo me conhece. Ou pelo menos acha que conhece.

— Bom, você me conhece — disse Quinn, e deu uma espécie de riso torto para ela saber que ele não estava tentando ser mais do que era e parecer do nível dela.

Mas não foi assim que ela recebeu. Confirmou com a cabeça, tão séria que parecia a ponto de chorar.

— Sinto falta dos meus pais. Quinn sentiu a pontada súbita, funda, que o acompanhara praticamente o tempo todo na época em que isso havia começado, e agora só sentia umas duas vezes por dia.

— É. Eu também.

Lana estendeu a mão. E, depois de um momento de hesitação perplexa, Quinn pegou-a.

Lana sorriu.

— Tudo bem se eu segurar sua mão e não... você sabe... curar você nem nada?

Quinn gargalhou.

— O que tem de errado comigo é uma coisa que nem você pode curar.

— E depois: — Quer dançar?

— Eu estava esperando para conversar com o Albert, aqui parada tipo há uma hora, e você é a primeira pessoa que me pede isso. É. Eu gostaria de dançar.

A música havia acabado de mudar para um hip-hop, um rap áspero, descaradamente obsceno. Era de alguns anos atrás, mas ainda atraía, e tinha o interesse adicional de ser uma música que ninguém no salão tivera permissão de ouvir três meses antes.

Quinn e Lana dançaram, até bateram os quadris algumas vezes. Então Hunter mudou o clima para uma música moderadamente lenta, sonhadora, de Lucinda Williams.

— Adoro essa música — disse Lana.

— Eu... não sei dançar lento.

— Nem eu. Mas vamos tentar.

Assim os dois se seguraram desajeitados e só ficaram oscilando para um lado e para o outro. Depois de um tempo Lana encostou o rosto no ombro de Quinn. Ele pôde sentir as lágrimas dela no pescoço.

— Essa é uma música meio triste — disse Quinn.

— Você sonha, Quinn?

A pergunta pegou-o de surpresa. Ela devia tê-lo sentido se encolher porque olhou para seu rosto, procurando a explicação nos olhos.

— Tenho pesadelos — respondeu ele. — Com a batalha. Você sabe. A grande batalha.

— Você foi muito corajoso. Salvou aquelas crianças na creche.

— Nem todas — disse Quinn rapidamente. Ficou quieto um momento, voltando ao sonho. — Havia um coiole. E um garoto, certo? E... e... Bom, eu poderia ter atirado nele, talvez... um pouco antes, certo? Mas estava com medo de acertar o garoto. Fiquei com tanto medo de acertar o menininho que não atirei. E depois foi tipo... tarde demais. Saca?

Lana assentiu. Não demonstrou qualquer simpatia, e estranhamente Quinn achou que era uma coisa boa, porque se não fosse você. e se você não tivesse estado lá, e se você não estivesse segurando uma metralhadora com o dedo congelado no gatilho, e se você não tivesse escutado sua voz saindo da garganta num berro parecido com uma artéria aberta, e você não tivesse visto o que ele viu, você não tinha o direito de ser simpático porque não entendia nada. Não entendia nada.

Nada.

Lana somente assentiu e pôs a palma da mão no coração dele e disse:

— Não posso curar isso.

Ele confirmou com a cabeça, lutando contra as lágrimas que tinham vindo... quantas vezes desde aquela noite horrível? Vejamos, três meses, trinta dias num mês, com isso seriam umas mil vezes. Talvez mais. Não menos, se você contasse às vezes em que ele sentira vontade de chorar, mas havia grudado na cara seu sorriso de Quinn todo feliz porque a alternativa era cair no chão soluçando.

— Esse é o meu negócio triste — disse depois de um tempo. — E o seu?

Ela inclinou a cabeça de lado, como se o avaliasse, perguntando-se se queria compartilhar com ele. Logo com ele. O Quinn Inseguro. Quinn Indigno de Confiança. Quinn, que tinha vendido Sam para acabar sendo torturado por Caine e Drake. Quinn, que quase fez com que Astrid fosse morta. Quinn, que só era tolerado agora porque, quando tudo bateu no ventilador na grande batalha, ele finalmente havia se apresentado e puxado aquele gatilho, e...

— Você já encontrou alguém que você não consegue esquecer? — perguntou Lana. — Alguém que você encontra e, depois disso, para sempre é como se fosse uma parte sua?

— Não. — Quinn ficou meio desapontado. — Acho que ele é um cara de sorte.

Lana ficou tão espantada que riu.

— Não. Não é esse tipo de cara. Talvez nem seja um cara. Talvez não... bom, não é um cara como você quer dizer. É mais como se alguém pegasse um anzol, certo? Como se tivesse pegado o anzol e cravado em mim como se eu fosse uma minhoca. Sabe aquela farpa que existe na ponta de um anzol? De modo que não pode ser arrancada sem fazer um buraco enorme em você?

Quinn assentiu sem entender de verdade.

— E então, talvez, o estranho é o seguinte, tá bem: você quase quer que o pescador puxe você. É tipo: certo, você prendeu esse anzol em mim, e dói, mas eu não consigo tirar, estou presa. Então me puxe. Acabe com isso e fique fora dos meus sonhos porque todos são pesadelos.

Quinn ainda não entendia o que ela queria dizer, mas a imagem de um peixe sendo puxado, impotente, ficou com ele. Quinn sabia identificar a desesperança. Só não esperava ouvi-la na boca da pessoa mais amada no LGAR.

O ritmo da música mudou de novo. Chega de música lenta, a garotada queria bombar. Por isso Hunter colocou um techno que Quinn não reconheceu. Ele começou a se mover no ritmo, mas Lana não estava a fim.

Ela pôs a mão no ombro dele e disse:

— O Albert está livre e eu preciso falar com ele.

Ela se virou sem falar mais nada. Quinn ficou com a sensação de que, por mais que seus pesadelos fossem ruins, os da Curadora eram piores.

DOZE | 61 HORAS E 03 MINUTOS

A DISCUSSÃO COM Astrid sobre a boate de Albert não tinha sido bonita.

Na maioria das noites Sam dormia na casa que Astrid dividia com Maria. Esta noite, não. Não era a primeira discussão dos dois. Provavelmente não seria a última.

Sam odiava discutir. Quando somava o número total de pessoas com quem podia conversar de verdade, chegava a duas: Edilio e Astrid. Suas conversas com Edilio eram principalmente sobre assuntos oficiais. As conversas com Astrid costumavam ser sobre coisas mais profundas e mais leves, também. Agora eles pareciam estar sempre falando sobre trabalho. E discutindo sobre isso.

Ele estava apaixonado por Astrid. Queria falar com ela sobre todas as coisas que ela sabia, a história, até a matemática, as grandes questões cósmicas que ela explicaria e ele quase entenderia.

E, para dizer a verdade, queria namorar Astrid. Beijar Astrid, acariciar seu cabelo, tê-la junto ao corpo, às vezes eram as únicas coisas que o impediam de ficar maluco.

Mas em vez de namorar e falar de estrelas ou qualquer outra coisa, eles discutiam. Isso o fazia se lembrar de sua mãe com o padrasto. Não eram lembranças felizes.

Passou a noite na cama encalombada do seu escritório e acordou cedo, antes mesmo de o sol nascer. Vestiu-se e saiu antes que as crianças começassem a vir incomodá-lo com mais problemas.

As ruas estavam silenciosas. Agora geralmente era assim. Algumas pessoas tinham ganhado permissão de dirigir, mas só em tarefas oficiais. De modo que não havia trânsito. Nas raras ocasiões em que surgia um carro ou um caminhão, dava para ouvir muito antes de ver.

Sam escutou um motor. Longe. Mas não parecia um carro.

Chegou ao muro baixo de concreto que definia a borda da praia. Pulou em cima e viu imediatamente a fonte do som. Uma lancha baixa, do tipo que chamavam de voadora, estava se movendo numa velocidade que não seria maior do que a de uma caminhada. Com o alvorecer apenas acinzentando o céu noturno, Sam pôde ver uma silhueta. Tinha quase certeza de que reconhecia a pessoa.

Foi até a beira d'água, pôs as mãos em concha para formar um megafone e

gritou:

— Quinn!

Quinn parecia estar mexendo em alguma coisa que Sam não conseguia ver. Ele gritou de volta:

— E você, brou?

— É, cara. O que você está fazendo aí?

— Espera um segundo. — Quinn se curvou, mexendo em alguma coisa. Depois virou a lancha para a praia. Encalhou a embarcação rasa e desligou o motor. Em seguida pulou na areia.

— O que está fazendo, cara? — perguntou Sam de novo.

— Pescando, brou. Pescando.

— Pescando?

— As pessoas estão procurando comida, certo?

— Cara, você não pode simplesmente decidir que vai pegar um barco e sair pescando.

Quinn pareceu surpreso.

— Por que não?

— Por que não?

— Por que não? Ninguém está usando o barco. Eu achei o material de pesca. E ainda estou fazendo meus turnos de guarda com o Edilio.

Sam não conseguia encontrar palavras.

— Pegou alguma coisa?

Os dentes de Quinn apareceram brancos na escuridão. — Achei um livro sobre pescaria. Só fiz o que diziam nele. — Ele enfiou a mão na lancha e levantou uma coisa pesada. — Aqui. Não dá para ver no escuro. Mas aposto que pesa uns 10 quilos. É enorme.

— Caraca. — Apesar do péssimo humor, Sam riu. — O que é?

— Acho que é um linguado gigante. Não sei bem. Não parece exatamente o peixe que vi no livro.

— O que você planeja fazer com ele?

— Bom — respondeu Quinn, pensativo. — Acho que vou tentar pegar mais alguns, e depois vou comer um bocado, e depois vou ver se troco o que não tiver comido por alguma coisa com o Albert. Você saca o Albert: ele vai bolar algum modo de fritar o peixe no McDonald's e fazer espetinhos de peixe ou sei lá o quê. Estou imaginando se ele ainda tem um pouco de ketchup.

— Não sei se é a melhor ideia.

— Por quê?

— Porque o Albert não dá coisas. Não mais.

Quinn deu um riso nervoso.

— Olha, brou, não diga que eu não posso fazer isso, certo? Não estou prejudicando ninguém.

— Eu não disse que você estava prejudicando alguém. Mas olha, o Albert vai vender esse peixe para quem der o que ele quiser: pilhas e papel higiênico, o que mais ele achar que pode controlar.

— Sam. Eu tenho uns 10 quilos de proteína boa aqui.

— É. E ela deveria ir para as pessoas que não estão comendo o suficiente, certo? Mãe Maria poderia dar um pouco aos pequenos. Eles não estão comendo muito melhor do que o resto de nós, e precisam mais.

Quinn enfiou o dedão do pé na areia molhada.

— Olha, se não quer que eu venda ou troque o peixe com Albert, tudo bem. Mas olha, eu tenho esse peixe, certo? O que deveria fazer com ele? Alguém precisa pôr logo no gelo. Não posso andar pela cidade distribuindo pedaços de peixe, certo?

De novo Sam sentiu a onda de perguntas impossíveis de ser respondidas subindo como uma maré. Agora precisava decidir o que Quinn faria com um peixe?

Quinn prosseguiu:

— Olha, só estou dizendo que posso levar esse peixe e qualquer outro que eu possa pegar até o Albert, e ele tem uma geladeira de tamanho suficiente para manter tudo em condições. Além disso, você sabe como ele é: vai descobrir um jeito de limpar, cozinhar e...

— Certo — interrompeu Sam. — Ótimo. Tudo bem. Dê ao Albert dessa vez. Até eu bolar um tipo de... não sei, algum tipo de regra.

— Obrigado, cara.

Sam se virou e foi voltando para a cidade.

— Você deveria ter ido dançar ontem à noite, brou — gritou Quinn.

— Você sabe que eu não danço.

— Sam, se tem alguém que precisa de uma folga, é você.

Sam tentou ignorar as palavras dele, mas o tom de pena, de preocupação, incomodou-o. Significava que não estava conseguindo manter a mente em segredo. Significava que estava transmitindo seu humor péssimo, de autocomiseração, e isso não era bom. Mau exemplo.

— Ei, brou — gritou Quinn.

— O quê, cara?

— Sabe aquela história maluca que o Duck Zhang está contando? Não o negócio da caverna, mas a parte dos... tá sacando?, dos morcegos-peixes voadores ou sei lá o quê?

— O que é que tem?

— Acho que eu vi uns. Dispararam para fora da água. Claro, estava escuro.

— Certo. Tchau, cara.

Enquanto andava pela praia, Sam murmurou:

— Minha vida virou histórias de pescador e confeitos de hortelã. Algo estava incomodando-o. E não era somente Astrid. Alguma coisa. Alguma coisa a ver com os confeitos de hortelã.

Mas o cansaço dominou-o e dissolveu o pensamento meio formado. Dali a pouco deveria estar na prefeitura. Mais idiotices para enfrentar.

Ouviu Quinn cantando “Three Little Birds”, do Bob Marley, para si mesmo. Ou talvez para Sam.

Então o som do motor de popa recomeçou. Sam sentiu uma intensa pontada de ciúme.

— Não se preocupe — disse Quinn, ecoando a música.

— Eu me preocupo. — Caine?

Não houve resposta. Diana bateu na porta de novo.

— Com fome no escuro — gritou Caine numa voz fantasmagórica, trêmula. —

Com fome no escuro, com fome no escuro, com fome, com fome. — Ah, meu Deus, será que voltamos a isso? — perguntou-se Diana. Durante sua piração de três meses Caine havia gritado, chorado ou tido ataques de fúria de vários modos. Mas essa frase era uma das que se repetiam mais vezes. *Com fome no escuro.*

Empurrou a porta. Caine estava se sacudindo na cama, o lençol enrolado no corpo, braços se debatendo contra alguma coisa invisível.

Caine havia se mudado da cabana de Mose para o bangalô que tinha sido da diretora da Academia Coates com o marido. Era um dos poucos espaços ainda não danificados, não destruídos, na Coates. O quarto tinha uma cama grande, confortável, com lençóis macios de cetim. Nas paredes havia gravuras do tipo que as pessoas bem de vida compravam na Galeria Z.

Diana foi rapidamente até a janela enquanto Caine soltava os bichos de novo, uivando feito uma alma perdida sobre a fome na escuridão. Ela levantou as persianas, e a luz pálida do sol da manhã clareou o quarto.

Caine sentou-se de repente.

— O quê? — perguntou. Em seguida piscou várias vezes e estremeceu. — Por que você está aqui?

— Você estava fazendo aquilo de novo.

— Fazendo o quê?

— “Com fome no escuro.” É um dos seus maiores sucessos. As vezes você muda para “Com fome na escuridão”. Você murmurou, gemeu, gritou durante semanas sem fim, Caine. Escuridão, fome e aquela palavra: “gaiáfago”. — Ela sentou-se na beira da cama. — O que isso tudo significa?

Caine deu de ombros.

— Não sei. — A Escuridão. Drake também fala sobre ela. A coisa que está lá no deserto. A coisa que deu aquele braço a ele. A coisa que mexeu com sua cabeça.

Caine não disse nada.

— É algum tipo de monstro, não é? — perguntou Diana.

— Algum tipo — murmurou Caine.

— É algum garoto mutante ou algo assim? Ou tipo os coiotes, algum tipo de animal mutante?

— Ela é o que é — respondeu Caine rapidamente.

— O que ela quer?

Caine olhou-a cheio de suspeitas.

— Por que você se importa?

— Eu vivo aqui, lembra? Preciso viver no LGAR junto com todo mundo. Por isso tenho interesse em saber se alguma criatura maligna está usando todos nós para alguma...

— Ninguém me usa — reagiu Caine bruscamente.

Diana ficou em silêncio, deixando a raiva dele se esvaír. Depois:

— Ela mexeu com você, Caine. Você não é mais você.

— Você mandou o Jack avisar ao Sam? Mandou ele contar ao Sam como sobreviver ao puf?

A pergunta pegou Diana despreparada. Foi necessário todo o seu autocontrole para manter o medo longe do rosto.

— É isso que você acha? — Ela conseguiu dar um sorriso torto. — Então é por isso que estou sendo seguida aonde quer que vá.

Caine não negou.

— Estou apaixonado por você, Diana. Você cuidou de mim nesses três meses. Não quero que você se machuque.

— Por que está me ameaçando?

— Porque eu tenho planos. Tenho coisas que preciso fazer. Preciso saber de que lado você está.

— Estou do meu lado. — Era a resposta honesta. Não confiava em si mesma para convencê-lo de uma mentira. Se ele pensasse que ela estava mentindo...

Caine assentiu.

— É. Ótimo. Esteja do seu lado, respeito isso. Mas se eu descobrir que você está ajudando o Sam...

Diana decidiu que era hora de demonstrar raiva.

— Escute, sua paródia de ser humano, eu tive a opção. Sam me ofereceu essa opção depois que encheu você de porrada. Eu poderia ter ficado com ele. Seria a opção inteligente. Eu estaria a salvo do Drake. E não teria de aguentar você tentando passar a mão em mim sempre que se sente sozinho. E definitivamente estaria

comendo melhor. Escolhi ficar com você.

Caine sentou-se mais empertigado. Inclinou-se na direção dela. Seus olhos deixavam claras as intenções.

— Ah, lá vamos nós. — Diana revirou os olhos.

Mas quando ele a beijou, ela deixou. E depois de alguns segundos de indiferença de pedra devolveu o beijo.

Então ela pôs a mão no peito nu de Caine e empurrou-o de volta no travesseiro.

— Já chega.

— Não chega, mas acho que vou ter de aceitar isso.

— Estou saindo — disse Diana. E foi para a porta.

— Diana?

— O quê?

— Preciso do Jack Computador.

Ela se imobilizou com a mão na maçaneta.

— Ele não está no meu quarto.

— Escute, Diana, e não diga nada. Certo? Estou dizendo: não diga nada. Só vou fazer essa oferta uma vez. Anistia. O que aconteceu com você, Jack e Sam, está esquecido, se... se você me conseguir o Jack. O que passou, passou. Mas preciso do Jack. Preciso dele logo.

— Caine...

— Cale a boca — sibilou ele. — Faça um favor a si mesma, Diana. Não. Diga. Nada.

Ela engoliu a resposta raivosa. Não dava para se equivocar com a ameaça na voz dele. Caine estava falando sério. Desta vez, estava.

— Traga o Jack para mim. Use qualquer coisa que você queira. Use o Bug. Use até mesmo o Drake. Use o Líder da Matilha, se isso for ajudar. Não me importa como seja feito, mas quero o Jack dentro de dois dias. A começar de agora.

Diana lutou para conseguir a próxima respiração.

— Dois dias, Diana. Você sabe o que é o “se não”.

Albert estava supervisionando um garoto de sua equipe que varria a boate. Ao mesmo tempo lia sobre o ponto de fusão de vários metais — chumbo e ouro, especialmente ouro — quando Quinn empurrou um carrinho de mão para dentro do McDonald's.

No carrinho estavam três peixes. Um era muito grande, para um peixe. Os outros dois pareciam mais na média.

O segundo pensamento de Albert foi que isso era uma oportunidade.

Seu primeiro pensamento era que estava com fome e sem dúvida gostaria de um pedaço de peixe frito. Até mesmo cru. A força das pontadas de fome o pegou desprevenido. Tentava ignorar a fome, comendo muito pouco e garantindo que sua equipe estivesse o mais bem-alimentada possível, mas quando um cara entrava com peixes de verdade...

— Uau — disse Albert.

— É. Maneiro, não é? — respondeu Quinn, sorrindo para seus peixes como um pai orgulhoso.

— Estão à venda?

— É. Menos o que eu puder comer. Além disso temos de mandar um pouco para Maria dar aos pequenos.

— Claro — concordou Albert. E avaliou. — Não tenho nada que possa usar para fazer massa de empanado. Mas posso passar em um pouco de farinha para ficar meio crocante.

— Cara, eu comeria cru — disse Quinn. — Mal consegui trazer até aqui sem dar uma mordida.

— O que você quer pelos três? — perguntou Albert.

Quinn ficou obviamente pasmo.

— Não sei, cara.

— Certo. Que tal isso: você ganha passe livre na boate. Além disso ganha todo o peixe que conseguir comer. E eu lhe devo um grande favor no futuro.

— Um grande favor?

— Grande — confirmou Albert. — Olha, eu estou fazendo umas coisas. Tenho uns planos. Na verdade gostaria que você me ajudasse com os planos.

— Ahã — disse Quinn, cético.

— Estou pedindo para você confiar em mim, Quinn. Você confia em mim e eu confio em você.

Albert sabia que obteria resultado. Confiança era a última coisa que alguém ofereceria a Quinn.

Albert mudou de assunto, só um pouco.

— Como você pegou esses peixes, Quinn?

— Ah, bom, não é muito difícil de bolar. Usei uma rede para pegar uns peixes pequenos, você sabe, do tipo que não dá para comer. Depois usei eles como iscas. A gente pega os peixinhos nas piscinas que se formam na maré e na água rasa. Tem muito equipamento de pesca e barcos. Depois a gente só precisa ser muito, muito paciente.

— Isso pode ser grande — disse Albert, pensativo. E depois: — Certo, tenho uma proposta para você.

Quinn riu.

— Estou ouvindo.

— Tenho 24 caras na minha equipe. Na maior parte das vezes eles guardam a mercearia e transportam comida. Mas a verdade é que não resta muita coisa para vigiar ou transportar. Então...

— Então?

— Então vou te dar seis dos meus melhores. Os seis caras mais confiáveis que eu puder arranjar. Você os leva e ensina a pescar.

— É? — Quinn franziu a testa, ainda sem entender.

— E você e eu seremos sócios no negócio de pesca. Divisão setenta/trinta. Eu lhe dou os trabalhadores, transporto o peixe, conservo no gelo, preparo, distribuo. E de tudo que a gente conseguir eu fico com setenta por cento e você leva trinta.

Quinn arqueou uma sobrancelha.

— O quê? Por que você ganha setenta por cento?

— Eu pago todo mundo que trabalha. Seus trinta por cento são só para você.

— São trinta por cento de nada.

— Talvez. Mas não por muito tempo. — Albert riu e deu um tapa no ombro de Quinn. — Você precisa manter a esperança, cara. As coisas estão melhorando.

Temos peixe. Mãe Maria sentiu o cheiro antes de ver.

Peixe. Peixe frito.

As crianças também sentiram.

— Que cheiro é esse? — gritou Julia, e correu, com o rabo de cavalo voando atrás.

Houve quase um tumulto. Crianças pequenas se amontoaram em volta de Quinn, que estava carregando o peixe frito empilhado numa bandeja do McDonald's coberta com um guardanapo.

— Certo, certo, certo, todo mundo vai ganhar! — gritou Quinn.

Maria não conseguia se mexer. Sabia que deveria, sabia que tinha de impor a ordem, mas o cheiro a havia paralisado.

Felizmente, Francis — que havia feito uma tremenda cena dizendo que odiava trabalhar na creche — tinha decidido depois do primeiro dia que não se importaria em trabalhar no segundo. E depois no terceiro. Estava se tornando um funcionário regular. Assim que havia superado a pose, provou que era realmente bom com as crianças.

— Certo, criaturinhas! — gritou Francis. — Para trás. Para trás, devagar, para longe da comida.

— Desculpe, acho que eu deveria ter avisado que vinha — disse Quinn sem jeito, enquanto vadeava num mar de crianças e segurava o peixe acima de dezenas de mãos que tentavam agarrar.

Maria torceu os dedos juntos enquanto via Francis e os outros ajudantes colocando as crianças em fila. O cheiro do peixe era inacreditável. Fazia seu estômago roncar. Fazia sua boca se encher de água.

Fazia-a enjoar.

— Certo, pessoal, temos 32 pedaços — disse Quinn. — Como vocês querem fazer isso?

Francis olhou para Maria, mas ela não conseguiu responder. Era como se estivesse imobilizada.

— Todo mundo começa com meio pedaço — decidiu Francis. Depois alertou: — E quem quiser pegar mais vai ficar sem nada.

— Maria, tem o bastante para você e seus funcionários também — disse Quinn.

Maria confirmou com a cabeça. Não podia. Para ela, não. Para os outros, sim. Claro.

— Você está legal? — perguntou Quinn.

Maria trincou os dentes e forçou um sorriso trêmulo.

— Claro. Obrigada por ter trazido isso. As crianças não comeram... elas precisam da proteína... elas...

— Certo — disse Quinn, obviamente sem jeito.

— Guarde um pouco para os bebês — pediu Maria a Francis. — Vamos fazer um purê no liquidificador.

Os sons de mastigação encheram a sala. Muitas daquelas crianças provavelmente odiavam peixe. Nos velhos tempos. Até mesmo duas semanas antes teriam torcido o nariz. Mas agora? Ninguém dispensaria proteína. Sentiam a necessidade por dentro. Seus corpos ordenavam que comessem.

Mas o corpo de Maria ordenava que não comesse.

Seria um pecado, disse a si mesma. Um pecado consumir o peixe só para vomitá-lo mais tarde. Não podia fazer isso com os pequeninos.

Maria tinha consciência de algo errado em seu comportamento. Estava cercada por fome que as crianças não podiam evitar, e somente ela era a causa de sua própria fome. Um alerta soou, mas distante, praticamente inaudível. Como alguém gritando para ela a dois quarteirões de distância.

— Anda, Maria, você precisa experimentar isso — insistiu Francis. — E incrível.

Incapaz de responder, Maria se virou, em silêncio, e foi para o banheiro perseguida pelos sons úmidos de crianças famintas.

TREZE | 45 HORAS E 36 MINUTOS

SAM BATEU À porta da frente. Geralmente não fazia isso. Astrid tinha dito muitas vezes que ele podia simplesmente entrar.

Mas bateu assim mesmo.

Ela demorou um tempo para atender.

Devia ter acabado de sair do chuveiro. Astrid malhava depois do jantar, quando o Pequeno Pete geralmente gostava de assistir a DVDs. Seu cabelo louro estava grudado no pescoço, com mechas cobrindo em olho e dando um ar vagamente pirata. Estava usando um roupão e segurando uma toalha.

— E aí. Voltou se arrastando, não é? — disse Astrid.

— Ajudaria se eu estivesse de quatro?

Astrid pensou um momento.

— Não. A expressão abjeta é suficiente.

— Não vi você o dia inteiro.

— Seria de surpreender se tivesse visto. Eu não estava interessada em ser vista.

— Devo entrar?

— Está perguntando se deve entrar? “Posso” significa capacidade. “Devo” é mais adequado quando a questão é de submissão.

Sam sorriu.

— Você sabe que me deixa fissurado quando faz isso.

— Ah, é? Talvez eu deva continuar explicando que os dois são verbos auxiliares modais. Quer que eu explique melhor o que é isso?

— É melhor não. Não consigo suportar excitação demasiada.

Sam envolveu-a com o braço, puxou-a para perto e deu-lhe um beijo nos lábios.

— Seu molenga — provocou ela quando se afastou. — Bom, entre. Tenho um delicioso quiabo em lata, uma tortilha queimada feita em casa, meio repolho do Orc que sobrou do jantar, se você estiver com fome. Se enrolar a tortilha em um pouco de repolho picado e um pouquinho de quiabo e colocar no micro-ondas por trinta

segundos vai ter uma coisa realmente nojenta, mas meio saudável.

Sam entrou e fechou a porta. O Pequeno Pete estava acampado diante da TV assistindo a um DVD de *O Grinch*. Jim Carrey, completamente escondido pela maquiagem, estava esfregando as mãos animadíssimo. — Foi um presente de Natal dele — explicou Astrid. — Eu lembro — disse Sam.

O Natal não tinha sido um momento fantástico para ninguém. Natal sem pais. Sem irmãos mais velhos. Sem avós. Sem todos os parentes esquisitos que você só via nas festas de fim de ano.

Os pais de Astrid tinham uma árvore artificial que Sam encontrou no sótão e puxou para baixo, para montar. Ainda estava armada, se bem que eles haviam tirado os enfeites e colocado de volta em caixas.

Todo mundo tinha feito o possível. Albert havia feito uma festa, mas nada que se comparasse à sua grande produção do Dia de Ação de Graças. No Natal não havia tortas nem biscoitos, e frutas ou legumes frescos estavam totalmente no passado meio esquecido. — Não podemos brigar por causa de... você sabe... política — disse Sam.

— Quer dizer que você quer que eu concorde com você em tudo? — perguntou Astrid, a voz sinalizando a disposição para recomeçar.

— Não. Quero que você diga o que pensa. Preciso de você. Mas esse é o ponto: eu preciso de você. De modo que, quando a gente discorda, não dá para ficar com raiva um do outro. Como pessoas, saca? Astrid parecia pronta para argumentar. Em vez disso soltou uma respiração longa, cansada.

— E, está certo. Já temos problemas suficientes.

— Maneiro — disse ele.

— Você dormiu a noite passada? Parece cansado.

— Acho que estou. O dia foi longo. Ei, sabia que o Quinn está pescando? Pegou um negócio grande hoje de manhã.

— Não sabia. Isso é bom. — Ela pareceu perturbada. — Deveríamos ter pensado nisso. Quer dizer, em pescar.

— Acho que não vamos pensar em tudo — disse Sam, cansado. Esse era o problema em ter uma pessoa no comando. Os outros esperavam que você tivesse todas as respostas. Paravam de pensar sozinhas em respostas. Quinn havia aberto uma nova possibilidade sozinho. E agora estava procurando ajuda com Albert, e não com Sam.

— O que ele está fazendo com o peixe?

— Mandamos um bocado hoje para a creche. Pelo menos arranjamos um pouco de proteína para os pequenos.

— Um bocado? — Ela levantou uma sobrancelha. — O que o Quinn está fazendo com o resto? Espero que não esteja guardando.

— Ele está... — Sam parou. A última coisa que desejava era discutir sobre Quinn, Albert e peixes. — Na verdade, podemos falar disso amanhã? O importante é que os pequeninos comeram proteína hoje. Será que podemos ficar felizes com isso?

Astrid pôs a mão na bochecha dele.

— Vá para a cama.

— Sim, senhora.

Ele cambaleou escada acima, sentindo-se melhor do que estivera o dia inteiro. Passou por Maria, que vinha descendo.

— Ei, Maria. Vai voltar ao trabalho?

— O que mais eu iria fazer? — disse ela. — Desculpe, isso foi um pouco grosseiro.

— Se você *não* puder ser grossa, quem vai poder? Mas, ei, você está comendo alguma coisa?

Maria pareceu levar um susto.

— O quê?

— Fiquei pensando se você tem comido o suficiente. Você perdeu um bocado de peso. Quer dizer, não me leve a mal, você está bem.

— Obrigada — conseguiu dizer ela. — Eu... é... É, estou comendo bem.

— Comeu o peixe hoje de manhã?

Mary confirmou com a cabeça.

— Comi. Estava ótimo.

— Certo. Tchau.

Sam usava um quarto que tinha sido de hóspedes. Era bem legal, tinha banheiro próprio, com jogos de toalhas muito macias. Ele mantinha o quarto bem-arrumado e limpo porque, de algum modo, ainda não era seu quarto. Não conseguia imaginar

que algum dia fosse seu quarto. Essa casa pertencia a... bom, essa era uma boa questão. Mas certamente não era sua.

O que não o impediu de se enfiar entre os lençóis e passar quase imediatamente da consciência agitada para o sono.

Mas não havia paz em seus sonhos. Sonhou com a mãe. Só que no sonho ela não era realmente sua mãe, não era a pessoa de verdade. Era a criatura que o havia chamado no meio do que teria sido o puf.

Feliz aniversário de 15 anos, Sam, agora saia do LGAR para... para o que ninguém sabia o que era.

Uma espécie de ilusão. Ver o que você queria ver. E, no entanto havia parecido tão real naquele dia! No sonho, Sam reviveu o momento.

Viu Caine, seu gêmeo fraterno, dentro de um círculo de luz ofuscante. Viu a mãe dos dois. E viu uma garota, talvez de 12 anos, magra, com um rabo de cavalo grosso. Imaginou, vagamente, quem seria a garota. Não houvera nenhuma garota durante o puf. Pelo menos não “entro da distorção. Nenhuma garota.

Mas agora esse sonho estava se dissolvendo em outro. Sam estava parado abaixo dos degraus na frente da prefeitura e havia latas de conserva grandes, do tamanho de lixeiras, rolando escada abaixo. Começou com uma lata de feijões. Depois outra. Depois uma lata de ravióli. As latas começaram a descer mais rápido, e agora Sam estava tentando subir os degraus, mas não conseguia, porque sempre que levantava um dos pés para colocá-lo no degrau acima, encontrava outra lata rolando em sua direção.

Então veio uma cascata de latas pequenas, quase como insetos correndo em volta de seus pés. Ele estava tropeçando, escorregando numa cascata de latas, incapaz de se levantar.

No sonho ele levantou os olhos e viu uma garota, a mesma de novo. Um monte de cabelos castanhos puxados num rabo de cavalo. A garota. Ela estava no topo da escada. Mas não estava jogando as latas.

As latas se transformaram em confeitos de hortelã. Enlatados, estranhamente, mas com o rótulo familiar. Latas rolando, caindo e fazendo Sam tropeçar, e agora Sam estava enterrado embaixo delas.

Percebeu alguém parado junto dele. Não era uma pessoa, era um inseto de forma indistinta.

O inseto gigante pegou uma embalagem de confeitos de hortelã, que agora não

era uma lata, e sim uma caixa grande, como as originais.

Sam acordou de repente.

Astrid estava sacudindo-o, gritando no seu rosto, com medo.

— Acorda!

Ele se levantou num instante, quase derrubando-a.

— O que foi?

— O Petey — gritou Astrid.

Seus olhos estavam arregalados de medo.

Sam correu para o quarto de Pete. Parou no corredor do lado de fora. A porta estava aberta.

Pete estava na cama. Não estava se mexendo. Tinha os olhos fechados. O rosto em paz. Estava dormindo. Mas Sam não conseguia imaginar como ele conseguia dormir, porque o quarto ao redor de Pete estava cheio de monstros.

Literalmente cheio. De parede a parede. Até o teto.

Monstros. Uma centena de monstros de pesadelo. Deslizavam saindo de baixo da cama. Arrastavam-se para fora do armário. Flutuavam como se fossem balões de gás. Como se todo um desfile de alegorias monstruosas tivesse flutuado para dentro do quarto do Pequeno Pete. Mas em vez de um Shrek de desenho animado ou do Gato de Botas havia coisas muito mais sinistras.

Um dos menores tinha três pares de asas roxas, tentáculos pendurados na barriga, uma cabeça parecida com a ponta de uma seringa com olhos vermelho-sangue empoleirados em cima.

O maior era uma monstruosidade peluda parecendo um urso com espetos de 30 centímetros nas pontas das patas.

Havia criaturas feitas totalmente de arestas afiadas, como se tivessem sido montadas com navalhas e facas de cozinha. Havia criaturas de magma luminoso. Havia criaturas que voavam e outras que deslizavam.

— Como no outro dia? Na praça? — perguntou Sam num sussurro trêmulo.

— Não, olhe: eles têm sombra — disse Astrid ansiosa. — Estão fazendo sons. Fedem.

O grande monstro peludo mudou de forma enquanto eles olhavam. O pelo

marrom clareou até ficar branco, depois mudou subitamente para verde.

Sua boca se mexeu.

Abriu-se.

Um som saiu, como um gato estrangulado. Um miado fantasmagórico.

Então a boca se fechou com um estalo audível. Derreteu e desapareceu sob pelos novos que nasciam.

— Ele estava tentando falar — sussurrou Astrid.

Uma criatura cor de mostarda, com forma vagamente canina, careça de picareta, antenas e dois tubos montados na cabeça sem olhos estava mudando de forma enquanto flutuava. Seus pés se alteravam, mudando de meras pás para lanças afiadas, com farpas parecidas com as de anzol. As farpas estalavam abrindo-se e fechando-se. Como se a criatura treinasse com elas, descobrindo seu uso.

E então, com a forma finalmente determinada, ele também tentou ralar. Desta vez o som foi menos coerente ainda, um chiado de inseto, que morreu de repente quando uma membrana carnuda cresceu sobre a boca.

— Eles estão nos vendo? — pensou Sam em voz alta.

— Não sei. Está vendo como eles olham o Petey?

Era absurdo pensar em decifrar os rostos dos monstros — alguns unham cinco olhos; alguns tinham um olho só; alguns tinham ferozes dentes de navalhas e nenhum olho. Mas para Sam pareciam estar olhando com uma espécie de espanto reverente para o Pequeno Pete, que roncava baixinho, sem perceber nada.

Uma cobra comprida como uma sucuri passou deslizando, retorcendo-se no ar. Minúsculas pernas de centopeia cresceram dela, quase fazendo lembrar as ezecas, mas essas pernas pareciam feitas para grudar, como Velcro.

A boca da cobra sibilou. O sibilo aumentou de volume, depois parou abruptamente: toda a cabeça da cobra simplesmente desapareceu.

— Eles estão tentando se comunicar — disse Astrid. — Alguma coisa está impedindo. Alguma coisa não deixa que eles falem.

— Ou alguém. Se eles nos atacarem... — Ele levantou as mãos com as palmas para fora.

Instantaneamente Astrid empurrou suas mãos para baixo.

— Não, Sam. Você pode acertar o Petey.

— O que acontece se ele acordar?

— Nas outras vezes as visões desapareceram. Mas isso aqui é diferente. Olha. Olha as cortinas, estão chamuscadas onde aquela... aquela coisa de lava chegou perto.

Sam decidiu:

— Acorda ele.

— E se...

— Olha, talvez eles não sejam uma ameaça. Mas talvez sejam. Se forem, não vou deixar que machuquem você, vou queimar todos.

Depois acrescentou:

— Se eu puder.

— Pete — chamou Astrid com voz trêmula.

Até aquele momento nenhuma das criaturas tinha notado os dois humanos de aparência frágil parados, boquiabertos. Mas agora cada olho, cada conjunto de olhos, cada antena trêmula, virou-se para eles. Foi tão de repente que Sam imaginou os globos oculares das criaturas estalando.

Olhos vermelhos, olhos pretos, olhos com fendas amarelas, olhos azuis globulares, talvez cinquenta no total, olhavam diretamente para Sam e Astrid.

— Tente de novo — sussurrou Sam. Em seguida estendeu os braços de novo, com as palmas das mãos abertas na direção dos monstros, preparado.

— Petey — disse Astrid mais ansiosa.

Agora corpos monstruosos se mexeram. Moveram-se quase como se fossem um só, alguns desajeitados, alguns como um raio, mas todos movendo-se como se fossem robôs da Disney operando a partir do mesmo sinal. Viraram-se para Sam e Astrid.

Uma de cada vez, as bocas se abriram. Sons saíram delas. Grunhidos e sibilos, uivos e rosnados, sons como aço passando sobre louça, sons como o cricrilhar dos grilos, sons como cães loucos latindo. Sem palavras, apenas sons que queriam ser palavras, lutavam para ser palavras.

Era um coro de fúria e frustração. E parou tão de repente como se alguém tivesse puxado a tomada de um aparelho de som.

Os monstros olharam furiosos para Sam e Astrid, como se eles fossem

culpados do silêncio.

Sam xingou baixinho.

Ande para trás. Pelo corredor — ordenou. — Eles terão de vir para nós um por um e Pete não estará na linha de fogo.

Sam...

Não é uma hora boa para um debate, Astrid — disse Sam com os dentes trincados. — Recue devagar.

Ela obedeceu. Ele a seguiu, com um pé atrás do outro, braços levantados, suas armas de mutante a postos.

Mas de jeito nenhum poderia pegar todos, se viessem. De jeito nenhum. Poderia pegar alguns, talvez, se eles ao menos pudessem ser queimados. Como é possível queimar uma criatura feita de magma?

Passo a passo, até estarem na metade do corredor. Três metros. Quatro. Os monstros teriam de vir até ele por aquele corredor. Isso lhe dava toda a vantagem que poderia ter. Pete estava fora da linha direta de fogo.

— Chame de novo. Mais alto dessa vez.

— Ele nem sempre reage.

— Tente.

— Pete! — gritou Astrid, com o medo dando volume à voz. — Pete, acorda! Acorda, acorda!

Pela porta Sam viu as criaturas flutuantes, pelo menos as que não tinham asas, de repente caindo com peso convincente no chão. As tábuas do piso pularam com o impacto.

A criatura de seis asas foi a primeira. Rápida como uma libélula, partiu direto para Astrid.

Uma luz branco-esverdeada e abrasadora saltou das mãos de Sam. A coisa alada irrompeu em chamas. Mas já estava com ímpeto demasiado.

Sam se abaixou, levou a mão atrás para puxar Astrid para baixo, descobriu que ela já estava abaixada. O cadáver flamejante, asas encolhidas como folhas queimando, passou por cima da cabeça dos dois.

Maria Terrafino entrou atabalhoadamente no corredor.

— O que está acontecendo?

— Maria! Para trás! Paratrásparatrásparatrás! — gritou Sam.

Maria pulou de volta para seu quarto enquanto o cão cor de mostarda, sem olhos e com antenas, atacava, os pés estalando e raspando a madeira do piso.

A criatura tinha dois tubos na cabeça. Sam tinha certeza de que aquilo não estivera ali pouco antes.

Uma coisa azul-clara saltou dos tubos. Uma gosma cobriu uma das mãos de Sam, grossa como mingau de aveia, pegajosa como cola de sapateiro.

Com a outra mão, Sam disparou de novo. A criatura queimou, diminuiu a velocidade, mas não parou.

E agora todos os pesadelos estavam se empurrando uns aos outros para passar pela porta, lutando pela chance de atacar, e então...

Então sumiram.

Simplesmente sumiram.

Todos menos os restos ainda fumegantes do inseto de seis asas e o canino que espirrava gosma. Astrid entrou correndo no quarto do Pequeno Pete. Sam foi logo atrás. O Pequeno Pete estava sentado na cama, olhos abertos, desfocados.

Astrid se jogou na cama e abraçou-o.

— Ah, Petey, Petey — gritou ela.

Sam foi rapidamente até a janela. A cortina que fora chamuscada estava queimando. Ele puxou-a, arrancou-a e pisou em cima, e no processo derrubou uma prateleira cheia de bonecas russas. Sam continuou pisoteando o fogo. Um dos pés esmagou uma das bonecas russas pintada de um vermelho espalhafatoso. A boneca externa se partiu. A que estava dentro rolou para as chamas.

Sam pisoteou tudo para apagar.

— Você tem um extintor? — perguntou. Estava tentando limpar a substância grudenta da mão, sem muita sorte. — Só por segurança, a gente deveria...

Mas nesse momento, através da janela, viu uma coisa quase tão apavorante quanto os monstros. Havia uma garota parada do outro lado da rua. Ela olhava para ele.

Tinha enormes olhos escuros e uma abundância de cabelos castanhos presos num rabo de cavalo.

A garota do seu sonho.

Sam saiu correndo do quarto, desceu a escada atabalhoadamente e saiu na rua.

A garota não estava à vista.

Sam correu de volta para dentro e encontrou Maria e Astrid aterrorizadas. Para seu espanto, Astrid estava tomando notas num papel ao mesmo tempo que abraçava o irmão.

— Que negócio...? — começou ele.

— Eles estavam se adaptando, Sam — interrompeu Astrid com urgência. — Você viu? Eles estavam mudando enquanto a gente olhava. Alterando a forma física. Evoluindo.

Ela escreveu, enxugou lágrimas dos olhos e escreveu mais um pouco.

— O que está acontecendo? — perguntou Maria Terrafino num sussurro pasmo, hesitante, como se estivesse se intrometendo.

Sam virou-se para ela.

— Maria. Não fale sobre isso.

— E ele, não é? — perguntou Maria, olhando para o Pequeno Pete, que agora estava bocejando e começando a voltar a dormir. — Tem alguma coisa acontecendo com ele.

— Há um monte de coisas acontecendo com ele, Maria — confessou Sam, cansado. — Mas isso fica entre nós. Preciso confiar em você.

Maria assentiu. Parecia dividida entre ficar e discutir e voltar à sanidade relativa de seu quarto. A sanidade venceu.

— Isso não está certo — sussurrou Astrid enquanto recolocava o irmão no travesseiro.

— Você acha? — perguntou Sam, esganiçado.

Astrid acariciou a testa do Pequeno Pete.

— Petey, você não pode fazer isso de novo. Pode machucar alguém. Pode me machucar. E aí, quem iria cuidar de você?

— E, chega de monstros, Petey.

— Chega de monstros — ecoou Astrid.

— O Pequeno Pete fechou os olhos.

— Chega de monstros — disse com um bocejo enorme. — Eu fiz ele ficar quieto — acrescentou.

— Fez quem ficar quieto? — perguntou Sam.

— Petey. Quem? — implorou Astrid. — Quem? Quem era? O que ele queria dizer?

— Com fome — disse o Pequeno Pete. — Com fome no escuro.

— O que isso significa? — implorou Astrid.

— Mas o Pequeno Pete havia caído no sono.

QUATORZE | 36 HORAS E 47 MINUTOS

— **ELA ESTÁ** assim desde aquilo. — Bug, o Bug visível, balançou a mão para Orsay, que estava sentada com os joelhos dobrados para dentro e os ombros frouxos nos degraus da frente da Academia Coates.

Caine olhou-a com mais do que um interesse casual. Tocou o topo da cabeça de Orsay e notou como ela se encolheu.

— Ela esteve lá. Acho — disse.

Diana bocejou. Continuava com o pijama de seda e um roupão enrolado no corpo, como se fizesse frio. Nunca ficava realmente frio no LGAR.

Bug se balançou para trás e para a frente, quase incapaz de permanecer acordado.

— O que estava acontecendo quando ela começou a apagar? — perguntou Caine a Bug.

— O quê? — Bug virou a cabeça bruscamente para a frente, acordando.

— Ela estava num sonho do Sam. Tinha algo a ver com latas de comida. E de repente começou a acontecer tipo um show de luzes esquisitas no outro quarto da casa, e aí ficou parecendo que Orsay tinha tomado alguma droga ou sei lá o quê.

— O que você sabe sobre drogas? — perguntou Diana.

Bug deu de ombros.

— Joe Júnior, meu irmão mais velho, vivia doidão.

Caine se ajoelhou na frente de Orsay. Levantou o rosto dela suavemente.

— Sai dessa — disse.

Não houve reação. Por isso ele lhe deu um tapa, com força, mas sem maldade. A palma da mão deixou uma marca rosada na bochecha.

Os olhos de Orsay estremeceram. Ela parecia alguém que estivesse acordando muitas horas antes do tempo.

— Desculpe — disse Caine. Estava muito perto dela. O suficiente para inalar seu hálito. O suficiente para ouvir seu coração martelando como o de um coelho acuado. — Preciso saber o que você viu.

O canto da boca de Orsay baixou, como um desenho animado malfeito, cheio de medo, tristeza e alguma outra coisa.

— Anda — adulou Caine. — Quaisquer que sejam os sonhos que você teve, eu já tive piores. Coisas terríveis que você não quer saber.

— Eles não eram terríveis — disse Orsay em voz baixinha. — Eram... irresistíveis. Me fizeram querer mais.

Caine mudou o peso do corpo, afastando-se dela.

— Então por que está tão pirada?

— Nos sonhos dele... nos sonhos dele o mundo... Tudo é tão... — Ela fez um gesto como se tentasse criar a forma de algo que desafiava qualquer definição.

— Os sonhos de Sam? — perguntou Caine, meio cético, meio com raiva.

Orsay olhou-o incisivamente.

— Não. Do Sam, não. Os sonhos do Sam são fáceis. Não existe magia neles.

— Então fale sobre eles. Foi isso que mandei você descobrir.

Orsay deu de ombros.

— Ele está... não sei. Tipo... preocupado. Está distraído — disse sem dar importância. — Ele acha que está fazendo besteira e, de qualquer modo, só quer se afastar disso tudo. E, claro, ele pensa um bocado em comida.

— Coitadinho — disse Diana. — Com todo aquele poder. Toda aquela responsabilidade. Buá, buá.

Caine gargalhou.

— Acho que ser chefe não é o que Sam achava que seria.

— Acho que é exatamente o que ele achava que seria — contrapôs Diana. — Acho que ele só queria ser deixado em paz. — Essa última frase ela disse com objetividade.

— Eu não deixo as pessoas em paz quando elas me sacaneiam — disse Caine. — Quero informações úteis, Diana.

Ele se levantou.

— Então Sam está ficando com medo. Mas não com medo de mim. Bem. Ele está preocupado com seu emprego idiota de prefeito de Fracas solândia. Bem. — Caine deu um tapinha no cocuruto de Orsay. — Ei. Tem alguma coisa sobre a usina

nuclear nos sonhos de Sam?

Orsay balançou a cabeça. Estava desligada de novo, em algum transe de zumbi revivendo alguma alucinação estranha sua ou talvez de outra pessoa.

Caine bateu palmas.

— Bem. Sam não está obcecado com a usina. O inimigo — disse ele com grande floreio — está olhando para dentro, e não para fora. Na verdade nós podemos atacar a qualquer momento. Só que...

Ele olhou intensamente para Diana.

— Vou pegá-lo — disse ela.

— Não posso fazer isso sem o Jack, Diana.

— Vou pegá-lo.

— Você quer o Jack? Eu pego ele — ofereceu Drake.

— Você está pensando no velho Jack, Drake — disse Caine. — Você precisa lembrar que agora o Jack tem poderes.

— Não me importo com os poderes dele — rosnou Drake.

— Diana vai me entregar o Jack. E depois vamos desligar as luzes e alimentar a... — Ele parou muito abruptamente. Piscou, confuso.

— Alimentar? — ecoou Drake, perplexo.

Caine quase não o escutou. Seu cérebro pareceu tropeçar, falhar um passo, como um arranhão num DVD quando a imagem se divide em pixels por um momento, antes de recomeçar. O terreno familiar da Academia Coates oscilou diante de seus olhos.

Alimentar?

O que ele quis dizer?

De *quem* estava falando?

— Vocês podem ir — disse distraído.

Ninguém se mexeu, por isso ele deixou claro:

— Vão embora. Vão embora e me deixem em paz!

Depois acrescentou:

— Deixem ela.

Quando Diana e Drake foram embora, Caine se ajoelhou na frente de Orsay de novo.

— Você viu, não viu? Você sentiu, lá. Ele tocou sua mente. Dá para ver.

Orsay não negou. Encarou-o sem piscar.

— Ele estava nos sonhos do menininho.

— Do menininho? — Caine franziu a testa. — O Pequeno Pete? E dele que você está falando?

— Ele precisava do menininho. A coisa escura, o gaiáfago, ele estava... — Ela procurou uma palavra, e quando encontrou, esta a surpreendeu. — Ele estava aprendendo.

— Aprendendo? — Caine segurou seu braço com força, espremendo o significado. A menina se encolheu. — Aprendendo o quê?

— Criação — disse Orsay.

Caine encarou-a. Deveria perguntar. Deveria perguntar o que ela queria dizer. O que a Escuridão cria? O que poderia aprender com a mente de um autista de 5 anos?

— Entre — sussurrou Caine e soltou o braço dela. — Anda!

Sozinho, ele examinou a mente, a memória. Olhou para as árvores na borda do terreno da escola como se a explicação pudesse estar escondida ali, nas sombras da manhã.

“E então vamos apagar as luzes e alimentar a...”

Ele não havia falado por engano. Não era simplesmente... nada. Havia uma ideia definida ali, algo tangível. Algo que precisava ser feito.

Com fome no escuro.

Era como se alguém tivesse enrolado uma corda em volta do seu cérebro. Alguém que ele não podia ver, alguém que estava longe no escuro, invisível. A corda desaparecia na escuridão e no mistério, mas esta ponta estava presa nele.

E lá adiante, a Escuridão segurava a outra ponta. Puxava quando queria.

Como se Caine fosse um peixe num anzol.

Engatinhou para o degrau. O granito era frio. Sentia-se exposto e ridículo sentado ali, quase dobrado ao meio, com gotas de suor se formando na testa.

Ela ainda o prendia com o anzol. Estava brincando com ele, deixando a linha afrouxar, deixando que ele pensasse que estava livre, depois puxando com força, certificando-se de que o gancho continuava preso, exaurindo-o.

Brincando com ele.

Caine saltou para uma lembrança quase esquecida. Viu seu “pai” sentado numa cadeira de quintal com borrifos salgados escurecendo a jaqueta marrom, segurando a vara comprida e flexível, puxando e soltando.

Caine tinha ido pescar uma única vez, com seu “pai”. Não tinha sido uma experiência tipo Tom Sawyer e Huck Finn. O pai de Caine — o homem que ele havia crescido chamando de pai — não era dado a momentos pequenos e íntimos, feito de minhocas num balde e varas de bambu.

Estavam numa viagem ao México. A “mãe” de Caine tinha sido deixada para fazer compras em Cancún e Caine tivera o grande privilégio de acompanhar o pai no que acabou sendo uma viagem de negócios disfarçada de pescaria de pai e filho.

A garota, como era o nome dela?

Ah, meu Deus, o nome dela era Diana. Não era a mesma Diana, claro, era uma garota muito diferente, não muito bonita, ruiva, de olhos saltados, nem um pouco parecida.

Diana havia levado os dois, Caine e Paolo, até o espaço apertado na proa, onde a âncora, as cordas e outras coisas estavam guardadas. Ali pegou um baseado, um cigarro de maconha pequeno, bem apertado.

Paolo, um garoto italiano dois anos mais velho do que Caine, deu de ombros e disse:

— Na moral — usando a gíria americana que conhecia. Caine sentiu-se preso numa armadilha. Preso no barco. Na companhia dos outros dois. Preso na obrigação de ficar doidão.

Preso.

Essa não era a sensação predileta de Caine.

Ficou sentado naquele espaço escuro, úmido, apertado, dando tragadas no baseado e desejando estar em outro lugar.

Paolo tentou transar com Diana, a Diana pré-Diana. Ela o desencorajou, e Paolo acabou saindo para procurar comida. A garota se ajeitou ao lado de Caine e deixou claro que gostaria de aproveitar a privacidade e os efeitos da droga.

Caine a repeliu, mas ela disse:

— Ah, você se acha maneiro, não é? Acha que está acima do meu nível, não é?

— Foi você que disse, não eu.

— É? Sabe de uma coisa? O seu pai precisa do meu. E se eu subir no convés e contar ao meu pai que você me obrigou a fumar maconha? Se eu fizer isso, adivinha só. O seu pai perde o negócio e culpa você.

Os olhos dela brilharam com triunfo. Tinha vencido. Havia prendido o anzol nele, nada diferente dos homens que gargalhavam alto no convés com seus peixes idiotas.

Aquela Diana tinha certeza disso.

Mas Caine gargalhou:

— Pode ir.

— Eu vou — disse ela.

— Ótimo. Vá.

Naquele dia ele percebeu uma verdade básica: você não pode ficar preso por outras pessoas, só pode ficar preso por seu próprio medo. Desafie e vença.

Naquele dia, naquele dia no barco, Caine estava com menos medo do que a garota. E sabia intuitivamente que tinha os trunfos na mão.

Desafie e vença.

O problema agora é que Caine estava realmente, profundamente com medo da criatura da mina. Com medo até os ossos. Com medo até dos recessos menores, mais fundos, mais secretos de sua mente.

Não podia blefar com a Escuridão. A Escuridão sabia que ele estava com medo.

Havia uma corda enrolada com força na sua mente e na sua alma. A outra ponta da corda era segurada pela coisa escura que estava no fundo do poço da mina. Caine se imaginou cortando a corda, pegando um machado, levantando-o acima da cabeça e baixando com toda a força...

Implacável e sem medo. Como tinha sido com Diana.

Com as duas Dianas.

— Preciso — murmurou sozinho.

— Preciso cortar — disse.

— Talvez eu corte — murmurou.

Mas duvidava muito de que fosse capaz. — Ele está com fome — disse o Pequeno Pete.

— Quer dizer: você está com fome — corrigiu Astrid automaticamente. Como se o principal problema do Pequeno Pete fosse a gramática ruim.

Estava na sala de Sam na prefeitura. Pessoas entravam e saíam. Crianças com pedidos ou reclamações. De alguns a própria Astrid cuidava. Alguns ela anotava para Sam.

Com relação a uma coisa Sam estava certo: isso não podia continuar assim. Crianças vindo pedir que alguém arbitrasse rivalidades entre irmãos, ou perguntando se podiam assistir a um DVD para maiores de 13 anos, ou pedindo que Sam decidisse se podiam parar de usar o aparelho dos dentes. Era ridículo.

— Ele está com fome — disse o Pequeno Pete. Estava encurvado sobre seu Game Boy, prestando atenção no jogo.

— Você quer comer alguma coisa? — perguntou Astrid distraída-mente. — Talvez eu consiga achar alguma coisa.

— Ele não consegue falar.

— Claro que você consegue falar, Petey, quando tenta.

— Não vou deixar. As palavras dele são ruins.

Astrid olhou-o. Havia um leve sorriso no rosto do Pequeno Pete.

— E ele está com fome — disse o Pequeno Pete, agora sussurrando. — Com fome no escuro. — Porque o Sam mandou, por isso — disse Edilio talvez pela milionésima vez. — Porque se a gente não pegar a comida, vamos todos ficar com muita, muita fome.

— Posso fazer isso outra hora — disse o garoto.

— Carinha, é exatamente isso que todo mundo quer: fazer em outra hora. Mas os melões precisam ser colhidos. Então entre no ônibus. Traga um boné, se tiver. Vamos.

Edilio ficou segurando a porta da frente da casa, esperando que o garoto achasse seu boné dos *Padrinhos Mágicos*. Seu humor, já sombrio, não melhorava à medida que a manhã prosseguia. Tinha 28 crianças no ônibus, todas reclamando,

todas querendo ir ao banheiro, todas com fome ou sede, discutindo, gemendo, chorando.

Já eram quase 11 horas. Quando chegasse com elas às plantações, já seria meio-dia e elas iriam pedir o almoço. Edilio estava decidido a dizer que deveriam colher o almoço. Colha o seu almoço, ele está bem aí na frente. É, estou falando dos melões. Não importa se você não gosta de melão, o seu almoço é isso.

Trinta crianças, contando com ele. Se trabalhassem duro durante quatro horas, cada uma poderia colher uns setenta, oitenta melões. O que parecia um bocado até que você dividisse por mais de trezentas rocas famintas e começasse a perceber que era preciso um bocado de melão para alguém encher a barriga.

O que preocupava Edilio era como tantos melões já estavam apodrecendo na plantação. Como os pássaros os atacavam. E o fato de que ninguém estava pensando suficientemente adiante para imaginar ; que deveriam plantar para a próxima estação.

Comida apodrecendo. Nada de plantar. Nada de irrigar. Mesmo que colhessem as plantas disponíveis, era somente questão de tempo até que todo mundo estivesse morrendo de fome. Então, só com sorte.

Por acaso ele tinha sido otimista. Era quase uma da tarde quando negaram à plantação, depois de uma viagem infernal de ônibus durante a qual uma briga violenta aconteceu entre dois garotos do sexto ano.

Sem dúvida, as primeiras palavras a sair da boca das crianças foram:

— Tô com fome.

— Bom, aí está o almoço de vocês — disse Edilio apontando a plantação e sentindo grande satisfação pessoal por poder esfregar os narizes delas ali.

— Essas coisas redondas?

— O nome é melão — respondeu Edilio. — E na verdade é bem gostoso.

— E as ezecas? — perguntou uma menina.

Edilio suspirou.

— Isso é na plantação de repolho, e não aqui. Fica... tipo, a um quilômetro e meio daqui.

Mas ninguém se mexeu. Todos se enfileiraram obedientemente mas ficaram perto do ônibus, longe da beira da plantação.

Edilio suspirou.

— Certo. Deixa que o cucaracha mostra a vocês como se faz.

Foi andando até a plantação, abaixou-se, torceu um melão e levantou-o bem alto para que todos vissem.

Foi a sorte que o salvou. O fato de ter deixado o melão cair.

Olhou para o melão embaixo e viu a terra se mexer.

Deu um pulo, uma reação louca que quase o fez tropeçar, mas equilibrou-se e correu.

Correu mais rápido do que nunca, as botas batendo nas minhocas que se retorciam e cada vez mais rápido, mais rápido, até cair esparramado de cara na terra.

A terra fora da plantação.

Puxou os pés com força e examinou freneticamente as botas. Havia marcas de mordidas nas laterais, nos saltos. Mas nenhum buraco.

As minhocas não tinham penetrado.

Edilio olhou os rostos em choque das crianças ao redor. Ele esteve- ra a segundos de ordenar, impaciente, que elas entrassem na plantação. A maioria usava tênis. Nenhuma tinha experiência de ver como eram as ezecas.

Por pouco não tinha ordenado que 29 crianças fossem para a morte.

—Voltem para o ônibus — disse trêmulo.—Voltem para o ônibus.

— E o almoço? — perguntou alguém.

QUINZE | 30 HORAS E 41 MINUTOS

SAM PEGOU A lista com Astrid. Examinou os dois primeiros itens e quase amassou o papel.

— O de sempre? — perguntou.

Astrid confirmou com a cabeça.

— O de sempre. Acho que você vai gostar especialmente do...

Jack Computador entrou como se estivesse com muita pressa.

As pessoas não deviam entrar daquele jeito, mas Jack não era qualquer pessoa.

— O que foi, Jack? — perguntou Sam enquanto deslizava para a poltrona grande demais, atrás do que um dia fora a mesa do prefeito de verdade e, por pouco tempo, de Caine.

Jack estava agitado.

— Você devia deixar eu ligar os telefones.

Sam piscou.

— O quê? Pensei que você tinha alguma emergência quando entrou aqui. — Todo mundo fica perguntando quando vou consertar os telefones — disse Jack numa agonia aparente.—Todo mundo pergunta, e eu fico tendo que inventar mentiras idiotas. Eles acham que eu não consegui.

— Jack, nós já conversamos sobre isso. Agradeço de verdade o trabalho que você fez, cara, ninguém mais teria conseguido. Mas a gente tem outros problemas, certo?

Jack ficou vermelho.

— Você pediu para eu fazer. Eu disse a todo mundo que ia fazer. Depois você não deixou eu fazer. Não é justo. — Seus óculos pareciam embaçados com o calor da indignação.

— Escuta, Jack. Você quer mesmo que o Caine e o Drake possam telefonar para quem quiserem aqui embaixo? Quer que o Caine possa fazer contato com as crianças? Ameaçar? Engambelar? Talvez oferecer comida em troca de armas ou sei lá o quê? Olha como ele enganou todo mundo da primeira vez.

— Você só quer controlar tudo — acusou Jack.

Essa acusação doeu. Sam ia gritar mas se conteve. Por alguns segundos simplesmente lutou com a irritação, incapaz de falar.

Claro que eu quero controlar as coisas, queria dizer. Claro que ele não queria que Caine enchesse a cabeça das crianças com mentiras. As crianças estavam suficientemente desesperadas para ouvir qualquer um que oferecesse uma vida mais fácil, até mesmo Caine. Jack não entendia como todos estavam perto do desastre? Jack não percebia como o controle de Sam havia ficado tênue?

Talvez não.

— Jack, o pessoal está apavorado. Desesperado. Talvez você não veja isso porque está ocupado com outras coisas. Mas nós estamos a essa distância — ele levantou o polegar e o indicador separados por uns dois centímetros — do desastre completo. Quer que o Caine saiba disso? Quer que as crianças conversem com eles às três da madrugada, abrindo o coração, contando tudo que a gente faz? Quer mesmo que o Caine saiba como as coisas estão ruins?

Astrid interveio para interromper a fala cada vez mais raivosa de Sam.

Jack, o que aconteceu para você ficar tão agitado?

— Nada — respondeu Jack. E depois: — O Zil. Ele está pegando no meu pé na frente de todo mundo, dizendo que agora que eu sou mutante e coisa e tal meu cérebro não deve estar funcionando tão bem.

— Que negócio é esse? — perguntou Sam.

— Ele diz que, quando as pessoas ganham poderes, o QI delas diminui, que elas ficam idiotas. Ele disse: “Prova número Um: O coitadinho do Jack, que já foi chamado de Jack Computador, que consegue arrombar uma casa, mas não consegue fazer os telefones funcionarem.”

— Sabe, Jack, sinto muito se ele magoou você, mas tenho coisas a fazer aqui — disse Sam, começando a ficar realmente exasperado.

— Você é o gênio da tecnologia. Você sabe disso, eu sei, Astrid sabe, então quem se importa com o que o Zil fala?

— Olha, por que você não trabalha no negócio da internet que você está tentando fazer? — sugeriu Astrid.

Jack lançou-lhe um olhar venenoso.

— Para quê? Para que ninguém possa usar isso também? Para fazer com que eu pareça um idiota maior ainda?

Sam estava pronto para brigar com Jack, mandar que ele calasse a boca, fosse embora, parasse de incomodá-lo, mas seria má ideia, assim respirou fundo, juntou

toda a paciência e disse:

— Jack, não posso fazer promessas. Estou cuidando de muita coisa. A primeira prioridade, antes de a gente se preocupar com essas coisas de tecnologia, é...

— Coisas de tecnologia? — interrompeu Jack. Sua voz estava chocada e cheia de indignação.

— Não estou tirando a importância. Só estou dizendo... — Mas o que quer que ele fosse dizer ficou esquecido quando Edilio apareceu junto à porta. Não entrou correndo como Jack havia feito. Só ficou ali parado, pálido e solene.

— O que foi?—perguntou Sam.

— As ezecas. Agora estão na plantação de melão.

— Estão se espalhando — disse Astrid.

— Eu poderia ter feito com que todas aquelas crianças morressem. — Edilio parecia ter visto um fantasma. Estava tremendo.

— Certo. Chega — disse Sam, levantando-se, empurrando a cadeira para trás com força.

Finalmente.

Finalmente uma coisa que ele poderia fazer.

Deveria estar preocupado. E estava. Mas a emoção que enchia sua mente enquanto ele caminhava com objetividade para fora da sala era alívio.

— A lista vai ter de esperar, Astrid. Vou matar umas minhocas. Duas horas depois Sam estava parado na beira da plantação de melões. Dekka estava ao lado. Edilio os havia levado no jipe aberto, mas ele não ia colocar o pé no chão.

— Como você imagina fazer isso? — perguntou Dekka.

— Você levanta elas, eu queimo — respondeu Sam.

— Só posso alcançar uma área pequena de cada vez. Um círculo, talvez de uns seis metros.

Havia se espalhado a notícia de que Sam iria acabar com as ezecas. De modo que outras crianças tinham se amontoado em carros e vans, e agora umas duas dúzias delas olhavam de uma distância segura. Algumas, parecendo turistas ou fãs de esportes, tinham trazido máquinas fotográficas.

Howard e Orc também chegaram. Sam ficou aliviado. Tinha mandado a Howard

a notícia de que talvez precisasse de Orc.

— E aí, Sam? — perguntou Howard.

— Mais minhocas. Vamos ver se podemos fazer um minhoquicídio.

Howard confirmou com a cabeça.

— Certo. E o que você quer com o meu garoto? — Ele apontou o polegar para Orc, que estava de pé encostado no capô de um carro, o peso quase achatando os pneus e amassando o metal.

— Não podemos matar todas as ezecas — respondeu Sam. — Mas Astrid acha que elas podem ser mais espertas do que as minhocas mutantes assassinas comuns. Por isso vamos dar um recado: não mexam com a gente.

— Ainda não entendo por que o Orc está aqui.

— Ele é o nosso canário.

— Nosso o quê?

— Antigamente os mineiros de carvão levavam um canário para a mina. Se houvesse gás venenoso, o canário morria primeiro. Se o canário estivesse bem, os mineiros sabiam que o lugar era seguro.

Howard demorou um pouco para digerir a ideia. Deu um riso irônico.

— Eu pensava que você era bonzinho, Sam. Agora aí está, todo frio e durão, querendo mandar o Orc para lá, para ser mastigado.

— Elas demoraram um tempo para chegar ao rosto dele na outra vez. Se nós virmos alguma atividade com minhocas, ele sai imediatamente.

— Frio e implacável — disse Howard com um risinho. — Vou falar com o meu garoto. Mas ele não trabalha de graça. Você sabe disso. Quatro caixas de cerveja.

— Duas.

— Três.

— Duas, e se você discutir mais, eu mostro como posso ser frio e implacável.

Com o trato feito, Sam olhou para Dekka.

— Está pronta?

— Estou.

— Vamos lá.

Dekka levantou as mãos acima da cabeça. Apontou as palmas para a borda mais próxima da plantação de melões.

De repente, num jorro, melões, ramas e uma nuvem de terra subiu no ar, uma coluna escura. Minhocas podiam ser vistas claramente, retorcendo-se na nuvem que subia.

Sam levantou as mãos na altura dos ombros. Abriu os dedos.

— Isso vai ser ótimo — murmurou.

Um fogo ofuscante disparou em dois raios branco-esverdeados das palmas de suas mãos.

Melões explodiram como pipoca encharcada. As ramas se ressecaram. Torrões de terra soltaram fumaça e se derreteram no ar.

As minhocas morreram. Estouraram com o vapor superaquecido de seu próprio sangue. Ou morreram se retorcendo como cinzas encaracoladas, como buscapés. Algumas dos dois jeitos.

Sam moveu seu lança-chamas para cima e para baixo na coluna, apontando para qualquer lugar onde visse movimento. Em lugares onde se demorava, a terra ficava tão quente que reluzia vermelha e formava gotas de magma voando.

— Certo, Dekka, solte! — gritou ele.

Dekka soltou. A gravidade atuou de novo. E toda a coluna derretida e fumegante caiu de volta na terra. E mandou para cima uma chuva de fagulhas. Algumas crianças que estavam perto demais gritaram ao ser acertadas por gotas de algo que era quase lava.

Sam e Dekka recuaram rapidamente, mas foi tarde demais para Sam evitar uma queimadura que atravessou os jeans e marcou com um chiado um ponto em forma de lágrima em sua coxa.

— Garrafa d'água — gritou ele. Em seguida pegou a garrafa oferecida e molhou o lugar. — Caraça, isso dói. Cara. Ai.

— Eu vi umas ezecas bem torradas — comentou Howard.

— Vamos de novo, Dekka. Se você estiver a fim.

— Gosto de melão — respondeu Dekka. — Não vou deixar para essas minhocas.

Os dois se moveram por alguma distância à esquerda e repetiram toda a

sequência. Depois para um terceiro local e fizeram de novo.

— Certo, a mensagem foi mandada — disse Sam quando haviam terminado. — Vejamos se elas receberam. Howard?

— Howard sinalizou para Orc. O garoto-monstro foi bamboleando cautelosamente para o campo.

— Primeiro vá a uma área que nós queimamos — instruiu Sam. Orc fez isso. Se seus pés de pedra foram incomodados pelo calor

do solo queimado, ele não deu qualquer sinal disso.

— Certo — disse Sam. — Agora vá mais longe. Para fora da parte queimada. Tente pegar um melão.

— Alguém devia me dar uma cerveja — resmungou Orc.

— Não tenho nenhuma aqui — respondeu Sam.

— Pois é — disse Orc. E foi andando para a terra fresca, sem estar queimada. Inclinou-se para pegar um melão e voltou com duas minhocas se retorcendo na mão.

Orc jogou as minhocas longe e moveu-se com alguma velocidade de volta para o terreno mais seguro.

Sam sentiu desânimo. Tinha fracassado. Até nisso. No processo havia usado a promessa de cerveja para transformar um garoto alcoólatra numa isca humana.

— Talvez não seja o dia do qual eu mais me orgulhe — disse a si mesmo.

A multidão, desapontada, lançou olhares de preocupação para iam. Ele ignorou todos e subiu no jipe, ao lado de Edilio.

— Quer o meu cargo, Edilio? — perguntou.

— Sem chance, cara. Sem chance. Nada se grudava à parede do LGAR. Lana havia descoberto esse fato. Tinha calçado luvas e tentado grudar um alvo na barreira. A fita não grudava. Nem cola de sapateiro.

Ninguém colaria pôsteres de suas bandas prediletas na barreira.

Tentou tinta spray. Era divertido tentar. Divertido imaginar que a barreira poderia ser coberta de pichações. Mas a tinta spray chiava um pouco, como se tivesse sido borrifada numa frigideira quente. Depois evaporava e desaparecia sem deixar traços.

Era frustrante. Lana precisava de um alvo. E a ideia de atirar na parede a atraía.

No fim havia arrastado uma espreguiçadeira de perto da pise' quadras de tênis, onde a barreira era mais fácil de ser alcançada. Encostou a cadeira na barreira — pelo menos era possível encostar coisas nela — e grudou um alvo na cadeira.

Não era um alvo de verdade. Era uma cópia de uma foto que havia encontrado. Uma foto de um coiole.

Depois tirou a pistola da mochila. Era pesada. Não tinha ideia do calibre. Tinha encontrado numa das casas que havia ocupado antes. Junto com duas caixas de munição.

Tinha descoberto como carregar. E ficou bastante rápida nisso. No pente cabiam dez balas. Havia um pente extra. Era fácil tirar o pente velho e colocar o novo. Ela havia conseguido beliscar o dedo com força na primeira vez que tentou, mas Lana era a Curadora, e isso dava algumas vantagens.

Mas precisava ser capaz de fazer mais do que segurá-la e carregá-la.

Levantou a arma numa das mãos. Mas era muito pesada para que segurasse com firmeza usando só uma das mãos. Segurou com as duas. Melhor.

Mirou a foto do coiole.

Apertou o gatilho.

A arma deu um coice em sua mão.

A explosão foi muito mais alta do que na TV ou nos filmes. Parecia que o mundo inteiro havia explodido.

Andou à frente, meio trêmula, para verificar o alvo. Nada. Tinha errado. A parede do LGAR, atrás do alvo, estava sem marcas, claro.

Mirou com mais cuidado. Tinha visto Edilio treinando o pessoal dele. Sabia o básico. Centrou a mira frontal no meio da mira de trás, certificou-se de que as bordas superiores das miras frontal e de irás estivessem niveladas. Depois baixou a arma até que as miras estivessem logo abaixo da cabeça do coiole.

Disparou.

Quando avançou desta vez, encontrou um buraco no alvo. Não exatamente onde havia mirado. Mas também não muito longe.

O buraco naquele papel encheu-a de prazer.

— Parece que você ganhou um machucadinho Líder da Matilha.

Lana disparou dois pentes de munição contra o alvo. Só acertou metade das

vezes, mas isso era melhor do que não acertar nenhuma.

Quando terminou, mal conseguia escutar, por causa do zumbido nos ouvidos. As mãos estavam doloridas e machucadas. Podia curar os machucados. Mas de certa forma gostava da sensação e do que ela representava.

Recarregou cuidadosamente os dois pentes, enfiou um de volta na arma e pôs a arma na mochila.

Venha para mim. Preciso de você.

Pendurou a mochila no ombro. O sol estava baixando, lançando sombras pálidas e alaranjadas contra o cinza da parede do LGAR.

Amanhã. Logo estaria lá.

DEZESSEIS | 22 HORAS E 41 MINUTOS

NÃO QUERIA CORTAR o cabelo. Gostava do cabelo comprido. Mas Diana levou a sério a ameaça de Caine. Tinha de entregar o Jack.

Parou diante do espelho e levantou o cortador elétrico que havia encontrado no armário do banheiro do antigo diretor. Não havia sentido em ser sutil, não precisava se enganar com uma tesoura e o espelho durante horas.

O cortador de cabelo soltava um zumbido estranhamente agradável. Mudava de tom a cada vez que ela empurrava a lâmina contra um tufo de cabelos.

Em menos de 15 minutos seu cabelo escuro estava na pia e se derramando no chão. A cabeça estava coberta com pelos pretos de pouco mais de um centímetro que a fizeram se parecer com Natalie Portman em *V de Vingança*.

Jogou os cabelos numa lata de lixo e lavou a pia.

Em seguida começou a tirar os últimos traços de maquiagem dos olhos. Não havia muita coisa que poderia fazer com relação às sobrancelhas feitas. Mas podia fazer muita coisa com relação às roupas. Na cama estavam uma camiseta preta com estampa do jogo *World of Warcraft*, dois números maior do que o dela, um gorro cinza, uma calça larga, de garoto e um par de tênis de garoto. Manteve a roupa de baixo. Afinal de contas, havia um limite para entrar no papel.

Vestiu-se rapidamente e deu um passo atrás para verificar os resultados no espelho de corpo inteiro que ficava atrás da porta do armário.

Ainda era obviamente uma garota. A distância poderia enganar, ma, de perto, de jeito nenhum.

Analizou o problema. Não era o corpo; ele estava muito bem coberto. O problema era que ela simplesmente tinha rosto de garota. O nariz, os olhos, os lábios, até os dentes.

— Não posso fazer muita coisa com a boca — sussurrou para o reflexo. — A não ser não sorrir.

Depois, como se discutisse com o próprio reflexo, disse:

— Você nunca sorri, mesmo.

Procurou no banheiro até achar alguns suprimentos médicos. Instantes depois estava com um curativo branco sobre o nariz. Isso ajudou. Poderia enganar. Talvez.

Saiu no corredor. Não havia ninguém ali, o que não era surpreendente. O jantar, por assim dizer, já havia acontecido. O pessoal estava com fome e fraco, e ninguém tinha energia para muita coisa, além de ficar deitado nos quartos.

Diana sabia que não deveria pegar um carro. Uma guarda estava sendo mantida de novo na entrada da Coates. Sem dúvida iriam pará-la e chamar Drake.

Drake poderia deixar que ela fosse. Afinal de contas, Diana estava seguindo as ordens de Caine.

Mas talvez não. E que hora melhor haveria para arranjar um “acidente” para Diana?

Pegou uma porta lateral para sair do dormitório, a mais perto da floresta. Tinha uma consciência nítida do som que os tênis grandes, de garoto, faziam no cascalho, depois agradeceu pelo som mais fraco sobre as agulhas de pinheiro e as folhas mofadas.

Era uma caminhada longa para passar longe do portão. A floresta era escura. Diretamente acima, quando olhou para o céu, pôde ver o azul intenso do fim de tarde. Mas a noite caía cedo sob as árvores.

Demorou uma hora para passar pelos espinheiros e por cima de valas. Tinha medo de não ser capaz de achar o caminho de volta para a estrada — florestas eram florestas; para Diana uma árvore era como qualquer outra. Mas finalmente, enquanto a noite se esgueirava por cima do crepúsculo, ela subiu um barranco escorregadio e pisou no asfalto.

Não tinha nenhum plano brilhante para chegar a Jack. Não podia exatamente lhe dar uma cacetada na cabeça e carregá-lo para Caine. Teria de contar com outros meios. Jack sempre tivera uma paixão por ela, não que fosse capaz de fazer alguma coisa a partir disso.

Uma pena que agora ela parecia um garoto.

Todo o caminho era morro abaixo, até que chegou à autoestrada. Ali, finalmente, havia poços de luz, bem separados, lançados pelos postes de rua que funcionavam, em número cada vez menor, e um brilho fraco das vitrines vazias onde as últimas lâmpadas ainda não haviam queimado.

Estava com os pés doloridos quando chegou a Praia Perdida, e precisava tremendamente descansar. Seria uma noite longa, disso tinha certeza.

Seguiu pela avenida Sherman e entrou na rua Golding, procurando uma casa vazia. Não era difícil de achar. Poucas casas mostravam qualquer brilho de luz, e

esta era tão precária, tão arruinada, que ela se convenceu de que ninguém estaria ali.

As luzes estavam apagadas do lado de dentro, e os esforços repetidos só renderam uma lâmpada funcionando, num abajur estilo Tiffany na sala de estar atulhada de móveis e badulaques. Havia uma poltrona decorada com paninhos de renda, onde ela se deixou afundar, agradecida.

— Alguma velha morava aqui — disse ao vazio cheio de ecos.

Pôs os pés na mesinha de centro — algo que a moradora anterior sem dúvida teria achado feio — e pensou em quanto tempo iria esperar antes de se arriscar nas ruas de novo. A casa de Jack ficava a poucos quarteirões dali, mas significaria passar pelo centro da cidade, mais densamente povoado.

— Eu venderia a alma por algum programa de TV — murmurou a. Como era mesmo aquele seriado? Algo com médicos e todo tipo de tramas novelescas. Como podia ter esquecido o nome? Assistia a toda... toda o quê? Em que noite, mesmo, passava?

Três meses, e ela havia esquecido como era a TV.

— Acho que minhas páginas do MySpace e no Facebook ainda existem, em algum lugar, lá no mundo — pensou em voz alta. Mensagens e convites se empilhando sem ser respondidos. Cadê você, Diana? Posso ser seu amigo? Você leu meu blog?

O que aconteceu com Diana?

Diana está_. Preencha a lacuna.

Diana está...

Perguntou-se o que todo mundo no LGAR perguntava: onde estavam os adultos? O que havia acontecido com o mundo? Será que todo mundo “lá fora” estava morto e a única vida existia aqui, nesta rolha? Será que as pessoas no mundo lá fora sabiam o que havia acontecido? Será que o LGAR era como um ovo gigante, impenetrável, largado no litoral do sul da Califórnia? Seria uma atração turística? Será que ônibus cheios de curiosos se enfileiravam para as pessoas ararem fotos na frente daquela esfera misteriosa?

Diana está... perdida.

Levantou-se para revistar a cozinha. Pelo que podia ver na escuridão profunda, as prateleiras estavam vazias. Tinham sido limpas, claro. Sam teria cuidado disso, juntando todos os recursos.

A geladeira também estava vazia.

Diana está... com fome.

Mas encontrou uma lanterna que funcionava, na gaveta de bagulhos da cozinha. Com ela explorou o único outro cômodo, o quarto ia velha. Roupas de velha. Chinelos de velha. Agulhas de tricô de velha enfiadas num novelo de lã.

Será que Diana ainda estaria ali, presa no LGAR, quando ficasse velha?

— Você já é velha — disse a si mesma. — Todos somos velhos agora. — Mas não era exatamente verdade. Tinham sido obrigados a agir como velhos, comportar-se de modos adultos. Mas ainda eram crianças. Até mesmo Diana.

Havia um livro ao lado da cama da velha. Diana teve certeza de que era uma Bíblia, mas quando apontou a lanterna viu um reflexo de letras brilhantes, em relevo. Era um romance de amor. Uma mulher meio despida e uma espécie de cara sinistro, com o que parecia uma roupa de pirata.

A velha lia romances. No dia em que pufou para fora do LGAR, provavelmente estava pensando: será que a corajosa Caitlin vai encontrar o amor com o belo pirata?

Era assim que eu deveria tentar pegar o Jack, pensou Diana. Bancar a bela dama em apuros. Salve-me, Jack.

Será que Jack Computador reagiria a ela, agora? Será que engoliria a representação? Será que ele seria seu pirata?

— Só me chame de Caitlin — disse Diana, e deu um risinho. Jogou o livro longe. Mas isso pareceu errado, de algum modo. Pegou-o e colocou cuidadosamente de volta onde a velha o havia deixado.

Saiu para a noite procurando um garoto que era muito forte — e, ela esperava, muito fraco. Astrid conectou o cabo em seu computador e a outra ponta na máquina fotográfica que Edilio trouxera a seu pedido. Ele havia dito que várias crianças tinham tirado fotos. O melhor fotógrafo era um garoto de 11 anos chamado Matteo. Essa máquina era dele.

O iPhoto abriu e ela clicou para importar. As imagens começaram a se abrir, piscando no visor enquanto eram carregadas.

A primeira meia dúzia, mais ou menos, era de crianças paradas ao redor. Imagens da plantação. Um close ambicioso de alguns melões.

Sam com a expressão de raiva fria que ele mostrava algumas vezes. Orc encostado no capô de um carro. Dekka fechada em si mesma, ilegível. Howard, Edilio, várias pessoas.

Então o momento em que o chão subiu.

O momento em que Sam disparou.

Assim que as fotos foram carregadas, Astrid começou a passá-las de novo, começando com Dekka fazendo a suspensão da gravidade. O garoto havia usado uma máquina boa e tinha conseguido imagens ótimas. Astrid deu um zoom e pôde ver claramente as minhocas suspensas no ar. Ou na terra.

Então veio uma imagem espetacular que capturava o primeiro disparo do poder de Sam.

Várias outras, tiradas em apenas alguns segundos, rapidamente, algumas trêmulas, mas algumas perfeitamente em foco. Matteo sabia usar uma máquina fotográfica.

Astrid clicou avançando, mas então se imobilizou. Recuou. Deu um zoom fechado.

Uma minhoca estava virada para a máquina, retorcida de modo que a boca cheia de dentes apontava para a máquina. Não havia nada incomum, a não ser que a próxima minhoca que ela examinou estava fazendo a mesma coisa. Na mesma direção, com a mesma expressão.

E a próxima.

Encontrou dezenove imagens separadas de minhocas. Todas estavam viradas para a máquina. Apontando na direção do ataque.

Apontando seus risos diabólicos na direção de Sam.

Com a mão trêmula, moveu o mouse para uma pasta anterior. Abriu as fotos que havia tirado da ezeca morta que Sam havia trazido. Deu um zoom naquela coisa feia, examinando com cuidado acima da cabeça.

Sam entrou na sala. Parou atrás dela e pôs as mãos em seus ombros.

— Como vai, baby? — Tinha começado a chamá-la assim. Ela ainda estava decidindo se gostava ou não.

— Tive uma tarde difícil. Acabei de passar duas horas com o Petey arrasado. Ele viu o Nestor.

— Nestor?

— A boneca russa dele, lembra? Aquelas coisas vermelhas no quarto dele, que ficam uma dentro da outra, lembra? Na outra noite você pisou em cima.

— Ah. É. Desculpe.

— Não foi sua culpa, Sam. — Ela não sabia se gostava que ele a chamasse de “baby”, mas gostou da sensação dos lábios dele em seu pescoço nu. Mas depois de alguns segundos empurrou-o. — Estou trabalhando.

— O que você está vendo? — perguntou Sam.

— As minhocas. Elas estavam olhando direto para você.

— Eu era o cara que estava cozinhando todas elas. Ainda que não tenha dado grande resultado.

Astrid se virou para encará-lo.

— Ah, conheço esse olhar — disse Sam. — Continue, gênio, diga o que eu não percebi.

— Com o *quê* elas estavam olhando para você?

Sam parou alguns segundos. Depois:

— Elas não têm olhos.

— Não. Acabei de verificar de novo. Elas não têm olhos. Mas de algum modo, enquanto eram levitadas no espaço e acertadas por jatos de energia, todas giraram no ar para olhar, ou pelo menos parece que estão olhando, na mesma direção. Para você.

— Fantástico. Então, de algum modo, elas conseguem ver. Acho que o que importa é que matei um punhado delas e elas não captaram a mensagem.

Astrid balançou a cabeça.

— Acho que você não fez nada com elas. Não sei se são “elas”. E se forem como formigas? Quer dizer, e se na verdade não forem minhocas individuais? E se fizerem parte de um superorganismo? Como uma colmeia?

— Então há uma minhoca-rainha em algum lugar?

— Talvez. Ou talvez não seja uma coisa tão hierárquica, pode ser menos diferenciada.

Ele beijou sua nuca, provocando arrepios agradáveis por sua coluna.

— Isso tudo é fantástico, Astrid. Como eu mato esses bichos?

— Tenho duas ideias. Uma é uma sugestão prática. Você vai gostar. A outra é mais maluca. Você não vai gostar da ideia maluca.

Era hora de pôr o Pequeno Pete na cama. Ela se levantou e chamou-o, usando a frase-gatilho que ele entendia.

— Dudu-dormir, dudu-dormir.

— O Pequeno Pete lançou-lhe um olhar nevoento, como se tivesse escutado mas não entendido. Depois se levantou da cadeira e subiu obedientemente a escada. Obediente não à autoridade de Astrid, mas ao que, na verdade, era uma programação.

— Preciso dar uma volta pela cidade e você precisa colocar o Petey na cama — disse Sam. — Então me dê a versão mais curta.

— Certo. Veículos utilitários andando com as rodas sem pneus. As ezecas não podem comer aço. Essa é a sugestão prática.

— Pode dar certo, Astrid — disse ele, empolgado. — Um utilitário só com as rodas de aço, usando ganchos em paus para agarrar melões, repolhos ou qualquer outra coisa. Seria preciso treino, mas, a não ser que as ezecas possam voar, os colhedores poderiam ficar em segurança na picape. — Ele riu. — É por isso que mantenho você por perto, apesar de sua irritante atitude superior.

— Não é uma *atitude* superior — provocou Astrid de volta. — É superioridade mesmo.

— E qual é a sugestão maluca?

— Negociar.

— O quê?

— Elas são inteligentes demais para ser minhocas. São predadoras, e não deveriam ser. São territoriais e não poderiam ser. Movem-se e agem como se fossem uma só, pelo menos em parte do tempo, e isso é impossível. Elas estavam olhando para você, mas não têm olhos. Não tenho prova, obviamente, mas tenho a sensação.

— Sensação?

— Não creio que elas sejam ezecas. Acho que são a Ezeca.

— Falar com a superminhoca? — Sam balançou a cabeça e olhou para o chão. — Sem ofensa, mas o negócio de usar um utilitário como trator é o motivo de você ser a pessoa mais inteligente do LGAR. A outra parte... É por isso que, mesmo sendo inteligente, você não está no comando.

Astrid resistiu à ânsia de dizer algo cortante em resposta à condescendência dele.

— Você costumava manter a mente aberta, Sam.

— Negociar com um cérebro de minhoca assassina? Acho que não, baby. Acho que talvez seu cérebro esteja superaquecendo. Preciso ir.

Tentou beijá-la, mas ela se desviou.

— Boa-noite. Esperemos que o Petey não tenha nenhum pesadelo interessante esta noite, não é? Ah, espera, não há com que se preocupar, provavelmente é só o meu cérebro superaquecido. Jack Computador clicava num número atordoante de janelas numa velocidade espantosa. O cursor do mouse voava pela página virtual, abrindo, fechando, empurrando de lado.

Não dava certo.

Poderia dar. Talvez. Mas não sem mais equipamento. Um servidor de verdade. Um roteador de verdade.

Tinha encontrado um servidor que nem de longe tinha a capacidade que ele queria. Era velho, não era exatamente de ponta, mas funcionava. E certamente havia um número suficiente de PCs e Macs na cidade, que poderiam ser conectados, e o bastante para cada um ter seu próprio computador, com outros de sobra em número suficiente para que as peças fossem canibalizadas.

Mas não tinha um roteador de verdade. Um roteador era a diferença entre uma internet de verdade e simplesmente poder compartilhar um computador entre várias pessoas.

Um roteador de alta capacidade. Esse era o Santo Graal.

Jack podia ver um dia em que Praia Perdida tivesse WiFi. Aí o pessoal poderia criar blogs e bancos de dados, e postar imagens, e talvez ele estabelecesse alguma versão do MySpace ou do Facebook, um site de rede social. E talvez um YouTube, e talvez até um Wiki. WikiLGAR.

Poderia ser feito. Mas não sem equipamentos melhores e em maior número.

Empurrou a cadeira para trás. O que acabou sendo um erro. A cadeira, com ele em cima, saiu voando, deslizou, prendeu-se num suéter largado, virou e por sorte girou de lado logo antes que sua cabeça batesse numa porta fechada.

Ainda estava se acostumando à própria força. Até agora ela não tivera utilidade prática para ele. Na verdade era mais perigosa do que útil.

Jack se levantou e ajeitou a cadeira.

Houve uma batida na porta. Pelo menos talvez tivesse sido uma batida. Mais

parecia um pica-pau.

— Quem é?

— A Brisa.

— O quê?

— Brianna.

Jack abriu a porta e ali estava ela. Usava um vestido. Era azul, curto e tinha alças finas. Ele disse a primeira coisa que lhe veio à mente:

— Como você consegue correr com isso?

— O quê?

— Ah...

— Eu posso correr...

— Eu não...

— Não faz...

— Preciso de um roteador — disse ele.

— Isso pôs um fim nas falas confusas.

O quê? Um roteador?

— É — disse Jack. — Eu não posso, você sabe, fazer com que tudo funcione sem um roteador bom.

Brianna pensou um momento, e depois:

— Eu pareço idiota nesse vestido?

— Não. Não parece idiota.

— Obrigada — disse ela com um sarcasmo pesado. — Fico feliz em saber que não pareço idiota.

— Certo — disse ele, e sentiu-se idiota.

— Bom, eu estava indo à boate. Tenho umas pilhas. Só isso.

— Ah. Bom.

— E?

Jack deu de ombros, perplexo.

— E... então... divirta-se.

Brianna encarou-o por uns cinco segundos muito longos sem desviar o olhar. E depois virou um borrão. Sumiu.

Ele fechou a porta e voltou para o computador que estava usando para rodar uma análise do servidor antigo.

Uns cinco minutos depois começou a imaginar se teria deixado de perceber alguma coisa na breve conversa com Brianna.

— Por que ela havia aparecido ali?

Seis meses antes Jack nunca pensava em garotas. Agora elas apareciam cada vez mais em seus pensamentos. Para não falar de alguns sonhos muito embaraçosos.

Nos bons tempos ele poderia ter buscado uma explicação no Google. Agora, não. Seus pais nunca haviam conversado de verdade com ele sobre a puberdade, sobre o fato de que seu corpo mudava, assim como os pensamentos. Sabia o suficiente para saber que as coisas estavam mudando para ele, mas não sabia se era algo que poderia impedir.

Precisava de um roteador.

Ou precisava encontrar Brianna e... e falar com ela. Talvez sobre o roteador.

Uma ideia lhe veio com tanta força que ele sentiu que ela fizera seu coração parar durante um segundo: será que Brianna o havia convidado para ir com ela à boate? Onde as pessoas dançavam?

Não. Isso era maluquice. Ela não viria chamá-lo para ir dançar. Viria?

Não.

Talvez.

A tela do computador chamava-o. Para Jack isso sempre havia sido melhor do que um doce. Melhor do que qualquer coisa. Ansiava desesperadamente para estar conectado de novo, de volta no Google. De volta no Gizmodo. De volta em... mais sites do que poderia citar.

Jack tinha passe livre para a boate do Albert. Havia passado parte de um dia ajudando Albert a montar o sistema de som — uma moleza — e havia ganhado uma espécie de passe VIP. Assim, se Brianna estava lá, e ela queria que ele também estivesse, bom, ele poderia ir.

Tomou a decisão muito de repente e agiu muito de repente. Depressa, antes que

mudasse de ideia. Saltou para a porta e esmagou a maçaneta com os dedos ansiosos demais. Agora ela não iria girar, mas era fácil arrombar a porta. Houve algum dano, mas nada importante.

A boate estava barulhenta — o sistema de som parecia funcionar bem — e atulhada com gente demais. Albert segurava uma fila de garotos na porta.

— Desculpe, pessoal, mas a ocupação máxima é de 75 pessoas — disse Albert. Então viu Jack. — Jack, como vai?

— O quê? Ah, bem. — Jack estava confuso com relação ao que deveria fazer. Não queria esperar na fila se Brianna nem estivesse lá centro.

— Você parece que tem uma pergunta — instigou Albert.

— Bom, eu estou meio procurando a Brianna. A gente tem um... um negócio técnico. Você não entenderia.

— A Brisa já está lá dentro.

Um dos garotos na fila disse:

— Claro que ela está. Ela é uma aberração. Eles sempre entram.

Um segundo garoto assentiu.

— É, as aberrações não esperam na fila. Mas ela não teve de pagar, também.

— Ei — disse Albert. — Ela chegou aqui um pouco antes de vocês e esperou. E pagou. — Depois virou-se para Jack. — Pode entrar.

— Está vendo? — grasnou o primeiro garoto. — Ele também é.

— Cara, ele montou o meu som — disse Albert. — O que você fez para mim, além de ficar aí parado pegando no meu pé?

Sem graça, Jack passou por Albert e entrou. Cerca de metade do pessoal estava dançando. O resto acampava em cadeiras e em mesas, batendo papo. Jack demorou um tempo para se ajustar à iluminação e ao barulho.

Procurou Brianna enquanto tentava parecer casual. Viu Quinn, dançando sozinho, e Dekka, sentada em silêncio, mal-humorada num canto.

Parado perto de Dekka, mas não com ela, havia um garoto que a princípio Jack achou familiar. Teria uns 12 anos, não mais do que isso, com cabeça praticamente raspada e curativo no nariz. Jack notou o garoto porque o garoto estava encarando-o. No instante em que Jack fez contato visual o garoto virou o rosto.

Jack ouviu um coro de gritos felizes, encorajadores, e mãos batendo palmas. Seguiu o som e ali estava Brianna. Dançava sozinha — ninguém poderia dançar com ela — mantendo seu ritmo acelerado, dez vezes mais rápido do que a música.

Seu vestido flutuava ao redor do corpo, não exatamente preso, como uma nuvem azul. Jack achou o efeito absolutamente fascinante. Brianna não era do tipo que as pessoas chamariam de bonita, estava mais na categoria “bonitinha”. Mas havia algo nela que a tornava difícil de ser ignorada. E não somente o fato de que era a Brisa.

— Vai fundo, Brisa — gritou alguém.

Mas outra voz gritou:

— Para de se mostrar, mutante idiota.

Brianna parou. Seu vestido se acomodou de volta no lugar.

— Quem disse isso?

Zil. O mesmo panaca que havia pegado no pé de Jack por causa dos telefones.

— Eu — disse Zil, avançando. — E não se incomode em parecer durona. Não tenho medo de você, aberração.

— Deveria ter — sibilou Brianna.

De repente Dekka estava ali, fora da cadeira, com a mão estendida entre Brianna e Zil.

— Não — disse em sua voz profunda. — Nada disso.

Quinn se juntou a ela.

— Dekka está certa, não podemos ficar brigando aqui. Sam vai fechar esse lugar.

— Talvez a gente devesse ter duas boates diferentes — disse um garoto do sétimo ano, chamado Antoine. — Sabe, uma para as aberrações e uma para os normais.

— Cara, qual é o seu problema? — perguntou Quinn.

— Não gosto de ver ela se fazendo de boa, só isso — disse Zil, parando ao lado de Antoine.

— Você deveria estar do nosso lado, Quinn. Todo mundo sabe que você é normal — disse outro garoto, Lance. — Bom... meio normal. Você ainda é o Quinn.

— Corta essa — rosnou Dekka.

— Eu sei cuidar de mim — disse Brianna ríspidamente para Dekka. — Posso cuidar desses dois babaquinhas, posso acertar os dois tão depressa que eles nem vão ver a coisa acontecendo.

— Fica fria — disse Dekka. — Por que não se diverte sem se mostrar?

Por um segundo Brianna pareceu a ponto de desafiar Dekka. Mas Dekka nem piscou, só ficou esperando.

Brianna sorriu de modo teatral.

— Certo. A Brisa não curte encrenca. A Brisa só quer saber de se zoar. — Ela fez uma espécie de reverência para Dekka, que Dekka aceitou com um gesto de cabeça.

A música aumentou de novo e o pessoal voltou a dançar ou bater papo.

— Ei, Jack — disse Brianna. — Você veio.

— É.

— E aí, você acha que poderia vencer a Dekka? — perguntou ela.

A pergunta o espantou. Seu queixo caiu.

— Tô brincando. Só brincando — disse Brianna. — Dekka é bem maneira. Não tanto quanto eu, claro.

— *Ninguém é tão maneira quanto você — respondeu Jack rapidamente. Brianna aceitou isso como se fosse natural.*

— Quer dançar?

— Não sei dançar — disse Jack.

— Verdade?

— Verdade.

— Eu posso ensinar.

— Eu iria ficar sem graça.

Brianna deu de ombros.

— Ninguém vai rir de você.

— Vai sim.

Brianna balançou a cabeça. Em velocidade normal.

— De jeito nenhum. Todo mundo espera que você conserte os telefones, a internet e coisa e tal. Todo mundo gosta de você. Bem, não gosta exatamente, mas todo mundo espera que você faça isso.

— Eu disse que já consertei os telefones.

Os olhos de Brianna se estreitaram.

Jackzinho, olha o que você fala. Isso deveria ser segredo, certo? — Depois ela mudou o foco para alguém atrás do ombro de Jack. — O que você ouviu?

Jack se virou e viu o garoto de cabelo curto dando de ombros.

— O quê? Não ouvi nada.

Aquela voz. Jack conhecia aquela voz.

— Isso mesmo, você não ouviu nada — disse Brianna com objetividade.

— E é melhor não repetir o que você não ouviu.

Ele conhecia a voz.

Olhou para o garoto que tinha aquela voz. E, de repente, *viu*.

— Então venha dançar comigo — disse Brianna, puxando o braço de Jack.

Ele se soltou.

— Eu... é... preciso ir — disse, incapaz de afastar os olhos do garoto de cabelo quase raspado.

— Ninguém vai zoar você — implorou Brianna. Mas Jack simplesmente se soltou da mão dela e correu para a porta.

— Certo, tá legal, esquece — gritou Brianna. — Jeca. Jeca Computador.

— Depois, suficientemente alto para todos ouvirem, disse: — Acho que ele tem medo de mulher.

DEZESSETE | 22 HORAS

DIANA SEGUIU JACK, saindo da McBoate. Era um alívio estar longe de Brianna e Dekka. As duas garotas conheciam Diana muito bem. Nenhuma tinha motivo para gostar dela.

Felizmente Dekka só tinha olhos para Brianna, e Brianna estava concentrada em Jack. Tinha havido um momento aterrorizante em que Brianna falou diretamente com Diana, mas esta olhou rapidamente para o chão e Brianna não a reconheceu.

Jack estava em movimento, ignorando o educado “boa-noite” de Albert, afastando-se depressa da boate. Não exatamente correndo, mas parecendo que queria fazer isso.

Ela o alcançou.

— Jack.

Ele parou. Olhou em volta, com medo de alguém escutar.

— Diana? — sussurrou.

— Mmmm. E. Gostou do meu novo corte de cabelo? — Ela esfregou o cocuruto com a mão.

Para um garoto com a força de dez homens adultos, ele parecia tremendamente nervoso.

— O que você está fazendo aqui?

— Preciso de você, Jack.

— Você? Precisa de mim?

Ela inclinou a cabeça de lado e o avaliou.

— Então você gosta da Brianna, hein? E eu que pensava que era a garota dos seus sonhos.

Os tons da carne eram todos azulados à luz áspera do poste, mas Diana teve certeza de que ele estava ficando vermelho.

— Vem — disse ela. — Vamos andar na praia. Dá para ter um pouco de privacidade lá.

Ele a acompanhou obedientemente, como ela sabia que aconteceria. Jack podia

estar a fim da bonitinha Brianna, mas Diana não havia deixado de notar nenhum dos olhares disfarçados que Jack lhe dera nos meses desde que ela o conhecia. Ainda tinha algum poder sobre ele. Desceram o quebra-mar baixo e andaram com dificuldade pela areia sob o céu noturno. Diana sentiu vontade de morar ali, perto da praia. Por mais que Praia Perdida estivesse danificada e sem graça, ainda era muito mais viva do que a Fábrica do Medo, como algumas crianças chamavam a Academia Coates.

— O que você quer? — perguntou Jack. Sua voz parecia desesperada.

— E aí? Você fez os celulares funcionarem. Eu estava imaginando por que demorou tanto. Você sempre me dizia que seria bem fácil.

— Não posso falar sobre isso — disse ele, arrasado.

— Sam não deixa você fazer, não é? Por quê? — Como ele não respondeu, ela deu sua explicação. — Porque a gente poderia usar também. Interessante. Coitado do Caine: sempre subestimando o irmão.

Jack andava ao lado dela. A força em seus membros fazia os pés afundarem muito na areia.

— Agora o Caine sabe sobre você, claro; que você é mutante. E com um poder tremendamente sério.

— Sabe? — A voz de Jack subiu uma oitava.

Diana sorriu sozinha. Ele continuava apavorado. Bom.

— É. Sabe de tudo. Sabe que não é sua culpa você ter vindo parar aqui. Sabe que fui eu.

— Ele fez você cortar o cabelo?

A pergunta pegou Diana desprevenida. Ela riu.

— Ah, Jack. Não. O Caine me perdoou. Você sabe como ele é. Fica furioso, mas acaba sempre perdendo.

— Não foi assim que pareceu.

Diana optou por não argumentar.

— Como vai o projeto da internet?

— Preciso de um servidor decente. Preciso de um roteador decente.

— Isso é equipamento?

A pergunta permitiu um momento de superioridade para Jack. Ela ouviu o tom familiar de pedantismo na voz dele.

— É, é equipamento.

— Você já procurou em todo lugar?

— Já.

— Procurou na Coates, quando ainda estava com a gente?

— Claro. Sei absolutamente tudo de tecnologia que existe na Coates, e provavelmente tudo que existe aqui em Praia Perdida.

Então, pensou Diana, esta era a isca que precisava jogar para Jack. Claro. O que mais seria? Ele poderia sentir desejo por Diana e querer Briana, mas o verdadeiro amor de Jack era feito de silício.

— Mesmo que você consiga um roteador, por que acha que o Sam deixaria você montar sua internet?

A hesitação longa, muito longa, era a única confirmação de que Diana precisava.

Por fim ele disse:

— Não sei.

— Sei que o Sam é um cara legal — admitiu Diana. — Mais legal do que o Caine. Mas o Caine sempre respeitou o que você consegue fazer, Jack. Mesmo antes do LGAR. Você sabe que ele sempre deixou você fazer suas coisas.

— Talvez — murmurou Jack.

— Quer dizer, saca só: você imagina, ao menos por um segundo, que o Caine iria lhe dar um serviço tão difícil como consertar o sistema de celulares e depois diria para não ligar?

O silêncio dele foi eloquente.

— Nós precisamos de você, Jack. Precisamos que você volte.

— Tenho coisas para fazer aqui.

Diana pôs a mão no braço de Jack e ele parou de andar. Ela girou para ficar cara a cara com ele. Ficou muito perto. A ponto de ter certeza de que o disco rígido que ele tinha no lugar do coração estava zumbindo.

Acariciou o rosto dele com os dedos. Não muito explicitamente, não era de fato

uma promessa, só o bastante para desorientá-lo, coitadinho.

— Volte, Jack — ofegou Diana. — O Caine tem um serviço para você. O maior serviço que você possa imaginar. O desafio tecnológico definitivo. — Ela falou as três últimas palavras lentamente, fazendo pausas de modo dramático.

Os olhos de Jack se arregalaram.

— O que é?

— Uma coisa que só você pode fazer. Só você.

— Você não pode contar?

— É uma coisa enorme, Jack. Para além de tudo que você tentou até agora. Computadores maiores. Programas muito mais complexos. Talvez seja demais... até mesmo para você.

Ele balançou a cabeça, mas só um pouquinho.

— É um truque. Você só está tentando fazer com que eu volte para que o Caine e o Drake me deem uma lição.

— Não se ache mais do que é, garoto. — Era hora de fechar o trato. De fazer com que ele acreditasse. — Você só serve para uma coisa. Você não é o Jack Corajoso, o Jack Lutador nem mesmo o Jack Amante, apesar de eu saber que você tem suas pequenas fantasias tristes. Você é o Jack Computador. Sam não vai deixar que você faça o que pode. Caine vai. E, Jack?

— O quê?

— É muita tecnologia. Um desafio gigantesco. E só você pode fazer.

— Eu... preciso pensar...

— Não, Jack. É agora. Agora ou nunca.

Ela se virou e começou a andar. Jack ficou parado, hesitando. Mas ela sabia. Tinha visto nos olhos dele.

— Ei. Alguém esteve no meu quarto — disse Zil Sperry, descendo a escada a toda velocidade.

Hunter Lefkowitz estava esparramado no sofá, com uma perna no encosto, a outra tocando o chão, os dois braços atrás da cabeça. Estava assistindo a um DVD do filme Superbad — *É hoje*. Tinha assistido pelo menos dez vezes antes. Conhecia cada piada.

— Como é que você sabe, cara? Com a bagunça do seu quarto... respondeu Hunter, mal prestando atenção.

Zil se aproximou e apertou o botão de desligar na lateral da TV.

Não tô achando isso engraçado, otário. Alguém entrou no meu quarto. Alguém pegou uma coisa minha.

Hunter dividia a casa com outros três garotos, Zil, Charlie e Harry. Eram amigos desde antes do LGAR. Todos eram do sétimo ano, e a coisa que os unia era o amor pelo time dos San Francisco Giants. Praia Perdida era definitivamente território de torcedores dos Dodgers, talvez com alguns fãs dos Angels. Mas Zil e Charlie tinham se mudado da área da Baía de São Francisco, Harry tinha vindo de Lake Tahoe e Hunter simplesmente gostava dos Giants.

Assim haviam se juntado para pegar no pé de outros garotos da escola vestindo-se ostensivamente com as cores laranja e preto do time. Reuniam-se nas tardes de verão para assistir aos jogos.

Mas não existiam esportes profissionais no LGAR. Nem TV. Os quatro não tinham mais o interesse comum que os havia unido.

E ultimamente vinha crescendo uma distância entre Hunter e os outros três, por um motivo que só existia no LGAR: Hunter era uma aberração. Os outros três eram normais. A princípio todos falavam sobre isso juntos, tipo: não é grande coisa, provavelmente todos acabariam tendo poderes, Hunter só era o primeiro.

Mas, à medida que as semanas passavam, nenhum dos outros três havia mudado, ao passo que Hunter ia rapidamente se tornando um mutante potencialmente poderoso. Isso incomodava Zil.

Incomodava cada vez mais, a cada dia que passava.

— Ei, cara, liga a TV de novo — exigiu Hunter, apontando com raiva para o aparelho.

— Devolva, Hunter — exigiu Zil.

— Devolver o quê, porcalhão?

Zil hesitou. E depois:

— Você sabe.

Hunter deu um suspiro pesado e sentou-se.

— Certo, então você está me acusando de roubar uma coisa e nem quer dizer o

que é? Cara você deve estar num tremendo tédio para começar essa porcaria comigo sem motivo.

— Porcaria! — gritou Zil, acusando.

Harry veio chegando da sala de jantar, onde estava montando um complicado projeto com LEGO, atraído pelo som das vozes exaltadas.

— O que que tá rolando? — perguntou.

— O Mub aí roubou uma coisa do meu quarto — disse Zil.

— Mentira — contra-atacou Hunter. — E não comece a me xingar.

— Mub? Você é um mutante-aberração. Por que não posso chamar assim?

— O que é que tá rolando? — perguntou Harry de novo, perplexo.

— Devolve — disse Zil. — Devolve.

— Seu otário imbecil, eu nem sei do que você está falando! — Agora Hunter estava de pé, com o rosto vermelho.

— A carne-seca de porco — respondeu Zil. — Você me chamou de porcalhão. Depois disse “porcaria”. Então para de bancar o espertinho. Você sabe exatamente o que era, porque roubou. Eu tinha um pedaço de carne-seca de porco.

— Então é isso? — Hunter estava incrédulo. — Em primeiro lugar, por que você estava escondendo da gente, cara? Eu achei que a gente dividia...

— Cala a boca, seu mutante-aberração da natureza! — gritou Zil.

— Não divido nada com você. Posso dividir coisas com humanos, mas não com esses abums.

Já haviam acontecido discordâncias. Até discussões. E não era a primeira vez que Zil atacava os poderes de Hunter. Mas esta era mais intensa, e agora estava começando a parecer que era inevitável a briga da qual tinham conseguido se desviar no passado. A questão na mente de Hunter era: será que poderia vencer? Zil era maior e mais forte. Mas se fosse haver uma briga, certo, Hunter brigaria. Não podia recuar.

— Para trás, Zil — alertou Hunter.

— Cala essa boca mutante, seu mub sub-humano, sua aberração — gritou Zil de volta. E fechou os punhos, tenso, preparado.

— É a última chance — alertou Hunter.

Zil hesitou, mas só por um segundo. Girou e agarrou um comprido atizador de bronze que estava na frente da lareira.

Hunter encolheu-se chocado. Zil podia matá-lo com o atizador. Aquilo não era somente uma briga de punhos.

Levantou as mãos com as palmas para fora.

Harry moveu-se com velocidade surpreendente, tentando entrar entre os dois, tentando acalmá-los, talvez, ou talvez só ficar fora do caminho.

Então Harry gritou.

Segurou o pescoço com força.

Girou lentamente e olhou horrorizado para Hunter. Os óculos de Harry escorregaram de cima do nariz. Seus olhos se reviraram na cabeça e ele desmoronou no chão.

Hunter e Zil se imobilizaram. Olharam para Harry.

— O que aconteceu? — perguntou Zil. — O que você fez com ele?

Hunter balançou a cabeça.

— Nada. Nada, cara, não fiz nada.

Zil se ajoelhou e tocou o pescoço de Harry.

— Está quente. A pele dele está quente.

Hunter recuou.

— Eu não fiz nada, cara.

— Sua aberração! Sua aberração assassina! Você matou ele.

— Ele não morreu, está respirando — protestou Hunter. — Eu não queria... Ele pulou no meio de nós...

— Era eu que você estava tentando matar — gritou Zil.

— Você ia me acertar com aquele atizador!

— O que você fez, cara? Ligou suas mãos mágicas de micro-ondas e fritou o cérebro dele?

Hunter estava olhando para as palmas das mãos, pasmo, sem querer que fosse verdade, precisando que não fosse verdade. Não tinha tido a intenção... Harry era seu amigo...

— Ah, meu Deus, seu mutante assassino!

— Vou chamar a Lana. Ela vai salvar ele — disse Hunter. — Ele vai ficar bem. Vai ficar legal.

Mas, enquanto olhava, uma bolha enorme estava se formando na nuca de Harry, bem na base do crânio. A bolha tinha 15 centímetros de diâmetro, grande como uma laranja, um saco peludo cheio de líquido.

Hunter saiu correndo da sala. Os gritos de acusação de seu ex- amigo seguiam-no:

— Aberração assassina! Aberração assassina! Sam estava dormindo no quarto de hóspedes da casa de Astrid. Ouviu o som de alguém vomitando no banheiro ao lado.

Estava para lá de exausto, mas mesmo assim arrastou-se para fora da cama, pegou uma camiseta e bateu na porta do banheiro.

— Ei — disse.

— O que foi? — respondeu a voz de Maria, trêmula.

— Você está bem?

— Ah, desculpe. Acordei você?

— Pareceu que você estava chamando o Raul. Está enjoada?

— Não. Não, estou bem.

Ele poderia jurar que tinha ouvido um soluço na voz dela, um som embargado.

— Tem certeza?

A voz de Maria ficou mais firme.

— É, estou bem, Sam. Volte para a cama. Desculpe se acordei você. Travesseiros do modo como gostava. Olhou o relógio. Meia- noite. Fechou os olhos. Mas sabia que o sono não voltaria tão cedo. Em vez disso veio um trem de carga cheio de preocupações e fragmentos de preocupações. E sua velha amiga, a fome. Era difícil cair no sono quando o estômago estava se retorcendo e dando nós.

Ouviu a descarga do vaso e a luz do banheiro se apagou.

E se Maria estivesse doente? Quem ele poderia arranjar para cuidar da creche? Astrid precisava cuidar do Pequeno Pete, de modo que não poderia ser ela. Começou a repassar a lista de pessoas em quem podia confiar que se comportassem

de modo maduro.

As únicas pessoas em quem conseguiu pensar para substituir Maria provavelmente só fariam o serviço para ter acesso ao suprimento de aveia da creche.

Ele estivera sonhando, pensou. Confeitos de hortelã. Estivera sonhando com...
... Confeitos de hortelã.

Era isso, a coisa que cutucava a borda de sua consciência. Confeitos de hortelã.

— Estou pirando de fome, é isso, estou pirando de fome lentamente.

Forçou os olhos a se fechar, mas o incômodo no fundo da cabeça martelava com mais força agora, sem dar folga, exigindo atenção.

Alton e Dalton brigando para ver a quem eles pertenciam. Quem tinha pegado.

Já pensou que poderia ser algum outro garoto que estava montando guarda ?

— Não. Heatber B e Mike J estavam na guarita. E Josh dormiu o tempo todo.

— Como assim, Josh dormiu ?

Confeitos de hortelã. O mapa com a usina nuclear no centro. A lembrança do dia da batalha.

Bug, o camaleão.

Bug.

A usina nuclear.

Sam pulou da cama como se tivesse sido disparado de um canhão.

Vestiu jeans e procurou freneticamente os tênis embaixo da cama. Calçou-os e correu para o quarto de Astrid. Não bateu, simplesmente abriu a porta.

Ela estava dormindo, um emaranhado de cabelos louros num travesseiro.

— Astrid. Acorda.

Ela não se mexeu, por isso ele segurou seu ombro nu, sentindo uma empolgação ilícita apesar do frenesi.

— Acorda.

Os olhos azuis se abriram de repente.

— O que foi? O Petey de novo?

De repente ele estava tremendamente cômico de que nunca esteve no quarto dela antes. Mas essa não era a hora.

— Bug. Ele pegou os confeitos de hortelã.

Ela o encarou.

— Você me acordou para falar isso?

— Na usina. Alton e Dalton. Os dois estavam dizendo a verdade. Nenhum dos dois pegou os confeitos, nem o Josh. Outra pessoa esteve lá. Alguém que eles não viram.

— Por que o Bug iria à usina? — perguntou Astrid. Então seus olhos se arregalaram enquanto ela entendia.

— Porque eu sou um idiota, por isso — disse Sam com raiva. — Preciso chamar o Edilio. Você está no comando até eu voltar.

— Talvez você esteja errado.

Ele já ia saindo. Desceu a escada correndo e saiu para o ar gelado da noite. Encontrou Edilio na sede dos bombeiros, onde ele ficava na maior parte das noites.

— Quem está de vigia na usina? — perguntou a Edilio depois de arrancá-lo de um sono profundo.

— Josh, Brittney D, ah..., Mickey e Mike Farmer.

— Mike é confiável — disse Sam. — E os outros três?

Edilio deu de ombros.

— Cara, eu trabalho com o que tenho. Mickey é o cara que estava brincando por aí com uma arma e abriu um buraco no piso da casa, matou a máquina de lavar no porão. Brittney pode ser legal. Ela é motivada. O Josh? Não sei, cara.

Empilharam-se no jipe. Demoraram uma hora percorrendo a cidade antes de arrebanhar Dekka, Brianna, Taylor, Orc e um punhado dos soldados de Edilio. Acrescentaram um sedan e um Escalade gigante ao comboio. Orc roncava na traseira do Escalade.

Tinham dez pessoas em três veículos. Pararam na frente da prefeitura. Sam desceu para a calçada, onde podia ser ouvido por todos.

— Desculpe tirar todos vocês das caminhadas quentes, mas acho que Caine vai tentar atacar a usina — disse.

— Deixe eu correr até lá e avisar o pessoal — implorou Brianna.

— Se você correr 16 quilômetros em alta velocidade vai morrer de pé. Com fome do jeito que está?

— Cara, a Brisa pode fazer 16 quilômetros em, tipo... um minuto. — Ela estalou os dedos.

Sam hesitou. Era verdade. Brianna poderia chegar muito antes deles. Também era verdade que ficaria exausta com isso. Ele já a vira cobrir esse tipo de distância. Ela não ficava simplesmente exaurida, ficava parecendo à beira da morte.

— Vá. Mas fique fora de encrenca. — As últimas palavras foram ditas para um sopro de ar.

Provavelmente estava reagindo com exagero, disse Sam a si mesmo. Confeitos de hortelã desaparecidos não eram um motivo muito bom para entrar em pânico. Ia parecer um idiota.

Mas seus instintos diziam que estava certo. Estava certo porque, se fosse Caine, era o que ele teria feito.

Deveria ter previsto. Deveria ter previsto e se preparado. Como deveria ter se preparado para o ataque contra a mercearia.

Saíram da praça. Passaram pelo cemitério construído por Edilio, o que tinha lápides demais. Pelo prédio de apartamentos incendiado, pelo jardim de infância danificado, pela igreja meio destruída.

Sam disse a si mesmo que estivera correndo o mais rápido que podia, mantendo-se em dia com as trivialidades e tentando lidar com a ameaça da fome. Não adiantava. Se Caine estivesse querendo a usina nuclear...

Seguiram por mais dois quarteirões e, de repente, no meio da rua escura, apanhado nos faróis, estava Zil, correndo e balançando os braços feito louco.

— O que eu faço? — perguntou Edilio.

Sam xingou baixinho.

— Pare. Vamos ver o que é.

Edilio pisou no freio. Zil veio correndo, sem fôlego, ofegante, vermelho. Encostou-se na janela enquanto Sam a abaixava.

— É o Hunter, cara. A aberração matou o Harry.

Dekka soltou uma espécie de rosnado no fundo da garganta que fez Zil dar um

passo atrás. Mas ele não ia se desculpar.

— Isso mesmo, ele é uma aberração. Um de vocês. E usou os poderes de aberração para matar o Harry. Sem motivo.

— Você encontrou a Lana? — perguntou Edilio.

— Não sei onde ela está.

— Engraçado como você não chama a Curadora de Aberração — observou Dekka.

— Lanna está no Penhasco — disse Sam. — Ótimo, agora eu realmente poderia usar a Brianna. Certo, teremos de esperar que eu só esteja paranoico com a usina. Edilio, me deixe na casa de Hunter e Zil. Diga ao seu pessoal para voltar à praça, esperar por nós lá. Depois você vai ter de ir ao Penhasco e ver se consegue achar a Lana. Certo?

— Certo.

— Dekka, por que não fica comigo para ver que negócio é esse?

— Vou chamar alguns normais — disse Zil. — Os normais precisam saber o que está acontecendo.

Sam apontou o dedo para ele através da janela.

— Você vai correr por aí acordando as pessoas que estão dormindo? Não. Você vem com a gente.

— De jeito nenhum, cara. Com você e Dekka? Vocês dois são aberrações. As aberrações sempre dão força umas para as outras.

— Você está sendo idiota, Zil — disse Sam. — Não vou deixar você correr por aí provocando encrenca.

— O que vai fazer? Me fritar? — Zil abriu os braços num gesto que era ao mesmo tempo desafiador e inocente.

— Isso é besteira — disse Sam. — Entra, Zil. Estamos perdendo tempo com discussão.

— De jeito nenhum, cara. De jeito nenhum. — Zil se virou e começou a andar rapidamente.

— Quer que eu faça ele parar? — perguntou Dekka.

— Não.

— Ele vai causar encrenca.

— Parece que o Hunter já causou. Vamos indo, Edilio. Esperemos que a Brisa chegue à usina e pelo menos acorde o pessoal. Quanto mais penso nisso, mas acho que reagi com exagero. Não creio que o Caine vá começar uma guerra esta noite.

— Talvez a gente tenha uma guerra aqui mesmo na cidade — disse Edilio.

DEZOITO | 18 HORAS E 47 MINUTOS

PATRICK ACHAVA QUE tudo era festa. Sua dona estava acordada no meio da noite, e isso era divertido. Além do mais, ela estava subindo numa picape.

Quinn estava ao volante. Albert ao lado. O banco de trás normalmente seria meio apertado para Lana e Cookie, que era um garoto muito grande, mas Quinn tinha puxado o banco do motorista completamente para a frente, para alcançar os pedais. Patrick subiu e ficou atravessado no colo de Cookie.

— Quer colocar o cachorro na traseira? — sugeriu Albert.

— Para ele ficar latindo para tudo que passar? Acordar todo mundo?

— Certo — disse Albert. E lançou um olhar maligno para o cachorro. Lana não gostava disso em Albert, do fato de ele não gostar de cachorros, mas esta não era a hora para discutir.

Pelo menos Albert não estava fazendo piadas sobre comer o Patrick. Ela já ouvira mais de uma pessoa brincando com isso.

Os quatro — cinco, contando com Patrick — haviam se encontrado numa loja de autopeças na estrada. Havia um utilitário de cabine dupla parado ali, que Albert achava que seria a coisa certa para a viagem pelo campo até o ouro.

— Acho melhor ver se sei dirigir essa coisa — disse Quinn.

— Você disse que sabia dirigir — acusou Albert.

— E sei. Já dirigi o jipe do Edilio, pelo menos. Mas isso aqui é maior.

— Fantástico — murmurou Albert.

Quinn virou a chave e o motor rugiu. Pareceu alto demais, como se fosse acordar toda a cidade.

— Caraca — disse Quinn. Em seguida engatou a marcha e a fera saltou adiante, bateu num meio-fio e rabeou na estrada.

— Ei, não é para matar a gente, certo? — gritou Albert.

Quinn ajeitou a picape, que partiu a calmos cinquenta por hora passando pelo centro do que já fora uma autoestrada cheia de movimento.

— Você parece meio irritado, Albert — disse Quinn em tom brincalhão. — Vai me contar por que estamos nessa viagem? Quero dizer, são o quê, três da

madrugada? Não vamos matar algum cara, certo?

— Você está sendo pago, não está? — respondeu Albert ríspidamente.

— Você não contou a ele? — perguntou Lana no banco de trás. — Albert, ele precisa saber o que está acontecendo.

Como Albert não respondeu, Lana disse:

— Vamos pegar ouro, Quinn.

Ela viu os olhos de Quinn emoldurados no retrovisor.

— Ah. O quê?

— Na cabana do ermitão Jim. O ouro — explicou Lana.

Lana viu os olhos de Quinn de novo, mais preocupados.

— Desculpe, mas na última vez que nós passamos por lá estávamos sendo mastigados por coiotes.

— Agora você sabe usar uma arma. E tem uma arma — disse Albert calmamente. — E o Cookie tem uma arma. Os dois foram treinados.

— Isso mesmo — concordou Cookie. — Mas não quero atirar em ninguém. A não ser que mexam com a Curadora.

— E a gente precisa de ouro *por quê?* — perguntou Quinn, meio esganiçado.

— Precisamos de dinheiro — respondeu Albert. — A gente só pode ir até certo ponto com as trocas. Precisamos de um sistema, e o sistema funciona melhor se você tiver uma base monetária.

— Ahã.

— Certo, olha, pense no negócio dos peixes, tá sabendo? — começou Albert.

— Não é grande coisa em termos de negócio — resmungou Quinn.

— Ontem eu mal peguei o suficiente para fazer isca.

— Você vai ter dias bons e dias ruins — disse Albert com impaciência. — Em alguns dias vai ter um monte de peixe. Então digamos que você queira trocar uns peixes por laranjas.

— Parece bom, na verdade. Você conhece alguém que tenha laranjas?

— Você tem peixe suficiente para trocar alguns por laranjas e alguns por pão, e alguns por alguém para limpar o seu quarto. São três lugares diferentes aonde você

precisa ir levando o peixe para pagar a alguém.

— Tem mais alguém morrendo de fome agora? — brincou Quinn.

— Quer dizer, cara: laranja? Pão? Dá um tempo.

Albert ignorou-o.

— O que você faz se tem dinheiro, em vez de simplesmente trocar coisas, é que pode ter um mercado onde todo mundo traz o que tem para vender, certo? Tudo num lugar só. E todo mundo anda por aí com pedaços de ouro, e não com o peixe, ou com um carrinho de mão cheio de milho ou sei lá o quê, tentando fazer trocas.

— De qualquer modo eu fico com os meus peixes — disse Quinn.

— Ou estou andando por aí vendendo nesse seu mercado ou parado com as pessoas vindo trocar comigo, mas de qualquer modo...

— Não, cara — interrompeu Albert, impaciente. — Porque você vai vender seu peixe a alguém que vende para outras pessoas.

— Você precisa sair para pescar, porque é nisso que você é bom. Não em vender peixes. Em pescar.

Quinn franziu a testa.

— Quer dizer, eu vou vender os peixes a você.

— Pode ser — concordou Albert. — Depois eu vendo à Lana. Desse modo, Quinn, você faz o que sabe fazer e eu faço o que eu sei, e para fazer tudo isso funcionar direitinho precisamos de algum tipo de dinheiro.

— É, bem, e como eu estou fazendo isso aqui a noite toda, pode não haver nenhum peixe amanhã — resmungou Quinn. Depois fez a pergunta que Lana esperava: — Por que você está vindo junto, Curadora?

O uso de seu “título” incomodou Lana; não tinha exatamente certeza do motivo. E a pergunta junto com o título a incomodou. Não gostou da pergunta. Remexeu-se no banco e olhou pela janela.

— Ela vem porque eu preciso de um guia — disse Albert. — E vou pagar a ela. Quando pegar o ouro. O que nos traz a uma coisinha chamada crédito.

Coitado do Albert, pensou Lana enquanto o cara partia para um sermão sobre a utilidade do crédito. Garoto inteligente. Provavelmente acabaria como dono do LGAR. Mas ele não sabia nada sobre seus motivos para ir nessa viagem.

Nem todo o ouro do mundo bastaria para lhe pagar pelo que estava planejando

fazer. O ouro não podia tocar o pavor frio que enchia seu coração. E o ouro não lhe serviria de nada, se ela fracassasse.

— Existem mais coisas do que dinheiro no mundo — disse Lana, pensando que só estava falando para si mesma.

— Tipo o quê? — perguntou Albert.

— Tipo a liberdade.

E nesse ponto Albert começou a dizer como o dinheiro podia comprar a liberdade. Lana supôs que ele estava certo na maioria dos casos. Mas não neste.

— Não neste caso.

Ela não poderia subornar a Escuridão. Mas talvez, talvez... pudesse matá-la. Caine estava sentado em silêncio, mordendo o polegar, roendo a unha meio comida.

Panda dirigia. Jack Computador estava espremido no banco de trás entre Diana e Bug. Estavam no carro da frente. O segundo, um utilitário, vinha atrás com Drake e quatro de seus soldados. Todos armados.

Dirigiam com cautela. Caine insistiu nisso. Panda estava dirigindo melhor, com mais confiança, mas tinha somente 13 anos. Ainda dirigia apavorado.

O utilitário que vinha atrás, sem dúvida instigado por Drake, praticamente se pendurava no para-choque deles, impaciente.

Passaram pela Autoestrada 1, por lojas abandonadas, costurando em volta de carros batidos e caminhões virados. Todo o entulho do LGAR, o lixo deixado por todos os desaparecidos.

Entraram na estrada da usina.

— Não deixe o carro sair da estrada — alertou Caine. — A queda é alta.

— Não se preocupe — respondeu Panda.

— Ahã — disse Caine. Havia um penhasco à esquerda, uma queda de 30 metros até as pedras do oceano embaixo. Caine imaginou se poderia usar seus poderes para impedir o carro de cair, caso ele tombasse. Esse tipo de coisa valia ser treinada, para ver se poderia usar seu poder telecinético para interromper a queda de um objeto com ele dentro. Seria necessário o equilíbrio exato.

— O que foi aquilo? — gritou Panda.

— O que foi o quê?

— Eu também vi — disse Diana.

— Viu o quê? — perguntou Caine.

— Tipo um borrão. Como alguém passando muito rápido por nós.

Houve um silêncio. Então Caine xingou.

— Brianna. Mais rápido, Panda.

— Não quero cair...

— Mais rápido — sibilou Caine.

O walkie-talkie estalou. A voz de Drake.

— Vocês viram aquilo?

Caine apertou o botão de seu aparelho.

— Vimos. Brianna. Ou então um tornado.

— Ela vai chegar antes de nós — disse Diana.

— Ela já está lá — concordou Caine.

— Você não acha que talvez a gente devesse fazer isso em outra ocasião? — perguntou Diana.

Caine gargalhou.

— Só porque Brianna está correndo por aí? Não estou preocupado com aquela garota. — Era uma falsa valentia. Brianna “correndo por aí” poderia significar que havia uma emboscada esperando. Ou poderia significar que Sam fora alertado e já estava a caminho.

Ligou o walkie-talkie.

— Drake. Eles podem estar preparados quando a gente chegar.

— Bom. Estou a fim de uma briga — respondeu Drake.

Caine girou no banco para olhar Diana. A cabeça quase careca distraía o pensamento. Tinha o estranho efeito de focalizar a atenção dele nos olhos e nos lábios. Ele piscou para ela.

— Drake não está preocupado.

Diana não disse nada.

— Está preocupado, Panda? — perguntou Caine. Panda parecia aterrorizado

demais para responder. Seus dedos estavam brancos de segurar o volante.

— Ninguém está preocupado, só você, Diana — disse Caine.

Caine não havia perguntado a Jack. Teria cuidado com Jack durante um tempo. Pelo menos até que o gênio da informática tivesse dado o que ele queria.

— Estamos chegando ao portão — disse Bug.

Havia uma guarita de tijolos ao lado de uma alta cerca de tela de arame. Luzes acesas em toda parte. Holofotes em cima da guarita, apontados para a linha da cerca nas duas direções. E do outro lado do portão ficava o enorme volume da usina, zumbindo, vibrando, uma presença sinistra na noite. Era maior do que Caine havia imaginado, composta de várias construções, a maior das quais parecia uma prisão. Quase poderia ser uma pequena cidade. O estacionamento estava ocupado pela metade com carros, brilhando sob a claridade.

— Lá está a Brianna! — gritou Caine, e apontou para a garota com o corpo dobrado, agarrando a cerca, puxando-a sem resultado. Ela olhou para trás, na direção deles, com medo, o rosto branco-azulado sob as luzes. Gritou alguma coisa que Caine não ouviu.

Numa frustração óbvia ela sacudia a cerca de arame, incapaz de abri-la, aparentemente incapaz de atrair a atenção de alguém que estivesse na guarita. Se *houvesse* alguém na guarita.

Panda pisou no freio e o carro derrapou.

Caine pulou e levantou as mãos na direção de Brianna. Mas, num borrão, ela sumiu e reapareceu na metade do morro à direita.

— Olá, Brianna, há quanto tempo! — gritou Caine.

— Olá, Caine. Como vai a perna que o Sam queimou?

Caine sorriu para ela.

— Todo mundo para fora do carro — disse num sussurro. — Agora!

Panda, Jack e Diana saíram. Bug poderia ter saído ou não, Caine não o viu, mas com Bug isso não queria dizer grande coisa.

— O que vocês querem? — perguntou Brianna. Estava mascando chiclete, tentando parecer à vontade. Mas Caine podia ver que ela ainda não havia se recuperado do esforço. Devia estar cansada. Com fome também, sem dúvida. Queria ter alguma comida para oferecer a ela. Como um osso para um cachorro. Testar sua lealdade.

Mas não tinham trazido nenhuma comida.

— Ah, não muita coisa, Brianna — respondeu Caine. Em seguida baixou as mãos até a cintura, os braços cruzados no peito, e virou as palmas das mãos para o carro que estava atrás dele. Depois, num movimento rápido, girou os braços por cima da cabeça e baixou-os.

O carro pulou do chão. Foi arrancado para o alto como um ioiô gigantesco que tivesse se soltado do barbante.

O carro fez um arco fechado, seis, nove metros no ar e caiu na direção de Brianna.

O carro esmagou a terra com uma violência chocante. O para-brisa e todas as outras janelas se despedaçaram num milhão de pedaços brilhantes. Como se alguém tivesse explodido uma granada dentro. Dois pneus estouraram. O capô se abriu, girou no ar e despencou.

Brianna estava parada a seis metros do impacto.

— Uau. Isso foi maneiro, Caine — zombou ela. — Aposto que pareceu bem rápido para você, não é? Carro voando pelo ar veloz como um raio? Por que não tenta de novo?

— Ela está provocando você, Caine — disse Diana, parando ao lado dele. — Está embromando. Para não mencionar que quem estiver de guarda lá dentro pode ter ouvido isso.

O carro de Drake havia parado atrás do deles. Ele saltou do carro e foi correndo na direção de Brianna, desenrolando a mão de chicote.

Brianna riu e fez um gesto obsceno para Drake.

— Venha, Drake, você consegue me pegar. — Drake saltou para ela, mas de repente ela estava atrás dele.

— Corta essa, Drake — gritou Caine. — Você não pode pegá-la. E só estamos fazendo barulho e perdendo tempo.

— O portão está trancado — provocou Brianna, subitamente perto de Caine, fora do alcance do braço dele. Quando parou, ela estremeceu como uma flecha acertando o alvo.

— Portão? — perguntou Caine. Ele virou as mãos para o carro despedaçado. O veículo saiu do chão e voou, girando pelo ar, espirrando pedaços de vidro como uma cauda de cometa.

O carro se chocou contra o portão, arrancou-o das colunas, enrolando-se na tela de arame e carregou o metal retorcido por 12 metros antes de chegar ao estacionamento e bater numa minivan estacionada.

Fez barulho suficiente para acordar um surdo.

— E agora — disse Caine — está aberto. Tchau, Brianna.

A garota olhou-o irritada e sumiu.

— Drake, deixe dois caras na guarita — ordenou Caine. — Vamos acabar logo com isso. Edilio pôs o jipe na entrada de veículos de Zil, Hunter, Lance e Harry. Sam e Dekka desceram. A porta da frente estava escancarada.

— Edilio? Vá. Encontre a Lana. Se puder, pegue a Taylor no caminho, se ela ainda estiver na praça. Ela pode ajudar na busca.

— Tem certeza de que não quer que eu...

— Pegue a Lana. — Sam deu um tapa no capô, sinal para se apressar. Edilio engatou a ré e partiu pela rua.

— Como vamos fazer? — perguntou Dekka.

— Vamos ver o que há. Se o Hunter pirou, tire o cara do chão, impeça que ele fuja, jogue contra o teto, se precisar. Não quero machucá-lo, só falar com ele. — Sam bateu na porta aberta, que girou para dentro. — Hunter. Você está aí?

Não houve resposta.

— Certo, aqui é o Sam, e eu estou entrando. — De propósito não mencionou Dekka. Dekka. era uma arma que seria melhor manter de reserva. — Espero que não tenha nenhum problema.

Sam respirou fundo e entrou.

A pintura de uma mulher atraente mas séria, com cabelos ruivos luxuriantes, estava pendurada no hall. Alguém, presumivelmente um dos moradores atuais, tinha desfigurado o quadro com um bigode cuidadosamente desenhado com caneta preta.

O corredor era uma bagunça — um Frisbee numa mesinha lateral, uma meia suja pendurada num lustre, um espelho torto e rachado. Não muito diferente da maioria das residências num LGAR sem pais.

O primeiro cômodo, à esquerda, era uma sala de jantar formal, escura. A cozinha ficava à frente, depois da escada. A sala de estar era à frente e à esquerda. Dekka enfiou a cabeça na sala de jantar, espiou embaixo da mesa e sussurrou.

— Tudo limpo.

Sam avançou para a sala de estar.

A sala de estar era uma bagunça ainda maior do que o corredor: DVDs espalhados aqui e ali, latas de refrigerantes esvaziadas havia muito tempo, algum tipo de projéteis de Nerf amarelos, fotos de família — a mulher ruiva de novo e um homem que era provavelmente seu marido — derrubadas sobre o console da lareira, poeira grossa nas estantes.

A princípio Sam não viu Harry. Ele havia caído entre o sofá e uma pesada mesa de centro. Mas bastou um passo mais para perto e ele ficou à vista.

Harry estava caído de rosto para o chão. Havia uma bolha se desinflando em sua nuca. Fez Sam se lembrar de um balão três dias depois de uma festa.

Sam empurrou a mesa de lado, mas ela estava presa.

— Dekka?

Dekka levantou uma das mãos e a mesa se elevou. Sam empurrou-a. Ela flutuou de lado até estar fora do campo de Dekka, então caiu com força no chão.

Sam se ajoelhou ao lado de Harry. Evitando com cuidado a bolha, apertou dois dedos no pescoço dele.

— Não estou sentindo nada — disse. — Tente você.

Dekka olhou em volta, procurando, e encontrou uma pequena caixa espelhada. Girou a cabeça de Harry de lado e segurou a superfície espelhada perto das narinas do garoto.

— O que você está fazendo? — perguntou Sam.

— Se ele estiver respirando, vai dar para ver. Vai embaçar.

— Acho que está morto.

Os dois se levantaram e deram dois passos atrás. Dekka pôs a caixa de lado, cuidadosamente, como se Harry estivesse dormindo e ela não quisesse acordá-lo.

— O que vamos fazer? — perguntou ela.

— Boa pergunta. Eu gostaria de ter uma boa resposta.

— Se o Hunter o matou...

— É.

— O negócio de aberrações contra normais...

— Não podemos deixar que fique assim — disse Sam enfaticamente. — Se o Hunter fez isso... quer dizer, acho que teremos de ouvir o que ele vai falar.

— Talvez conversar com Astrid, não é? — sugeriu Dekka.

Sam riu sem humor.

— Ela vai dizer que deveríamos fazer um julgamento.

— A gente poderia, você sabe, fazer isso desaparecer — disse Dekka.

Sam não respondeu.

— Você sabe o que estou falando — disse Dekka.

Sam confirmou com a cabeça.

— É. Sei. Estamos tentando não morrer de fome. Tentando ficar preparados para o caso de Caine começar alguma coisa. A última coisa que precisamos é de uma briga enorme entre aberrações e normais.

— Claro que o Zil não vai calar a boca, não importando o que a gente faça — observou Dekka. — Poderíamos dizer que chegamos aqui, que o Harry não estava, que não achamos nada. Mas o Zil nunca vai acreditar, e um monte de gente vai concordar com ele.

— É. Estamos encurralados com isso.

Ficaram lado a lado olhando Harry. A bolha continuava se desinflando lentamente.

Então Sam voltou para a entrada de veículos. Edilio chegou dez minutos depois, com Dahra Baidoo no banco do carona.

— Ei, Dahra — cumprimentou Sam. — Obrigado por vir.

— Não consegui achar a Lana — disse Edilio. — Não está no quarto dela no Penhasco. O cachorro sumiu também. Mandeí a Taylor ricochetear por aí, procurando em toda parte. O resto ainda está na praça, para o caso de a gente precisar.

Sam assentiu. Estava acostumado com as mudanças estranhas e súbitas de Lana. A Curadora era uma garota inquieta.

— Dahra, dê uma olhada, certo? Dentro. No chão.

Edilio olhou interrogativamente para Sam. Sam balançou a cabeça e evitou o

contato ocular.

Dahra estava de volta em menos de um minuto.

— Não sou a Lana, mas nem ela poderia fazer nada. Ela não é Jesus — disse rispidamente. — Não é capaz de ressuscitar os mortos.

— Estávamos esperando que ele não estivesse morto.

— Está morto, sim — disse Dahra. — Algum de vocês notou que a pele no pescoço dele não estava queimada? O ar em volta não estava chamuscado? A bolha deve ter crescido de dentro para fora. O que significa que alguma coisa cozinhou ele de dentro para fora. Isso descarta você como suspeito, Sam: já vi seu trabalho. Você deixa as pessoas parecendo marshmallows largados no carvão.

— Ei — irrompeu Edilio com raiva. — Você não tem motivo para pegar no pé do Sam.

— Tudo bem, Edilio — disse Sam, com suavidade.

— Não. Ele está certo — reagiu Dahra. Ela tocou o ombro de Sam. — Desculpe, Sam. Estou cansada e não gosto de ver defuntos, certo?

— É. Vá para casa. Desculpe ter arrastado você para cá.

Ela olhou para Sam interrogativamente.

— O que vocês vão fazer com relação a isso?

Sam balançou a cabeça.

— Não sei, mas o que quer que eu faça, provavelmente vou deixar todo mundo furioso. Edilio pode levar você para casa.

— Não precisa. São cinco minutos a pé. — Dahra deu um tapinha no ombro dele de novo e partiu.

Quando ela havia saído, Sam disse:

— Acho que vamos conversar com o Hunter.

— Acha? Cara, isso é uma coisa que não pode ficar assim — disse Edilio. — É assassinato.

— Orc matou Betty — observou Sam. — E Orc ainda está livre.

— Na época você não estava no comando. Nós não tínhamos um sistema.

— Ainda não temos um sistema, Edilio. Temos eu sendo incomodado por todo

mundo que tenha algum problema. Isso não é sistema. Você está vendo um tribunal superior aí, em algum lugar? Vejo você e eu e uma dúzia de outros que ao menos ligam um pouco.

— Está dizendo que daqui a pouco as crianças podem matar alguém e tudo fica assim mesmo?

Sam relaxou os ombros.

— Não. Não. Claro que não. Só estou... Nada.

— Vou pegar o meu pessoal, procurar o Hunter. Mas preciso saber: e se ele não vier? Ou se tentar machucar um dos meus?

— Venha me pegar se isso acontecer.

Edilio não pareceu satisfeito com essa instrução. Mas assentiu e foi embora.

Dekka. olhou-o ir.

— Edilio é um cara legal — disse ela.

— Mas?

— Mas é normal.

— Não vai haver fronteiras assim, entre aberrações e normais — disse Sam com firmeza.

Dekka quase riu.

— Sam, esse conceito é fantástico. E talvez você acredite nele. Mas eu sou negra e lésbica, então vou lhe dizer: pelo que sei, pela experiência pessoal, sempre há fronteiras.

DEZENOVE | 18 HORAS E 35 MINUTOS

PASSARAM COM O utilitário pelo buraco na cerca, desviaram-se da massa de arame retorcido e foram a toda velocidade até parar derrapando no estacionamento da usina.

O simples tamanho da usina era intimidante. As torres de contenção eram altas como arranha-céus. O grande prédio da turbina parecia vazio e hostil, como uma prisão gigantesca e sem janelas.

Uma porta, de tamanho quase insignificante, estava aberta. Nenhuma luz saía, mas Caine podia ver uma forma agachada do lado de dentro.

— Ei! O que vocês estão fazendo aqui? — gritou uma voz jovem.

Caine não reconheceu o garoto, não podia vê-lo direito. A usina fazia muito barulho, por isso Caine fingiu que não tinha escutado. Pôs a mão em concha no ouvido e gritou:

— O quê?

— Para! Não chega mais perto.

— Chegar mais perto? Certo. — Caine continuou andando. Diana e Jack ficaram atrás, mas Drake vinha andando rapidamente para alcançá-lo. Drake tinha uma pistola automática na mão de verdade. Seu chicote coleava e se retorcia ao lado do corpo, uma cobra ansiosa pela chance de atacar.

— Para! Eu mandei parar!

Agora a porta só estava a 30 metros. Caine não hesitou.

— Para ou eu atiro — gritou a voz, apavorada, quase implorando.

Caine parou. Drake ficou ao lado dele.

— Atirar? — perguntou Caine, parecendo perplexo. — Por que você iria atirar em mim?

— É o que a gente deve de fazer.

Caine riu.

— Você nem sabe falar direito. Quem é você, afinal? Se vai atirar em mim, devo saber seu nome.

—Josh — foi a resposta. — Sou eu, o Josh.

Drake rosnou.

— E melhor ficar de fora, Josh, ou eu, o Mão de Chicote, vou machucar você.

A súbita explosão de balas foi ensurdecedora. A mira de Josh era louca, com balas despedaçando o vidro dos carros parados longe, à direita deles.

Caine se jogou no pavimento.

Drake não se mexeu. Levantou a pistola, mirou com cuidado e disparou.

Pou. Pou. Pou.

A cada tiro avançava um passo.

Josh gemeu aterrorizado.

Pou. Pou. Pou.

Cada estrondo era atordoante. A cada vez saltava fogo do cano da pistola, iluminando os olhos vazios e frios de Drake.

Então Drake começou a correr. Direto para a porta, com a pistola apontada, disparando cuidadosamente, com precisão, enquanto corria.

Josh atirou de volta, mas de novo as balas saíram loucamente para a noite, errando até os carros parados, não fazendo nada para impedir Drake.

Pou. Pou.

Clic.

Caine ficou no chão, olhando fascinado para Drake enquanto este ejetava o pente de munição. O pente fez barulho no concreto.

Drake segurou a pistola com a ponta delicada do tentáculo e pescou um segundo pente no colete de caça que estava vestindo. Usando a mão, enfiou o pente no lugar.

Josh atirou de novo. Desta vez com mais cuidado.

Balas soltaram fagulhas no pavimento perto dos pés de Drake.

Drake levantou a arma cuidadosamente, atirou e se moveu, atirou e se moveu, atirou e então Josh sumiu, correndo para dentro do prédio, berrando por socorro, berrando para alguém melhor ajudá-lo.

Caine se levantou, sentindo-se envergonhado pelo desempenho sangue- frio de

Drake. Correu para alcançar Drake, que havia passa pela porta e estava dentro do prédio.

Outro estrondo alto, desta vez soando diferente, abafado. O portal era um retângulo brilhante sob o clarão da arma.

Um grito de dor.

— Eu me entrego! Eu me entrego!

Caine chegou à porta e entrou na sala da turbina. Ali no chão em meio a máquinas enormes que uivavam, iluminado de modo implacável pela fantasmagórica luz fluorescente, estava Josh. Sentado perplexo, num poço preto de seu próprio sangue. Uma perna estava torcida num ângulo impossível.

Caine sentiu um clarão de raiva. Josh era um menino, não ter mais de 10 anos. O que Sam estava pensando, colocando crianças nessa situação?

— Não atire em mim, não atire em mim! — implorou Josh.

Drake levantou alto sua mão de chicote e baixou com uma velocidade capaz de romper a barreira do som, contra as mãos levantadas de Josh.

Josh gritou retorcendo-se em agonia. Os gritos não pararam.

— Deixe-o — disse Caine rispidamente. — Vá à sala de controle.

Drake deu um rosnado feroz para Caine, os dentes à mostra, olhos loucos. Havia desprezo e fúria naqueles olhos. Caine levantou as mãos, preparado, esperando que seu tenente virasse o chicote contra ele.

Em vez disso Drake chutou a perna machucada do garoto e foi andando. Josh se arrastou, soluçando, para a porta externa.

Nada daquilo parecia natural, era como um pesadelo. Drake avançando, a arma soltando fumaça, o chicote balançando. Caine ouviu os soldados de Drake vindo atrás, e Diana e Jack fechando a fila.

— A porta está trancada — gritou Drake de volta.

Caine alcançou-o e experimentou a maçaneta. Era de aço pesado presa numa estrutura também de aço pesado, obviamente era uma porta destinada a suportar uma explosão ou um ataque. Se ele a acertasse com uma onda de choque direta de poder telecinético, ela poderia se abrir. Mas na área confinada do corredor ela também poderia reverberar e fazê-lo cair de bunda.

— Não vai ficar trancada muito tempo.

Caine olhou em volta, procurando alguma coisa suficientemente pesada para seu propósito. Na sala da turbina encontrou um baú de ferramentas, feito de aço e com rodinhas, com um metro e vinte de altura e bastante forte.

Tirou o baú do chão e lançou-o pelo ar, através do corredor. O baú acertou a porta trancada.

Caine sentiu-se imensamente gratificado com o espetáculo de Drake grudado na parede para não ser acertado pelas chaves de porcas, soquetes e chaves de fenda que voaram do baú feito estilhaços.

O baú ficou amassado, a porta mal foi arranhada.

Caine levantou o baú e lançou-o de novo. Desta vez mais ferramentas se derramaram e o baú foi esmagado até ficar com metade do tamanho original. Mas a porta continuou sem danos.

Caine sentiu a mão de Diana em seu braço.

— Ei. Por que não vê o que o Jack consegue fazer?

Caine ficou dividido entre o medo de fracassar se continuasse a golpear a porta sem resultado e o medo de ser suplantado pelo geniozinho dos Computadores. A situação havia se tornado tanto uma disputa entre ele e Drake quanto um ataque à usina nuclear.

— Mostre o que você sabe fazer, Jack — disse Caine.

Jack Computador avançou inseguro, instigado por Diana.

Apoiou as mãos na porta e tentou firmar bem os pés no chão, com os tênis. Empurrou a porta e seus pés escorregaram para trás. Caiu sobre um dos joelhos.

— Está escorregadio demais — disse Jack.

— Temos de passar por essa porta antes que o Sam apareça — disse Caine. — Precisamos de reféns e precisamos da sala de controle.

Seu olhar pousou numa chave de porcas pesada.

— Cuidado.

Caine levitou a chave, levou-a até o teto, virou-a na vertical e, com um movimento súbito das mãos, mergulhou a chave no piso. Ela atravessou o ladrilho e o concreto e ficou como um pino de alpinista que tivesse sido martelado na face de um penhasco.

Caine repetiu o gesto mais três vezes, cravando aço inoxidável de alta

resistência no chão.

— Certo, use isso aí.

Jack firmou os pés contra as ferramentas, pôs as mãos na porta e fez toda a força que pôde. Edilio não encontrou Hunter. Em vez disso achou Zil e uns doze garotos. Eles, por sua vez, tinham achado Hunter. Estavam com Hunter acuado na varanda da casa que Astrid e Mãe Maria dividiam.

Edilio podia adivinhar por que Hunter tinha ido para lá: Astrid estaria calma e razoável. Iria abrigá-lo, pelo menos por um tempo.

Mas a cena não era nem um pouco calma nem razoável. Astrid estava de camisola. O cabelo louro solto e desganhado. Ela estava no topo da escada da varanda e apontava um dedo furioso para Zil.

Hunter estava atrás de Astrid. Não exatamente se acovardando, mas também não ficando na frente dela.

Zil e seus amigos, que — Edilio notou com o coração apertado — eram todos normais, estavam com raiva. Ou a maioria estava com raiva, alguns estavam só de gozação, felizes por uma desculpa para sair e correr pela cidade no meio da noite.

A maioria tinha algum tipo de arma: bastões de beisebol, chaves de roda. Um deles carregava uma espingarda, notou Edilio sério. O garoto com a espingarda, Hank, havia sido um sujeito quieto nos velhos tempos. Agora não parecia quieto.

Edilio parou o jipe junto ao meio-fio. Não tivera tempo para juntar ninguém do seu pessoal, estava sozinho. Todos os olhos registraram a chegada de Edilio, mas ninguém parou de gritar.

— Ele é um mub assassino — estava gritando Zil.

— O que você quer fazer? Linchá-lo? — perguntou Astrid.

Isso interrompeu a gritaria por um segundo enquanto os garotos tentavam deduzir o que significava “linchar”. Mas Zil se recuperou depressa.

— Eu vi quando ele fez aquilo. Ele usou os poderes para matar o Harry.

— Eu estava tentando impedir você de esmagar minha cabeça! — gritou Hunter.

— Você é um mutante mentiroso, uma aberração! — Eles acham que podem fazer o que quiserem — gritou outra voz. Astrid falou o mais calmamente que pôde, ao mesmo tempo que punha a voz num volume capaz de ser ouvido.

— Não devemos ir por esse caminho, pessoal, criando uma divisão entre normais e aberrações.

— Eles já fizeram isso! — gritou Zil. — São as aberrações que se acham especiais, como se peidassem cheiroso.

Isso rendeu uma gargalhada.

— E agora estão começando a matar a gente — gritou Zil.

Aplausos furiosos.

Edilio ajeitou os ombros e se misturou ao grupo. Primeiro foi até Hank, o garoto que estava com a espingarda. Deu-lhe um tapinha no ombro e disse:

— Me dá isso aí.

— Nem pensar — respondeu Hank. Mas não parecia ter muita certeza.

— Quer que essa coisa dispare por acidente e arrebente a cara de alguém? — Edilio estendeu a mão. — Me dá, cara.

Zil se virou para Edilio.

— Vai fazer o Hunter entregar a arma? Hein? Ele tem poderes, cara, e tudo bem quanto a isso. Mas os normais não podem ter nenhuma arma? Como vamos nos defender contra as aberrações?

— Cara, dá um tempo, certo? — disse Edilio. Ele estava fazendo o máximo para parecer mais cansado do que com raiva ou apavorado. As coisas já estavam suficientemente ruins. — Zil, você quer ser o responsável se essa espingarda disparar e matar Astrid? Será que poderia pensar um pouquinho nisso?

Zil piscou, mas disse:

— Cara, eu não tenho medo do Sam.

— O Sam não vai ser o seu problema, eu é que vou ser — reagiu Edilio ríspidamente, perdendo a paciência. — Se acontecer alguma coisa com ela, eu acabo com você antes que o Sam tenha chance.

Zil fungou com desprezo.

— Ah, garotinho bonzinho, Edilio, puxando o saco dos mubs. Tenho uma novidade para você, meu bem: você é um normal inferior, como eu e o resto de nós.

— Vou deixar isso passar — disse Edilio em tom firme, lutando para recuperar a frieza, tentando parecer calmo e controlado, apesar de não conseguir afastar os

olhos dos dois canos da espingarda. — Mas agora vou pegar essa arma.

— De jeito nenhum! — gritou Hank, e a próxima coisa que aconteceu foi uma explosão tão alta que Edilio pensou que uma bomba havia sido detonada. O clarão do cano deixou-o cego, como o flash de uma máquina fotográfica na frente do rosto.

Alguém gritou de dor.

Edilio cambaleou para trás, apertou os olhos com força, tentando se ajustar. Quando os abriu de novo, a espingarda estava no chão e o garoto que a havia disparado por acidente segurava a mão machucada, obviamente em choque.

Zil se abaixou para pegar a arma. Edilio deu dois passos e chutou a cara de Zil. Enquanto Zil caía, Edilio tentava pegar a espingarda. Não viu o golpe que transformou seus joelhos em água e encheu sua cabeça de estrelas.

Caiu como um saco de tijolos, mas ao mesmo tempo que caía saltou à frente para cobrir a espingarda.

Astrid gritou e desceu correndo a escada para proteger Edilio.

Antoine, que havia acertado Edilio, estava levantando o bastão para bater em Edilio de novo, mas no movimento para trás acertou o rosto de Astrid.

Antoine xingou, subitamente com medo. Zil gritou:

— Não, não, não!

Houve um movimento súbito de pés correndo. Pela calçada, na rua, ecoando pelo quarteirão.

Edilio lutou para ficar de pé. Não era fácil. Suas pernas não queriam permanecer onde ele as colocava.

Astrid estava com uma das mãos sobre um olho, mas firmava Edilio com a outra.

— Você está bem? — perguntou Astrid. — Ele atirou em você?

— Acho que não. — Edilio passou a mão pelo corpo, procurando algum ferimento, mas não encontrando, a não ser um galo que crescia no cocuruto.

Sua visão clareou o suficiente para ele notar o inchaço vermelho onde o bastão havia acertado Astrid no olho.

— Você vai ficar com o olho roxo.

— Tudo bem — disse Astrid, abalada, mas forte.

A turba de Zil tinha ido embora. Desaparecido. Só restavam os três: Edilio, Astrid e Hunter.

Edilio pegou a espingarda e segurou-a com cuidado.

— Acho que poderia ter sido pior. Ninguém levou um tiro.

— Hunter — disse Astrid. — Entre e pegue um pouco de gelo para a cabeça do Edilio.

— Sem problema — respondeu Hunter. E foi depressa.

Com Hunter fora do alcance da audição, Astrid perguntou:

— O que você ia fazer?

— Sam mandou pegar o Hunter.

— Prender?

— É, porque de repente parece que eu sou o xerife, também — disse Edilio com amargura, tocando o galo na cabeça. — Devo ter esquecido do dia em que me inscrevi para isso.

— Hunter matou o Harry mesmo?

Edilio assentiu, um movimento que fez lascas luminosas de dor se cravarem no cérebro.

— É. Matou. Talvez tenha sido acidente, como diz o Hunter, mas de qualquer modo é melhor eu levá-lo para a prefeitura.

Astrid confirmou com a cabeça.

— É. Vou falar com ele. Fazer com que ele veja que não tem outro jeito.

Os dois entraram. Hunter não estava na cozinha pegando gelo. A porta deslizante de vidro, que dava no quintal dos fundos, estava aberta. Brittney Donegal se encolheu para longe da porta quando as pancadas começaram. Mickey Finch e Mike Farmer já estavam do outro lado da sala, perto do escritório do gerente da usina. Estavam esperando que Brittney desse alguma orientação porque nenhum dos dois tinha a mínima ideia.

Brittney tinha 12 anos, estava acima do peso, com o rosto cheio de espinhas adornado por óculos pretos de aro grosso. Usava uma calça de moletom puxada muito para cima e uma blusa de babados rosa que era pelo menos um número menor do que deveria. Seu cabelo castanho sem graça estava preso em duas marias-chiquinhas.

Tinha aparelho nos dentes — aparelho que não era ajustado havia três meses. Aparelho que agora não fazia nada, mas que ela não sabia como tirar.

Brittney tivera uma paixão por Mike Farmer, mas ele não estava exatamente impressionando-a.

— A gente precisa sair daqui, Britt — gemeu Mike.

— Edilio disse que, se acontecesse alguma coisa, a gente devia trancar essa porta e ficar firme — disse Brittney.

— Eles têm armas — gritou Mike.

Outro impacto esmagador. Todos pularam. A porta não se mexeu.

— Nós também — respondeu Brittney.

— Josh provavelmente já está voltando para a cidade, em segurança, aposto — disse Mickey. — Mike está certo, a gente precisa ir embora.

O que Brittney mais queria era fugir. Mas achava que ela era um soldado. Era o que Edilio havia dito. O serviço deles era proteger a usina.

“Sei que somos todos crianças”, costumava dizer Edilio. “Mas um dia podemos precisar de crianças que marquem presença, que sejam mais do que crianças.”

Brittney estivera na praça no dia da grande batalha. Fora Edilio quem matara o coiole que estava em cima dela, tentando morder sua garganta, depois prendendo sua perna numa mandíbula que parecia uma armadilha de ursos.

Ela não tinha cicatrizes da mordida do coiole na perna. A Curadora havia consertado tudo. E não tinha cicatriz da bala que havia queimado de raspão a parte de cima de seu braço. A Curadora havia tirado todos os ferimentos. Mas o irmãozinho de Brittney, Tanner, era uma das crianças enterradas na praça.

Edilio tinha cavado a sepultura dele com a retroescavadeira.

Brittney não era nem um pouco a fim de Edilio, mas o que sentia por ele era muito mais profundo. Preferiria queimar durante toda a eternidade no fogo mais quente do inferno do que deixar Edilio na mão.

Brittney não tinha cicatrizes, mas ainda tinha pesadelos, e às vezes não era quando estava dormindo. Mike estivera lá naquele dia também, havia se machucado mais do que ela. Mas isso deixara Mike com medo e tímido,, ao mesmo tempo que deixara Brittney com raiva e decidida.

— Vou atirar em qualquer um que passar por aquela porta — disse em voz alta,

esperando que fosse alta o suficiente para ser ouvida por quem estivesse do outro lado.

— Eu, não. Vou sair daqui — disse Mickey. Em seguida se virou e correu.

— Quer fugir também? — Brittney questionou Mike.

— Lana não está aqui, agora — respondeu Mike. — E se atirarem em mim? Sou só uma criança, você sabe.

Brittney apertou sua metralhadora com mais força. A arma estava pendurada por uma alça em seu ombro. Fazia muito tempo que a garota havia se acostumado com aquele peso. Tinha atirado quatro vezes, como exercício, seguindo o programa de treinamento de Edilio. Na primeira vez largou-a e irrompeu em lágrimas, e Edilio tinha perguntado se ela queria desistir.

Mas então a presença de Tanner se fez sentir, uma voz suave que falava com ela quando ela estava com medo, e disse para não se preocupar, que ele estava no céu com Jesus e os anjos. E estava muito feliz, sem machucados, sem medo e sem solidão.

Na próxima vez ficou firme quando a arma deu um coice em suas mãos. Depois disso mais ou menos acertava a coisa para onde apontava.

— Se for o Caine, lá fora, vou pegar ele — disse Brittney. — Odeio ele. Quero dizer, odeio o que ele fez. Odeio o pecado, e não o pecador. E vou atirar nele para ele não machucar mais ninguém.

As pancadas haviam parado. Agora estava acontecendo alguma coisa diferente. A porta parecia estar estufando para dentro. Rangia e gemia. Houve um estalo alto.

Ela ia ceder.

— Corre, Mike — disse Brittney. Ele era fraco. Bom, às vezes os garotos eram. Ela precisava perdoar isso. — Mas deixe sua pistola.

— Onde você quer que eu deixe?

Brittney olhou para a porta. Ela estava estufando, deformando-se. Alguma coisa ou alguém muito, muito forte estava empurrando-a.

— No chão. Embaixo do último console. Onde ninguém possa ver.

— Você devia vir — implorou Mike.

O dedo de Brittney envolveu o gatilho.

— Não. Acho que não vou fazer isso.

Ouviu os passos dele recuando pelo corredor. Esperava que a porta cedesse a qualquer segundo. E achava que então estaria no céu com o irmãozinho.

— Deus? Por favor, me ajude a ser corajosa — disse Brittney. — Em nome de Jesus. Amém. — Tudo bem se eu morrer, Tanner — continuou, num tipo de oração diferente, que ela sabia que o irmão poderia ouvir. — Desde que o Caine morra primeiro.

VINTE | 18 HORAS E 29 MINUTOS

BRIANNA NÃO HAVIA encontrado Sam na estrada para a usina, enquanto corria de volta para a cidade. Ele não estava em nenhuma das estradas. O único veículo que tinha visto era uma picape enorme com Quinn, Albert, Cookie e Lana saindo para passear. Tinha pensado em fazer com que eles parassem, dizendo para irem à usina, mas nenhum dos quatro era grande coisa em termos de luta. Quinn e Cookie deviam ser soldados, mas a pessoa que ela precisava encontrar era Sam, e não seu inútil velho colega de surfe.

Sam não estava no posto de gasolina. Não estava na prefeitura nem na praça. Não estava em nenhum lugar onde ela procurou.

E Brianna ia se esgotando depressa. A velocidade era exaustiva. Não tanto quanto deveria ser, provavelmente, dado que tinha corrido uns 25 quilômetros, para um lado e para outro, subindo e descendo ruas e becos. Mas era exaustivo. E a fome era como um leão dentro dela, rasgando suas entranhas.

Seus tênis estavam em frangalhos. De novo. Os tênis não eram feitos para correr tão rápido como um carro de corrida.

Então ela ouviu um estrondo alto. Era difícil adivinhar de onde tinha vindo. Mas de repente havia crianças correndo. Devagar. Muito devagar. Mas o mais rápido que podiam, coitadas.

— O que está acontecendo? — perguntou, derrapando até parar.

Ninguém respondeu. No mínimo pareciam com medo dela.

Mas ficou claro que estavam fugindo de alguma coisa, e não correndo para alguma coisa. Por isso ela partiu pela rua, e em menos tempo do que um coração normal teria levado para bater duas vezes, estava parada na porta aberta de Astrid.

— Ei. Tem alguém em casa?

Astrid saiu, seguida por Edilio. Era óbvio que nenhum dos dois estava tendo uma noite boa. Astrid tinha um inchaço vermelho no lado do rosto, perto do olho. Edilio esfregava a cabeça com cuidado, segurando uma espingarda enorme.

— Cadê o Sam? — perguntou Brianna. — O que aconteceu com vocês?

— Você perdeu a diversão — disse Edilio azedamente.

— Não. Não, não perdi. Vocês é que perderam! — gritou Brianna. — Caine

está atacando a usina.

— O quê?

— Ele está lá. Ele, Drake e outros caras.

— E nosso pessoal de lá? — perguntou Edilio.

— Não vi nenhum. Olha, o Caine jogou um carro pelo portão da frente. Ele está levando isso a sério.

— Você sabe onde o Hunter mora? — perguntou Edilio.

Brianna assentiu. Mas rápido demais para ser vista. Por isso disse:

— Sei.

— Vá até lá. Foi onde vi o Sam pela última vez. Diga que estou pegando o meu pessoal. Vou levar meia hora para juntar todo mundo de novo. Diga ao Sam que encontro ele na autoestrada.

— Seus tênis — disse Astrid, apontando para os pés de Brianna. — Que tamanho você usa?

Trinta e seis.

— Vou pegar um par no meu armário. — Mas antes que Astrid pudesse se mexer, Brianna havia subido a escada e voltado, e estava sentada na escada amarrando um par de tênis New Balance.

— Obrigada — disse à perplexa Astrid.

— Não esqueça de... — disse Astrid, mas entre o “não” e o “esqueça” Brianna havia chegado à casa de Hunter.

Dekka estava descendo a escada com cara de tempestade. A garota mal estremeceu quando Brianna surgiu diante dela.

— Oi, Brisa — disse Dekka. E quase sorriu.

— Sam está aí?

— Está.

Brianna apareceu subitamente diante de Sam, que recebeu isso com menos calma do que Dekka.

— Sam. O Caine. Está na usina. Já achei o Edilio, ele vai juntar o pessoal dele. Me dá uma arma, vou manter o Caine ocupado.

Sam xingou alto. Demorou um tempo até parar. Depois:

— Eu sabia! Eu sabia, e deixei que me distraíssem.

— Sam. Me dá uma arma.

— O quê? Não, Brisa, preciso de você. Mas não morta.

— Eu posso voltar lá em tipo... dois minutos — implorou Brianna.

Sam pôs a mão no ombro dela.

— Brisa? Você tem um serviço. Você é a mensageira. Certo? Temos outras pessoas para lutar. Vá ajudar o Edilio a juntar as tropas. Depois vá ver se encontra a Lana. Não sei onde ela está e vamos precisar dela.

— Está andando por aí numa picape com o Quinn e o Albert.

— O quê?

— Eles estão numa picape, indo pela autoestrada.

Sam levantou as mãos.

— Talvez eles tenham ouvido falar do Caine, de algum modo. Talvez estejam indo para lá.

— Acho que não. O Albert não estaria com eles. Além disso, alguém acertou a Astrid.

O rosto de Sam se imobilizou.

— O quê?

— Ela está bem, mas aconteceu algum problema na casa dela.

— Zil — disse Sam com os dentes trincados. E chutou uma cadeira violentamente. Depois: — Vá, Brisa. Faça o que eu mandei.

— Mas...

— Não tenho tempo para discutir, Brisa. — Pessoal? Pessoal? — Quinn estendeu a mão para sacudir o ombro de Albert. Ele havia caído no sono.

— O que é? Estou acordado. O que é?

— Cara, a gente se perdeu.

— A gente não se perdeu — disse Lana no banco de trás.

Quinn olhou pelo retrovisor.

— Achei que você também estava dormindo.

— A gente não se perdeu — repetiu Lana.

— Bom, com todo o respeito, a gente não está exatamente sem se perder. Nem existe mais uma estrada de terra, é só, tipo, você sabe, um terreno plano. E nem tão plano assim. — Eles haviam saído da autoestrada e entrado numa estrada secundária. Dali para uma estradinha de terra. E esta havia continuado para sempre, sem ao menos uma piscadela de luz em lugar nenhum. Então a estrada de terra virou cada vez mais terra e cada vez menos estrada.

— Se a Curadora diz que a gente não se perdeu, a gente não se perdeu — resmungou Cookie.

— Não está longe — disse Lana.

— Como você sabe? Eu não conseguiria achar o caminho de volta nem no meio do dia. Quanto mais à noite.

Ela não respondeu.

Quinn olhou a estrada, depois de volta pelo retrovisor. A única luz vinha do painel, por isso ele só podia ver uma leve silhueta do rosto dela. Lana estava olhando pela janela, não na direção para onde viajavam, mas para o nordeste.

Não dava para ver a expressão dela. Mas Quinn teve uma sensação. Eram os suspiros ocasionais. O modo distraído como ela acariciava o pelo de Patrick. O tom distante da voz quando falava.

— Você está legal? — perguntou Quinn.

Ela não respondeu. Pelo menos durante um tempo. Tempo demais. E depois:

— Por que não estaria?

— Não sei.

Lana não disse nada.

Albert, pelo contrário, era fácil de decifrar. Albert — quando conseguia ficar acordado — estava totalmente ligado no objetivo. Concentrava o olhar adiante. As vezes Quinn notava-o assentindo sozinho, como se comentasse sobre algum diálogo interno.

Quinn sentia inveja de Albert. Ele parecia muito seguro de si. Parecia saber exatamente aonde queria ir, quem queria ser.

De sua parte, Cookie tinha um objetivo pessoal: servir Lana. O grande ex-

valentão faria qualquer coisa que Lana mandasse.

Havia dois tipos de gente no LGAR, refletiu Quinn, e os tipos não eram “aberração” e “normal”. Eram as pessoas que haviam mudado para pior e as que haviam mudado para melhor. O LGAR havia transformado todos. Mas algumas crianças tinham se tornado mais do que eram. Albert era um desses. Cookie, de modo muito diferente, era outro.

Quinn sabia que era do primeiro tipo. Era um dos que nunca haviam se recuperado do LGAR. A perda dos pais era como um ferimento que jamais se curava. Nunca parava de doer. Como poderia?

A coisa ia além da perda da mãe e do pai, uma perda que abarcava tudo que ele conhecia, tudo que havia sido. Antigamente ele era maneiro. A lembrança trouxe-lhe um sorriso triste aos lábios. Quinn era maneiro. Especial. Todo mundo o conhecia. Nem todos gostavam dele, nem todos engoliam sua representação, mas Quinn carregava uma aura de pessoa especial.

E agora... agora ele era uma dúvida no LGAR. As pessoas sabiam que ele havia traído Sam com o Caine. Sabiam que Sam o havia recebido de volta. Sabiam que ele havia ficado meio maluco no dia da batalha. Talvez mais do que meio maluco.

As lembranças da mãe e do pai, da vida antiga, eram distantes. Como fotos num álbum velho. Não eram exatamente reais. As lembranças de outra pessoa, a dor era sua; a vida era de outra pessoa, a perda era sua.

As lembranças da batalha — nem podiam ser chamadas de lembranças, porque: lembranças não eram algo do passado? Aquele dia podia ter acontecido três meses atrás, mas para Quinn não eram o passado, aquilo estava bem ali, agora, sempre. Como uma vida paralela acontecendo simultaneamente à sua vida. Ele estava dirigindo pela noite e sentia a arma sacudir e sacudir em sua mão, via os coiotes e as crianças, todos misturados, todos se entrecruzando, serpenteando pelos arcos das balas.

Dedo fora do gatilho. Perto demais para atirar. Ele ia acertar o garoto. Não podia fazer isso, não podia se arriscar assim, por isso o coiote pulou, mandíbulas abertas, e...

E não fazia muito tempo nem era muito longe, para Quinn. Era agora. Aqui.

— Certo — disse Lana, trazendo-o de volta à realidade. — Devagar, estamos quase chegando.

Os faróis acertaram arbustos baixos, terra e algumas pedras espalhadas. Em

seguida uma trave de madeira, muito queimada. Quinn se desviou para não bater nela.

Pisou no freio. Então, muito mais devagar, avançou de novo.

Os faróis iluminaram um trecho de parede, pouco mais de um metro, apenas. Havia madeira queimada em toda parte. Duas latas enegrecidas — de frutas, feijão ou qualquer outra coisa — estavam caídas na terra.

Mesmo contra a vontade, Quinn se perguntou se restaria alguma coisa comestível. Lembrou-se daquela noite terrível que havia passado encolhido na cabana, esperando que os coiotes os arrastassem para fora e os matassem.

Foi quando Sam finalmente revelou a extensão de seus poderes. Pela primeira vez conseguiu controlar a luz devastadora que saltava de suas mãos.

Quinn parou o veículo. Puxou o freio de mão.

— Foi aqui — disse baixinho.

— O que aconteceu aqui? — perguntou Albert.

Quinn apagou os faróis e os quatro desceram da picape. O lugar estava silencioso. Muito mais do que na última vez que Quinn estivera ali.

Quinn pendurou a submetralhadora no ombro e pegou uma lanterna embaixo do banco. Albert também tinha uma lanterna. Os dois facho**s** bateram aqui e ali, iluminando uma trave quebrada, um pedaço de tapete queimado, um utensílio de cozinha, uma cadeira de metal retorcida.

— Foi aqui que conhecemos Lana — disse Quinn. — Tínhamos escapado do Caine. Fugimos para a floresta no norte. Decidimos voltar à cidade e brigar por ela. Pelo menos o Sam decidiu.

Ele se abaixou para pegar uma lata de conserva grande, pesada. O rótulo estava queimado. Mas podia ser pudim. Pudim assado, talvez, mas a lata parecia intacta. Levou-a de volta à picape e jogou na carroceria.

— Como ela foi destruída? — insistiu Albert.

Em parte foi o Sam. Foi a primeira vez que ele usou o poder de propósito. Não por pânico nem nada, só no sangue-frio, sabendo o que estava fazendo. Você devia ter visto, cara. — Quinn se lembrava perfeitamente do momento. Era o momento em que seu velho amigo foi revelado com clareza como algo muito, muito além de Quinn. — Em parte os coiotes puseram ^{fo}g^o.

— Cadê o ouro? — perguntou Albert, sem se importar de verdade com a

história.

Quinn esperou que Lana mostrasse o caminho, mas ela parecia enraizada. Olhando para os restos marrons, mortos, da tentativa do ermitão Jim de manter um gramado no meio daquela terra seca e vazia. Cookie estava atrás dela, com a grande pistola enfiada no cinto, preparado, zombando da noite ameaçadora, pronto para entregar a vida pela garota que o havia salvado da agonia impossível de ser suportada.

Patrick estava correndo ao redor de qualquer coisa que estivesse remotamente vertical, farejando cuidadosamente. Não marcou nada, apenas cheirou. Parecia deprimido, com o rabo quase entre as pernas. O cheiro de Líder da Matilha ainda devia ser forte.

— Por aqui — disse Quinn quando ficou claro que Lana não iria responder.

Foi andando no meio do entulho. Não havia muita coisa, realmente; a maior parte tinha virado cinzas. Mas os pedaços de madeira partida que sobreviviam estavam cheios de pregos, de modo que Quinn se movia com cautela.

Abaixou-se quando chegou ao que parecia o lugar certo e começou a empurrar de lado os caibros e os restos de telhas. Ficou surpreso ao ver que o piso de tábuas estava quase intacto. Tinha sido chamuscado, mas não consumido pelo fogo. Achou o alçapão.

— Deixe eu ver se consigo abrir. — Ele tentou, mas o fogo havia entortado as dobradiças. Foram necessários os dois, ele e Albert, para levantar o alçapão. Uma dobradiça se quebrou e o alçapão tombou de lado desaj eitamente.

Albert apontou a lanterna para o buraco.

— Ouro — disse ele.

Quinn ficou surpreso com o tom casual de Albert. Tinha imaginado um “Meu precciosssso”, tipo Gollum, ou algo assim.

— É, ouro — concordou.

— Não derreteu. Mesmo com o calor e coisa e tal. Como ensinaram na escola.

— Vamos começar a levar, certo? Esse lugar me dá arrepios. Lembranças ruins.

Albert se abaixou e levantou uma barra de ouro. Pousou-a com uma pancada surda.

— É pesada, hein?

— É — disse Quinn. — O que você vai fazer com tudo isso?

— Bom. Vou ver se posso derreter e fazer moedas ou alguma coisa. Só que não tenho nenhum tipo de molde para moedas. Eu tinha pensado em usar formas de bolinhos. Tenho uma forma de ferro fundido para fazer bolinhos pequenos.

Quinn riu, depois gargalhou.

— Vamos usar bolinhos de ouro como dinheiro?

— Talvez. Mas, na verdade, arranjei uma coisa melhor. Um garoto que estava revistando as casas achou um lugar onde um cara fazia munição própria. Achou uns moldes de balas.

Continuaram pegando as barras no buraco e pondo no chão. Empilharam-nas cruzados, como crianças brincando com blocos de construir.

— Balas de ouro? — Quinn parou de rir. — Vamos fazer balas de ouro?

— Não importa a forma, desde que sejam coerentes. Todas iguais, saca? — Cara. Balas? Você não acha que isso é meio, você sabe... estranho? Albert suspirou, exasperado.

— Balas de ouro, mas não a parte da pólvora, só o projétil.

— Meu Deus, cara, não sei. — Quinn balançou a cabeça.

— Calibre 32 — disse Albert. — Era o menor tamanho que o cara tinha.

Por que o Cookie não está ajudando? — pensou Quinn em voz alta.

Em resposta, em algum lugar lá fora, Lana disse:

— Pessoal, vou procurar comida por aí. O Cookie vai me ajudar.

— Maneiro — respondeu Quinn.

Em alguns minutos tinham tirado todo o ouro do buraco.

Começaram a levar para a picape, algumas barras de cada vez. As barras não eram grandes, mas eram pesadas. Quando Albert e Quinn haviam terminado de levar o ouro, estavam suando, apesar do frio da noite.

Albert subiu e puxou uma lona por cima do ouro.

— Escuta, cara — disse Albert enquanto amarrava os cantos. — Não vamos querer ninguém falando sobre isso. Certo? Isso fica só entre nós quatro.

— Calma aí, cara. Você não vai contar ao Sam?

Albert desceu para encarar Quinn.

— Olha, não estou querendo passar por cima do Sam. Tenho total respeito pelo Sam. Mas esse plano vai funcionar melhor se tudo for revelado de uma vez só.

— Albert, eu não vou mentir para o Sam — disse Quinn, determinado.

— Não estou pedindo para você mentir para o Sam. Se ele perguntar, conte. Se ele não perguntar...

Como Quinn continuou hesitando, Albert disse:

— Olha, cara, o Sam é um grande líder. Talvez seja o nosso George Washington. Mas até o Washington estava errado em algumas coisas. E o Sam não saca o que eu estou falando. Que todas as pessoas têm de trabalhar.

— Ele sabe que as pessoas têm de trabalhar. Só não quer que você passe por cima de todo mundo virando um cara rico.

Albert enxugou o suor da testa.

— Quinn, por que você acha que as pessoas dão duro? Só para sobreviver? Acha que seus pais ralavam só para sobreviver? Eles só compravam comida suficiente? Ou só conseguiam moradia suficiente? Ou um carro que só anda? — A voz de Albert era ansiosa. — Não. cara, as pessoas gostam de ter uma vida boa. Querem mais. O que há de errado com isso?

Quinn gargalhou.

— Cara, tá legal, você pensou em tudo isso e provavelmente está certo. Quer dizer, eu não sei de nada. De qualquer modo, olha, quer saber se eu vou correr direto até o Sam e contar o que a gente fez? Não. Por mim, não preciso fazer isso.

— É só isso que estou pedindo, Quinn. Eu não pediria para você mentir.

— Ahã — disse Quinn com cinismo. — E a Curadora? Ela... — Ele olhou em volta, com uma percepção súbita de que não tinha ouvido nada da parte dela ou de Cookie por um bom tempo.

— Lana! — gritou.

E depois:

— Curadora!

A noite estava silenciosa.

Quinn apontou a lanterna para a cabine da picape. Talvez ela estivesse lá

dentro. Dormindo, talvez. Mas a cabine estava vazia.

Girou a luz ao redor, iluminando os postes que haviam sustentado a caixa-d'água do ermitão Jim.

— Lana? Lana? Estamos prontos para ir — gritou Quinn.

— Onde ela está? — perguntou Albert. — Não estou vendo ela nem o Cookie. Nem o cachorro.

— Lana! Curadora! — gritou Quinn. Não houve resposta.

Ele e Albert trocaram olhares de horror.

Quinn se encostou na picafe, pretendendo tocar a buzina. Ela teria de ouvir. Congelou ao ver o bilhete grudado. Tirou-o do volante e leu alto à luz da lanterna.

— Não tentem nos seguir — leu ele. — Sei o que estou fazendo. Lana.

— Certo — disse Albert. — Certo, agora temos de contar ao Sam.

VINTE E UM | 18 HORAS E 23 MINUTOS

JACK FAZIA FORÇA contra a porta.

Ela era forte. Muito forte. Aço em aço.

Mas estalava e rangia, e Jack podia ver a fenda entre a porta e portal aumentar.

Sua força era chocante para ele próprio. Tinha feito muito pouca coisa para aprender a controlá-la. Não a havia testado muito. Na verdade vivia esquecendo que tinha a força porque ela não fazia, nunca faria, parte do que ele era de verdade.

Jack havia crescido sendo um crânio. Gostava de ser um crânio. Usava com orgulho o rótulo de nerd. Não tinha interesse em ser mutante superforte. Na verdade, ao mesmo tempo que empurrava a porta, imaginava se não haveria nela algum tipo de controle eletrônico. Imaginava onde esse controle poderia estar. Se ele poderia corta um fio, ou soldar outro fio, e abrir a porta. Se ela poderia ser controlada por computador, que poderia ser facilmente hackeado.

Esses pensamentos ocupavam a mente de Jack. E davam prazer:

Empurrar uma porta de ferro como se fosse um boi? Era idiotice. Era o que as pessoas idiotas faziam. E Jack não era idiota.

— Continue, Jack — encorajou Caine.— Ela está começando a ceder

Jack ouviu Diana falando com Drake:

— Eu disse que ele era forte. E você achou que poderia pegar ele levar para a Coates? Rá!

A porta cederia em mais alguns segundos, Jack podia sentir.

— Quando ela ceder, Jack, você precisa se jogar no chão — disse Caine.

Jack teria perguntado por que, mas o esforço estava inchando as veias de seu pescoço, espremendo os pulmões, arregalando os olhos e tornando difícil imaginar uma conversa.

— Assim que ela cair, Jack, jogue-se no chão — repetiu Caine. — Alguém lá dentro pode começar a atirar,

O quê? Atirar?

Jack diminuiu o esforço.

— Não afrouxe — alertou Drake. — Vamos cuidar de quem estiver do outro lado.

Jack ouviu o som de uma arma sendo engatilhada. E um riso baixo e mau vindo de Drake.

Firmou os pés. Só mais um empurrão. E se jogar no piso.

De repente estava apavorado. Levar um tiro não fazia parte do trato.

Empurrou. Com toda a força.

A porta despencou de repente, mas não como Jack havia esperado. Partiu-se na dobradiça de cima e a tranca se quebrou. A porta ainda estava no portal, inclinada num ângulo, mas presa por uma dobradiça. Outro empurrão e ela giraria para dentro.

O som da arma foi chocante.

Jack se jogou no chão. Cobriu a cabeça, cobriu os ouvidos. Gritou:

— Não me mate, não me mate! — Mas ninguém poderia ter ouvido porque agora os tiros vinham dos dois lados. Quem estava na sala controle estava disparando rajadas curtas através das aberturas. BlamBlamBlam!

Drake atirava de volta, disparos rápidos.

Balas retiniam no aço e ricocheteavam no corredor.

Drake gritava, Caine gritava, Jack gritava, e do outro lado da porta uma voz de garota gritava com fúria e medo.

Então Caine atacou. Acertou a porta enfraquecida com um impacto de seu poder.

A porta de aço explodiu para dentro.

Deslizou pelo piso e bateu nas pernas de uma garota que continuou disparando enquanto caía, espalhando o fogo da arma automática pelo ar.

Jack agarrou o chão, soluçando.

— Não me mate!

Drake pulou por cima dele, a arma numa das mãos, a mão de chicote desenrolada.

Caído de lado, Jack viu uma cena louca, a garota, incapaz de se mexer, as pernas torcidas em ângulos impossíveis, mas ainda girando a arma e disparando na direção de Drake.

A mão de chicote de Drake saltando.

A garota apontou a arma direto para o peito de Drake.

Clic.

Vazia.

O chicote de Drake acertou-a.

Um grito de dor.

Outro.

— Para com isso! — gritou Diana.

Caine chutou sem querer a cabeça de Jack enquanto corria para dentro da sala.

De novo o estalo do chicote de Drake, e agora ele estava gritando numa alegria louca, grasnando e xingando.

Jack se arrastou para a frente, cego pelas lágrimas. Conhecia garota. Conhecia. Era Brittney. Da sua turma de história. Sentava-se na terceira fila.

De novo Drake atacou.

A arma vazia caiu da mão de Brittney.

Ela estava cortada, sangrando, as pernas despedaçadas pelo impacto da porta, o rosto numa confusão de lágrimas e sangue e Diana gritando palavrões contra Drake e Caine não dizendo nada para impedir aquele psicopata e Jack querendo gritar: “Desculpe, desculpe”, mas incapaz de encontrar as palavras.

Diana alcançou Drake e agarrou seu braço de chicote pelo ombro.

— Chega, seu cretino...

Drake girou, cara a cara com Diana. Mostrou os dentes e rugiu a ela, rugiu como um animal, com cuspe voando.

— Ela está certa: chega — disse Caine finalmente.

— Tira sua namorada de cima de mim! — berrou Drake para Caine.

Caine olhou friamente para Drake. — Deixei você ter sua diversão. Não estamos aqui para você ficar indo. Jack ficou pasmo. Não conseguia afastar o olhar de Brittney. Ela meu, tentou se mexer, depois tombou frouxa no chão. Inconsciente morta. Jack não sabia.

Ela era da sua turma.

Ele a *conhecia*.

— Vá trabalhar, Jack — disse Caine.

Diana virou os olhos vermelhos para Jack, olhos cheios de ódio e tristeza. Ela enxugou as lágrimas.

— Jack está machucado.

— O quê? — perguntou Caine. — Jack?

Jack não estava machucado. Começou a se levantar, com vergonha ter se acovardado no chão. Mas seu pé esquerdo cedeu. Ele olhou a baixo, perplexo, e viu que sua calça, do joelho para baixo, estava encharcada de vermelho.

— Ele está perdendo um bocado de sangue — disse Diana.

Foi a última coisa que Jack ouviu antes que o chão subisse correndo e o acertasse na cara.

Lana ouviu os gritos de Quinn. Ouviu a buzina da picape. Não estava mais de 80 ou 100 metros, logo depois do alcance dos facho lanternas.

Cookie caminhava com firmeza ao seu lado, quieto, ainda que vez tivesse dúvidas.

Lana esperava que Quinn e Albert não viessem atrás dela. Não queria explicar o que ia fazer.

Patrick também ouviu a buzina, por isso ela sussurrou:

— Quietos, garoto. Shhh.

Lana havia feito questão de usar botas resistentes — uma grande melhoria com relação à última vez que tinha feito essa rota. Levava pistola pesada na bolsa a tiracolo, o que era outra grande melhoria. E tinha Cookie.

Se Líder da Matilha os encontrasse ali, Lana pretendia que deles — esperava que fosse ela, e não Cookie — atirasse na cara dele.

Na bolsa também havia uma garrafa d'água, uma lata de champignons e um repolho inteiro. Não era muita comida, especialmente para um cara do tamanho de Cookie, mas ela esperava encontrar pelo menos algumas latas de alguma coisa no barracão da mina. O ermitão Jim devia ter guardado pelo menos um pouco de comida lá.

Esperava.

Na última vez que havia feito esse caminho tinha sido em busca picape de Jim, esperando usá-la para chegar a Praia Perdida. Nesse ponto havia encontrado o ouro e achava que o ermitão excêntrico: um mineiro. Tinha seguido as trilhas de pneus até a cidade de mineração abandonada, escondida numa fenda dos morros. Tinha encontrado a picape de Jim, mas não a chave. Então encontrou o próprio Jim, morto no túnel da mina.

Agora sabia onde a chave estava.

Na ocasião, antes de tanta coisa acontecer, ela ficaria aterrorizada em remexer os bolsos de um cadáver. Mas essa era a antiga Lana. A nova Lana tinha visto coisas muito piores.

Sabia onde encontrar a chave. E onde encontrar a picape. E se lembrava do grande tanque de GLP — gás liquefeito de petróleo — que usava para fundir o minério.

Seu plano era simples: pegar a chave. Com a ajuda de Cookie, colocar o tanque de gás na picape de Jim. Levar a picape e o tanque a entrada da mina. Abrir a válvula do gás e deixar que ele entrasse túnel da mina.

Depois acender um pavio e correr.

Não sabia se a explosão mataria a coisa que estava na mina. Mas esperava enterrá-la sob muitas toneladas de rocha. Escuridão a havia chamado em sonhos e também nos sonhos acordada. Tinha fispado ela com um anzol e sabia que a coisa estava puxando-a.

Venha para mim. Preciso de você.

Escuridão queria Lana.

— Olá, escuridão, velha amiga — Lana meio cantou, meio sussurrou — Vim conversar com você de novo.

VINTE E DOIS | 18 HORAS E 18 MINUTOS

JACK ACORDOU SENTINDO dor.

Tinha sido movimentado. Alguém o tinha virado. Sentou-se pressa demais. Sua cabeça girou e por um momento ele achou desmaiaria de novo.

Uma perna da sua calça tinha sido rasgada revelando o ferimento. Havia uma bandagem azul, encharcada de sangue, amarrada na coxa. Doía. Queimava como se alguém estivesse enfiando um atizador candescente na sua carne.

Diana estava ao seu lado. Ele demorou um momento para entender os cabelos curtos demais da garota. — Achei isso numa sala. Tome. — Ela passou quatro comprimidos de Advil para a mão dele. — É o dobro da dose comum, mas duvido que vá matar você.

— O que aconteceu? — perguntou ele com uma voz rouca.

— Um tiro. Mas passou só de raspão. Abriu uma espécie de sulco. Vai doer, mas o sangramento já parou.

— Certo, Jack, corta essa — disse Caine. Ele parecia aflito e preocupado. As coisas não estavam acontecendo exatamente segundo seus planos. — Você sabe o que veio fazer.

Dois dos soldados de Drake retornaram xingando Mickey Fine e Mike Farmer, que estavam com as mãos amarradas às costas. Tinham sido encontrados escondidos em salas. Encolhidos embaixo de mesas.

— Ah, bom — disse Caine lepidamente. — Os reféns estão aqui.

— Nós mandamos eles largarem todas as armas que tivessem, e esse retardado obedeceu — grasnou um dos capangas. — Nós só tínhamos uma espingarda e uma pistola e esse garoto tinha uma metralhadora, e mesmo assim entregou. Tremendo mariquinha. O outro não tinha arma.

Mickey e Mike pareciam arrasados e com muito medo. Suas expressões ficaram mais desanimadas ainda quando viram Brittney no chão, numa poça de sangue.

Drake foi até eles, empurrou Mike de lado e pegou a metralhadora. Passou o tentáculo sobre o cabo, sobre o mecanismo de trava, segurando quase com reverência. Em seus olhos frios e azuis havia uma expressão que não era distante do amor.

— Gosto disso. A arma da garota era uma bosta, mas essa é maneira. Muito maneira.

— Talvez você e a arma deversem ir para um quarto — disse Diana.

— Nenhuma aberração tem poder suficiente para mexer comigo se eu estiver com uma dessas — continuou Drake.

— E, nem o Caine — concordou Diana, animada. — Agora você pode ser o chefe, certo?

Jack continuou totalmente imóvel, assistindo a tudo aquilo, ainda incapaz de se concentrar em seu suposto serviço.

Como tinha se permitido ser arrastado para aquilo? Havia uma garota a menos de três metros dele, que podia morrer, se já não estivesse morta. Ele poderia dar três passos e pisar no sangue dela, assim como estava sentado no seu.

— Jack — disse Caine. — Corta essa. Vá trabalhar. Agora!

Jack moveu-se como num sonho, balançando a cabeça, com os ouvidos ainda zumbindo devido ao tiroteio. Sua perna queimava. E o tecido da calça, molhado, se grudava nele. Caminhou com cuidado até o console de computador mais próximo e sentou-se pesadamente numa cadeira giratória. O monitor era antigo. A aparência do programa era antiga. O computador nem tinha mouse, era todo controlado por teclado.

Seu coração se encolheu mais ainda. Programa antigo significa um monte de uso de teclas, coisa a que não estava acostumado. Abriu uma gaveta esperando encontrar um manual, ou pelo menos folha de comandos.

— Como é? — perguntou Caine. E pôs a mão no ombro de Jack, um gesto amigável destinado a tranquilizá-lo. Pela primeira vez vida Jack pensou que queria girar e dar um soco em Caine. Com força.

— E um programa totalmente desconhecido.

— Mas nada que você não possa resolver, não é?

— Não posso fazer muito depressa. Preciso deduzir.

A mão em seu ombro apertou mais.

— Quanto tempo, Jack?

— Ei, eu estou machucado, certo? Levei um tiro! — Quando Caine simplesmente encarou-o, ele baixou a voz. — Não sei. Depende.

Pôde sentir a tensão de Caine, a fúria contida que se alimentava do medo.

— Então não perca tempo.

Caine soltou-o e se virou de novo para Drake.

— Ponha os reféns no canto.

— Ahã — respondeu Drake distraidamente. Ainda estava acariciando a submetralhadora.

Caine foi rapidamente até ele e deu um tapa no cano da arma.

— Ei. Cuide dos negócios. Brianna pode voltar a qualquer segundo. Se não for ela, vai ser a Taylor. É melhor não ficar de bobeira.

Brittney estava caída no chão, sem se mexer, sem fazer nenhum som. Estaria viva?, pensou Jack. Pela extensão dos ferimentos, e sabendo quanta dor até mesmo um tiro de raspão podia causar, ele imaginou se ela não estaria melhor se estivesse morta.

Jack encontrou um fichário antiquíssimo, pequeno, com bordas de páginas rasgadas aparecendo aqui e ali, enfeitado com bilhetinhos Post-it enrolados pelo tempo, marcando páginas. Começou a examiná-lo. Estava procurando um guia para as teclas de função. Sem isso não tinha nada. A falta de um mouse era impactante: ele nunca vira, quanto mais usara, um computador sem mouse. Era incrível que essas coisas ainda existissem.

— Diana — ordenou Caine. — Leia nossos dois reféns. Não quero descobrir que eles estão escondendo algum poder. Drake? Como vai a coisa?

— Vou esticar o fio — respondeu Drake.

— Bom — disse Caine.

Jack olhou disfarçadamente e viu que Drake estava segurando um carretel de fio desencapado, fino mas de aparência forte. Estava examinando o batente da porta, procurando alguma coisa.

Drake deu de ombros, insatisfeito com o que via. Começou a enrolar uma das pontas do fio na dobradiça do meio, quebrada, na parte ainda presa à parede. Era uma porta alta, com três dobradiças, uma logo acima do nível da cabeça, outra na altura do tornozelo, uma no ponto intermediário.

Drake esticou o fio até um pesado arquivo de metal encostado na parede. Passou o carretel por um puxador de gaveta e esticou bem. Cortou o fio com um alicate e enrolou a ponta no próprio fio, apertando ainda mais.

Diana se afastou dos dois reféns e disse:

— Os dois estão limpos. O nível de um deles pode ser uma barra, mas nesse ponto ele nem sabe que poderes tem. Se é que tem alguma coisa útil.

— Bom — respondeu Caine.

Diana foi andando e se deixou cair na cadeira giratória mais perto de Jack. Olhou pensativa para o monitor à sua frente.

— O que o Drake está fazendo? — sussurrou Jack.

Diana virou os olhos lânguidos para ele.

— Ei. O Jack quer saber o que você está fazendo, Drake. Por não conta a ele? — Jack deveria estar trabalhando — interrompeu Caine. — está ocupado. Jack se virou rapidamente de volta para o fichário. Ali estava a lista das teclas de função. Franziu a testa e começou a experimentar as teclas, apertando, vendo os resultados, movendo-se metodicamente para a próxima.

Drake havia terminado com o fio. Passou por baixo dele e desapareceu no corredor, na direção de onde tinham vindo, desenrolando fio enquanto andava.

— Estou no diretório principal — anunciou Jack. — Isso é velho demais. É tipo DOS ou sei lá o quê.

Mesmo contra a vontade, estava ficando fascinado pelo desafio. Era arqueologia de informática. Estava decifrando uma linguagem pré-Windows, pré-Linux, pré-tudo. Aquilo afastava a mente da dor. Quase.

— Espero que você não esteja apaixonado demais por Brianna, Jack — disse Diana.

— O quê? Não. Nem pensar. — Jack pôde sentir que estava fie do vermelho. — Não. Isso é idiotice.

— Ahã.

Ele foi tateando pelo diretório, passo a passo, procurando controles que poderiam nem estar ali, comandos que talvez nem existisse

Drake reapareceu. Estava assobiando todo feliz.

— Cortar e fatiar — disse. — Cortar e fatiar.

— Bem — disse Caine. — Essa é uma. Agora arme para a Tayllor. Lembre-se, não queremos ninguém atirando em Jack ou acertando algum equipamento.

— Sei o que estou fazendo — respondeu Drake. E apontou o tentáculo para um dos seus capangas. — Você. Traga a espingarda.

Quando o garoto havia obedecido, Drake passou alguns minutos andando com ele pela sala, verificando linhas de visão. — Certo. Você tem um serviço simples. Se vir a Taylor aparecendo aqui, atire.

O garoto ficou pálido.

— Preciso atirar nela?

— Não, você tem uma escolha. Atirar nela ou não. É com você.

O garoto soltou um suspiro.

— Claro, se você não atirar nela... — Drake estalou o braço de chicote. O tentáculo se enrolou no pescoço do garoto. — Se você não atirar nela... Se você se esquecer, ficar distraído ou errar... Eu chicoteio você até ver o osso.

Drake deu um riso feliz e desenrolou o braço.

— Acho que estamos prontos — anunciou. — Taylor tem um monte de cartuchos de espingarda esperando por ela. E se a pequena Brianna decidir aparecer a 100 quilômetros por hora, vai acertar os fios.

— E disparar um alarme? — perguntou Jack.

Drake riu como se fosse a coisa mais engraçada que já tivesse ouvido.

— Cortar e fatiar — disse. — Cortar e fatiar.

Jack não olhou para Drake. Olhou para Diana. Os olhos dela eram janelas na escuridão.

— Volte ao trabalho, Jack — disse Caine. A McBoate estava fechada. Havia uma placa na porta dizendo: “Desculpe, estamos fechados. Reabriremos amanhã.”

Duck não sabia por que tinha sido atraído até lá. Claro que o lugar estava fechado — já passava da meia-noite. Só estava doido por alguma companhia. Esperava que houvesse alguém por ali. Qualquer pessoa.

Nos três dias — bom, tecnicamente eram quatro, já que havia assado da meia-noite — desde que Duck havia caído pelo fundo da piscina, sua vida tinha conseguido piorar. Primeiro tinha perdido seu oásis privativo de calma. A piscina obviamente não podia ser consertada. Ele havia se esforçado um pouco procurando outra, mas nenhum outro lugar era nem de longe tão fantástico quanto o que ele havia perdido.

Em segundo lugar, ninguém acreditava nele. Tinha virado uma piada. O pessoal não se incomodou em ir olhar a piscina, para ver buraco estava mesmo lá. E, claro, Zil e seus amigos vagabundos decidiram exatamente validar a história de Duck.

Quando contava às pessoas sobre seu poder estranho, não desejado, elas exigiam que ele demonstrasse. Mas Duck não queria demonstrar. Isso significava ficar furioso, para começar, e ele não naturalmente uma pessoa raivosa.

Mais importante, significava afundar no chão. E Duck não tinha gostado, da primeira vez. Por pura sorte havia desmaiado antes cair pela caverna. Poderia ter continuado caindo até chegar ao núcleo derretido da Terra. Esta era a imagem em sua cabeça, pelo nos. Cair pelo chão, atravessando a crosta, o manto e qualquer ou camada sobre a qual provavelmente havia aprendido na escola agora não conseguia lembrar, até o grande núcleo de metal e pedra derretidos.

Em sua mente isso pareceria a cena no final de *O senhor dos anéis*, Ele seria que nem o Gollum, nadando por alguns segundos em toda aquela lava e depois sendo incinerado.

Mas a imagem era quase um alívio comparada com a outra possibilidade: a de ser simplesmente enterrado vivo. Cair uns 30 metros chão e não ter como se soltar. Sufocar lentamente enquanto as pare de terra do buraco fossem desmoronando, os torrões caindo em rosto virado para cima, a terra enchendo os olhos, a boca, o nariz...

Segurou a maçaneta da porta da McBoate para se firmar. As imagens eram pesadelos ambulantes. Estavam em seu pensamento co frequência cada vez maior.

Não ajudava o fato de que ninguém levava o problema a sério. A garotada ria da sua história. Pensava que a coisa toda era divertida. A parte de cair pelo fundo da piscina. A parte sobre a caverna. A caverna lateral, radioativa. Os morcegos azuis. A saída da água, seminu e tremendo. O modo como tivera de subir o penhasco desde a praia, obrigando-se a rir, feliz, para a raiva não fazer com que ele caísse e continuasse caindo. Escalar tinha sido a parte mais fácil. Tinha se sentido leve de alívio.

Havia contado a história e o pessoal morria de rir. No primeiro dia, mais ou menos, ele tinha rido junto. Gostava de fazer as pessoas rirem. Mas rapidamente havia passado de um contador de história engraçada para um objeto de ridículo.

— Seu poder é o poder de ganhar tanto peso que acaba afundando no chão? — Quem disse isso foi Hunter, que se achava um comediante de verdade. — Então você é, basicamente, o *Super-gordo*?

Depois disso foi aberta a temporada de gozações. Super-gordo levou a Garoto Buracão, Afundaman, Minerador, e o que ele ouvia com mais frequência: a Broca Humana.

O pessoal não sacava: aquilo não era engraçado. Não mesmo. Não se você pensasse a respeito. Não se você passasse a noite se revirando, quase incapaz de dormir porque se preocupava com a hipótese de sentir raiva em algum sonho e cair para uma morte lenta, agonizante.

Além disso Hunter havia ridicularizado a história dos morcegos azuis.

— Cara... ou será que devo chamar você de A Broca Humana? Cara, os morcegos dormem de dia e voam à noite. Já os seus morcegos azuis... segundo você, eles acordam quando veem a luz. Como é isso? Além do mais, ninguém mais viu eles.

— Eles são azuis como o céu, de modo que não dá para ver quando eles voam no ar ou pela água — dissera Duck, sem resultado.

Soltou a porta da boate. Provavelmente era bom ela estar fechada, e estava sozinho, mas talvez a solidão não fosse tão ruim quanto r ridicularizado.

Olhou em volta, sentindo-se perdido. Era tarde. Não havia ninguém na rua. Nos velhos tempos seus pais o teriam posto de castido durante um ano se descobrissem que ele estava andando pela n noite.

Não havia ninguém na praça. Era um lugar assustador à noite. Os túmulos estavam ali. A silhueta despedaçada da igreja, escura contra a luz das estrelas. Os restos queimados do prédio de apartamentos. Havia umas duas luzes na prefeitura — ninguém se incomodava em apagar luzes. As luzes dos postes ainda estavam acesas, se bem que algumas tinham se queimado e outras, especialmente as da praça haviam sido quebradas pela batalha ou por vândalos.

Agora a praça era um lugar de fantasmas. Fantasmas e sombras compridas.

Duck se virou cansado na direção de casa. De sua suposta casa. Isso significava passar pela igreja. Pelo menos estava escuro. Hoje em dia ela só era iluminada nas noites de reunião porque o sistema de iluminação original não havia sobrevivido. As luzes eram trazidas da prefeitura, com uma extensão. Geralmente alguém se lembrava de puxar o fio da tomada quando terminavam.

Entulhos — alguns eram enormes pedaços de alvenaria — bloqueavam a calçada do lado da igreja. Ninguém nunca havia limpado aquilo. Provavelmente ninguém limparia. Duck andava pelo meio da rua, não confiando nas sombras dos dois lados.

Ouviu um som de algo se mexendo na igreja. Um cachorro, provavelmente. Ou ratos.

Mas então veio um sussurro ansioso.

— Ei! Ei, Duck!

Duck parou. A voz vinha da direção da igreja.

— Cara! — agora o sussurro era mais alto.

— O quê? Quem é?

— Sou eu, cara, o Hunter. Fala baixo. Eles me matam se me pegarem.

— O quê? Quem?

— Duck, cara, vem cá, não posso ficar gritando.

Relutante, muito relutante porque esperava algum truque, Duck atravessou a rua.

Hunter estava agachado atrás de um pedaço de entulho que ainda mantinha um trecho de vitral. Levantou-se quando Duck se aproximou, o que trouxe seu rosto para a luz. Não parecia que estivesse planejando uma brincadeira de mau gosto. Parecia apavorado.

— O que foi? — perguntou Duck.

— Vem aqui, cara, pra ninguém ver a gente. Duck passou por cima do entulho, ralando o tornozelo.

— Certo — disse Duck, assim que estava no esconderijo de entulho de Hunter.
— O quê?

— Pode me dar uma força, cara? Eu não jantei.

— Ah... o quê?

— Estou com fome.

— Todo mundo está com fome. Meu jantar foi um vidro de molho. Hunter suspirou.

— Estou morrendo de fome. Não jantei. Praticamente não almocei. Estava tentando guardar para depois.

— Por que você está aqui?

— O Zil. Ele e os normais querem me pegar.

Duck teve a sensação nítida de que estava sendo sacaneado elaboradamente ou que havia entrado no sonho maluco de outra pessoa.

— Cara, se você tá a fim de curtir com a minha cara, pode parar.

— Não, cara. De jeito nenhum. Desculpe aquilo tudo, você sabe, pegar no seu pé e coisa e tal. Eu só estava tentando ficar numa boa eles, saca?

— Não. Não sei o que você está falando, Hunter.

Hunter hesitou, parecendo que tentaria bancar o macho. Mas então desmoronou. Sentou-se com força no chão. Duck se ajoelhou desajeitadamente perto dele. A falta de jeito aumentou mais ainda do ouviu a fungadela reveladora. Hunter estava chorando.

— O que aconteceu, cara?

— Zil. Você saca o Zil, certo? A gente teve uma discussão, pirou totalmente. Tentou me matar com um atizador de lareira. Aí que eu devia fazer?

— O que você fez?

— Eu estava totalmente com razão. Estava totalmente com razão. Só que não peguei o Zil porque o Harry entrou correndo. Ficou entre nós dois.

— Legal.

Hunter fungou de novo.

— Não, cara. Não foi legal. O Harry caiu. Bateu no chão. Eu nem estava mirando ele, ele não fez nada. Você precisa me ajudar, Duck implorou Hunter.

— Eu? Por que eu? Você sempre pegou no meu pé.

— E, é, é verdade. — Hunter havia parado de chorar. Mas sua voz estava no mínimo mais ansiosa. — Mas, olha, a gente está do mesmo lado.

— Ah... o quê?

— A gente é aberração, cara. Você não tá sacando, tá? — A irritação ajudou o autocontrole de Hunter. As fungadelas pararam. — Malandro, o Zil tá correndo por aí, fazendo os normais virem contra a gente. Contra todos nós.

Duck balançou a cabeça, confuso.

— O que você tá falando, cara?

Hunter agarrou o braço dele e apertou com força.

— Somos nós contra eles. Não sacou? São as aberrações contra os normais.

— De jeito nenhum — descartou Duck. — Em primeiro lugar, eu não machuquei ninguém. Em segundo, Sam é aberração e Astrid é normal, Edilio também. Então como é que todos eles estão contra a gente?

— Você acha que eles não vão contra você, depois? — disse Hunter, não exatamente respondendo. — Acha que está em segurança?

Maneiro. Continua assim. Corre pra casa. Brinca de fingir. Somos nós contra eles. Você vai ver, quando estiver se escondendo deles. Duck se soltou da mão de Hunter.

— Vou ver se consigo trazer alguma coisa para você comer, cara. Mas não vou me envolver na sua roubada.

Duck passou de novo por cima do entulho e foi pela rua. As palavras sibiladas de Hunter seguiram-no.

— São as aberrações contra os normais, Duck. E você é uma aberração.

Jack suava como se estivesse numa sauna. Sua perna doía. Doía muito. Mas o pior eram os fios. Os fios.

Brianna jamais iria vê-los. Viria correndo, rápida como uma bala. Bateria nos fios naquela velocidade e seria fatiada. Como um cortador de queijo feito de fio de aço passando por um pedaço de queijo suíço.

A imagem era dolorosamente clara na mente de Jack. Podia ver Brianna acertando o fio. E sendo cortada ao meio. As pernas ainda correndo alguns passos antes de perceberem que não carregavam mais um corpo.

— Tire os fios — disse Jack. As palavras saíram de sua boca antes que ele percebesse. Não havia planejado. Simplesmente desembuchou.

Ninguém ouviu, a não ser Diana.

Ele a olhou e viu um pequeno sorriso rápido. Mas Drake estava ocupado e Caine distraído com um discurso retórico, e nenhum dos dois ouviu. Jack afastou as mãos do teclado.

— Vocês precisam cortar os fios — disse Jack, engasgando com as lavras.

E então Caine se imobilizou. E então Drake girou.

— O quê? — perguntou Drake.

— Tire os fios — disse Jack. — Ou então eu...

O chicote acertou seu pescoço e suas costas. Como o ferimento de bala, mas pior ainda por ser em pele tão sensível.

Jack gritou de choque e dor.

Drake estava recolhendo o tentáculo para golpear de novo, Caine gritou:

— Não!

Drake parecia pronto para ignorar a ordem, mas se contentou enrolar o tentáculo no pescoço de Jack. Apertou, e Jack sentiu o gue latejando na cabeça.

Caine se aproximou e disse em voz razoável:

— Qual é o problema, Jack?

— Os fios — respondeu Jack, quase incapaz de formar sons. Não gosto do que você está fazendo.

Caine piscou. Estava honestamente perplexo. Olhou para Diana em busca de explicação.

Diana suspirou.

— Amorzinho de criança — disse. — Parece que o Jack supero que sentia por mim. Há outra garota fazendo o papel principal sonhos vergonhosos do Jack.

Caine riu, sem acreditar.

— Você está a fim da Brianna?

— Não... não é isso... — Jack espremeu as palavras para fora.

— Ah, qual é, Jack. Não seja idiota — adulou Caine. — Solte cara, Drake. Jack está perdendo o foco. Está esquecendo o que é importante.

Drake tirou o tentáculo e Jack respirou fundo. Seu pescoço e costas queimavam tanto que ele esqueceu o ferimento menor na co

— Jack, Jack, Jack — disse Caine, parecendo um professor desapontado. — Coisas ruins acontecem às vezes, Jack, você pre aceitar isso.

— Com Brianna, não.

Jack viu a cor surgindo no rosto de Caine, um sinal de alerta. Mas sabia que Caine precisava dele. Caine não iria matá-lo, tinha certeza, não importando o quanto ficasse furioso. Drake poderia deixar a própria fúria tomar conta, mas Caine não.

— Acha que ela defenderia você? — perguntou Caine. — Ela vai chegar aqui a toda velocidade, talvez com uma arma, atirar em qual-quer um que ela vir, Jack. Agora volte ao trabalho e deixe que eu cuide das grandes decisões.

Jack se virou de novo para o teclado. Começou a pousar as mãos nas teclas. Mas não podia. Imobilizou-se com as pontas dos dedos um centímetro acima das teclas.

Brianna, não. Ela, não. Assim, não.

— Eu poderia falar com ela — disse Jack. — Talvez possa fazer com que ela passe para o seu lado.

— Deixe que eu cuido disso — implorou Drake. — Garanto que ele volta ao trabalho.

— Isso mesmo, Drake — disse Diana. — Torture o Jack para ele fazer. Você nunca vai saber se ele vai se irritar o suficiente para inundar essa sala com radiação. Até seu cabelo começar a cair.

Isso não havia ocorrido a Jack. Mas agora ocorreu. Diana estava certa, eles não saberiam o que ele estava fazendo.

Caine estava mordendo o polegar de novo, seu hábito quando ficava frustrado.

— Drake, corte os fios. Jack, descubra como desligar as luzes em raia Perdida ou eu digo ao Drake não somente para pôr os fios de volta mas além disso para chicotear você até ficar cansado demais para levantar o braço.

Jack escondeu com cuidado seu sentimento de triunfo. Drake começou a questionar, mas Caine o impediu.

— Faça isso, Drake. Só faça isso.

Jack sentiu uma onda de algum sentimento caloroso atravessá-lo. Algo diferente de tudo que já havia sentido. Ainda existia a dor lancinante no pescoço e nas costas, e a dor quase esquecida na perna, a dor vinha em segundo lugar com relação a esse sentimento de. alguma coisa. Não sabia exatamente como chamar.

Tinha agido para proteger outra pessoa. Talvez Brianna jamais ficasse sabendo, mas ele havia acabado de correr um risco enorme por ela. Na verdade tinha arriscado a vida por ela.

Diana falou devagar:

— Nosso nerdzinho está crescendo.

Jack começou a digitar no teclado.

— Mas ainda é tão pueril! — acrescentou ela.

A palavra incomodou Jack vagamente. Sabia mais ou menos o significado da palavra pueril. Mas agora estava no diretório de precisava, e havia comandos a aprender, sequências a ser decifradas.

VINTE E TRÊS | 18 HORAS E 07 MINUTOS

— **ELES DEVEM** ter posto alguém no portão — disse Sam. — Fica logo depois dessa curva. Pare aqui.

Edilio freou e os outros dois veículos pararam atrás deles. Dekka estava levando Orc e Howard numa picape grande. Um punhado dos soldados de Edilio vinha no terceiro carro. Eram todas as pessoas que Sam tinha conseguido arrebanhar. Havia tentado outras, mas essas eram as que tinham vindo ao saber que iriam travar uma batalha com Caine e Drake.

O medo de Caine, e especialmente de Drake, corria fundo em Praia Perdida.

Sam se virou no banco para olhar Brianna e Taylor atrás.

— Certo, garotas, o problema é o seguinte: preciso saber onde estão os capangas do Caine. Tenho de supor que ele deixou pelo menos uns dois caras no portão da frente. Armados, claro. Devem ter instruções para atirar em qualquer um que venha por essa estrada.

— Eu posso entrar e sair antes que eles atirem em mim — disse Taylor. Ela não estava exatamente ansiosa.

— Sam, eu posso passar por aquele portão e dar um passeio por dentro e voltar em trinta segundos — argumentou Brianna. — Eles provavelmente nem vão me ver.

— Se você for tão rápida que eles não vejam, como você vai vê-los? — perguntou Edilio.

Ela apontou para o rosto.

— Olhos rápidos, Edilio, olhos muito rápidos.

Sam e Edilio riram. Mas isso não durou muito.

— Certo, escute, Brisa — disse Sam. — Não vá a lugar nenhum além do portão. Isso não é uma sugestão, sou eu dando uma ordem.

— Posso fazer tudo num instante — argumentou Brianna.

— Brisa, preciso que você me escute agora: não entre naquela usina.

Brianna fez beicinho.

— Você é o chefe, chefe.

— Certo — respondeu Sam. — Decole... — Ele parou, percebendo que estava falando com o ar.

— Já foi — comentou Edilio. — Essa garota não espera.

— Eu posso ajudar também — disse Taylor meio ressentida.

— Você vai ter sua chance — respondeu Sam.

Dekka estava descendo da picape.

— Você mandou a Brisa?

— Masadei. Ela deve voltar a qualquer segundo — respondeu Edilio.

— Estou pronta para fazer o serviço — disse Dekka. — Imagine dirigir com o Orc na traseira. O cara está peidando alguma coisa terrível.

— Repolho — explicou Taylor. — A qualquer segundo, agora. Vocês conhecem Brianna — disse Edilio. Os quatro esperaram. Sam ficou de olho na estrada. Não que fosse vê-la quando ela chegasse.

— Está demorando — observou Taylor. — Quer dizer, para ela.

Depois disso ninguém falou. Pelo menos até se passarem dois minutos. Em seguida três. Cinco minutos intermináveis.

— Ah, meu Deus — sussurrou Dekka. — Brianna. — Ela fechou os olhos e pareceu que estava rezando.

— Ela já devia estar de volta — disse Sam em tom pesado. — Se estivesse vindo.

Sentiu enjoo no estômago. Sentiu enjoo até os ossos. Lana sentiu o pavor crescendo por dentro. Estava preparada. Sabia que a coisa viria.

— Que lugar é esse? — perguntou Cookie, sem dúvida sentindo alguma coisa também, mas só os fantasmas, e não a maldade viva e fervilhante que agora estava perto demais.

— Antigamente era uma cidade de mineração — disse Lana. — Mineiros de ouro, lá por 1800, mais ou menos.

— Tipo caubóis?

— Acho que sim.

Caminharam pela cidade fantasma, por aquele lugar feio, destruído, que sem dúvida já havia sido o sonho de uma futura metrópole para alguém. A maioria das

minas havia se esgotado no final do século XIX.

Ainda era possível identificar onde ficava a rua principal. E Lana achava que, se pensasse mesmo a respeito, poderia descobrir que pilha de paus havia sido o hotel, o bar, a loja de ferramentas ou qualquer outra coisa. Aqui e ali um resto de parede ou uma chaminé arruinada se delineava em prata. Mas a maioria dos telhados havia caído muito antes, fachadas de lojas tinham se empilhado. Talvez um terremoto ou alguma outra coisa tivesse derrubado as estruturas enfraquecidas. Talvez fosse apenas o tempo.

Só uma construção parecia mais ou menos intacta: o armazém precário onde o ermitão Jim havia escondido equipamento a gás, para fundir o ouro, e sua picape.

— É para lá que estamos indo — disse Lana, assentindo na direção estrutura.

O olhar de Lana foi atraído para além da construção, até a trilha que levava à lateral do morro. Sabia que teria de subir aquela trilha, subir o morro até a entrada e tirar a chave do bolso do mineiro mumificado.

Não era sua ideia favorita. Ficar mesmo a essa distância da que estava na mina lançava sombras em sua alma. Podia senti-la, sentir a Escuridão, e tinha a sensação terrível de que ela também podia sentir sua proximidade.

Será que a Escuridão sabia que ela estava indo?

Saberia o motivo?

Será que *ela* sabia? Com certeza?

— Sei por que estou aqui — disse Lana. — Eu sei.

— Claro — confirmou Cookie. Ele pareceu pensar que ela estava censurando-o.

Patrick estava quieto, com medo. Ele também lembrava.

Estavam no armazém. Lana verificou o tanque de propano. Havia um mostrador indicando que estava com gás pela metade. Devia bastar.

Ajoelhou-se e verificou o suporte do tanque. Ele estava numa espécie de estrutura de aço, enferrujada mas felizmente não apara no chão. O suporte ficava sobre a terra. Bom.

— O que temos de fazer, Cookie, é levar esse tanque para a picape. Daqui a pouco vou pegar a chave. Vamos dar marcha a ré picape até o tanque. Mas primeiro vamos ver como a coisa funciona, certo?

— Falou e disse, Curadora.

Ela encostou a perna na borda inferior do tanque e descobriu que ele estava na altura do topo da coxa. Foi até a picape e comparou a altura da caçamba.

Bom. Bom. Era praticamente a mesma altura. O tanque talvez vesse uns cinco centímetros mais baixo, o que significava que teria de ser levantado. Levantado e empurrado. Mas deveria haver um sistema, tinha de haver, porque o ermitão Jim precisaria carregar o tanque na picape para enchê-lo.

— Cookie. Procure uma caixa de ferramentas por aí.

Uma coisa de cada vez. Certificou-se de que a válvula estivesse fechada.

Depois remexeu na caixa de ferramentas que Cookie havia apanhado, até encontrar uma chave de porca na medida do encaixe com o tubo. A conexão que ligava a mangueira ao tanque estava agarrada.

— Deixe eu tentar — sugeriu Cookie.

Cookie tinha pelo menos o dobro do peso de Lana. A conexão cedeu.

Lana apontou para os caibros. Uma corrente pesada pendia de uma série de roldanas. Havia um gancho na ponta de uma corrente, e uma argola fixa ao tanque.

— Jim teria de encher o tanque de vez em quando. Era assim que ele colocava o tanque na picape.

Cookie puxou o gancho para baixo. A corrente fez barulho e desceu facilmente, rolando pela polia bem-lubrificada.

Em seguida ele subiu pesadamente na estrutura e prendeu o gancho na argola.

— Certo. Bom — disse Lana. — Agora vou pegar a chave. Algo em sua voz preocupou Cookie.

— Bom, ah, Curadora, a gente devia ir com você. Eu e o Patrick. Não é seguro lá fora.

— Eu sei. Mas se alguma coisa der errado, quero saber que existe alguém de confiança para cuidar do Patrick.

Essa era a coisa errada a dizer, se seu objetivo fosse tranquilizar Cookie. Os olhos dele estavam arregalados, o queixo tremendo.

— O que vai dar errado?

— Provavelmente nada.

— Certo, eu tenho de ir com você.

Lana pôs a mão no grande antebraço dele.

— Cookie, você precisa confiar em mim.

— Pelo menos diga qual é o problema — implorou ele.

Lana hesitou. Uma grande parte dela queria que Cookie e Patrick também fossem até a entrada da mina. Mas estava preocupada com Patrick. E, mais ainda, estava preocupada com o que poderia acontecer com Cookie.

Nos velhos tempos Cookie havia sido um valentão grande e idiota, uma espécie de Orc de segunda. Continuava não sendo exatamente um gênio. Mas seu coração tinha se transformado com os dias de sofrimento, e qualquer maldade que existisse nele tinha sumido. Agora havia em Cookie uma espécie de pureza, ele parecia inocente demais para Lana. Um encontro com a Escuridão poderia acabar com isso. A criatura da mina havia deixado sua mancha na dela, e ela não queria que a mesma coisa acontecesse com seu protetor.

Pegou sua bolsa. Tirou de dentro uma carta, muito bem-lacrada num envelope comercial branco. Entregou a Cookie.

— Olha, se alguma coisa acontecer, leve isso para o Sam ou a Astrid. Certo?

— Curadora... — Ele ficou relutante em pegar.

— Cookie. Pegue. — Ela pôs a carta na mão e fechou os dedos em volta. — Bom. Agora escute, preciso que você faça outra co enquanto eu estiver fora.

— O quê?

Ela forçou um sorriso.

— Estou com tanta fome que poderia comer o Patrick. Dê olhada por aí e veja se acha alguma coisa para comer. Volto em minutos.

Ela se virou para a porta e mergulhou na noite antes que ele pudesse questionar mais.

Lana enfiou a mão na bolsa, enrolou os dedos no cabo de plástico da pistola. Puxou-a e ficou segurando ao lado do corpo.

Pegaria a chave com o mineiro morto. Se Líder da Matilha aparecesse para impedir, atiraria nele.

E se... e se não conseguisse se obrigar a sair daquela caverna, caso se pegasse entrando mais fundo, mais fundo, em direção à Escuridão, incapaz de resistir, bem...

Taylor não era Brianna. Brisa tinha uma imagem de si mesma como super- heroína. Taylor sabia que era apenas uma garota. Como qualquer outra garota, só que tinha a estranha capacidade de pensar num lugar e aparecer lá instantaneamente.

E agora Brianna estava demorando muito a voltar. A Brisa nunca se atrasava. Brianna não sabia o que era se atrasar. Algo havia acontecido com ela.

Então era a vez de Taylor. Ela sentia, sabia. Mas Sam não pediu. Ficou parado, olhando a estrada, como se tentasse fazer com que Brianna voltasse pela força do pensamento.

Dekka estava perturbada de um modo que Taylor nunca tinha visto. Normalmente Dekka era uma rocha, mas agora a rocha tinha algumas rachaduras.

Edilio mantinha o rosto impassível. Olhos diretamente à frente, esperando ordens. Com paciência.

Ninguém queria pressionar Sam. Mas todo mundo sabia que, a cada minuto que passava, ficava mais difícil agir.

Estava por conta de Taylor. Sam não queria mandá-la. Então estava por conta dela.

Ela faria qualquer coisa por Sam. Qualquer coisa. Achava que estava meio apaixonada por ele, mesmo ele sendo mais velho e totalmente a fim de Astrid.

Sam havia salvado a vida de Taylor. Tinha salvado sua sanidade.

Caine havia decretado que as aberrações que não cooperassem na Coates fossem mantidas sob controle. Tinha deduzido que a maioria dos poderes parecia se concentrar através das mãos das crianças, e com a ajuda de Drake tinha agido de modo rápido e decisivo.

A técnica era chamada de concretagem. Implicava prender as de uma criança num bloco de cimento. Os blocos pesavam 20 quil O simples peso deixava as crianças impotentes. A princípio os cap gas de Caine as alimentavam com pratos no chão, como cachorr Taylor e os outros, inclusive Brianna e Dekka, lambiam tigelas cereal e leite como animais.

Então começaram as encenacas entre as crianças deixadas cuid do da Coates enquanto Caine ia assumir o controle de Praia Perdi

A alimentação ficou menos frequente. E então parou por completo. Taylor havia comido mato que nascia no meio do cascalho.

Sam era o motivo para ela não estar morta.

Ela devia a ele. Tudo.

Até mesmo, percebeu com uma pressão na boca do estômago vida que ele tinha devolvido.

—Já volto — disse ela.

Antes que Sam ou qualquer outro pudesse falar, ela sumiu. Só até o fim da estrada para ver o portão, não longe, não tão longe quanto era capaz de se teletransportar.

Num segundo ela estava com Sam, Edilio e Dekka. Um milissegundo depois estava sozinha no escuro, e os amigos fora de vista, atrás.

Era como mudar um canal de TV. Só que estava dentro da TV.

Taylor respirou trêmula. O portão ficava somente a 50 metros, usina do outro lado estava iluminada e intimidante.

Eles esperariam que ela ricocheteasse para dentro da guarita diretamente dentro da usina. Não faria nada disso.

Uma fração de segundo depois estava no morro, acima da guarita, tropeçando porque havia se materializado numa encosta íngreme.

Controlou-se, olhou em volta rapidamente, não viu ninguém ricocheteou para um lugar escuro e sombreado atrás de um caminhão de entregas estacionado num dos lados do portão.

— Ah!

Um grito de surpresa, e Taylor soube que tinha feito uma escolha ruim.

Dois garotos, capangas de Drake, ambos armados com fuzis, estavam bem ali, ao lado dela, escondidos atrás do caminhão. Esperando numa emboscada.

A surpresa atrasou a reação deles. Ela pôde ver nos olhos.

— Lentos demais — disse Taylor.

Eles gritaram, giraram as armas e ela sumiu.

Apareceu a um metro de Sam, que continuava olhando pela estrada.

— Taylor. O que está fazendo? — perguntou ele.

Sam não tinha notado que ela havia saído. Taylor riu aliviada.

— Tem dois caras com armas atrás de um caminhão grande, logo depois do

portão, à esquerda. Acho que não tem ninguém na guarita, é uma emboscada. Se vocês fossem na direção da guarita, eles poderiam atirar nas suas costas. Eles me viram.

Agora foi a vez de Sam ficar meio perplexo.

—Você...

— É.

— Você não deveria...

— Eu tive de fazer. E olha, não vi Brianna em lugar nenhum.

— Subam — ordenou Sam. E saltou no jipe. — Dekka?

— Estou indo — respondeu Dekka, correndo para seu veículo.

Edilio gritou para seu pessoal subir também.

— Obrigado — disse Sam por cima do ombro.

Taylor sentiu-se incrivelmente feliz por causa daquela palavra de reconhecimento.

— Eu poderia... — começou, não querendo realmente que Sam concordasse.

— Não — disse ele com firmeza. — E fique de cabeça abaixada. — Para Edilio, disse: — Direto para o portão, mas pare antes de chegar. Temos de agir depressa antes que eles deduzam o que fazer. Mas lembre-se, deve haver mais um cara por lá. O que Taylor *não* viu.

— É — concordou Edilio. — Estamos prontos para isso.

Taylor se perguntou o que eles estariam falando, mas não era hora de perguntas.

O jipe se inclinou na curva e partiu morro abaixo em direção portão. Edilio pisou no freio. A picape de Dekka mal teve tempo de não bater neles. O terceiro veículo veio mais devagar.

Sam pulou. Dekka saltou enquanto seu veículo ainda estava movimento.

Os dois correram morro abaixo.

Taylor ouviu Sam gritando instruções para Dekka. Segundos depois o caminhão, toneladas de aço, flutuou acima do solo. Taylor viu os dois capangas olhando-o boquiabertos. Sam levantou as mãos.

— Pessoal? — disse aos dois capangas espantados. — Na minha opinião,

vocês têm uma escolha. Larguem as armas, fujam e vivam. Ou apontem essas armas para cá e queimem. As duas armas caíram no pavimento. Os dois garotos levantaram os braços.

— Vocês têm alguma coisa para a gente comer? — perguntou deles.

Dekka largou o caminhão de volta no lugar.

Ele fez um barulho enorme, amassando-se, quicando, mas permanecendo de pé.

— Vocês viram Brianna? — perguntou Dekka.

— Não — respondeu o garoto.

— Mas se ela tentou ir atrás deles lá dentro, não vai voltar — disse o outro, tentando parecer durão, embora suas mãos estivessem no ar.

— Taylor — disse Sam. — Verifique a guarita.

Taylor ricocheteou até a guarita. Estava com atenção completa, pronta para ricochetear de volta. Mas não viu ninguém dentro.

Do lado de fora, pela janela, viu os soldados de Edilio saindo do último carro, com as metralhadoras a postos. Howard saiu da picape, apavorado, encolhendo-se. E lentamente, como se fosse um velho com artrite, saiu Orc. Howard era uma sombra minúscula ao lado dele.

Taylor ricocheteou para perto deles — Não tem ninguém na guarita — informou ela. — E nada de Brianna. Dekka olhou para Sam.

— Se alguém machucou aquela garota, não vai ter chance de se livrar disso.

— Dekka, nós precisamos agir com inteligência — disse Sam.

— Não, Sam — reagiu Dekka com ferocidade súbita, selvagem. — Qualquer um que tenha machucado aquela garota morre.

Taylor ricocheteou para perto de Dekka. Pôs a mão no ombro forte dela. A garota estava tremendo.

VINTE E QUATRO | 18 HORAS E 01 MINUTO

SAM QUERIA QUE Caine saísse para pegá-lo. Seria o melhor, coisa perfeita. Uma briga direta, em lugar aberto. Na última vez que haviam brigado, Sam vencera.

Mas Caine não sairia.

A luta mal havia começado e ele tinha perdido Brianna.

Pobre Brisa.

— O que vamos fazer? — perguntou Edilio. Ele estava ao de Sam. Edilio estava sempre ao seu lado, e Sam agradecia profundamente por isso. Mas nesse momento, à sombra da usina enorme, imagens de Brianna ocupando o próximo buraco na praça da cidade, desejou que Edilio calasse a boca e o deixasse em paz.

Mas Sam era o cara que tomava decisões. Ganhar ou perder, ou errado. Vida ou morte.

— Eu deveria ter trazido Astrid — disse Sam. — Ela conhece a usina melhor do que qualquer um de nós.

— Eles têm de estar na sala de controle — supôs Edilio. — O quer que o Caine esteja planejando, vai precisar da sala de controle.

— E.

— Só há dois caminhos para entrar, se me lembro. Ou pelo prédio da turbina ou por trás, passando por todos os escritórios. Eles devem estar vigiando os dois.

— E.

— Os corredores são estreitos nas duas direções. Vamos pela sala turbina, talvez eles não queiram enlouquecer e fazer alguma coisa que estrague a usina, certo? Sam olhou-o intensamente.

— Está certo. Faz sentido. Eu devia ter pensado nisso. Caine não quer que a usina seja destruída.

Edilio deu de ombros.

— Ei, cara, eu não sou só o seu ajudante mexicano bonitão.

Sam sorriu.

— Você não é mexicano. É hondurenho.

— Ah, é — disse Edilio secamente. — As vezes esqueço. — Depois, sério de novo: — Caine não veio aqui para estragar este lugar. Veio para tomar conta, usar de algum modo. O cara não quer ficar no escuro, assim como nós.

— Mas ele vai fazer o que tiver de fazer.

— É. Se a outra opção for ele sair pacificamente e deixar que a ate o prenda, ou...

Howard chegou perto.

— Vamos ficar aqui a noite toda ou o quê? Orc tá numa de vamos fazer isso logo ou deixa eu ir para casa dormir.

— Eu pensei em parar uns dois minutos para pensar — rosnou Sam. — Nós provavelmente perdemos a Brisa. Mas se você quer deixar o Orc entrar com tudo, sozinho, tudo bem.

— Não, cara — disse Howard, recuando rapidamente. Sam pôs a mão no ombro de Edilio e apertou um pouco.

— Ele pode ter reféns.

— É — concordou Edilio. — O meu pessoal. Mike, Mickey, Brittney e Josh.

— É, pelo que a gente sabe — disse Sam. Ele fez contato visual com Edilio. Edilio assentiu muito levemente.

— Meu plano é o seguinte. Taylor ricocheteia levando uma espingarda, começa a atirar. Um, dois, três tiros, depois ricocheteia para fora. Nesse ponto nós atacamos todos juntos, direto pela sala da turbina.

— Certo — disse Edilio. — Direto pela sala da turbina.

Parecendo perfeitamente natural, Edilio tirou a mochila do ombro e começou a remexer dentro. Em seguida gritou para um garoto chamado Steve, um dos seus soldados.

— Ei, Steve, cara, cadê minha barra de chocolate? Estava aqui, na minha mochila.

Steve franziu a testa e se aproximou. Os bolsos de sua calça cargo estavam estufados.

Edilio pegou uma arma na mochila — grande demais, colorida demais e plástica demais para ser de verdade. Bombeou-a uma nivelou-a na altura da cintura

e disparou.

Um fino jato de tinta amarela diluída espirrou por 20 metros.

Ao mesmo tempo Steve tirou duas latas de tinta spray da calça, mirou e disparou.

Edilio e Steve borrifaram o spray num círculo, girando, acerta crianças, carros e folhagens.

— Ali! — gritou Sam.

Bug era quase invisível à noite. Mas ficou muito menos invisível com um borrico de tinta amarela no peito.

Bug correu, parecendo um risco dançante de fluorescência. Saiu como um louco, gritando:

— Abre a porta! Abre a porta!

Dekka se posicionou.

— Faça parecer bom, mas não bom demais — sussurrou Sam.

De repente Bug tropeçou. A gravidade tinha deixado de existir, mas ele cambaleou para fora do alcance de Dekka, recuperou o equilíbrio e bateu na porta.

— Valeu — disse Sam.

A porta se abriu e Bug caiu na escuridão do outro lado.

— Acha que ele ouviu? — perguntou Edilio.

— Acho. Agora ele vai desembuchar para o Caine. Então vamos com tudo e rápido.

— Como? — perguntou Edilio.

— Direto pela parede — disse Sam, sério. — Howard! Orc! — gritou, e apontou para a porta da sala da turbina, que havia se fechado com estrondo atrás de Bug. — Derrubem aquela porta. Edilio, pegue seu melhor cara e vá com eles. Façam muito barulho. Façam com que pareça bom. O resto do pessoal vem comigo.

— Muito barulho — ecoou Edilio em voz preocupada.

Sam apertou o ombro de Edilio.

— Se eu fosse ter um ajudante mexicano, você seria o cara.

— É, tô sabendo.

— Pronto?

— Não.

— Então vamos — disse Sam. E depois mais alto: — Vamos!

Correram para a porta por onde Bug havia passado. Atravessando o estacionamento numa corrida louca. Edilio, Steve e outro soldado, meio empurrando Orc à frente enquanto Howard diminuía a velocidade, estrategicamente ficando para trás, em relativa segurança.

Sam, Dekka e o resto dos soldados mantiveram o ritmo, depois correram, desviando-se à esquerda e correndo ao longo do prédio.

Taylor ficou atrás com dois caras vigiando a retaguarda.

Orc correu direto para a porta. Acertou-a como um touro, a toda velocidade, sem se importar. O som do impacto ecoou no estacionamento.

A porta de metal ficou amassada, mas não cedeu. Orc recuou e chutou-a com seu pé de pedra. Caiu de costas, mas a porta saiu voando.

Tiros irromperam de dentro.

Orc ficou deitado. Os outros se desviaram do caminho.

Edilio começou a disparar pela porta, num barulho de rachar os tímpanos. Os clarões das armas eram como luzes estroboscópicas.

Sam e Dekka correram para longe, grudados à parede.

— Mais ou menos aqui, acho — disse Sam, ofegando.

Os dois se afastaram da parede e Sam levantou as mãos.

Um fogo verde e ofuscante explodiu das palmas das mãos levantadas. A parede de tijolos ficou vermelha. Quase imediatamente a alvenaria começou a rachar, e então Dekka agiu. A gravidade sob a parede deixou de existir.

A parede começou a rachar. Lascas de argamassa e pedras voavam. Alguns pedaços menores pegaram fogo e se queimaram enquanto subiam. A parede estava se despedaçando, mas muito lentamente.

— Orc! — gritou Sam.

O garoto monstro rolou de pé e veio correndo.

— Dekka, desligue! — gritou Sam.

O fogo verde morreu, a gravidade retornou com uma chuva de pó e cascalho, e no meio daquilo Orc correu. Bateu na parede enfraquecida com um ombro enorme. Os blocos de concreto desmoronaram; como uma casca de torta caindo no chão.

Orc recuou, depois golpeou de novo e atravessou. Sam correu atrás dele, mas, diferentemente de Orc, não era imune ao calor que ele próprio havia criado. Era como correr para dentro de um forno. Roçou num pedaço de tijolo incandescente e gritou de dor.

Imobilizou-se.

Dentro, para além da parede de blocos de concreto, não estava a sala de controle. Em vez de invadir a sala de controle e pegar Caine desprevenido, ele estava numa sala externa cheia de arquivos de metal antiquados.

Todo o plano havia se despedaçado. Agora a distração não fazia sentido.

Dekka estava logo atrás de Sam.

— Isso é que é elemento surpresa — disse ela.

Não havia tempo para arrependimentos, disse Sam a si mesmo, mas era um momento amargo. A surpresa poderia ter salvado vida. A surpresa poderia ter permitido que resgassem os reféns.

— A próxima parede deve ser mais fácil — disse Sam. — Protejam-se!

Dekka pulou atrás de uma fileira de arquivos enquanto Sam atacava a parede interna. A temperatura na sala de arquivos passou de sufocante a perigosa em segundos.

A luz de Sam queimou tinta e argamassa em poucos segundos, mas do outro lado, dentro da parede, havia uma barreira de metal opaco e cinza.

— É um escudo antirradiação — gritou Sam para Dekka. — Chumbo.

O chumbo derreteu rapidamente ao toque do fogo de Sam. Chumbo líquido escorreu pela parede e fez uma poça incendiando instantaneamente qualquer coisa que tocasse.

Mas agora a sala de arquivo estava quente demais para qualquer pessoa. O ar havia acabado, e Sam estava tonto, sem foco, esquecendo-se do que fazia.

— Orc! Pega ele! — gritou Dekka enquanto mergulhava de volta para fora, ofegando.

Sam sentiu que era tirado do chão. Era uma coisa curiosamente agradável. Do

lado de fora, o choque do ar frio no rosto o arrancou de volta para a realidade.

Olhou à direita. Tiros continuavam mantendo a porta da sala da turbina livre. Edilio estava achatado na parede, incapaz de fazer algo além de recarregar a arma e continuar atirando às cegas. Seus soldados tinham recebido ordem para voltar à segurança atrás dos carros estacionados.

O ataque estava fracassando.

Sam ficou de pé, lutando contra a náusea e a tontura. Encarou a parede de novo. Poderia disparar através da parede externa, fazer o fogo passar pela sala do outro lado e acertar o escudo de chumbo. Mas a essa distância sua luz mortal era difusa. E não tinha espaço para balançar o facho para um lado e outro e alargar o buraco.

Levantou as mãos e liberou o poder. A camada de chumbo derreteu rapidamente. Mas era tarde demais, Sam sabia. Tarde demais a surpresa. Tarde demais.

E, no fim das contas, pouco demais.

Um buraco de borda vermelha mais ou menos do tamanho de tampa de bueiro pingava chumbo derretido como lágrimas.

Então uma voz familiar gritou:

— Sam!

Sam ignorou-a.

— Sam, em três segundos vou empurrar um dos meus reféns esse buraco que você fez — gritou Caine. — Um!

Sam alargou o buraco o máximo que pôde, trabalhando nas bordas, derretendo o chumbo.

— Dois!

Não podia parar, disse Sam a si mesmo.

Mas, se não parasse, não tinha dúvida de que Caine cumpriria ameaça. Caine podia literalmente jogar um dos reféns no buraco incandescente que Sam estava abrindo com fogo.

Sam baixou as mãos. A luz morreu.

— Assim está melhor — gritou Caine.

— Saia agora, Caine, e talvez eu deixe você ir embora inteiro esbravejou Sam.

— O negócio é o seguinte, irmão — gritou Caine de volta. — tenho duas pessoas do seu grupo. Deem um grito, garotos.

— Sou eu, Sam. O Mike Farmer! O Mickey também está aqui. Britt... ela... está machucada.

Sam lançou um olhar para Dekka. Ela o encarou de volta, com rosto parecendo de pedra. Caine tinha dito que existiam dois reféns. Então estava considerando que Brittney havia morrido.

E nenhuma menção a Brianna. A Brisa não era refém. Ao mesmo tempo, disse Sam a si mesmo, Mike também não havia falado nela. De modo que pelo menos ela não estava caída naquela sala, derrotada.

Os tiros junto à porta haviam cessado. Edilio continuava a postos, mas sem saber o que fazer em seguida.

— Deixe eles saírem, Caine — disse Sam, exausto.

— Acho que não vou fazer isso.

Sam passou a mão pelo cabelo, completamente frustrado.

— O que você quer? — perguntou Sam. — O que você acha que está fazendo?

— Eu controlo a usina, isso é óbvio — respondeu Caine. — Foi idiotice sua deixar que ela se perdesse, Sam.

Sam não tinha como responder.

— O que vou fazer, Sam, é desligar a eletricidade em Praia Perdida.

— Se fizer isso, você também vai ficar no escuro — gritou Sam de volta.

— É o que você acha, não é? — disse Caine gargalhando. — Mas por acaso não é verdade. Parece que podemos desligar partes da rede, a partir daqui, sem afetar outras.

— Acho que você está blefando, Caine. Eu já vi a sala de controle. Você demoraria uma semana para entender alguma coisa.

Caine riu com facilidade.

— Ah, irmão, você está certo com relação a isso. Provavelmente demoraria um mês. E Diana não é boa com coisas técnicas. E o Drake, bem, você conhece o Drake. Mas...

Sam sabia o que vinha em seguida. Fechou os olhos e baixou a cabeça.

— Felizmente nosso amigo mútuo, Jack Computador, praticamente já resolveu. Na verdade... Como vão as coisas, Jack? Já conseguiu?

Houve um murmúrio praticamente inaudível. Depois, de novo a voz de Caine, provocando:

— Adivinha, Sam.

Sam recusou-se a responder.

— O Jack disse que as luzes acabaram de se apagar em Praia Perdida. Caine gargalhou, um som louco e triunfante.

Sam captou o olhar de Taylor. Ela se teletransportou até ele.

— Verifique — disse Sam. A garota assentiu e desapareceu.

— Está mandando Brianna verificar? — gritou Caine. — Taylor?

Sam não disse nada. Esperou.

Taylor voltou a aparecer, bem ao seu lado.

— Ricochetei até uma curva na estrada, de onde dá para ver a cidade — informou ela.

— E?

VINTE E CINCO | 17 HORAS E 54 MINUTOS

DUCK HAVIA DISCUTIDO consigo mesmo até chegar em casa. O problema de Hunter não era seu problema, dizia. Certo, talvez ele fosse uma aberração agora, também, como o Hunter, mas e daí? Ele tinha um poder idiota, inútil — por que isso significava que deveria partilhar o sofrimento de Hunter?

Hunter era um babaca. E todas as pessoas de quem Duck gostava eram normais. Na maioria. Gostava de Sam, claro, de um certo modo distante. Mas, cara, por que deveria subitamente escolher o lado numa briga que nem sabia se estava acontecendo?

Mas não gostava da ideia de simplesmente deixar Hunter escondido com fome no entulho perto da igreja. Parecia um tanto duro demais.

Quando chegou à segurança relativa de sua casa, Duck havia se convencido a não fazer nada, a favor de um lado ou do outro. E depois se convenceu a assumir a posição oposta. E voltou atrás outra vez.

Pegou-se procurando nos armários da cozinha. Só para ver. Só para ver se ao menos era possível ajudar Hunter.

Não havia muito que ver na cozinha. Duas latas de legumes. Um vidro de molho para cachorro-quente, mas nem ao menos era do tipo adocicado. Um saco meio vazio de farinha e um pouco de óleo. Tinha aprendido a preparar uma espécie de tortilha de gosto ruim com a farinha e um pouco de água e óleo. Era a atual comida pop LGAR, algo que até os menos dotados para a culinária podiam fazer.

Nem queria pensar no que todos estariam comendo dentro semana. Pelo que Duck tinha ouvido dizer, havia comida nas plantações, mas ninguém queria colher, se existissem ezecas. Estremeceu com o pensamento.

Mas achou que podia ceder o molho de cachorro-quente. Não era uma coisa exatamente saudável, mas Hunter tinha parecido bem desesperado. E hoje em dia todo mundo comia coisas que antes faria as pessoas engasgarem.

Duck teve uma visão súbita de cachorros-quentes de verdade. A coisa de fato, fumegante, aninhada num pão branco e macio.

A tia de Duck era de Chicago. Tinha ensinado a ele sobre os genuínos cachorros-quentes de Chicago com... quantas? Sete coberturas? Imaginou se

conseguia se lembrar de todas. Mostarda. Maionese. Cebola. Tomate.

Sua boca estava se enchendo de água só com o pensamento. Mas sua boca teria se enchido de água até mesmo com a ideia de um cachorro-quente de verdade com cobertura de couve-de-bruxelas.

Tomou a decisão. Não tinha a ver com aberrações contra normais. Tinha a ver com deixar Hunter lá fora, escondido, a noite toda.

Não. Iria levar o molho para ele e depois, se Hunter precisasse de um lugar para se esconder, deixaria que ele ficasse no porão da casa.

Duck enfiou o vidro de molho no bolso do casaco e voltou com grande relutância para a noite. Só demorou alguns minutos para chegar à igreja. — Hunter. Ei, Hunter — chamou num sussurro áspero. Nada. Ótimo. Perfeito. Ele estava sendo sacaneado, afinal de contas.

Virou-se e começou a se afastar. Mas na esquina surgiu um grupo de sete, talvez oito garotos. Ele só demorou um segundo para ver os bastões de beisebol. Zil estava no comando.

— Ali está um! — gritou Zil, e antes que Duck pudesse ao menos reagir, os sete garotos estavam correndo para ele. — O que está havendo? — perguntou Duck.

Os garotos o cercaram. Não havia como negar a atitude ameaçadora, mas Duck estava decidido a não lhes dar desculpa para começarem a bater.

— O que está havendo? — zombou Zil. — A Broca Humana quer saber o que está havendo. — E empurrou Duck. — Um dos seus matou meu melhor amigo, é o que está havendo. — Estamos enjoados disso — disse outro garoto. Várias vozes murmuraram concordando.

— Pessoal, eu não machuquei ninguém — disse Duck. — Eu só...

Ele não sabia o quê. Os olhares hostis ao redor se estreitaram.

— Só o quê, aberração? — perguntou Zil.

—Estou dando uma volta, cara. Tem alguma coisa errada com isso?

— Nós estamos procurando o Hunter — disse Hank.

— Vamos encher ele de porrada.

— E. Talvez dar um jeito no nariz dele — disse Antoine. — Tipo talvez fique melhor saindo pelo lado da cara.

Eles riram.

— Hunter? — perguntou Duck, esforçando-se para parecer ino-cente.

— E. O Sr. Micro-ondas. O mub assassino.

Duck deu de ombros.

— Não vi, cara.

— O que é isso aí no seu bolso? — perguntou Zil. — Ele tem uma coisa no bolso.

— O quê? Ah, não é nada, é...

O bastão de beisebol girou com uma precisão implacável. Duck sentiu a pancada no quadril, onde o vidro de molho estava no bolso do casaco. O som encharcado de vidro molhado se partindo.

— Ei! — gritou Duck.

Tentou abrir caminho entre eles, mas seus pés não se mexiam. Olhou para baixo, sem entender, e viu que tinha afundado até os tornozelos na calçada.

— Certo, parem de me deixar com raiva! — gritou em desespero.

— Parem de me deixar com raiva — repetiu Zil numa voz provocadora, cantarolada.

— Ei, cara, ele tá afundando! — gritou um dos outros.

Duck estava afundado até o meio da canela. Preso. Encontrou o olhar de desprezo de Zil e implorou:

— Ah, cara, por que vocês estão pegando no meu pé?

— Porque você é um mub sub-humano — disse Zil, acrescentando: — Dããã.

— Vocês querem o Hunter, certo? — perguntou Duck. — Ele está ali, cara, atrás dessas coisas.

— É mesmo? — perguntou Zil. Em seguida assentiu para sua turma, e todos subiram juntos no entulho, à procura de sua presa verdadeira. Alguém, Duck não viu quem, despedaçou com o bastão o pedaço de vidro manchado. Duck respirou fundo.

— Pensamentos felizes, pensamentos felizes — sussurrou. Tinha parado de afundar, mas ainda estava preso. Remexeu o pé para um lado e para o outro. Por fim soltou um, sem o tênis. O outro saiu mais fácil, e ele conseguiu manter o segundo tênis.

Duck partiu correndo.

— Ei, volta aqui!

— Ele mentiu, cara, o Hunter não está aqui!

— Pega ele!

Duck correu a toda velocidade, gritando:

— Pensamentos felizes, pensamentos felizes, ah, rá rá rá rá! — desesperado para manter a raiva a distância, forçando a boca num riso.

Conseguiu atravessar a rua. Estava bem à frente da turba, mas não o bastante para chegar em casa e trancar a porta antes que o pegassem.

— Socorro! Alguém me ajude! — gritou.

Seu próximo passo bateu pesado no chão.

O seguinte quebrou o meio-fio.

O terceiro atravessou a calçada e ele caiu com força.

Seu queixo bateu no concreto e esmagou-o como uma pedra passando por vidro.

Estava caindo pela terra de novo. Só que dessa vez de rosto para baixo.

Zil e os outros o rodearam imediatamente. Um golpe acertou suas costas. Outro bateu no traseiro. Nenhum dos dois doeu. Era como se estivessem acertando-o com canudinhos de refrigerante, e não com bastões. Então eles não podiam alcançá-lo mais porque ele havia caído direto pelo cimento e estava afundando pela terra. Ouviu Zil gritando:

— Lá se vai um mub.

E depois:

— O que aconteceu, cara?

— Todas as luzes se apagaram — disse alguém, parecendo apavorado.

Houve um palavrão amedrontado e o som de passos correndo.

Duck Zhang, de cara na terra, continuou a afundar. Maria estava deitada na cama, no escuro, passando as mãos sobre a barriga, sentindo a gordura que havia ali. Pensando: só mais umas semanas de dieta, talvez. E então chegaria lá. Onde quer que fosse o “lá”.

A garrafa d’água ao lado da cama estava vazia. Maria desceu cuidadosamente

da cama. Abriu a porta do banheiro e acendeu a luz. Por um momento viu alguém que não reconheceu, alguém com bochecha côncavas e olhos fundos.

E então a escuridão súbita, total. No porão da prefeitura, no espaço sombrio que as crianças chamavam de hospital, Dahra Baidoo segurava a mão de Josh.

Ele não parava de chorar.

Tinham-no trazido da batalha na usina. Um dos soldados de Edilio o havia deixado ali.

— Quero minha mãe, quero minha mãe. — Josh estava balançando para trás e para a frente, surdo a qualquer palavra que Dahra pudesse dizer, perdido e com vergonha.

— Quero minha mãe — gritava ele. — Só quero a minha mãe.

— Vou colocar um DVD — disse Dahra. Não tinha outra solução. Tinha visto crianças assim antes, um número grande demais para fazer a conta. Elas se rompiam como um graveto dobrado demais. Partiam-se.

Dahra imaginou quanto tempo iria se passar até que acontecesse o mesmo com ela.

Quanto tempo até que estivesse se abraçando e se balançando, chorando e pedindo pela mãe?

De repente as luzes se apagaram.

— Quero minha mãe — chorou Josh no escuro. Na creche, John Terrafino estava meio apagado, um olho semiaberto, assistindo a uma TV sem som enquanto dava mamadeira para um irritado bebê de dez meses. A mamadeira não estava cheia de leite ou mingau. Estava cheia de água com pó de aveia e um pouquinho de purê de peixe.

Nenhum dos livros de cuidados infantis recomendava isso. O bebê estava doente. Ficando mais fraco a cada dia. John duvidou de que o menino, cujo nome também era John, viveria muito tempo.

— Tudo bem — sussurrou.

A TV se apagou. Astrid havia levado o Pequeno Pete para a cama. Estava exausta e preocupada. Seu olho doía, onde o bastão de beisebol tinha acertado. Estava com um hematoma horrendo, amarelo e preto. O gelo havia ajudado, mas não muito.

Precisava dormir; era uma da madrugada, mas isso não aconteceria. Por

enquanto, não. Pelo menos até saber que Sam estava bem. Desejava ter ido à usina com ele. Não que fosse servir de muita ajuda, mas pelo menos saberia.

Era estranho como, em apenas três meses, Sam passara a ser uma parte necessária de sua vida. Mais do que isso, até. Uma parte necessária *dela*. Um braço, uma perna. Um coração.

Ouviu um barulho na rua. Gente correndo. Ficou tensa, esperando ouvir os pés batendo em sua varanda. Mas ninguém se aproximou.

Seria Hunter voltando? Ou Zil ainda correndo e procurando encrenca? Não podia fazer nada a respeito. Não tinha poderes, pelo menos nenhum que importasse. Só podia ameaçar e persuadir. Quando chegou à janela, a rua estava vazia e silenciosa. Esperava que Hunter estivesse escondido em algum lugar. Eles teriam de deduzir o que fazer com a situação, e seria bem complicada. Explosiva, talvez. Mas não seria resolvida esta noite.

O que estava acontecendo com Sam? Teria conseguido impedir Caine?

Estaria machucado?

Estaria morto?

Que Deus não permitisse, rezou.

Não. Ele não estava morto. Ela sentiria, se ele estivesse.

Enxugou uma lágrima e suspirou. Não dormiria de jeito nenhum.

Isso não iria acontecer. Por isso sentou-se na frente do computador. Suas mãos estavam tremendo quando encostou no teclado. Precisava fazer alguma coisa útil. Alguma coisa. Qualquer coisa para não pensar em Sam.

Na parte de baixo da tela havia os ícones usuais do Safari e do Firefox. Browsers que, quando abertos, só iriam lembrá-la de que não estava conectada à internet.

Abriu o arquivo das mutações. Ali estavam todas as fotos bizarras. O gato fundido com o livro. As cobras com asas minúsculas. As gaivotas com garras de raptor. A ezeca.

Abriu um documento do Word e começou a digitar.

A única constante parece ser que as mutações estão tornando as criaturas — humanas e não humanas — mais perigosas. As mutações são quase todas em forma de armas.

Parou e pensou nisso um momento. Não estava exatamente certo. Algumas crianças tinham desenvolvido poderes que pareciam essencialmente inúteis. A verdade era que Sam desejava que mais mutantes tivessem desenvolvido o que ele chamava de poderes “sérios”. E havia Lana, cujo dom definitivamente não era uma arma.

Armas ou mecanismos de defesa. Claro que talvez eu simplesmente não tenha observado mutações suficientes para saber. Mas não seria exatamente uma surpresa se as mutações tendessem a ser mecanismos de sobrevivência. Esse é o objetivo da evolução: a sobrevivência.

Mas será que isso era evolução? A evolução era uma série de acertos e erros no decorrer de milhões de anos, e não uma súbita explosão de mudanças radicais. A evolução se baseava no DNA existente. O que estava acontecendo no LGAR era um afastamento radical dos bilhões de anos de códigos no DNA animal. Poderia haver genes para a velocidade, mas não havia gene para o teletransporte, para a suspensão da gravidade ou a telecinesia.

Não havia DNA para disparar luz das palmas das mãos.

O fato é que eu não...

A tela ficou vazia. A sala estava escura.

Astrid se levantou e foi até a janela. Puxou a cortina e olhou para uma escuridão total. Nenhuma luz na rua.

Saiu à varanda.

Escuridão. Em toda parte. Nenhuma luz nas casas ao redor.

Alguém, numa casa próxima, gritou com indignação:

— Ei!

Caine tinha chegado à usina. Sam havia fracassado.

Astrid conteve um soluço. Se Sam estivesse ferido... Se...

Sentiu que dedos gelados se enfiavam embaixo da camisola. Cam-baleou até a cozinha. Abriu a gaveta de bagulhos e, depois de procurar um pouco, achou uma lanterna. A luz era fraca e se apagou em segundos.

Mas nos poucos segundos de luz ela achou uma vela.

Tentou acendê-la no fogão. Mas o gás permaneceu apagado porque precisava de eletricidade para se acender.

Fósforos. Um isqueiro. Sem dúvida haveria fósforos em algum lugar:

Mas não tinha como encontrar, sem luz. Tinha uma vela e não sabia como acender.

Tateou até a escada e subiu ao quarto do Pequeno Pete. O Game Boy estava ao lado da cama, onde ele sempre deixava. Se ele acordasse e o brinquedo não estivesse ali, Pete ficaria louco. Faria... era impossível dizer o que ele faria.

Astrid levou o Game Boy para baixo e usou a luz da tela para procurar dentro da gaveta de bagulhos. Não encontrou fósforos, mas havia um isqueiro Bic amarelo.

Usou-o para acender a vela.

Tinha evitado pensar em Sam nos últimos instantes, concentrada na busca. Mas não tinha como escapar do fato de que Sam havia saído correndo para impedir Caine. E não tivera sucesso. A única dúvida agora era: ele teria sobrevivido?

Um verso de um velho poema borbulhou para fora da memória quase fotográfica de Astrid: “O centro não se sustenta”, sussurrou na cozinha iluminada de modo fantasmagórico. O poema se desdobrou em sua cabeça.

Coisas desmoronam; o centro não se sustenta; Mais anarquia é solta no mundo, A maré sangrenta é solta, e em toda parte A cerimônia da inocência é afogada; Os melhores perdem a convicção, e os piores Estão cheios de intensidade passional.

— As coisas desmoronam; o centro não se sustenta — repetiu Astrid.

O centro, talvez. Mas sem dúvida, mesmo aqui no LGAR, Deus ouvia e vigiava seus filhos.

— Por favor, que o Sam esteja bem — sussurrou para a vela.

Fez o sinal da cruz no peito e se ajoelhou diante da bancada da cozinha como se fosse um altar.

— São Miguel Arcanjo, defenda-nos na batalha. Seja nossa defesa contra a maldade e as armadilhas do demônio.

Nos velhos tempos, quando fazia essa oração, o demônio era uma criatura com chifres e um rabo. Agora, em sua mente, o demônio tinha o rosto de Caine. E quando a oração falava de “espíritos malignos que percorrem o mundo buscando a ruína das almas”, a imagem em sua mente era de um garoto de olhos mortos, com uma cobra no lugar do braço.

VINTE E SEIS | 17 HORAS E 49 MINUTOS

— **O QUE** você quer, Caine? — era a voz de Sam, gritando de fora. Ele parecia com raiva, frustrado. Derrotado.

Caine baixou a cabeça. Saboreou o momento. Vitória. Somente quatro dias haviam se passado desde que tinha recuperado algum controle sobre si mesmo. E agora havia derrotado Sam.

— Quatro dias — disse, em volume apenas suficiente para que os que estavam na sala ouvissem. — Foi o tempo que demorei para derrotar Sam Temple. — Caine encarou Drake. — Quatro dias — zombou Caine. — O que você conseguiu nos três meses em que eu estive doente?

Drake sustentou o olhar, depois hesitou e baixou a cabeça. Havia vermelho em suas bochechas, um brilho perigoso nos olhos, mas ele não conseguia encarar a expressão triunfante de Caine.

— Lembre-se disso quando finalmente decidir que é hora de me atacar, Drake — sussurrou Caine.

Caine se virou para os outros e sorriu de felicidade para sua turma. Jack, ainda no computador, era uma forma frouxa e sangrenta, mas tão concentrado no trabalho que mal percebia o que estava se passando. Bug, aparecendo e sumindo. Diana fingindo não se impressionar. Piscou para ela, sabendo que ela não responderia. Os dois soldados de Drake, parados à toa.

— O que eu quero? — gritou Caine de volta através do buraco chamuscado na parede. Depois, enunciando cada palavra cuidadosamente para dar ênfase: — O. Que. Eu. Quero?

E então Caine teve um branco. Por um momento, apenas um momento antes de se recuperar, não conseguiu pensar no que queria. Ninguém mais ouviu a hesitação. Mas Caine sentiu.

O que ele queria?

Procurou uma resposta e achou uma que servisse. — Você, Sam — ronronou Caine. — Quero que você entre aqui sozinho. É isso que eu quero.

Os reféns, Mickey e Mike, entreolharam-se incrédulos. Caine podia adivinhar o que eles pensavam: seu grande herói, Sam, tinha fracassado.

A voz de Sam veio abafada, mas audível.

— Eu iria, Caine. Para dizer a verdade, provavelmente seria um alívio. — Ele parecia cansado. Parecia arrasado. Sons luxuriantes, maravilhosos, aos ouvidos de Caine. — Mas todos nós sabemos como você age quando não existe ninguém para impedir. Portanto, não.

Caine soltou um suspiro alto, teatral. Sorriu de orelha a orelha.

— É, achei que você tomaria essa atitude, Sam. Por isso tenho uma alternativa. Uma troca.

— Troca? Trocar o quê?

— Comida por luz. — Caine pôs a mão na Orelha como se quisesse ouvir. Para Diana, sussurrou: — Ouviu isso? É o som do meu irmão percebendo que foi derrotado. Percebendo que acabou de virar meu... qual seria a boa palavra? Serviçal? Escravo?

Sam gritou:

— Parece que você é que está encrencado, Caine.

Caine piscou. Uma luz de alerta estava piscando no fundo de sua mente. Tinha acabado de cometer um erro. Não sabia qual, mas tinha cometido um erro.

— Eu? — gritou Caine.—Acho que não. Eu estou com o interruptor da luz, irmão.

— É, acho que está — gritou Sam. — E está cercado. E se está com pouca comida na Coates, acho que não tem muita aí, com você. Por isso acho que vai ficar com fome logo logo.

O sorriso de Caine congelou.

—Bom, essa é uma novidade inesperada — disse Diana secamente.

Caine mordeu a unha do polegar e gritou:

— Ei, meu irmão, preciso lembrar que tenho dois dos seus garotos como reféns, aqui?

Houve um longo silêncio e Caine se preparou, pensando que Sam poderia lançar outro ataque. Por fim Sam falou. Parecia ao mesmo tempo mais sério e mais confiante.

— Vá em frente, Caine. Faça o que quiser com os reféns. Depois você não vai ter mais reféns. E ainda vai estar com fome.

— Acha que eu não entregaria os reféns ao Drake? — ameaçou Caine. — Você

vai poder ouvir os gritos deles. — Podia sentir a cor subindo nas bochechas. Sabia qual era a resposta de Sam. Que não demorou a chegar:

— Dois segundos depois de eu ouvir alguém gritando, nós entramos. Vai ser uma coisa sangrenta, e eu preferiria não ter isso. Mas você sabe que tenho pessoas com poder suficiente para conseguir.

Caine mordeu a unha do polegar. Olhou para Diana, querendo que ela tivesse alguma solução, alguma ideia útil. Evitou cuidadosamente fazer contato visual com Drake.

— Então eu tenho uma ideia melhor — gritou Sam. — Que tal eu lhe dar dez minutos para vocês saírem daí? E dou minha palavra que podem voltar para a Coates.

Caine soltou um riso que era meio um rosnado.

— Isso não vai acontecer, Sam. Eu vou manter este lugar. E você pode voltar para uma cidade muito escura.

Não houve resposta.

O silêncio era eloquente. Sam não precisava dizer mais nada. Caine não tinha mais o que dizer. Era como se houvesse uma fai: apertando seu peito. Como se ele precisasse lutar para conseguir cair respiração.

Alguma coisa não estava certa. Alguma coisa estava muito errada. Os temores que viviam em seus pesadelos estavam subindo, como uma maré dentro da cabeça. Ele estava preso numa armadilha.

— Fiquem firmes — murmurou Drake enquanto seus soldados trocavam olhares céticos, preocupados.

Diana girou na cadeira.

— E agora, Intrépido Líder? Ele está certo: nós não temos comida.

Caine estremeceu. Passou a mão pelo cabelo. Sua cabeça estava quente.

Virou-se depressa, sentindo que alguém se esgueirava atrás dele. Não havia ninguém ali, a não ser a garota, Brittney, no chão.

Como não tinha previsto isso? Como não havia percebido que ficaria preso ali? Mesmo que de algum modo conseguisse contato com seu pessoal na Coates, eles eram em número muito menor do que o pessoal que Sam podia comandar.

E ninguém viria. Aqui, não. Com Sam cercando o lugar.

Sam podia colocar cinquenta pessoas do lado de fora da usina em poucas horas. E o que Caine poderia fazer?

O que poderia *fazer*?

Eles haviam tomado a usina. Tinham desligado as luzes em Praia Perdida. Mas agora estavam presos. Era impossível.

Caine franziu a testa, tentando se concentrar. Por que tinha feito isso? No espaço de um minuto havia passado do triunfo esganiçado para a humilhação consternada.

O que tinha feito? Aquilo não fazia sentido. Não lhe rendia nada. Ele só havia pensado: tome a usina. Tome e sustente. Depois...

Depois...

Sentiu-se afundando, a mente girando cada vez mais para baixo, como se um buraco tivesse se aberto sob ele.

A percepção foi súbita e enjoativa. Ele não havia tomado a usina para conseguir comida para o seu pessoal, nem mesmo para mostrar o poder sobre Sam. Não estivera seguindo seus próprios desejos, afinal de contas.

Com a dor totalmente drenada do rosto, Caine olhou para Drake.

— É para ela — disse Caine. — É tudo para ela.

Drake estreitou os olhos, sem compreender.

— Ela está com fome — sussurrou Caine. Doía-lhe ver a percepção baixando nos olhos de Diana enquanto falava as palavras. — Ela está com fome no escuro.

— Como você sabe? — perguntou Drake.

Caine abriu as mãos, impotente para explicar. As palavras não vinham.

— Foi por isso que ela me soltou — disse Caine, mais para si mesmo do que para Diana ou Drake. — Foi por isso que ela me soltou. Para isso.

— Está dizendo que estamos realizando algum sonho febril que você teve? — Diana estava na dúvida entre o riso e o choro, incrédula. — Está dizendo que nós fizemos tudo isso porque aquele monstro do deserto está na sua cabeça?

— O que ela precisa que a gente faça? — perguntou Drake, ansioso, não com raiva. Um cão ansioso para agradar seu verdadeiro dono.

— Temos de levar para ela. Temos de alimentá-la — disse Caine.

— Alimentar com o quê?

Caine suspirou e olhou para Jack.

— A comida que traz a luz para a escuridão dela. A mesma coisa que traz a luz para Praia Perdida. O urânio.

Jack balançou a cabeça devagar, entendendo, mas não querendo entender.

— Caine, como vamos fazer isso? Como vamos tirar urânio núcleo? Como vamos transportá-lo por quilômetros do deserto? É pesado. É perigoso. É radioativo.

— Caine, isso é loucura — implorou Diana. — Arrastar urânio radioativo pelo deserto? Em que isso vai ajudar você? Em que isso vai ajudar qualquer um de nós? Qual é o sentido?

Caine hesitou. Franziu a testa. Ela estava certa. Por que ele deveria servir à Escuridão? Que a criatura se alimentasse sozinha. Caine tinha problemas próprios, necessidades próprias, sua própria...

Um rugido tão alto que pareceu fazer as paredes vibrarem encheu a sala. Derrubou Caine de joelhos. Ele apertou as mãos nos ouvidos tentando bloquear aquilo, mas a coisa continuava e continuava, enquanto ele se encolhia e se cobria e lutava contra a vontade súbita esvaziar as tripas.

A coisa parou. O silêncio ficou ressoando.

Lentamente Caine abriu os olhos. Diana olhou-o como se ele estivesse louco. Drake espiava incrédulo, à beira de gargalhar. Jack meramente parecia preocupado.

Eles não tinham ouvido. Aquele rugido não humano, irresistível, havia sido somente para Caine.

Castigo. O gaiófago seria obedecido.

— O que está acontecendo com você? — perguntou Diana.

Drake estreitou os olhos e riu abertamente.

— É a Escuridão. Caine não está mais comandando as coisas. Há um novo chefe.

Diana deu voz aos pensamentos de Caine.

— Coitado do Caine. Pobre garoto ferrado. Para Lana cada passo parecia fazer barulho demais, como se estivesse andando sobre um tambor gigante. Suas pernas estavam rígidas, os joelhos fixos com solda, sólidos. Os pés sentiam cada pedrinha como se estivesse descalça.

O coração batia com tanta força que parecia que o mundo inteiro conseguia escutar.

Não, não: era só a imaginação. Não havia nenhum som além do chiado fraco dos tênis no cascalho. O coração batia somente para seus ouvidos. Ela não fazia mais barulho do que um camundongo.

Mas estava convencida de que a coisa podia ouvi-la. Como uma coruja prestando atenção e atenta a qualquer presa na noite, ela vigiava e esperava, e toda a sua tentativa de silêncio era como uma banda de metais para aquilo, a coisa, a Escuridão.

A lua havia sumido. O que restava da lua. As estrelas brilhavam. Ou algo muito parecido com estrelas. Uma luz prateada iluminava pontas de arbustos, as arestas de uma pedra, e lançava sombras profundas em toda parte.

Lana escolhia o caminho, mantendo-se firme. A arma estava na mão direita, ao lado do corpo, roçando na coxa. Uma lanterna — por enquanto apagada — se projetava do bolso.

Você acha que é minha dona. Acha que me controla. Ninguém é meu dono. Ninguém me controla.

Dois pontos de luz piscaram nas sombras adiante.

Lana se imobilizou.

As duas luzes a encaravam. Não se mexiam.

Lana levantou a arma e mirou. Mirou para o espaço diretamente entre os dois pontos de luz.

A explosão iluminou a noite por uma fração de segundo.

Naquele clarão ela viu o coiote.

Então ele sumiu e os ouvidos dela estavam zumbindo.

Abaixo da trilha escutou uma porta de madeira rangendo, batendo, a voz de Cookie.

— Lana! Lana!

— Estou bem, Cookie. Volte para dentro. Tranque a porta! Faça isso! — gritou ela.

Lana ouviu a porta bater.

— Sei que você está aí, Líder da Matilha — disse Lana. — Desta vez não estou tão impotente.

Começou a se mover de novo. A explosão, a bala — que quase certamente havia errado o alvo — a havia acalmado. Agora sabia que o líder dos coiotes mutantes estava ali, vigiando. Tinha certeza de que a Escuridão também sabia.

Bom. Ótimo. Melhor. Chega de se esgueirar. Podia andar diretamente até a mina e pegar a chave no cadáver. E depois voltar ao barracão onde Cookie esperava com Patrick.

A sensação da arma na mão era boa.

— Venha, Líder da Matilha — ronronou. — Não tem medo de uma bala, tem?

Mas sua coragem foi sumindo à medida que se aproximava da entrada da mina. O luar pintava a trave acima da entrada com um prateado muito suave. Abaixo, uma boca negra esperava cobiçosa para engoli-la.

Venha para mim.

Imaginação. Não existia voz.

Preciso de você.

Lana acendeu a lanterna e apontou o facho para a boca da caverna. Era o mesmo que tivesse apontado para o céu noturno. O facho não iluminou nada.

Lanterna na mão esquerda. Pistola pesada na direita. O cheiro de pólvora do tiro que havia disparado. O chiado do cascalho. Membros pesados. Agora a mente em algo parecido com um estado onírico, todo o foco estreitado para uma tarefa simples.

Chegou à entrada da mina. Ali, acima, empoleirado numa laje estreita, estava Líder da Matilha rosnando para ela.

Apontou a lanterna e girou a pistola acompanhando o facho, mas o coiole saiu correndo.

Ele não está tentando me impedir, percebeu ela. Só está observando. Os olhos e os ouvidos da Escuridão.

Adentrou pela entrada da mina. O facho procurou e parou ao encontrar o objeto.

O rosto era como uma cabeça encolhida, pele amarela esticada em ossos que esperavam pacientemente para emergir. O brim áspero, remendado, parecia quase novo em comparação com a carne mumificada, antiga, e o cabelo parecendo capim seco.

Lana se ajoelhou ao lado dele.

— Ei, Jim — disse ela.

Agora precisava escolher entre a arma e a luz. Pôs a arma no peito murcho de Jim.

Encontrou o bolso direito, da frente. Jeans Wrangler. O bolso frouxo. Fácil de enfiar a mão. Mas o bolso estava vazio. Ela podia enfiar a mão com a mesma facilidade no bolso do quadril, mas também estava vazio.

— Desculpe. — Lana segurou a cintura dos jeans e rolou-o em sua direção, expondo o outro bolso do quadril. O corpo se moveu estranhamente, leve demais, fácil de ser mexido, com peso demais evaporado.

Vazio.

— Humano morto.

Ela conheceu a voz instantaneamente. Não era uma voz que poderia esquecer. Era o rosnado enrolado e agudo de Líder da Matilha.

— É, eu notei — disse Lana. Sentia orgulho da calma em sua voz. Por dentro o pânico ameaçava engolfá-la. Só restava um bolso, e se a chave não estivesse ali?

— Vá para a Escuridão — disse Líder da Matilha.

Ele estava a quatro metros de distância, preparado, a postos. Será que ela poderia alcançar a arma antes que Líder da Matilha a alcançasse?

— A Escuridão mandou que eu revistasse os bolsos desse cara — disse Lana. — A Escuridão diz que quer chiclete. Acha que talvez o Jim tenha uma caixa.

Durante o tempo passado como prisioneira de Líder da Mati Lana passara a respeitar a determinação implacável do chefe d' coíotes, sua esperteza, seu poder. Mas não sua inteligência. Ape da mutação que permitia a fala, ele era um coíote. Sua estrutura referêcia era caçar roedores e dominar a matilha.

Lana empurrou o corpo para longe, rolando-o de volta para revlar o bolso que faltava. A arma bateu com barulho na pedra, deixando o ermitão Jim entre Lana e a pistola.

Agora não havia chance de alcançá-la antes que Líder da Matilha alcançasse Lana.

Procurou e achou o bolso.

Dentro, uma coisa fria e com bordas duras.

Pegou o chaveiro, apertou com força no punho, depois enfiou em seu bolso.

Inclinou-se por cima do pobre Jim defunto e procurou com a lanterna até achar a arma.

Líder da Matilha rosnou fundo na garganta.

— A Escuridão pediu — disse ela.

Seus dedos se fecharam sobre a pistola. Lentamente, com os joelhos estalando, levantou-se.

— Esqueci. Preciso pegar uma coisa — disse. E andou diretamente para o coiole.

Mas isso era demais para Líder da Matilha.

— Vá para Escuridão, humana.

— Vá para o inferno, coiole — respondeu Lana. Não moveu a luz, não telegrafou o movimento, apenas levantou a arma e atirou.

Uma vez. Duas. Três. PouPouPou!

Cada tiro era um relâmpago. Como um estroboscópio.

Houve um ganido satisfatório de coiole, um ganido de dor.

Na luz estroboscópica ela viu Líder da Matilha saltar. Viu-o cair com força, muito antes do objetivo.

Agora Lana estava passando por ele e correndo, correndo às cegas e sem parar, pelo caminho, e enquanto corria gritava. Mas não de terror. Lana gritava em desafio. Gritava em triunfo. Tinha a chave.

VINTE E SETE | 17 HORAS E 48 MINUTOS

BRIANNA ACORDOU.

Demorou um tempo para entender onde estava.

Então a dor lembrou-a. Dor por todo o braço esquerdo, no quadril esquerdo, na canela esquerda, no tornozelo esquerdo.

Estava usando uma jaqueta de jeans sobre uma camiseta, short e tênis. A jaqueta estava queimada no ombro esquerdo e no braço, queimadura de fricção. Um oval de oito centímetros havia sumido do short, do mesmo lado.

A pele por baixo estava sangrenta. Ela havia acertado o teto em alta velocidade. O concreto pareceu lixa.

Doía espantosamente.

Estava deitada de costas. Olhando as estrelas falsas. A cabeça doía. As palmas das mãos estavam raladas, mas nem de longe como os ferimentos que iam até a carne, na lateral do corpo.

Brianna levantou-se, ofegando com a dor. Era como se estivesse pegando fogo. Olhou os ferimentos, quase esperando ver chamas de verdade.

A claridade era de dar medo no teto da usina. Por isso podia ver os ferimentos com clareza demais. O sangue parecia azul à luz fluorescente. Os machucados não ameaçavam a vida, tranquilizou-se. Não iria morrer. Mas, ah, cara, doía e ia continuar doendo.

— Isso acontece quando você bate no concreto a 300 quilômetros por hora — disse a si mesma. — Eu deveria usar capacete e roupa de couro. Tipo os motoqueiros.

Esse pensamento ofereceu uma distração bem-vinda. Passou alguns segundos imaginando uma espécie de roupa de super-herói. Capacete, couro preto, uns adesivos em forma de raio. Sem dúvida.

Poderia ter sido pior, disse a si mesma. Seria pior se ela fosse qualquer outra pessoa na Terra, porque quando havia batido na laje seu corpo quisera ir rolando fora de controle. Isso teria quebrado os braços, as pernas e a cabeça.

Mas ela era a Brisa, e não outra pessoa. Tivera a velocidade para bater com as palmas das mãos e com os pés no concreto com rapidez suficiente — por pouco —

para transformar um tombo mortal num escorregão extremamente doloroso.

Mancou em velocidade comum na direção da beira da laje. Mas pelo modo como o prédio era construído, as bordas se inclinavam para baixo, encurvadas, em vez de formar um belo ângulo de 90 graus. Por isso não dava para ver diretamente abaixo, mas podia ver o portão e o estacionamento, totalmente iluminados. Para além, as montanhas escuras, o mar mais escuro ainda.

— Bom, essa foi uma ideia idiota — admitiu.

Tinha tentado voar. Esse era o fato. Tinha tentado traduzir sua grande velocidade numa espécie de versão ricocheteada, saltada, do voo.

Na hora isso fizera todo o sentido. Sam tinha ordenado que não entrasse na sala de controle da usina. Mas ao mesmo tempo ela precisava captar a situação geral do terreno, ver onde todo o pessoal de Caine poderia estar posicionado. Pensou: o que seria melhor do que a visão de cima do prédio da turbina?

Durante muito tempo estivera brincando com a ideia de voar. Tinha trabalhado no conceito básico, que implicava correr muito depressa, saltar em alguma coisa um pouco alta e depois pular numa coisa mais alta ainda. Não era uma ideia complicada. Não era diferente de saltar de uma pedra para outra enquanto atravessava um riacho. Ou talvez como subir uma escada de dois em dois degraus.

Só que nesse caso os “degraus” tinham sido uma van estacionada, um prédio baixo da administração, e o último “degrau” era a própria estrutura da turbina.

Os dois primeiros passos tinham dado certo. Ela havia acelerado a uns 500 quilômetros por hora, saltado, quicado no teto da van, pousado no prédio da administração, mantido quase toda a velocidade, dado seis passos acelerados para recuperar a velocidade perdida e dado o salto para a cobertura do enorme volume de concreto.

E foi então que as coisas deram errado.

Estava quase pousando na parte plana do teto, mas em vez disso bateu com o ombro. Foi mais como dar uma barrigada do que a imitação de um avião pousando numa pista, que ela estivera procurando.

Tinha visto o concreto correndo em sua direção. Movimentou os pés feito louca. Conseguiu não escorregar para fora do prédio e cair no chão, mas a tentativa desesperada de se manter ali terminou com um impacto descontrolado que chegou muito perto de matá-la.

E agora, agora, tendo chegado a esse ponto de observação, não podia ver

grande coisa.

— Sam vai me matar — murmurou.

E então, quando dobrou um joelho:

— Ai!

A cobertura tinha cerca de 100 metros de comprimento e uns 30 de largura. Ela correu — devagar — de uma ponta à outra. Achou com facilidade a passagem de acesso, uma porta de aço presa numa estrutura de tijolos. A porta levaria à sala da turbina e, dali, à sala de controle.

— Bom, claro que haveria uma porta — murmurou Brianna. — Acho que devo fingir que esse foi o meu plano desde o início.

Experimentou a maçaneta. Estava trancada. Estava trancadíssima.

— Certo, isso é um saco — disse.

Estava com uma sede desesperada. Com uma fome mais desesperada ainda. A sede e a fome costumavam ser extremas depois que acionava a velocidade. Duvidava de que encontraria alguma comida naquela cobertura do tamanho de um estacionamento. Mas talvez achasse água. Havia enormes aparelhos de ar condicionado, cada um do tamanho de uma casa. O ar condicionado não criava sempre condensação?

Correu em velocidade moderada até a unidade mais próxima, fazendo ai, ai, ai enquanto corria. Entrou. Encontrou um interruptor de luz. Seu coração saltou quando ela viu a caixa de Dunkin Donuts. Num átimo estava lá. Mas não havia nada dentro, a não ser papel de seda manchado com os restos de cobertura cor-de-rosa e meia dúzia de microbolinhas de confeito colorido.

Lambeu o papel. Fazia muito tempo que não sentia gosto de nada doce. Mas o resultado foi apenas um aumento da dor no estômago.

Encontrou o que esperava que fosse um tubo de água, de plástico branco. Olhou em volta procurando uma ferramenta e encontrou uma pequena caixa de aço contendo algumas chaves de boca e uma de fenda. Em segundos havia furado o tubo e estava enchendo a barriga com a água gelada. Então deixou a água se derramar sobre a pele ralada e gritou de agonia.

Em seguida levou a chave de fenda — era grande e pesada — até a porta de aço. Enfiou-a na fenda entre a maçaneta e o portal e fez força. A porta não cedeu. Nem um pouquinho.

Frustrada, bateu na porta. A chave de fenda provocou uma fagulha e um arranhão. Nada mais.

— Fantástico. Estou presa nesse teto.

Brianna sabia que precisava de cuidados médicos. Uma visita a Lana seria fantástica. Se não conseguisse isso, precisava de curativos e antibióticos.

Mas nada era comparável à fome. Agora que o jorro de adrenalina estava se esvaindo, a fome a atacava com a ferocidade de um leão. Tinha começado a noite com fome. Mas então havia corrido uns 40 quilômetros. Com o estômago muito vazio.

Era uma situação ridícula. Ninguém sabia que ela estava ali em cima. Provavelmente não conseguiria gritar em volume suficiente para ser ouvida acima do ruído da usina. Mesmo que pudesse, provavelmente não faria isso porque, se Sam tivesse fracassado, o cara que iria ouvi-la seria Caine.

Então viu o pombo.

— Ah, meu Deus — sussurrou. — Não.

E depois:

— Por que não?

— Porque... eca!

— Olha, não é diferente de um frango.

Pegou a caixa de donuts. Rasgou o papel em tiras finas. Encontrou um jornal velho e rasgou também. Encontrou um estrado de madeira e, com uma serra da caixa de ferramentas e velocidade sobre-humana, logo estava com uma pequena pilha de madeira.

Era uma infelicidade que nenhum dos trabalhadores tivesse deixado fósforos. Mas o aço batido em super-velocidade no cimento provocava fagulhas. Era um trabalho tedioso, mas logo havia acendido uma fogueira. Uma fogueirinha alegre no meio da cobertura vasta.

E agora havia dois pombos, cochilando e arrulhando no sono. Um era cinza, o outro meio rosado.

— Rosa — decidiu ela.

As chances de uma garota comum pegá-los era próxima de zero. Mas ela não era uma pessoa normal. Era a Brisa.

O pombo nem teve tempo de piscar. Ela agarrou-o, com a mão sobre a cabeça parecida com uma bola de golfe. Girou-a com força, quebrando o pescoço.

Dois minutos no fogo serviram para queimar a maior parte das penas. Mais cinco minutos e o pássaro se rompeu, abrindo-se.

Foi o fim da paciência. Ela usou a chave de fenda para arrancar lascas de carne do peito gordo do pombo e enfiar na boca.

Fazia semanas que não comia nada tão bom.

— A Brisa — disse, agachando-se perto da fogueira. — O flagelo dos pombos.

Num minuto iria se levantar e pensar num modo de escapar dessa armadilha do teto.

Mas com comida no estômago o cansaço do dia passado correndo a velocidades insanas por distâncias insanas dominou-a.

— Só vou descansar a... Duck afundava de rosto para baixo, a boca cheia de terra e pedras.

Estava sufocando, engasgando. Não tinha como respirar.

Sua cabeça latejava. O sangue martelava nos ouvidos. O peito arfava, sugando desesperadamente o nada.

Acabou.

Ia morrer.

Louco de pânico, sacudiu-se. Seus braços cavavam a terra compacta sem mais esforço do que se estivesse nadando na água.

Não estava mais agindo de modo consciente. As pernas e os braços batiam numa espécie de espasmo de morte enquanto o cérebro apagava e os pulmões gritavam.

— Duck! Duck! Você está aí embaixo?

Uma voz vinda de um milhão de quilômetros de distância.

Duck tentou sentar-se rapidamente. Tinha conseguido se virar. Mas a cabeça bateu na terra e ele levou uma chuva de cascalho no rosto, em troca do esforço. Tentou abrir os olhos, mas a terra encheu-os. Cuspiu a terra e descobriu que conseguia respirar. As sacudidas tinham aberto espaço.

— Duck! Cara! Você está vivo?

Duck não tinha certeza da resposta. Moveu cautelosamente os braços e as pernas e descobriu que conseguia, com limites.

Pânico súbito, avassalador. Estava enterrado vivo!

Tentou gritar, mas o som foi sufocado e agora estava caindo de: novo, caindo pela terra.

Não. Não. Não.

Tinha de parar. Tinha de acabar com a raiva.

Era a raiva que o fazia afundar na direção do centro da terra.

Pense em alguma coisa que não seja raivosa, nem de medo, ordenou-se.

Alguma coisa feliz.

Enterrado vivo!

Feliz... feliz... a piscina... a água... flutuando...

Parou de afundar.

Isso era bom. Bom! Feliz. Flutuando. Feliz, pensamentos felizes.

Biscoito. Gostava de biscoito. Biscoito era um negócio fantástico. E... e... e Sarah Willetson, na vez em que sorriu para ele. Foi legal. Tinha lhe dado um sentimento bom, caloroso, como se um dia as garotas fossem gostar dele.

E também que tal assistir à TV, assistir a jogos de basquete na TV?

Esse era um pensamento feliz.

Definitivamente não estava mais afundando. Sem problema. Bastava ficar feliz. Ficar feliz por ser enterrado vivo.

— Duck? — Era a voz de Hunter chamando-o. Parecia que Hunter estava no fundo de um poço. Claro que era o contrário: Duck estava no fundo do poço.

— Feliz, feliz — sussurrou Duck.

Não estava enterrado vivo, estava sentado no cinema. Estava nas cadeiras que tinham o corrimão na frente, onde podia apoiar os pés.

E tinha pipoca. Com manteiga, claro, e sal extra. E uma caixa de biscoitos recheados.

Trailers. Adorava trailers. Trailers, pipoca e, olha, tinha um re-frigerante no suporte de copos. Azul, sei lá que sabor era. Refri azul.

Qual era o filme? *Homem de ferro*.

Ele adorava o *Homem de ferro*.

E refrigerante azul. Pipoca. Piscina. Garotas.

Alguma coisa estava raspando contra seu rosto, os braços, as pernas e o peito.

Não pense nisso, você pode ficar infeliz e furioso, e, cara, essas emoções não ajudam em nada. Arrastam você para baixo.

Muito para baixo.

Duck riu disso.

— Duck. Cara. — Era a voz de Hunter. Agora parecia mais perto, mais nítida. Será que ele estava assistindo ao *Homem de ferro* também?

Não, a Sarah Willeston é que estava. Sara estava sentada ao lado dele, dividindo sua pipoca e ah, excelente, tinha um saco de M&M de amendoim. Estava derramando um pouco na mão dele. Pastilhinhas felizes e multicoloridas.

A sensação de algo raspando havia parado.

— Cara?

Agora a voz estava perto.

Duck sentiu uma brisa.

Abriu os olhos. Ainda estava com terra nos olhos. Espanou-a. A primeira coisa que viu foi a cabeça de Hunter:

O *topo* da cabeça de Hunter.

Lentamente o rosto de Hunter se virou para ele com expressão de puro espanto.

— Cara, você tá voando — disse Hunter.

Duck olhou em volta. Não estava mais enterrado vivo. Estava fora do buraco. Estava do outro lado da rua, em frente à igreja, fora do buraco, e flutuando a cerca de um metro e meio no ar.

— Uau! — disse Duck. — Funciona para os dois lados. — A gente devia sair. Aceitar o acordo com o Sam. Ir embora — sugeriu Diana.

— Estou no diretório raiz — disse Jack.

Brittney sabia que deveria estar sentindo dor. Seu corpo era um destroço. Sabia disso. As pernas estavam quebradas. A porta da sala de controle, arrancada das

dobradiças, tinha feito isso. Sabia que deveria estar sentindo agonia. Não estava.

Deveria estar morta. Pelo menos uma bala a havia acertado.

Mas não estava morta. Não totalmente.

Tanto sangue, a toda volta! Mais do que o suficiente para matá-la. Tinha de ser.

E no entanto...

— Ninguém vai sair — disse Caine.

Era como um sonho. Coisas que deveria sentir, ela não sentia. Era do mesmo modo que às vezes, num sonho, causa e efeito andavam de trás para a frente, ou de lado, as coisas sem fazer sentido.

— Não temos comida — argumentou Diana.

— Talvez eu possa procurar alguma — disse Bug.

— É, certo. Como se você fosse voltar para cá se encontrasse alguma — zombou Drake. — Não estamos aqui para nos alimentar. Estamos aqui para alimentar ela.

— Você coloca letra maiúscula quando diz “ela”, Drake? — o sarcasmo de Diana era selvagem. — Agora ela é o seu deus?

— Ela me deu isso! — disse Drake. Brittney ouviu um estalo alto, o som de chicote do braço de Drake.

Com cautela infinita, Brittney testou o corpo. Não, não conseguia mexer as pernas. Só podia girar um quadril, e mesmo assim só um pouco.

O braço direito estava inútil. Mas o esquerdo funcionava.

Eu deveria estar morta, pensou. Deveria estar com Tanner no céu.

Deveria estar morta.

Talvez esteja.

Não. Não antes do Caine, pensou Brittney.

Imaginou se havia se tornado uma curadora, como Lana. Todo mundo conhecia a história de como Lana tinha descoberto seu poder. Mas Lana havia sofrido uma dor terrível. E Brittney não estava sentindo nada.

Mesmo assim concentrou os pensamentos, imaginou o braço direito inútil curando-se. Concentrou toda a mente nisso.

— Estamos presos — disse Diana com amargura.

— Não por muito tempo. Vamos sair daqui e levar o que ela precisa — disse Drake.

— Gaiáfago. E como Caine chama quando está delirando — disse Diana. — Você não deveria saber o nome do seu deus?

Brittney não sentiu nenhuma mudança no braço.

Uma terrível suspeita lhe veio. Havia um silêncio medonho vindo de seu próprio corpo. Prestou atenção. Esforçou-se para escutar, para sentir, o tump... tump... sempre presente.

Seu coração. Não estava batendo.

— Gaiáfago? — disse Jack, parecendo interessado. — “Fago” é uma palavra que pode significar vírus de computador. Na verdade um vírus do tipo *worm*.

Seu coração não estava batendo.

Ela não estava viva.

Não, isso era errado, disse a si mesma. Coisas mortas não ouvem. Coisas mortas não conseguem mexer a mão boa, apertando os dedos bem aos pouquinhos para ninguém notar.

Só poderia haver uma explicação. Caine e Drake a haviam matado. Mas Jesus não a levava para o céu, para se reunir ao irmão. Em vez disso Ele lhe dera esse poder. De continuar vivendo um pouquinho, mesmo estando morta.

Viver o suficiente para realizar a vontade d’Ele.

— Um fago é um código. Um programa que, por assim dizer, come outro programa — disse Jack, em seu jeito pedante.

Brittney não tinha dúvida do que Deus a havia escolhido para fazer. O motivo pelo qual Ele a mantivera viva.

Ainda podia enxergar — muito pouco —, se bem que um dos olhos estava obscurecido. Podia ver onde Mike havia deixado a pistola, do outro lado do piso, como ela havia mandado.

Teria de se mover com paciência infinita. Milímetro por milímetro. Movimentos imperceptíveis do quadril e do braço. A arma estava embaixo da mesa, num canto, a dois metros, dois metros e meio.

Satã percorria a Terra numa trindade maligna composta por Caine, Drake e

Diana. Brittney tinha sido escolhida para impedi-los.

Fique me vigiando, Tanner, rezou em silêncio. Vou deixar você orgulhoso. Quinn e Albert estavam em silêncio enquanto dirigiam de volta a Praia Perdida.

A picape estava mais pesada devido aos muitos quilos de ouro.

Mais leve devido à ausência de duas pessoas e um cachorro.

Por fim Quinn falou:

— Temos de contar ao Sam.

— Sobre o ouro?

— Olha, cara, a gente perdeu a Curadora.

Albert baixou a cabeça.

— É.

— Sam precisa saber. Lana é importante.

— Eu sei — reagiu Albert rispidamente. — Já disse isso.

— Ela é mais importante do que um bocado de ouro idiota.

Durante longo tempo Albert não respondeu. Depois, finalmente:

— Olha, Quinn, sei o que você pensa. O mesmo que todo mundo. Acha que eu só penso em mim. Acha que só estou sendo ganancioso ou sei lá o quê.

— Não está?

— Não. Bom, talvez — admitiu Albert. — Certo, talvez eu queira ser importante. Talvez eu queira ter um monte de coisas e ficar no comando e coisa e tal.

Quinn fungou.

— E. Talvez.

— Mas isso não faz com que eu esteja errado, Quinn.

Quinn não tinha resposta para isso. Estava cheio de enjoo. Seria culpado por perder Lana Arwen Lazar. A Curadora. A Curadora in-substituível. Astrid lhe daria um de seus olhares frios, desapontados.

Deveria ter ficado somente na pesca. Gostava daquilo. De pescar. Era um negócio pacífico. Podia ficar sozinho e não ser incomodado. Agora até isso estava

arruinado, porque tinha os caras do Albert trabalhando sob seu comando. Precisando treiná-los, supervisioná-los.

Sam ia explodir. Ou então só pegar emprestado o olhar frio e desapontado de Astrid.

Entraram sacolejando na autoestrada.

— As luzes das ruas estão apagadas — disse Albert.

— É quase de manhã — respondeu Quinn. — Talvez estejam ligadas num temporizador.

— Não, cara. Não estão.

Chegaram ao limite de Praia Perdida. Quinn começou a perceber que alguma coisa grande estava muito errada. Talvez uma coisa maior e mais errada ainda do que perder a Curadora.

— Está tudo escuro — disse Quinn.

— Aconteceu alguma coisa — concordou Albert.

Seguiram por ruas totalmente escuras até a praça. O lugar parecia fantasmagórico. Como se toda a cidade tivesse morrido. Quinn imaginou se isso acontecera. Imaginou se o LGAR não estaria em alguma fase nova. E só restassem ele e Albert, agora. Quinn levou a picape para a frente do McDonald's. Mas no momento em que ia parar, viu alguma coisa. Virou a picape para apontar os faróis para a prefeitura. Ali, ocupando toda uma parede, em letras de 60 centímetros, havia uma pichação. Tinta vermelho-sangue sobre a pedra clara. — Morte às aberrações — leu Quinn em voz alta.

VINTE E OITO | 16 HORAS E 38 MINUTOS

A BATERIA DA picape estava arriada. Tinha ficado ali durante mais de três meses.

Mas o ermitão Jim era um sujeito preparado. Havia um gerador a gasolina e um carregador para a bateria. Demorou uma hora para Lana e Cookie deduzirem um modo de ligar o gerador e carregar a bateria. Mas finalmente Lana virou a chave e, depois de várias tentativas, o motor ligou, tossindo.

Cookie deu marcha a ré com a caminhonete até o tanque de gás. Foi preciso um esforço duro, suado, para colocar o tanque na car-roceria.

Quando terminaram, a noite também havia terminado. Lana abriu cautelosamente a porta do armazém e olhou dentro. Na sombra dos morros não era possível falar de um alvorecer verdadeiro, mas o céu estava tingido de rosa, e as sombras, ainda profundas, eram cinza e não mais pretas.

Uma dúzia de coiotes descansava num círculo irregular, a uma centena de metros de distância. Eles se viraram para encará-la.

— Cookie — disse Lana.

— O que foi, Curadora?

— Quero que você faça o seguinte. Eu vou levar a picape, certo? Você deve escutar uma explosão. Espere dez minutos depois disso. Eu vou voltar. Talvez. Se não, bem, você precisa esperar até o sol estar totalmente no alto: os coiotes são mais perigosos à noite. Depois volte à cabana, e de lá vá para casa.

— Vou ficar com você — disse Cookie com firmeza.

— Não. — Ela respondeu com toda a determinação que conseguiu juntar. — Essa coisa é minha. Faça o que eu digo.

— Não vou deixar você com esses cachorros.

— Os coiotes não vão ser o problema. E você tem de ir embora. Estou mandando. A explosão acontecendo ou não. De qualquer modo, se eu não voltar, preciso que você encontre o Sam. Entregue a carta a ele.

— Quero cuidar de você, Curadora. Como você cuidou de mim.

— Eu sei, Cookie. Mas é assim que você vai fazer isso. Certo? O Sam precisa saber o que aconteceu. Conte tudo que nós fizemos. Ele é um cara inteligente, vai

entender. E diga para ele não culpar o Quinn, certo? Não é culpa do Quinn. Eu teria descoberto um outro modo de fazer, se o Quinn e o Albert não tivessem ajudado.

— Curadora...

Lana pôs a mão no braço grosso de Cookie.

— Faça o que estou pedindo, Cookie.

Cookie baixou a cabeça. Estava chorando escancaradamente, sem qualquer vergonha.

— Certo, Curadora.

— Lana — corrigiu ela com gentileza. — Meu nome é Lana. É assim que meus amigos me chamam.

Ela se ajoelhou e coçou o pelo de Patrick, como ele gostava.

— Amo você, garoto — sussurrou. Abraçou-o apertado e ele gemeu. — Você vai ficar bem. Não se preocupe. Eu volto logo.

Rapidamente, antes de perder a coragem, ela subiu na picape. Ligou o motor e assentiu para Cookie.

Cookie abriu a porta do armazém, rangendo.

Os coiotes que esperavam ficaram de pé. Líder da Matilha avançou bamboleando, inseguro. Estava mancando. A pele de um ombro estava encharcada de sangue.

— Então não matei você — sussurrou Lana. — Bom, o dia só está começando.

Pôs a picape em primeira marcha e tirou o pé do freio. O veículo começou a se esgueirar à frente.

Devagar e com firmeza, seria assim, Lana sabia. O caminho até a entrada da mina era cheio de buracos, estreito, retorcido e íngreme.

Virou o volante. Não era fácil. A picape era velha e estava rígida pela falta de uso. E a experiência de Lana como motorista era extre-mamente limitada.

A picape avançava tão devagar que os coiotes podiam acompanhá-la a passo. Acomodaram-se ao redor dela, quase como uma escolta.

O veículo chacoalhava feito louco quando ela entrou no caminho.

— Devagar, devagar — disse a si mesma. Mas agora estava com pressa. Queria que tudo acabasse logo.

Tinha uma imagem na mente. Vermelho e laranja irrompendo da boca da mina. Entulho voando. Um trovão. E então o som de pedras caindo. Toneladas, toneladas e toneladas de pedra. Depois nuvens de poeira e fumaça, e estaria acabado.

Venha para mim.

— Ah, estou indo — disse Lana.

Preciso de você.

Ela silenciaria aquela voz. Iria enterrá-la embaixo de uma montanha.

Houve uma sacudida súbita. Lana olhou pelo retrovisor e viu o rosto deformado e cheio de cicatrizes de Líder da Matilha. Ele havia pulado na carroceria da picape.

— Humana não leva máquina — disse Líder da Matilha em seu rosnado especial.

— Humana faz o que quiser — gritou Lana de volta. — Humana atira na sua cara feia, seu cachorro fedorento, idiota.

Líder da Matilha digeriu isso durante um tempo.

A picape pulava, sacudia e se esgueirava morro acima. Agora já havia percorrido mais de metade do caminho.

Venha para mim.

— Você vai lamentar ter me convidado — murmurou Lana. Mas agora, com a entrada da mina à vista, descobriu que mal conseguia respirar, com as pancadas no peito.

— Humana sair. Humana andar — exigiu Líder da Matilha.

Lana não podia atirar nele. Isso quebraria o vidro de trás e permitiria que os coiotes a alcançassem.

Tinha chegado à entrada.

Pôs a picape em marcha a ré. Teria de virá-la. Suas mãos estavam brancas, os tendões se esforçando, enquanto apertava o volante.

O rosto maligno de Líder da Matilha estava no seu caminho quando ela se virou para olhar atrás. Estava a centímetros de distância, separado apenas por um vidro.

Ele saltou.

— Ahh!

Seu focinho bateu no vidro. O vidro aguentou.

Lana tinha certeza de que o vidro aguentaria. Os coiotes ainda não possuíam mãos nem haviam aprendido a usar ferramentas. Só podiam bater com o focinho no vidro.

Você é minha.

— Não — respondeu Lana. — Eu pertenço a mim.

A carroceria da picape cruzou a entrada da mina. Agora os coiotes estavam ficando frenéticos. Um segundo coiote saltou e pousou no capô. Prendeu o limpador de para-brisa nos dentes e arrancou-o com violência.

— Humana, para! — exigiu Líder da Matilha.

Lana dirigiu a picape em marcha a ré. As rodas de trás passaram por cima do corpo mumificado do antigo dono.

Agora a picape estava totalmente dentro do túnel, o máximo que iria. O teto da mina estava a centímetros acima da cabine. As paredes estavam próximas. A picape parecia uma rolha frouxa na passagem. Os coiotes, sentindo que as paredes se aproximavam, tinham de decidir se ficariam presos pelo veículo. Optaram por sair do caminho, de volta à frente, onde se revezavam saltando no capô, rosnando, mordendo, arranhando impotentes o para-brisa com as patas ásperas.

A picape parou de andar, entalada. As portas não abriam mais.

Tudo bem. Esse era o plano.

Lana girou no banco, mirou com cuidado para não acertar o grande tanque na traseira, e deu um único tiro.

A janela de trás se despedaçou em um milhão de cacos.

Tremendo de medo e empolgação, arrastou-se cautelosamente para fora da cabine, para a carroceria. Isso excitou os coiotes mais ainda. Eles tentavam se enfiar pelo espaço entre as laterais da caminhonete e as paredes da mina, procurando alcançá-la. Uma cabeça furiosa se enfiou de lado entre o teto do veículo e uma trave da mina.

Eles ganiam e rosnavam, e Líder da Matilha gritou:

— Humana, para!

Lana alcançou a válvula do tanque de GLP. Abriu-a. Imediatamente sentiu o cheiro de ovo podre do gás.

Demoraria um tempo para o gás sair. Ele era mais pesado do que o ar, de modo

que rolaria pelo chão inclinado da mina como uma enchente invisível. Iria empoçar ao redor da Escuridão.

Será que ela sentiria o cheiro? Saberia que Lana havia selado seu destino? Será que ao menos tinha nariz?

Lana pegou o pavio que tinha feito. Eram 30 metros de corda fina que havia encharcado em gasolina. Tinha guardado num saco plástico lacrado.

Pegou uma ponta e jogou na escuridão da mina. Não precisava chegar longe.

Levou o resto de volta para a cabine da picape. Pisou no freio, acendendo as luzes de freio e iluminando o túnel num vermelho infer-nal. Era impossível enxergar o gás, claro.

Esperou, as mãos apertando o volante. Seus pensamentos eram um amontoado de imagens desconexas, uma montagem louca de seu cativo com os coiotes e os encontros com a Escuridão.

A primeira vez que havia...

Eu sou o gaiáfago.

Lana se imobilizou.

Você não pode me destruir.

Lana mal conseguia respirar. Pensou que desmaiaria. A Escuridão nunca havia dito o próprio nome, antes.

Eu trouxe você aqui.

Lana enfiou a mão no bolso e pescou o isqueiro. Era física simples. O isqueiro acenderia. A corda encharcada de gasolina queimaria. A chama correria pela corda até chegar ao gás.

O gás se acenderia.

A explosão despedaçaria o teto e as paredes do túnel.

Talvez até incinerasse a criatura.

Poderia matar Lana, também. Mas, se sobrevivesse, ela poderia curar qualquer queimadura ou ferimento. Era nisso que apostava: se simplesmente pudesse ficar viva por alguns minutos, conseguiria se curar.

E então estaria realmente curada. A voz em sua cabeça iria embora.

Você fará a minha vontade.

— Sou Lana Arwen Lazar! — gritou com toda a força esganiçada que pôde. — Meu pai gostava de histórias em quadrinhos, por isso me deu o nome de Lana, a namorada do Super-homem, Lana Lang.

Você vai me servir.

E minha mãe acrescentou Arwen por causa da princesa elfo de *O senhor dos anéis*.

Vou usar seu poder como se fosse meu.

— E eu nunca, jamais, faço o que mandam.

Seu poder vai me dar forma. Vou me alimentar. Vou ficar forte de novo. E com o corpo que formarei usando seu poder, vou escapar deste local.

Seu poder vai me dar liberdade.

Lana estava tremendo. O gás fedia e o vapor estava deixando-a tonta.

Agora ou nunca. Agora.

Nunca.

— Líder da Matilha! — gritou Lana. — Líder da Matilha! Vou explodir esta mina, Líder da Matilha. Você ouviu?

— Líder da Matilha ouve — respondeu o coioote com desprezo.

— Saia com seus animais imundos daqui ou você vai morrer junto com a Escuridão.

Líder da Matilha saltou pesadamente no capô. Seu pelo estava eriçado, a boca rasgada babando.

— Líder da Matilha não teme nenhum humano.

Lana levantou a pistola e disparou. À queima-roupa.

O som foi espantoso.

No vidro havia um buraco rodeado por um padrão de estrela, mas o vidro não explodiu como a janela de trás.

Havia sangue espirrado no vidro.

Líder da Matilha ganiu e pulou desajeitadamente do capô. Ferido.

O coração de Lana pulou. Ela o havia acertado. Desta vez um tiro direto.

Mas o vidro continuava ali. Deveria se despedaçar. Era sua única rota de fog^a.

Seu poder vai me dar liberdade.

— Vou dar a morte! — gritou Lana furiosa.

Pegou a pistola e usou-a como um martelo, batendo no vidro, quebrando, mas só um pouco de cada vez. Chutou-o, frenética. O vidro cedeu, mas lentamente demais.

Os coiotes poderiam pegá-la se fizessem um ataque combinado.

Mas os coiotes se afastaram. O ferimento no líder os havia deixado confusos e sem orientação.

Lana chutou, agora louca, em pânico.

Você vai morrer.

— Desde que você morra comigo! — gritou Lana.

Uma grande parte do vidro de segurança cedeu, dobrando-se como um cobertor congelado.

Lana começou a passar por ele. Cabeça. Ombros. Um coiote saltou. Ela atirou.

Espremeu-se passando o resto do corpo, arranhando-se, com a pele rasgada, sem sentir dor. Estava de quatro no capô. Teve de procurar a corda. Corda numa das mãos, oleosa. Arma na outra, fedendo a pólvora.

Disparou loucamente. Uma, duas, três vezes, balas lascando pedra. Os coiotes saíram correndo.

Pôs a pistola no capô.

Procurou o isqueiro no bolso.

Não.

Acendeu o isqueiro. A chama era minúscula e laranja.

Você não vai.

Lana encostou a chama na ponta da corda. Para.

Lana hesitou.

— Sim — ofegou ela.

Você não pode. — Posso — soluçou ela. *Você é minha.* A chama queimou seu polegar. Mas a dor era nada, nada comparada com a dor súbita, catastrófica, como uma explosão na cabeça. Lana gritou. Apertou os ouvidos com força. O isqueiro chamuscou o cabelo. Largou a corda. Largou o isqueiro. Lana jamais havia imaginado tanta dor. Como se o cérebro tivesse sido arrancado e o crânio fosse enchido com carvões incandescentes. Gritou em agonia e rolou do capô. Gritou e gritou, e soube que jamais pararia.

VINTE E NOVE | 16 HORAS e 33 MINUTOS

— **PODEMOS ESPERAR ATÉ** que ele saia — disse Edilio a Sam. — Só ficar aqui. Você até pode cochilar um pouco.

— Estou com a cara tão ruim assim? — perguntou Sam. Edilio não respondeu.

— Edilio está certo, chefe — disse Dekka. — Vamos ficar esperando. Talvez Brianna... — Ela não conseguiu responder, e se virou rapidamente.

Edilio passou o braço pelos ombros de Sam e puxou-o para longe de Dekka, que agora estava soluçando.

Sam olhou a enorme pilha de cimento e aço que formava a usina nuclear. Examinou o estacionamento, olhando para além dos carros até o mar, além. A água preta rebrilhava aqui e ali, leves pontos de luz das estrelas, um reflexo texturizado do céu noturno.

— Quando é o seu aniversário, Edilio?

— Corta essa, cara. Você sabe que eu não vou saltar fora.

— Você nem pensa na possibilidade?

O silêncio de Edilio bastou como resposta.

— Onde isso tudo vai acabar, Edilio? Ou será que não acaba nunca? Quantas lutas dessas, a mais? Quantas sepulturas na praça, a mais? Você pensa nisso?

— Sam, eu cavei as sepulturas — disse Edilio baixinho.

— É. Desculpe. — Sam suspirou. — Nós não estamos vencendo. Você sabe, certo? Não estou falando dessa luta. Estou falando grande luta. A sobrevivência. Não estamos vencendo. Estamos morrendo de fome. As crianças comendo os bichos de estimação. Estarr nos dividindo em grupinhos que se odeiam uns aos outros. Tudo está fugindo ao controle.

Edilio olhou para Howard, que estava a uma distância discreta, mas prestando atenção. Dois soldados de Edilio também estavam ao alcance de ouvir.

— Você precisa parar com isso, Sam — disse Edilio num sussurro ansioso. — Esse pessoal todo está olhando para você, cara. Você não pode falar de como a gente está ferrado.

Sam mal ouviu.

— Preciso voltar à cidade.

— O quê? Tá curtindo com a minha cara? Nós estamos no meio de uma coisa, aqui.

— Dekka pode ficar de olho no Caine. Além disso, se ele sair, vai ser bom, não é? — Sam assentiu como se estivesse convencendo a si mesmo. — Preciso ver Astrid.

— Sabe, talvez não seja má ideia — disse Edilio. Em seguida deixou Sam e foi para perto de Dekka, puxou-a de lado e falou com ela rapidamente. Dekka lançou um olhar lacrimoso para Sam, preocupada.

— Venha, eu levo você de volta à cidade — disse Edilio.

Sam acompanhou-o até o jipe.

— O que você disse à Dekka?

— Disse que, com as luzes apagadas, você precisava ver o que está acontecendo na cidade.

— E ela engoliu?

Edilio não respondeu diretamente. E não olhou Sam nos olhos.

— Ela é durona. Dekka vai cuidar das coisas aqui.

Seguiram em silêncio até Praia Perdida.

A praça estava cheia de crianças espalhadas. Um número tão grande assim não se reunia num só lugar desde a festa de Ação de Graças.

Sam sentiu uma centena de olhares fixos nele enquanto descia do carro com Edilio.

— Isso não parece uma festa — disse Edilio.

Astrid saiu do meio da multidão, correu até o carro e abraçou Sam. Beijou-o no rosto, e depois nos lábios.

Ele enterrou o rosto no cabelo dela e sussurrou:

— Você está bem?

— Melhor agora, sabendo que você está vivo. Tem um pessoal bem apavorado e com raiva aqui, Sam.

Como se tivesse recebido uma deixa, a multidão avançou para rodear os três.

— As luzes apagaram!

— Onde você estava?

— Não tem comida!

— Nem consigo ligar a TV!

— Estou com medo do escuro!

— Tem uma aberração mutante assassina à solta!

— Não tem água!

Os que não gritavam acusações faziam perguntas chorosas.

— O que a gente vai fazer?

— Por que você não impediu o Caine?

— Cadê a Curadora?

— Nós vamos todos morrer?

Sam empurrou Astrid gentilmente, com relutância, e ficou sozinho para encará-los. Cada pergunta acertava o alvo. Cada uma era uma flecha mirando seu coração. Eram as mesmas acusações que ele havia lançado contra si mesmo. As mesmas perguntas que tinha feito a si mesmo. Sabia que deveria acabar com isso. Sabia que deveria pedir silêncio. Sabia que, quanto mais demorasse para responder, mais apavoradas as crianças ficariam.

Mas não tinha respostas.

O ataque do medo e da raiva era ensurdecador. Uma parede fervilhante de rostos raivosos em volta. Aquilo deixou-o entorpecido. Sabia o que deveria fazer, mas não podia. De algum modo tinha se convencido de que as crianças entenderiam. Que iriam lhe dar alguma folga. Algum tempo.

Mas elas estavam aterrorizadas. À beira do pânico.

Astrid estava virada para a multidão, encostada no capô, pressionada por todos os lados. Estava gritando pedindo silêncio, ignorada.

Edilio havia enfiado a mão no banco de trás do jipe para pegar a arma e pôr no colo. Como se pensasse que precisaria usá-la para salvar Sam, Astrid ou os dois.

Zil apareceu, abrindo caminho pela multidão, com cinco outros garotos agindo como guarda-costas de um astro, empurrando pessoas para fora do caminho. Foi aplaudido por alguns, vaiado por outros. Mas quando levantou a mão, a multidão

ficou quieta, pelo menos um pouco, e todos se inclinaram adiante, com expectativa.

Zil pôs o punho na cintura e apontou para Sam com a outra mão.

— Você deveria ser o chefão.

Sam não disse nada. A multidão silenciou, pronta para assistir àquele confronto pessoal.

— Você é o chefão das aberrações — gritou Zil. — Mas não consegue fazer nada. Pode atirar raios laser com as mãos, mas não consegue comida suficiente e não consegue manter a eletricidade funcionando e não quer fazer nada com relação ao Hunter, o assassino, que matou meu melhor amigo. — Ele parou para encher os pulmões para um último grito furioso: — Você não deveria estar no comando.

De repente houve silêncio. Zil havia feito o desafio.

Sam assentiu, como se para si mesmo. Como se estivesse concordando. Mas então, movendo-se devagar como um velho, subiu no banco do carona do jipe e se levantou para que todos o vissem.

Sentiu a raiva crescendo por dentro. Ressentimento. Fúria.

Não seria bom liberá-la. Sabia. Manteve a voz calma, manteve a expressão vazia. Agora estava acima de Zil.

— Você quer o comando, Zil? Ontem à noite você estava correndo por aí, tentando juntar uma turba de linchamento. E nem vamos fingir que você não foi responsável pela pichação que vi quando entrei na cidade agora.

— E daí? — perguntou Zil. — E daí? Eu disse o que todo mundo que não é aberração está pensando.

Ele cuspiu a palavra “aberração”, transformando-a num insulto, transformando-a numa acusação.

— Você acha mesmo que o que precisamos agora é de uma divisão entre aberrações e normais? — perguntou Sam. — Acha que isso vai fazer as luzes se acenderem de novo? Que isso vai colocar comida na mesa das pessoas?

— E o Hunter? — perguntou Zil. — O Hunter assassinou o Harry com os poderes de aberração mutante e você não faz nada.

— Eu tive uma noite meio ocupada — respondeu Sam, a voz agora venenosa com sarcasmo.

— Então deixe eu e meu pessoal irmos atrás dele. Você está tão ocupado não

conseguindo comida e não impedindo o Caine e coisa e tal, não mantendo as luzes acesas, de modo que eu e meu pessoal vamos pegar o Hunter.

— E fazer o que com ele? — Era Astrid falando. A multidão havia recuado apenas o suficiente para lhe dar espaço de respirar. — Qual é o seu grande plano, Zil?

Zil abriu as mãos num gesto de inocência.

— Ei, nós só queremos pegar o cara antes que ele machuque mais alguém. Você quer, tipo, dar um julgamento a ele ou algo assim? Ótimo. Mas deixe a gente ir pegar o cara.

— Ninguém está impedindo você de achá-lo — disse Sam. — Você pode andar pela cidade o quanto quiser. Pode admirar suas pichações e contar o número de janelas que você quebrou.

— Nós precisamos de armas — disse Zil. — Não vou contra uma aberração assassina sem armas. E o seu amigo cucaracha aí diz que nós, pessoas comuns, não podemos ter armas.

Sam olhou para Edilio, para ver como ele havia registrado o insulto. Edilio parecia sério mas calmo. Mais calmo do que Sam.

— Hunter é um problema — admitiu Sam. — Nós temos uma lista enorme de problemas. Mas você tentar criar encrenca entre pessoas com poderes e pessoas sem poderes não ajuda em nada. Nem xingar as pessoas. Nós precisamos ficar juntos.

Como Zil não respondeu imediatamente, Sam continuou, olhando para além dele e falando para todo o grupo:

— O negócio é o seguinte, pessoal: nós estamos com problemas sérios. As luzes estão apagadas. E parece que isso está afetando a distribuição de água em parte da cidade. De modo que, nada de banho de banheira ou chuveiro, certo? Mas a situação é que a gente acha que o Caine está sem comida, o que significa que não vai conseguir sustentar a usina durante muito tempo.

— Quanto tempo? — gritou alguém.

Sam balançou a cabeça.

— Não sei.

— Por que você não pode fazer ele sair?

— Porque não posso, só isso — reagiu Sam rispidamente, deixando parte da raiva aparecer. — Porque não sou o Super-homem, certo? Olha, ele está dentro da

usina. As paredes são grossas. Ele tem armas, tem Jack, tem Drake, e tem seus próprios poderes. Não posso fazer com que ele saia de lá sem que algumas pessoas nossas sejam mortas. Alguém quer ser voluntário para isso?

Silêncio.

— É, foi o que pensei. Não posso fazer vocês se oferecerem para colher melões, quanto mais para enfrentar o Drake.

— Esse serviço é seu — disse Zil.

— Ah, sei — respondeu Sam. O ressentimento que ele havia segurado veio fervendo à superfície. — É meu serviço colher as frutas, tirar o lixo, racionar a comida, pegar o Hunter, impedir o Caine e resolver cada briga idiota, e garantir que as crianças tenham uma visita da Fada dos Dentes. Qual é o seu serviço, Zil? Ah, certo: você faz pichações de ódio. Obrigado por cuidar disso, não sei como a gente conseguiria se virar sem você.

— Sam... — disse Astrid, em volume suficiente apenas para ele ouvir. Um alerta.

Tarde demais. Ele diria o que precisava ser dito.

— E o resto de vocês. Quantos fizeram uma única coisa nas últimas duas semanas, a não ser ficar sentados jogando Xbox ou assistindo a filmes? Deixem eu explicar uma coisa. Não sou o pai de vocês. Sou um cara de 15 anos. Sou um garoto, como todos vocês. Por acaso não tenho nenhuma capacidade mágica de fazer comida aparecer de repente. Não posso estalar os dedos e fazer todos os problemas de vocês sumirem. Sou só um garoto.

Assim que as palavras saíram de sua boca, Sam teve consciência de que havia atravessado o limite. Tinha dito as palavras fatídicas que tantos haviam usado como desculpa antes dele. Quantas centenas de vezes tinha ouvido “sou só um garoto”.

Mas agora parecia incapaz de impedir que as palavras rolassem.

— Olha, eu estudei até o oitavo ano. Só porque tenho poderes não significa que sou Dumbledore, George Washington ou Martin Luther King. Até isso tudo acontecer eu era um aluno com notas médias. Só queria surfar. Queria crescer e virar o Dru Adler ou o Kelly Slater, ser só... vocês sabem, um bom surfista.

Agora a multidão estava totalmente em silêncio. Claro que estava em silêncio, pensou com amargura uma parte do cérebro de Sam que ainda funcionava, ela só está assistindo alguém se derreter em público.

— Estou fazendo o melhor que posso — disse. — Perdi pessoas hoje... eu...

fiz merda. Deveria ter pensado que o Caine poderia tentar tomar a usina.

Silêncio.

— Estou fazendo o melhor que posso.

Ninguém disse uma palavra.

Sam se recusava a encarar Astrid. Se visse pena nos olhos dela, desmoronaria completamente.

— Desculpem — disse. — Desculpem.

Pulou no chão. A multidão se dividiu. Ele se afastou em meio ao silêncio chocado. Não foram muitas pessoas que vieram cumprimentar Zil por ter revelado Sam Temple como uma fraude impotente e inútil. Não tantas quanto ele tinha o direito de esperar.

Mas Antoine estava com ele, e Lance, Hank e Turk. Os quatro havfã se tornado sua galera. Seus garotos. Esses quatro haviam estado com ele durante a noite enquanto acordava a cidade de Praia Perdida.

Tinha sido uma noite tonta, louca, selvagem. Zil havia passado de um cara simples para um líder. O modo como os outros o olhavam tinha mudado. Numa velocidade de raio. Num minuto eram iguais a ele, agora ele estava claramente no comando.

Isso era maneiro. Muito maneiro. Agora Zil era o “Sam” dos normais. E os normais ainda eram, de longe, a maioria.

Então por que um número maior de crianças não se amontoava em volta dele agora? Houve alguns gestos de cabeça, alguns tapinhas nas costas, mas também alguns olhares muito cheios de suspeita. E isso não estava certo. Principalmente quando ele, Zil Sperry, havia enfrentado Sam cara a cara.

Como se lesse seus pensamentos, Lance disse:

— Não se preocupe, eles vão chegar. Só estão abalados, agora.

— Ainda estão com medo do Sam — disse Hank. — Deveriam estar com medo da gente.

Hank era um garoto baixo, magricelo, raivoso, com cara de rato. Hank falava constantemente em dar porrada, a ponto de Zil mal conseguir se conter para não observar que Hank era praticamente um anão e não iria dar porrada em ninguém.

Lance era outra história. Lance era alto, atlético, bonito e inteligente. Zil mal

conseguia acreditar que Lance estava sendo respeitoso com ele, deixando Zil assumir a liderança e tomar as decisões. Nos velhos tempos Lance era um dos garotos mais populares da escola — nem um pouco como o Hank, que era desprezado por todos.

— Oi.

Zil olhou em volta e se viu cara a cara com uma garota que ele conhecia vagamente. Lisa. Esse era o nome dela. Lisa não-sei-o-quê.

— Só queria falar que concordo totalmente com você — disse Lisa não- sei-o-quê num jorro empolgado.

— Verdade? — Zil tinha muito pouca experiência em conversar com garotas. Esperava que não começasse a ficar vermelho. Não que aquela garota fosse linda nem nada, mas era bonitinha. E estava usando saia curta e maquiagem; quase nenhuma garota do LGAR parecia se incomodar em parecer legal e “feminina” atualmente.

— As aberrações estão totalmente fora de controle — disse Lisa, assentindo constantemente, como um bonequinho daqueles com mola no pescoço.

— É, estão — concordou Zil, quase cauteloso, sem saber por que aquela garota estava falando com ele.

— Fiquei muito feliz porque você enfrentou eles. Você é, tipo, totalmente corajoso.

— Obrigado. — Zil descobriu que sua cabeça também estava balançando para cima e para baixo, reagindo a ela. Então, sem saber o que mais dizer, forçou um sorriso sem graça e começou a se afastar da igreja.

— Posso... — começou Lisa.

— O quê? — Assim... vocês vão fazer alguma coisa? Porque talvez eu possa ajudar. Zil sentiu um momento de pânico. Fazer alguma coisa? Tipo o quê? Já haviam pichado a prefeitura e quebrado algumas janelas. A não ser que o Hunter aparecesse, o que haveria para fazer?

Então percebeu. Se não fizesse nada agora, perderia tudo. Lance, Hank, Turk e até Antoine iriam se afastar, ou simplesmente se acomodar em ser mais um punhado de caras que não faziam nada e morrendo de fome lentamente.

A coisa não estava acabada. Não podia acabar.

— Na verdade eu poderia aproveitar sua ajuda — disse Zil a Lisa. — Tenho

planos.

— O que você vai fazer? — perguntou Lisa, ansiosa.

— Vou colocar os humanos de verdade no comando de novo. Me livrar dos mubs. Fazer as coisas pra nós, e não pra eles.

— É! — exclamou Turk.

— Nós seis, aqui, somos só o começo — disse Zil.

— Na moral! — concordou Hank.

— A galera do Zil — disse Turk.

Zil descartou isso com modéstia.

— Acho que talvez a gente devesse se chamar de Galera Humana.

TRINTA | 13 HORAS E 38 MINUTOS

CAINE HAVIA CAÍDO no sono, exausto, no sofá do gerente da usina. Acordou lentamente. Desorientado. Sem certeza de onde estava. Abriu os olhos e tudo ao redor, até os móveis empoeirados da sala, pareceu vibrar.

Esfregou os olhos e sentou-se.

Alguém estava sentado na cadeira do gerente da usina. Um homem verde. Verde devido a alguma luz interna, como se houvesse subs-tâncias químicas queimando por dentro dele e lançando um brilho doentio.

O homem não tinha rosto. Sua forma era grosseira, como um modelo de argila inacabado. Quando Caine olhou mais de perto pôde ver milhões de cristais minúsculos, alguns não maiores do que um ponto, alguns quase tão grandes quanto um cubo de açúcar. A massa de cristais estava em movimento constante, como formigas frenéticas se arrastando umas sobre as outras. Caine fechou os olhos. Quando abriu de novo, a aparição havia sumido.

Uma alucinação. Caine havia se acostumado com as alucinações.

Levantou-se, mas estava trêmulo. Sentia-se enjoado, como se tivesse gripe ou algo assim. Seu rosto estava coberto de suor. A camisa grudada na pele.

Precisava vomitar, mas não tinha nada no estômago.

Pelo vidro podia ver a sala de controle. Diana, dormindo ou cochilando em sua cadeira, os pés sobre a mesa. Parecia estranha sem cabelo. Caine adorava o cabelo de Diana.

Jack estava com a cabeça pousada na mesma mesa, o rosto gorducho, lábios parecendo de bebê enquanto roncava.

Os dois reféns se encostavam um no outro, dormindo.

A garota morta, Brittney, estava caída no chão de qualquer jeito. Alguém a havia mudado de lugar. Parecia que alguém tinha tentado empurrá-la para baixo da bancada, fora do caminho. A poça do sangue era agora uma mancha.

O único acordado era Drake. Estava encostado numa parede, sem piscar, o braço de chicote enrolado na cintura, uma metralhadora na outra mão.

Caine cambaleou. Ajeitou-se, firmou os ombros, enxugou a baba dos lábios. Tinha de parecer forte. Drake parecia forte, como se estivesse no comando.

Caine se perguntou quanto tempo demoraria até que Drake deci-disse partir para cima dele. Ele não tinha feito isso durante os longos meses de incapacitação de Caine. Mas agora que Caine estava dando as ordens de novo, sabia que Drake estava irritado.

Caine firmou-se e foi na direção da sala de controle. Chegou à porta do escritório quando a tempestade de lembranças varreu-o, quase derrubando-o de joelhos. Agarrou a porta e ficou segurando-a, trêmulo.

A coisa veio como uma fome. Fome mais profunda do que qualquer coisa que ele próprio já havia sentido. Como se não tivesse nada dentro da pele, a não ser um tigre rugindo esfomeado.

Com fome no escuro.

Caine gemeu. Controlou-se antes que fizesse isso de novo, mas o som desesperado saiu de sua boca. Será que Drake tinha ouvido?

Deixe-me em paz, implorou em silêncio à voz dentro da cabeça. Estou fazendo o que você quer, mas me deixe em paz.

Olhando para o chão, viu os pés de Drake. Drake havia chegado sem fazer nenhum som. Ou talvez Caine estivesse incapaz de ouvir qualquer coisa.

— Você está legal? — perguntou Drake.

— Estou ótimo — reagiu Caine ríspidamente.

— Bom. Fico feliz de verdade com isso.

Caine passou por ele empurrando-o, certificando-se de bater com o ombro duro em Drake.

— Por que vocês todos estão dormindo? — perguntou em voz alta. — Sam pode estar lá fora agora mesmo, esperando a chance de atacar a gente de novo.

— Não precisamos nos preocupar com Sam durante muito tempo — disse Drake. — Não depois que ela estiver alimentada.

Caine chutou a cadeira de Jack. Chutou o refém mais próximo.

— Acordem. Todos vocês. É quase dia, lá fora. Sam pode estar planejando alguma coisa.

— Qual é o seu problema? — perguntou Diana. — Seu patrão monstro acordou você? Ele estalou o chicote cerebral maluco e fez você pular?

— Cala a boca! — disse Caine violentamente. — Não preciso ouvir você

falando isso. Alguém procurou comida?

— Você acha que nos últimos três meses o pessoal do Sam não revirou esse lugar procurando comida? — perguntou Diana, mas com menos hostilidade explícita do que o usual.

— Não foi isso que eu perguntei — gritou Caine. — Perguntei se algum de vocês, seus idiotas preguiçosos, se incomodou em procurar alguma coisa para comer. A resposta é sim ou não.

— Não — respondeu Diana pelos quatro.

— Então levatem o rabo e vão procurar.

Diane suspirou e se levantou.

— Vai ser bom andar um pouco.

Jack também se levantou, assim como os dois pistoleiros de Drake. Os quatro desapareceram saindo por vários corredores.

— Só não saiam do prédio — gritou Caine.

Caine puxou Drake de lado.

— Jack já conseguiu resolver?

— Acho que sim. Ele estava parecendo metido a besta logo antes de cair no sono.

Caine assentiu.

— Devemos agir assim que pudermos.

— Não deveríamos tentar tirar o Sam do caminho, antes?

Caine soltou um riso fungado.

— Você diz isso como se fosse fácil. Se pudéssemos começar ti-rando o Sam do caminho, seria moleza. — Ele balançou a cabeça. — Não. Não é assim que vamos fazer. Se eles pegarem a gente, vamos usar o urânio para fazer com que recuem.

Mesmo contra a vontade, Drake riu.

— Vamos ameaçar jogar em cima deles?

— Vamos ameaçar quebrar o invólucro. Jogar no ar e quebrar.

— E todo mundo vai ficar brilhando no escuro — disse Drake, como se fosse

um pensamento feliz.

— Eu só vou ter uma das mãos livre — disse Caine. — De modo que finalmente você pode ter a chance de usar essa arma que você tanto ama.

— A gente deveria mandar o Bug até a Coates? — perguntou Drake. — Trazer mais gente nossa?

— Eles não viriam — respondeu Caine, curto e grosso.

Houve uma agitação e Caine olhou de lado, vendo Jack Computador vindo a toda velocidade pelo corredor, seguido por Diana, que tentava segurá-lo sem sucesso. Como uma criança de 2 anos tentando segurar um touro.

— Você! — gritou Jack.

Ele balançou o punho no ar e Caine pôde ver fios desencapados, como cobras finas feito cabelos em seus dedos.

— Você disse que tirou isso! — gritou Jack, acusando.

— Ah, nossa, devo ter esquecido alguns — respondeu Drake. — Ei, você encontrou sua namorada enquanto estava procurando por aí?

Jack ficou imóvel.

— O quê?

Drake estava com o braço desenrolado, pronto para usar.

— Ela devia estar numa boa velocidade quando bateu no fio. Passou por ele como uma brisa. Ah, espera, eu disse errado. O fio é que passou direto pela Brisa.

— Ela... o que... — ofegou Jack.

— Cortou ela bem no meio — disse Drake, gargalhando de puro júbilo. — Foi bem legal de ver. Você acharia interessante, todas as en-tranhas partidas bem no meio. Como se um cutelo tivesse atravessado o corpo dela.

— Vou matar você — sussurrou Jack.

— Você não tem...

Mas Jack havia empurrado Diana e estava correndo direto para Drake.

Drake conseguiu golpeá-lo uma vez com a mão de chicote, mas só uma vez. Jack acertou-o como um *linebacker* de futebol americano. Drake saiu voando pela sala, como se tivesse entrado na frente de um ônibus.

Drake caiu com violência, mas rolou ficando de pé. Golpeou de novo. Houve um estalo alto, e um rasgo apareceu na camisa de Jack.

Jack não diminuiu a velocidade e foi direto para Drake. Mas então, de repente, não podia se deslocar. Mexia as pernas, mas não conseguia avançar,

Caine, com uma das mãos levantada, segurava-o com força irre-sistível.

— Me solta, Caine — gritou Jack.

— Ele só está pegando no seu pé, idiota — gritou Caine. A tentação de deixar Jack matar Drake ainda era forte. Resolveria um grande problema: cedo ou tarde Drake iria desafiar Caine. Mas por enquanto ele ainda era necessário nas batalhas.

Drake golpeou Jack com o chicote, mas este parou no meio do ax, acertando uma barreira invisível.

— Vocês, dois, parem com isso — gritou Caine.

— Se você encostar em mim eu mato você! — berrou Drake para Jack.

— Eu mandei calar a boca, os dois! — rugiu Caine. Em seguida empurrou as duas palmas das mãos para a frente, uma apontada para Jack, a outra para Drake. Os dois foram voando para trás. Jack caiu de costas, com força. Drake, mais leve e sem a força sobre-humana de Jack, bateu na parede e desmoronou no chão.

Caine captou movimento com o canto do olho e viu as costas dos dois reféns correndo para fora da sala.

Girou para mirá-los, mas eles estavam fora de sua linha de visão. Ouviu passos se afastando.

— Peguem os dois! — gritou.

Mas Drake demorou para se levantar e Jack não ajudaria. Os dois capangas de Drake estavam totalmente imóveis, paralisados. Caine percebeu que eles eram leais a Drake, esperando as ordens dele, e não suas.

Girou, ergueu as mãos, levantou os dois vagabundos do chão e lançou-os pelo corredor, atrás dos reféns.

— Tragam os dois de volta! — berrou.

— Cuidado! — gritou Diana.

Um tiro espocou. Num volume insano. Caine ouviu balas voando perto de sua Orelha como libélulas zumbindo.

Brittney!

Não estava morta. Só bancando a morta e indo devagar, muito devagar, na direção de uma arma que devia saber que estava sob a bancada.

Ainda estava caída num amontoado, no chão, incapaz de se levantar, incapaz até mesmo de se sentar, deitada de lado e disparando.

Caine saltou de lado enquanto as balas voavam.

Bateu com força na mesa, ricocheteou e caiu de joelhos. Levantou as palmas das mãos, mas o cano da arma se moveu mais rápido.

Porém mais rápido ainda foi a mão de chicote de Drake. Ele estalou e se enrolou no punho de Brittney. A arma disparou, mas a bala acertou a parede e o teto.

Furioso, Caine apontou todo o seu poder para a garota. Ela deslizou pelo chão e acertou a parede, tão rápido que Drake ainda estava preso e foi arrastado com ela.

Caine saltou de pé, mantendo o foco em Brittney, e levantou-a do chão, suspensa no ar.

— Seu pedaço de... — disse Brittney, e então ela própria virou uma bala, voando pelo ar.

Voou pelo buraco que Sam havia aberto antes.

Essa não era a intenção de Caine. A garota teve sorte.

Ou então alguém estava cuidando dela. Lá fora, mantendo guarda fiel, Dekka ouviu os tiros na sala de controle.

Saltou na direção da parede quando algo voou pelo buraco aberto. Pousou com o som inconfundível de um corpo humano batendo no chão.

Dekka olhou, perplexa demais para reagir.

Então, à direita, tiros dentro do prédio da turbina. Clarões amarelos delinearam a porta.

Saiu do transe e correu para a porta. Os soldados de Edilio saltaram do chão e vieram atrás dela.

— Orc! Orc! — gritou Dekka.

Ouviu, mais do que viu, o monstro se mexer. Ele estivera dormindo na carroceria da picape. As molas rangeram quando Orc desceu.

Dois pistoleiros de Caine apareceram como sombras na porta. Suas armas

apontavam para as formas que fugiam.

Tiros, e uma das formas caiu sem ao menos gritar. Despencou de cara e não se mexeu. A outra correu, correu.

— Acertei ele! Acertei ele! — gritou alguém, com mais terror do que orgulho na voz. — Taylor! — gritou Dekka. — Distraia os dois! — Ricocheteando! — gritou Taylor de volta, e sumiu. — Ah, meu Deus, acho que matei ele — gemeu a voz.

Dekka levantou as mãos e os dois pistoleiros flutuaram saindo do chão. Um deles bateu no topo do portal. O outro deslizou de volta para dentro, fora do alcance de Dekka. Os tiros pararam. O refém que corria caiu no chão, ofegando, atrás de um veículo. Num segundo Taylor estava correndo ao lado de Dekka.

Uma fração de segundo depois estava cambaleando, ainda meio correndo, pela sala de controle da usina. — Seu psicopata idiota! — gritou Caine para Drake. Drake tinha ficado totalmente branco, menos os frios olhos cinza. — Eu acabei de salvar sua vida!

— Você estava sendo idiota! Pressionou Jack só para ver ele se retorcer. E olha o que aconteceu. Fiquei ocupado mantendo vocês dois separados e olha o que aconteceu, seu bandido idiota! — Ei! — gritou Diana.

Taylor demorou um momento para reconhecê-la. A cabeça dela estava praticamente raspada. — Ei! — gritou Diana de novo, apontando para Taylor. — Temos visita! Caine girou e levantou as mãos mortais, mas Taylor ricocheteou pela sala e apareceu em outro canto, atrás dele. — Jack, seu traidor! — gritou Taylor, e ricocheteou para fora da sala. Taylor surgiu de novo, bem na cara de Dekka. — Eles estão pirando geral lá dentro. A gente poderia atacar agora! Dekka parou. Fez contas rapidamente na cabeça. Tinha Orc, Taylor e ela própria. Tinha três caras do Edílio. Os reféns não eram mais problema.

Mas Caine e Drake ainda estavam vivos. Ainda eram muito, muito perigosos. Além de terem pelo menos dois pistoleiros, talvez mais.

— Não — disse, sentindo-se frustrada. — Não sem o Sam.

— A gente deveria ir agora, agora! — gritou Taylor. E apontou para a massa sangrenta no chão. — Olha o que eles fizeram. Olha o que eles fizeram! Olha o que esses animais fizeram!

Dekka pôs a mão no ombro da outra, para acalmá-la.

— Se entrarmos agora, vamos perder — respondeu. E mesmo que Sam estivesse ali... Ela nunca tinha visto Sam agir como tinha feito mais cedo. Como se

tivesse perdido o fogo.

—Você só está com medo — disse Taylor. — Não venha pegar no meu pé — alertou Dekka. — Nós não temos poder. É simples. Se atacarmos agora vamos perder. Sam vai ter mais corpos para o Edilio enterrar. E não sei se Sam pode... — Ela parou. Tarde demais.

— O que é que tem o Sam? — perguntou Taylor.

Dekka deu de ombros.

— Nada. O cara só está cansado. Acho que talvez ele não precise de mais uma briga esta noite.

Taylor parecia a ponto de discutir mais. Então seus ombros se afrouxaram.

— É. Está bem.

— Vá à cidade. Conte ao Sam o que aconteceu. Diga o que viu lá dentro.

— Vou demorar uns minutos. Não posso fazer num ricochete só.

— Então vá logo.

Taylor desapareceu e Dekka chutou a terra furiosamente. Tudo havia acontecido depressa demais para ela fazer mais do que olhar;

Mike Farmer estava se esgueirando de trás do caminhão onde havia se escondido. Mickey estava caído de rosto no chão, terrivelmente imóvel. Os restos de Brittney eram um pesadelo.

Dekka sentiu um clarão de raiva de Sam. Ele tinha ido embora deixando-a no comando. Bom, ela não queria o comando. Sam não era o único que estava por um fio.

Brianna... o pensamento era como uma faca na barriga, torcendo, torcendo.

Nunca havia dito a Brianna como se sentia. E agora era tarde de-mais.

Algo pousou na calçada ao lado de Dekka. Olhou para algo que se parecia com ossos de frango. Ossos de frango cozido.

Olhou para cima. Moveu-se para trás e para trás, querendo ver melhor.

A dez andares de altura havia uma imagem fantasmagórica em cima do prédio da turbina. Alguém estava acenando. Muito rápido.

O tempo pareceu se imobilizar. Dekka não conseguia respirar. Olhou com intensidade, não querendo estar errada, não querendo acreditar enquanto não tivesse

certeza.

— Brisa? — sussurrou espantada.

Dekka baixou a cabeça só por um momento e agradeceu a Deus. Brianna. Viva. Viva e impaciente como sempre, pelo jeito.

De jeito nenhum Brianna poderia ouvi-la acima do barulho da usina. Como Brianna tinha conseguido subir lá era um mistério, mas a julgar pelo frenético semáforo de braços se movendo, ela queria descer.

Dekka acenou. Até mesmo deu um sorriso raro. Brianna, viva.

Brianna pôs as mãos nos quadris, como se dissesse: “Por que está demorando?”

Dekka pensou um momento. Depois apontou para um lugar na base da parede, bem longe da porta onde os garotos de Caine estavam escondidos agachados, com armas.

Brianna confirmou com a cabeça.

Dekka levantou as mãos.

Brianna saltou no ar. E ficou no ar. Nenhuma gravidade a arrastava para baixo.

Dekka respirou fundo. Desligou o poder por um segundo e Brianna caiu. Ligou de novo e Brianna parou de cair. Desligou. Ligou. Até Brianna flutuar a pouco mais de um metro do pavimento.

Dekka soltou-a e Brianna pousou de leve, flexionando os joelhos. Dekka firmou-a.

— O que está acontecendo aqui embaixo? — perguntou Brianna. — Ouvi tiros. Eles me acordaram.

— É bom ver você também, Brianna — disse Dekka secamente. — Todo mundo achou que você estava morta.

— Bom, não estou. Dããã.

Dekka balançou a cabeça numa perplexidade tolerante.

Mike estava surpreso.

— Ei, o Drake disse ao Jack que você estava morta! Jack pirou geral, acreditando.

Brianna riu.

— Ah, pirou, foi?

— Totalmente. Deu uma de Aragorn pra cima do Drake. Tentou matar ele. Foi assim que a gente... quer dizer, que eu fugi. — Então Mike irrompeu em lágrimas, chorando incontrolavelmente e cobrindo o rosto com as mãos.

— Você é a fim do Jack Computador? — perguntou Dekka. Modulou cuidadosamente a voz, não revelando nada de seu tumulto interior. Não era hora de incomodar Brianna com sentimentos que não seriam recíprocos. Sentimentos que até poderiam deixá-la furiosa com Dekka. As duas não eram exatamente amigas quando estavam na Coates. Dekka nem tinha certeza se Brianna sabia que ela era gay.

— Eu achava que não — respondeu Brianna, parecendo satisfeita consigo mesma. — Acho que sim.

— Certo — disse Dekka, engolindo em seco. O importante era que Brianna estava viva. Porém Mickey e Brittney não. Dekka estava no comando, tinha que tomar decisões. — Vai me contar como foi parar no teto?

— Ah... não. Mas o negócio é o seguinte: lá em cima tem uma porta que dá no lado de dentro. Eu poderia abrir, entrar e sair sem que eles percebessem. Acertar o...

— Não, não — disse Mike em meio aos soluços. — Os fios ainda estão no lugar.

— Que fios? — perguntou Brianna.

— O Drake. Ele esticou fios por todo canto, de modo que se você entrasse eles cortavam você.

Dekka notou a expressão de choque no rosto geralmente presunçoso de Brianna.

— Por isso o Jack tentou matar o Drake — disse Mike. — Jack disse que ele tinha que tirar os fios, e o Drake fingiu que tirou, mas não tirou.

— Acho que é uma coisa boa o Jack gostar de você, Brisa — observou Dekka. — O Mike aqui conseguiu sair.

Brianna não tinha resposta.

— Não deixe isso abalar você, garota — disse Dekka. — Você teve um dia ruim. Todos nós tivemos um dia ruim. — Ela sentou-se ao lado de Mike e passou o braço pelos ombros dele. — Sinto muito pelo que aconteceu com o Mickey. Sei que vocês eram amigos.

Mike soltou-se dela.

— Você não se importa com o Mickey. Você se importa com ela porque ela é uma aberração, como você.

Dekka decidiu deixar para lá. Não podia culpar Mike por estar meio pirado. Não poderia culpá-lo se ele desmoronasse completamente.

Para Brianna, disse:

— Você escapou por pouco. Mas agora o importante é começar a ouvir as outras pessoas e não fazer coisas malucas que deixam você presa no teto quando precisamos de você. Ou, pior ainda, fatiada.

— É — respondeu Brianna, sem graça. Depois, recuperando um pouco da petulância usual, acrescentou: — Obrigada, mamãe.

Dekka adorava aquilo. A imprudência louca de Brianna. Adorava. Era o oposto da própria Dekka. Não deixou que Brianna soubesse que adorava isso porque nesse momento estava no comando, era a responsável. Mas Brianna não seria Brianna sem a parte maluca.

Viva. Estava viva.

E a fim do Jack.

Mas viva.

TRINTA E UM | 13 HORAS E 35 MINUTOS

VENHA PARA MIM. Preciso de você.

— Não consigo respirar — disse Lana, se bem que, se falou com a boca, não escutou nenhum som, nem sentiu a língua e os lábios se mexendo.

O gás está privando você de oxigênio.

É. Era isso. O gás. Bastaria uma fagulha e... em algum lugar tinha um isqueiro. Uma fagulha e estaria livre. Morta. Morta-livre.

Riu, e o riso virou adagas vermelhas se cravando no cérebro. Aper-tou a cabeça e gritou de dor. Não escutou nenhum som. Não sentiu as mãos apertando as têmporas.

Arraste-se até mim.

O corpo não funcionava. Funcionava? Ela estava de quatro? Seu corpo ainda era real?

Estaria cega, ou a escuridão era demasiada para enxergar?

Tinha ficado inconsciente? Por quanto tempo?

Movendo-se, tinha certeza de que estava se movendo. Só que talvez fosse uma brisa passando por ela.

Eu expulso o composto de carbono e hidrogênio.

O... o quê? Carbono... o quê? Sua mente estava girando, em redemoinho, girando e girando; e, enquanto girava, as facas de dor vinham se cravar nela, torturá-la. Cabeça explodindo. Coração martelando no peito, tentando escapar, rasgando as costelas para sair de dentro.

Não, era tudo alucinação. Loucura e mentiras.

Mas a dor era real. Podia sentir aquilo, a dor. E o medo.

A mistura de oxigênio e nitrogênio flui.

Ar. Substituindo o gás. Não serviu em nada para diminuir a dor na cabeça. Mas o coração diminuiu o ritmo.

Podia enxergar de novo, só um pouco, os faróis da picape lançando uma luz fraquíssima pelo túnel da mina até onde ela estava com o rosto encostado na rocha. Trouxe a mão para diante do rosto. Dedos. Não podia identificá-los, mas sabia que

estavam ali.

Tocou o rosto. Pôde sentir a mão. Pôde sentir a bochecha. Molhada de lágrimas.

Venha para mim.

Não.

Mas agora estava de quatro, movendo-se. A pedra rasgava a carne das palmas das mãos e dos joelhos.

Não. Não vou para você.

Mas ia. Movia-se. De quatro. Engatinhava.

Será que em algum momento tinha sido possível resistir?

Sou o gaiáfago.

Você é minha.

Sou Lana Arwen Lazar. Minha mãe me deu esse nome por... Por causa de alguma coisa. Alguém... meu...

Sinto fome.

Você vai me ajudar a me alimentar.

Deixe-me em paz, protestou Lana debilmente enquanto seus braços e pernas continuavam em movimento, a cabeça pendendo como de um cão. Como... como alguém...

Sou o gaiáfago.

O que isso significa?, perguntou Lana.

Agora tinha mais percepção de si mesma. Podia penetrar na memória e se lembrar de quem era e do motivo para estar ali. Podia se lembrar da esperança idiota que havia alimentado, de destruir a curidão. O gaiáfago.

Mas agora via a mão da criatura em tudo que tinha feito. Desde início o monstro estivera chamando-a. Torcendo seus pensamentos ações para cumprir a vontade dela.

Lana jamais tivera alguma chance.

E agora engatinhava.

A outra namorada do Super-homem, Lana. O verdadeiro amor de Aragorn, Arwen. Lazar, um diminutivo de Lazarevic. Lázaro, qv ressuscitou dos mortos. Lana

Arwen Lazar. Era quem ela era.

Não conseguia parar de engatinhar. Descendo e descendo pelo túnel da mina.

Venha para mim.

Preciso de você.

Precisa por quê? Por que eu?

Você é a Curadora.

Você tem o poder.

Você está machucado? Um clarão de esperança ao pensar que criatura poderia estar ferida.

Agora os membros de Lana estavam tão pesados que mal conseguia se mexer. Mal conseguia deslizar os joelhos cinco centímetro na pedra áspera. Mal conseguia empurrar as palmas das mãos para a frente. Mas agora seus olhos registravam a leve claridade verde da qual sempre se lembrava, desde a primeira viagem por esse túnel medonho.

Um brilho como de ponteiros luminosos de relógio. Um brilho como as estrelas que luziam no escuro, grudadas pelo pai de Lana no teto do quarto quando ela era pequena.

O pensamento no pai rasgou a alma de Lana. A mãe. O pai. Tão longe. Ou mortos. Ou, quem sabia? Quem saberia?

Imaginou-os vendo-a. Como se ela fosse uma bactéria numa placa e a mãe e o pai estivessem olhando por um microscópio gigante.

Vendo a filha assim. Engatinhando no escuro. Aterrorizada. Faminta. Com medo demais.

Engatinhando para a Escuridão. Escrava do gaiáfago.

Parou de se mover, comandada pela voz na cabeça. Ofegou, esperando, com suor escorrendo.

Ponha a mão em mim.

— O quê? — sussurrou ela. — Onde? Onde você está?

Girou a cabeça cansada, espiando a escuridão radiativa, não vendo nada além de uma pedra luzindo fracamente.

Não. Olhando mais de perto, obrigando-se a olhar, viu que não era pedra. Seus olhos que não queriam fazer isso se grudavam ao leve brilho esverdeado e

começaram a ver não uma única massa de rocha, mas um enxame borbulhando, pulsando. Milhares, talvez milhões de minúsculas formas cristalinas, hexágonos, pentágonos, triângulos. As maiores talvez fossem do tamanho de sua unha do mindinho. As menores não eram maiores do que um ponto final numa página. De cada uma brotavam incontáveis pernas minúsculas, de modo que o que Lana via era parecido com uma enorme colônia de formigas, uma colmeia de insetos, todos verdes e brilhando, pulsando como um coração exposto.

Ponha a mão em mim.

Ela resistiu. Mas sabia, ao mesmo tempo que lutava contra a vontade do gaiáfago, que estava condenada a perder. Sua mão se moveu. Tremendo, moveu-se. Viu seus dedos escuros de encontro ao brilho verde.

Tocou-o, sentiu-o, e era como tocar na areia áspera na praia. Só que essa areia se mexia, vibrava.

Por um momento houve apenas essa sensação simples.

Então o gaiáfago mostrou o que queria.

Ela viu criaturas. Uma criatura de fogo vivo. Uma cobra mecânica. Monstros.

E viu uma boneca russa.

Uma boneca... dentro da outra... dentro da outra... e outra...

Agora ela o conheceu, soube num momento de clareza ofuscante o que ele era. Agora podia sentir sua fome. E agora sentia seu medo.

Ele precisava dela, essa criatura imunda feita de DNA humano e alienígena, de pedra e carne, alimentado com radiação dura nas pro-fundezas do espaço e agora nas profundezas da terra. A comida reluzente fora totalmente consumida nos treze anos em que o gaiáfago havia crescido e sofrido mutações aqui na escuridão.

Ele estava com fome. A comida ia chegar. Quando a comida chegasse ele seria suficientemente forte para usar o poder de Lana e criar um corpo. Ele havia usado o poder dela para dar a Drake sua mão de chicote, para transformá-lo num monstro. Iria usá-la agora, quando tivesse se alimentado, para criar um corpo monstruoso, dele próprio. Corpos dentro de corpos, corpos que poderiam ser usados e depois jogados fora quando outro emergisse.

Mover-se.

Escapar da mina. Era o objetivo dele.

Andar pelo LGAR e destruir todos que resistissem. O dia de Sam foi uma série

de loucas mudanças de humor.

Taylor ricocheteou para lhe contar que Mickey Finch tinha sido morto tentando escapar de Caine. Mas que Mike Farmer havia sobre-vivido. E agora Caine estava sem reféns.

Então irrompeu um incêndio numa casa que duas crianças de 5 anos compartilhavam com duas de 9. Uma de 9 estivera fumando maconha.

Ellen, a chefe dos bombeiros, levou o caminhão para o local a tempo de impedir que o fogo se espalhasse para a casa vizinha. A pressão da água ainda era forte naquela parte da cidade.

Todas as crianças tinham saído vivas.

Então, enquanto estava parado na rua com o sol nascendo e a fu-maça brotando da casa queimada, tentando decidir como, ou se, deveria castigar a criança por fumar maconha e provocar um incêndio, sentiu um ligeiro sopro de vento.

— Ei, Sam — disse Brianna.

Sam encarou-a. Ela riu para ele.

Sam soltou um suspiro de alívio.

— Eu deveria matar você, por ter sumido assim.

— Venha — disse Brianna, abrindo os braços. — Dá um abraço.

Ela abraçou Sam — depressa — e depois recuou.

— Só isso, garotão, não quero que Astrid fique furiosa comigo.

— Ahã.

— Então, quando é que a gente vai pegar o Caine e ligar as luzes de volta?

Sam balançou a cabeça.

— Não posso fazer isso, Brisa.

— O quê? O quê? Como assim, não pode? Ele está lá, sem reféns. Nós podemos vencer.

— Há outras coisas. Estamos com um problema aqui, entre aberrações e normais.

Brianna fez um som indicando que não dava importância.

— Vou correr por aí e dar uns tapas neles, eles vão cair na real e nós vamos dar

um jeito na usina. — Ela se inclinou para perto. — Achei um modo de entrar pelo teto.

Essa era uma novidade interessante. O suficiente para fazer Sam reconsiderar.

— Um modo de entrar onde? Na sala da turbina?

— Cara, tem uma porta no teto. Não sei onde vai daí; mas tem de ser na sala da turbina. Provavelmente.

Sam tentou se livrar do mau humor, mas não conseguia, não conseguia se concentrar. Sentia-se vazio. Cansado além da conta..

— Você está machucada — observou.

— É, e arde. Cadê a Lana? Preciso de uma cura. Depois podemos dar umas porradas.

— Perdemos a Lana. Ela foi embora.

Essa novidade abalou até a confiança de Brianna.

— O quê?

— As coisas não andam bem.

Ele sentiu o olhar preocupado de Brianna. Não estava dando bom exemplo. Não estava exatamente no comando. Sabia de tudo isso. Mas não conseguia afastar a indiferença que minava cada tentativa de formular um plano.

— Você precisa de um descanso — disse Brianna finalmente.

— É. Sem dúvida. As vozes eram familiares. Dekka. Taylor. Howard.

— O sol está nascendo — disse Taylor. — O céu está ficando cinza.

— Precisamos fazer alguma coisa com a Brittney e o Mickey — observou Dekka..

— Eu não mexo com cadáveres. — Quem disse foi Howard.

— Acho que a gente podia, você sabe, mandar de volta para a cidade, para o Edilio enterrar — disse Dekka.

Taylor suspirou.

— As coisas estão feias por lá. Nunca vi o Sam desse jeito. Quero dizer, ele simplesmente...

— Ele vai superar — afirmou Dekka. Não parecia ter muita certeza disso. —

Mas é, talvez não seja a hora de pedir para ele fazer discurso num enterro.

— Talvez a gente pudesse só cobrir os dois. Você sabe, puxar o Mickey para cá, talvez colocar um cobertor em cima deles, ou algo assim, por enquanto.

— É. Um desses carros aí deve ter um cobertor no porta-malas. Uma lona. Qualquer coisa. Peça ao Orc para abrir uns porta-malas, tá?

E foi assim que Brittney foi parar aninhada ao lado de Mickey, sob o abrigo de uma lona de pintor.

Não sentia dor,

Não via luz.

Ouvia, mas pouco.

Seu coração estava parado e silencioso.

No entanto ela não tinha morrido. Albert não tinha tempo a perder. Ele e Quinn finalmente haviam contado a Sam sobre a missão do ouro. Sobre Lana ter saído com Cookie.

Tinham encontrado Sam desatento, não furioso como os dois esperavam. Ele ouviu de olhos fechados, e por duas vezes Albert achou que ele podia ter caído no sono.

Tinha sido um alívio não receber a fúria de Sam. Mas também foi perturbador. Afinal de contas eles estavam dando notícias muito ruins. A falta de reação dele era irreal. Sam não estava agindo como Sam.

Mais motivo ainda para Albert fazer o que planejava. Mandou Quinn pescar, incrédulo.

— Não importa que você esteja cansado, Quinn: nós temos um negócio para administrar.

E tinham partido para o trabalho.

O problema para Albert era derreter o ouro. O ponto de fusão do ouro era três vezes mais alto do que o do chumbo, e nada que Albert encontrasse alcançava essa temperatura. Certamente nenhum equipamento em seu McDonald's, que de qualquer modo não estava funcionando agora, sem eletricidade.

Albert desanimou, até que, remexendo na loja de ferramentas em busca de solução, notou um maçarico de acetileno.

Levou para o McDonald's dois maçaricos e todos os tanques de acetileno que

pôde encontrar. Trancou a porta.

Pôs uma panela de ferro fundido no fogão e aqueceu ao máximo. Isso não iria derreter o ouro, mas aumentaria o tempo de resfriamento.

Colocou uma barra de ouro na panela, acendeu o maçarico e apontou a ponta azul da chama para o ouro. Instantaneamente o metal começou a suar. Depois a escorrer num rio minúsculo de ouro derretido.

Era um trabalho exaustivo. Quente. Mas conseguiu produzir 24 balas por hora. Trabalhou sem pausa por quase dez horas seguidas e depois, exausto, morrendo de fome e desidratado, contou 224 balas calibre 32.

Crianças batiam na porta, exigindo entrar na McBoate. Mas Albert simplesmente pôs um cartaz dizendo: “Desculpe: Não funcionamos esta noite, por favor, voltem amanhã.”

Bebeu um pouco d’água, comeu uma refeição magra e fez alguns cálculos. Tinha ouro suficiente para produzir umas 4 mil balas, que, distribuídas igualmente, significariam pouco mais de dez balas para cada pessoa em Praia Perdida. O serviço levaria semanas.

Mas não tinha acetileno suficiente para conseguir isso. O que significaria que, para derreter todo o ouro, precisaria da ajuda da única pessoa menos provável de ajudar: Sam.

Albert tinha visto Sam arrebentar tijolos com o calor. Certamente conseguiria derreter ouro.

Enquanto isso Albert pretendia distribuir uma única bala para cada pessoa. Como uma espécie de cartão de visita. Sinal do que viria.

E depois um papel-moeda sustentado pelo ouro, e finalmente crédito.

Apesar do cansaço, Albert cantarolava contente enquanto se sentava com um bloco de papel amarelo e uma caneta, anotando nomes possíveis para a moeda atual.

“Projéteis” obviamente não era o nome apropriado. Queria que as pessoas pensassem em “dinheiro” e não em “morte”.

Dólares? Não. A palavra era familiar, mas ele queria uma coisa nova.

Euros? Francos? Dobrões? Marcos? Grana? Coroas?

Alberts?

Não. Seria passar do ponto.

Unidades?

Era funcional. Significava o que dizia.

— O problema é que, independentemente de como chamarmos, não temos o suficiente — murmurou. — Se houver somente 4 mil desses novos... sei lá o quê... obviamente terão de valer um bocado, cada um. Tipo, para começar, dez balas deveriam...

Balas?

Afinal de contas a palavra também podia significar uma coisa boa, doce.

Para começar, se uma criança tivesse as dez balas originais que receberia, cada bala teria de valer mais do que, digamos, uma lata de algo para comer. Por isso precisava, além das balas, unidades menores. Uma moeda que valesse, digamos, um décimo de uma bala.

Mas qualquer tentativa de produzir moeda em papel só faria todo mundo sair correndo para achar uma copiadora. Ele precisava de algo que não pudesse ser duplicado.

Uma ideia lhe veio. Uma lembrança. Correu ao depósito que estava sem comida por muito tempo. Havia duas caixas nas prateleiras de aramado. Cada uma estava cheia de peças de jogo de Banco Imobiliário do McDonald's — tíquetes — de alguma promoção esquecida. Doze mil peças em cada caixa. Difíceis de falsificar. Ele teria o suficiente para fazer troco para 4 mil balas à taxa de seis peças de Banco Imobiliário para cada bala. — Uma bala é igual a seis tíquetes — disse Albert. — Seis tíquetes é igual a uma bala. Era uma coisa linda, pensou. Lágrimas vieram aos seus olhos. Era uma coisa linda de verdade. Ele estava reinventando o dinheiro.

TRINTA E DOIS | 09 HORAS E 03 MINUTOS

AGORA BUG ESTAVA desconfiado. Os seguidores de Sam sabiam sobre ele. Sabiam desde a grande batalha de Praia Perdida. Mas agora tinham começado a tomar medidas contrárias. O ataque súbito com tinta spray havia abalado a confiança de Bug.

Assim, quando Caine puxou-o de lado, tendo o cuidado de não deixar que Drake ouvisse, e lhe deu uma nova tarefa, Bug ficou ez dúvida.

— Eles estão lá fora esperando qualquer um que saia — argumentou Bug. — Dekka está lá fora, com certeza. Um punhado de gente com armas. E provavelmente o Sam, escondido em algum lugar.

— Fale baixo — disse Caine. — Escute, Bug, você vai fazer issc por bem ou por mal. A escolha é sua.

Então Bug ia fazer. Não gostava, mas ia fazer.

Começou ficando invisível. Mesmo quando estava visível, o pessoal costumava não notá-lo. Esqueciam-se de que ele estava ali. Quando sumia, os outros raramente pareciam se lembrar dele.

Parou no canto da sala de controle durante um tempo, fora da vistas. Certificando-se de que ninguém — principalmente Drake iria sentir sua falta.

As coisas haviam se acalmado um pouco desde que ficou claro que o pessoal de Sam não entraria correndo com armas e mãos de lase chamejando.

Mas a sala continuava tensa. Drake e Caine paranoicos, esperando o ataque que viria de fora, ou um com o outro. Diana carrancuda, sonolenta. Jack Computador obviamente sentindo dor por causa dos ferimentos, engolindo Advil feito um doido, mas mesmo assim batu-cando no teclado. Os valentões do Drake tinham encontrado um jogo eletrônico de alguém e estavam se revezando com ele até que as pilhas acabassem.

Ninguém sentia falta de Bug.

Saiu da sala, a centímetros de Drake, temendo o golpe súbito do chicote enquanto prendia o fôlego.

Lá fora as coisas estavam melhor do que ele esperava. Dekka estava sentada no banco da frente de um carro, meio cochilando, meio discutindo com Taylor e Howard. Orc estava na outra ponta do estacionamento, preguiçosamente

arrebentando para-brisas com uma chave de roda. E duas, não, três crianças com armas, escondidas atrás de carros, atrás de esquinas, esperando encrenca. E entediadas também.

E muito mal-humoradas.

Bug ouviu fragmentos de reclamações enquanto passava.

—... Sam vai embora e deixa a gente aqui e...

—... se você não é uma aberração poderosa, ninguém liga a...

—... juro que vou cortar minha perna e comer, de tanta fome...

— ... rato não tem gosto tão ruim quanto a gente pensa. O problema é achar um rato...

Bug passou por eles e chegou à estrada. Mole, mole, como diziam no primeiro ano.

Dali era uma caminhada longa, muito longa. Sem nada para comer.

Bug sentia que seu estômago estava tentando matá-lo. Como se tivesse virado um inimigo dentro dele. Como um câncer ou algo assim. Simplesmente doía o tempo todo. Tinha descoberto a boca se enchendo d'água quando ouviu o garoto falando sobre comer um rato.

Bug comeria um rato. Sem pensar. Talvez no dia anterior não fizesse isso, mas agora fazia muito tempo que não comia. Talvez tivesse chegado a hora de recomeçar a comer insetos. Não como um desafio, mas simplesmente como refeição.

Imaginou quanto tempo seria possível passar sem comida anl de morrer. Bom, de um modo ou de outro arranjaria alguma comic Tinha conseguido se enfiar na mercearia do Ralph antes, e ela ficai mais ou menos no caminho para a Coates.

Preciso comer, cara. Caine tinha de entender isso.

Chegaria à Coates e encontraria a garota esquisita, a do sonho, com tempo suficiente.

Enfiou a mão no bolso e pegou o mapa que Caine havia desenhad num pedaço de papel de impressora. Era bastante bom, bastante claro. Partia da Coates, descia ao redor dos morros e ia para o desertou Um “X” marcava alguma coisa que Caine havia indicado como “Cidade Fantasma”. Um segundo “X”, quase em cima da cidade, estava indicado como “Mina”.

No mapa havia uma mensagem escrita para quem desafiasse Bug.

Dizia:

Bug está seguindo minhas ordens. Faça o que ele mandar.

Qualquer um que tentar impedi-lo vai se ver comigo. Caine.

Bug deveria pegar a sonhadora, Orsay, e, usando os caras que con¬ seguisse juntar na Coates, levá-la ao “X” indicado como “Mina”.

— Não sei se a coisa sonha ou não — dissera Caine. — Mas acho que talvez todos os pensamentos dela sejam sonhos, mais ou menos. Acho que talvez Orsay possa entrar dentro da cabeça dela.

Bug havia assentido como se entendesse, mas não entendia.

— Quero saber o que ela planeja para mim — instruiu Caine. — Diga isso a Orsay. Se eu levar comida para a coisa, o que ela vai fazer comigo? Diga a Orsay que, se conseguir me contar os sonhos da Es-curidão, do gaiáfago, eu a solto. Ela vai ficar livre.

Então Caine acrescentou:

— Livre de mim, pelo menos.

Era uma missão importante. Caine havia prometido que Bug seria o primeiro a escolher qualquer comida quê eles conseguissem no futuro. E Bug sabia que era melhor ter sucesso. As pessoas que fracassavam com Caine acabavam mal, muito mal.

Era um caminho muito longo até a mercearia. O lugar ainda era vigiado. Bug pôde ver dois garotos armados no telhado, dois perto da porta da frente, dois perto da porta de carga, atrás. E o lugar estava agitado, com crianças amontoadas junto à porta, empurrando e gritando.

Muitas estavam ali para conseguir sua ração diária de duas latas de comida horrível, distribuídas por entediados garotos do quarto ano que já haviam ficado cínicos.

— Cara, não tente me enganar — estava dizendo um deles enquanto mandava uma garota embora. — Você esteve aqui há duas horas pegando comida. Não pode só trocar de roupa e querer me enrolar.

Outros não estavam ali para pegar comida, e sim eletricidade. A mercearia ficava na estrada, fora da cidade propriamente dita. Ob-viamente ainda tinha eletricidade, porque tinham sido esticadas ex-tensões pela porta da frente, com tomadas múltiplas. Havia crianças enfileiradas carregando iPods, lanternas recarregáveis e laptops.

Bug contaria a Caine sobre a eletricidade na loja. Isso lhe garantiria alguns pontos. Caine faria Jack dar um jeito de cortá-la.

O fato de a eletricidade ainda estar funcionando significava que a porta automática também funcionava. Bug precisava ter cuidado e entrar junto com outra pessoa.

A loja era um lugar fantasmagórico. A seção de legumes e frutas, a primeira coisa que ele viu, estava vazia. A maior parte dos produtos apodrecidos tinha sido levada para fora, mas eles não tinham feito um serviço completo. Uma abóbora grande estava tão podre que tinha sido reduzida a uma mancha líquida. Havia palha de milho espalhada, cascas de cebola e, no piso, uma gosma cinza pegajosa que era o resíduo do esforço de limpeza.

A seção de carnes fedia, mesmo tendo sido esvaziada.

As prateleiras eram hectares de vazio. Toda a comida que restava estava reunida num único corredor, no meio da loja.

Tendo o cuidado de não esbarrar em ninguém da cerca de meia dúzia de trabalhadores, Bug andou pelo corredor.

Vidros de molho. Pacotes de mistura para tempero em pó. Vidros de pimentões e cebola em conserva. Adoçante artificial. Caldo de marisco. Chucrute em lata. Feijão-manteiga.

Numa seção separada, com um guarda próprio, havia uma prateleira ligeiramente mais convidativa. Uma placa dizia “Só para a creche”. Ali estavam caixas de aveia, latas de leite condensado, batata cozida e latas de suco V8, se bem que não muitas.

As coisas estavam ruins em Praia Perdida, refletiu Bug. Os dias de balas e salgadinhos haviam passado mesmo. Nem mesmo uma bolacha salgada à vista, quanto mais um biscoito doce. Ele tivera muita sorte em pegar aquele punhado de confeitos de hortelã em sua missão de espionagem na usina.

Tinha sido sorte. E agora Bug teve mais um pouco de sorte. Foi puramente por acaso que descobriu o segredo da mercearia. Tinha se desviado para evitar dois garotos e acabou se encolhendo na frente da porta de vaivém que levava ao depósito. Um balanço da porta revelou dois garotos cuidando de uma banheira de plástico cheia de gelo.

Bug não poderia entrar no depósito sem empurrar a porta e se arriscar a ser descoberto. Mas achou que valeria a pena: qualquer coisa que outra pessoa quisesse esconder era algo que Bug queria descobrir.

Respirou fundo, pronto para correr, se necessário. Empurrou a porta de vaivém e passou. Os garotos com a banheira haviam sumido. Mas ele ouviu movimento atrás de uma parede de caixas de papelão onde estava escrito “copos de plástico”.

Ali era a área de trabalho que fora dos açougueiros. Agora quatro garotos, com aventais de borracha que se arrastavam no chão, estavam segurando facas.

Estavam cortando peixe.

Bug ficou parado olhando, sem acreditar no que via. Alguns peixes eram grandes — talvez com um metro —, prateados e cinza, com entranhas brancas e rosadas. Outros eram menores, marrons, chatos. Um dos peixes era tão feio que Bug achou que devia ser deformado. E dois dos peixes não pareciam peixes, e sim pássaros azuis encharcados, sem penas, ou talvez morcegos.

Os garotos com avental conversavam animados — como pessoas que comessem bem, pensou Bug com amargura — enquanto abriam os peixes e, com muitos gritos de “Eca, isso é nojento”, jogavam as tripas em grandes banheiras de plástico.

Em seguida outros pegavam o peixe limpo, cortavam a cabeça e o rabo e raspavam as escamas embaixo da água corrente.

Bug odiava peixe. Odiava de verdade. Mas daria qualquer coisa, faria qualquer coisa, para ter um prato cheio de peixe frito. Ketchup ajudaria, mas mesmo sem isso, mesmo sabendo que talvez nunca mais visse ketchup de novo, a ideia de um grande prato com qualquer coisa quente parecia maravilhosa.

Sentiu que ia desmaiar. Peixe! Frito, cozido, preparado no micro-ondas, não importava.

Avaliou as opções. Poderia pegar um peixe e correr. Mas, mesmo que as pessoas não o vissem com facilidade, certamente poderiam ver um peixe voando pela loja e saindo pela porta. E os garotos que estavam na porta e no telhado provavelmente não eram bons atiradores, mas não precisavam ser, quando disparavam com metralhadoras.

Podia tentar esconder um peixe na calça ou embaixo da camisa. Mas isso presumindo que os garotos com as facas de estripar fossem lentos em reagir.

Um garoto que Bug reconheceu entrou: Quinn. Um dos amigos de Sam, se bem que, num determinado ponto, estivera com Caine.

— Ei, pessoal — disse Quinn. — Como vai isso aí?

— Estamos quase acabando — respondeu um deles.

— O dia foi bom, hein? — comentou Quinn. Havia um óbvio orgulho em sua voz. — Vocês todos comeram alguma coisa?

— Foi, tipo, a coisa mais deliciosa que comi na vida inteira — disse uma garota com fervor. Quase engasgou de emoção. — Antes eu nem gostava de peixe.

Quinn deu-lhe um tapinha no ombro.

— É incrível o tipo de coisa que fica gostosa quando a gente está com fome.

— Posso levar um pouco pro meu irmãozinho?

Quinn pareceu sofrer.

— O Albert disse que não. Sei que parece muito peixe, mas não renderia nem uma mordida para cada pessoa do LGAR. Vamos esperar até congelar mais um pouco. E...

— E o quê?

Quinn deu de ombros.

— Nada. Albert está trabalhando num projeto. Quando ele estiver pronto, vamos dizer a todo mundo que temos um pouco de peixe.

— Mas você vai pegar mais, não é?

— Não estou contando com nada. Mas escutem, pessoal, vocês sabem que têm de manter segredo, certo? Albert disse que, se alguém contar sobre isso, vai perder o emprego.

Os quatro assentiram vigorosamente. O preço da desobediência era perder acesso ao peixe frito. Isso bastaria para fazer a maior parte do pessoal obedecer.

Um dos garotos olhou em volta, como se estivesse com suspeitas. Olhou direto para Bug, mas o olhar passou por cima dele. Como se sentisse alguma coisa mas não pudesse identificar.

A fome era terrível. Já era ruim quando Bug só esperava conseguir uma lata de beterraba. Mas a mera existência de peixe fresco... ele estava imaginando o cheiro. Estava louco, babando, com o estômago...

— Se você me der um pouco de peixe, eu conto um segredo — disse de repente.

Quinn pulou uns 30 centímetros.

Bug desligou a camuflagem.

Quinn pegou uma faca e gritou:

— Guardas! Guardas, aqui!

Bug levantou as mãos, mostrando que não tinha arma.

— Só estou com fome. Só estou com fome.

— Como você entrou aqui?

— Quero um pouco de peixe. Me dá um pouco de peixe — implorou Bug. — Eu conto tudo. Conto o que o Caine está fazendo. Estou com fome demais.

Quinn parecia profundamente desconfortável. Até mesmo nervoso. Dois garotos armados entraram correndo. Olharam para Quinn em busca de orientação e apontaram as armas sem convicção de verdade.

— Ah, cara — disse Quinn. — Ah, cara.

— Só quero comer — insistiu Bug. E começou a chorar. A soluçar como um bebê. — Quero um pouco de peixe.

— Preciso levar você ao Sam — disse Quinn. Não parecia muito feliz com a ideia.

Bug caiu de joelhos.

— Peixe — implorou.

— Dê um pedaço a ele — disse Quinn, tomando a decisão. — Só uma mordida. Um de vocês vá chamar Sam e Astrid. Eles podem decidir se dão mais comida a esse babaquinha.

Um dos guardas partiu.

Quinn olhou para Bug, que chorava.

— Cara, você escolheu uma hora ruim para trocar de lado.

A prancha de surfe continuava encostada na máquina de lavar, cômodo minúsculo ao lado da cozinha. Uma Channel Island MBM.

Sam queria tocá-la, mas não conseguia se obrigar a isso. Era tu: que ele havia perdido no LGAR.

A roupa de neoprene estava pendurada num gancho. A lata de cer na prateleira

precária, ao lado do detergente e do amaciante de tecido

A bola de luz continuava em seu quarto. Ainda flutuava no ar, do lado de fora do armário.

Fazia muito tempo que não voltava à casa antiga. Tinha esqueci que a luz estaria ali.

Estranho.

Passou a mão por ela. Praticamente nenhuma sensação.

Lembrou-se de quando havia acontecido pela primeira vez. Estava com medo do escuro. Na época. Quando ele era Sam Temple, um garoto, um garoto comum que só queria surfar.

Não. Isso também não era verdade. Ele já havia deixado de ser um garoto comum. Já havia sido Sam Onibus Escolar, o cara do sétimo ano com raciocínio rápido que tinha segurado o volante quando o motorista do ônibus teve um ataque cardíaco.

Ele havia sido isso.

E havia sido o garoto que pirou de vez, sem entender que a discussão entre sua mãe e seu padrasto não era grande coisa. Tinha pensado que o padrasto iria bater na mãe.

Assim, quando, em pânico, Sam criou a luz que não morria, já havia sido Sam Onibus Escolar e a pessoa que tinha queimado totalmente a mão de um adulto.

Não era um adolescente qualquer.

Odiava essa casa e odiava esse quarto. Por que tinha vindo aqui?

Porque todo mundo sabia que ele odiava o lugar, por isso ninguém viria procurá-lo ali. Iriam procurar em toda parte e não achariam.

As coisas que tinha nesse quarto — as roupas, os livros, os velhos cadernos da escola, as fotos que havia tirado uma vez com uma máquina à prova d'água enquanto surfava — nada disso significava coisa alguma para ele. Eram coisas de outro garoto, e não suas. Não mais.

Sentou-se na beira da cama, sentindo-se intruso. Uma sensação estranha, já que este era o único lugar onde havia ficado nos últimos três meses e que ele poderia dizer que era realmente seu.

Olhou a bola de luz.

— Desligue — disse.

A bola não reagiu.

Sam levantou as palmas das mãos, apontou para a luz e pensou na palavra: Escuro.

A luz desapareceu.

O quarto foi mergulhado na escuridão. Tão escuro que ele não podia ver a própria mão diante do rosto. Por toda a cidade crianças estavam sentadas no escuro, assim. Achava que poderia sair criando pequenas bolas de luz em cada casa da cidade. Sam, o eletricista.

Não tinha mais medo do escuro. Essa percepção surpreendeu-o. A escuridão quase parecia aconchegante. Segura. Ninguém podia vê-lo no escuro. Havia uma lista em sua cabeça, uma lista que ficava rolando e rolando. Palavras e frases. Uma depois da outra. Cada qual representando uma coisa que ele deveria estar fazendo.

Ezecas. Caine e a usina nuclear. O Pequeno Pete e seus monstros. Comida. Zil e Hunter. Lana e... sei lá o quê. Água. Jack. Albert.

Essas eram as manchetes. Zumbindo ao redor dessas coisas grandes havia milhares de coisas menores, como um ninho de vespas. Crianças brigando. Cães e gatos. Janelas quebradas. Capim. Gasolina que precisava ser racionada. Lixo amontoando. Banheiros entupidos. Dentes precisando ser escovados. Crianças bebendo. Hora de ir para a cama. Maria vomitando. Cigarro e maconha.

Coisas a fazer. Decisões a tomar.

Ninguém prestando atenção.

E Astrid?

E Quinn?

E que tal crianças falando mais abertamente sobre saltar fora quando os Grandes Quinze Anos chegarem?

E girando, girando e girando em sua cabeça.

Sentou-se no escuro, na extremidade da cama. Queria chorar. Era o que queria. Mas ninguém viria lhe dar um tapinha no ombro e dizer que tudo iria ficar bem.

Não havia ninguém. E as coisas não melhorariam.

Tudo estava desmoronando.

Imaginou-se diante de um tribunal. Rostos de pedra olhando-o furiosos. Acusações. Você deixou que eles passassem fome, Sam. Deixou que os normais se virassem contra as aberrações.

Fale sobre a morte de E.Z., Sr. Temple.

Diga o que fez para salvar as crianças na usina nuclear.

Diga como fracassou em conseguir um modo de sair do LGAR.

Diga por que, quando o muro do LGAR caiu, encontramos crianças mortas no escuro.

Elas estavam reduzidos a comer ratos, Sr. Temple.

Temos prova de canibalismo.

Explique, Sr. Temple.

Sam ouviu passos fracos na sala de estar. Claro. Havia uma pessoa que saberia onde ele estava escondido.

A porta do quarto se abriu guinchando. Uma lanterna encontrou seu rosto. Ele fechou os olhos para bloquear a luz.

A lanterna se desligou. Sem uma palavra, ela veio e sentou-se ao lado dele.

Por um tempo enorme nenhum dos dois falou. Ficaram lado a lado. A perna dela encostada na dele.

— Estou com pena de mim — disse ele finalmente.

— Por quê?

Ele demorou alguns instantes para perceber que ela estava brincando. Ela conhecia a lista que estava em sua cabeça tanto quanto ele.

— Qualquer que seja a coisa tremendamente importante que você veio me contar — disse ele. — Não conte, certo? Tenho certeza que é absolutamente de vida ou morte. Mas não conte.

Sam pôde sentir a hesitação dela. Com o coração encolhido percebeu que havia adivinhado corretamente. Havia alguma crise nova. Alguma coisa nova que exigia absolutamente a atenção de Sam Temple, sua decisão, sua liderança.

Ele não se importava.

Astrid ficou quieta. Por tempo demais. Mas parecia estar balançando para trás e para a frente, só um pouquinho. E ele quase pensou que a ouviu sussurrar.

— O que você está fazendo? — perguntou.

— Rezando.

— Por quê?

— Por um milagre. Uma pista. Comida.

Sam suspirou.

— Que comida?

— Um sanduíche gigante. Peru, bacon e guacamole.

— É? Se Deus lhe der um sanduichão eu posso dar uma mordida?

— De jeito nenhum. Você vai ter de rezar pela sua própria comida.

— Trezentas crianças estão rezando por comida. No entanto não temos comida. Trezentas crianças rezando pelos pais. Rezando para que tudo isso acabe.

— É. Às vezes é difícil ter fé.

— Se existe um Deus, imagino se está sentado no escuro, na beira da cama dele, imaginando como conseguiu ferrar com tudo.

— Talvez — disse Astrid com um pouquinho de riso.

Sam não estava com clima para rir.

— É? Bem, que o seu Deus vá para o inferno.

Ouviu uma respiração brusca. Isso o gratificou. Ótimo. Que ela ficasse chocada. Que ficasse tão chocada a ponto de ir embora e deixá-lo sentado sozinho no escuro.

Nenhum dos dois falou durante muito tempo. Então Astrid se levantou, cortando o pequeno contato físico entre os dois.

— Você não quer ouvir isso — disse Astrid — mas eles não puderam achá-lo, por isso me acharam. E agora achei você.

— Realmente não me importo — avisou Sam.

Mas Astrid não quis parar.

— Bug passou para o nosso lado. Estava numa missão para o Caine. Eles têm uma aberração que consegue ver sonhos, e Caine queria que o Bug fosse pegá-la, levá-la até uma mina na montanha. Até um tal monstro.

— É? — perguntou Sam. Não como se estivesse se importando. Como se só estivesse sendo educado.

— E o Cookie apareceu. Teve de andar todo o caminho de volta até a cidade. Andou durante a noite. Tinha um bilhete de Lana.

Nada. Sam não tinha nada a dizer.

Astrid sentou-se em silêncio durante um tempo e acrescentou:

— Bug disse que chamam a coisa de gaiáfago. Lana chama de Escuridão.

Sam cobriu o rosto com as mãos.

— Não me importo, Astrid. Cuide disso você. Reze a Jesus e talvez Ele cuide disso.

— Sabe, Sam, eu nunca achei que você fosse perfeito. Sei que é estourado. Mas nunca soube que você fosse mau.

— Eu sou mau? — ele riu com amargura.

— Mau. É, isso foi maldade.

As vozes dos dois estavam subindo rapidamente.

— Eu sou mau? É a pior acusação que você pode fazer contra mim?

— É mau e tem pena de si mesmo. Isso torna a coisa melhor?

— E o que você é, Astrid? — gritou ele. — Uma presunçosa metida a saber tudo! Você aponta o dedo para mim e diz: “Ei, Sam, tome as decisões e aguarde todo o tranco.”

— Ah, a culpa é minha? De jeito nenhum. Eu não nomeei você.

— Nomeou sim, Astrid. Você usou minha culpa para me colocar nisso. Acha que não sei o que você faz? Você me usou para proteger o Pequeno Pete. Me usa para conseguir o que quer. Me manipula sempre que sente vontade.

— Você é mesmo um babaca, sabe disso?

— Não, eu não sou um babaca, Astrid. Sabe o que eu sou? Sou o cara que está fazendo as pessoas serem mortas — disse Sam baixinho.

E depois:

— Minha cabeça eá tá explodindo com isso. Não consigo fazer meu cérebro se desligar. Não consigo. Não posso ser aquele cara, Astrid, eu sou um garoto, deveria

estar estudando álgebra ou sei lá o quê. Deveria estar curtindo. Deveria estar vendo TV.

Sua voz subiu, cada vez mais alta, até ele estar gritando.

— O que você quer de mim? Não sou o pai do Pequeno Pete. Não sou o pai de todo mundo. Você já parou para pensar no que as pessoas estão me pedindo? Sabe o que elas querem que eu faça? Sabe? Querem que eu mate meu irmão para que as luzes voltem. Querem que eu mate crianças! Que mate o Drake. Que mate Diana. Que faça corrixque nossas crianças sejam mortas. É o que elas pedem. Por que não, Sam? Por que não está fazendo o que tem de fazer, Sam? Diga às crianças para serem comidas vivas pelas ezecas, Sam. Diga ao Edilio para cavar mais buracos na praça, Sam.

Ele havia passado dos gritos aos soluços.

— Eu tenho 15 anos. Quinze anos.

Sentou-se com força na beira da cama. — Ah, meu Deus, Astrid. Todas essas coisas estão na minha cabeça. Não consigo me livrar delas. É como se um animal imundo estivesse dentro da minha cabeça e eu nunca, nunca vou me livrar dele. Isso me faz sentir muito mal. É nojento. Quero vomitar. Quero morrer. Quero que alguém me dê um tiro na cabeça para eu não ter de pensar em tudo.

Astrid estava ao lado dele, envolvendo-o com os braços. Ele sentiu vergonha, mas não conseguia impedir as lágrimas. Estava soluçando como quando era pequenino, igual a quando tinha pesadelos. Fora controle. Soluçando.

Gradualmente os espasmos foram diminuindo. Depois pararam. A respiração passou de entrecortada a regular.

— Fico realmente feliz porque as luzes não estão funcionando disse Sam. — Já foi bem ruim você ter de ouvir. Estou caindo aos pedaços.

Astrid não respondeu, só continuou abraçando-o. E depois do que pareceu um tempo muito longo, Sam se afastou dela, colocando gentilmente distância entre os dois outra vez.

— Escuta. Você nunca vai contar a ninguém...

— Não. Mas, Sam...

— Por favor, não diga que está tudo bem. Não seja mais legal comigo. Nem diga que me ama. Estou a um milímetro de desmoronar de novo.

— Certo.

Sam deu um suspiro enorme. Em seguida outro. Depois:

— Certo. Certo. Conte o que está na carta da Lana.

TRINTA E TRÊS | 07 HORAS E 58 MINUTOS

HUNTER ESTAVA MAIS faminto do que acharia possível. Estava com fome havia muito tempo, vivendo das coisas gosmentas, sem gosto, que eram distribuídas na mercearia do Ralph. Três latas de gosma por dia. Era como as crianças diziam. Só que às vezes a palavra não era “gosma”, e sim uma coisa pior.

Mas agora estava muito além disso. Agora os dias de três latas de gosma pareciam os bons tempos.

Depois de deixar o Duck ele tinha sido visto e caçado pelos amigos de Zil. Havia escapado por pouco. E para se livrar, tivera de ir na única direção que eles não esperavam: para fora da cidade.

Tinha atravessado a autoestrada. Correndo, com medo, sentindo que era perseguido mesmo quando não era. Sentindo que a qualquer minuto Zil e seus amigos bandidos poderiam pegá-lo. E então... não queria pensar muito no que veio em seguida.

Parecia louco demais. Impossível. Zil nunca tinha sido seu melhor amigo nem nada, mas eles tinham dividido uma casa. Tinham sido colegas. Não íntimos, mas colegas. Caras que ficavam juntos, assistiam a um jogo ou espiavam garotas, ou qualquer coisa. Zil, ele, Harry e...

E, claro, esse era o problema: Harry. Não tivera intenção de machucar Harry. Na verdade não era sua culpa. Era?

Era?

Hunter havia atravessado a autoestrada, e isso foi como a fronteira de alguma coisa. Como se estivesse passando de um país para outro. Praia Perdida de um lado, outra coisa do outro.

A princípio pensou em ir à Coates. Mas a Coates não era resposta a nenhuma pergunta em que Hunter pudesse pensar. A Coates significava Drake, Caine e aquela bruxa enganadora, Diana. Principalmen Drake. Hunter tinha visto Drake na Batalha do Dia de Ação de Graças. Na época Hunter nem sabia que estava desenvolvendo poderes. Era um espectador, na maior parte atrapalhando os caras que brigavam de verdade. Parado ali, olhando com terror puro, arregalado, enquanto Sam lançava jatos enormes de energia com as mãos e Caine pegava coisas e pessoas e jogava

longe.

E os coiotes. Também faziam parte disso.

Mas era Drake que havia assombrado os pesadelos de Huntteei Mão de Chicote, era como ele se chamava, e esse era um nome ber exato. Mas não era a mão de chicote que aterrorizava Hunter. Era aí violência pura, insana, do garoto. A loucura.

Não. A Coates, não. Não poderia ir para lá.

Não podia ir a lugar nenhum.

Tinha passado o resto da noite escondido numa casa abandonada na encosta dos morros.

Mas não dormiu bem. O medo e a fome tornavam impossível dormir.

Bom, disse Hunter a si mesmo, se ainda estivesse tão desesperado depois de dois dias, tinha uma solução. Não era uma boa solução, mas era uma solução. Em dois dias Hunter faria 15 anos. Quinze era o puf, o grande salto para fora. Adeus, LGAR.

Tinha ouvido tudo sobre como sobreviver. Como ficar no LGAR, lutar contra a tentação. Mas também tinha ouvido dizer que ultimamente um número cada vez maior de crianças dizia: esquece: quando fizer 15 anos salto fora daqui.

Diziam que, no momento do puf, você era tentado com a coisa que mais queria. Pela pessoa de quem você mais sentia falta. Se você conseguisse rejeitar essa tentação, ficava no LGAR. Se desistisse... bom, essa era a coisa. Ninguém sabia o que acontecia se você aceitasse.

Hunter sabia o que iria tentá-lo a aceitar. Um cheeseburger. Ou uma fatia de pizza. Doce, não; nada de doce. Não mais. Agora tinha a ver com gostosura carnuda.

Se algum demônio viesse a ele com um prato de costeletas, Hunter não tinha dúvidas sérias de que aceitaria, independentemente das consequências.

Trocaria sua vida por sanduíche Duplo-Duplo da In-N-Out. A única hesitação na mente era se o demônio iria deixá-lo comer ou se simplesmente iria arrancá-lo para a não existência, ainda faminto.

Hunter se escondeu na casa durante toda a noite e até boa parte da manhã, com medo de sair. Mas, não importando o quanto procurasse, não achou nada para comer. Nada. A casa tinha sido completamente limpa. Todos os armários estavam abertos, a geladeira aberta, com todos os sinais de que os coletores de Albert haviam passado por ali.

Nada. Para. Comer.

Ficou vazio, impotente, na sala de estar. Olhou para o quintal dos fundos e pensou na grama e nas ervas daninhas. Ervas daninhas eram plantas, afinal de contas. Os animais as comiam. Pelo menos elas encheriam o estômago.

Grama e ervas daninhas. Fervidas. Poderia fazer isso.

Então viu o cervo.

Era uma corça. Superalerta, com um rosto que conseguia ser ao mesmo tempo bonito e idiota. A corça piscou seus grandes olhos pretos.

Uma corça. Do tamanho de um bezerro.

Hunter estava indo para a porta dos fundos antes mesmo de pensar no que estava fazendo ou por quê.

Moveu-se rapidamente. Abriu a porta da varanda dos fundos. A corça, espantada, partiu numa corrida de saltos. Hunter levantou as mãos e pensou: Queime.

A corça não caiu morta. Em vez disso soltou um guincho que Hunter não sabia que um animal daquele podia fazer. Continuou correndo, mas uma perna se arrastava.

Hunter apontou de novo e pensou: Queime.

A corça tropeçou. As patas da frente continuaram se mexendo, mas as de trás estavam imobilizadas. Ela caiu de cara.

Hunter correu até lá. Encontrou a corça ainda viva. Lutando. Ela espiou-o com seus olhos grandes e suaves, e por um momento ele hesitou.

— Desculpe — disse.

Apontou as mãos para a cabeça do bicho. Em segundos ela havia parado de se sacudir. Os olhos escuros ficaram opacos.

Cheirava como um bife na grelha.

Hunter irrompeu em lágrimas. Soluçava violentamente, sem controle. Era como o que tinha feito com Harry. Pobre Harry. E agora esse pobre animal, que também estava com fome.

Não queria comer a corça. Era loucura. Ela estivera viva, mastigando o mato apenas um minuto antes. Viva. Agora estava morta. E não somente morta, mas parcialmente cozida.

Disse a si mesmo que não comeria a corça. Mas ao mesmo tempo em que dizia a si mesmo que não iria, não podia, não devia... estava encontrando a maior faca da cozinha. Orsay Pettijohn não estava mais faminta por sonhos. Estava faminta por comida.

Desde que chegara à Academia Coates mal havia comido o suficiente para ficar viva. A situação era desesperadora. As crianças iam para o mato em volta procurar cogumelos, caçar esquilos e pássaros. Um garoto tinha feito uma armadilha e conseguido pegar um guaxinim. O guaxinim havia mordido o garoto repetidamente, antes de morrer a pancadas com um pedaço de vergalhão.

Uma garota chamada Allison tinha catado uma tigela cheia de cogumelos. Raciocinou que, se os cozinhasse, eles ficariam seguros. Pôs no micro-ondas até que ficassem borrachudos mas perfumados.

Orsay tinha sentido o cheiro dos cogumelos cozinhando e quase ficou louca. Um dos garotos atacou Allison, bateu nela e roubou os cogumelos enquanto Allison chorava e xingava.

Em poucos minutos o garoto estava vomitando. Depois começou a falar feito louco, chorando, gritando para coisas que não estavam ali. Depois de um tempo ficou em silêncio. Ninguém entrou no quarto dele depois disso, para ver se estava morto ou vivo.

Algumas crianças tinham catado capim e mato e fervido. Não ficaram muito enjoadas, só um pouco. Mas também não se saciaram.

O pessoal estava magro. As bochechas fundas. Ainda não pareciam à beira da morte, porque a fome de verdade tinha apenas alguns dias. Mas Orsay tinha consciência de que logo as barrigas iriam inchar e o cabelo ficaria vermelho e áspero, e a letargia mortal e resignada iria se estabelecer. Tinha feito um trabalho escolar sobre fome, uma vez, jamais imaginando que experimentaria algo assim.

Mais e mais crianças faziam piadas sinistras sobre canibalismo.

Orsay estava cada vez menos segura de que não iria acompanhá-las.

A não ser, claro, que ela própria fosse a refeição.

Estava deitada em seu bangalô, no mato, atrás da escola, olhando a velha gravação de um programa que parecia ser de outro planeta. A gravação tinha um comercial de Doritos. Os personagens comiam o tempo todo. Era impossível acreditar que esse mundo já havia sido real.

De repente Orsay percebeu outra pessoa na sala. Não viu nem ouviu. Sentiu o

cheiro.

Ele cheirava a... a peixe. Seu estômago roncou e a boca se encheu d'água.

— Quem está aí? — perguntou apavorada.

Bug apareceu lentamente. Destacou-se do fundo da sala desenhada de Mose.

— O que você quer? — perguntou Orsay, não com medo de verdade de Bug, agora que sabia que era ele. O cheiro, o aroma gordo e luxuriante de peixe deixou-a babando feito um cão faminto.

— Preciso que você faça uma coisa — disse Bug.

— Caine mandou você?

Bug hesitou. Olhou de lado e por alguns segundos se fundiu ao ambiente de novo. Depois reapareceu. Seu rosto estava retorcido numa expressão determinada, muito diferente do normal. Olhou cauteloso por cima do ombro, como se temesse que alguma segunda versão de si mesmo estivesse espreitando, ouvindo.

— Eles têm peixe.

— Estou sentindo o cheiro — gemeu Orsay.

— Eu trouxe um pouco para você.

Orsay achou que ia desmaiar.

— Posso comer?

— Primeiro você precisa prometer que vai fazer o que eu disser.

Orsay tinha consciência de que Bug era um babaquinha. Quem sabia o que ele queria que ela fizesse? Mas também sabia que não iria resistir. Não havia praticamente nada que não fizesse em troca de comida. Peixe seria muito, muito melhor do que o outro tipo de carne em que as crianças estavam pensando.

— O que eu preciso fazer? — perguntou.

— Temos de andar um pouco. Depois você vai ter de fazer a sua coisa. Tem um tipo de... uma criatura, ou sei lá o quê. Eles querem que você veja os sonhos dela. Veja o que ela quer. f

— O peixe — sussurrou Orsay com urgência. — Está aí com você?

Bug tirou um saco plástico ziploc do bolso da jaqueta. Dentro estava o peixe branco, despedaçado, amassado. Orsay pulou para ele, abriu o saco com os dedos

trêmulos e comeu como um animal, enfiando a boca no plástico.

Só parou quando tinha virado o saco pelo avesso e lambido até ficar limpo.

— Você tem mais? — implorou.

— Primeiro faça a sua coisa. Depois vamos voltar para a cidade e falar.

— Vamos fazer isso pelas crianças de Praia Perdida?

Bug fungou.

— Vamos fazer por quem fizer a melhor oferta. No momento os caras do Sam têm um pouco de peixe. Por isso estamos com eles. Mas se o Drake pegar a gente, a gente estava do lado dele o tempo todo. Certo?

— Estou fraca demais para andar muito.

— Só precisamos chegar à autoestrada. Um cara vai estar lá com um carro.

TRINTA E QUATRO | 06 HORAS E 03 MINUTOS

EDILIO DIRIGIA O carro levando Bug — o mutantezinho horripilante — e a garota que ele havia trazido. Não estava feliz por ter de fazer isso. Queria ficar na cidade. O anoitecer poderia trazer problema. E Sam... bom, Sam não estava agindo como Sam.

Sam havia parecido um zumbi ouvindo a confissão de Quinn Albert na noite passada.

E então, de manhã, Bug contou a história dele. Era todo tipo notícia ruim rolando numa confissão envergonhada depois da outr e-Sam simplesmente ficou olhando. Felizmente Astrid interveio.

Sam, Edilio, Brianna, Taylor, Quinn, Albert, Astrid — os sete sala de Astrid, ouvindo Bug alternadamente rastejar e se lamuriar. Então Astrid leu a carta de Lana.

Sam:

Vou tentar matar a Escuridão. Eu explicaria o que isso significa, mas nem eu sei. Só sei que é a coisa mais apavorante que você pode imaginar. Acho que isso não ajuda muito.

Não tive escolha. Ela me prendeu no anzol, Sam. Estava na minha cabeça. Está me chamando há dias. Ela precisa de mim para alguma coisa, não sei o quê. Mas, o que quer que seja, não posso deixar que aconteça.

Espero ficar bem. Se não, cuide do Patrick. Do Cookie também. LANA

— Eu sabia que ela estava tendo problemas — disse Quinn, parecendo culpado. — Mas não fazia ideia disso. Quer dizer, parece que a Lana me usou e usou o Albert para voltar ao deserto.

— Isso seria dar uma reviravolta conveniente na armação de vocês, Quinn — disse Astrid com rispidez.

— Ela me contou sobre o ouro — disse Albert, pensativo, nem um pouco intimidado com a raiva de Astrid. — Era uma sugestão boa. Por isso aceitei de cara. Mas veio dela, originalmente. Talvez o que a gente precise pensar é se a Lana está trabalhando com essa criatura.

— Não — reagiu Quinn.

Todo mundo esperou que ele explicasse. Ele deu de ombros e repetiu:

— Não. — E depois acrescentou: — Não creio.

— Precisamos da Lana — disse Sam, finalmente rompendo o silêncio mal-humorado. — Quase não importa se ela está ajudando essa coisa. Amiga ou inimiga, precisamos da Lana.

— Concordo — respondeu Albert, quase como se a conversa fosse apenas entre ele e Sam, como se só os dois estivessem debatendo o que fazer. Para um cara que fora apanhado violando várias regras, Albert não parecia preocupado demais.

Mas não era para estar, não é?, refletiu Edilio. Ele tinha comida. Agora comida era poder. Nem Astrid estava reagindo de fato a Albert, se bem que obviamente não gostasse muito dele.

— Precisamos saber o que é essa criatura — disse Albert.

Sam olhou para Bug, que recebera a ordem de permanecer visível.

— Qual é o negócio dessa tal de Orsay?

Bug deu de ombros.

— Ela vê os sonhos das pessoas, acho.

— E Caine quer que ela espione a criatura. — Quase contra vontade, Sam estava ficando mais envolvido. Edilio tinha visto as grenagens começando a girar de novo na cabeça do amigo. Era alívio gigantesco. — Se Caine quer, talvez a gente também queira disse Sam, e um a um os outros concordaram. — Albert está certo precisamos saber com que estamos lidando.

E foi assim que Edilio acabara bancando o chofer de Bug e des garota estranha.

— Como você disse que era o seu nome? — perguntou Edilio, fazendo contato visual com ela pelo retrovisor.

— Orsay.

Ela provavelmente não era feia, em circunstâncias normais. Ma no momento parecia aterrorizada. E magra. O cabelo estava toda mente desgrenhado. E, se bem que Edilio não fosse de reclamar, alguém, ou os dois, no banco de trás fedia, e não somente como o peixe de Quinn e Albert.

— De onde você é, Orsay?

— Eu morava no acampamento da guarda florestal. No Stefano Rey.

— Ah. Maneiro.

Eltfmo pareceu que concordava. Depois disse:

— Você tem uma arma.

Edilio olhou a submetralhadora no banco ao lado. Dois pentes cheios chacoalhavam a cada sacudida do carro.

— É.

— Se a gente vir o Drake, você tem de atirar nele.

Edilio concordava bastante. Mas precisou perguntar, assim mesmo:

— Por quê?

— Eu vi os sonhos dele. Vi dentro dele.

Estavam fora da estrada, indo vagamente na direção das montanhas. Tinham achado a cabana do ermitão Jim — Edilio possuía um bom sentido de direção — mas nenhum deles já estivera na tal mina. Só tinham as orientações dadas por Caine a Bug. O sol estava se pondo atrás dos morros, transformando-os num roxo escuro e agourento. A noite viria logo. De jeito nenhum Orsay poderia fazer o que deveria fazer a tempo de voltarem à cidade antes do anoitecer completo.

— O que, exatamente, você deve fazer? — perguntou Edilio.

— Como assim?

— Quer dizer, você é uma aberração, certo? Bug não foi muito claro.

Bug levantou os olhos ao ouvir seu apelido. Depois, como se reagindo a isso, desapareceu.

— Eu vejo sonhos, já falei — disse Orsay, e olhou pela janela.

— É? Você não iria querer ver meus sonhos. São meio chatos.

— Eu sei — respondeu ela.

Isso atraiu toda a atenção de Edilio.

— O quê?

— Faz um tempão. Você, Sam, Quinn e uma garota chamada Astrid. E o outro. Vi vocês caminhando pela floresta.

— Você estava lá, é? — Edilio franziu os lábios, nem um pouco feliz com a ideia de uma garota ver seus sonhos. Tinha dito que seus sonhos eram chatos. Na

maior parte eram. Mas às vezes, bem, às vezes não eram algo que ele queria que uma pessoa estranha visse. Especialmente uma garota.

Remexeu-se no banco.

— Não se preocupe — disse Orsay com um leve sorriso. — Estou acostumada a... você sabe. Tanto faz.

— Ahã — murmurou Edilio.

O jipe pulava e chacoalhava enquanto passavam por um trecho pedregoso. Tinham colocado a capota e abotoado com força. Havia muita poeira e Emilio não confiava em que Bug não pulasse fora e desaparecesse simplesmente.

E além disso havia os coiotes. Edilio estava com um olho atento a eles.

Foram se aproximando dos morros. Ali estava a dobra formada por um contraforte, como Caine havia mostrado no mapa que desenhara para Bug.

Havia uma aparência ruim naquele lugar. As sombras pareciam mais profundas do que deveriam, no meio do dia.

— Não estou louco por isso — disse Edilio a ninguém, especificamente.

— Você tem família? — perguntou Orsay.

A pergunta surpreendeu Edilio. As pessoas evitavam falar sobre família. Ninguém sabia o que havia acontecido com as famílias.

— Claro.

— Quando estou com medo tento pensar no meu pai — explicou ela.

— Eu, não — disse Bug.

— Nem na sua mãe? — perguntou Edilio.

— Não.

— Eu penso na minha mãe. Na minha mente, você sabe, ela é linda. Quer dizer, não sei se ela era... é... na realidade. Certo? Mas aqui — Edilio bateu na cabeça. — Aqui ela é linda. — Ele bateu no peito. — Aqui também.

Rodearam a ponta do contraforte rochoso; e ali, ao sol implacável, revelou-se uma cidade fantasma.

Edilio pisou no freio.

— Parece com o que o Caine contou a você? — perguntou a Bug.

Bug confirmou com a cabeça.

— Certo.

— Caine disse para atravessar a cidade. Passar por uma construção que ainda está de pé. Subir um caminho. Até a entrada da mina.

— Ahã — disse Edilio. Ele sabia o que deveria fazer. Mas não gostava. Nem um pouco. Menos ainda agora, que estava ali. Não era supersticioso, pelo menos não achava que fosse, mas havia alguma coisa muito errada naquela cidade fantasma.

Engrenou o jipe e avançou lentamente, a não mais de 15 quilômetros por hora. A última coisa que queria era ter de pensar num modo de trocar um pneu.

— Não gosto deste lugar — disse Orsay.

— É. Não vamos passar as férias aqui — concordou Edilio.

Atravessaram a cidade.

Passaram pela construção arruinada.

O caminho era estreito, mas o jipe conseguiu subir lentamente.

— Para! — gritou Orsay.

Edilio pisou no freio. Pararam ao lado de um alto afloramento de rocha. Se estivessem num antigo filme de faroeste, pensou Edilio, era ali que a emboscada aconteceria.

Levantou a arma. Era um peso tranquilizador na mão. Verificou se estava engatilhada. Polegar na trava. Dedo descansando na guarda do gatilho, como ensinava aos recrutas.

Prestou atenção, mas não ouviu nada.

— Por que a gente parou? — perguntou Edilio a Orsay... — Está muito perto — sussurrou ela. — Eu...

Edilio se virou no banco.

— O que é?

O que viu chocou-o. Os olhos de Orsay estavam arregalados, a parte branca brilhando e aparecendo a toda volta.

— O que ela tem? — perguntou Bug com voz trêmula.

— Orsay. Você está bem? — perguntou Edilio.

A única resposta foi um gemido tão fantasmagórico que a princípio Edilio não percebeu que vinha dela. Parecia se originar no peito, um som profundo demais para aquela garota frágil. Era algo mais próximo de um rosnado animal.

— A garota pirou — gemeu Bug.

Orsay começou a tremer. Os tremores aumentaram até que ela estava se sacudindo, em espasmos, como se estivesse sendo eletrocutada. A língua se projetava da boca, sufocando-a.

Estava mordendo a língua. Como se tentasse cortá-la com; dentes.

— Ei! — Edilio abriu o porta-luvas e puxou tudo que estava tro, com os dedos frenéticos: chave de fenda, lanterna, um gr: manômetro digital de pneus. Pegou o manômetro e se espremeu sando ao banco de trás. — Agarra ela, segura ela! — gritou a Bug, em vez disso se encolheu para longe.

Edilio agarrou-a pelos cabelos, não havia mais nada que pudesse segurar só com uma das mãos, torceu o punho nos cabelos dela segurar com firmeza, puxou a cabeça dela para a frente e enfiou manômetro de pneu entre os dentes.

As mandíbulas apertaram com força, tanta força que rachara plástico do manômetro. Escorreu sangue da boca, mas os dentes apertavam mais a língua.

— Segura isso na boca dela! — gritou Edilio para Bug.

Bug só ficou olhando, paralisado.

Edilio gritou um palavrão e disse:

— Faça ou eu juro que atiro em você!

Bug saiu do transe e segurou a cabeça de Orsay.

Edilio pôs o jipe em marcha a ré e começou a recuar o mais rápi que podia, descendo o caminho. Notou os coiotes pela primeira quando sentiu um calombo e ouviu um ganido canino de dor.

Com uma das mãos no volante, gritando de medo, Edilio bateu jipe num barranco. Engrenou a primeira, avançou pouco mais de metro para se soltar, moveu o jipe com as engrenagens rangendo marcha a ré de novo enquanto um rosto enorme, rosnando, apar ao seu lado. Dentes de coiote babaram e rasgaram o plástico.

Edilio mirou e atirou. A rajada foi curta, talvez cinco tiros, por' mais do que suficiente para dissolver a cabeça do coiote numa név vermelha.

Desceram chacoalhando pelo caminho, esmagando e pulan Edilio mal conseguia segurar o volante.

E de repente estavam em terreno plano. Ele girou o volante enquanto dois coiotes se lançavam contra a capota de plástico. O impacto dos corpos foi tão grande que empurrou o plástico e acertou o braço de Edilio, arrancando sua mão do volante e deixando-o atordoado.

Mas seu pé estava no acelerador e pisou até o fundo. O jipe foi direto na direção de uma construção. Edilio segurou o volante, pisou no freio, girou com força, derrapou fazendo uma volta em duas rodas e partiu num rugido para longe da cidade fantasma.

Bug ainda estava apertando a cabeça de Orsay. Mas agora ela fazia sons mais razoáveis, aparentemente pedindo para ser liberada.

— Solte-a — ordenou Edilio.

Bug soltou Orsay.

Ela enxugou o sangue com as costas da mão. Edilio encontrou um trapo na bagunça do porta-luvas e entregou a ela.

— Ele me mandou cortar minha língua — ofegou ela finalmente.

— O quê? — reagiu Edilio. — O quê? Quem?

— Ele. A coisa. Disse para eu cortar a língua com os dentes e eu não pude resistir — chorou ela. — Ele não queria que eu pudesse contar a vocês.

— Contar o quê? O quê? — perguntou Edilio, desesperado e con-fuso.

Orsay cuspiu sangue no piso do jipe. Enxugou a boca de novo com o trapo.

— Ele está com fome — disse ela. — Precisa ser alimentado.

— Comendo a gente? — gritou Edilio.

Orsay encarou Bug. Depois chegou a gargalhar.

— Não. Não a gente. Ai. Minha língua.

— O quê? O quê?

Orsay ignorou Bug e falou com Edilio.

— Não temos muito tempo. A comida está chegando. Tem gente trazendo para ele. E quando ele se alimentar vai ficar mais forte, e é então que vai usar ela.

— Usar quem? — perguntou Edilio, sabendo a resposta antes mesmo de perguntar.

— Não sei o nome dela. A garota. A que tem o toque da cura. Ele pode usá-la para dar braços e pernas a ele. Para dar um corpo, acrescentou: — Agora ele está fraco. Mas se conseguir o que quer, ele virar o que ele quer virar... vocês nunca vão conseguir fazer que ele pare. — Com fome no escuro — disse o Pequeno Pete.

Estava deitado entre as cobertas, mas os olhos brilhavam.

— Eu sei, Petey. Todos nós estamos com fome. Mas não está curo de verdade — disse Astrid, cansada. — Dudu-dormir. Hora cochilar.

Tinha sido uma noite e uma manhã muito longas. Astrid queria que Pete tirasse um cochilo para que ela também pudesse dormir pouco. Mal conseguia manter a cabeça levantada. Estava quente casa, com a eletricidade desligada e o ar condicionado morto. Que e abafado.

Tinha ficado muito abalada com o desmoronamento de Sam. Porém mais ainda, estava com medo. Sam era tudo que realmente ha entre a relativa decência de Praia Perdida e a psicopatia violenta Caine, Drake e Diana.

Sam era tudo que protegia o Pequeno Pete e a própria Astrid.

Mas ele estava desmoronando. Era SEPT, achava ela, síndrome estresse pós-traumático. O que os soldados tinham depois de pa tempo demais em combate.

Todo mundo no LGAR provavelmente tinha isso, em algum nível. Porém ninguém mais havia estado no meio de todos os confrontos violentos, de cada horror novo, e além disso estivera esmagado todos os detalhes intermináveis, intermináveis. Não houvera desc so para Sam. Nenhuma folga.

Lembrou-se de Quinn rindo, dizendo que Sam nunca dançava. Ela o amava, mas era verdade que Sam era péssimo em relaxar. Bom, se tivesse uma chance, ela teria de ajudá-lo a descobrir um modo.

— Ele está com medo — disse o Pequeno Pete. — Quem? — Nestor. Nestor era a boneca russa que Sam havia esmagado sem querer. — Sinto muito porque o Nestor quebrou. Dorme, Petey.

Ela se curvou para beijá-lo na testa. Claro que ele não reagiu. Não a abraçou nem pediu que lesse uma história nem disse: “Ei, obrigado por cuidar de mim, irmã.”

Quando falava, era somente sobre as coisas que estavam na sua cabeça. O mundo do lado de fora significava pouco ou nada para ele. Isso incluía Astrid. — Te amo, Petey — disse ela. — Ele está com ela — disse o Pequeno Pete.

Ela já havia saído da porta quando essa última afirmação se registrou em seu pensamento. — O quê? Os olhos de Pete se fecharam.

— Petey. Petey.—Astrid sentou-se ao lado dele e pôs a mão em sua bochecha. — Petey... Nestor está falando com você? — Ele gosta dos meus monstros.

— Petey. O... — Ela mal sabia como fazer a pergunta. Seu cérebro estava frito. Estava para lá de exausta. Deitou-se ao lado do irmão e aninhou-se ao lado de seu corpo indiferente. — Conte, Petey. Me conte sobre o Nestor.

Mas o Pequeno Pete já estava dormindo. E, em segundos, Astrid também. Foi no sono que ela começou a juntar as peças do quebra-cabeça.

TRINTA E CINCO | 02 HORAS E 53 MINUTOS

VINTE E UMA horas sem comer. Nem uma mordida.

Nenhuma probabilidade de comida aparecer de repente.

O estômago de Jack não rosnava nem resmungava mais. Tinha câibras. As dores vinham em ondas. Cada dor durava cerca de um minuto e se estendia durante uma hora. Depois havia uma folga de uma hora, às vezes uma hora e meia. Mas quando a dor voltava, era pior do que antes. E durava mais.

Tinha começado de verdade depois de umas doze horas. Ele estivera com fome antes, durante muito, muito tempo, mas isso era diferente. Não era seu corpo dizendo: “Ei, vamos comer.” Era seu corpo dizendo: “Faça alguma coisa: estamos morrendo de fome.”

Uma nova rodada de dores estava começando. Jack estava morrendo de medo. Não era bom com dores. E essa dor era pior, de algum modo, do que a da perna. Aquela dor era por fora. Esta era por dentro.

—Já descobriu? — perguntou Caine. — Já sacou, Jack?

Jack hesitou. Se dissesse que sim, a próxima rodada do pesadelo começaria.

Se dissesse que não, eles ficariam ali sentados, sentados e sentados até que todos morressem de fome. Não queria dizer sim. Sabia agora o que Caine planejava. Não queria dizer sim.

— Posso fazer — respondeu Jack.

— Pode fazer agora?

— Posso tirar uma única haste de combustível da pilha — disse Jack. Caine encarou-o. Quase como se essa não fosse a resposta que desejava.

— Certo — disse baixinho.

— Mas preciso começar baixando as hastes de controle até o final. Isso vai parar a reação, o que significa cortar toda a eletricidade.

Caine assentiu.

Diana disse:

— Quer dizer, não vai haver mais eletricidade para ninguém. Não só para Praia Perdida.

— A não ser que alguém religue o reator — disse Jack.

— É — respondeu Caine, mas distraído, como se sua cabeça esti-vesse em outro lugar.

— Eu posso tirar uma haste. Ela tem quatro metros de comprimento. Na verdade contém pastilhas de urânio 235. É como uma lata muito comprida e fina cheia de pedrinhas. É extremamente radioativa.

— Então seu plano é matar todos nós? — perguntou Diana.

— Não. Existem invólucros forrados de chumbo que eles usam para carregar as hastes. Não são totalmente eficazes, mas devem nos proteger pelo tempo que precisamos. A não ser...

— A não ser? — perguntou Caine.

— A não ser que o invólucro seja danificado. Por exemplo, se você deixar cair.

— Então o que acontece? — perguntou Diana.

— Então vamos receber doses maciças de radiação. Ela é invisível, mas é como alguém disparando bolas pequeninas na gente. Abrem milhões de buraquinhos minúsculos no corpo. A gente adoece. O cabelo cai. A gente vomita. Incha. Morre.

Ninguém disse nada.

— Então não vamos deixar cair — disse Drake finalmente.

— É. Vamos carregar por quilômetros e não vamos deixar cair — observou Diana. — Enquanto Sam, Dekka e Brianna vêm atrás de nós. Não vejo como isso seria problema.

— Quanto mais perto você estiver — disse Jack — mais mortal é. De modo que, se estiver a menos de um metro, vai morrer bem depressa. Se estiver mais longe, morre devagar. Se estiver suficiente-mente longe, talvez não morra até desenvolver um câncer. E se estiver mais longe ainda, vai estar seguro.

— Escolho o mais longe ainda — disse Diana secamente.

— Quanto tempo para estar pronto? — perguntou Caine.

— Trinta minutos.

— É bem tarde, vamos esperar escurecer — disse Caine. — Como vamos sair?

Jack deu de ombros.

— Tem uma área de carga atrás do reator.

Caine se deixou afundar numa cadeira. Roeu violentamente uma unha. Drake ficou olhando, sem qualquer tentativa de disfarçar o desprezo.

— Certo — disse Caine finalmente. — Jack, prepare tudo. Drake, vamos precisar de uma distração. Atraia a atenção de Sam para a frente. Depois venha até nós.

— Vamos só pegar um caminhão — sugeriu Drake.

— Não podemos ir pela estrada do litoral. Eles vão ver logo — disse Caine. — Temos de ir pelo interior. Existem trilhas que sobem os morros. Vamos achar um caminho até a autoestrada. Vamos atravessar. Depois pegamos um veículo e vamos para o deserto.

— Por que a gente deveria sair se escondendo? — perguntou Drake. — A gente tem o urânio, certo? Quem vai mexer com a gente? Quem vai correr o risco de que a gente deixe ele cair?

— Deixe eu perguntar uma coisa, Drake — disse Caine. — Se você fosse o Sam e visse eu, você, Diana e Jack juntos andando pela estrada do litoral, e visse que eu estava carregando um negócio grande, perigoso e radioativo, o que faria?

Drake franziu a testa.

— Ah, olhem: o Drake está tentando pensar — disse Diana.

— É por isso que eu estou no comando e você não, Drake. Deixe-me explicar em termos que você possa entender. Se eu fosse o Sam, e visse nós quatro, e achasse que não poderia ir atrás de nós... — Caine levantou os quatro dedos. Subtraiu-os um a um. Deixou o do meio levantado.

— Ele pega o resto de nós — disse Drake. Em seguida trincou os dentes e seus olhos chamejaram com fúria contida.

— Portanto, se vocês três quiserem simplesmente sair por aí todos metidos a corajosos, avisem — continuou Caine, enfrentando o olhar furioso de Drake com seu próprio olhar de fúria. Depois se inclinou para perto de Drake, quase abraçando-o. Levou a boca até o ouvido dele e sussurrou: — Não comece a pensar que pode me derrubar, Drake. Você é útil para mim. No minuto em que eu começar a achar que não é mais...

Ele sorriu, deu um tapinha na bochecha magra de Drake, e com uma lembrança

de seu antigo jeito insolente, disse:

—Vamos reembalar as cartas. Sam acha que tem todos os trunfos. Mas vamos mudar tudo.

— Vamos alimentar o monstro que está com as garras cravadas na sua cabeça — disse Diana friamente. — Não tente enfeitar a coisa. Vamos alimentar vim monstro e esperar que ele demonstre gratidão soltando sua coleira.

— Corta essa, Diana — reagiu Caine. A violência havia sumido.

Diana olhou para ver se Drake estava fora do alcance da audição.

— Bug não vai voltar. Você sabe.

Caine roeu o polegar. Jack teve o pensamento inquietante de que podia estar com fome suficiente para comer o próprio dedo.

— Você não sabe — disse Caine. — Ele pode ter tido dificuldade para encontrar Orsay. Ele não iria se virar contra mim.

— Ninguém é leal a você, Caine. Drake está doido para derrubar você. Ninguém na Coates está correndo para pagar sua fiança. Você só tem uma pessoa que se importa de verdade.

— Você?

Diana não respondeu.

— Sei que ele está dominando você, Caine. Já vi isso. Mas aquele seu monstro também não é leal a você. Ele vai usar você e depois jogar fora. Ele vai ser tudo e você vai ser nada. — A maior parte do que tenho a dizer é especulação — disse Astrid.

Sam, Astrid, Edilio — quase desde o início eles haviam formado uma equipe. Tinham lutado contra Orc quando ele se chamava de Capitão Orc e tentava dominar o LGAR. Tinham lutado contra Caine e Líder da Matilha. Tinham aprendido a sobreviver ao Grande Quinze Anos.

Agora a imagem de algo muito mais terrível estava ficando clara.

— Pelo que Edilio disse, pelo que a carta de Lana dizia, pelo que ficamos sabendo da história de Drake contada por Lana, e todas as coisinhas que juntamos.

Olhou para o Pequeno Pete, que estava sentado numa cadeira perto da janela, olhando para o sol que baixava devagar e assentindo mecanicamente.

— E pelo que pude deduzir a partir do meu irmão. Alguma coisa... talvez

algum tipo de humano mutante, aberração. Talvez um animal mutante... talvez uma coisa totalmente diferente que não entendemos... está no túnel daquela mina.

— Essa coisa, esse gaiáfago — disse Sam —, tem a capacidade de estender o alcance, de mente para mente, e influenciar pessoas. Talvez: especialmente pessoas com quem teve contato. Tipo Lana.

— Ou como Orsay — interrompeu Edilio. — Alguém com esse tipo de mente, saca? Tipo, sensitiva, ou sei lá o quê.

Astrid confirmou com a cabeça.

— É. Alguns podem ser mais vulneráveis do que outros. Agora tenho certeza de que ele está em contato com o Pequeno Pete.

— Eles conversam? — perguntou Edilio com ceticismo.

Astrid girou a cabeça, esticando o pescoço à frente, tentando afastar a tensão que havia travado seu maxilar. Sam estava pasmo vendo como ela ainda era linda. Apesar de tudo. Mas também via como ela parecia delicada, magra e frágil. Tinha perdido peso, como todo mundo. Malares mais proeminentes do que antes, olhos vermelhos de exaustão e preocupação. Havia um inchaço na frente da têmpora.

— Não acho que eles conversem, pelo menos como você quis dizer. Mas podem sentir um ao outro. Pete vinha tentando me avisar... eu não entendia.

— Conte a versão curta — disse Sam em voz baixa. — O que você acha.

Astrid assentiu.

— Está certo. Desculpe, eu não... — Sua voz ficou no ar. Mas ela balançou a cabeça vigorosamente e voltou a focalizar. — Certo, é alguma criatura mutante. Origem desconhecida. Tem grande poder de influenciar mentes. Esse poder é maior sobre pessoas que já tiveram contato com a criatura. Como Lana. Drake.

— E possivelmente Caine — acrescentou.

— Acha que o Caine teve um encontro com esse tal gaiáfago? — perguntou Sam.

— Você pediu a versão curta. Por isso vou deixar de fora a epistemiologia,

Sam reconheceu o ardil predileto de Astrid: ofuscar as pessoas com polissílabos. Conseguiu dar um leve sorriso.

— Continue. Deixe de fora a... sei lá o quê.

— De repente — continuou Astrid —, depois de meses de silêncio relativo,

Caine ressurgiu. Sabemos pelo Bug que, antes disso, ele esteve numa espécie de coma, ou delírio. Mas de repente melhorou. E a primeira coisa que fez foi partir para atacar a usina. Ao mesmo tempo Lana começa a sentir o gaiófago chamando-a. E Petey começa a falar sobre alguma coisa com fome no escuro.

— Orsay diz que a coisa espera ser alimentada logo — disse Edilio.

— É. E tem o Duck.

As sobrancelhas de Sam subiram rapidamente.

— Duck? — Ele não havia esperado isso.

— Ninguém prestou muita atenção à história do Duck. Inclusive eu — admitiu Astrid. — Mas ele ficava dizendo que existia uma caverna que reluzia. Tipo com radioatividade. Disse que parecia uma coisa saída dos *Simpsons*.

— E? — instigou Edilio.

— A usina nuclear está no centro do LGAR — disse Astrid. — Sabemos que ela estava entrando numa fase de derretimento quando o Pequeno Pete reagiu criando essa... essa bolha. Mas por que as coisas estavam mudando antes mesmo disso? Como o Pequeno Pete adquiriu esse tipo de poder?

— O acidente há treze anos — disse Sam, percebendo ao mesmo tempo que dizia.

—O acidente. Nós sempre dissemos que foi um meteorito que acertou a usina. Mas talvez não fosse só um meteorito. Talvez tivesse mais alguma coisa.

— Tipo o quê?

— Algumas pessoas teorizam que a vida na Terra surgiu a partir de um organismo simples que chegou aqui num cometa ou meteorito. Então digamos que alguma coisa simples como um vírus estivesse vivo no objeto que acertou a usina nuclear. Vírus mais radiação é igual a mutação.

— Então o gaiófago é isso? — perguntou Sam.

— Por favor, não aja como se eu tivesse acabado de dizer a resposta, certo? — disse Astrid. — Porque estou totalmente chutando. E isso não explica muita coisa, mesmo que seja verdade. É um grande “se”. Um “se” grande de verdade.

— Mas? — instigou Sam.

— Mas talvez essa coisa que esteve vivendo embaixo do chão durante treze anos estivesse vivendo de radiação. Alimentando-se com ela. Pense num vírus que

pôde sobreviver milhares de anos no ambiente do espaço. A única fonte de comida possível seria a radiação dura.

A parte seguinte era difícil para Astrid. Sam podia ver como o lábio dela estremeceu.

— A empresa de eletricidade mentiu: eles não limparam toda a radiação do acidente. Ela estava embaixo dos nossos pés o tempo todo, penetrando na água, sendo absorvida na comida que comemos.

O pai de Astrid havia sido engenheiro da usina. Ela devia estar imaginando se ele sabia sobre a mentira.

— Talvez eles nem soubessem que não tinham tirado tudo — disse Sam. — As pessoas que trabalhavam ali... provavelmente não sabiam.

Astrid assentiu. O tremor parou. A raiva tensa que havia em sua expressão permaneceu.

— À medida que o gaiáfago ia sofrendo mutação, alguns de nós também sofriam. Talvez fosse algum tipo de síntese. Não sei. Mas uma suposição é que o gaiáfago começou a ficar sem comida. Ele precisa de mais. Não pode chegar até a comida, só pode tentar fazer com que outros cumpram sua vontade. Acho, acredito, que o derretimento que o Pequeno Pete interrompeu foi causado por alguém da usina. Obedecendo ao gaiáfago. Tentando explodir a usina, o que espalharia a radiação por todo canto, mataria tudo por perto... a não ser a criatura que vive de radiação.

— O Pequeno Pete interrompeu o derretimento. Criou o LGAR. Mas não destruiu o gaiáfago. E o gaiáfago ainda está com fome.

— Com fome no escuro — disse o Pequeno Pete.

— Caine vai alimentá-lo — disse Sam.

— É.

— E depois?

— E depois o gaiáfago vai sobreviver e se adaptar. Ele não pode continuar vivendo num buraco no chão, dependendo dos outros. Precisa ser capaz de escapar. De se mover com liberdade. E sobreviver a ataques nossos.

— Talvez seja bom que ele saia para lutar — disse Edilio.—Talvez a gente possa matá-lo.

— Ele sabe dos poderes que nós temos — respondeu Astrid. — E teve alguma

ajuda imaginando modos de construir um corpo que fosse invulnerável.

— Ajuda? Ajuda de quem?

Sam pôs a mão no braço de Edilio, acalmando-o.

— De alguém que não sabe o que está fazendo — respondeu.

— Nestor — disse o Pequeno Pete. — Experimenta, cara. Quantos anos você tem, três? — Antoine tentou passar o baseado para Zil. Zil recusou.

— Já experimentei. Não gostei.

— É, certo. — Antoine deu uma tragada comprida no baseado e começou a tossir como se estivesse com problema no pulmão. Tossiu tio violentamente que seu joelho acertou a mesinha de centro e derrubou a água de Zil.

— Ei — gritou Zil.

— Ah, desculpa, cara — disse Antoine quando pôde falar de novo.

Lance deu um tapa no baseado, fez uma careta e entregou a Lisa. Ela deu um risinho, fumou, tossiu e riu mais um pouco.

Zil nunca tinha tido namorada. As garotas não gostavam dele. Pelo menos não gostavam *gostavam*. Ele nunca havia sido popular.

Nos velhos tempos Zil era conhecido principalmente pelos lanches estranhos que sua mãe preparava. Eram sempre vegetarianos, orgânicos e sempre muito “verdes”, sem nada descartável, nada pré-embalado. Infelizmente boa parte do que sua mãe colocava no lanche fedia.

Molho de vinagre para saladas, tapenade de homus fedendo a alho, folhas de uva recheadas.

Zil adorava sua mãe e seu pai, mas a chegada do LGAR tinha sido libertadora, de certo modo: ele finalmente pudera comer todos os biscoitos e salgadinhos que queria. Até havia feito o que seus pais considerariam imperdoável: comido carne. E gostado.

Claro que agora daria qualquer coisa em troca de um bocado gostoso de homus e um pão integral inteiro.

Não tinha comida. O que tinha eram dores de estômago. E sua turma. Sua galera. A Galera Humana. E todos, percebeu, eram fracassados. A não ser Lance. O fato de Lance estar ali meio que fazia com que eles parecessem mais maneiros do que eram. Ele até conseguia parecer maneiro à luz trêmula da vela.

— As aberrações têm comida — disse Turk pela milésima vez. — Eles sempre têm comida. O pessoal comum está com fome, mas as aberrações sempre têm o suficiente.

Zil duvidava, mas não havia sentido em discutir. Não era uma história maluca sobre as aberrações terem comida que o fazia odiá-las. Era sua atitude superior. Mas tanto fazia.

— Ouvi dizer que Brianna pegou uns pombos e comeu — disse Lisa, depois deu um risinho. Zil não tinha certeza se ela sempre dava risinhos, ou se meramente fazia isso porque estava doidona.

Ela estava desenhando num bloco de papel, empoleirando uma pequena lanterna no colo e usando uma hidrográfica para fazer variações da letra “G” e “H”, de Galera Humana. Tinha uma versão da qual Zil gostava um pouco, em que o “G” e o “H” se juntavam, inclinados de lado, cheios de arestas duras.

Antoine tinha achado a maconha no quarto dos pais. Enquanto fazia mais uma busca desesperada por comida.

— E o que estou dizendo — disse Turk, apontando para Lisa como se ela fosse uma prova. — Eles têm jeito de conseguir comida. Todas as aberrações trabalham juntas. — Turk não estava fumando. Estava olhando para Zil, como se Zil pudesse ter alguma solução. Como Zil fosse ter algum tipo de plano.

Zil não tinha plano. Zil só sabia que as aberrações estavam mandando as coisas no LGAR. E não só em Praia Perdida, mas também na Coates, em cima do morro. E agora na usina nuclear. Abeções comandando tudo. Bom, aberrações e os ajudantes, tipo Edili Albert e Astrid.

E a outra coisa que Zil sabia é que a situação estava uma bagunça. As pessoas passavam fome. E se as aberrações estavam no comando de quem mais poderia ser a culpa?

— Eles têm comida, eu garanto — disse Turk.

— É, bem, a gente tem árvore — disse Antoine, e riu de sua própria piada.

A porta da frente se abriu e Zil estendeu a mão para o bastão beisebol, só para garantir. Era Hank. Hank entrou, foi direto até Antoine, que tinha facilmente o dobro do seu tamanho, e disse:

— Joga isso fora.

— O que você é, a polícia?

— Ficar doidão não tem nada a ver — disse Hank. — Não tem ver com o Zil. Não tem a ver com a Galera Humana.

Antoine olhou confuso para Zil. Zil ficou surpreso ao ouvir nome como se ele tivesse algum significado maior. Era lisonjeiro. também confuso.

— É, joga o bagulho fora, cara — disse Zil.

Antoine fez um som de quem não dava importância.

Para espanto de todo mundo, Hank derrubou o baseado da mão de Antoine.

Antoine se levantou do sofá, parecendo que poderia achatar o pequeno Hank. Mas Zil disse:

— Não. Nada de briga entre nós.

— É — disse Lance. — É isso aí. — Mas não parecia muito seguro.

Ficou por conta de Turk resolver a situação.

— Hank tá certo. O negócio do Zil não é agir que nem todo mundo, que nem criança. O negócio do Zil é enfrentar as aberrações. Se a gente só ficar doidão sem fazer nada, o Zil não vai poder enfrentar o problema. Ele precisa que a gente fique na moral.

— É — concordou Lance. — Mas ficar na moral com o quê?

— Eu achei o Hunter. — Hank deu a notícia com orgulho silencioso. Como se estivesse apresentando um boletim para os pais, só com notas máximas.

Zil saltou de pé.

— Você achou ele?

— Achei. Está do outro lado da autoestrada, escondido numa casa. E vocês não vão adivinhar o que ele tem lá.

— O quê?

— Comida. O mutante aberração matou um cervo. Depois cozinhou com os poderes de aberração, e quando olhei pela última vez estava cortando com uma faca.

— Guardando tudo só para ele — disse Turk. — Só para ele e as outras aberrações. Eles vão comer carne de veado, e o resto de nós pode ficar cozinhando capim, ou sei lá o quê.

A boca de Zil se encheu de água. Carne. Carne de verdade. E não de rato ou pombo, mas de algo que era quase como um boi.

— Já comi carne de veado — disse Lance. — É boa.

— Tem de ser melhor do que de cachorro — disse Antoine. — Se bem que eu comeria um cachorro agora mesmo, se tivesse.

— O que a gente vai fazer? — perguntou Lance a Zil.

Todos os olhares, até o de Lisa, se viraram para Zil.

— O que vocês acham que a gente vai fazer? — perguntou Zil retoricamente, embromando para ganhar tempo.

— Vamos pegar ele! — respondeu Antoine.

Zil deu um tapa no ombro de Antoine e riu.

— É. — Depois deu um tapa na mão aberta de Hank. — Bom trabalho, cara. Tem veado no cardápio.

— Logo depois que a gente enforcar o Hunter — disse Hank.

Isso fez a conversa parar.

— O quê? — perguntou Lance.

Hank olhou friamente para Lance.

— Você acha que a aberração vai dar a comida à gente? Ele v matar a gente, se tiver chance. As aberrações não gostam de nós, se importam se a gente morrer de fome. De qualquer modo, ele é assassino, certo? O que a gente deve fazer com uma aberração assassina?

Zil engoliu em seco. Hank estava levando a coisa longe demais. Uma coisa era enfrentar Sam, tentar conseguir algum respeito por os normais.

Para alívio de Zil, Lance falou:

— Cara, acho que a gente não quer, tipo... matar o cara pessoalmente.

— Foi ideia do Zil — disse Hank. — Na primeira noite. Por que gente estava com uma corda se não ia justicar o Hunter?

A corda não tinha sido ideia de Zil. Mas será que ele deveria tirar isso? Só tinha pensado em dar uma surra em Hunter. Queria que Hunter chorasse e confessasse que havia roubado o último pedaço de carne seca. Não estava pensando em matar Hunter. Isso não passava de papo furado.

— Você acha que Sam, Edilio e todos eles vão deixar a gente simplesmente executar o Hunter? — argumentou Lance.

Hank sorriu. Era um estranho sorriso de menininho. Inocente.

— Todos eles foram embora. Dekka está na usina nuclear, cert E Sam e Edilio saíram da cidade naquele jipe. Todos eles foram ten enfrentar o Caine, acho.

O coração de Zil estava martelando. Sua boca estava seca. Eles não iam fazer isso de verdade, iam?

Mas Hunter tinha carne. E de que outro modo eles iriam tirar comida do Hunter?

Turk disse:

— A gente não pode simplesmente apagar o Hunter.

— Certo — concordou Zil rapidamente.

— Primeiro a gente precisa fazer um julgamento — disse Turk. E Zil se pegou confirmando com a cabeça. E se pegou rindo, como se essa tivesse sido sua ideia o tempo todo. E talvez tivesse. Talvez isso fosse o que ele sabia, no fundo do coração, que tinha de acontecer. É, disse a si mesmo. Você tem coração mole, mas sabe que é isso que vai ser, Zil. Você sabe que é isso que tem de ser. Todos os rostos estavam virados para ele, cheios de expectativa. Lisa não era muito feia, verdade. Principalmente quando sorria para ele como se ele fosse uma espécie de astro do rock. —Vamos fazer um julgamento. Porque a Galera Humana não tem a ver só com violência desbragada — disse Zil, parecendo acreditar. Pondo de lado o fato de que a violência desbragada, quebrando jane-las e coisa e tal, era tudo que tinham feito até então. — Isso precisa ter a ver com justiça. Caso contrário os outros normais, o nosso pessoal, vai achar estranho. Por isso vamos fazer um julgamento. Depois cuidamos do Hunter. Fazemos justiça com ele. E vamos dividir um pouco da carne com o pessoal, certo? — É — concordou Lance. —Vamos trazer o pessoal para o nosso lado — disse Zil. —Vai ser tipo: ei, o Zil deu justiça e comida. — Vai ser a verdade — concordou Turk.

TRINTA E SEIS | 01 HORA E 08 MINUTOS

DRAKE SE ESGUEIROU até o buraco na parede externa. A borda do buraco ainda estava meio quente ao toque. Ele manteve o rosto na sombra, olhou à esquerda, olhou à direita.

Caine queria uma distração? Ótimo, ele teria uma distração.

Viu Dekka numa cadeira de jardim, cabeça abaixada, talvez cochi-lando. Viu uma lona cobrindo o que só podiam ser corpos. Viu duas crianças brincando de zerinho ou um. As armas estavam encostadas num carro. Não viu Sam nem sua sombra, Edilio. Não viu Brianna.

O sol estava baixando sobre a água. A noite chegaria logo. Caine o havia alertado para não fazer nada antes que Jack desligasse o reator.

— Você vai ver as luzes do estacionamento apagando — dissera Jack em sua voz usual, de sabe-tudo. — E vai ouvir as turbinas diminuindo a velocidade de repente.

Sam tinha de estar em algum lugar ali fora, para além da estreita fatia de estacionamento que Drake podia ver. Tinha de estar. Sam não deixaria Dekka sozinha com apenas dois idiotas do sexto ano.

Drake queria acabar com Sam pessoalmente. Se acabasse com Sam, ninguém poderia questionar seu direito de ser o chefe. Quando os cachorros grandes brigam, o vencedor é que manda. Caine havia errado o tiro contra Sam. Drake não erraria.

Mas, não importando o quanto olhasse, não viu prova de Sam ou de qualquer outro com quem valesse se preocupar.

No instante em que estava se virando, Orc surgiu rapidamente, pisando firme. Foi para a borda do estacionamento, na direção de um trecho de capim alto.

Drake riu em silêncio. A monstrosidade precisava mijar.

Certo, então eram Orc, Dekka e dois garotos com fuzis. Seria idiotice atacar qualquer um deles despreocupadamente. Drake havia lutado com Orc uma vez e não tinha vencido totalmente a batalha. Claro que na época ele não estava segurando uma metralhadora.

Drake pousou a mão esquerda na borda do buraco. Estava quente, mas não demais. Formou uma ponte com o braço, depois apoiou o cano da arma na mão. Agachou-se para se posicionar. Encostou a bochecha no cabo frio de plástico,

fechou o olho esquerdo e alinhou as miras da frente e de trás. Enrolou a ponta do tentáculo no gatilho.

Moveu a mira dois centímetros à esquerda. Mais dois. E agora ela estava alinhada com Dekka..

Ainda não. Ia esperar até que Jack desligasse o reator. Depois esperaria mais dez minutos.

Mas era melhor que não demorasse. O sol estava lançando sombras roxas e longas, e se as luzes do estacionamento se apagassem, Drake não teria muita condição de mirar.

Dekka cochilando. Parecia babar.

Uma rajada curta. Era o que faria. Disparar uma rajada curta e olhar enquanto as flOrczinhas vermelhas brotassem por todo o peito de Dekka...

— Ahhh! — gritou Howard.

Drake saltou para trás.

Howard também.

Howard estava bem na frente dele, bem no buraco, espiando como uma espécie de turista.

Os olhares dos dois se encontraram.

Drake virou a arma para a esquerda e disparou. A arma deu um coice em suas mãos. Mas Howard havia se achatado contra a parede.

Dekka acordou bruscamente.

Drake xingou e apontou a arma para ela.

Apertou o gatilho. Mas Dekka estava três metros no ar e subindo rapidamente. A cadeira de jardim girou para cima com ela.

Drake mirou. Era como atirar num alvo lançado para o alto, pensou. O cano da arma subitamente sem peso subiu demais. A rajada rasgou o ar acima da cabeça de Dekka e ela caiu enquanto sua gravidade pessoal retornava.

Dekka bateu no concreto. A cadeira caiu em cima dela. Ela não se mexeu.

Então lentamente, lentamente, levantou a cabeça.

Drake deu-se tempo. Olhou para ela. Viu que ela o olhava. Viu que ela sabia que ele tinha vencido. Viu o medo e a resignação nos olhos escuros.

— Uma aberração a menos — sussurrou, e apertou o gatilho devagar. — Temos de ir disfarçadamente até ele — disse Hank. — Pegar o cara antes que ele possa fazer alguma coisa.

Zil não estava feliz com Hank dando as ordens. Nem um pouco.

— O importante é apagar ele rápido, antes que frite um de nós. Depois amarramos ele e usamos o papel-alumínio.

— Ele vai queimar as próprias mãos — disse Turk com contentamento sinistro. — Que nem um peru.

Seguiam a pé, não querendo ser vistos chegando de carro. Atravessaram correndo a autoestrada, como se estivessem sendo vigiados. Apesar de não terem ideia de quem poderia estar fazendo isso. Era divertido. Que nem brincar de soldado quando eram pequenos.

Não havia sinal dos soldados de Edilio. Ou de alguém da turma de Sam.

Puderam sentir o cheiro do cervo assim que atravessaram a estrada. Era incrível, refletiu Zil, como o sentido do olfato funcionava bem quando a pessoa estava realmente com fome.

Zil sinalizou para que Hank, Turk e Lisa ficassem parados, escondidos atrás da garagem. Ele e Lance se esgueiraram adiante, rodearam pela lateral da garagem e se agacharam para olhar entre as ripas da cerca.

Hunter estava segurando uma grande faca de açougueiro. Estava tentando, com muito pouca habilidade, tirar um pedaço da pele do cervo. Estava fazendo uma bagunça. Partes do animal estavam cozi-das até ficar quase pretas. Outras partes estavam sangrentas. Hunter parou, arrancou um pedaço de carne e enfiou na boca, cheio de cobiça.

A boca de Zil se encheu de água quase incontrolavelmente. Seu estômago doía.

Zil e Lance se esgueiraram de volta até os outros.

— O mub ganancioso está comendo tudo — informou Zil. — Juro que ele vai comer o negócio inteiro sozinho.

— É — concordou Lance.

— Certo, vamos fazer o seguinte — disse Zil, explicando o plano.

Turk, Hank, Lisa e Zil fizeram o caminho mais longo, rodeando a casa até chegar pelo outro lado. Lance tinha recebido um papel crucial, porque Hunter não o conhecia e não tinha motivo para temê-lo.

Quando tudo estava pronto, Lance se levantou atrás da cerca.

— Ei, cara.

Hunter girou, cheio de culpa e medo.

— Que negócio é esse de chegar assim? Quem é você?

— Fica frio, cara. Só senti o cheiro da carne. Estou com fome.

Hunter parecia profundamente cheio de suspeitas.

— Eu ia vender para o Albert. Todo mundo pode comer um pouco. Eu só caí no sono, só isso, depois de comer um pouco. Mas estava preparando agora.

Lance passou por cima da cerca, tendo o cuidado de não parecer ameaçador.

— Que tal eu ajudar a tirar a pele desse animal? Em troca de um pedacinho? Além disso, você sabe que tem de tirar as tripas, certo?

— Claro que sei — respondeu Hunter, na defensiva. — Estava me preparando para isso.

Zil achou óbvio que seu antigo colega de casa não soubesse disso. Ficou olhando, nervoso e impaciente, enquanto Lance se movia com tranquilidade e confiança na direção de Hunter.

Toda a atenção de Hunter parecia concentrada no garoto grande e bonito. Mas não estava atacando. Nem ameaçando.

— Agora — sussurrou Zil.

Ele e Hank foram os primeiros a passar pelo portão. Moveram-se rapidamente, mas em silêncio, sem chegar a correr.

O erro aconteceu quando Lance olhou para eles. Hunter viu o movimento nos olhos do garoto, olhou por cima do ombro, notou Zil, virou-se tarde demais e foi acertado na testa pelo pé de cabra de Hank.

Caiu como um saco de pedras.

Hank levantou a arma para acertá-lo de novo.

— Já chega — disse Zil, segurando a mão de Hank. — Amarrem ele. Enrolem as mãos no papel-alumínio. — Depois, quando Turk começou a amarrar as mãos de Hunter à frente do corpo, disse: — Não, seu idiota, amarra nas costas.

Turk riu sem graça.

— Por isso você é o líder.

Amarraram Hunter bem apertado. Depois Lisa veio com um rolo de papel-alumínio e enrolou repetidamente nas mãos de Hunter.

Então Turk passou um rolo de fita adesiva ao redor das mãos de Hunter, prendendo os dedos.

Hunter não se mexeu.

Zil deu dois passos, pegou a faca que Hunter havia deixado cair e cortou um pedaço de carne do quarto traseiro do cervo. O naco de carne estava meio cozido, meio cru. Atacou a carne como um lobo esfomeado. Os outros riram e fizeram o mesmo. Turk comeu demais e vomitou num canto da cerca. Depois voltou para se recarregar.

Eles se alimentaram e riram de júbilo pela conquista.

Hunter começou a se mexer. Gemeu.

— Uma pena a gente não ter cimento por aqui — disse Zil. — Drake sabia o que estava fazendo quando cimentou as aberrações.

— Mas Drake é uma aberração, não é? — perguntou Lisa com inocência.

A pergunta fez Zil parar. Drake era uma aberração? Sua mão de chicote, segundo a lenda, havia crescido para substituir o braço que Sam queimara numa luta.

— Acho que é. Não tenho certeza — respondeu Zil pensativamente, mastigando a carne.

—A gente precisa de, tipo, um modo de descobrir — disse Turk.

Hunter gemeu mais alto.

—A aberração está acordando — observou Lance. —Vai ter uma tremenda dor de cabeça.

Zil achou isso engraçado. Riu. E quando ele riu, os outros o acompanharam.

— É isso aí, pessoal: fiquem comigo e a gente vai ter carne boa, fresca.

— Saquei — disse Turk.

— E aí, lideis está na hora de cuidar desse mub? — perguntou Hank, respeitoso, mas impaciente.

Zil gargalhou de novo. A comida na barriga enchia-o de um sentimento de bem-

estar. Sentia-se quase tonto. E meio sonolento, agora, com o sol baixando.

E gostava do uso da palavra “líder” como um título para ele. Era bom.

Zil Sperry. Líder da Galera Humana.

— Claro — disse. — Vamos fazer um julgamento. — E olhou o quintal ao redor. — Turk e Hank, arrastem ele até os degraus de trás, deixem ele sentado.

Hunter não parecia capaz de ficar totalmente sentado. Estava consciente, mas não por completo. Um dos globos oculares parecia esquisito, e Zil percebeu que era porque a pupila tinha o dobro tamanho da outra. Isso deu a Hunter uma expressão idiota que Zil gargalhar

— Você devia ter admitido que roubou minha carne seca — zombando de Hunter.

Hank se ajoelhou para ficar perto do rosto de Hunter.

— Você confessa que roubou a carne seca do líder? A cabeça de Hunter tombou de lado. Ele parecia que tentava falar, mas tudo que saiu foi um som engrolado.

— Blrr glll plah — imitou Turk.

— Acho que ele disse: “É, eu fiz isso” — zombou Hank.

— Eu vou traduzir para ele — disse Turk. Hank perguntou:

— Hunter, você admite que matou o Harry?

Hunter não disse nada, mas Turk deu a resposta:

— Claro que admito. Sou uma aberração, um não humano, vagabundo mub que matou o Harry.

Zil deu uma gargalhada feliz.

— O que a gente pode fazer? Ele confessou. — E adotou um tom severo. — Hunter, declaro você culpado. Culpado das acusações.

— E agora? — perguntou Lisa. — Ele está machucado. Talvez a gente devesse soltar ele.

Zil já ia concordar. Sua fúria contra Hunter havia praticamente esgotado, as chamas aplacadas por seu sentimento de júbilo por estar de barriga cheia.

— Tá ficando caidinha por uma aberração, Lisa?—provocou Hank.

— Não — respondeu Lisa depressa. Hank olhou-a com dureza. — Acha que, se a gente soltar o cara, ele vai simplesmente esquece isso? Não. Vai se juntar com as outras aberrações e vir atrás de nós. Acha que o Sam vai pegar leve com a gente? Zil olhou para Lance.

— O que você acha, grandão?

— Eu? — Lance parecia perturbado. — Ei, eu faço o que você manda, Zil.

Então, percebeu Zil, estava por conta dele. O pensamento azedou a felicidade. Até agora ele soubera que podia mais ou menos justificar seus atos. Podia dizer: “Olha, o Hunter matou o Harry. Eu estava fazendo justiça com ele.” O pessoal aceitaria isso. Sam poderia não aceitar, mas provavelmente não teria escolha, a não ser deixar para lá.

Mas se executassem Hunter, como Hank obviamente queria, Sam e todo o pessoal dele viria atrás de Zil. E a realidade era que os cinco não durariam um minuto numa luta contra Sam.

Se matassem Hunter, seria uma guerra aberta contra Sam. Sam venceria.

Mas Zil não poderia admitir isso. Pareceria patético.

Estava numa armadilha. Se parecesse mole, Hank iria se virar contra ele. E Hunter certamente viria atrás deles se o deixassem ir embora. Mas matar Hunter seria a perdição de Zil.

— Precisamos de mais gente, além de nós cinco — disse Zil. — Quer dizer, precisamos de mais gente nisso.

Hank pareceu cauteloso.

Mas agora Zil tinha uma ideia. Ela estava brotando como uma flor em sua mente.

— Sam pode lutar contra nós cinco, mas não pode atacar a cidade inteira, certo? Com quem ele vai bancar o chefe se a cidade toda estiver contra ele?

— Como vamos conseguir trazer um bocado de gente para o nosso lado? — perguntou Hank.

Zil deu uma risada.

— Nós temos toda essa carne, certo? O pessoal está com fome de verdade. O que acha que eles fariam por um bife de veado?

Edilio dirigia mais rápido do que nunca. Cento e dez por hora pela autoestrada,

costurando ao redor de caminhões ou carros batidos, vento jogava as palavras longe assim que eram faladas, por isso eles seguiam em silêncio.

Ao entrar na estrada litorânea que levava à usina nuclear, não teve opção senão diminuir a velocidade. Havia curvas muito fechadas, uma desatenção momentânea faria todos caírem encosta abaixo através de arbustos e pedregulhos até o mar.

De repente Edilio parou cantando pneus.

— O que foi? — perguntou Sam.

Edilio levantou um dedo. Esforçou-se para ouvir. E ali estava.

— Tiros — disse.

— Vamos — respondeu Sam. Orc estava mijando quando ouviu Howard gritar:

— Ahhh!

Não se importou. Howard gritava mais do que o necessário. Era pequeno, fraco e se apavorava com facilidade.

Virou-se no instante em que Drake atirou. Pôde ver o clarão da arma vindo de um buraco na parede.

Dekka estava flutuando. Depois caindo. E Howard estava grudado na parede.

— Orc! — gritou Howard.

Dekka bateu no chão. Não era de fato um problema para Orc. Ele não gostava muito de Dekka. Ela simplesmente o ignorava, quase sempre, e desviava o olhar sempre que ele estava por perto. Enojada pela visão.

Bom, quem não ficava assim? Orc enojava a si mesmo.

Então viu o rosto atrás da arma. Drake. Drake tinha ido atrás de Orc com seu tentáculo e chicoteado. Não doeu muito, mas mesmo assim Orc não tinha gostado. Drake estava tentando matá-lo.

Orc não gostava de Drake. Isso não significava que gostasse de Dekka. Mas Sam gostava, e Sam tinha sido justo com Orc. Sam tinha lhe arranjado cerveja.

Orc desejou ter uma cerveja agora mesmo.

Se salvasse Dekka, Sam provavelmente recompensaria Orc. Salvar Dekka — isso devia valer pelo menos uma caixa de cerveja. Talvez algo de um país estrangeiro. Orc ainda não havia experimentado esse tipo de cerveja.

Drake estava a 100 metros dali. Dekka a metade dessa distância. Havia uma

motocicleta parada a apenas um metro e meio.

Orc agarrou a moto. Segurou a roda da frente com uma das mãos e o guidão com a outra. Torceu com força e a roda saiu facilmente. — Tem alguém atirando! — gritou um dos soldados de Drake, correndo para a sala.

— É, adivinha quem? — disse Diana.

— É cedo demais — rosnou Caine. — Eu disse para ele esperar. Jack. Anda logo.

— Não quero fazer com pressa e...

Caine ergueu as duas mãos, levantou Jack no ar e jogou-o contra o painel de instrumentos.

Estavam fora da sala de controle, num monitor separado que mostrava a parte de dentro do reator.

Jack digitou uma sequência de números num teclado.

Os eletroímãs se desligaram.

As hastes de controle de cádmio mergulharam como adagas.

Estava tudo silencioso no monitor em preto e branco. Mas o efeito foi imediato. A vibração das turbinas, o zumbido constante que fizera parte do fundo, subitamente baixou de tom.

Luzes piscaram. A imagem do monitor estremeceu e depois se estabilizou.

— É seguro entrar? — perguntou Caine.

— Claro, o que poderia haver de perigoso numa usina nuclear.

— Cala a boca! — gritou Caine. — Abra, Jack.

Jack obedeceu.

Entraram num espaço vasto que parecia feito quase inteir; de aço inoxidável. Piso de aço inoxidável. Passarelas de aço inoxidável. Gruas. Caine teve a impressão de que era a cozinha de um restaurante gigantesco.

O que não era em aço inoxidável era pintado em amarelo-segança. Corredores de segurança, a parte vertical dos degraus. Placas amarelo e preto alertando para o que certamente ninguém que tivesse chegado ali precisaria ser lembrado: risco de radiação.

A cúpula no alto parecia algo vindo de uma catedral. Mas havia afrescos

decorando o concreto pintado.

Caine sentiu-se esmagado pela escala do lugar.

No centro daquilo tudo, um poço circular, como uma horrenda piscina reluzindo azulada. Não que qualquer pessoa em sã consciência fosse ficar tentada a mergulhar:

Uma passarela circulava toda a volta. E uma grua robótica paira acima. Lá embaixo, nas profundezas sinistras, estavam as hastes de combustível. Cada uma cheia de pastilhas cinza que não pareci; grande coisa. Cilindros grossos e cinza do que poderia facilmente confundido com chumbo.

Uma empilhadeira enorme segurava um barril de aço meio elevado, imóvel. Bem onde o condutor a teria deixado quando pufou.

— Vou começar a sequência — disse Jack, digitando furiosamente abalado, aterrorizado, mas ao mesmo tempo empolgado.

O robô se moveu mais rápido do que Caine havia esperado. Empoleirou-se como um inseto predador acima da água azul demais.

Estava quente ali dentro. Os geradores de emergência não mai tinham o ar-condicionado funcionando, e a temperatura começou subir quase imediatamente.

— Quanto tempo? — perguntou Caine.

— Para extrair, deixar a coisa relativamente segura, transportar para a instalação de resfriamento de combustível usado e...

— Não vamos ter tempo para tudo isso — disse Caine. — Drake já está atirando. Precisamos sair daqui.

— Caine, de jeito nenhum... — começou Jack.

— Só pegue a haste de combustível. Tire dessa piscina. Eu cuido do resto.

— Caine, a gente precisa seguir os procedimentos para tirar a haste daqui. O único modo de sair é...

Caine levantou as duas mãos. Concentrou-se na cúpula convexa acima da cabeça deles. O vaso de contenção que seguraria a radiação caso houvesse um acidente.

Golpeou o concreto com todo o seu poder. Houve uma pancada de som que doeu nos tímpanos de Caine.

— O que você está fazendo? — gritou Jack.

— Caine! — berrou Diana.

O concreto não cedeu. Não a essa distância. Não sem que houvesse algo para ser usado como projétil.

Caine apontou seu poder para a empilhadeira.

— Prepare-se, Jack — rosnou Caine.

A empilhadeira voou. Como se um deus invisível tivesse dado um chute nela. Partiu em linha reta. Tão rápida que rompeu a barreira do som com um estrondo alto que foi engolido imediatamente no estrondo muito mais alto de aço e ferro abrindo um buraco no concreto.

— Até que ponto você acha que essa haste de combustível é forte? — perguntou Caine.

— Você está maluco? — gritou Diana.

— Só com pressa — respondeu Caine. Drake apertou o gatilho.

Uma fileira de balas mastigou o concreto logo na frente de Dekka.

Drake lutou contra o coice da arma e levantou-a ligeiramente, e os impactos avançaram na direção de Dekka, que simplesmente ficou olhando a morte se aproximar a toda velocidade.

De repente Drake estava caído de costas. A arma, ainda em suas mãos, disparava contra o teto.

Uma roda ricocheteou feito louca na sala e caiu numa mesa com um estrondo alto.

Drake soltou o gatilho. Levantou-se com dificuldade. Olhou a roda, incapaz de entender o que havia acontecido. Como uma roda tinha vindo pelo ar, através do buraco?

Orc.

Drake ejetou o pente e enfiou outro no lugar. Estava arranhado, abalado, mas não muito ferido. Esgueirou-se de volta para o buraco, cauteloso para a hipótese de outra coisa chegar voando.

Dekka não estava mais no chão.

Orc estava...

Uma enorme mão de cascalho se enfiou e errou a cabeça de Drake por

centímetros.

Drake disparou às cegas pelo buraco.

Depois se virou e correu.

TRINTA E SETE | 01 HORA E 06 MINUTOS

O JIPE PASSOU a toda velocidade pelo portão. Edilio levou-o direto até onde Dekka, trêmula, arranhada è seriamente furiosa, estava se levantando do concreto.

— O que aconteceu? — perguntou Sam, pulando do banco da frente.

A adrenalina finalmente estava batendo. Mas mesmo agora ele se sentia estranhamente desconectado. Mesmo agora, correndo na direção da encrenca. Como se o problema na verdade não fosse seu. Como se outra parte dele estivesse fazendo aquilo.

— Tentei voar — disse Dekka num rosnado baixo. Em seguida balançou a cabeça e se curvou para apertar o joelho. — Ai.

— Ouvimos alguma coisa mais alta do que tiros — disse Edilio. — Como um trovão. Ou como uma explosão.

— Desculpe, eu não estava prestando atenção a trovões — respondeu Dekka..

Orc veio bamboleando de uma direção e Howard da outra.

— Orc, cara, aquela foi uma manobra supermaneira — exclamou Howard, entusiasmado. Em seguida correu até o amigo e deu vários tapas no ombro do monstro.

— Eu lhe devo uma, Orc — disse Dekka.

— O que aconteceu? — repetiu Sam.

Howard respondeu.

— O Drake, cara. Tentou atirar na Dekka. A Dekka partiu para o alto. Depois, bam, caiu com tudo. O Orc, cara, o Orc pegou moto, tá ligado? Arrancou a roda e jogou em cima do Drake. Que nem um Frisbee. — Howard bateu palmas, empolgado. — Bem pelo buraco que você abriu na parede, Sammy. Que nem uma cesta feita do outro lado da quadra.

— Você vai ter que pagar — resmungou Orc.

— Ah, é — concordou Howard. — Vai ter que pagar. Orc não salva o dia de graça.

— Ninguém mais ouviu um estrondo forte? — pressionou Edilio.

— A gente estava com umas armas disparando, Edilio — reagiu, Dekka.

— Você está bem, Dekka? — perguntou Sam.

— Vou sobreviver.

— Dekka, o que você acha que aconteceria com uma caverna ou um túnel de mina se você desligasse a gravidade? — pergunto Sam.

— Isso é uma pegadinha?

— Não.

Dekka assentiu.

— Certo. Acho que, se eu acertar algumas vezes, ligando e desligando, ligando e desligando, acho que ela ia começar a desmoronar. Provavelmente cairia.

— É. — Sam pôs a mão no ombro dela. — Preciso pedir para você fazer uma coisa.

— Vou adivinhar que você quer que eu derrube uma caverna ou um túnel de mina, certo?

— Só que não é só um túnel de mina — disse Edilio em tom sombrio. — Tem uma coisa dentro. É... não sei como explicar. Ela entra dentro das pessoas. Deixa as pessoas apavoradas.

— Preciso que você vá com Edilio e lacre essa coisa — disse Sam. — Howard? Preciso que você e Orc voltem à cidade. Nem acredito que estou dizendo isso, mas preciso que vocês fiquem de olho nas coisas na cidade.

— Isso vai custar...

— É, eu sei. — Sam interrompeu Howard. — Que tal a gente negociar mais tarde?

Howard deu de ombros.

— Certo, mas estou confiando em você. — Ele apontou para os próprios olhos, depois para Sam, fazendo um gesto tipo “estou de olho em você”.

— O que você vai fazer? — perguntou Dekka a Sam.

— Cuidar do Caine. Preciso parar com ele aqui.

— Você não vai querer ir sozinho contra o Caine e o Drake — questionou Edilio. — De jeito nenhum. Não vou deixar você se matar.

Sam forçou um riso.

— Eu nem sonharia com isso. Howard, assim que chegar à cidade, encontre a Brisa, se não passar por ela no caminho. Se não encontrar Brianna, encontre Taylor. Diga para mandarem ajuda. E diga que preciso de alguém para me dizer o que está acontecendo com vocês lá na mina.

— Talvez a gente devesse ter ligado os telefones, não é? — perguntou Edilio. E se encolheu, percebendo tarde demais que parecia picuinha.

— É — disse Sam. — Acrescente isso à lista de erros que cometi ultimamente.

— É, e tem um que não deve ser cometido, Sam: não entre ali sozinho.

— Eu não acabei de dizer que não ia entrar? — perguntou Sam em tom tranquilo.

Edilio encarou-o. Sam baixou os olhos e disse:

— Mas no caso de alguma coisa acontecer comigo, todos vocês obedeçam ao Edilio.

Dekka assentiu, solene.

— Não faça isso comigo — disse Edilio. — Não morra, Sam. A haste de combustível. Quatro metros de comprimento. Agora abrigada em chumbo, mas ainda perigosa demais, mortal demais.

Jack segurava o que parecia um enorme controle remoto. Seus olhos estavam arregalados. Engolia em seco, convulsivamente. Apertou um botão no controle e a haste parou de se mover. Ele soltou um suspiro trêmulo.

A haste de combustível pendia da grua, balançando ligeiramente. Caine pegou-se atraído por ela, querendo tocá-la. Mas estava quente. A 6 metros de distância fazia brotar gotas de suor em sua testa.

Caine ouviu passos vindo de trás. Sem se virar para olhar, disse:

— Você agiu cedo demais, Drake.

— Eu, não — respondeu Drake, ofegando. — Howard me viu.

— E o Sam? — perguntou Caine, hipnotizado pela haste de combustível opaca, pelo contraste entre seu poder devastadoramente mortal e o exterior desinteressante.

— Acabou de chegar com o mexicano.

Caine olhou para o buraco que havia feito na cúpula. Um pedaço de concreto se soltou, caiu por um longo caminho e bateu com estrondo em algum equipamento fora das vistas. Através do buraco podia ver a colina, roxa à luz agonizante do sol.

Jack demoraria mais dez, quinze minutos, para manobrar a haste de combustível até a área de carga. Em dez minutos Sam poderia estar ali.

— Não podemos estar com Sam na nossa cola quando sairmos — disse Caine. Uma ideia lhe ocorreu. Linda em sua simplicidade. Matar dois pássaros com uma pedra só.

— É hora de você mostrar que é tão durão e mau quanto acha, Drake — disse Caine.

— Não preciso provar nada — reagiu Drake com rispidez.

Caine enfrentou o olhar furioso de seu tenente. Chegou mais perto de Drake. O suficiente para sussurrar, se quisesse. Mas não: ele queria que isso fosse bastante público.

— Drake, quando mandei Diana pegar o Jack, sabe de uma coisa? Ela me trouxe o Jack. Agora alguém precisa impedir o Sam, ou pelo menos atrasá-lo. Devo pedir para Diana cuidar disso? Porque ela pode arranjar um modo. Afinal de contas, Sam é homem.

Diana, que Deus abençoasse seu coração deturpado, viu imediata-mente o que Caine estava fazendo.

— Ah, o Sam? — Ela riu com seu jeito de quem sabia das coisas. — Você sabe que ele deve estar frustrado com a princesa de gelo. Não deve ser difícil para mim... atrasá-lo.

Essa frase teria funcionado melhor antes de Diana ter raspado a cabeça e se vestido como um garoto, mas Caine viu que Drake engoliu a isca imediatamente.

— É isso que você quer? — perguntou Drake. — Quer que eu derrube o Sam. Ou ele me mata ou eu mato ele, certo? De qualquer modo isso é bom para você e essa bruxa aqui.

— Você está enrolando, Drake — disse Caine.

Caine praticamente podia ler a mente do psicopata enquanto as engrenagens em sua cabeça giravam com as possibilidades. De jeito nenhum Drake poderia recusar.

De jeito nenhum. Não se quisesse continuar sendo o Mão de Chicote. Não se tivesse esperança de substituir Caine.

— Vou derrubar o Sam — disse Drake numa voz que pretendia ser ameaçadora, mas que saiu parecendo um pouquinho embargada.

Ele deve ter ficado pouco satisfeito com o resultado. Por isso repetiu num

rosnado grave:

— Vou fazer o Sam parar aqui mesmo.

Caine assentiu, oferecendo um gesto de reconhecimento minúsculo. Em seguida deu as costas a Drake e piscou para Diana, que manteve a expressão cuidadosamente vazia.

Pobre Drake. Não bastava ser ambicioso. Um líder precisava ser inteligente. Um líder tinha de ser implacável e manipulativo, e não somente um valentão.

Os grandes líderes precisavam saber quando manipular e quando confrontar.

Acima de tudo um grande líder precisava saber quando correr grandes riscos.

— Esperemos que tenham feito essa haste de combustível forte — disse.

Em seguida levantou as mãos e a haste subiu, flutuou no ar, presa numa das pontas da grua.

— Aperte o botão para soltar — ordenou.

— Caine — disse Jack. — Se isso se romper...

— Aperte! — rugiu Caine.

Até Drake deu um passo atrás. E Jack apertou o botão que liberava a haste da grua robô.

Caine impeliu os braços à frente, com as palmas para fora. O cilindro voou como uma flecha saindo do arco.

Su[^]mira foi boa. Mas não perfeita. O cilindro raspou no concreto enquanto atravessava o buraco.

— Esse é o modo rápido de fazer — disse.

— Se nós acharmos o cilindro quebrado, estamos todos mortos — gemeu Jack.

Caine ignorou-o. Virou-se para Drake. Viu um cálculo astuto nos olhos do tenente.

— Vou cuidar do Sam — disse Drake.

Caine gargalhou.

— Ou ele vai cuidar de você.

— Alcanço você, Caine — disse Drake.

Era um aviso. Ele deixou pouca dúvida de que, se sobrevivesse ao encontro com Sam, estaria pronto para derrubar Caine em seguida.

— Só uma coisa — disse Drake. — Vou trazer a mão do seu irmão. Ele tirou a minha: está na hora de pagar por isso. Sam olhou Edilio e os outros indo embora. Sentia-se estranhamente em paz. Pela primeira vez em dias.

A única vida que estava arriscando era a sua. E em sua mente ele tinha um plano: se fizesse isso, estaria acabado. Acabado.

Tinha cometido erros demais. Tinha deixado de perceber muitas coisas. Não fora ele que havia pensado em tentar a pescaria, fora Quinn. E não tinha sido Sam que havia pensado em usar as picapes para manter os colhedores livres das ezecas. E sim Astrid.

Sam tinha se mantido atrasado demais, lento demais, distraído demais, inseguro demais. Não havia agido a tempo para racionar a comida. Não tinha motivado pessoas suficientes para ajudar. Tinha deixado que o ressentimento entre as aberrações e os normais ficasse feio. Não tinha protegido a mercearia do ataque de Drake, ou a usina do ataque de Caine.

A garotada estava no escuro em Praia Perdida, pensando em canibalismo. E ele era o comandante, de modo que a saída estava por sua conta.

Agora mesmo Sam tinha a sensação incômoda de que havia deixado de lado alguma coisa vital. Alguma coisa. Um recurso.

Uma arma.

Bom, se sobrevivesse a esse dia, estava acabado. Que Astrid ficasse no comando. Ou Albert. Ou Dekka. Melhor do que todos, provavel-mente Edilio.

Se vencesse, se impedisse Caine, e se Dekka fechasse o túnel da mina, era o bastante. Mais do que o bastante.

E se um deles fracassasse? Se Caine conseguisse o que queria e Dekka não matasse o gaiáfago? A criatura estava com Lana. Estivera dentro da mente de Caine. Sabia o que Lana sabia, o que Caine sabia. Drake também, sem dúvida. Conhecia todos os pontos fortes e todos os limites deles. E caso se tornasse o que desejava se tornar, o q aconteceria?

Ele estava deixando de perceber alguma coisa.

Mas o que mais era novo? Logo isso seria problema de outra soa. Ele ia surfar.

Não precisava de ondas, na verdade. Podia remar com a pranc e ficar deitado

em cima. Só deitado. Seria ótimo.

Mas primeiro...

Atravessou o estacionamento até a porta da sala da turbina, perava ser desafiado. Esperava que atirassem. Mas chegou à porta descobriu que ela não estava sendo vigiada.

Um alívio. Mas não era uma coisa boa. Caine teria alguém vigi do a porta se ainda estivesse lá dentro.

Penetrou no silêncio fantasmagórico e inesperado. A usina estava desligada. As turbinas não giravam mais. Normalmente não se possível escutar nada. Agora ele podia ouvir os próprios passos.

Encontrou a passagem para a sala de controle com a porta força para dentro. Demorou um instante para entender o sentido das ferramentas cravadas no chão e curvadas para trás.

A sala de controle propriamente dita estava vazia e mais escura que o usual. As luzes de emergência estavam acesas. Os instrumentos e as telas de computador continuavam ligados. Mas não havia sinal de vida.

Uma poça de sangue pegajoso, secando, havia sido pisoteada. Pegadas vermelhas.

Esse silêncio não era o que ele esperava. Onde estava Caine? Onde estava Drake?

A usina era um complexo enorme e eles poderiam estar em qu quer canto. Podiam esperar por ele numa centena de locais diferentes, esperar numa emboscada até que Sam tropeçasse neles. Caine podia atacá-lo antes que ele tivesse chance de reagir.

Ficou parado, inseguro. O que estava acontecendo? Desejou ter pedido a Edilio para mandar Brianna para cá. Ela poderia revistar toda a usina em dois minutos.

Pense direito, ordenou a si mesmo. Eles estavam ali para roubar urânio. Iam levar o prêmio para a mina. E como fariam isso? Onde estariam?

No reator, claro. Era onde o metal mortal ficava.

— Não é um pensamento feliz — disse Sam para a sala vazia.

Seguiu pelo corredor, seguindo as placas de sinalização nas paredes.

Uma enorme porta de aço guardava a entrada do reator. Caine não havia se

incomodado em fechá-la depois de entrar.

Seguiu por um corredor longo, cheio de ecos, mal-iluminado. Uma segunda porta de aço enorme, também aberta, mas havia um teclado de segurança ao lado, e sem dúvida ela normalmente seria mantida trancada.

Fora deixada deliberadamente aberta, percebeu Sam. Para ele. Seria porque Caine havia liberado radiatividade na área? Seria isso? Será que seu corpo já estava absorvendo uma dose fatal?

Não. Caine não seria louco a ponto de contaminar o lugar inteiro de modo que a energia nunca mais pudesse ser religada. A única coisa de que tinha certeza era que Caine desejaria ter a eletricidade de volta um dia, nem que fosse para poder controlá-la.

Fazia sentido. Mas não colocava um fim nos temores de Sam. Se Caine tivesse contaminado o lugar, Sam era um garoto morto ambulante.

Entrou na sala do reator. Estava quente e sem ar apesar da enorme cúpula acima. Era impossível não ficar apavorado com o núcleo do reator, aquela piscina azul demais cheia de poder concentrado. Era impossível não saber o que ela representava.

Andou ao redor, tenso, preparado, alerta. Chegou ao outro lado do reator, e ali, esperando, estava Drake Merwin, com a mão de chicote balançando preguiçosamente ao lado do corpo. Estava encostado calmamente num painel de instrumentos.

— Ei, Sam — disse Drake.

— Drake — respondeu Sam.

— Sabe o que é maneiro, Sam? Eu nunca prestei muita atenção nas aulas, mas era porque eu não sabia que ia usar alguma coisa daquela — Drake tirou do bolso o que parecia um enorme controle remoto. Apertou um botão.

Um alarme urgente soou.

— Vá embora, Drake — gritou Sam, acima do som da sirene.

— Vou machucar você, Sam. E você vai se dar mal.

— O que você está fazendo, Drake?

— Bom, pelo que eu entendo, Sam, essas são as hastes de controle. Se a gente enfiar elas dentro da água, o reator fica morto. Se tirar algumas, ele se liga. Se tirar todas ao mesmo tempo, acontece um derretimento.

Alguma coisa estava subindo do azul medonho da piscina. Dezenas de hastes estreitas que pendiam de um reluzente colarinho circular.

— Você está blefando, Drake.

— Drake riu.

— Continue pensando assim, Sam. Como acha que a linda Astrid vai ficar depois que o cabelo começar a cair aos montes?

Ele girou o controle remoto para que Sam visse.

— Sabe esse botão aqui? Ele faz as hastes de controle descerem de novo. E todo mundo sobrevive. Se ninguém apertar o botão... bem. Segundo Jack, nós vamos morrer bem depressa. Todas as outras pessoas no LGAR vão morrer lentamente.

— Você também morre — disse Sam, sabendo que só estava embromando, a mente girando feito louca, tentando bolar um modo de parar com aquilo. Será que Drake era suficientemente louco para... É, claro que era.

O alarme dobrou de volume e intensidade. Agora era um berro eletrônico.

— Não estou preocupado, Sam, porque você não vai deixar que isso aconteça — berrou Drake, para ser ouvido acima do alarme. — Drake... — Sam levantou as mãos, com as palmas viradas para Drake. Drake levantou a mão acima da piscina reluzente, latejante. Agora segurava o controle remoto com apenas dois dedos.

— Se eu largar o controle... — avisou Drake.

Lentamente Sam baixou os braços ao lado do corpo.

O alarme enchia seu cérebro. Quantos minutos teria? Quantos segundos? As hastes de controle subiam com inevitabilidade majestosa. Quanto tempo até ser tarde demais?

Mais um fracasso, pensou Sam, embotado.

— Não quer saber o que eu quero, Sam? — gritou Drake.

— Eu — respondeu Sam. — Você me quer.

— Essa é a ideia, Sam. E você vai ficar aí e obedecer. Porque se não... Astrid estava com o Pequeno Pete, fazendo um dos exercícios negli-genciados havia muito tempo. Consistia em separar bolas por cores. Havia uma caixa azul e uma caixa amarela; bolas azuis, bolas amarelas. Qualquer criança normal de 5 anos podia fazer isso. Mas o Pequeno Pete não era uma criança normal de 5 anos.

— Você consegue colocar a bola no lugar certo? — perguntou.

O Pequeno Pete olhou a bola. Então seus olhos se desviaram.

Astrid pegou a mão dele e pôs numa bola amarela. Com força demais. Estava machucando-o.

— Consegue colocar essa bola no lugar certo? — Sua voz estava esganiçada, impaciente.

Estavam no chão do quarto do Pequeno Pete, sentados num canto do tapete. O Pequeno Pete estava longe, dentro da cabeça, indiferente.

Às vezes ela o odiava.

— Tente de novo, Petey. — Astrid se conteve para não torcer os dedos. Estava dando sinais de tensão. Isso não ajudava.

Deveria estar fazendo exercícios assim todos os dias. Várias vezes por dia. Mas não estava. Só estava fazendo agora porque não suportava esperar. Precisava de algo para afastar o pensamento em Sam.

— Desculpe — disse ao Pequeno Pete, que ficou tão indiferente pedido de desculpas quanto a todo o resto.

Alguém bateu à porta do quarto e ela deu um pulo. A porta se abriu; não estava trancada.

— Sou eu, o John. Astrid se levantou, aliviada por ser apenas o John. Desapontada, por ser apenas o John.

— O que foi, John? — Eles não mandariam John com más notícias. Mandariam?

— Não consigo achar Maria.

Um jorro de alívio, instantaneamente substituído por mais preocupação.

— Não está na creche? Ele balançou a cabeça. Seus cachos ruivos foram para todo lado, um contraponto à expressão séria.

— Ela deveria ter chegado há horas. Maria quase nunca se atrasa. Eu não podia sair para procurar porque estamos com pouca gente e temos muitas crianças doentes. Vim assim que pude. Procurei no quarto dela. Não achei.

Astrid olhou para o Pequeno Pete. Ele havia parado com a mão numa bola amarela, aparentemente sem interesse em fazer qualquer coisa.

— Deixe eu olhar — disse Astrid.

Entraram no quarto de Maria. Estava limpo e organizado como sempre. Mas a cama estava desfeita.

— Ela sempre arruma a cama — observou Astrid.

— É — concordou John.

— Que som é esse? — Havia um zumbido constante. Vindo do banheiro. O ventilador. Astrid tentou abrir a porta do banheiro, mas estava bloqueada. Encostou-se nela e empurrou o suficiente para enxergar dentro.

Maria estava no chão, inconsciente. Usava um roupão que expunha as canelas.

— Ah, meu Deus — gritou Astrid. — Maria! — E para John: — Me ajuda a empurrar.

Juntos forçaram a porta o bastante para se esgueirarem. Astrid notou de imediato o cheiro de vômito.

— Ela deve estar doente — disse John.

A água do vaso estava ligeiramente descolorida. Havia uma fina risca de vômito escorrendo da boca de Maria.

— Ela está respirando — disse Astrid rapidamente. — Está viva.

— Eu nem sabia que ela estava doente.

Então Astrid viu a bolsinha com zíper, uma pequena bolsa de cosméticos Clinique, com o conteúdo meio derramado nos ladrilhos do banheiro.

Pegou-a. Jogou o conteúdo no chão. Um frasco quase vazio de xarope de ipecacuanha. E vários tipos de laxantes.

— John, feche os olhos um minuto.

— Por quê?

— Porque vou abrir o roupão de Maria. — Ela desfez o nó do roupão e, sentindo-se vagamente incomodada, abriu-o.

Maria estava usando apenas uma calcinha. Rosa. Estranho, pensou Astrid, ter ao menos notado isso. Porque a coisa mais perceptível em Maria eram as costelas. Podiam ser contadas facilmente. Sua barriga era côncava.

— Ah, pobre Maria. — Astrid ofegou e fechou o roupão de novo.

John abriu os olhos. Estavam cheios de lágrimas.

— O que está errado com ela?

Astrid se inclinou para alcançar o rosto de Maria. Puxou os lábios para trás, para ver os dentes. Puxou uma mecha de cabelos. Fios se soltaram.

— Ela está morrendo de fome — disse Astrid.

— Ela está recebendo tanta comida quanto o resto de nós — protestou John.

— Mas não está comendo. Ou, quando come, vomita de novo. A ipecacuanha é para isso.

— Por que ela iria fazer uma coisa dessas? — gemeu John.

— É uma doença, John. Anorexia. Bulimia. As duas coisas, acho.

— Temos de dar comida a ela.

— É. — Astrid não explicou que não bastaria simplesmente comida a Maria. Tinha lido sobre distúrbios alimentares. Às vezes, as pessoas não fizessem tratamento, morriam.

— Nestor, Nestor, Nestor, Nestor. — Era o Pequeno Pete, cantan a plenos pulmões. — Nestor, Nestor, Nestor, Nestor.

Uma onda de impotência varreu Astrid. Ela fechou os olhos, não querendo que isso a dominasse. Não precisava disso. Não precisava Maria desmaiada, talvez à beira da morte. Já estava com o irmão autista e o namorado deprimido no meio de uma batalha. — Que Deus perdoe — censurou-se. — Venha, John, temos de levar Maria até Dahra.

— Dahra só tem um livro de medicina. Não é especialista.

— Eu sei. Olha, não sei como cuidar de uma pessoa com anorexia. Pelo menos Dahra tem lido sobre medicina.

— Precisamos dar um pouco daquela carne de veado a ela — disse John. — Precisamos alimentar ela.

— Que carne de veado? — Zil tem um veado. Vai dividir com todo mundo. Na hora jantar. Mesmo contra a vontade, o estômago de Astrid roncou. A ideia comer carne era mais forte do que qualquer outra coisa. Mas nem fome conseguia silenciar os sinos de alerta em sua cabeça.

— Zil? Zil arranjou um veado?

— Todo mundo está falando nisso. Turk está dizendo a todo mundo que Zil pegou o Hunter. Hunter estava com o veado e ia ficar com ele inteiro. Quem quiser um pouco de carne só precisa ir ajudar eles a castigar o Hunter.

— Pelo menos — acrescentou ele — qualquer um que seja normal. As aberrações não podem ir.

Astrid encarou-o. John não demonstrava qualquer sinal de entender realmente o que tinha acabado de dizer.

— Maria vai ficar bem? — perguntou ele. — Quer dizer, se a gente der um pouco de carne de veado para ela comer? Ela vai ficar bem? — Ahhhh! — gritou Sam enquanto Drake golpeava de novo. De novo e de novo.

Sam de joelhos, agora. Chorando.

Chorando como um bebê. Seus berros de dor misturando-se ao estrondo lunático da sirene.

Se ao menos houvesse um modo de gravar isso, pensou Drake. Se ao menos pudesse registrar o momento em vídeo para assistir de novo e de novo!

O grande Sam Temple, sangrando, encolhendo-se e berrando de dor enquanto Sam baixava a mão de chicote repetidamente.

— Dói, Sam? — tripudiou Drake. — Doeu quando você queimou meu braço. Acha que dói do mesmo jeito?

De novo. Outra pancada. E a recompensa de um gemido terrível.

— Disseram que eu me molhei quando estavam cortando o cotoco — disse Drake. — Você já fez isso, Sam? Você se mijou, Sam? Agora Sam estava de lado, os braços sobre o rosto, cobrindo-se.

O último golpe nem havia provocado um grito. Só um tremor. Só um espasmo.

— É hora de estragar essa sua cara — rosnou Drake, e recuou para usar toda a força.

A mão de chicote baixou.

Houve um borrão. Drake nem teve certeza de que viu alguma coisa.

E então era sua própria voz gritando de choque e horror. A princípio nem doeu, depois doeu, só...

Quarenta e cinco centímetros do braço-tentáculo estavam estremecendo, sacudindo-se espasmodicamente no chão como uma cobra agonizante.

Sangue espirrava da mão cortada. Ele puxou-a para olhar o cotoco.

O fio havia aparecido vindo de lugar nenhum. Enrolado numa escada das passarelas. E na outra ponta estava Brianna, segurando com força.

— Ei, Drake — disse Brianna. — Ouvi falar de sua ideia de me pegar com fio. Inteligente.

A boca de Drake ficou aberta, incapaz de reagir. Congelada.

A ponta cortada do tentáculo se sacudia e se retorcia. Como se tivesse vida própria.

— O controle remoto! — gritou Sam.

Drake abriu os dedos.

O controle caiu.

— Brisa! — gritou Sam.

Drake girou e saiu correndo. O corpo de Brianna se moveu mais rápido do que era humanamente possível.

Seu cérebro se movia em velocidade normal. Por isso demorou várias frações de segundo para ver o controle caindo, para perceber que, se Sam estava gritando sobre ele, no estado em que se encontrava, era porque era muito, muito importante.

Outra fração de segundo para adivinhar que o azul reluzente não era uma piscina.

O controle caiu.

Brianna saltou.

Sua mão agarrou o controle a apenas 25 centímetros acima da superfície da água.

Se ela mergulhasse naquela água...

Firmou os pés, girou no ar e bateu nas hastes de controle que su-biam, com o máximo de força que pôde.

Não foi elegante. Ela passou pela borda da piscina e derrapou no chão.

Mas estava com o controle. Olhou para ele.

E agora?

Sam? Sam?

Sam não disse nada. Ela saltou para ele, rolou-o e só então viu, para seu horror, o que Drake havia feito.

— Sam? —A voz saiu como um soluço.

— O botão vermelho — ele conseguiu ofegar.

TRINTA E OITO | 53 MINUTOS

AS MÃOS DE EDILIO seguravam o volante com tanta força que os dedos estavam brancos. Dekka notou.

Ele estava trincando os dentes e se obrigando a separá-los, num esforço sem sucesso para relaxar. Dekka também notou isso.

Não falou nada a respeito. Não era de falar muito. O mundo de Dekka era por dentro, não trancado, mas mantido em particular. Suas esperanças eram suas. Suas emoções eram da sua conta, de mais ninguém. Seus temores... Bem, nada de bom resultava de mostrar o medo.

A garotada de Praia Perdida, como a da Coates, antes disso, via a atitude contida de Dekka como algo hostil. Ela não era hostil. Mas na Coates, aquele depósito de crianças-problema, ser só um pouco assustadora era uma coisa boa.

Na Coates Dekka não pertencia a nenhuma panelinha. Não tinha amigos. Não criava encresna, mantinha as notas altas, seguia a maior parte das regras, mantinha o nariz fora dos negócios dos outros.

Mas notava o que acontecia ao redor. Soubera, muito antes da maioria, que alguns jovens da Coates estavam mudando de maneiras que não eram logicamente possíveis. Sabia que Caine havia adquirido algum poder estranho e novo. Tinha enxergado Drake Merwin como a criatura perigosamente doentia que ele era. E Diana, claro, linda, sedutora, sabendo das coisas.

Dekka sentira a atração daquela garota. Diana havia jogado com ela, a provocado, e deixado Dekka sentindo-se mais vulnerável do que nunca. Mas Diana não havia contado a ninguém o segredo de Dekka. No ambiente da Coates, esse fato prejudicaria Dekka muito rapidamente.

Diana sabia guardar segredo. Com seus próprios objetivos.

Naqueles primeiros tempos na Coates Dekka mal havia notado Brianna. Essa atração tinha vindo mais tarde, depois que Caine e Drake haviam agido e aprisionado todas as aberrações que iam brotando na Coates.

Dekka tinha sido posta ao lado de Brianna, as duas com o peso dos blocos de cimento que envolviam as mãos. Lado a lado tinham comido num cocho. Como animais. Foi então que Dekka havia começado a admirar o espírito incólume de Brianna.

Você podia derrubar Brianna. Mas ela não ficava por baixo. Dekka adorava isso.

Claro, isso não daria em nada. Na certa Brianna era totalmente hetero. E com um péssimo gosto para escolher garotos, na opinião de Dekka.

— Não está longe — disse Edilio. — A cidade fantasma fica logo adiante. Esteja preparada.

— Preparada para quê? — resmungou Dekka. — Ninguém me explicou nada. Sam só falou que eu deveria derrubar uma caverna.

Edilio estava com sua metralhadora no colo. Soltou a trava. Tinha uma pistola enfiada sob a perna. Puxou-a, liberou a trava e entregou-a a Dekka.

— Você está começando a me preocupar só um pouquinho, Edilio.

— Coiotes — disse Edilio. — E coisa pior, talvez.

— O que é o “pior”?

Diminuíram a velocidade seguindo pela rua principal do que Dekka percebeu que havia sido uma cidade. Agora totalmente arruinada. Pedacos de pau, poeira e manchas de tinta antiga, rachada.

— Você não sente? — perguntou Edilio.

E ela sentia. Já estava sentindo havia vários minutos, sem saber o que era, como chamar.

— A que distância você precisa estar para fazer sua coisa? — perguntou Edilio.

Quando Dekka tentou responder, descobriu que a boca estava seca demais, a garganta apertada demais. Engoliu poeira e tentou de novo.

— De perto.

O jipe chegou à base da trilha. Edilio virou o veículo até estar frente para o caminho de volta. Deixou a chave na ignição.

— Não quero ter de procurar a chave — disse. — Espero que coiotes não tenham aprendido a roubar carros.

Dekka descobriu que estava com uma estranha relutância em sair do jipe. Viu simpatia e compreensão nos olhos de Edilio.

— É — disse ele.

— Nem sei de quê estou sentindo medo — disse Dekka.

— O que quer que seja, vamos matar.

Começaram a subir a trilha. Logo chegaram ao cadáver de coiole coberto de moscas.

— Pegamos pelo menos um — disse Edilio. Passaram com cuidado pelo animal morto. Edilio manteve a metralhadora preparada, movendo o cano lentamente de um lado para o outro. A pistola pesava na mão de Dekka. Ela examinava cada pedra, cada fenda, esperando, tensa, retesando músculos que nem sabia que tinha.

Subiram lentamente.

E ali, por fim, a entrada da mina.

— Você pode fazer daqui? — sussurrou Edilio.

— Não. Mais de perto.

Arrastando os pés pela terra e o cascalho. Como se andassem através de melado. Cada molécula de ar parecia atrapalhá-los. Câmera lenta. O dedo de Edilio se flexionando espasmodicamente no gatilho. O coração de Dekka martelando.

Mais perto.

O bastante.

Dekka parou. Edilio, com uma lentidão estranhíssima, virou-se para apontar a arma para os dois coioles que tinham aparecido quase por mágica, logo acima do túnel da mina.

Dekka enfiou a pistola no cinto, às costas. Tinha uma lembrança vaga, distante, de alguém dizendo: “É melhor ela disparar e abrir um buraco na sua bunda do que na sua...”

Há um milhão de anos. A um milhão de quilômetros. Em outro planeta. Outra vida.

Dekka levantou as mãos, abriu-as bem e...

Movimento dentro da caverna.

Lento, firme. Uma sugestão de carne pálida na sombra.

Lana se movia como uma sonâmbula. Parou logo no interior da caverna, sob o teto.

Olhou diretamente para Dekka.

— Não — disse Lana com uma voz que não era sua. Quando Sam voltou a si, algum tempo depois, Brianna estava ajoelhada ao lado dele, com um kit de primeiros socorros aberto no chão. Estava usando um spray de bandagem líquida gelada nas piores marcas do chicote.

— Drake — conseguiu dizer ele.

— Cuido dele mais tarde — disse Brianna. — Primeiro você.

O alarme tinha parado de tocar.

Ele tentou sentar-se, mas ela o empurrou até ficar deitado de novo.

— Cara, você tá machucado de montão.

— É — admitiu Sam. — Dói. Parece fogo.

— Tem isso aqui — disse ela em dúvida. E estendeu um pacote de ampolas cor de ocre. O rótulo dizia “Injeção de Sulfato de Morfina USP. 10 mg”.

Sam fechou os olhos com força e trincou os dentes. A dor lhe dava vontade de gritar. Estava além de qualquer coisa que ele suportasse. Como se a carne estivesse queimando, como se alguém estivesse a apertando um ferro incandescente sobre sua pele.

— Não sei — disse ele com os dentes trincados.

— Precisamos de Lana.

— É. Uma pena eu ter mandado Dekka para matá-la.

Ficou ali sentindo ondas de dor tão grandes que lhe davam vontade de vomitar. A morfina embotaria a dor. Mas provavelmente ela não iria tirá-lo da batalha. Ninguém mais poderia impedir Caine. Ninguém mais...

Ele precisava funcionar... precisava...

Gritou em agonia, incapaz de suportar, incapaz de se conter.

Brianna abriu o pacote de ampolas e cravou a seringa na perna dele.

Uma onda de alívio atravessou-o. Mas, junto com ela, um cansaço, uma sensação estranha e uma indiferença sonolenta. Ele estava; afundando cada vez mais para um lugar escuro. Deixando-se cair, deixando Brianna olhando-o enquanto ele despencava em direção ao celiro da terra.

Uma distração, algum fiapo que restava de consciência estava pensando.

Uma arma.

— Brisa — conseguiu dizer Sam.

— O quê, Sam?

— Brisa...

— Estou aqui, Sam.

Ela estaria pronta. A criatura conhecia os poderes deles. Conhecia os limites deles. Sabia tudo que Lana sabia. Provavelmente tudo que Caine e Drake sabiam.

Mas não tudo que havia para saber.

Com um súbito tremor espasmódico, Sam conseguiu agarrar o braço dela e apertar com força.

— Brisa. Brisa... pegue o Duck.

— Não vou deixar você, chefe — reagiu Brianna.

— Brisa. A radiação. Você foi exposta.

Não podia ver a expressão do rosto dela. Mas ouviu o ar sugado com força.

— Eu vou morrer? — perguntou Brianna. E deu um riso pouco convincente. — De jeito nenhum.

Agora ela estava longe demais. A quilômetros de Sam. Em outro mundo. Mas ele ainda precisava alcançá-la.

— Ah, meu Deus — chorou Briana.

— Brisa. Pegue o Duck. A mina. Lana.

Então soltou-a, caiu no poço e saiu da realidade. Brianna chegou à cidade como Paul Revere cavalcando um foguete. Disparou pelas ruas batendo em portas, gritando:

— Duck! Duck, traz esse rabo aqui!

Nada do Duck. Um monte de gente ouviu-a gritar e se escondeu com o rabo entre as pernas. O que em outro dia ela poderia ter achado engraçado.

Corria o mais rápido possível. Não era o bastante para ultrapassar o próprio medo. Radiação. Tinha tocado a piscina do reator.

Será que já estava condenada?

Encontrou Astrid com o Irmão John e seu próprio irmãozinho esqui-sito empurrando uma carroça vermelha na direção da prefeitura. A princípio não pôde

acreditar no que via. Maria Terrafino estava na carroça, enrolada e coberta com uma colcha que se arrastava pelo pavimento.

Brianna pisou no freio e parou derrapando na frente de Astrid. O Pequeno Pete estava cantarolando alguma coisa a plenos pulmões.

— Nestor! Nestor! Nestor! — Maluco. Que nem um maluco de rua. Brianna não sabia como Astrid aguentava.

Quando o Pequeno Pete viu Brianna, parou. Seus olhos ficaram vítreos e ele puxou lentamente o jogo eletrônico de dentro do bolso.

— Brianna! O Sam está bem? — gritou Astrid.

— Não. Drake arrebentou com ele. — Ela queria parecer durona, mas os soluços saíram borbulhando e a dominaram. — Ah, meu Deus, Astrid, ele está muito machucado.

Astrid ofegou e cobriu a mão com a boca. Brianna envolveu-a com os braços e Astrid soluçou no seu cabelo.

— Ele vai morrer? — perguntou Astrid com a voz falhando.

— Acho que não. — Brianna deu um passo atrás e enxugou as lágrimas. — Eu dei uma coisa para cortar a dor. Mas ele está mal, Astrid.

Astrid agarrou o braço dela com força, apertando a ponto de doer.

— Nestor — disse o Pequeno Pete.

— Ei — disse Astrid para Brianna. — Se liga.

Aquilo chocou Brianna. Ela nunca havia pensado em Astrid como uma menininha fraca, mas também não a considerava durona. Mas o maxilar de Astrid estava apertado, os olhos frios parecendo aço.

— Nestor — repetiu o Pequeno Pete.

— Preciso achar o Duck — disse Brianna.

— Duck? — Astrid franziu a testa. — Sam provavelmente estava delirando.

— Duck — disse o Pequeno Pete.

Astrid encarou-o. Brianna viu o olhar, quase podia ouvir as engrenagens girando no cérebro de Astrid.

Nesse momento houve uma agitação. Duas dúzias de crianças, algumas cabriolando como se estivessem num desfile de carnaval, vira-ram a esquina em

direção à praça. Seguindo lentamente atrás delas havia um conversível com a capota abaixada e as luzes piscando. O CD player do carro estrondeava uma música que Brianna não conhecia.

Esparrramado no capô do carro estava o corpo meio mutilado de um cervo.

Andando atrás do carro, tropeçando, arrastando uma perna como se ela não funcionasse direito, com o rosto sangrento, vinha Hunter. As mãos estavam cobertas por alguma coisa metálica e enroladas com fita adesiva. Uma corda envolvia o pescoço. Segurando a corda e sentado no banco de trás, como se fosse um político num desfile, estava Zil. Lance dirigia. Antoine, que Brianna sabia que era um babaca drogado, ia no banco do carona. Dois outros garotos que ela não conhecia de verdade estavam nos outros bancos. Um deles segurava uma pequena placa escrita à mão que dizia “Comida Grátis para os Normais”.

— Que diab... — disse Brianna.

— Fique fora disso, Brianna — respondeu Astrid. — Vá ajudar o Sam.

— Eles não podem fazer isso! — gritou Brianna.

Astrid agarrou o braço dela.

— Escuta, Brianna. Seu trabalho é ajudar o Sam. Faça o que ele mandou: ache o Duck.

— Isso é uma tremenda encrenca, Astrid.

— Coisas ruins — disse Astrid. — Coisas muito ruins estão acontecendo. Escuta, Brisa. Está ouvindo?

Alguém devia ter visto Brianna, porque de repente havia crianças correndo da procissão na direção dela, crianças balançando bastões de beisebol, chaves de roda e pelo menos um garoto segurava um machado de cabo comprido.

— É uma aberração! Pega ela!

— Ela está espionando a gente!

— Saia daqui, Brisa — disse Astrid com urgência. — Ache um modo de ajudar o Sam. Se nós o perdermos, estamos acabados.

— Aqueles babacas não me amedrontam — gritou Brisa. — Podem vir, seus vagabundos!

Para chocá-la, Astrid agarrou seu rosto. Apertou com força, como uma mãe muito furiosa com uma criancinha muito má.

— Isso não tem a ver com você, Brianna! Agora saia daqui!

Brianna recuou com força. Seu rosto estava vermelho de raiva. A turba corria em sua direção. Mas “correr” significava uma coisa para eles e uma coisa totalmente diferente para ela.

Astrid provavelmente estava certa. Não era chamada de Astrid nio à toa. Mas Brianna sabia que, se a turba a perdesse, provavelmente partiria para cima de Astrid.

— Cuide-se, Astrid — disse Brianna. Brianna saltou para 20 metros longe de Astrid e parou.

— Ei, seus panacas. Estou aqui. Querem um pedaço? Querem pedaço da Brisa?

A multidão viu-a, virou-se e partiu atrás, afastando-se de Astrid.

— Pega ela!

— Peguem aquela aberração mutante! — É, certo — zombou Brianna. — Venham me pegar. Ela esperou com um riso frio e furioso no rosto, até que os primeiros perseguidores estivessem a 3 metros de distância.

Então fez uma saudação com o dedo médio erguido e partiu a velocidade que nem um carro poderia igualar.

TRINTA E NOVE | 47 MINUTOS

DUCK ZHANG ESTAVA numa ótima, deixando de lado o fato de que ninguém parecia estar mais distribuindo comida e que ele sentia tanta fome que não conseguia enxergar direito.

Tinha chegado ao ponto em que lamentava amargamente a perda do molho de cachorro-quente que havia pretendido dar a Hunter.

Mas, pelo lado positivo, não estava mais preocupado em cair pela terra até o núcleo derretido. Tinha começado a bolar um modo de controlar aquele poder absurdo.

Duck não era gênio, mas finalmente lhe ocorreu que seu poder era o poder da densidade. Podia controlar a densidade do próprio corpo sem ficar maior ou menor. Se fosse para um lado, ficava tão denso que podia cair direto pelo chão. Igual a largar uma bola de gude numa tigela de sopa.

O que, como ele havia descoberto, era uma coisa ruim.

Mas se fosse para o outro lado, como estava aprendendo a fazer, podia flutuar. Não voar, mas flutuar. Como um balão de gás. Podia fazer isso, agora, sem ter de experimentar mudanças violentas de humor. Podia simplesmente decidir afundar. Ou podia decidir flutuar.

Flutuar era muito melhor. Transformava o mundo inteiro numa espécie de piscina gigante. E dessa vez ninguém iria estragar sua festa.

Agora estava flutuando uns 20 metros acima da praça. Tinha começado perto da escola. Havia subido pelo ar e simplesmente... se deslocado à deriva. A única preocupação era não sair da cidade e acabar tendo que fazer uma longa caminhada até em casa. Pior ai seria flutuar sobre o mar. Isso poderia ser ruim. Ele podia se imaginar digamos, cochilando ali em cima e acordando a 3 quilômetros adentro. No escuro. Era uma longa distância para nadar.

— O que eu preciso — disse para o telhado abaixo — é, tipo, ou algo assim. Ou um foguete. Aí poderia voar de verdade. Tipo Super-homem.

Era um pensamento feliz. Isso tornou mais fácil ficar flutuando confortavelmente.

Um dos outros problemas era que, diferentemente da água difícil se deslocar no ar. Subir ou descer era fácil. Ir para trás ou para a frente era impossível. E até

mesmo girar, por exemplo, se você tivesse deitado de costas, bom, também não era uma coisa fácil fazer.

Como ele estava descobrindo.

Na verdade, nesse momento estava deitado de lado, tentando rol de frente para o chão. Não era possível fazer pressão contra o ar.

Mas tudo bem. Ele descobriria o jeito.

Uma coisa em que estava pensando era colher alguns repolhos e melões. Agora não, com o sol baixando. Mas talvez de manhã. Toda aquela comida linda, linda, lá nas plantações. E ele poderia flutuar logo acima do chão, fora do alcance das ezecas, mas podendo estender a mão e agarrar um melão suculento.

O único problema era como sair da plantação, para começar. E depois voltar. Se não houvesse vento, ele poderia ficar flutuando para sempre sobre um mortífero campo de ezecas.

Não era um pensamento feliz. Nem um pouco. Para tornar seu poder verdadeiramente útil ele teria de aprender a se mover quando estivesse no ar. Neste momento tinha muita dificuldade para ficar olhando o chão abaixo.

Sem dúvida algo estava acontecendo lá embaixo. Havia uma coisa grande rolando na praça. Alguém tinha levado um conversível por cima do gramado. Sam não ficaria feliz com isso. E agora havia umas cinquenta pessoas por lá, como se estivessem numa festa.

Duck sentiu o cheiro da carne antes de ver.

Teve de forçar a vista à luz que ia sumindo. Lá estava, em cima do capô do carro. Um cervo.

Agora alguém estava montando uma fogueira na fonte seca. A fumaça subia na direção de Duck, só um fiapo, na verdade, mas ele achou que isso poderia acabar ficando irritante.

Estava pairando de um lado para o outro na brisa suave, por isso não se preocupou demais. O que estava era morrendo de fome. O cheiro da carne era avassalador. Não era de espantar que o pessoal estivesse pitando de vez.

Não podia ver quem eram os garotos, só o topo das cabeças, o que não dizia grande coisa. Mas então viu que um garoto estava amarrado por uma corda ao para-choque do carro.

De repente Duck teve uma sensação muito ruim com aquela reunião.

Viu um rosto que conhecia. Mike Farmer, um dos soldados de Edilio. Estava olhando diretamente para Duck.

Duck deu um acenozinho. Sorriu. Ia dizer: “Ei, o que está acontecendo aí embaixo?”

Então Mike gritou?

— Tem um lá em cima! Olha! É um deles!

Um o quê?, pensou Duck.

Um rosto após o outro olhou para ele. Até o garoto amarrado. Hunter. Era Hunter, e não parecia bem. Parecia espancado.

Duck pegou-se olhando para Zil. Encarando-o. Percebendo num momento terrível o que acontecia lá embaixo. Sam havia sumido. Edilio havia sumido. Ninguém estava no comando. Todos os líderes fora. E Zil com Hunter como prisioneiro e carne fresca no menu.

— Um espião dos mubs! — gritou Turk.

— Pega ele! — gritou Zil.

Alguém jogou uma pedra. Duck viu-a subir na sua direção, fazer um arco gracioso e cair longe.

Outra pedra, mais perto, mas ainda baixa demais.

Então Mike levou o fuzil ao ombro e mirou. Sam estava no ônibus. O sol brilhava demais pelas janelas.

O veículo chacoalhava. Quinn estava ao lado dele. Mas havia alguma coisa errada com Quinn, algo que Sam não queria olhar.

Sam sentiu pessoas olhando-o. Olhares na sua nuca. Música tocando distante. A banda Against Me! Cantando “Borne on the FM Waves of the Heart”.

Alguma coisa estava acontecendo na parte da frente do ônibus. O motorista. Estava apertando o coração.

Já estive aqui, pensou Sam. Isso aconteceu.

Isso aconteceu.

Só que desta vez seria diferente. Na última vez, havia muito tempo, ele segurara o volante enquanto o motorista tombava com o ataque cardíaco.

Mas o motorista estava com um tentáculo em volta da garganta de Sam?

E Sam estivera gritando?

Sam pulou de pé, espantado ao se ver fazendo aquilo. Não tinha pretendido. Mas estava de pé e sendo sacudido de um lado para o outro, segurando os encostos das cadeiras para se apoiar, olhos encarando-o.

O motorista se virou e riu para ele com dentes pingando sangue.

A mureta da estrada se abriu como um portão enorme e o ônibus passou rugindo e mergulhou no penhasco. Caindo, caindo, as pedras e o mar correndo na direção dele, o ônibus inteiro cheio de garotos que não reagiam, não se importavam, só ficavam olhando, e o motorista rindo, e agora as minhocas...

Sam tentou gritar, mas sua voz não funcionava. Estava sufocado pelo braço de cobra do motorista, sufocado e girando.

Sam sabia que era um sonho, é, tinha de ser, porque o ônibus continuava caindo para sempre, e nada podia cair para sempre. Podia?

A paisagem do sonho mudou de repente e ele não estava mais no ônibus. Estava entrando em sua cozinha, e Astrid, e não sua mãe, que ele esperava ver, e sim Astrid, estava gritando com alguém que ele não conseguia enxergar.

Não tenho tempo para isso, disse Sam a si mesmo. Não tenho tempo para sonhar.

Não tenho tempo a perder aqui.

Acorda, Sam.

Mas nenhuma parte de seu corpo funcionava mais. Ele estava colado no chão. Amarrado com mil cordas minúsculas que se remexiam e se retorciam como cobras ou minhocas.

No entanto agora, agora, de algum modo ele estava se movendo.

Abriu os olhos. Estaria vendo isso? Estaria vendo o salão, o piso, o teto em cúpula a um milhão de quilômetros de distância?

Alguma coisa disso era real?

No chão havia algo que parecia ter sido arrancado do fundo do oceano mais fundo. Pálido e carnudo, úmido. Não tendo mais de 45 centímetros de comprimento. Pulsava ligeiramente, era só uma ondulação que movia aquilo muito ligeiramente. Como uma lesma poderia se mover:

Sam teve certeza de que sabia o que era aquela coisa. Mas nem tinha certeza se era real. E precisava ir embora. Agora ou nunca. Sair do poço escuro e ir para o mundo enquanto o efeito da morfina ainda existia.

Não era real, pensou enquanto passava pela lesma.

Talvez, disse a si mesmo, enquanto avançava um dos pés. Talvez nada disso seja real. A não ser esse pé. E esse pé. Um, e depois o outro.

Duck sentiu a brisa da primeira bala.

Subiu o mais rápido que pôde. O que não era muito rápido.

A segunda bala passou mais longe do alvo.

Duck gritou:

— Ei, para com isso!

— Aberração! Aberração! — gritaram vozes para ele.

— Eu não machuquei ninguém! — gritou Duck de volta.

— Então por que não desce aqui? — gritou Duck. Depois, como se tivesse dito alguma coisa inteligente, aceitou um tapa na mão levantada, dado por um garoto gorducho que segurava uma garrafa bebida.

Talvez cinquenta rostos estivessem olhando boquiabertos para Duck, partes iluminadas em laranja e sombras pretas à luz da gueira. Cores de Halloween. Pareciam estranhos. Pequenos ovais com olhos espiando e bocas abertas. Ele mal podia reconhecê-los por não era assim que a gente olhava para as pessoas, lá do alto, elas e os pescoços esticados.

Viu o cano da arma e o rosto atrás, um olho aberto, o outro fechado. Mirando. Contra ele.

— Pega ele! — encorajou Zil. — Se pegar, você ganha o primeiro bife.

— Mike! — gritou Duck. — Você é um soldado, cara. Não deveria...

Duck viu o cano relampejar. Ouviu o estrondo.

— Por que está atirando em mim? — gritou.

Mira cuidadosa. Clarão no cano. Um estalo alto.

— Para, cara, para com isso!

— Você está errando — gritou Zil.

— Me dá essa arma idiota — exigiu Hank. Em seguida pulou conversível e correu para Mike.

Pode ter sido o empurrão de Hank que salvou a vida de Duck. A terceira bala passou zunindo.

Hank agarrou a arma.

Enquanto isso Duck havia subido mais uns 10 ou 15 metros. Mais alto do que jamais havia ido. Agora estava numa altitude vertiginosa. Podia ver o telhado da prefeitura. Estava mais alto do que onde o campanário da igreja ficava antigamente. Podia ver a escola numa direção. O Hotel Penhasco na outra. Podia ver longe no mar.

Provavelmente estava a uns 30 metros, altura de dez andares. E lá em cima havia uma brisa um pouco mais forte soprando da água, empurrando-o suavemente, como um balão de gás solto, na direção do interior.

Lento demais.

Hank disparou. Errou. Mas por pouco.

Era insano. Ele estava subindo, subindo, mas lento demais, lento demais, e Hank tinha todo o tempo do mundo para mirar cuidado-samente, para alinhar a mira de trás com a da frente, para colocá-la pouco abaixo do alvo e disparar.

Hank apertou o gatilho. Nada aconteceu.

Hank jogou a arma para Mike, enojado.

Mike recarregou freneticamente, mas no tempo que demorou para colocar mais balas, Duck havia flutuado para mais alto e mais longe.

Hank disparou. Quando a bala chegou perto de Duck, a gravidade havia diminuído a velocidade. Duck pôde vê-la passando perto da cabeça. Viu o momento em que ela chegou ao apogeu. E então viu-a cair de volta para o chão.

Duck vomitou enquanto passava por cima da igreja. Isso era sacrilégio, provavelmente. Mas seu estômago estava vazio, de modo que não foi muita coisa que choveu sobre o prédio despedaçado.

Continuou flutuando: ia para onde o vento soprava. E não poderia fazer nada — a não ser levar um tiro — se o vento o soprasse na outra direção.

— Os superpoderes nem sempre fazem da gente um super-herói — disse a si mesmo. Ela havia se perdido de novo.

Ficava indo e vindo. Num minuto estava ali, no outro sumia.

Às vezes estava dentro de si mesma. Dentro do próprio cérebro. Em outras

estava em outro lugar, olhando para si mesma, a distância.

Era muito triste ver o que tinha sido feito de Lana Arwen Lazar.

Então estava ali, bem dentro da própria cabeça bamba, olhando por seus próprios olhos vermelhos.

Andou agora. Sessenta centímetros. Andou.

Vendo as paredes de pedra ao lado.

Perigo adiante — o gaiáfago sentiu, ela também. Ela também. Tinha de ser impedido.

Algo que Lana deveria pegar. Algo que tinha deixado cair.

Parou. O gaiáfago não sabia como chamar aquilo. E por um momento Lana não conseguiu entender as imagens na cabeça. As superfícies lisas de aço. O cabo com riscas entrecruzadas.

— Não — implorou à criatura.

— Não, não quero — implorou enquanto se ajoelhava.

Sua mão procurou a coisa. Dedos tocaram-na. Estava fria. Seu indicador se enrolou no gatilho. Se ela pudesse ao menos levantar a cabeça, se pudesse...

Mas agora estava andando e o peso estava na sua mão, pesado demais. Terrivelmente pesado.

Chegou à picape que ainda trancava o túnel da mina. Arrastou-se para cima do capô, soluçando. Passou pela janela despedaçada, indiferente aos vidros que cortavam as palmas das mãos e os joelhos.

Por que não conseguia se obrigar a parar? Por que não conseguia parar esta mão, aquele pé?

A luz das estrelas no alto eram ofuscantes enquanto ela saía à boca do túnel da mina.

O inimigo estava lá, o perigo.

Lana sabia qual era o nome do inimigo. Sabia o que o inimigo iria fazer. Quando o gaiáfago tivesse se alimentado, estaria preparado para Dekka. Mais do que preparado.

Mas por enquanto não.

— Não — disse Lana a Dekka. — Não.

Dekka se imobilizou. Havia uma expressão de horror em seu rosto.

O outro ficou de lado. Segurava uma arma. Lana sabia o nome dele, também. Edilio. Mas ele não era o perigo.

— É Lana — disse Dekka.

— Lana, corra para nós — disse Edilio. E estendeu a mão.

Lana sentiu uma tristeza avassaladora. Um soluço que preencheu o mundo. Era como se aquela mão estendida fosse tudo que podia ver, tudo que podia sentir.

Queria demais estender sua mão para ela.

— Venha, Lana — insistiu Edilio.

Lágrimas encheram os olhos de Lana. Sua cabeça se moveu lenta-mente, de um lado para o outro.

— Eu não quero — disse sua voz.

Lana levantou a arma.

— Eu não... — sussurrou Lana.

Mirou. Dentro da cabeça ouviu um grito um grito um grito.

— Lana, não! — gritou Dekka.

Lana não escutou o tiro. Mas sentiu a arma dar um coice em sua mão. Viu o jato de chamas.

E viu Edilio cair para trás.

Viu-o tombar de costas.

A cabeça quicou quando ele bateu no chão.

Lana mudou a mira. Alinhou o cano com Dekka, que parecia paralisada de choque.

Lana apertou o gatilho.

Clic.

Clic.

Dekka levantou as mãos. Sua expressão era furiosa, determinada. Mas não usou o poder. Seus olhos tremeram. Ela baixou as mãos e correu para Edilio.

Dekka se ajoelhou perto de Edilio. Ofegou. Apertou o ferimento no peito dele.

Tentando segurar o sangue dentro.

— Lana. Lana — implorou Dekka com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Ajuda ele.

Lana ficou parada, confusa. A arma não estava funcionando. Por que não estava funcionando? A pergunta não era sua, o pensamento não era seu.

O gaiáfago estava confuso. Por que a arma não matou? Ele não entendia. Sabia muita coisa. Mas não tudo.

A arma escorregou dos dedos de Lana. Ela ouviu-a bater na pedra.

— Lana, você pode salvar ele! — implorou Dekka.

Não posso salvar ninguém, pensou Lana. Muito menos eu mesma.

Lana deu dois passos atrás.

A última coisa que viu foi Dekka, correndo para Edilio.

Lana retornou ao seu dono.

QUARENTA | 38 MINUTOS

O SOL ESTAVA afundando no mar. Sombras se alongavam em Praia Perdida. A praça estava cheia de crianças, um número muito maior do que Zil poderia alimentar com um cervo.

A princípio isso o preocupou. Mas então ele percebeu a solução simples: os que participassem do sacrifício de Hunter comeriam. Os que só olhassem, não comeriam.

Os que pusessem as mãos em Hunter fariam parte do grupo de Zil. Demonstrariam a lealdade fora de qualquer dúvida. As pontes seriam queimadas. Depois disso ele seria dono deles, de corpo e alma.

Seriam membros vitalícios da Galera Humana.

Uma grande fogueira fora montada na fonte seca. Algum esperto havia ido à loja de ferramentas e montado uma grelha onde grandes nacos do cervo, cortados em fatias com um machado, estavam assando.

O cheiro era incrível.

Turk havia apanhado latas de tinta spray e pichado a fonte e algumas calçadas com o logotipo do “GH”, criado por Lisa.

— Como vamos fazer isso, cara? — perguntou Antoine.

— Fazer o quê? — respondeu Zil.

— O Hunter. Como a gente vai fazer?

Hunter havia se recuperado um pouco da pancada na cabeça. Tinha tentado livrar as mãos, mas Hank lhe deu umas boas pancadas. Algumas pessoas da multidão aplaudiram. Outras ficaram incomodadas.

— Pendurando — disse Turk, e fez um gesto cômico imitando enforcamento.

— Onde? E o que eu queria saber, cara — respondeu Antoine. Ele estava engrolando a voz terrivelmente, quase a ponto de ser ininteligível. Bêbado.

— Ali. — Lance apontou para a igreja arruinada.

— Onde a porta ficava? É, forma um arco. Dá para passar uma corda por aquele buraco. Uma ponta no pescoço do Hunter, certo? A outra ponta pode ser bem comprida. Dá para estender até a praça, para a gente ter, tipo... umas cem pessoas

puxando.

Ele franziu a testa e olhou para um lado e para o outro.

— Puxando para cima, depois dá para amarrar a corda numa árvore, em volta da base.

Zil avaliou Lance curiosamente. Parecia estranho encontrar aquele garoto popular se envolvendo, na verdade bolando um plano para uma execução. Estranho. Lance não tinha nada da fúria fervilhante de Hank. Nem o puxa-saquismo desesperado de Turk. Não era um ferrado patético como Antoine.

— É um bom plano, Lance — concordou Zil.

Os olhos de Hank brilharam perigosamente.

— Se a gente vai fazer isso, é melhor fazer logo — disse.—Astrid gosta das aberrações. E aquela tal de Brianna. Pode estar trazendo o Sam.

— Sam está ocupado. Além disso, não tenho medo do Sam. Esse pessoal todo está com a gente — disse Zil, parecendo muito mais confiante do que se sentia. — Mas é, vamos fazer isso logo. Hank. Lance. Comecem a passar a corda.

Zil subiu no porta-malas do conversível.

— Pessoal! Pessoal!

Conseguiu a atenção de todo mundo quase no mesmo instante. A multidão estava faminta, desesperada e muito impaciente. Várias crianças tinham tentado correr para a carne e arrancar um pedaço do meio das chamas. Tiveram de ser afastadas com violência por Hank e um punhado de garotos que ele havia convocado como guarda-costas.

— A comida está pronta — anunciou Zil e foi recebido por gritos altos. — Mas temos uma coisa mais importante a fazer, antes de comer.

Gemidos.

— Temos de fazer justiça.

Isso provocou olhares silenciosos até que Turk e Hank começaram a levantar as mãos e gritar, mostrando à turba como agir.

— Esse mutante, esse lixo não humano aqui, essa aberração, o Hunter... — apontou Zil, com o braço estendido, para seu cativo. — Esse mub assassinou deliberadamente meu melhor amigo, o Harry.

— É bintira — disse Hunter. Sua boca ainda não funcionava direito. Dano

cerebral, supôs Zil, devido à batida na cabeça. Metade do rosto de Hunter estava caído como se não se prendesse direito. Isso tornava mais fácil para a multidão de crianças zombar dele, e Hunter, gritando com sua voz enrolada de retardado, não ajudava em nada.

— Ele é um assassino! — gritou Zil de repente, batendo com o punho na palma da outra mão. — Uma aberração! Um mutante! E nós sabemos como eles são, certo? Eles sempre têm comida suficiente. Eles comandam tudo. Estão no comando e a gente passa fome. Isso é coincidência? De jeito nenhum.

— É bintira — gemeu Hunter de novo.

— Peguem ele! — gritou Zil para Antoine e Hank. — Peguem ele, o lixo aberração mutante!

Pegaram Hunter pelos braços. Ele conseguia andar, mas somente arrastando uma perna. Meio carregaram, meio fizeram-no andar atravessando a praça. Arrastaram-no subindo os degraus da igreja.

— Agora — disse Zil — vamos fazer do seguinte modo. — E apontou para a corda que Lance estava desenrolando pela praça.

Uma pausa cheia de expectativa. Uma sensação perigosa, estonteante. O cheiro da carne deixava todos loucos. Zil podia sentir.

— Todos vocês querem um pouco dessa carne deliciosa?

Eles rugiram concordando.

— Então todos vão segurar a corda.

Uma dúzia de crianças, ou mais, saltou para pegar a corda. Outras hesitaram. Olharam na direção da igreja. Olharam para Hunter do seguro pela galera do Zil.

Lance havia feito um nó correção.

Agora Hank passou-o pela cabeça de Hunter e apertou em volta do pescoço.

Mas houve uma agitação na turba. Alguém estava abrindo minho. Crianças gritavam contra o intruso. Houve empurrões, finalmente Astrid apareceu, desgrehada, vermelha, furiosa. Não estava mais puxando uma carroça. E não estava com John, o era bom, pensou Zil: Maria e John eram populares. Muitas daquelas crianças tinham irmãos menores na creche.

Astrid era outra coisa. Estava ligada a Sam, e um monte de gente achava que ela era muito cheia de si. Além disso tinha consigo aquele irmãozinho assustador. E ninguém gostava dele. Segundo os boatos ele também era uma espécie de aberração

poderosa. Mas era retardado demais para fazer grande coisa com isso.

Era uma perda de tempo manter um retardado vivo quando humanos estavam passando fome.

— Parem com isso! — gritou Astrid. — Parem com isso agora!

Zil olhou para ela. Ficou quase surpreso ao perceber que não estava intimidado por Astrid. Astrid Gênio. A namorada de Sam. Uma das três pessoas mais importantes do LGAR.

Mas Zil tinha o poder da multidão. Sentia-o no coração e na alma como uma droga que o tornava todo-poderoso. Invencível e sem medo.

— Vá embora, Astrid — disse ele. — Não gostamos de traidores.

— Ah, é? E o que achamos dos bandidos? O que achamos do assassinato? — Ela era mesmo muito bonita, notou Zil. Muito mais gostosa do que Lisa. E agora que ele estava assumindo o comando...

— Estamos aqui para executar um assassino — disse Zil, apontando para Hunter. — Estamos fazendo justiça em nome de todos os normais.

— Não existe justiça sem julgamento — disse Astrid.

Zil deu uma risada. Abriu as mãos.

— Nós fizemos um julgamento, Astrid. E esse lixo mutante foi considerado culpado de assassinar um normal. A pena é a morte.

Astrid se virou para encarar a multidão.

— Se vocês fizerem isso, nunca vão se perdoar.

— Estamos com fome — gritou uma voz, e foi imediatamente ecoada por outras.

— Vocês vão assassinar um garoto numa igreja? — perguntou Astrid, apontando para a igreja. — Numa igreja? Na casa de Deus?

Zil pôde ver que essas palavras causaram efeito. Houve alguns olhares nervosos.

— Vocês nunca vão conseguir lavar a mancha disso das suas mãos — gritou Astrid. — Se fizerem isso, nunca vão conseguir esquecer. O que acham que seus pais diriam?

— Não existem pais no LGAR. Nem Deus, também — disse Zil.

— Só humanos tentando ficar vivos, e as aberrações tomando tudo para elas. E você, Astrid, adora ajudar as aberrações. Por quê? Eu fico mesmo pensando: por quê?

Ele estava começando a gostar genuinamente daquilo. Era muito divertido ver a bela e inteligente Astrid parecendo impotente.

— Sabem o que eu acho, pessoal? — disse Zil. — Acho que talvez Astrid tenha algum poder e não contou a ninguém sobre ele. Ou então... — Ele parou para causar um efeito dramático. — Ou então é o retardadinho que tem poderes.

Viu o medo baixar no rosto dela. A raiva indignada rendendo-se ao medo.

Tão inteligente, tão rápida no pensamento, Astrid! Tão idiota, também, pensou Zil.

— Acho — disse ele — que talvez tenhamos mais duas aberrações no nosso piquenique.

— Não — sussurrou Astrid.

— Hank — disse Zil, e balançou a cabeça, confirmando.

Astrid se virou tarde demais para ver Hank atrás dela. Ele girou o bastão. Astrid sentiu o golpe como se tivesse acertado-a.

Acertou o Pequeno Pete.

Ele caiu como uma marionete com os cordões cortados.

— Agora! — disse Zil. — Agarrem ela. Diana mal podia acreditar. Eles haviam se movido rapidamente, com facilidade, subindo pela encosta acima da usina, e tinham encontrado a haste de combustível.

Não foi difícil achar. Um incêndio havia começado no mato seco onde ela bateu. Só um fogo baixo. Caine pôde pegar a haste de combustível com facilidade e mantê-la no ar.

Jack ficou atrás da haste, suando de calor, suando de medo também, supôs Diana. A única luz vinha do fogo.

— Não vejo nada rachado nem quebrado — disse Jack. Em seguida pegou no bolso algo que parecia um controle remoto amarelo e olhou.

— O que é isso?

— Um dosímetro. — Jack apertou um botão. Diana ouviu um estalo irregular. Clic. Cliclic. Clic. Clicliclic.

— Tudo bem — disse Jack, e deu um suspiro de alívio. — Até agora.

— O que são esses estalos?

— Sempre que detecta uma partícula radiativa ele estala. Se começar a clicar constantemente, teremos um problema. Ele solta um apito quando o nível fica perigoso.

Mesmo agora Jack adorava mostrar seu conhecimento de nerd. Mesmo sabendo o que estava acontecendo, o que havia acontecido. Supondo, pelo menos, o que viria em seguida.

— O que vocês estão ouvindo agora é só radiação de fundo.

— Vamos sair daqui — disse Caine. — O fogo sobe. Precisamos ficar à frente dele.

Subiram o morro. O fogo não os alcançou. Não parecia estar se espalhando. Talvez porque não houvesse vento.

Desceram pelo outro lado até a autoestrada.

Ninguém tinha vindo atrás. Sam não estava à vista.

Descansaram — melhor dizer, desmoronaram — dentro do escritório de uma locadora de veículos. Os dois soldados foram procurar comida em gavetas de mesas e armários empoeirados.

Um deles apareceu triunfante com uma latinha de pastilhas de hortelã duras. Havia nove. O bastante para cada um ganhar uma, e depois salivar pensando nas quatro restantes.

— Hora de pegar um carro — anunciou Caine. Ele havia “estacionado” a haste de combustível do lado de fora, encostando-a na parede externa. — Precisamos de alguma coisa com teto aberto.

Estendeu uma pastilha para os dois soldados verem.

— Quem achar o melhor veículo, com chaves, ganha isso.

Os dois capangas correram para a porta. O estômago de Diana teve um acesso de câibra, provocando um grito de dor. Um pedacinho de bala não curava a fome, só aumentava.

Não havia luzes no escritório. Nem na autoestrada lá fora. Escuridão em todas as direções, a não ser pela luz pálida de não estrelas e uma não lua.

Deixaram-se cair frouxamente nas cadeiras do escritório, apoiando os pés

cansados nas mesas.

Diana começou a rir.

— Alguma coisa engraçada? — perguntou Caine.

— Estamos sentados no escuro, dispostos a vender a alma em troca de outra pastilha de hortelã, com urânio suficiente para provocar um sonho molhado num terrorista. — Ela enxugou lágrimas dos olhos. — Não, não tem nada de engraçado nisso.

— Cala a boca, Diana — reagiu Caine, exausto.

Diana imaginou se o uso do poder telecinético para “carregar” a haste de combustível estaria cansando-o. Talvez.

Obrigou-se a ficar de pé. Foi até Caine e pôs a mão no ombro dele.

— Caine.

— Não começa — respondeu ele.

— Você não precisa fazer isso.

Caine não respondeu.

Um dos soldados enfiou a cabeça na sala.

— Achei um Escalade. Tem chaves dentro, mas está trancado.

— Jack? Vá abrir o carro para ele — ordenou Caine. — E aproveita para arrancar o teto.

— Tu ganho uma pastilha? — perguntou Jack.

Diana gargalhou, um som que beirava a histeria.

— O que você acha que seu amiguinho no deserto vai fazer quando você tiver dado o que ele quer? — Como Caine não respondeu, Diana disse, perplexa: — Por sinal, eu devo chamar de “ele”, “ela” ou “aquilo”.

Caine cobriu o rosto com as mãos.

— Ele tem apelido? — continuou Diana sem remorsos. — Quero dizer, “gaiáfago” é comprido demais. Podemos chamar de fago? Ou talvez só de “G”?

De fora veio o som de metal rasgando, vidro quebrando. Jack com^o vertendo um utilitário num conversível.

— O monstro “G” — disse Diana.

Segundos depois a porta foi empurrada bruscamente para dentro. Era Jack.

— Tem alguém vindo — disse ele com urgência. — Direto pela estrada.

— De carro? — perguntou Caine, pulando.

— Não. Só ouvimos passos, tipo alguém correndo.

O coração de Diana saltou. Sam. Tinha de ser o Sam.

Mas ao mesmo tempo sentiu medo. Queria que Caine fosse impe-dido. Não queria que ele fosse morto.

Caine correu para fora, com Diana logo atrás, e irromperam tiros. Os dois soldados disparando às cegas na direção da estrada. Fogo amarelo brotando dos canos, um ruído ensurdecedor, e saindo da escuridão impenetrável uma voz xingando, gritando para que parassem, seguida por palavrões furiosos.

— Parem de atirar, seus idiotas! — rugiu Caine.

Os tiros pararam.

— É você, Drake? — gritou um soldado, trêmulo e com medo.

— Vou arrancar a pele de vocês a chicotadas! — berrou Drake.

O psicopata magro apareceu, olhos brilhando ao luar, cabelos revoltos. Estava se movendo estranhamente, aninhando a mão de chicote com a outra.

Havia algo estranho nela. Diana não conseguiu deduzir o que era.

— Por que demorou? — perguntou Caine.

— Por que demorei? Por causa do Sam. Eu acabei com ele — disse Drake. — Eu. Chicoteei, arranquei a pele do cara e ele nunca vai se recuperar, nunca, depois do que...

— Uau — disse Jack, tão chocado que ousou interromper Drake no meio da fala. — Sua... sua coisa.

Então Diana viu como o tentáculo de Drake terminava numa superfície plana, num cotoco.

E então, para perplexidade de Diana, Drake soluçou. Só uma vez. Só um soluço contido. Ele é humano, afinal de contas, pensou Diana. Só um pouco. Mas capaz de sentir medo, capaz de sentir dor.

— Você não matou ele? — perguntou Caine.

— Eu disse — gritou Drake. — Ele está acabado!

Caine balançou a cabeça.

— Se você não matou, ele não está acabado. Na verdade parece que foi a última vez que você lutou com o Sam. Uma parte sua está faltando.

— Não foi o Sam — disse Drake com os dedos trincados. — Estou dizendo, eu acabei com o Garoto Sam. Eu! Acabei com ele!

— Então por que, de repente, você está... fazendo o gênero co- toco? — perguntou Diana, incapaz de resistir à ânsia de atacar seu atormentador.

— Brianna — respondeu Drake.

Com o canto do olho, Diana notou como a cabeça de Jack se levantou e seu peito se estufou.

— Ela apareceu. Tarde demais para salvar o Sam. Vocês não vão ver o Sam de novo.

— Quando eu vir o corpo dele, vou acreditar — disse Caine seca-mente.

Diana concordou. Drake estava insistindo demais. Esganiçado demais. Decidido demais a convencer todos eles.

— Vamos andando — ordenou Caine.

Um dos soldados virou a chave do Escalade mutilado. A bateria estava fraca. A princípio pareceu que não daria a partida. Mas então o motor pegou e rugiu. Luzes se acenderam dentro do carro. Os faróis eram dolorosamente fortes.

— Todo mundo dentro — ordenou Caine. — Se Drake estiver certo e Sam estiver acabado, mesmo que só por um tempo, não precisamos mais nos esconder. São quinze quilômetros até a mina. Em vinte minutos estamos lá.

— Cadê minha pastilha? — perguntou Jack.

Caine levantou a haste de combustível e sustentou-a no ar acima da cabeça deles. Suficientemente perto para o calor parecer do sol do meio-dia.

O Pequeno Pete estava inconsciente.

Astrid foi puxada, chutada e empurrada enquanto Antoine amarrava seus pulsos e soltava bafo de álcool em seu rosto.

Seu cérebro estava girando. O que fazer? O que dizer para acabar com aquela

insanidade?

Nada. Não havia nada que pudesse dizer agora, com a fome comandando a turba. Não podia fazer nada além de testemunhar.

Astrid olhava para cada rosto, procurando a humanidade que deveria falar a eles, fazer com que parassem, mesmo agora. O que via era loucura. Desespero.

Eles estavam famintos demais. Apavorados demais.

Iam matar Hunter, e então Zil viria atrás do Pequeno Pete e da própria Astrid. Ele não teria opção. No instante em que Hunter morresse, Zil e sua turba teriam riscado uma linha de sangue no meio do LGAR.

— Querido Jesus, sei que o Senhor está olhando — rezou Astrid.

— Não deixe que eles façam isso.

— Estão preparados? — berrou Zil.

A turba soltou um rugido.

— Querido Deus... — rezou Astrid.

— É hora da justiça!

—... não. — Edilio, não morra — implorou Dekka. — Não morra.

Edilio soltou um som gorgolejante que poderia ser uma tentativa de falar.

Dekka havia aberto a camisa dele. O buraco estava no peito, logo acima do mamilo esquerdo. Quando apertava a mão contra o furo, o sangue escorria por baixo da palma. Quando tirava a mão, ao menos por um segundo, o sangue era bombeado para fora.

— Ah, meu Deus — soluçou Dekka.

Outro gorgolejo, e Edilio tentou levantar a cabeça.

— Não tente se mexer — ordenou Dekka. — Não tente falar.

Mas a mão direita de Edilio subiu de repente. Ele parecia estar tentando agarrar a gola da blusa dela, mas a mão não se conectava, os dedos não seguravam. Edilio baixou a mão e pareceu desmaiar por um momento.

Mas então, com o que parecia um esforço quase sobre-humano, disse uma palavra:

— Faz.

Dekka sabia o que ele estava pedindo.

— Não posso, Edilio, não posso. Lana é a única que pode salvar você agora.

— Faz...

— Se eu fizer, ela vai morrer. — Dekka estava banhada em suor, suor pingando da testa, pingando no peito ensanguentado dele. — Se eu fizer isso, Lana não vai poder salvar você.

— Fa... faz...

Dekka sacudiu a cabeça violentamente.

— Você não vai morrer, Edilio.

Elâ o agarrou por trás, em volta do peito. Como se fosse fazer a manobra Heimlich. Usando o peso dele contra suas mãos escorregadias, para lacrar o ferimento.

Arrastou-o para longe do túnel da mina. Arrastou-o pela trilha, com os calcanhares de Edilio riscando trilhas na poeira. Chorava e soluçava enquanto andava, cambaleando sob o peso, caindo em pedras, más colocando distância entre ela e a entrada da mina.

Porque ele estava certo. Ele estava certo, o pobre Edilio, estava certo, ela precisava fazer. Tinha de desmoronar aquela mina. Mas Edilio não seria enterrado ali, de jeito nenhum. Não: Edilio teria um local de honra na praça.

Os mortos homenageados. Outra sepultura. A primeira que o próprio Edilio não teria cavado.

— Aguenta aí, Edilio, você vai conseguir — mentiu Dekka.

Dekka se deixou cair na base da trilha, na beira da cidade fantasma. Em seguida sentou-se em cima de Edilio e pressionou o ferimento. Agora a força do sangue era menor. Ela quase podia conter o sangue, o que não era uma coisa boa, não, porque significava que ele estava quase acabado, que seu bravo coração tinha quase esgotado os batimentos. Dekka olhou direto nos olhos brilhantes de um coioote. Podia perceber os outros ao redor, fechando o cerco. Cautelosos, mas sentindo que uma refeição fresca estava ali perto.

QUARENTA E UM | 33 MINUTOS

DUCK ESTAVA TÃO alto que podia ver fumaça subindo da usina distante.

Ainda tremia por ter sido alvo de tiros. De tiros! Nunca havia machucado ninguém.

Agora era como se tivesse sido convocado para uma guerra que nem sabia que estava acontecendo. Era loucura. Podia ter sido morto. Ainda podia ser morto.

Em vez disso flutuou para longe, incólume.

Enquanto outros lutavam para sobreviver. Enquanto outros enfrentavam o mal que estava sendo feito.

Felizmente a brisa suave o levava para longe da praça da cidade, onde toda a loucura acontecia. Em mais alguns minutos ele aumentaria a densidade e baixaria suavemente de volta à terra. Então esperava encontrar alguma comida. O cheiro de carne cozinhando o havia deixado louco de fome.

— Você não podia ter feito nada, Duck — disse a si mesmo.

— Verdade — concordou. — Nada.

— A culpa não é nossa.

Fez uma tentativa débil de pegar uma gaivota que pairava fora de seu alcance, flutuando com as asas em forma de bumerangue. Estava com tanta fome que comeria o pássaro cru. No ar.

Com o canto no olho notou um borrão no solo embaixo. O borrão parou de repente. Não dava para ver o rosto, mas só podia ser Brianna. Ela segurava um pombo na mão.

Brianna podia fazer o que Duck não podia. Brianna podia pegar e comer pássaros. Talvez ela dividisse um. Afinal de contas, os dois eram aberrações. Os dois estavam do mesmo lado. Certo?

— Ei! — gritou ele, para baixo.

Brianna encarou-o.

— Você! — gritou ela. — Andei procurando você em todo canto!

— Estou morrendo de fome — gemeu Duck.

— Como chegou aí em cima?

Ele estava aumentando lentamente a densidade, descendo para a terra.

— A coisa funciona dos dois modos — respondeu. — Tem a ver com a densidade. Eu peso o que quiser pesar. Posso pesar tanto que afundo no chão, ou posso flutuar tão...

— É, não importa. Sam mandou chamar você.

— Eu?

— Você. Desce aqui.

Ela arrancou uma asa do pombo e entregou um pedaço de carne gelatinosa, pingando, e Duck nem hesitou.

Ele levantou os olhos cheio de culpa depois de um minuto babando e grunhindo.

— Você não quer um pouco? — Não — respondeu ela. — Meu apetite... não sei. Estou meio enjoada. Brianna estava olhando-o de um modo que o deixou nitidamente nervoso.

— Vai haver alguma resistência do vento — disse Brianna.

— Alguma o quê?

— Você disse que pode controlar seu peso? Uns cinco quilos vão bastar.

— Para quê?

— Pula nas minhas costas, Duck. Você vai ganhar uma carona. A morfina não eliminou a dor. Meramente lançou um véu por cima. Ela continuava ali, um leão terrível e famélico, rugindo, espantoso, avassalador. Porém contido, por pouco.

Por pouco.

Seus ferimentos eram chocantes de ver. Tiras vermelhas atravessando as costas, os ombros, o pescoço e o rosto. Em alguns lugares a pele havia sido arrancada.

O pesadelo da morfina havia se desbotado e a realidade começara a assumir um pouco da definição usual. O chão estava embaixo e o céu em cima. As estrelas eram brilhantes, o som dos tênis no concreto era familiar, assim como o som da própria respiração, áspera na garganta.

Ele tinha algum tempo. Quanto, não sabia. Um pouco, talvez, para impedir Caine.

E matar Drake. Porque agora, pela primeira vez na vida, Sam queria tirar uma vida.

Drake. Ia matar Drake. Mais do que qualquer preocupação elevada com relação ao que Caine poderia fazer, era o pensamento em Drake que mantinha Sam em movimento. Destruir Drake antes que o efeito da morfina passasse e a dor medonha retornasse deixando-o encolhido, gritando e...

Deveria ter feito na primeira vez em que tivera a chance.

Deveria...

A cena apareceu ao redor, tremeluzindo, irreal. A batalha nos de-graus da prefeitura. Orc e Drake, o punho de marreta do garoto de cascalho e o chicote do monstro de verdade.

Sam estivera ocupado com Caine. Mal havia sobrevivido. Mas poderia, deveria ter destruído o psicopata Drake naquele momento. Derrubado-o como o animal hidrófobo que ele era.

A realidade era oscilante enquanto Sam atravessava o estacionamento. Não havia ninguém ali, agora. Dekka tinha ido para... fazer o quê? Sua mente estava nebulosa.

Destruir o túnel da mina. Ela e Edilio.

Lana. Se Lana estivesse lá... Se ela...

O passo de Sam hesitou. Lana era sua única esperança. Sem ela não sobreviveria. Ela poderia curá-lo. Acabaria com a dor. Iria renová-lo.

Para que ele pudesse...

Deixou-se cair num carro. Durante um tempo, não soube quanto, sua mente foi embora. A consciência falhou. Mas não era exatamente o sono, era só um pesadelo acordado feito de lembranças e imagens, e sempre a dor na barriga, a dor na carne rasgada.

Continue em movimento, disse a si mesmo. Para que lado? A cidade estava a 15 quilômetros. Mas não era para lá que Caine ia.

O lado do morro atrás da usina estava reluzindo. Como se estivesse queimando em alguns trechos. Alucinação.

Jamais conseguiria andar tanto. A droga jamais duraria tanto. Mais rápido. Precisava mover-se mais rápido.

Precisava de ajuda. Alguém...

— Alguém me ajude — sussurrou.

Começou a longa caminhada cansativa subindo a estrada íngreme em direção ao portão da segurança. De jeito nenhum conseguiria se mover pelo terreno cheio de mato. Sem chance. E mesmo...

Mesmo...

Agora a cabeça de Sam estava fazendo truques com ele. Viu uma luz. Como uma lanterna. Mas vinda do oceano.

Sentou-se com força. A luz varreu lentamente o estacionamento, como se alguém no mar estivesse passeando preguiçosamente de carro.

A luz se arrastou pela lateral da usina. Subiu o morro, depois voltou de novo. Alguém estava procurando.

Mas ele era somente uma forma amarrotada numa estrada, pequeno demais para ser visto. A luz jamais pousaria nele. Era como um jogo doentio. A luz vinha em sua direção e depois se afastava.

Ele estava invisível.

— Não, Sam — disse a si mesmo enquanto percebia com a lentidão ridícula de seu cérebro prejudicado. — Panaca imbecil. A única coisa que você tem é luz.

Levantou as mãos bem alto. Um pilar de luz verde e pura rasgou o céu noturno.

O farol se virou instantaneamente em sua direção.

— É, estou aqui — disse Sam.

Quinn levou alguns minutos para encalhar o barco e subir as pedras até Sam.

— Brou — disse Quinn.

Sam confirmou com a cabeça.

— É. Estou bem mal. Como...

— Eu estava pescando. Vi o fogo. — Quinn se ajoelhou ao lado dele, obviamente sem saber o que fazer para aliviar o sofrimento do amigo.

— Eu estou mal, e minha cabeça não funciona direito — engrolou Sam.

— Vou levar você de volta à cidade.

— Não, brou. Pega um carro.

— Sam, você não pode...

— Quinn. — Sam apertou com força o braço de Quinn. — Pega um carro. — Para trás, cachorrinhos — rosnou Dekka..

Os coiotes chegaram mais perto, circulando, sempre circulando. A cada circuito chegavam um pouco mais perto.

— Qual de vocês é Líder da Matilha? — perguntou Dekka. Desesperada. Como poderia fazer com que parassem de circular cada vez mais perto? — Tenho uma oferta. Eu... posso ajudar vocês. Quero falar com Líder da Matilha.

Um dos coiotes parou de se mexer e virou a cara inteligente para ela.

— Líder da Matilha eu. A voz era aguda, tensa, como se o esforço de tentar falar fosse doloroso. Dekka só tinha visto Líder da Matilha a distância, mas sabia que não era ele. Líder da Matilha tinha um rosto maldoso, uma cicatriz no focinho. Era velho e com o pelo cheio de falhas. Esse coiote era obviamente mais novo.

— Você não é Líder da Matilha.

O coiote balançou a cabeça interrogativamente.

— Líder da Matilha morre. Líder da Matilha agora.

Líder da Matilha morto? Talvez essa fosse uma oportunidade.

— Se vocês me machucarem — alertou Dekka. — Meu pessoal vai matar coiotes.

Líder da Matilha — o novo Líder da Matilha — pareceu pensar nisso. Seus olhos eram brilhantes e focados, mas quase pareciam conter um traço de humor.

— Matilha come humano morto — disse Líder da Matilha na voz fantasmagórica, áspera, dos coiotes mutantes.

— Ele não está morto.

— Matilha come.

— Não — reagiu Dekka. — Se vocês tentarem nós vamos...

Houve um clarão de pelos castanhos e cinza e algo trombou em Dekka. Ela rolou e se agachou rapidamente. Três coiotes estavam em cima de Edilio. O sangue bombeava livremente do peito dele.

— Não! — gritou Dekka.

Ela levantou as mãos, e de repente Edilio estava flutuando acima do chão, junto

com três coiotes que ganiam em pânico.

Líder da Matilha foi cambaleando até uma distância segura.

E em seguida houve o som de um carro se aproximando em alta velocidade. — Estamos quase chegando! — gritou Drake em êxtase.

O vento da noite chicoteava o rosto deles enquanto o Escalade rasgado pulava e voava. Acima, a haste de combustível era como um míssil de cruzeiro, mantendo a mesma velocidade. Caine estava firme contra o encosto da poltrona, as mãos para cima.

Diana só podia ver um lado do rosto dele, mas não era uma expressão de júbilo selvagem como a de Drake. Os olhos de Caine espiavam por baixo de sobancelhas franzidas. Sua boca estava repuxada numa careta. Era a única vez que Diana havia olhado para ele e o achado feio. Não havia nenhum traço do charme fácil. A estrutura óssea de astro de cinema estava ali, mas agora ele parecia um cadáver amortalhado, uma zombaria, um eco se esvaindo.

— Olhem! Rá, rá, rá! Está crescendo de volta! — berrou Drake, e acenou com a ponta de seu tentáculo hediondo no rosto dela. Estava certo. Um calombo vinha se formando no disco rombudo, crescendo de novo. Como um rabo de salamandra, o chicote podia ser cortado, mas iria se regenerar. — Ali! É a cidade — gritou Drake. — Ali! Agora vocês vão ver. Agora vocês todos vão ver!

— Que lugar é esse? — perguntou Jack em voz alta. Em seguida olhou para Diana furioso, acusando, culpando-a.

Não é minha culpa, argumentou Diana em silêncio. Não é minha culpa, Jack, não é minha culpa se você foi fraco e me seguiu, seu idio-ta, seu idiota carente. Nada disso é minha culpa.

Só estou tentando sobreviver. Só estou tentando me virar, como sempre, como sempre.

Era o que Diana fazia: sobreviver. E sempre com estilo. Em seus próprios termos, não importando o que os outros pensassem. Esse era seu gênio especial: ser usada, mas sempre usar de volta. Ser abusada, mas depois devolver o abuso, com juros. E permanecendo sempre Diana, a fria Diana.

Nada disso era sua culpa.

— Olha! — gritou um dos soldados.

Algo estava acontecendo na estrada adiante. Como um pequeno tornado, como um redemoinho feito de coiotes; e ali, no centro da loucura, um corpo humano.

— Dekka — disse Drake com prazer especial. Dekka deixou os coiotes caírem. Deixou Edilio cair, também. Não havia opção. Agora não podia fazer nada para ajudá-lo.

— Adeus, Edilio — sussurrou.

Agora só restava o túnel da mina. Correu.

O Escalade parou derrapando. Drake estava do lado de fora e correndo antes mesmo de o carro parar.

Dekka. estava com uma dianteira de no máximo 10 metros. E Drake era mais rápido do que ela.

O ar estalou com o som da mão de chicote. Ela sentiu a brisa na nuca. De jeito nenhum conseguiria subir a trilha de volta. De jeito nenhum.

Dekka girou e levantou as mãos.

De repente as pernas de Drake estava correndo no ar. Ele subiu do chão num vórtice de terra e pedras. Como se tivesse acontecido uma explosão em câmera lenta abaixo dele.

— Vou matar você, Dekka! — gritou ele.

Dekka ligou a gravidade de volta e Drake caiu de 3 metros de altura.

Ela se virou e correu de novo, e agora os coiotes estavam ao redor, correndo dos dois lados da trilha, movendo-se à sua frente. Iriam facilmente cortar seu caminho.

Ela correu morro acima, com a respiração áspera na garganta. Virou uma esquina e ali estava o novo Líder da Matilha. Levantou as mãos. Lenta demais. Eles vinham da direita e da esquerda. Saltaram sobre ela vindos de todas as direções ao mesmo tempo.

Dekka tombou sob uma pilha de coiotes rosnando, ganindo e retalhando.

Gritou e tentou usar seu poder, porém mandíbulas de ferro prendiam seus pulsos.

A poderosa transformada em impotente. Os coiotes acabariam com ela.

QUARENTA E DOIS | 27 MINUTOS

DRAKE FOI O primeiro a subir a trilha. Estava mancando, uma perna muito machucada pela queda.

Jack vinha logo atrás.

Drake mancou até a matilha de coiotes que rosnavam reunidos em volta da caça. Um coiote, uma criatura de olhos brilhantes e expressão quase humana de interesse distanciado, rosnou um alerta.

Dekka estava presa no chão, desamparada. Se permanecia consciente, não deu qualquer sinal. Mas ainda estava viva. Jack podia ver que ela continuava viva. E que em poucos segundos, ou menos, não estaria.

— Não se preocupem, irmãos coiotes — disse Drake gargalhando. — Não estou aqui para impedir vocês.

Drake olhou para baixo e balançou a cabeça, zombando, na direção de Dekka..

— Você não parece numa boa. Acho que isso não vai terminar bem para você. — Depois olhou para Jack, atrás, e disse: — Isso é que é poder mutante. Certo, Jack?

Era um aviso. Uma ameaça. Mas Jack não se importava. Estava enjoado. Muito enjoado, muito enjoado por dentro. Queria vomitar, mas não tinha nada no estômago. Queria correr para o meio da noite. Mas Drake, Caine ou os coiotes iriam atrás dele.

Por que estava ali?

Porque você é um idiota, disse a si mesmo. Idiota inteligente. Inte-ligente idiota.

— Falta só um pouquinho — gritou Drake de cima. — Venha co-nhecê-lo, Jack.

Jack parou e olhou para trás. Viu primeiro a haste de combustível. Flutuando. Em seguida Caine atrás. Caine parecia quase encurvado, como se estivesse carregando o peso nos ombros. Como se quase fosse demais para ele.

Jack sentiu como se um peso o pressionasse, um peso que queria espremer o sangue para fora, esmagá-lo como um pedaço de fruta madura. Lágrimas escorriam pelo seu rosto, mas ele não se lembrava de ter começado a chorar.

Apesar de toda a sua força sobrenatural, sentia que seus braços e suas pernas eram feitos de pedra. Cada passo requeria toda a força enquanto ele lutava contra o

medo e o horror que paralisavam.

Era demais. Tudo. Brittney, coitada da Brittney. E agora Dekka. Quantos mais iriam acabar como eles? E o próprio Jack?

Não pensou no que estava fazendo quando agarrou o coiole mais próximo pelo cangote. O coiole ganiu e tentou torcer a cabeça e mordê-lo. Jack jogou o animal. Ele sumiu das vistas.

Agarrou o segundo coiole e lançou-o na noite. Ouviu uma pancada distante.

Dois coiotes vieram direto para ele, mandíbulas abertas, dentes à mostra. Jack recuou e chutou o primeiro. Seu pé acertou o focinho do animal. A cabeça do coiole foi arrancada dos ombros e desceu rolando a trilha como uma bola de boliche enlouquecida. O corpo ficou de pé durante alguns segundos, até pareceu dar um passo. Depois caiu.

Os outros olharam. Depois enfiaram o rabo entre as pernas e saíram correndo.

— Qual é o problema, Jack? Está com nojo?

Drake parecia ficar mais forte a cada passo enquanto Jack se sentia insípido e fraco apesar da demonstração de força sobre-humana. Aquela força não fazia parte dele. Não era ele.

Drake parou acima, no topo da encosta. Estava delineado ao luar, a mão de chicote estremecendo.

— Só não gostei de ver aquilo — disse Jack. Seu estômago estava na garganta.

O chicote de Drake alcançou Jack e se enrolou quase gentilmente em seu pescoço. Drake puxou-o para perto. A boca de Drake fez cócegas em sua Orelha enquanto ele dizia sem voz:

— Apoie minha jogada, Jack Computador.

— O quê? — perguntou Jack desesperadamente.

— Apoie minha jogada — disse Drake. — E eu deixo você viver. Até deixo você ficar com Brianna.

Jack pôs a mão no chicote de Drake. Arrancou-o do pescoço. Foi quase fácil. Agora seria fácil arrancar fora aquele braço hediondo.

Drake riu, inquieto.

— Não comece a andar por esse caminho, Jack. Você não faz o gênero durão.

Drake se virou e foi andando.

Caine se esforçava subindo. Diana, a bruxa que havia trazido todo aquele horror para Jack, estava ao lado dele. Jack quase podia jurar que ela estava ajudando Caine a andar. Lana havia largado a arma na caverna. Agora era inútil.

Tentava explicar... tentava formar imagens que explicassem... Mas o gaiáfago não se importava realmente, tinha ido adiante, não se preocupando mais com a garota que tinha o poder da gravidade.

Alguém atirou em Edilio, pensou Lana, maravilhada com a ideia. Alguém. Edilio.

Teve um relâmpago de sensação, a arma dando um coice em sua mão.

Alguém...

Ofegou enquanto o gaiáfago rasgava sua mente e jorrava as imagens em seu cérebro. Imagens de monstruosidades.

A maior era uma coisa peluda como um urso pardo com espetos de 25 centímetros nas pontas das patas... criaturas que eram totalmente feitas de bordas afiadas, como se tivessem sido montadas com navalhas e facas de cozinha... criaturas de fogo interno reluzente. Coisas que voavam. Coisas que deslizavam.

Mas quando as viu, ela não viu somente a superfície. Viu por dentro e por fora ao mesmo tempo. Viu sua construção. Viu como eram dobradas uma na outra, uma dentro da outra, monstro dentro de monstro. Como uma boneca russa.

Bastava destruir uma para liberar a próxima.

Regeneração. Adaptação. Cada nova encarnação era tão perigosa e mortal quanto a anterior.

O gaiáfago havia concebido a perfeita máquina biológica.

Não, a concepção não era dele. Ele havia penetrado numa mente, numa imaginação infinitamente mais visionária do que a dele.

Nêmesis. Era o nome que o gaiáfago dava a ele: Nêmesis.

Nêmesis com o poder infinito contido apenas pelas reviravoltas, pelos becos sem saída e os súbitos muros altos de seu próprio cérebro danificado.

Nêmesis e Curadora, usados e reunidos ali, desse modo, para tornar o gaiáfago impossível de ser contido, impossível de ser morto.

Só faltava uma peça. A comida. O combustível.

Ela está vindo, disse o gaiáfago.

L°go.

Alguém havia atirado em Edilio. E tinha tentado atirar em Dekka.

A mente de Lana, despedaçada, esmagada, inundada com os planos do gaiáfago, agarrou-se a esse único fato.

Alguém tinha...

Longe, muito longe, sentiu a arma dar um coice em sua mão enquanto ela apertava o gatilho.

Não. Não.

Edilio caindo.

Não.

A mente de Lana explodiu numa onda de fúria tão poderosa que as imagens do gaiáfago hesitaram. A enchente de planos e detalhes se esvaiu.

Odeio você!, gritou Lana sem palavras.

O gaiáfago empurrou de volta, forçou-a para baixo, dentro do próprio cérebro.

Porém mais lentamente do que havia feito antes. — Ele vai partir para cima de você, Caine — sussurrou Diana no ouvido dele.

Os braços de Caine doíam. Não conseguia mais sentir as mãos. Mantê-las erguidas. Usando o poder. Usando-o para carregar...

— Drake vai tentar matar você — disse Diana com urgência. — Você sabe que é verdade.

Caine ouvia. Mas a voz dela era minúscula, o alerta era muito in¬significante comparado com a pressão constante que latejava dentro do peito.

Agora a fome do gaiáfago era a sua fome. Alimentá-lo seria alimentar-se.

Não é verdade, disse Caine a si mesmo.

Mentira.

— Faça isso e você vai morrer, Caine — implorou Diana. — Faça isso e eu vou morrer.

— Pare, Caine.

— Não faça isso.

Caine tentou responder, mas sua boca estava seca e trincada.

Passo a passo. Subindo a trilha. Para a coisa. Para ele.

Jack estava lá em cima. E Drake. Drake falando com Jack. Havia um coioote morto caído no caminho, sem cabeça.

E Dekka, talvez viva, talvez não. Não era da sua conta. O problema era dela. Não deveria ter apoiado Sam. Não deveria ter lutado contra Caine.

O problema não era dele.

Chegou ao topo da trilha. Ali estava a entrada do túnel da mina.

A haste de combustível pairava no ar.

Alimente-me.

Caine chegou mais perto.

— Anda! — gritou Drake.

— Caine, pare! — disse Diana.

Agora Caine se movia com mais facilidade no terreno plano. Mais perto. O suficiente. Dali poderia atirar a haste. Como um dardo. Bem no túnel.

Como uma lança.

Fácil.

— Não — disse Diana. E depois. — Jack, Jack, você precisa impedir isso. — De jeito nenhum — rosnou Drake.

— Cala a boca, seu psicopata! — gritou Diana com fúria súbita, abandonando qualquer sutileza. — Vá morrei seu bandido imundo, idiota!

Os olhos de Drake ficaram mortos. A luz perigosa, tonta, sumiu deles. Encarou-a com ódio negro.

— Chega — disse Drake. — Eu ia esperar. Mas se tem de ser agora, vamos lá. Seu chicote saltou.

QUARENTA E TRÊS | 13 MINUTOS

A MÃO DE chicote de Drake fez Diana girar como um pião.

Ela gritou. Aquele som, o grito, penetrou em Caine como uma flecha.

Diana cambaleou e quase conseguiu ficar de pé, mas Drake foi rápido demais, estava preparado demais.

Seu segundo golpe puxou-a pelo ar. Ela voou e caiu.

— Pegue-a! — estava gritando Caine consigo mesmo. Vendo-a voar num arco enquanto caía. Vendo onde ela iria bater. Suas mãos subiram, ele podia usar seu poder, podia pegá-la, salvá-la. Mas foi lento demais.

Diana caiu. Sua cabeça bateu numa ponta de pedra que se projetava. Fez um som como uma abóbora largada.

Caine se imobilizou.

A haste de combustível, esquecida, caiu do ar com um estrondo.

A menos de três metros da entrada da mina. Pousou em cima de uma pedra com a forma de uma proa de navio.

Dobrou-se, rachou, rolou de cima da pedra e bateu com força na terra.

Drake correu direto para Caine, com o chicote estalando. Mas Jack entrou cambaleando entre eles, gritando:

— O urânio! O urânio!

O medidor de radiação em seu bolso estava contando cliques tão depressa que virou um grito.

Drake saltou em cima de Jack e os dois saíram rolando.

Caine se levantou, olhando horrorizado para Diana. Diana não se mexia. Não se mexia. Não dizia nenhuma frase irônica. Nenhuma piadinha metida a esperta.

— Não! — gritou Caine. — Não!

Drake estava de pé, soltando-se de Jack com um palavrão furioso.

— Diana — soluçou Caine.

Agora Drake não contou com sua mão de chicote, estava longe demais para

usá-la antes que Caine o derrubasse. Levantou sua arma. O cano disparou chamas e balas, BAM BAM BAM BAM BAM.

Sem precisão, mas totalmente no automático, Drake tinha tempo. Girou a arma para a direita e as balas fizeram uma varredura na direção de onde Caine estava parado como se fosse feito de pedra.

Então o clarão do cano desapareceu numa explosão de luz branco-esverdeada que transformou a noite em dia. O facho de luz errou o alvo. Mas estava suficientemente perto para que o cano da arma de Drake derretesse e caísse, e as rochas atrás de Drake estalaram com o jato de calor.

Drake largou a arma. E então foi a vez de Drake olhar num espanto completo.

— Você!

Sam bamboleou no topo do morro. Quinn alcançou-o enquanto ele cambaleava.

Caine saltou de volta ao presente, vendo seu irmão, vendo a luz matadora.

— Não — disse Caine. — Não, Sam: ele é meu.

Levantou a mão, e Sam foi voando para trás, junto com Quinn.

—A haste de combustível! — estava gritando Jack, repetidamente. — Vai matar todo mundo. Ah, meu Deus, talvez todo mundo já esteja morto!

Drake correu para Caine. Seus olhos estavam arregalados de medo. Sabendo que não conseguiria. Sabendo que não era suficientemente rápido.

Caine levantou a mão, e a haste de combustível pareceu saltar do solo.

Um dardo.

Uma lança. Segurou-a firme. Apontada diretamente para Drake.

Caine esticou a outra mão, estendendo o poder telecinético para manter Drake imobilizado.

Drake levantou a mão humana, num gesto de apaziguamento.

— Caine... você não quer... não por causa de uma garota. Ela era uma bruxa, era...

Drake era incapaz de correr: um alvo fixo. A haste de combustível apontada para ele como a lança de um espartano.

Caine atirou a haste de combustível. Toneladas de aço, chumbo e urânio.

Diretamente para Drake.

Rápido como uma cobra, Drake torceu o ombro e o pescoço para o lado. A haste não o acertou totalmente no peito, mas pegou no ombro e mandou-o voando pelo túnel escuro.

A haste de combustível desapareceu com ele.

Houve um estrondo alto. Saíram nuvens de poeira do buraco.

Silêncio.

Nenhum som, a não ser pedregulhos caindo dentro do túnel.

— Ah, meu Deus, ela se abriu? — gemeu Jack. — Ah, meu Deus, não quero morrer.

Caine levantou as mãos e ficou parado, braços estendidos, diante da boca da mina.

O chão começou a trovejar.

Pedras estalaram e racharam.

Não!, gritou a voz odiada na mente de Caine.

— Não sou escravo de ninguém — disse Caine, rouco.

Não! Você não vai!

Caine hesitou. Havia facas em seu cérebro, facas se cravando e cravando, e a agonia era inimaginável.

— Não vou? — disse Caine.

Caine levantou as mãos bem alto. Estendeu o poder para dentro da caverna e puxou os braços para trás.

Toneladas de rochas soltas, traves de suporte, de madeira, a haste de combustível despedaçada, uma picape velha, o corpo do ermitão Jim, e a figura ferida, mas ainda viva de Drake Merwin que se retorcia xingando, saíram voando da caverna. Como se a caverna tivesse vomitado o conteúdo.

Aquela massa se imobilizou no ar. E então, enquanto Caine juntava as mãos em forma de tigela, a massa suspensa começou a girar num redemoinho. Girava como um tornado.

Em seguida, com os gritos de Drake perdidos na loucura que uivava, Caine girou os braços para a frente e lançou toda a massa giratória pela entrada do túnel da

mina.

O barulho foi tão grande que Jack apertou os ouvidos com as mãos.

Em seguida um estrondo e um estalo em câmera lenta, e a sacudida avassaladora e súbita de um terremoto enquanto o túnel da mina despencava. Milhões de quilos de pedras fecharam o túnel para sempre.

Caine foi andando com as pernas bambas até Diana. Ajoelhou-se ao lado dela. Ela não se mexia. Ele encostou o ouvido perto daquela boca maravilhosa. Não ouviu nenhum som de respiração.

Mas quando pôs a palma da mão nas costas dela, sentiu um levíssimo movimento de subida e descida.

Virou-a gentilmente. O dano à lateral da cabeça era medonho ao toque. Ele não podia ver claramente, lágrimas encheram seus olhos, mas podia sentir algo quente e escorregadio onde a têmpora dela deveria ser lisa.

Um soluço escapou dele.

Ouviu passos pesados. Sam, movendo-se como bêbado, cambaleando.

— Sam — disse Caine calmamente, sem afastar o olhar da forma escura de Diana. — Se vai me matar, faça isso logo. Agora seria uma boa hora.

Sam não disse nada.

Por fim Caine olhou-o. Através das lágrimas, Caine viu como Sam cambaleava, praticamente incapaz de permanecer de pé. Tinha sido muito ferido. A dor devia ser insuportável.

Trabalho de Drake. Drake não tinha matado Sam. Mas tinha chegado perto. E parecia impossível que Sam sobrevivesse por muito tempo.

Quinn estava lutando com o peso do corpo que carregava no colo. O garoto mexicano, supôs Caine, ou talvez Dekka.

— Então. Isso é o fim — disse Caine em tom opaco. E acariciou o cabelo curto de Diana.—Eu amo essa garota. Você sabia, Sam?

— Ainda não acabou — disse Sam. Sua voz chocou Caine. Nunca tinha ouvido tanta dor numa voz. Ouviu um grito mal contido por baixo das palavras.

— Ela não pode viver — respondeu Caine.

— Edilio está ferido. Quase morto — disse Quinn. — Atiraram nele. E Dekka...

— Não fui eu — disse Caine. — Não fomos nós. Os dois estavam assim quando nós chegamos.

Ele não estava interessado em Edilio ou Dekka.. Nem mesmo em Sam. Era triste demais Diana morrer desse modo, sem todo aquele cabelo lindo. Parecia mais nova desse jeito. Inocente. Essa não era uma palavra que ele, ou qualquer outra pessoa, poderia ter usado para falar de Diana.

— Lana — disse Sam.

Caine sentiu um tremor levíssimo. Lana. Mas onde estava a Curadora?

Como se tivesse ouvido a pergunta, Quinn disse:

— Está lá dentro. Está lá dentro com... a coisa.

Caine olhou o túnel da mina. Ele estivera lá embaixo antes. Sabia o que havia lá. E agora, também, a haste de combustível.

— Precisamos... — gemeu Sam, incapaz de terminar.

Caine assentiu.

— Ela deve estar morta depois disso.

— Talvez não — conseguiu dizer Sam. — Talvez não.

— Não há como entrar lá, de qualquer modo. É uma parede de rocha. É muito mais difícil mover a rocha de volta para fora. Eu teria de mover a montanha inteira. Horas. Dias.

Sam balançou a cabeça e mordida o lábio como se quisesse arrancar um pedaço. Caine o viu segurar-se por pouco enquanto a dor o atravessava.

— Pode haver outro caminho — disse Sam finalmente, olhando pela trilha abaixo.

— Outro caminho? — perguntou Caine.

— Duck — respondeu Sam.

Caine se abaixou instintivamente. Houve um sopro de vento e uma nuvem de poeira, e de repente ali estava Brianna.

E sendo arrastado por ela, como um louco balão preso a uma corda, um garoto flutuava no ar, parecendo que alguém tinha acabado de tirá-lo de uma montanha-russa do inferno.

— Chegamos? — perguntou Duck, os olhos fechados com força.

— Acabou? — Querem comer? — berrou Zil de cima de seu conversível.

A multidão rugiu, concordando. Ainda que nem todas as vozes. Astrid se agarrou a esse fato: havia resmungos e incerteza, além de concordância.

— Então agarrem a corda! — gritou Zil.

A corda se esticou pela praça. Terminava ao redor do pescoço de Hunter. Não seria necessário mais do que meia dúzia de carrascos dispostos, para realizar o ato medonho.

Astrid começou a rezar. Rezava em voz alta, esperando que isso os envergonhasse, esperando que, de algum modo, a oração atravessasse a loucura.

— Agarrem! — gritou Zil, em seguida pulou no chão e pegou a corda. O resto de sua galera fez o mesmo.

Em seguida quatro... cinco... dez...

Crianças que Astrid conhecia pelo nome seguraram a corda.

— Puxem! — gritou Zil. — Puxem!

A corda se retesou. Mais pessoas avançaram e seguraram. Mas outras, apenas umas poucas, mudaram de ideia e soltaram.

Era uma confusão de mãos. Uma bagunça que de repente se transformou num jogo de empurra-empurra.

A corda continuou se retesando. Virou uma linha reta.

E Astrid, para seu horror eterno, viu Hunter ser levantado do chão.

Mas a luta pela corda havia ficado mais feia. Crianças davam socos umas nas outras, gritando, brandindo punhos loucos.

A corda se afrouxou. Os pés de Hunter, que se sacudiam, tocaram o chão.

Crianças correram para puxar a corda. Outras bloqueavam o caminho delas. A coisa estava se transformando numa espécie de tumulto em escala total. E então algumas crianças correram para a carne, passando por Antoine, Hank e Turk, literalmente andando por cima deles, no desespero.

Astrid se aproveitou da confusão para ficar de pé.

Furioso por perder o controle, por ver a carne de veado ser arrancada por mãos em desespero, Zil empurrou-a com força.

— Para o chão, sua amante de aberrações!

Astrid cuspiu nele. Pôde ver a cor sumir do rosto furioso de Zil. Ele pegou um bastão de beisebol, levantou acima dela. E então voou pelo ar.

Em seu lugar estava Orc.

Zil estava pendurado pelo punho. Orc puxou Zil até ficar a um centímetro de seu rosto amedrontador.

— Ninguém machuca Astrid — berrou Orc, tão alto que o cabelo de Zil foi soprado para trás.

Orc girou lentamente uma vez. Depois uma segunda vez, mais rápida, e lançou Zil pelo ar.

—Você está bem? — perguntou a Astrid.

— Acho que estou — conseguiu dizer ela. Em seguida se ajoelhou ao lado do Pequeno Pete e tocou o calombo do tamanho de um ovo na cabeça dele. O menino se moveu ligeiramente e depois abriu os olhos.

— Petey. Petey. Você está bem? — Não houve resposta, mas para o Pequeno Pete isso não era anormal. Astrid olhou para Orc. — Obrigada, Charles.

Orc grunhiu:

— Tá.

Howard apareceu, abrindo caminho pela turba espalhada.

— E aí, Orc! — disse, e deu um tapa no enorme ombro de granito de Orc. Depois, para a multidão que corria, muitos carregando nacos de carne de veado, gritou: — É, é melhor fugirem. Vocês são uns idiotas de mexer com a garota do Sam. Se o Orc não pegar vocês, o Sam vai.

E piscou para Astrid.

— O seu garoto deve um bocado à gente.

— É — concordou Orc. — É melhor alguém me dar uma cerveja logo logo. — O que aconteceu com Edilio? — perguntou Brianna. Ele estava caí-do no chão. Em silêncio. Não havia nem mesmo o som de respiração.

Quinn respondeu:

— Levou um tiro. Acho que não vai durar muito.

— Não acredito que a Dekka deixou que ele fosse machucado — disse Brianna. — Cadê ela?

O olhar involuntário de Quinn foi tudo de que Brianna precisou. Ela saiu voando até onde Dekka estava, largada como uma boneca que alguém tivesse jogado fora.

Brianna ofegou. Ficou olhando. Havia uma cachoeira fazendo barulho em seus ouvidos. Um ronco feroz. Depois um borrão enquanto o mundo ao redor passava gritando e ela acertava Caine com toda a velocidade e fúria que possuía. Caine voou esparramado.

Brianna estava em cima dele antes que ele pudesse respirar e agora havia uma pedra na sua mão.

— Brisa! Não! — gritou Sam.

Brianna se imobilizou. Caine estava caído de costas. Ele não fez nada. Não levantou as mãos. Mal pareceu notá-la enquanto ela se agachava, preparada para acertá-lo com a pedra, preparada para acertá-lo cem vezes antes que ele pudesse se encolher.

— Não, Brisa — disse Sam. — Nós precisamos dele.

— Eu não preciso dele — sibilou Brianna.

— Brisa. Dekka. se foi. Edilio vai morrer em alguns minutos. Se já não morreu — disse Quinn, falando por Sam, que estava trincando os dentes com tanta força que Brianna achou que os molares dele iriam rachar. — E o Sam...

— O que essa bosta aqui pode fazer? — perguntou Brianna.

— Precisamos da Lana — conseguiu dizer Sam.

Caine se levantou e espanou a terra da camisa.

— Diana está morrendo. O garoto mexicano está morrendo. Dekka, bem, você viu. E o Sam não parece muito bem — disse Caine. — Lana está lá dentro. — Ele virou a cabeça na direção do túnel desmoronado. — O que não entendo — continuou Caine — é como vamos entrar lá para encontrar a Lana. A mina inteira desmoronou. Vou demorar muito mais tempo para cavar do que para fazer desmoronar. Se eu tirar coisas, outras vão cair.

— Duck — disse Sam. — Ele vai cavar um túnel.

— Ah... o quê? — perguntou Duck.

— Como quando resgatam mineiros — disse Sam. — Eles cavam um poço até o túnel original. Quinn explicou para Caine, que estava obviamente perplexo. — Parece que o Duck tem o poder de afundar pelo chão. — Realmente não acho que

eu vou... — disse Duck.

— Ele pode controlar a própria densidade — confirmou Brianna. — Por isso eu pude carregar o Duck até aqui. Foi que nem carregar uma mochila. Mas com mais resistência do vento.

— Ele cava — disse Sam. — A gente entra. Você já esteve lá em-baixo, não foi, Caine? Tem um lugar onde... — Um espasmo de dor sacudiu-o com tanta força que ele pareceu a ponto de perder a cons-ciência por um minuto. — Pessoal, eu realmente não... — disse Duck. — Não quer ser um herói? — perguntou Quinn. — Não — respondeu Duck honestamente. — É, nem eu — admitiu Quinn. — Mas o Edilio aqui é um herói. De verdade. E o Sam... bom, não preciso dizer o que o Sam fez por todos nós. — Quinn segurou o braço de Duck e disse: — A gente precisa de você, Duck. Só você. Só você pode fazer isso.

— Cara, olha, eu quero ajudar, mas...

— Você ganha o próximo peixe que eu pegar — disse Quinn.

— Não se eu for enterrado vivo — contrapôs Duck.

— Frito. Frito fica macio e cheio de sabor.

— Você não pode me comprar com comida — bufou Duck. — Eu... eu quero uma piscina também.

QUARENTA E QUATRO | 7 MINUTOS

O TÚNEL DA mina estava desmoronado. Lana estava de pé, diante de uma parede de entulho. E por um momento fugaz sentiu esperança de que isso, pelo menos, significasse o fim do monstro que a havia escravizado.

Mas daquela parede se projetava a extremidade arrebatada, rombuda, da haste de combustível.

Os bilhões de cristais, que eram todo o corpo do gaiáfago, haviam partido num enxame por cima das pastilhas de urânio esparramadas.

Lana sentiu a expectativa do gaiáfago, seu jorro de bem-aventurança. O medo da destruição se esvaiu da criatura. E durante um tempo a mente de Lana foi quase sua, enquanto o gaiáfago se refestelava num júbilo sombrio.

Não foi uma bênção recuperar os sentidos. Agora Lana sabia, sem qualquer dúvida, que ela é que havia puxado o gatilho e atirado em Edilio. Ela é que havia fracassado em explodir a caverna. Ela é que havia permitido que isso acontecesse.

Fraca demais.

Idiota, facilmente manipulada para se entregar a serviço do monstro. Fraca demais para resistir.

E, à medida que a criatura ficasse mais forte, que seu medo diminuísse, ela penetraria em sua mente de novo e usaria seu poder para construir o corpo que emergiria deste covil. Enterrar a criatura não iria impedi-la. Ela criaria um corpo capaz de abrir um túnel de saída, o monstro dentro do monstro, a boneca russa inteligentemente projetada que jamais poderia ser morta.

Agora ela era a chave. Lana sabia. O túnel fora fechado com um estrondo tremendo que lacraria o gaiáfago dentro, a não ser que ela lhe desse a chave para escapar.

Somente sua própria morte poderia impedi-lo.

Sua vontade era fraca demais. A única esperança era adiar. O urânio certamente iria matá-la. Certamente iria destruí-la se ela não fizesse nada para se curar.

Mas será que isso aconteceria suficientemente rápido?

E será que o gaiáfago saberia o que estava acontecendo com ela e a obrigaria a se salvar? Será que a criatura entendia que sua comida era a morte de Lana? Duck

estava de pé na encosta. Cerca de 30 metros acima do túnel da mina. Eles haviam feito um cálculo aproximado, esperando que isso o posicionasse acima do que Caine disse que era uma ampla câmara subterrânea.

Tudo era suposição, claro. Se Duck não caísse numa câmara aberta, teria de tentar de novo. E de novo.

Quinn estava praticamente carregando Sam, segurando-o com o braço enquanto Sam suportava uma onda de dor depois da outra.

— O efeito da morfina está passando — disse Sam. — Depressa.

Caine estava a postos. Brianna havia corrido para pegar uma corda. Mas quando retornou caiu de joelhos e vomitou violentamente, sem que nada saísse do estômago.

— É preciso fazer isso agora — disse Sam. Estava ofegando. Pelas pontas.

— Anda, Duck — instigou Quinn.

Todos estavam esperando-o. Olhando-o. Tantas vidas em jogo, e estavam olhando-o. Olhando Duck Zhang.

— Ah, cara. É melhor que seja um peixe bom de verdade — disse ele.

E em seguida estava caindo pelo chão. Caindo e caindo, e balançando os braços enquanto ia, abrindo um túnel pela rocha como se ela não fosse mais densa do que um pudim.

Caindo e caindo, caindo e caindo. Sabendo que poderia flutuar de volta para o ar, mas não com cem por cento de certeza. Na maior parte. Não totalmente. Quem sabe desta vez...

Escorregou de repente quando atravessou o teto do túnel da mina. Só parou a queda depois de afundar 60 centímetros no piso do túnel.

Soltou um suspiro de alívio. Não estava numa câmara ampla e aberta, era só um túnel estreito. Um milagre tê-lo acertado.

Imaginou se haveria morcegos ali. Bom, a julgar pela expressão apavorada de todos os outros lá em cima, existia algo muito pior ali embaixo. De modo que talvez os morcegos não fossem uma coisa ruim. Talvez os morcegos fossem um bom sinal.

— Tudo bem! — gritou para cima.

Não houve resposta.

— Tudo bem! Cheguei! — gritou o mais alto que pôde.

Uma corda se desenrolou e caiu.

Caine foi o primeiro. Pousou suavemente, usando seu poder para amortecer a queda.

— Está escuro aqui embaixo — disse Caine. E gritou para o buraco acima. — Certo, irmão: pule.

Uma luz brilhou forte pelo buraco que Duck havia feito. Como fantasmagóricos raios de sol vindo por uma fresta numa janela fechada.

Caine levantou as mãos e Sam baixou lentamente pelo buraco.

Sam parecia estar segurando uma bola de luz brilhante. Só que na verdade não estava segurando, percebeu Duck quando seus olhos haviam se acostumado. A luz simplesmente brotava das palmas das mãos de Sam.

— Conheço este lugar — disse Caine. — Estamos a poucos metros da caverna.

— Duck, talvez a gente precise de você — disse Sam.

— Mas eu já ia...

As pernas de Sam se dobraram e Duck o agarrou antes que ele batesse no chão. Duck ouviu-se dizendo:

— Vou ficar — Duck ouviu-se dizer.

O quê? Você vai o quê?, perguntou em silêncio.

Qual é, Duck, disse a si mesmo. Você não pode simplesmente sair fugindo.

Claro que posso!, protestou a outra voz de Duck.

Mas mesmo assim sustentou o peso de Sam enquanto penetravam mais fundo na caverna.

Não quer ser herói?, zombou Duck para si mesmo

Acho que quero mais ou menos, respondeu. — Mantenha a luz acesa — disse Caine.

Sam conseguia manter a luz ardendo. Isso ele podia fazer. Podia. Luz.

Seu coração era um motor enferrujado, agonizante, martelando como se fosse se desmontar de vez. O corpo era ferro incandescente, quente, rígido, impossível de ser movido.

A dor...

Estava nele agora, um tigre que rugia e o rasgava a cada passo, despedaçava a mente, retalhava o autocontrole. Não conseguiria viver com ela. Era terrível demais.

— Anda, Sam — disse Duck em seu ouvido.

— Aahhhh! — gritou Sam.

— Isso é que é chegar de fininho — disse Caine.

Ele sabe que nós estamos aqui, pensou Sam. Não precisamos nos esgueirar. Nem de truques. Ele sabia. Sam podia sentir. Como dedos frios sondando sua mente, cutucando, procurando uma abertura.

Isso é o inferno, pensou. Isso é o inferno.

Mantenha a luz acesa, disse a si mesmo, independentemente de qualquer coisa, mantenha a luz acesa.

Houve um som de coisas rolando quando os pés de Caine chutaram algumas pedrinhas soltas que, num exame mais atento, eram cilindros de metal idênticos, curtos.

— As pastilhas de combustível — disse Caine em tom opaco. — Bem, espero que Lana trate de envenenamento por radiação. Caso contrário estamos todos mortos.

— O *quê*? — perguntou Duck.

— Isso espalhado aí em volta é urânio. Pelo que me explicaram, ele está abrindo bilhões de buraquinhos no nosso corpo.

— O *quê*?

— Vamos lá, Puck — disse Caine. — Você está se saindo bem de-mais.

— Duck — corrigiu Duck.

— Consegue sentir a Escuridão, Puck? — perguntou Caine num sussurro de espanto.

— Consigo — respondeu Duck. Sua voz estava embargada. Como um garotinho prestes a chorar. — É muito ruim.

— Muito ruim — concordou Caine. — Ela está na minha cabeça há muito tempo, Puck. E quando entra, não sai nunca mais.

— Como assim?

— Agora mesmo ela está tocando sua mente, não é? Deixando uma marca.

Encontrando uma entrada. Assim que ela entra, você nunca mais consegue pôr para fora.

— Precisamos sair daqui — disse Duck.

— Você pode ir, Puck. Eu posso arrastar o Sam.

Sam ouvia tudo de longe. Uma conversa entre fantasmas distantes. Sombras na mente. Mas sabia que Duck não poderia ir embora.

— Não — disse com voz áspera. — Precisamos do Duck.

— Precisamos? — perguntou Caine.

— E a única arma que ele não sabe que nós temos.

— Arma? — ecoou Duck.

— A caverna se abre logo adiante — disse Caine.

— O que é? Como ele é? — perguntou Duck.

Caine não respondeu.

Sam atravessou um espasmo de dor. Aquilo parecia vir em ondas, cada uma pior do que a anterior. Estava surfando a dor, pensou. Mas, no espaço entre as ondas, às vezes tinha alguns segundos de clareza.

Abriu os olhos. Ligou a luz.

Como Caine havia dito, estavam emergindo num espaço que não era mais um túnel de mina, e sim uma caverna enorme.

Mas nenhum evento geológico natural havia criado esse buraco vasto e silencioso embaixo da superfície. Nenhuma estalactite pendia do teto abobadado. Nenhuma estalagmite brotava do chão.

Em vez disso, as paredes de pedra pareciam ter sido derretidas e depois solidificadas. Ainda havia um leve cheiro de queimado, se bem que não restava nenhuma fumaça nem calor, a não ser o que irradiava da haste de combustível atrás deles, no túnel.

— Já descobriu onde estamos, Sam? — perguntou Caine.

Sam gemeu.

— É, acho que você tem outras coisas na mente agora, hein? Você sabe sobre o meteoro que acertou a usina nuclear há vários anos, certo, Sam? Claro. Você é da cidade.

Sam surfou a onda seguinte. Não queria gritar. Não queria gritar.

— O meteoro atravessou a usina direto, até chegar ao chão. Igual ao nosso garoto Puck, aqui: pesado demais, movendo-se rápido demais, foi como atirar uma flecha num bloco de manteiga. Abriu um buraco enorme. Parou aqui, e é isso que restou.

Tinham avançado 20 metros para dentro do espaço da caverna, grande como uma catedral.

Sam confirmou com a cabeça, incapaz de falar naquele momento específico. Tentou levantar as mãos, mas o peso delas era grande demais.

Caine segurou os punhos dele e levantou as mãos, um movimento que fez Sam rugir de agonia.

Mas a luz brilhou mais forte.

E ali, revelada, a coisa que nascia. Era mais um calombo do que uma forma definida. Uma colmeia fervilhante de cristais agitando-se, retorcendo-se esverdeados.

Mas, enquanto olhavam, as superfícies viradas para o lado deles assumiram uma superfície perfeita, espelhada.

— Parece que ele está pronto para você, Sam — disse Caine.

Então, uma voz diferente. Fantasmagórica e medonha:

— Eu sou o gaiáfago — disse Lana. A transformação havia começado quando o gaiáfago tocou as primeiras pastilhas de urânio espalhadas. Lana sentiu o jorro de força, como se agarrasse um fio elétrico, como se estivesse agarrando todos os fios elétricos do mundo.

Gritou no êxtase compartilhado daquele momento.

Comida!

A fome terrível do gaiáfago havia acabado. Em seu lugar havia um jorro de poder. Fúria liberada.

Agora! Agora ele se tornaria!

Os bilhões de cristais que compunham a estrutura amorfa e aleatória do gaiáfago começaram a correr como formigas. Riachos se tornaram torrentes, torrentes se transformaram em corredeiras. O que havia sido pouco mais do que uma fina camada na superfície das pedras se transformou em montes e picos. Aqui e ali,

pontas afiadas. Aqui chapado, ali em picos, aqui maleável e ali rígido.

Cristais se dobraram em dimensões intermináveis, camadas dentro de camadas. Até mesmo nessa velocidade louca ele demoraria dias para ficar pronto, mas os primeiros esboços começavam a se revelar.

O gaiáfago que estivera espalhado em milhares de metros da caverna subterrânea agora se condensava, juntava-se, como estrelas atraídas para um buraco negro.

Lana podia sentir tudo isso, como se seus nervos fizessem parte do gaiáfago. E talvez fizessem, pensou. Talvez não houvesse mais um limite entre os dois. Talvez ela fizesse parte dele, agora.

Estava a toda volta, em seus ouvidos e no nariz, em sua boca e nos cabelos. Insetos num enxame cobrindo cada centímetro dela.

E no entanto ela havia começado a sentir um enjoo por dentro. Uma sensação que era sua, e não do monstro.

O que alimentava o gaiáfago estava despedaçando-a, célula por célula.

Precisava esconder isso. Não podia deixar que ele visse. Tinha de morrer para impedi-lo, tinha de morrer pela radiação que fazia seu estômago se revirar,

Ao redor os cristais estavam se endurecendo, formando um escudo denso. E a superfície desse escudo começou a brilhar, como aço. Não, como um espelho.

Um tremor de medo sacudiu o gaiáfago.

Lana abriu os olhos e viu o motivo. Três formas escuras. Frágeis, com medo, mas enfrentando o gaiáfago.

Tarde demais, Caine. Seu poder não vai despedaçar o gaiáfago.

Tarde demais, Sam, pensou. Sua luz ardente não vai funcionar.

O terceiro... quem era? Sentiu a pergunta em sua própria mente assumir uma urgência terrível no gaiáfago.

O gaiáfago segurava-a como uma mosca presa em âmbar. Revelou-a agora para perplexidade dos humanos.

— Eu sou o gaiáfago — disse a boca de Lana. Caine olhou cheio de horror. O rosto de Lana flutuava, suspenso numa massa borbulhante do que pareciam insetos espelhados.

— Sam! Mais luz!

Sam havia escorregado. Estava de joelhos. Mãos reluzentes no piso de pedra enquanto ele gemia.

Duck estava olhando aparvalhado para a monstruosidade brilhante, mutável, com o rosto de uma garota em tormento.

Caine não podia ver toda a extensão da criatura, mas ela parecia enorme, como se continuasse para sempre.

Levou a mão por cima dos ombros. Levou-a atrás do corpo. A haste de combustível amassada deslizou do amontoado de pedra e entulho.

Caine lançou as mãos para a frente com toda a força. A haste de combustível se chocou contra a massa brilhante e monstruosa. Ricocheteou e bateu no chão, espalhando mais pastilhas.

Nada. Nenhum efeito. Era como acertar o gaiáfago com um cotonete.

— Sam? Se você ainda tem alguma coisa, a hora é agora — gritou Caine.

— Não — sussurrou Sam. — Para mim já era. O Duck.

— O que é que tem o Duck?

— Duck... — disse Sam, e caiu de rosto no chão. Não se moveu.

— Você faz alguma coisa, além de afundar no chão? — gritou Caine para Duck. — Tem alguma bomba nuclear no seu pacote?

Duck não respondeu.

— Sam? — gritou Caine, e agora o gaiáfago estava se movendo, mudando o peso, ondulando na direção de Caine, com o rosto retorcido de Lana, chorando, a boca falando, mas Caine era incapaz de ouvir devido ao som de sangue correndo nos ouvidos, sabendo que tudo estava acabado, sabendo...

O gaiáfago derramou fogo líquido no cérebro de Caine, dominando todos os sentidos, esmagando a consciência com dor.

Você me desafia?

Caine se balançou para trás, mal conseguindo ficar de pé.

— Me joga! — gritou Duck.

Eu sou o gaiáfago!

— Me joga! Me joga! — ficava gritando uma voz.

— O quê? — gritou Caine.

— Com o máximo de força que puder! O gaiáfago não pensou nada a respeito do macio corpo humano que voou em sua direção.

O humano voou pelo ar. Na direção do teto da caverna. E desceu.

O gaiáfago sequer sentiria o pequeno peso quando ele.....o acertou com a força de uma montanha largada da borda do espaço.

Duck acertou o gaiáfago e abriu um buraco direto através da massa cristalina.

E penetrou direto pelo piso da caverna embaixo. Naquele vórtice, como grãos de areia numa ampulheta, caiu o gaiáfago.

QUARENTA E CINCO | 0 MINUTOS

MEIO PARECIDO COM A primeira vez, pensou Duck.

Na piscina naquele dia. Assim. Caindo e a água jorrando com ele.

Só que essa água era mais parecida com areia. Um bilhão de cristais minúsculos, todos sugados pelo ralo que Duck havia feito na terra.

Não conseguia ver nada enquanto caía. Os cristais enchiam seus olhos, ouvidos e boca.

Não conseguia respirar, e isso deixou-o em pânico, e ele caiu mais rápido ainda, tentando ir mais rápido do que o monstro que caía com ele.

Não tinha ar.

A mente girando, louca, agora nem mesmo com medo, só...

Lembranças relampejaram como um vídeo espasmódico. Aquele dia em que caíra de um pônei na festa de 5 anos.

A vez em que comera a torta inteira...

Sua mãe. Tão bonita. O rosto dela...

Papai...

A piscina...

Parou de cair. Alguma coisa finalmente o havia feito parar.

Tarde demais, pensou.

Não posso cair até a China, pensou Duck.

Bem, pensou Duck, acho que eu queria ser herói.

E então parou de pensar em qualquer coisa.

QUARENTA E SEIS

CAINE ESTAVA DE pé no escuro.

A luz de Sam havia ido embora.

Havia um som fraco, escorrido. Como água correndo, mas sem a música da água.

Caine estava de pé no escuro enquanto o som ia morrendo lentamente.

E, agora, silêncio além de escuridão.

Diana. Agora nunca mais iria salvá-la. Ele poderia sobreviver, mas pela primeira vez na vida Caine sabia que sua vida, sem Diana, seria insuportável.

Mas ela havia ficado com ele. Mesmo quando ele a ameaçara.

Será que o que os dois tinham poderia ser mesmo descrito como amor? Ele havia deixado escapar essa palavra. Mas será que algum dos dois era capaz daquela emoção específica?

Talvez.

Mas não mais. Agora, não. Lá em cima, na superfície, ela estava morta ou perto disso. Com o sangue escorrendo no chão.

— Diana — sussurrou.

— Ainda estou viva?

A princípio Caine achou que poderia ser a voz dela. Impossível.

— Luz — disse Caine. — Preciso de luz.

Não havia luz. Durante o que pareceu uma eternidade, não houve luz. A voz não falou de novo.

Caine ficou sentado no escuro, arrasado demais para se mexer. Seu irmão enrolado numa bola. Morto, ou querendo estar morto. E Diana...

Quinn lutou contra o pânico enquanto descia pelo buraco irregular aberto por Duck. A corda parecia fina em suas mãos. As paredes do buraco raspavam suas costas e os lados do corpo enquanto descia. Pedras ficavam caindo na sua cabeça.

Quinn sabia que não era corajoso. Mas não restava ninguém. Algo estava errado com Brianna. Ela estava dobrada ao meio, no chão, apertando a barriga e

chorando.

Quinn não sabia o que estava acontecendo lá embaixo. Mas sabia que, se Sam e Caine não levassem Lana de volta para fora, haveria mortes demais para Quinn ao menos pensar a respeito.

Precisava fazer isso.

Precisava.

Chegou ao fundo do buraco e sentiu as pernas balançando livremente. Não conseguiu continuar segurando a corda e caiu pelos últimos metros.

Bateu no chão com força, mas sem quebrar nada.

— Sam? — sussurrou, um som que morreu a centímetros de sua boca. Procurou a lanterna no bolso. Acendeu a luz. Seus olhos se acostumaram ao escuro. A luz parecia ofuscante. Apontou o facho para a frente.

Ali, a menos de 30 metros, uma figura humana em silhueta. Movendo-se.

— Caine?

Caine se virou lentamente. O rosto estava nítido e branco. Os olhos vermelhos.

Caine se levantou devagar, como um velho com artrite.

Quinn correu até ele e girou a lanterna, fazendo uma varredura na área. Viu Sam caído de rosto no chão.

E ali, parada com os braços dos lados do corpo, estava Lana.

— Lana — disse Quinn.

— Estou viva? — perguntou Lana.

— Está, Lana. Você está livre dele.

Uma sombra escura passou pelo rosto de Lana. Sua boca se retorceu para baixo. Ela se virou e começou a andar para longe. Quinn pôs o braço no ombro dela.

— Não deixe a gente, Curadora. A gente precisa de você. Lana parou.

— Eu... — começou ela.

— Lana — disse Quinn. — Nós precisamos de você.

— Eu matei Edilio.

— Ainda não.

Maria Terrafino acordou com o gosto e o cheiro de peixe.

Virou o rosto instantaneamente para o outro lado. O cheiro era repulsivo. Olhou ao redor feito louca. Para seu espanto, estava amarrada. Amarrada numa poltrona, em seu escritório na creche.

— O que estou fazendo aqui? — perguntou perplexa.

—Jantando — disse seu irmão mais novo.

— Pare com isso! Não estou com fome. Pare com isso!

John segurou a colher na frente dela. Seu rosto de querubim estava sombrio de raiva.

— Você disse que não ia me abandonar.

— O que você está falando? — perguntou ela, furiosa.

— Você disse que não ia. Que não ia me deixar sozinho. Mas tentou, não foi?

— Não sei que besteira é essa que você está falando. — Então ela notou Astrid, encostada num arquivo. Astrid parecia ter sido arrastada no meio de uma briga de cachorros. O Pequeno Pete estava sentado com as pernas cruzadas, balançando-se para trás e para a frente. Estava cantando:

— Tchau, Nestor. Tchau, Nestor.

— Maria, você está com um distúrbio alimentar — disse Astrid. — O segredo já era. Então pare com essa babaquice.

— Coma — ordenou John, e enfiou uma colher de comida na boca da irmã. Nem um pouco gentilmente. — Engula — ordenou.

— Deixa eu...

— Cala a boca, Maria — disse John ríspidamente.

Diana primeiro. Caine não permitiria outra opção.

Depois Edilio, que estava tão perto da morte que Lana achou que ele devia estar com a mão na porta do céu.

Dekka.. Terrivelmente ferida. Mas não morta.

Brianna, com o cabelo caindo aos montes.

Por fim, Sam.

Quinn o havia puxado pela corda, tremendamente ajudado por Caine.

Lana sentou-se no chão enquanto o sol subia.

Quinn trouxe água para ela.

— Você está bem? — perguntou.

Lana poderia dizer as palavras que ele queria ouvir, mas sabia que não conseguiria fazer com que ele acreditasse.

— Não — disse.

Quinn sentou-se ao lado.

— Caine e Diana foram embora. Sam está dormindo. Dekka... acho que ela ainda não se recuperou.

— Não posso curar as lembranças de uma pessoa — disse Lana em voz opaca.

— Não — concordou Quinn. — Acho que, se pudesse, iria curar você mesma.

Ele passou o braço pelos ombros dela, e ela começou a chorar. Era como se nunca fosse parar. Mas a sensação não era desagradável, também. E Quinn não a deixou. A distância houve o som do motor de um carro.

Quinn disse:

— Ei, Brianna voltou à cidade. Trouxe Astrid e mais alguém.

Lana não se importou. Achava que nunca mais se importaria com nada.

Mas então houve o som da porta de um carro se abrindo e se fechando. E de repente Patrick estava ali, com o focinho frio e molhado cutucando seu pescoço com insistência.

Lana envolveu-o com os braços, apertou-o com força, e chorou em seu pelo.

QUARENTA E SETE

ERA TARDE, NO dia seguinte, quando Edilio conseguiu se obrigar a fazer o trabalho. Mas então ligou a retroescavadeira e cavou dois buracos no canto da praça.

Mickey Finch. Um buraco de bala nas costas.

Brittney, tão mutilada que ninguém podia olhar para ela, com uma coisa de 45 centímetros que não podia ser arrancada dela.

No fim, enterraram aquilo com ela. Afinal de contas, ela estava morta: não iria se importar.

Não havia buraco para Duck Zhang. Mas puseram uma cruz para ele. Tinham procurado na caverna do melhor modo que puderam. Mas só encontraram um buraco que descia e descia, aparentemente para sempre.

O buraco estava desmoronando sobre si mesmo enquanto Sam apontava sua luz para dentro. Já estava se enchendo com toneladas de pedra e terra.

— Ninguém conhecia o Duck muito bem — disse Sam durante o serviço fúnebre. — Acho que ninguém adivinharia que ele seria um herói. Mas ele salvou nossas vidas. Fez isso por vontade própria. Fez a opção de dar a vida por nós.

Colocaram algumas flores silvestres nas sepulturas.

Depois do serviço Edilio pegou uma lata de tinta spray preta e co-meçou a pintar por cima dos “GH” que estavam pichados em muitas fachadas.

TRÊS DIAS DEPOIS

— **E Al**, como vai funcionar, Albert? — perguntou Sam. Não estava tão interessado quanto deveria. Provavelmente porque ainda não tinha dormido grande coisa. Havia muita coisa a fazer. Muita coisa a pensar.

Estava farto. Tinha dito a todos: estava farto. Farto de ser o Sam

Temple. De agora em diante era somente um garoto. Como qualquer outro. Não era mais o coisa nenhuma.

Mas, por enquanto, não. Nesse momento ainda havia muita coisa a fazer. Crianças a alimentar. Uma divisão terrível que teria de ser consertada de alguma maneira.

Lembranças de sofrimentos que teriam de ser enfrentadas, de algum modo, absorvidas, aceitas.

Estavam na borda da plantação de repolho. Sam, Astrid, Albert, Edilio e Quinn.

Quinn estava de pé na carroceria da picape, usando altas botas de borracha. Na picape estava uma dúzia dos famosos morcegos azuis de Duck. Eles viviam sendo apanhados pelos pescadores de Quinn e Albert. Uma proteína perfeitamente boa, mas tão abominável, tão fétida, que nem os que estavam morrendo de fome podiam engolir aquela carne pútrida.

— Vamos distribuir uma certa quantidade de ouro a cada pessoa — estava explicando Albert. Ele, pelo menos, estava empolgado. — Depois, quem quiser pode trocar por notas, os tíquetes do jogo do McDonald's. O ouro será mantido num depósito central. Todo mundo pode voltar e trocar as notas por ouro quando quiser. E assim que vai saber que a moeda tem um valor duradouro.

— Ahã — disse Sam, mais ou menos pela milionésima vez. Escondeu um bocejo do melhor modo que pôde.

Nos três dias desde o horror na caverna, Sam estivera correndo. Era como um malabarista equilibrando pratos em varas. Uma crise depois da outra.

Tinham encontrado Zil. Estava com três costelas quebradas e sofria dores terríveis. Ninguém sentiu pena. Astrid queria que ele fosse preso. Isso ainda poderia acontecer. Mas Sam tinha muitos outros problemas para solucionar.

Novas pichações contra as abominações continuaram a aparecer em Praia Perdida.

Maria estava comendo, mas Astrid havia alertado que isso significava muito pouco. Ela estava muito longe de ficar boa.

A usina estava danificada, provavelmente sem condições de reparo. Agora as luzes permaneciam apagadas em todos os lugares. Provavelmente para sempre.

O LGAR tinha ficado escuro.

Mas Jack estava com eles outra vez, e talvez Jack pudesse cumprir pena fazendo as coisas funcionarem de novo. Ele estava parado sem jeito, ao lado de Brianna.

Dekka. olhava-os e mantinha o silêncio.

— Vamos fazer o seguinte — disse Sam a Quinn. Depois, para Astrid: — Aposto cinco bertos que isso não funciona.

Howard havia descartado a lista de nomes para a nova moeda e dera a ela o nome de Albertos. Bertos. O nome pegou. O gênio peculiar de Howard era inventar nomes para as coisas.

— Não preciso de dinheiro — disse Astrid. — Preciso cortar seu cabelo. Gosto de ver seu rosto. Se bem que não imagino por quê.

— Feito. — Sam apertou a mão dela, selando a aposta.

— Prontos? — gritou Quinn.

— Orc, você está pronto? — perguntou Sam.

Orc assentiu.

— Faça — disse Sam.

Quinn levantou um dos morcegos azuis e jogou na plantação de repolho. Num átimo as minhocas partiram em bando para ele. Em segundos restavam apenas ossos, como um peru depois de uma festa de Ação de Graças.

— Certo, vamos testar isso — ordenou Orc.

Quinn jogou o segundo morcego para Orc. Orc pegou-o e entrou na plantação. Depois de uma dúzia de passos, jogou o morcego azul mais longe.

De novo a corrida de minhocas. De novo as ezecas o reduziram a ossos.

— Certo, Orc — disse Sam.

Orc se abaixou e arrancou um repolho.

Jogou-o de volta aos pés de Sam. Um segundo e um terceiro repolho se seguiram.

As ezecas não foram na direção de Orc.

Mas eles não teriam certeza até que as ezecas recebessem algo mais facilmente digerível do que os pés de pedra de Orc.

— Brisa? — disse Sam.

Brianna levantou um morcego e partiu a toda velocidade para a plantação. Sam esperou, tenso, sabendo que ela era mais rápida do que as minhocas, mas mesmo assim...

Brianna jogou o morcego. As ezecas pegaram-no.

E Brianna arrancou um repolho do chão.

— Sabe — disse Astrid. — Acho que estou me lembrando de uma certa reação condescendente, ou será que devo dizer desdenhosa?, quando sugeri negociarmos com as ezecas.

— Hã — respondeu Sam. — Quem seria idiota a ponto de ser condescendente com você?

— Ah, um careca que eu conheço.

Sam suspirou.

— Certo. Certo. Pegue a tesoura e faça o pior que puder.

— Na verdade existe outra coisa que você precisa fazer primeiro.

— Sempre há alguma coisa.

Quinn se juntou a eles e pediu desculpa pelo fedor de peixe.

— Brou, não precisa se desculpar. Você tem uma grande participação em não deixar as pessoas morrerem de fome.

O outro motivo para o perigo da fome em massa ter recuado, pelo menos por um tempo, era Hunter. Ele havia recuperado a maior parte das funções cerebrais, se bem que a fala parecia permanentemente engrolada, e um olho permanecia meio caído, acima da boca torcida para baixo.

Hunter fora acusado da morte de Harry. Foi condenado ao exílio de Praia Perdida. Viveria separado dos outros, sozinho, mas digno do nome que seus pais haviam lhe dado: Hunter — “caçador”.

Até agora Hunter havia matado um segundo cervo e vários animais menores. Deixava-os na área de carga da mercearia. Não pedia nada em troca.

Dekka se abaixou e pegou um repolho.

— Isso vai ficar fantástico com pombo assado.

O julgamento de Hunter fora feito por um júri de seis pessoas, sob regras determinadas pelo Conselho Temporário, composto por Sam, Astrid, Albert, Edilio, Dekka, Howard e o membro mais novo, o Irmão John Terrafino.

— Bom, de volta ao trabalho, hein? — disse Sam.

— Entre no carro — ordenou Astrid.

— O que você...?

— Deixe eu dizer melhor: por Ordem do Conselho Temporário, entre no carro.

Ela se recusou firmemente a explicar o que estava acontecendo, enquanto voltavam à cidade. Edilio dirigia, e estava igualmente mudo.

Edilio parou no estacionamento da praia da cidade.

— Por que estamos indo à praia? Preciso voltar à prefeitura. Tenho, tipo, um monte de coisas...

— Agora não — disse Edilio com firmeza.

Sam parou de andar.

— O que é, Edilio?

— Dizem que eu sou o xerife, certo? Esse é o meu novo cargo, não é? Bom, então você está detido.

— Detido? O que você está falando?

— Você está detido pela tentativa de matar um garoto chamado Sam Temple.

— Não é engraçado.

Mas Edilio insistiu.

— Por tentar matar um garoto... só um garoto... chamado Sam Temple. Pressionando-o com todo o peso do mundo nas costas.

Sam não achou engraçado. Com raiva, virou-se de volta para a cidade. Mas ali estava Astrid, nos seus calcanhares. E Brianna. Quinn, também.

— O que vocês estão aprontando? — perguntou irritado.

— Nós votamos — respondeu Astrid. — Foi unânime. Por ordem do Conselho Temporário de Praia Perdida condenamos você, Sam Temple, a relaxar.

— Certo. Estou relaxado. Agora posso voltar ao trabalho?

Astrid pegou seu braço e praticamente o arrastou pela praia.

— Sabe o que é interessante, Sam? Vou dizer o que é interessante. Uma movimentação bem pequena na água profunda, criando uma ondulação, um soerguimento, pode virar uma onda muito impressionante quando chega à praia.

Sam notou que alguém havia posto uma barraca na praia. Parecia abandonada.

No mar, um barco passava com o motor fazendo barulho em marcha lenta.

— E a Dekka, lá no barco? — perguntou Sam.

Chegaram à barraca. Na areia havia duas pranchas de surfe. A de Quinn. E a de Sam.

— Sua roupa de neoprene está aí dentro, brou — disse Quinn.

Sam resistiu. Mas não por muito tempo. Afinal de contas, agora o conselho tinha autoridade. E se eles diziam que ele tinha de surfar, bem...

Dez minutos depois Sam estava com o rosto para baixo na prancha. Os pés já estavam pinicando por causa da água fria. O sol já assava suas costas através da roupa de neoprene. O gosto de sal estava na boca.

No mar, o barco havia ancorado. Dekka se levantou na proa e ergueu as mãos bem alto. A água subiu, um grande calombo de água temporariamente liberada da força da gravidade.

Dekka deixou-a cair e a ondulação partiu em leque.

— Você ao menos se lembra de como ficar de pé nessa coisa? — provocou Quinn.

A ondulação tinha virado uma onda. Uma onda movendo-se rápido. Ia quebrar grande. Não tipo litoral norte de Oahu, mas suficiente para surfar.

Sam sorriu finalmente.

— Tá sabendo, brou? Acho que posso lembrar como é.

Estava num buraco. Sem luz. Sem som.

Não havia nem mesmo o som de um coração batendo.

Nada se movia, a não ser o verme pálido que compartilhava esse lugar terrível com ela.

Reze por mim, Tanner, implorou Brittney.

Reze por mim.

FIM

A série *Gone* continua em *Mentiras*, lançamento previsto para final de 2012

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Sinopse](#)

[Dedicatória](#)

[Mapas](#)

[01 | 106 HORAS E 29 MINUTOS](#)

[02 | 106 HORAS E 16 MINUTOS](#)

[03 | 106 HORAS E 11 MINUTOS](#)

[04 | 106 HORAS E 08 MINUTOS](#)

[05 | 104 HORAS E 05 MINUTOS](#)

[06 | 96 HORAS E 22 MINUTOS](#)

[07 | 88 HORAS E 54 MINUTOS](#)

[08 | 88 HORAS E 52 MINUTOS](#)

[09 | 82 HORAS E 38 MINUTOS](#)

[10 | 81 HORAS E 17 MINUTOS](#)

[11 | 70 HORAS E 11 MINUTOS](#)

[12 | 61 HORAS E 03 MINUTOS](#)

[13 | 45 HORAS E 36 MINUTOS](#)

[14 | 36 HORAS E 47 MINUTOS](#)

[15 | 30 HORAS E 41 MINUTOS](#)

[16 | 22 HORAS E 41 MINUTOS](#)

[17 | 22 HORAS](#)

[18 | 18 HORAS E 47 MINUTOS](#)

[19 | 18 HORAS E 35 MINUTOS](#)

[20 | 18 HORAS E 29 MINUTOS](#)

[21 | 18 HORAS E 23 MINUTOS](#)

[22 | 18 HORAS E 18 MINUTOS](#)

[23 | 18 HORAS E 07 MINUTOS](#)

[24 | 18 HORAS E 01 MINUTO](#)

[25 | 17 HORAS E 54 MINUTOS](#)

[26 | 17 HORAS E 49 MINUTOS](#)

[27 | 17 HORAS E 48 MINUTOS](#)

[28 | 16 HORAS E 38 MINUTOS](#)

[29 | 16 HORAS e 33 MINUTOS](#)

[30 | 13 HORAS E 38 MINUTOS](#)

[31 | 13 HORAS E 35 MINUTOS](#)

[32 | 09 HORAS E 03 MINUTOS](#)

33 | 07 HORAS E 58 MINUTOS
34 | 06 HORAS E 03 MINUTOS
35 | 02 HORAS E 53 MINUTOS
36 | 01 HORA E 08 MINUTOS
37 | 01 HORA E 06 MINUTOS
38 | 53 MINUTOS
39 | 47 MINUTOS
40 | 38 MINUTOS
41 | 33 MINUTOS
42 | 27 MINUTOS
43 | 13 MINUTOS
44 | 7 MINUTOS
45 | 0 MINUTOS
46
47
3 DIAS DEPOIS